Magia Prática no Culto a Iyàmi Òṣòrònga

e o Mito das Mulheres Pássaros



O Livro do Bem e do Mal

Luiz Carlos O. Silva

Este livro foi escrito pela Cigarra
Em co-autoria com a Formiga

Inspirações e Grandes Sacadas da Cigarra
Visões Objetivas e Eficientes Práticas da Formiga

Paz e Luz da Cigarra
Trevas e Dor da Formiga

Poesia e Música da Cigarra
Pão e Vinho da Formiga

Verão da Cigarra
Inverno da Formiga

A Força da Formiga
Em jamais se deixar morrer

A Misericórdia da Cigarra
Em não querer matar

O Vôo da Cigarra
Os túneis da Formiga

Os Túneis de Seth
Nas Cidadelas de Hórus

A Fome do Corpo
Os Anseios da Alma

O Brincar Curioso da Mente
O Estar do Espírito

E EU com(o) tudo a ver com isso

Com(o) o pó do Cupim (Iyèrosún)

Este Livro foi Fecundado, Gerado e Parido

por EL Marimbondo

Para Marimbondos

E que tudo o mais vá para o Inferno.

Pois por isso Cantou a Cigarra
Pois por isso se Sacrificou a Formiga

E o Marimbondo

Não!!!!

Ele está em Paz

Feliz e Próspero

Como o Leão.

(pra quem ainda não entendeu)

...EU SOU...



A Magia Prática no Culto à Ìyàmì Òṣòròngá

e o Mito das Mulheres-Pássaros

O Livro do Bem e do Mal

Luiz Carlos de O. Silva

(Luiz Carlos de Òòṣàálá)

Leqashy
Escola de Magia

para falar com a gente acesse:

www.escolademagialeqashy.com.br

ou através do email:

leqashy@globo.com

Terceira Edição 2005

Registro sob o número 01 02 19 66 0

Produção, Editoração e Capa: Editora KGO (segmento editorial da Leqashy-Escola de Magia)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistemas de recuperação ou transmitida, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, através de fotocópia, gravação ou quaisquer outros, sem a prévia permissão do Editor.



Para minha Mãe,
Esposa e Filha
Por eu ser um afortunado homem
em compartilhar de suas vidas.

"...Oh, tu, que partes sobre O Caminho,
Falso é o Fantasma que tu buscas.

Quando tu o tiveres, tu conhecerás toda a amargura,
teus dentes cravados na Maçã-Sodoma.

Assim tu tens sido atraído ao longo d'O Caminho,
cujo terror, porém, compeliu-te longe.

Oh tu, que progrides sobre o meio d'O Caminho,
nenhum fantasma zombará de ti.

Pelo amor ao progresso, tu progrides.

Assim tu és atraído ao longo d'O Caminho,
cuja fascinação, porém, compeliu-te longe.

Oh, tu, que corres rumo ao Fim do Caminho,
esforço não existe mais.

Mais e mais rápido, tu cais;
tua fadiga é transformada no Descanso Inefável.

Pois não há Tu sobre este Caminho:
tu te transformaste n'O Caminho..."

- Aleister Crowley (Liber 333)

Sumário

Introdução 13
Agradecimentos 17

CAPÍTULO 1 19
Citação Inicial 25
Como usar este livro 31
O Pássaro e a Serpente 33

CAPÍTULO 2 42
Magia Yorùbá 47
Origem da Magia 57
A utilização prática das 22 duas forças principais da Magia Yorùbá 67

CAPÍTULO 3 69
Cosmogonia Yorùbá 76
Ebós e magias relacionadas aos quatro elementos 78
As direções na Magia Yorùbá 83
Introdução ao Conceito de Odú 89
Introdução ao Conceito de Orixá 90
Classificação Elemental dos Odus de Ifá 94
Posicionamento dos Odus nas direções 97
As quatro Almas e os Elementos 101
A Magia prática dos Odus 104
Significado das marcas dos Odus 120
O jogo do Obí e Orógbó
Técnica do jogo de Obí ou Orógbó
A antiga Organização Sacerdotal de Ifá

CAPÍTULO 4
ÈDÈ-EYE (A linguagem dos Pássaros)..... 127

CAPÍTULO 5
AJÉ ṢÀLÚGÀ E ÌYÀMÌ ÒṢÒRÒNGÁ
Magias de Riqueza e Prosperidade..... 134
Dicas da utilização de alguns Orixás para Magias de Prosperidade..... 138
Ritos de Prosperidade na Magia Prática de Ìyàmi..... 139

CAPÍTULO 6
ÈLA E ÌYÀMÌ ÒṢÒRÒNGÁ
O Jogo da ordem e da desordem no Universo..... 146

CAPÍTULO 7
ÒRÌṢÀÀLÁ (O ÒRÌṢÀ DO SONHO)..... 148
Sugestão de Modelo de Sonho..... 152

CAPÍTULO 8
Sociedade Ogboni (O clã)..... 154

CAPÍTULO 9
Sociedade Èfé - Gèlèdè..... 160
Nomes, Funções e Rituais Gèlèdè..... 165

CAPÍTULO 10
A Caça as Bruxas na África..... 190

CAPÍTULO 11
Cabeças de Argila e a Necromancia Feminina..... 203
Ikú (O Orixá da Morte)..... 204
Introdução ao conceito de Eégúngún..... 206
Mitos da origem de Egúngún nos odus de Ifá..... 211
Princípios Fundamentais para a Prática da Necromancia..... 218
As Cabeças de Argila..... 220
Esà Egúngún e as Cabeças de Argila..... 221
A Relação entre Ìyàmi e Eégúngún..... 226
A Sociedade Àbikú..... 237
Àsèsè..... 242

CAPÍTULO 12
O Segredo das Magias nas Sete Árvores do Poder de Ìyàmi..... 254

CAPÍTULO 13
Árvore Iwó..... 262
Os nomes e funções das noventa principais Àjé na Magia da Árvore Iwó..... 265

CAPÍTULO 14
Árvore Arére..... 270
Rituais Ìç ni ìyà da Árvore Arére..... 274

CAPÍTULO 15
Árvore Òṣè..... 311
As doze principais Àjé na Magia Árvore Òṣè..... 319

CAPÍTULO 16
Árvore Ìrókò 327
Os nomes das trinta e seis principais
Àjé na Magia da Árvore Ìrókò 331

CAPÍTULO 17
Árvore Ìyá 333
A Morte nas Iniciações (A importância da
Magia da Árvore Ìyá nos Ritos de Passagem). 338
Os nomes das Àjé da Árvore Ìyá 340

CAPÍTULO 18
Árvore Ásúrin 342
A Magia da Árvore Ásúrin 345
O Perfil prático da Magia na Árvore Ásúrin 360
As cento e sessenta e nove principais Àjé na
Magia da Árvore Ásúrin 364

CAPÍTULO 19
Árvore Òbòbò 484
A Magia da Árvore Òbòbò 486
As setenta e duas Àjé da Árvore Òbòbò 487

CAPÍTULO 20
Como descobrir sua Árvore de Magia
pessoal, sua Gèlèdè. e sua Àjé 568

CAPÍTULO 21
Okan Onifò Lo ou "alma que voa" 581

CAPÍTULO 22
Para erigir o Santuário de Ìyàmì Òsòròngá 605

CAPÍTULO 23
Osó e a questão do Bruxo na Magia de Ìyàmì .. 627
Osó e Bruxaria 652
Sobre os mitos e poderes femininos e sua
utilização pelos Bruxos (Osò) 657

CAPÍTULO 24
Principais Árvores e Folhas de Ìyàmì 665
Datas Anuais de Culto a Ìyàmì 667

CAPÍTULO 25
Àjé, Gèlèdè e Ìyàmì 673
Lendas (Itón de ifá sobre Ìyàmì Òsòròngá) 683

Boa Companhia Indicada 705
Sobre o Autor 711



O livro é um espelho:

"Se um macaco olha,
não vai refletir um filósofo".

Esta frase de Robert Anton Wilson
serve para este livro,
bem como para qualquer um,
ou mesmo para a "realidade"
como um todo.



INTRODUÇÃO

"...Todo ser humano possui apenas dois professores,
primeiramente : si próprio,
e secundariamente : o destino..."
- Franz Bardon

Geralmente na grande maioria dos livros que pretendem passar algum tipo de informação sobre os ritos dos Orixás, existem prefácios elogiosos e introduções bastante técnicas sobre o assunto, que desta forma, procuram valorizar o esforço do autor, para assim aumentar o valor da obra. Primeiramente gostaria de avisar ao leitor, que eu não escrevi este livro porque "tenho o coração cheio de fé em poder dar uma pequena contribuição à religião dos orixás, etc". Eu escrevi este livro motivado por um sentimento muito simples, percebi a ignorância da maioria dos sacerdotes, e filiados ao culto, e por isso mesmo seu grande interesse em aprender algo mais do que vagas histórias, que se verdadeiramente registram uma tradição, no entanto, não à explicam, e se não a explicam, não tornam esta mesma tradição viva, e pior, a deixa sem um sistema lógico de funcionalidade (fato que por isso mesmo, explica a ausência de resultado duradouro). O fato, é que o culto a Ìyámi Òṣòròngá é um dos mais sofisticados, exigentes e difíceis sistemas de magia que "sobraram" da diáspora Yorùbá nas Américas. Esta dificuldade não nasce de interpretações até aproveitáveis, mas como registro de uma tradição oral, que desde o século XVI já estava bastante comprometida. A dificuldade do sistema de magia do culto de Ìyámi Òṣòròngá está, é na sua PRÁTICA!
Como sistema, a PRÁTICA da magia de Ìyámi Òṣòròngá, consegue abarcar: feitiçaria, xamanismo, projeção astral, projeção mental, alquimia, magia sexual, magia elemental,

magia draconiana, magia ofidiana e vários estilos de magia branca e negra, chakras e mais uma infinidade de modelos, que hoje, em pleno século 21, já pode estar até "razoavelmente" catalogado nas instituições que se dedicam ao estudo e prática da magia. Mas devemos lembrar, que a antiguidade deste "ponto de vista" proposto pelo culto de Ìyàmi se origina na noite dos tempos (muito possivelmente, quando a primeira mulher mênstruou pela primeira vez).
Hoje, em uma área religiosa que valoriza muito mais determinadas superticões, do que a observação óbvia da natureza em todas as suas faces, não é de se espantar que este assunto cause verdadeiro "Terror" em muitas pessoas do chamado Candomblé; pois, "aonde mora a superstição, o tolo se condena a escravo". Propositalmente, vou evitar as citações muito detalhadas dos textos que discorrem sobre este assunto (para isto, o amigo leitor poderá consultar bibliografias). Colocarei as informações objetivando sempre A PRÁTICA deste sistema de magia, originariamente Africano, mas essencialmente Humano, e por isso mesmo, direito de todos aqueles que se interessam por ele. Por isso, apenas utilizarei alguma palavra em Yorùbá, quando houver real necessidade, e esta, está relacionada a dois fatores principais:

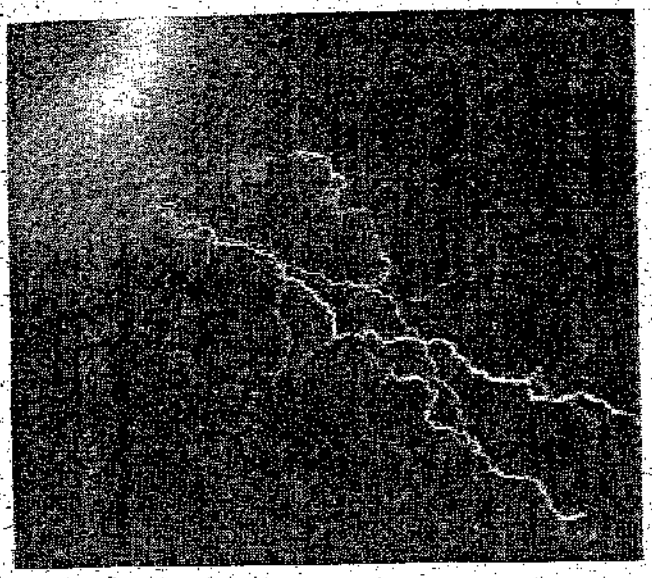
1- A utilização desta palavra em algum encantamento (a qual virá sempre acompanhada do seu equivalente em português);
2- O registro dos nomes, títulos e etc das forças citadas, e/ou suas regiões de origem.
Bem, vamos deixar de bláblábla e ir direto ao ponto que nos interessa:

A Magia Prática no Culto à Ìyámi Òsòròngá.

Que as Mães que são unidas a todas as mulheres, pelo fluxo da amamentação (detalhe da foto a seguir, à esquerda de quem

olha) e do sangue (detalhe de quem vê suas próprias veias), possam então nos ajudar a fertilizar plenamente este nosso trabalho a partir de agora. Àse





"...Nítorí yíí ọ̀nọ̀n kò dí mọ̀n ọjọ́,
Nítorí yíí ọ̀nọ̀n kò dí mọ̀n òru,
Ọ̀nọ̀n kò dí mọ̀n oògùn..."

"...Porque os caminhos não se fecham
para quem entende o dia,
Porque os caminhos não se fecham
para quem entende a noite,
Os caminhos não se fecham para quem entende a
Magia..."

Ditado Yorùbá

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram a realizar esta obra.Especialmente a minha família e aos amigos antigos João Alfredo e Kátia Samira, assim como aos amigos mais novos Roberto e Alzirene, sem os quais teria sido impossível a realização deste trabalho.

Valcu!

Sábio será aquele que em tudo vislumbrar
a sua própria face,
este reinará entre os fortes
e esmagará os fracos,

... pois ...

Um homem de mente livre,
não importando onde, nem quando,
será sempre o 'Deus',
entre os deuses.

CAPÍTULO 1

Citação Inicial

"... A posição discutível e suspeita das instituições religiosas organizadas que sustentam que certo conhecimento deve permanecer oculto e inacessível na roupagem dos dogmas nos parece hoje inaceitável ou, ao menos, inviável para aqueles que atingiram a maturidade intelectual.

Por outro lado, a tese de algumas fraternidades ou ordens esotéricas de que certo conhecimento espiritual deve continuar totalmente distanciado do profano, do indivíduo ordinário, da turba, por assim dizer, nos parece prudente e até sábia e justificável. Entretanto, há muitos que já alcançaram um tal nível intelectual e tal predisposição psíquica que sua percepção crítica os tornou incompatíveis tanto com o dogmatismo quanto com o véu dos mistérios.

Os dogmas podem ainda satisfazer obtusos e alienados, ingênuos e manipulados, mas insultam a inteligência daqueles capazes de dirigir suas vidas por diretrizes próprias, ditadas por seu próprio pensar e sua própria apreciação da vida e do universo.

A essas almas livres repugna pensar e viver de acordo com os padrões e moldes estabelecidos por organizações religiosas, que, além disso, demasiado humanas, apegadas e hipnotizadas ou comprometidas com o poder político e certas vantagens econômicas, nem sequer têm sustentação moral para impor sua autoridade religiosa e espiritual.

Quanto a erguer o Véu dos Mistérios, deve-se, é claro, fazer-se primeiramente capaz e digno de realizá-lo. E se isto requer a opção pela Iniciação (com I maiúsculo) numa determinada

organização, ou ordem que propicie um caminho mais adequado à personalidade de cada um, entendemos que o estudo e a pesquisa teóricos abertos e livres devem preceder tal opção, pois esta implica no trilhar de um caminho entre outros.

É certo que a luz do conhecimento pode ser tão intensa a ponto de nos cegar e atordoar, mas é igualmente certo que devemos nos preparar corajosamente para ela a fim de nos livrarmos das trevas da ignorância, que nos frustram, nos amesquinham e nos escravizam.

Não que vejamos na intelectualidade e no conhecimento teórico a chave do aprimoramento do homem e da libertação de suas misérias. Não seríamos tão tolos para crê-lo. Acreditamos, porém, que para nós, Ocidentais, formados numa cultura com base no conhecimento conceitual e abstrato, dificilmente se dispensa o concurso da emancipação e desenvolvimento intelectuais para o aperfeiçoamento e a erradicação dos fantasmas da angústia, da infelicidade, do desespero e da confusão que tantas vezes nos assediam e atormentam, a despeito mesmo de nosso conforto tecnológico, posses materiais e inclusive terapias múltiplas.

E o conhecimento não tem ética. É amoral, por mais que escutemos os protestos histéricos e piegas de muitos.

Coloquemo-nos dentro dos termos da nossa cultura filosófica e religiosa, e tentemos refletir mesmo estritamente nos seus limites.

Assim posicionados, honestamente perceberemos que é preciso conhecer o bem e o mal, mesmo porque presumivelmente são faces da mesma moeda. Só o conhecimento nos dará o direito e a autoridade para fazermos nossa escolha metafísica e ética... pois na hipótese de termos sido realmente criados por um Deus e termos sido dotados de inteligência e da semente da cognoscibilidade por Ele, é

incompreensível e incoerente que nossa inteligência e capacidade não possam nos conduzir a Ele, e sim o possam nossa estupidez e ignorância..."

- Edson Bini
(Introdução ao Necronomicon)

O que é Ìyámi Òṣòròngá

"...O que é Deus? Nós poderíamos perguntar, uma vez que a questão tem obcecado nossa espécie desde que surgimos com esta noção. A questão tornou-se um jogo com regras completamente novas desde que inventamos o telescópio. Se a terra fosse reduzida ao tamanho de um grão de areia, ainda assim o universo seria inimaginavelmente vasto na mesma escala. Os objetos observáveis mais próximos ainda estariam muito distantes, não em quilômetros, mas em muitos milhares de bilhões de quilômetros. Desta forma, é muito improvável que seja lá o que crie nesta escala, possa ter algum interesse pessoal sobre o que tomamos no café da manhã...".

Sempre que alguém me pergunta o que é Ìyámi Òṣòròngá, eu me lembro de quanto tempo levei, para realmente poder responder a uma pergunta como esta. Responder realmente, para mim significa compreender a fundo e principalmente vivenciar a resposta que posso fornecer. A primeira vez que ouvi este nome foi há muitos anos atrás, quando também pela primeira vez assisti a um culto voltado a este Orixá. Era em 1986, e quem me ensinava as primeiras informações viria a ser meu grande amigo e eterno Bàbáláòrìṣà: Orlando t'Ogún Dimòlòkò. Com ele aprendi os rudimentos, as bases essenciais e por isso mesmo importantíssimas, sobre o culto de Ìyámi.

Estas informações ainda tinham muito do contexto religioso Yorùbá (Claro!), e as suas aplicações, mesmo que sob a minha visão atual, fossem ainda cobertas de superstições, foram impressionantes, principalmente pelos resultados práticos que presenciei inúmeras vezes. Quando em 1987 fui iniciado em Òòṣàálá (Obàtálá, para ser mais exato), meu Bàbálóòrìṣà Orlando t'Ògún Dímòlòkò, fez questão de realizar "todos os devidos fundamentos de Ìyámi Òṣòròngá" sobre mim, os quais em suas palavras, era o mínimo que se devia esperar da "feitura" de um Obàtálá. O fato é que isto funcionou muito bem , e só tenho a agradecê-lo, pois a única coisa que sempre me interessou e que interessa até hoje, é o RESULTADO. Com o tempo, fui praticando e conhecendo cada vez mais e melhor o que é este assunto tão fascinante que é MAGIA, e particularmente, mesmo estudando outras "escolas" de magia, nunca deixei de aprofundar-me e de utilizar a força de Ìyámi para as mais diversas finalidades, e até hoje, nada tenho a reclamar. Por isso, tento responder a pergunta inicial: - O que é Ìyámi Òṣòròngá?

Ìyámi Òṣòròngá é uma divindade, um Orixá (Ser intermediário de comunicação entre Deus e os homens) na cultura Yorùbá. Representa todo o poder e o conjunto ancestral do que é feminino. Temida por muitos e reverenciada por outros tantos há muitos séculos, esta divindade é o símbolo do poder da magia, seja para o bem ou para o mal.

Ìyámi Òṣòròngá é uma força sem moralidade, é "A Senhora dos Pássaros da Noite", é "A Poderosa Mãe Ancestral que devora seus filhotes", a qual não pode ser aplacada ou com a qual se possa barganhar. Entretanto através desta força, o ser humano descobriu a capacidade de utilizar determinados poderes internos e externos para sobreviver em todo e qualquer ambiente hostil. Estas capacidades psíquicas primordiais da espécie humana associada à alta inteligência, fizeram do

homem a espécie mais bem sucedida do planeta. E todos aqueles que ainda hoje conseguem esta proeza, são chamados nesta cultura de Àjé (Bruxa) ou Oṣó (Bruxo).

Ìyámi Òṣòròngá confere poderes sobre os animais e acrescenta ao ser humano qualidades extras, que podem ser conquistadas através da natureza bipolar, que é força tanto boa quanto má, ao mesmo tempo Luz e Escuridão, Beleza e Terror. Portentosa, espantosa e temível natureza esta, que nos concede o poder, Ìyámi Òṣòròngá é a força anímica de todo o mundo material, é o campo psíquico gerado pela totalidade de seres vivos neste planeta, indelével mas significante entre a vida e a morte, entre a criação e a destruição, o seu fluir de viés entre o mamífero e o reptílico, entre a flor e o inseto, entre a bactéria e os grandes pássaros, entre o espírito e a necrose, é o que podemos entender por Magia Funcional. Causa e origem das maiorias das religiões, esta força não pode ser domesticada em Dogmas e Sofismas morais, pois sendo ela mesma amoral, é a Lei Maior deste pequeno planeta que dança sobre o prumo do "Caminho do Leite" (Via-Láctea). O leite materno e sangue menstrual, dois de seus símbolos, são um exemplo disto.

Bela e Angustiante Deusa do pássaro Òṣòròngá que paira no ar, proprietária da árvore que nasce, tanto quanto da carcaça putrefata, Ìyámi significa Minha Mãe!. E qual é o humano que pode sutilmente reconhecer neste ciclo, a presença não apenas do feminino, mas principalmente, de algo que possa ser considerado da mesma forma, como consideraríamos os nossos progenitores, ou seja, formadores de vida?

Òòṣàálá (O Orixá da criação, que modelou o ser humano do barro e que deu vida a toda a natureza), é considerado o maior dos Orixás por sua força de magia, é o Oṣó (Bruxo), por excelência do bem, que ao mesmo tempo se veste de branco, que é a cor do luto e da morte na cultura Yorùba. Ìyámi, na superstição dos simplificadores que sempre existiram, sendo

mulher, é a Àjé (Bruxa), "por excelência do mal" que no entanto nunca é Anti-Vida, mesmo quando mata.
Este livro é dedicado a prática da magia de Íyámi, e sendo desta forma, é clara a presença constante de Òòsàálá, pois como bem se sabe, o espírito da força vital é o espírito do duplo êxtase, procriação e reabsorção, sexo e morte, e ambos, Íyámi e Òósàálá, são as "casas brancas e pretas deste tabuleiro de xadrex", são as forças da vida neste planeta através de suas variadas formas, potentes peças para quem sabe jogar, que nada mais são do que a Magia Prática no Culto a Ìyàmi Òsòròngá, em seu "eterno livro" do Bem e do Mal.
Que a lucidez deste jogo se manifeste na leitura das páginas que virão, pois o que nos ensina Ìyámi enquanto "campo psíquico gerado pela totalidade de seres vivos neste planeta", é que nada é verdadeiro e assim sendo, tudo é permitido.
E se isto não responde a pergunta: O que é Ìyàmi Òsòròngá? Então o que mais o fará?
Certamente será ler o "Livro do Bem e do Mal", mas não apenas nestas páginas, e sim no dia a dia da vida, pois senão, de que adiantaria o início do título neste livro: Magia Prática?

Luiz Carlos de Òòsàálá
(Kinìún Omo Apáará)



Bracelete da família Real do Benim, associado ao Leão (Kinìún)

Sobre Como Usar Este Livro
ou "Precauções a Serem Tomadas na Prática da Magia de Ìyàmi Òsòròngá".

"...Eu sou a Deusa dos mil nomes,
Do poder infinito e dos múltiplos dons,
Manifestados na diversidade das minhas faces,
Honradas e veneradas ao longo dos milênios.

Eu sou Gaia, a Mãe Terra da antiga Grécia,
Coloquei a ordem na vastidão do caos,
Criando o universo no ritmo da minha pulsação.

Eu sou Ísis, a Deusa egípcia,
Ofereço a cura e a transformação,
Para quem as procura,
Pois tenho o poder de plasmar um novo mundo.

Eu sou Cerridwen dos Celtas,
No meu Caldeirão mágico guardo o alimento da alma,
A fonte inesgotável de sabedoria e inspiração,
Quanto mais eu dou, mais eu recebo.

Eu sou Atena da Grécia,
conhecida por minha sabedoria
Como meu totem - a Coruja
Ouço e vejo tudo o que se passa ao meu redor
Sou forte como o Carvalho,
Ou pacificadora como a Oliveira.

Eu sou Diana, a Deusa Lunar Romana,
Protetora das mulheres e das crianças,

Guardiã das florestas e dos animais,
Acerto as flechas no alvo dos meus desejos.

Eu sou Bastet, a Deusa Gato do Egito,
Graciosa, sinuosa, brincalhona e afetuosa,
Irradio o calor e a luz do glorioso Sol.

Eu sou Freya, a bem amada Deusa Nórdica,
Sobrevoando o mundo, canto alegremente,
Celebrando os laços entre amigos e amantes;

Eu sou Hécate, a Tríplice Deusa grega,
Guardiã da noite e das encruzilhadas,
escolho o caminho que eu quero trilhar,
permeando a razão com o brilho da intuição.

Eu sou Ereshkigal da Assíria e Babilônia,
A Rainha do mundo subterrâneo,
Para crescer, desfaço-me da velha pele,
Sou detentora do profundo poder da renovação.

Eu sou Kwan Yin, a Deusa chinesa da compaixão,
Ouço e consolo as dores do mundo,
Protegendo as mães e seus filhos,
Ensinando a magia da mutação.

Eu sou Maat do Egito,
Verdade, justiça e lei são regras do meu universo,
Estabeleço a harmonia com meu poder divino.

Eu sou Rhiannon, a Deusa galesa equina,
Viajo livre, serena e segura no mundo,
Com minha voz melodiosa,

Acordo os mortos e adormeço os vivos.

Eu sou Sedna dos esquimós,
Conheça-me e honre-me através dos animais,
Ursos, baleias, focas e peixes,
Todas as criaturas da terra e do mar,
São partes de mim e têm o direito de viver.

Abençoadas sejam todas as Deusas em mim!
Assim Seja!..."

(Autor Desconhecido)

1. Sempre, antes de realizar qualquer ritual que tenha sido ensinado aqui, você deve oferecer sete orógbós, sete obis e sete acaçás para Èṣù (se você for mulher) ou, nove orógbós, nove Obis e nove acaçás (se você for homem).

Você deve sempre preparar e ter em sua casa, o seguinte sabão (e sempre se banhar com ele, antes de qualquer ritual):

Material:

Pena de Agbe
Pena de Aluko
Pena de Ikodide
duzentas gramas de sabão da costa
sete obis (se você for mulher)
nove obis (se você for homem)
sete orógbós (se você for mulher)
nove orógbós (se você for homem)
sete acaçás (se você for mulher)

nove acaçás (se você for homem)
azeite de dendê (para pôr no assentamento de Èṣù)
um poucode Gim (para por no assentamento de Èṣù)

Pegue os respectivos obis, orógbós e acaçás (seguindo as quantidades pelo sexo de seu corpo físico). Queime as penas, junte o pó ao sabão da costa, com os obis, orógbós e acaçás. Tome banho sempre, antes de qualquer ritual, ou mesmo antes de oferecer o "apaziguamento" de Èṣù.

Sob aos "pés" de Èṣù, você deve deixar diuturnamente (este é o tipo de apaziguamento mais indicado para qualquer situação independente do sexo da pessoa):

nove obis e sete orógbó
(isto serve para que Èṣù sempre lhe ajude no que você estiver fazendo).

Para as mulheres que forem colocar em prática este livro, aconselho, que qualquer ritual seja feito sempre , no terceiro dia de sua respectiva menstruação. Para aquelas que não mais "exalam" o sangue menstrual (Ìyá Àgbà), devem então realizar estes rituais de duas formas distintas:
Primeira: Baseado na fase lunar de seu nascimento.
Segunda: ou na quinzena "Branca"- Fases crescente e cheia (para trabalhos positivos), ou na quinzena "Negra" - Fases nova e minguante (para trabalhos negativos).

2. Se você for homem, sempre ofereça a "água que acalma" a Ìyámi, antes de qualquer ritual que envolva elementos de seu próprio corpo (exemplo: O rito da esposa ideal).

A receita de Água que acalma é a seguinte:

Folhas de Òdúndú (Kalachoe Crenata) : Folha da Costa
Folhas de Tètè (Amaranthus Hybridos) : Folhas de cauda de raposa
Folhas de Rínrín (Peperômia Pellucida) : Folhas de Jabuti-Menbeca
Folhas de Àánu (Vitex Thysiflora) : Folhas de Orí (Limo-da-costa)
Água contida no casco de dois caracóis

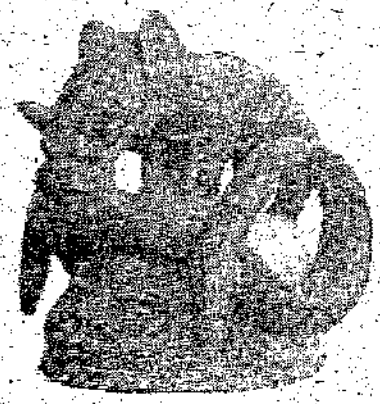
Esmague tudo em água.
Coloque tudo em uma cabaça cortada ao meio, e ofereça a Ìyámi Òsòròngá.

"...A água da calma com a qual eles esfregam os olhos naquele dia,
É de folha Odúndún, folha Tètè, folha rínrín, limo-da-costa, caracóis.
Eles o esmagam na água.
Quando alguém esfregou os olhos com ela,
Pode entrar na casa de Odù,
Pode ir ver Igbádù..."

Fragmento do : Èsé Ìtòn Odù Òsé Òyèkú
Odù n.º 228 Título: Igbádù

Um feitiço pode ser muito elaborado, e levar muito tempo para ser preparado. Levando em consideração as cores corretas, ervas, horário planetário, instrumentos necessários, etc, ou pode ser muito simples como uma meditação, ou uma invocação. Em primeiro lugar, pergunte a si mesmo se isso é realmente necessário. Depois de você ter pensado e chegado

a conclusão de que é isso que você quer escreva exatamente o que deseja, SEJA BASTANTE ESPECÍFICO!.
Como dizem: " Tenha cuidado com o que pede pois você pode conseguir ". Você pode escrever como se fosse uma história com começo, meio e fim. Se você preferir, você pode escrever o feitiço em forma de rima, mas isto não é necessário. Um feitiço não precisa de rima para funcionar. Ao terminar de escrever o feitiço não esqueça de colocar: "Que assim seja para o bem de todos".
Depois decida se o seu feitiço precisa ser bem elaborado ou simples. Simples pode ser: você ler o que escreveu, ou queimar e jogar as cinzas ao léu ou guardar as cinzas numa caixa até que o feitiço resulte no que foi desejado. Então você pode jogar fora as cinzas.
Se você preferir fazer algo mais elaborado, escolha o que será necessário, como: ervas, cristais, velas, incensos, etc e também escolher em que fase da lua será mais apropriado para realizar o feitiço. Lembre-se que um feitiço não trará resultados por ser bastante elaborado, pois o que mais importa é VOCÊ. Você é o poder que proporciona a magia. Assim, escolha o feitiço que você achar melhor, e realize seu desejo!



O Pássaro e a Serpente



Existem três cérebros na cabeça humana. O mais conhecido é aquele que transforma o animal humano em ser civilizado, educado e social. Este cérebro "mais jovem" é à base da cultura atual. Um segundo cérebro, é aquele que guarda na mente humana, os instintos dos grandes predadores, e um terceiro, é aquele que irmana o ser humano ao primeiro ser do planeta, o ofídio.
Todo verdadeiro mago ou feiticeiro sabe, que para se conquistar resultados reais na magia, estes três cérebros devem trabalhar conjuntamente, daí o perigo da magia, o risco do homem civilizado, ser suplantado pelo seu predador interior, e até mesmo, o risco de ambos, serem devorados pela sua alma ofídiana (como nos mostram os mitos de Adão e Eva e o de Jonas na barriga do Dragão do Mar – a Baleia).
A prática da magia de Iyámi é baseada nesta implosão psicológica e arquetípica do ser humano. São os mitos dos grandes pássaros e animais predadores conjuntamente com as serpentes, a grande espiral de poder nesta magia. Em sua

prática está em destaque a polaridade feminina, pois o primeiro culto que existiu na humanidade desde as épocas da caverna, foi o culto a Grande Mãe. O Matriarcado arcaico e sua psique instintiva e selvagem, a força caótica da primeira tensão pré-menstrual da primeira mulher da primeira tribo humana. Por isso, a magia de Ìyámi, é a primeira magia, dentre todas as criadas pelos humanos, ela explora, controla e direciona forças que o ser apenas "civilizado", jamais poderia sequer sonhar em utilizar-se. Exceto em épocas de guerra, quase nunca esta força é despertada e direcionada em seu poder total em nossa sociedade. Assim, quando às práticas ditas "primitivas" de magia e religiosidade são "adocicadas", ou melhor dizendo, "adestradas" pela cultura do Ser "Civilizado Branco e Macho", as artes da humanidade "Selvagem Negra e Feminina" são consideradas obras do demônio. E realmente assim se tornam, na medida em que o lado predador e ofídio do ser humano é assim marginalizado, causando neuroses, traumas e tantos outros problemas que a Psicanálise e a Psiquiatria tão bem conhecem. A prática da magia de Ìyámi é um mergulho nestas áreas dos "cérebros adormecidos", é um convite para que as amarras que sufocam e educam os "escravos por opção" se rompam , e que assim definitivamente libertem o espírito mais belo e poderoso do Ser Humano, o espírito da Plenitude "Mais que Humana" como diria Nitchzie . Quanto àqueles que, ao lerem este livro, recusarem-se a ser tocados por este amor selvagem, eu posso apenas lamentar, citando Crowley:

E os escravos servirão!

CAPÍTULO 2 - Magia Yorùbá

"...Na sociedade selvagem, encontra-se habitualmente, além disso, o que poderíamos chamar de Magia pública, ou seja, a feitiçaria praticada em favor de toda a comunidade. Sempre que se realizam cerimônias desse tipo em prol do bem comum, é evidente que o mago deixa de ser um praticante privado, tornando-se em certa medida um funcionário público. O desenvolvimento dessa classe de funcionários é de grande importância para a evolução, tanto política quanto religiosa, da sociedade. Quando se passa achar que o bem-estar da tribo depende da realização desses ritos mágicos, o mago se eleva a uma posição muito influente e de grande reputação, podendo alcançar a dignidade e a autoridade de Chefe ou Rei".

Assim, na medida em que foi afetando a constituição da sociedade selvagem, a profissão pública da magia tendeu a colocar o controle da situação nas mãos do homem mais capaz: transferiu o exercício do poder por muitos para um único — substituiu a democracia pela monarquia, ou, antes, por uma oligarquia de anciãos, pois, de um modo geral, a comunidade selvagem é governada não por todo o conjunto de homens adultos, mas por um conselho de anciãos. Essa mudança, qualquer que tenha sido a sua causa, e qualquer que tenha sido o caráter desses primeiros governantes, foi muito benéfica em seu conjunto. A ascensão da monarquia parece ser uma condição essencial para a superação da selvageria pela humanidade. Nenhum ser humano é tão constrangido pelo costume e pela tradição quanto esse selvagem democrático; em nenhum estágio da sociedade, portanto, é o progresso tão lento e tão difícil quanto nesse.

Não é por acaso, pois, que os primeiros e grandes passos no sentido da civilização foram dados pelos

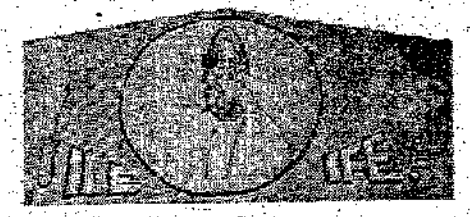
governos despóticos e teocráticos, como aqueles do Egito, da Babilônia e do Peru, onde o governante supremo, em seu duplo caráter de Rei e de Deus, exigia e recebia a sujeição servil de seus súditos. Dificilmente exageraríamos dizendo que, nessa época, o despotismo é o melhor amigo da humanidade e, por mais paradoxal que pareça, da liberdade.

Afinal de contas, há mais liberdade, no melhor sentido – liberdade de pensar os próprios pensamentos e de determinar o próprio destino -, sob o mais absoluto despotismo, sob a mais esmagadora tirania, do que sob a aparente liberdade da vida selvagem, onde a sorte do homem está fixada, do berço à sepultura, pelo modelo férreo do costume hereditário.

Portanto, na medida em que a profissão pública da magia foi um dos caminhos pelos quais os homens mais capazes adquiriram o poder supremo, ela contribuiu para emancipar a humanidade do peso da tradição e eleva-la a uma vida mais ampla, mais livre, com uma visão mais abrangente do mundo. Não foi pequeno esse serviço prestado à humanidade,e se lembrarmos ainda que, numa outra direção, a magia abriu caminho para a ciência, seremos forçados a admitir que, se a arte negra praticou muito mal, foi também fonte de grande bem; que, se é filha do erro, foi igualmente à mãe da liberdade e da verdade..."

O Ramo de Ouro – Sir James George Frazer.

Os reinos Yorùbá floresceram ao sul do rio Níger. Suas origens encontram-se numa antiga população indígena que tinha como centro a cidade de Ifé. Depois chegaram os conquistadores, guiados por Oduduwa, o legendário antepassado fundador.



Os filhos de Oduduwa iniciaram as diversas dinastias Yorùbá que se instalaram na região entre os anos 600 e 900 da nossa Era, provenientes provavelmente do Alto Nilo.

Alguns especialistas afirmam que a cultura Yorùbá tem parentesco com a egípcia, e outros, com a da Núbia. Ambas as opiniões consideram também a possibilidade de que, através da Abissínia (região onde fica a atual Etiópia), a cultura Yorùbá tenha parentesco com a helenista.

Há, por fim, os que sustentam que Ifé, cidade santa dos Yorùbá, seja Ufa, a cidade mencionada na bíblia onde os fenícios adquiriam ouro a pedido do rei Salomão.

Até hoje, no entanto, nenhuma das hipóteses foi comprovada.

Capital do primeiro reino, Ifé alcançou rapidamente um notável desenvolvimento religioso e político, desempenhando numerosas funções no seio dos diversos reinos Yorùbás, especialmente no campo espiritual.

Ifé atingiu o auge do resplendor entre os séculos 12 e 14. Seu apogeu foi no século 13. A partir do século 14, deixa de ser o centro político da potência Yorùbá, mas continua a exercer o papel de cidade santa.

O rei de Ifé é considerado o pai de todos os reis Yorùbá. A cidade é ainda capital do reino originário e, segundo se acredita, constitui o centro da terra. Ali, a terra teria começado a se formar e ali teria descido a divindade pai - ou mãe - de todos os viventes para fundar e reinar sobre "sua" primeira cidade.

De fato, um mito mesclando história e lenda afirma que Oduduwa, o ancestral divino de todos os Yorùbá, desceu do céu e depositou sobre as águas um pouco de terra e uma galinha. Esta, ao ciscar, lançou terra em diversas direções. É assim que, ao redor de Ifé, o mundo começou a ser criado.
Não é de se estranhar, portanto, que os Yorùbá tenham como centro de sua religiosidade um Deus criador e que possuam um forte sentido da constante presença divina em sua vida cotidiana. O que não os impede, no entanto, de seguir uma religião politeísta, com sociedades iniciáticas secretas nas quais se celebravam festas com sacrifícios humanos.
Isso explica também o motivo de, ainda hoje, os Yorùbá serem muito religiosos, embora pluralistas no que diz respeito a que religião praticar. Há, por exemplo, famílias nas quais o pai é muçulmano, a mãe segue a religião tradicional e os filhos são católicos ou protestantes.
A história da região ocupada pelos Yorùbá é particularmente interessante. Estados e impérios se formaram na faixa entre o deserto e a grande selva, favorecidos pela abundância de água e de outros recursos naturais. E também pelo fato de ser rota obrigatória de pessoas e mercadorias provenientes dos desertos do norte em direção ao oceano.
Ifé, ainda em tempos antigos, logo se transformou em terra de intensos intercâmbios comerciais e em berço de uma civilização florescente. Seus artistas utilizavam a arte para celebrar e transmitir valores considerados essenciais.
A arte de Ifé, tipicamente ligada à corte, cria máscaras, cabeças e figuras de bronze, latão ou barro cozido, carregados de valor vital e modelados com tal sensibilidade, habilidade técnica e forma que chegam quase a atingir a perfeição absoluta.
Numerosos estudos arqueológicos da região oferecem testemunhos artísticos que não ficam devendo nada às culturas clássicas de qualquer outra região do mundo. As cabeças de

bronze e as peças de cerâmica de Ifé, bem como os soldados de bronze de Benin - reino antigo que não deve ser confundido com o país que hoje leva este nome -, figuram entre as obras-primas da arte mundial.
Tudo leva a crer que as peças de bronze sejam retratos mais ou menos idealizados de grandes personagens, feitos após a sua morte e utilizados em cerimônias fúnebres ou comemorativas.
A arte Yorùbá se desenvolveu a partir do século 14, tendo seu momento de máximo esplendor entre 1575 e 1650.
Os tecidos de ráfia e algodão, as jóias de ouro, as cerâmicas decoradas e as grandes e populosas cidades eram características de uma civilização eminentemente urbana. Seu eixo econômico e militar estava assentado sobre o uso do cavalo, que foi introduzido a partir do norte do continente.
A unidade política da região se baseava na suposta unidade mítica originária de todos os Yorùbá. Estes constituiriam, assim, uma grande família, dirigida por chefes religiosos e sociais.
Na sociedade, cada Yorùbá tinha seu lugar respeitado e sua função definida, sem problemas. Prova disso é que esse modelo de organização social durou séculos.
Sem dúvida, os distintos Estados Yorùbá possuíam diferenças em termos de formas de governo. No Estado de Oyo, considerado modelo das estruturas político-militares Yorùbá, o rei - Alafin - governava com poderes semelhantes aos de uma divindade. Era escolhido entre os sucessores por um conselho de sete sábios - os Oyo Mesi -, que exerciam a função de ministros.
Em Ifé quem mandava era o rei - Oni -, assessorado pelos Obá (chefes). A posição que cada chefe ocupava dependia da suposta data de fundação de sua respectiva comunidade.

O Oni representava o ponto mais alto de toda autoridade política e religiosa, por ser descendente direto do Herói Primeiro, Odudúwa, que era, por sua vez, instrumento do Ser Supremo. Mesmo tendo vida autônoma, as diversas comunidades tributavam homenagens à supremacia de Oni.
Em Benin houve um período de administração republicana e, em seguida, uma dinastia de reis originários de Ifé. Por volta de 1485-86, sob o reinado de Oba Ozolua, chegou a Benin um português, Alfonso de Aveiro, o qual, ao retornar a Lisboa, levou consigo um embaixador de Oba. Tiveram início, assim, relações comerciais estáveis entre os dois países.
Sendo a cultura Yorùbá tipicamente urbana, a organização do Estado repousa sobre as cidades.
A casa Yorùbá possui planta retangular, com uma entrada simples que dá acesso a um pátio interior, ao redor do qual há várias habitações. Os pátios cobertos sustentam-se sobre pilares, geralmente decorados. Nas casas dos chefes e nos palácios, os pilares são esculturas de figuras humanas.
O vestuário dos homens é formado por três peças: calça, camisa e uma espécie de túnica, usada como capa. Já as mulheres vestem blusa e envolvem as costas com uma peça de tecido. Tanto mulheres como homens cobrem a cabeça. As mulheres, com lenços muito vistosos. Os homens, com gorros típicos.
A vida social é um dever do qual ninguém imagina ser possível escapar. Famosos por seu grande tino para negócios, os Yorùbá são mercadores natos, que compram e vendem de tudo. Moram na cidade, mas voltam sem problemas a seus férteis campos na época do trabalho agrícola.
A decadência da civilização Yorùbá teve início no final do século 17 e começo do 18, com guerras fratricidas, a chegada dos europeus, o tráfico de escravos e a pressão exercida pelo

povo peul. De religião muçulmana, os Peul acabaram com a prosperidade agrícola e comercial da região.
Em 1897, os soldados britânicos arrasaram a cidade de Benin e se apoderaram das melhores obras de arte.
Tendo sido arrancados de sua terra para trabalhar como escravos no Novo Mundo, os Yorùbá trouxeram consigo toda a enorme riqueza de sua cultura. Foi assim que legaram como herança a este continente a música afro-americana, o blues dos Estados Unidos e o carnaval do Brasil.
Escreve Kevin Carrol: "Os estudiosos afirmam que uma arte não pode ser adaptada a outra fé, já que cultura e religião formam um todo unitário. Trata-se de uma visão muito estreita. As grandes culturas africanas não são plantas frágeis, que morrem ao serem tocadas. Podem, pelo contrário, adaptar-se e absorver novas influências".
A magia Yorùbá possui como principal característica o fato que cada indivíduo, dentro dela, tem sua própria religião, seu próprio Deus, distintos dos de qualquer outro indivíduo. Estes Deuses são conhecidos como Orixá, e falando tecnicamente, cada um destes orixás podem ser considerado como um Deus Interno e/ou Ser Egrégora (Egrégora é uma propriedade que o plano astral possui, independentemente de ser superior ou inferior, de juntar (agregar) matéria mental e refletir vibratóriamente a sua natureza). Estes Deuses Internos ou Seres Egregóricos da magia Yorùbá (os orixás), podem despertar poderes latentes dentro de um indivíduo, pois acessam o micro-cosmo ou universo interior de uma pessoa através de uma enorme egrégora criada em praticamente por todo o planeta, pois em cada lugar do mundo de hoje, existe alguém cultuando-os dioturnamente, vivendo para o Culto, alimentando e fortalecendo estes seres, ampliando sua envergadura de poder. Assim o poder de um Deus Interno (sendo uma Egrégora), é amplo, de uma envergadura bem

maior que a psique de um indivíduo apenas, incomensurável em termos humanos. Com isto quero dizer que uma Egrégora antiga e poderosa como a dos Deuses Internos que são os orixás, realmente possuem poderes quase onipotentes. Entre estes orixás, existem dois tipos: os orixás adormecidos, cujo culto inexiste na atualidade, e os orixás ativos, cujos cultos existem. Como já disse antes, a magia Yorùbá abrange as mais diversas técnicas e níveis da magia humana, mas em seus procedimentos mais simples ela é basicamente Bruxaria e Magia Xamânica. Para um maior esclarecimento sobre o estudo da magia, cito aqui um importante texto iniciático que se chama Líber KKK:

"...Os cinco níveis de atividade mágicas: Bruxaria, Magia Xamânica, Magia Ritual, Magia Astral e Alta Magia *são definidos na seção seguinte:*

BRUXARIA: A magia simples, que depende da conexão oculta entre fenômenos físicos, é chamada bruxaria. É uma arte mecânica que não requer o conhecimento das conexões existentes entre a mente do operador e o alvo. Alguns efeitos que surgem de tais conexões podem, entretanto, ser vistos como bônus adicional. Trabalhando no nível de bruxaria, o mago cria artefatos, ferramentas e instrumentos que interagem magicamente com o mundo físico e que podem ser usados, novamente, de forma mais sutil em outros níveis. O nível de trabalho da bruxaria deve ser realizado completamente, por mais simples que suas práticas possam parecer. Elas são o fundamento dos trabalhos em níveis mais altos.

MAGIA XAMÂNICA: Trabalhar no nível do transe, visão, imaginação e sonho. Ela abre o subconsciente do mago pela negação da censura psíquica com várias técnicas. O mago se

defronta com considerável perigo neste nível e pode ter que recorrer, frequentemente, às técnicas de bruxaria ou rituais de banimento, se ele se sentir ameaçado de obsessão ou for dominado.

MAGIA RITUAL: Combina as habilidades desenvolvidas nos níveis de bruxaria e magia xamânica. O mago usa as ferramentas da bruxaria com os poderes do subconsciente liberados no nível xamânico e combina seu uso numa forma disciplinada e controlada.

MAGIA ASTRAL: Esta magia é realizada apenas pela visualização e estados alterados de consciência ou gnoses. Não é usada nenhuma parafernália física, embora as ferramentas e instrumentos dos níveis prévios possam ser usados na forma de imagens visualizadas. Inicialmente, o mago irá, provavelmente, necessitar de segregação, silêncio, escuridão e considerável esforço de concentração e de transe para ter êxito com tal magia, porém, a prática irá permitir que ela possa ser realizada em qualquer lugar.

ALTA MAGIA: Alta magia é aquela que ocorre quando não há nenhum impedimento ao efeito mágico direto do desejo, nenhuma barreira à clarividência e presciência direta e nenhuma separação entre o mago e a forma de vibração ou consciência que ele tenha escolhido para entrar em contato. Para muitas pessoas, os portais da alta magia se abrem algumas poucas vezes durante a vida. Quando o mago progride através do treinamento, no momento que ele adquire isto, irá forçar a abertura dos portões com mais frequência..."

No entanto, na magia do culto de Ìyámi Òsòròngá, podemos claramente perceber todos estes 5 níveis em atuação conjunta e plena, o que explica o fato deste tipo de magia ser extremamente temida nas terras Yorùbá e pelo mundo afora, e por isso mesmo, ter sido sempre envolvida em um "manto" de mistérios. Neste tipo de magia (de Ìyámi Òsòròngá), a pessoa deve criar artefatos, ferramentas e instrumentos que interagem magicamente com o mundo físico (Nível de Bruxaria), deve trabalhar no nível do transe, visão, imaginação e sonho (Nível de Magia Xamânica), deve usar as ferramentas da bruxaria com os poderes do subconsciente liberados no nível xamânico e combina seu uso numa forma disciplinada e controlada (Nível de Magia Ritual), deve utilizar-se de visualizações e estados alterados de consciência ou gnoses (Nível de Magia Astral) e finalmente, também alcançar o nível de não existir nenhuma barreira à clarividência e presciência direta e nenhuma separação entre o mago e a forma de vibração ou consciência que ele tenha escolhido para entrar em contato (Nível de Alta Magia).

Assim, a única explicação plausível de certos "Magos" acharem a magia Yorùbá, "coisa simples e ineficiente", só pode ser compreendida pelo preconceito relacionado ao fato, de que (parte) deste tipo de magia é largamente praticada pelas pessoas mais simples, o chamado "Povão".

ORIGEM DA MAGIA YORÙBÁ

Quando da ruptura do Continente único, a primeira raça humana quase foi totalmente aniquilada. Parte dos sobreviventes, entre os horrores dos terríveis cataclismos, obrigados a extensas migrações consecutivas em busca de condições de sobrevivência, acabaram por alterarem-se biologicamente, ocasionando o aparecimento de outras raças humanas.

A Antropologia e Etnologia nos relatam que tal fato pode ter ocorrido, de forma independente, no continente africano, no sudeste da Ásia e na península Indiana. A tradição iniciática nos informa que tal fato se deu, primeiramente, na Ásia Central: segundo o esoterismo chinês e siberiano, existiu no atual deserto de Gobi, numa época em que esta região ainda era fértil, a civilização de Uighur. Esta civilização abrangeu grande parte da Ásia e tinha sua capital perto do atual lago Lob-Nor, no atual território chinês de Sinkiang.

Imensos cataclismos atingiram a civilização de Uighur; pequenas elevações existentes e outras ocultos elevaram-se à altura, extensão e largura prodigiosas, constituindo as atuais cadeias montanhosas do Himalaia, do Altai, do Pamir e do Karakorum, que modoficaram ou drenaram o curso de rios existentes, tornando a região do Uighur no enorme deserto de Gobi. Os sobreviventes dessa nova série de catástrofes permaneceram apegados aos poucos aguamentos que perduraram e que ainda hoje formam inúmeros pequenos lagos.

Há mais ou menos 12.000 anos, um povo de pele negra e cabelos encaracolados, negróides portanto, classificado pela ciência como pertencente ao grupo racial Melanida, saiu desta mesma região do lago Lob-Nor e, através do passo de Karakorum, atravessou o Himalaia penetrando no fértil vale do Pendjab Indiano, aonde nasce o rio Indo. Embora fosse pouco numeroso, este misterioso povo de raça Negra foi muito bem recebido pelo arcaico povo dos "Drádivas", estes também classificados como "Melanidas".

Os Dravidianos ou drávidas deram a esse povo misterioso a denominação de "Naacals"; isto indica um tratamento de pacífico respeito, pois "Naacals" em dialeto paktrito dos dravidianos significa "Altos Irmãos". De fato, foram os Naacals, povo negro emigrado da Ásia Central para a Índia,

que ensinaram aos dravidianos a matemática, a geometria, à arquitetura que séculos mais tarde permitiram a construção das enigmáticas metrópoles negras indianas de Mohenjo-Daro e Harapa, misteriosamente abandonadas há 4.000 anos.
Quando do começo das guerras, em que depois de muitos séculos os Ases Arianos derrotaram os Dravidianos, encurralando-os no sul da península Indiana, já os Naacals civilizadores haviam partido para o sudoeste aproveitando-se dos ventos alísios, e das monções, para contatar a costa oriental da África e a bacia do Mar Vermelho, como mais tarde o fariam os Árabes e, depois, os Portugueses, os Ingleses e os Holandeses.
Penetrando na África, atingiram o vale do Rio Nilo, onde este povo se dividiu; Uma onda migratória subiu o Rio Nilo, a partir do rio Atbara, mesclando-se com populações locais, agrupando-se em clãs familiares que formariam os chamados "Nomos", que seriam, por sua vez, a base sobre a qual se formariam os Alto e Baixo Reinos Egípcios. Esta onda migratória concentrou-se sobretudo na região Africana entre a quinta e Sexta catarata, onde deram origem aos Reinos Napata, Nobatia e mormente ao reino de Méroe, que ativamente participaram nos séculos seguintes, da formação da civilização Egípcia, ora como aliados, ora como inimigos, mas sempre como parte integrante de tal civilização.
Após a miscigenação de povos, ocasionada pela imigração dos melanidas oriundos da Ásia, juntamente com a imigração de povos de raça branca imigrados da Líbia, com os povos do Vale do Nilo, por volta do ano 3.500 AC surgiram dois reinos que se denominaram de Baixo Reino (Delta) e Alto Reino (ao Sul). - O Baixo Reino foi o palco do nascimento da agricultura irrigada, da astronomia, da medicina, da religião evoluída do culto dos totens tribais, da escrita hieroglífica, da organização do Estado, de Ísis, Osíris, de Hórus e seus

míticos companheiros Shensu-Hor. – O Alto Reino foi o outro palco das primeiras "Mastabas" em forma piramidal, da metalurgia do ouro, do bronze, do ferro, da organização dos exércitos, do matriacardo das Rainhas (Candaces), das rotas comerciais e invasores da África leste interior e da criação de um verdadeiro alfabeto fonético próprio.
Cerca do Ano 3.200 AC, o Rei Narmer fundiu estes dois reinos em um só, denominando-o de KEMIT -"O NEGRO"- e tornou-se o primeiro "PAR-Ó" a cingir a Coroa Dupla característica do Novo Estado, adotando o nome de Menés. Menés e seus sucessores ergueram as bases da hoje chamada civilização Egípcia, as quais possibilitaram, somente seiscentos anos após a fusão, que Queops erguesse o seu monumento, a Khufu Akhuit, a "Resplandecente de Queops", a "Grande Pirâmide".
A Segunda onda migratória, tendo alcançado as nascentes do Nilo Branco, passou daí para as nascentes do rio Congo ao sul e para as nascentes do rio Benue a oeste, acabando por alcançar o rio Níger. Os povos Negros, mesclados de dravidianos e naacals desta segunda onda migratória, reproduziram-se ao longo dos férteis vales destes rios africanos e, por serem portadores de uma cultura superior, conquistaram e expulsaram os povos autóctones dos bosquímanos e hotentotes, acabando por formar reinos que mais tarde se transfomariam em impérios africanos, dos quais os mais famosos foram os de MEVNE-MOTAPA, antigo GHANA, MANI-CONGO, BENIN, DAHOMEY e sobretudo o império YORUBÁ.
Este Império Yorubano foi o que mais conservou a seu "retalho" da tradição iniciática da antiga raça negra. Já no começo da era cristã, portanto há quase 2.000 anos, o Império Yorubá começou a se formar, a partir de uma confederação de cidades-estados, algumas dessas com mais de 150.000

habitantes. Uma das mais importantes, foi a cidade santa de Ifé, tão importante para a religião dos Orixás, quanto o foi Jerusalém para os judeus, Meca para os árabes e Roma para os católicos. Nas palavras do erudito pesquisador Frobenius, a religião Iorubana encontrava-se num requintado estágio de evolução, podendo medir-se pela religião Grega, quer pela riqueza de episódios, quer pelo número de personagens, quer pela complexidade dos rituais, quer pela profundidade das instituições.

RIO NÍGER (ODÒ ÒYÁ)

Afirma a tradição que Oduduwa veio do Leste (Alto Egito), chegando ao sudeste da Nigéria atual, local em que vivia o poderoso e dinâmico grupo IBO. Possuía este grupo, uma estrutura "ultrademocrática" que favorecia a iniciativa individual. A unidade sociopolítica é a aldeia. As aldeias agrupavam-se por vezes sob a égide de uma mesma divindade e de um chefe de linhagem: o OKPARA. Certos fatores de integração moldaram, no entanto, a forte personalidade dos Ibo: a exogamia, os mercados principais, cujas vias de acesso são objetos de trabalhos coletivos, os cultos comuns, como o do grande oráculo chuku em Aro-chuku e o do oráculo de AGBALLA em Awka, cujos adeptos, ferreiros intinerantes, faziam uma propaganda muito ativa. É decorrente deste grupo Ibo , o culto aos Orixás fun-fun e ao conflito com Oduduwá , na formação do Império Yorubá, sendo o rio Níger, o grande palco desta saga, ao lado de Onitsha, ficava Aro-chuku- local do grupo Ibo.

A utilização prática das vinte duas forças principais da Magia Yorùbá:

1) Ìwá: Esta força poderosa controla o princípio da luz espiritual e física no mundo material. Quando utilizada em combinação com outra força ou odù, amplifica enormemente seu poder original. É a força da iluminação e do poder maior na espiritualidade e na magia. Cor: Rosa – Elemento: Ìmòlè – órgão no corpo humano: coração.

Símbolo:



2) Àbá: Esta força não é representada no jogo de búzios comum no Brasil: Dá poder ao bruxo para que ele se torne o mestre das energias no mundo material e, além disso, pode curar qualquer desarmonia no corpo humano ou no plano físico. Pode influenciar a vida e a morte no mundo material, assim como interferir nos reinos animal, vegetal e mineral conforme se queira. Cor: Preto - Elemento: Ìmolè - Órgão no corpo humano: Plexo Solar.

Símbolo:



3) Àse: Esta força não é representada no jogo de búzios comum no Brasil): Esta força esconde em si o segredo da materialização e desmaterialização de todas as formas e forças possíveis de existência dentro do mundo material, sejam orixás, seres, almas ou quaisquer outras. Cor: Violeta – Elemento: Ìmòlè – órgão no corpo huma: Espinha.

Símbolo:



4) Ofũ: Esta força não é representada no jogo de búzios comum no Brasil: Traz poder absoluto sobre as forças do Ar, ou seja, controla os espíritos do ar, as tempestades e os tratamentos de todas as doenças relacionadas ao tórax, pulmões e a respiração em geral. Cor: Azul claríssimo - Elemento: Ar - Órgão no corpo humano: Pulmões e tórax.

Símbolo:



5) Osa: Esta força não é representada no jogo de búzios comum no Brasil: Corresponde à vitalidade física, aperfeiçoa a saúde e a harmonia física. Cor: Verde escuro – Elemento: Ar – órgão no corpo humano: Baço.

Símbolo:



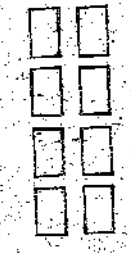
6) Èjiogbè Méjì (Nome no jogo de búzios comum no Brasil: *"Ejionile"* e é representado com oito búzios abertos): Este odù é análogo ao princípio elétrico, ativo e dinâmico na natureza, controla o elemento fogo, pode proteger ou causar situações relacionadas a este elemento (incêndios, queimaduras, etc). Cor: Vermelho - Elemento: Fogo dpo Fogo (Luz, dia e força solar) – órgão no corpo humano: cérebro.

Símbolo:



7) Òyèkú Méjì: (Nome no jogo de búzios comum no Brasil: *"Eji-Ologbon"* e é representado com treze búzios abertos: Este odù corresponde a força do estado líquido (fluido) na natureza, a força do magnetismo e ao poder máximo de atração irrestrita no mundo material. Cor: Azul-verde - Elemento: Água da água (estado líquido) - Órgão no corpo humano: Abdômen.

Símbolo:



8) Ìwòri Méjì: Nome no jogo de búzios comum no Brasil: *"Eji-Laxébora"* e é representado com doze búzios abertos: Controla todas as leis de analogia entre o micro e o macro cosmo, possui controle completo sob a medida, o peso e o número no plano material. Cor: Opala - Elemento: Ar da Terra (Poeira ou pó) – órgão no corpo humano: Rim esquerdo.

Símbolo:



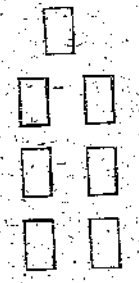
9) Òdí Méjì: Este odú controla a ação e o poder dos quatro elementos no mundo material, assim como também em relação ao ser humano. Cor: Verde claro – Elemento: Terra do Ar (Areia) – órgão no corpo humano: Mão esquerda.

Símbolo:



10) Òbàrà Méjì: Este odù corresponde a força capaz de atrair (magnetizar) tudo o que tem a ver com aumento, riquezas e prosperidade no mundo material. Cor: Verde "grama" - Elemento: Água do Ar (chuva e/ou orvalho), como elemento principal na prática , este odù é considerado como de água. – Órgão no corpo humano: Olho esquerdo.

Símbolo:



11) Òkànràn Méjì: Este odù rege e controla o ato sexual e todas as forças que lhe são relacionadas. Cor: Opala escura – Elemento: Terra da água (lama), mas na prática seu elemento principal é água – órgão que rege no corpo humano: Diafragma.

Símbolo:



12) Ìrosún Méjì: Este odù rege e controla tudo o que é relacionado ao conhecimento intelectual de uma forma em geral (informação e sua aplicação). Cor: Ouro – Elemento: Água do Fogo (fogo líquido) , mas como odù de quatro elementos em sua formação, na prática podemos utilizar materiais relacionados à terra. Órgão no corpo humano: Narina esquerda.

Símbolo:



13) Ọwọ́rín Méjì: Este odù rege tudo o que está relacionado ao instinto reprodutivo, seja nos mundos vegetal, animal e no ser humano. Como emoção, este odù desperta o amor para com as crianças e com os animais. Cor: Cinza – Elemento: Fogo da Água (álcool e destilados em geral), mas como odù de quatro elementos, podemos considerá-lo como terra. Órgão no corpo humano: Narina direita.

Símbolo:



14) Ògúndá Méjì: Controla a analogia de todas as sementes, favas, sêmens e espermas nos reinos animal, vegetal e humano. É o odù do progenitor e da força fecundadora masculina. Cor: Azul escuro - Elemento: Ar do Fogo (fumaça ou calor), como elemento principal na prática, este odù é classificado como fogo. - Órgão no corpo humano: Orelha direita.

Símbolo:



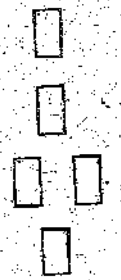
15) Òsá Méjì: Relaciona-se a tudo o que está ligado ao controle da consciência no mundo material, seja sono, sonhos, hipnose, narcotismo, ou outras interferências na consciência. Cor: Roxo - Elemento: Fogo da Terra (Lava vulcânica) - órgão no corpo humano: Estômago e Bexiga.

Símbolo:



16) Ìrẹ̀tẹ̀ Méjì: Nome no jogo de búzios comum no Brasil: *"Obeogunda"*, e é representado com quinze búzios abertos: Este odù influencia o "estar" no mundo material, percebe e realiza qualquer desejo no mundo material. Cor: Violeta prateada – elemento: Terra do Fogo (Carvão mineral) – órgão no corpo humano: Braço direito

Símbolo:



17) Òtúrá Méjì: Nome no jogo de búzios comum no Brasil: *"Alafiá"*, e é representado com dezesseis búzios abertos: Este Odù influencia a todas as coisas relacionadas a riquezas e prosperidade no mundo material. Ele dinamiza, possui comportamento elétrico - fogo, para esta finalidade. Cor: Azul escuro - Elemento: Fogo do Ar (Relâmpago), mas na prática seu elemento princial é fogo - órgão no corpo humano: orelha esquerda.

Símbolo:



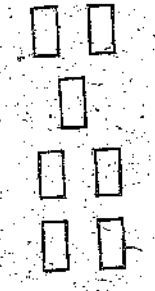
18) Òtúúrupòn Méjì: Nome no jogo de búzios comum no Brasil: *"Ejí-ôkô"*, e é representado com dois búzios abertos): este odù rege tudo no mundo material que está de algum maneira ligado a fugacidade das coisas, não importa se através de ilusão, decepção, etc., mas também controla a força do magnetismo e o elemento água. Cor: Lilás – Elemento: Ar da Água (Nuvem), mas na prática, seu elemento principal é água – órgão no corpo humano: Abdômen.

Símbolo:



19) Ìká Méjì: Este odù relaciona-se diretamente ao movimento e ao andar no ser humano. Também é a força que mantém tudo unido, a força da gravidade, atração e peso das coisas materiais. Cor: Vermelho "carne" – Elemento: Água da Terra (Barro) – órgão no corpo humano: fígado.

Símbolo:



20) Òsé Méjì: Ajuda a pessoa a se tornar mestre absoluto do fluido das energias no mundo material, e, além disso, repara qualquer desarmonia no corpo humano ou no mundo físico, cura qualquer doença e pode tornar uma pessoa o mestre da vida e da morte, além de controlar todos os quatro mundos, a saber: Mundo espiritual – primeiro dia da criação, mundo Mental – segundo dia da criação, Mundo Astral emocional – terceiro dia da criação e Mundo físico material – quarto dia da criação. Cor: Violeta – elemento: Ar do Ar (Atmosfera) rege a vida na terra, por isso podemos considerá-lo na prática como odù de elemento terra – órgão no corpo humano: Olho direito.

Símbolo:



21) Ófún Méjì: Controla plenamente todas as energias influentes no mundo material e no corpo humano. Este Odù produz sorte e sucesso no mundo material com respeito a tudo o que seja empreendido. Cor: Água marinha - Elemento: Terra da Terra (Materialidade) - Órgão no corpo humano: Garganta, timo e laringe.

Símbolo:



22) Òsèòtúrá: Esta força não é representada no jogo de búzios comum no Brasil): Este odù corresponde às leis de analogia em todos três reinos (animal, vegetal e mineral), assim como também rege a união entre os quatro planos (espiritual, mental, astral e físico). Controla o conhecimento da magia que une e comunica os mundos assim como sua aplicação prática no dia a dia. Cor: Marrom escuro – Elemento: Fogo (por ser o único elemento capaz de criado pelo homem é um instrumento de comunuicação divina). – órgão no corpo humano: Rim direito.

Símbolo:



CAPÍTULO 3

COSMOGONIA YORÙBÁ

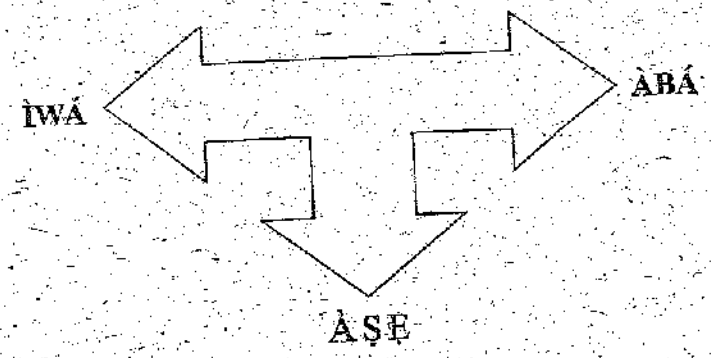
"O Pai é o Vazio
a Mãe, as ondas
o Filho, a Matéria

A Matéria acasala com sua Mãe
E o seu rebento é a Vida, uma filha

A Filha é a Grande Mãe
Que com seu Pai/Irmão-a Matéria por amante
Deu a luz ao Espírito".

- Gary Snyder

Na origem da criação do cosmos surge uma primeira força, princípio da explosão criadora do universo. Esta força chama-se Ìwá e é equivalente ao princípio do Big-Bang na Física. Desta força original desenvolve-se uma contraparte complementar, o princípio equilibrador do Ìwá, seu nome é Àbá. Comparando com os princípios originais de outras religiões, o Ìwá seria O Pai e o Àbá seria A Mãe (ou Espírito santo).
Da união do Ìwá com o Àbá, surge a energia intermediária, que a tudo liga e movimenta em sua função equilibrante e dinâmica, seu nome é Àṣẹ. Se o Ìwá é o Pai e o Àbá a Mãe, o Àṣẹ é o Filho .



Por causa da relação entre Ìwá, Àbá e Àṣẹ, a encruzilhada de três caminhos é considerada sagrada na magia Yorùbá. Ela é o ponto de encontro na terra, dos três princípios básicos do universo. Seu equivalente como ascensão ritual são as árvores que de um único tronco de desdobram para cima em três grandes galhos.

Desta trindade original, surgem as forças OFÚ e OSA. Estes são equivalentes aos conceitos orientas de Yang e Ying. Ofú e Osa são modulações de energia, e suas nuances são aplicadas a todos os movimentos da natureza. São os dois pólos opostos, que em igual proporção são os responsáveis pelo equilíbrio. Um pólo tem valor igual ao seu pólo oposto, que lhe é complementar e necessário. Quando o equilíbrio entre dois pólos se altera, ambas as partes mostram seu lado destrutivo e maléfico. Ofú e Osa compõem o universo e são vistos de uma forma circular, contínua de movimento, uma vez que nada é estático e todo o equilíbrio é dinâmico, este círculo na verdade é a Espiral, símbolo por excelência do movimento equilibrado e benéfico dos pólos Ofú e Osa. Ofú é calor, expansão, é o princípio inicial do que ainda vai ser fogo (por isso é Luz), é o masculino presente nos homens e nas mulheres. Osá é frio e contração, é aquilo que ainda vai ser

água (por isso é trevas – *e sem o menor sentido negativo nesta palavra*), é o aspecto feminino presente nas mulheres e nos homens.

Símbolo de Ofú  (expressão do Ìwá)

Símbolo de Osa:  (expressão da união entre o Àbá e o Àṣẹ)

Sobre os elementos:

Presença de Luz ou sua ausência, são manifestação de um único elemento que em yorùbá chama-se **Ìmọ̀lẹ̀**.

Ìmọ̀lẹ̀ é a origem da criação dos elementos, por isso este é o elemento mais importante e poderoso de todos; ele é a origem, o fundamento de todas as coisas e de toda a criação. Em resumo, este elemento é a esfera primordial. Ìmọ̀lẹ̀ é isento de tempo e espaço. Ele é o não criado, o incompreensível. As religiões o chamam de Deus. Ele é a quinta força, a força que contém tudo o que foi criado e que mantém tudo em equilíbrio. É a origem e a pureza de todos os pensamentos e idéias. Mas do que a luz em si, chamada por outro nome: Ìmọ̀ (a qual desta forma estaria mais ligada a força Ofú, em equilíbrio com a escuridão da força Osa), Ìmọ̀lẹ̀ é a ação superior da rotação entre a luz e as trevas, é o equilíbrio e origem de tudo, daí sua transliteração mais apropriada de Iluminação

Os materiais que canalizam o poder de Ìmólè para os rituais são:
Sangue e esperma (por serem as áreas do corpo onde este elemento está presente).
Animais deste elemento: Ser humano e insetos.

Ìnón (Fogo)
Inón é a ação da força ofú atuando sobre si mesma, por isso o símbolo gráfico que representa o fogo na magia yorùbá é:

Ofú  atuando sobre Ofú 



O que nos dá o símbolo gráfico do elemento fogo:

Na medida em que Ìmólè é a origem dos elementos, o primeiro elemento que nasceu de Ìmólè foi Inón (o princípio do fogo). Este elemento como todos os outros, não age só em nosso plano material, mas em tudo o que foi criado. As características básicas do princípio do fogo são o calor e a expansão; é por isso que no começo da criação tudo era fogo. Cada elemento, inclusive o fogo, possui duas polaridades, a ativa e a passiva (Ofú e Osa), a parte Ofú do Fogo é construtiva, criadora e geradora, enquanto a Osa é desagregadora, destrutiva e exterminadora. Sempre devemos considerar essas duas características básicas de

cada elemento. As religiões atribuem o bem ao lado Ofú (ativo) e o mal ao lado Osa (passivo), mas em princípio o bem e o mal não existem, eles são apenas conceitos da condição humana. No universo não existem coisas boas ou más, pois tudo foi criado segundo leis imutáveis. Assim, é justamente através destas leis que se reflete o princípio divino, e apenas na posse do conhecimento destas leis é que podemos nos aproximar de Deus. O fogo emana à força do princípio elétrico em todo o universo. Como veremos mais a frente, a força que representa este princípio elétrico nascido do fogo no universo, é chamada de Odù Èjiogbè Méji também conhecido no Brasil como Odù Ejiônilê.

Os materiais que canalizam o poder do princípio do Fogo (Inón) para os rituais são:

Temperos: Cebola, alho, pimenta, grãos ou sementes de mostarda.
Como força Ofú do fogo temos: A luz solar.
Como força Osa do fogo temos: a pólvora.
Folhas: Urtiga, cansanção, cambará, erva-tostão e plantas afins.
Cor: Vermelho.
Metal: Cobre.
Parte do corpo humano a onde este elemento mais atua: Cabeça.
Cabaça de culto: Carvão vegetal (Veja a lenda sobre a morte de Odù – Itòn Òséyèkù).
Direção: Leste.
Animais do Fogo: Animais de sangue quente.
Fase lunar: Cheia.

Cantiga ritual do fogo:

"Inón Inón mo júbà e ẹ mo jùbà
Inón Inón mo júbà e àgò mo jùbà"

"Fogo, fogo, meu respeito e reverência
fogo, fogo, meu respeito com pedido de licença e mais reverência"

Omi (Água)

Omi é a ação da força Osa atuando sobre si mesma, por isso o símbolo gráfico que representa a água na magia yorùbá é:

Osa  atuando sobre Osa 

O que nos dá o símbolo gráfico do elemento Água: 

Em comparação com o princípio do fogo (Inón), o princípio da água (Omi), possui características totalmente opostas; suas características básicas são o frio e a retração. Aqui também se tratam de dois pólos (Ofú e Osa): o pólo Ofú (ativo) é construtivo, doador de vida, nutriente e preservador, e o negativo (Osa) é igual ao do fogo, desagregador, fermentador, decompositor e dissipador. Como o elemento água possui em si a característica básica da retração, ele deu origem ao fluido magnético (magnetismo) o qual é representado em sua forma

mais plena através do **Odù Òyèkú Méjì** (também conhecido como Ejí-Ologbon) como veremos mais à frente. Tanto o fogo como a água agem em todas as regiões. Segundo a lei da criação, o princípio do fogo não poderia existir se não contivesse um pólo oposto, ou seja o princípio da água. Por isso, assim nos diz um antigo ditado do oráculo Yorùbá de Ifá: - ***"Todo aquele que bater em Òyèkú sentirá a fúria de Èjìogbè"***. Esses dois elementos, fogo e água, são aqueles elementos básicos com os quais tudo foi criado. Por causa disso é que em todos os lugares sempre temos que contar com dois elementos principais como polaridades opostas (Ofú e Osa), além do fluido magnético e elétrico.

Temperos: Aveia, sementes de tubérculos e folhas ou cascas de cerejeira.
Como força Ofú da água temos: Orvalho.
Como força Osa da água temos: Líquidos que contenham partes de materiais em decomposição.
Folhas: Saião, Fortuna e plantas afins que contenham bastante água dentro de si.
Cor: Azul escuro.
Metal: Ferro.
Parte do corpo humano aonde este elemento mais atua: Ventre.
Cabaça de culto: Lama
Direção: Oeste (Veja a lenda sobre a morte de Odù – Itòn Òsèyèkú)
Animais da Água: Peixes.
Fase Lunar: Nova.

Cantiga ritual da água:

"Omi imonlẹ máṣé mi
Omi tutu, omi ọnọn tutu
Omi oko tutu, omi iyẽ tutu
Omi imonlẹ máṣé mi"

"Espírito da água não me faça mal
A água refresca, a água refresca o caminho
A água refresca a lavoura, a água refresca a vida
Espírito da água, não me faça mal"

Atẹgun (Ar)

Atẹgun é a ação da força Ofũ atuando sobre Osa, por isso o símbolo gráfico que representa o Ar na magia yorùbá é:

Ofũ  atuando sobre Osa 

O que nos dá o símbolo gráfico do elemento Ar: 

O ar possui uma posição intermediária entre o fogo e a água, assim como o Àṣẹ, possui uma posição intermediária entre o Iwá e o Àbá. Da forma como o ar possui efeitos alternados dos elementos passivo e ativo do fogo e da água, o ar é o

elemento em que se baseia toda a vida criada, pois é este movimento entre os pólos e o fogo e água que pode possibilitar a criação da existência. Em seu papel intermediário, o princípio aéreo assumiu do fogo a característica do calor, e da água a da umidade. Sem estas duas características a vida não seria possível; além disso elas também confere, ao ar duas polaridades: em Ofũ o ar é a grande força doadora de vida, e em Osa a força exterminadora.
Importante lembrarmo-nos que os elementos aqui comentados, não são propriamente os elementos físicos, mas sim, aspectos e características universais dos elementos que existem em todas as coisas.

Temperos: Folhas ou cascas de avelãs, zimbro, flores ou folhas de rosas e sementes de coentro.
Como força Ofũ do ar temos: A atmosfera
Como força Osa do ar temos: O sufocamento
Folhas: Bambu, samambaia, lótus e folhas afins (de texturas finas e/ou secas).
Cor: azul claro
Metal: níquel
Parte do corpo humano aonde este elemento mais atua: Tórax.
Cabaça de culto: Efun (Veja a lenda sobre a morte de Odù – Ìtòn Òṣéyẹ̀kú)
Direção: Sul.
Animais do Ar: Pássaros.
Fase Lunar: Crescente.

Cantiga ritual do Ar:

"Atẹgun, Bàbá afẹ́fẹ́,
Omo òrò ise, òfuurufũ
Yọ mi nínú ibi
Má jẹ kó hun mí ahùn"

"Ar, Pai do vento,
Filho do verbo, ar da atmosfera
Salve-me do mal
Não permita que algo me prejudique"

Erùpè (Terra)

Erùpè é a ação da força Osa atuando sobre Ofú, por isso o símbolo gráfico que representa a Terra na magia yorùbá é:

Osa  atuando sobre Ofú 

O que nos dá o símbolo gráfico do elemento Terra: 

Dos três elementos mencionados anteriormente, o elemento terra formou-se por último, pois através de sua característica específica, a solidificação, ela integra em si todos os outros três. Foi justamente essa característica que conferiu uma forma concreta aos três elementos. Ao mesmo tempo, porém foi introduzido um limite ao seu efeito, o que resultou na criação do espaço, da dimensão, do peso e do tempo. Em conjunto com a terra, o efeito recíproco dos outros três elementos tornou-se quadripolar. O fluido na polaridade do elemento terra é eletromagnético. Como todos os elementos são ativos (vibram em Ofú) no quarto elemento, toda a vida criada pode ser explicada. Foi através da materialização da vida nesse elemento que surgiu a força poderosa da criação universal.

Temperos: Salsa (raiz, folhas ou sementes), tanchagem, flor de cravo e melissa.
Como força Ofú do ar temos: Campos férteis
Como força Osa do ar temos: Terremoto
Folhas: Alfavaca, abacaxi, mamona, peregun e etc.
Cor: amarelo e/ ou marrom.
Metal: ouro
Parte do corpo humano aonde este elemento mais atua: Pernas e pés.
Cabaça de culto: Òsun.
Direção: Norte.
Animais da terra: Preá, tatu, porco e animais que vivam em túneis em geral.
Fase lunar: Minguante.

Cantiga ritual da terra:

"Iyá ayaba, Iyá Onilè
Onilè mo júbà awo
Iyá, Iyá, Iyá , Iyá Onilè"

"Mãe Rainha, Mão senhora da terra
senhora da terra, os meus respeitos
Mãe, mãe, mãe, mãe e senhora da terra"

Ebós e magias relacionadas ao assunto:

Magia do Fogo para proteção:

Pegue um Osé (Machado) pequeno de cobre, e dentro dele coloquenove9 folhas de cambará piladas com bastante pimenta-da-costa, uma cebola roxa pequena e muitas sementes de mostarda. Lacre a base do machado de cobre com sabão-

da-costa verdadeiro e argila vermelha misturada com pequenas folhas de erva tostão. Durante todo o ritual cante a cantiga ritual do fogo e cantigas de Xangô. Coloque em sua porta de entrada pedindo a Xangô toda proteção para sua casa. Se quiser pode levar sempre com você este machado(na bolsa ou em outro qualquer lugar.

Magia da Água para atrair uma pessoa amada:

Faça uma sopa bem forte de cascas de canela e folhas ou casca) de cerejeira e separe sete copos. Pegue sete cabeças de peixe de escamas e faça desta sopa, um bom pirão com aveia, "temperando-o" com bastante limalhas de ferro. Escreva o nome da pessoa com um lápis, em um pedaço grande de imã e coloque-o dentro do pirão. Ofereça o pirão ao centro dos sete copos,para òrí da pessoa, declarando suas intenções.

Magia do Ar para passar em provas e concursos:

Torre zimbro, flores e folhas de rosas e cascas de avelãs misturando-os com Iyérossún. Misture o pó em sabão da costa verdadeiro (ose dudu) e tome banho da cabeça aos pés sempre que for estudar.

Magia da Terra para ganhar dinheiro:

Prosperidade material é o principal atributo dos rituais do elemento terra, desta forma é importante que você selecione os seguintes materiais:

Folhas de alfavaca, peregun e de mamona.
Um abacaxi

Bastante Òsun
Quarenta Búzios
Dez raízes de açafrão
Quatro orógbôs
Bastante folhas, com raízes, de salsa
Folhas de sálvia.

Pegue estes materiais (menos o abacaxi) e passe ao redor do corpo. Cave um buraco aos pés de uma árvore frondosa e enterre (sem se esquecer de molhar a terra, para fertiliza-la). Por cima, corte o abacaxi em dez pedaços (sem os espinhos) e ofereça-o a terra, como símbolo de pedido de prosperidade. Ao terminar, tampe e plante a coroa do abacaxi por cima. De preferência em toda lua minguante, ofereça a este pedaço de terra òsun diluído em água de chuva, com um orógbó ralado, e renove seus pedidos. Ofereça a grande Ìyágbà da terra, a poderosa: Ìyá Onilé (Mãe e Senhora da Terra).

Dando prosseguimento ao processo de criação do universo, se das três forças principais: Ìwá, Àbá e Àse surgem os pólos: Ofù e Osa, daí em diante surgirá a idéia de tridimensionalidade, que é representada através das direções, vejamos:

As direções

Ilà Oòrún (Leste)

Ilà Oòrún é a direção Leste, lado em que nasce o sol e que por isso. representa o eixo da iluminação, evolução e dinamismo do universo e do homem. Relacionado ao elemento Fogo, este eixo pertence a Ògún, e em seu culto o poder de Ilà Oòrún é simbolizado pela cabaça de carvão vegetal

(Èédú). No ser humano, esta direção é representa pelo lado frontal do Orí (cabeça). Sua fase lunar é a cheia. Seu símbolo gráfico é:



Ofú atuando sobre si mesmo e mais uma vez:
O que nos mostra a ação de Fogo sobre Fogo.

Iwá Oòrún (Oeste)

Iwá Oòrún é a direção Oeste, lado em que o sol se põe e por isso está ligada aos antepassados. Relacionada ao elemento água, este eixo pertence a Oduduwa, e na prática da magia é representado pela cabaça de Lama. No ser humano, esta direção é representada pela parte de trás da cabeça, juntamente com a nuca. Sua fase lunar é a Nova. Seu símbolo gráfico é:



Osa atuando sobre si mesma e mais uma vez:
O que nos mostra a ação de Água sobre Água.

Gúúsù (Sul)

Gúúsù é a direção Sul e representa o lado direito (masculino) do universo (otún-oòrún). Relacionado ao elemento Ar, este eixo pertence a Òòsàálá, e na prática da magia é representado pelo culto à cabaça de Efun. No ser humano esta direção é representada pela fronte direita da cabeça. O atributo deste eixo, é a completa e total possibilidade de realizarmos qualquer coisa que desejarmos (veja Itộn Òsộòyệkú mais a frente do texto). Sua fase Lunar é a Crescente. Seu símbolo gráfico é:



Ofú atuando Osa e Osa retornando a atuar sobre Ofú:
O que nos mostra a ação de Ar sobre Terra.

Àríwá (norte)

Àríwá é a direção Norte e representa o lado esquerdo (feminino) do mundo (Osí-oòrún). Relacionada ao elemento Terra, este eixo pertence a Obalúwaiyé, e na prática da magia é representada pela cabaça de Òsun. No ser humano este direção é simbolizada pela fronte esquerda da cabeça. O maior atributo desta direção é dinheiro (veja Itộn Òsộòyệkú mais a frente do texto). Sua fase Lunar é a minguante, período em o magnetismo terrestre atrai para dentro da terra todos os líquidos, como as marés, etc. Seu símbolo gráfico é:

Osa atuando sobre Ofú e Ofú retornando a atuar sobre Osa:
O que nos mostra a ação de Terra sobre Ar.



Pontos intermediários:

As direções intermediárias são consideradas como as regiões em que estavam quatro grandes montanhas antes do mundo ser ampliado e eram chamadas de as quatro grandes muralhas do continente único.

Sudeste: A montanha de fogo e ar.

O atributo desta direção é a idéia do retorno das estações que compõem o ano solar. É o portal para o plano de existência de todos os Orixás. Seu símbolo gráfico é:



Ofú atuando sobre Ofú e assim sobre Osa:
O que nos mostra a ação do fogo sobre o Ar.



Sudoeste: A montanha de Ar e Água:

É o portal para o plano de existência dos homens. Seu símbolo gráfico é:

Ofú atuando sobre Osa e assim atuando sobre Osa mais uma vez:
O que nos mostra ação do Ar sobre a Água:



Noroeste: A montanha de Água e Terra:

É o portal para o plano de existência dos animais. Seu símbolo gráfico é:



Osa atuando sobre Osa e assim sobre Ofú:
O que nos mostra ação da Água sobre a Terra.

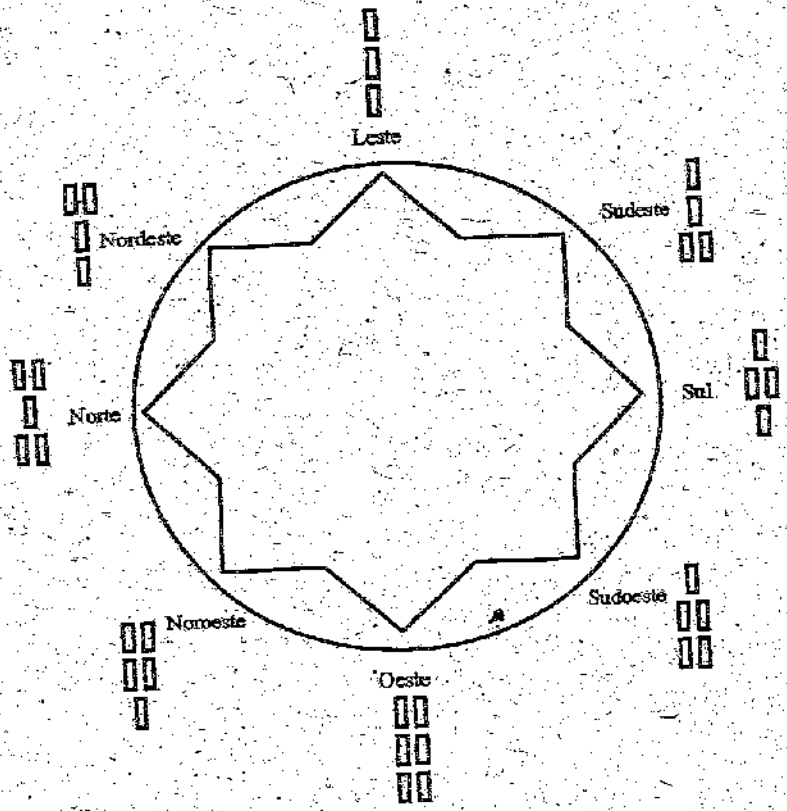
Nordeste: A montanha de Terra e Fogo:

É o portal para o plano de existência do mundo inferior.
Seu símbolo gráfico é:



Osa atuando sobre Ofú e mais vez sobre Ofú:
O que nos mostra a ação da Terra por sobre o Fogo.

Localização dos símbolos nas oito direções:



O próximo passo: Acrescentando mais um traço ao desenvolvimento gráfico dos Odus de Ifá.

Os Yorùbá contavam os dias da semana, exatamente como contavam os gregos, por isso para um Yorùbá antigo, a semana terminava no quinto dia da sua semana de quatro dias.

Exemplo:

Primeiro dia da semana: Òjó (dia de) Òrúnmílà e Èsù
Segundo dia da semana: Òjó Ògún
Terceiro dia da semana: Òjó D'jaKutá (divindade fun-fun ligada a Xangô)
Quarto dia da semana: Òjó Obatalá (ou seja, Òrìsà'nlá).
Quinto dia da semana: Òjó Òrúnmílà e Èsù

Semana Yorùbá de cinco dias.

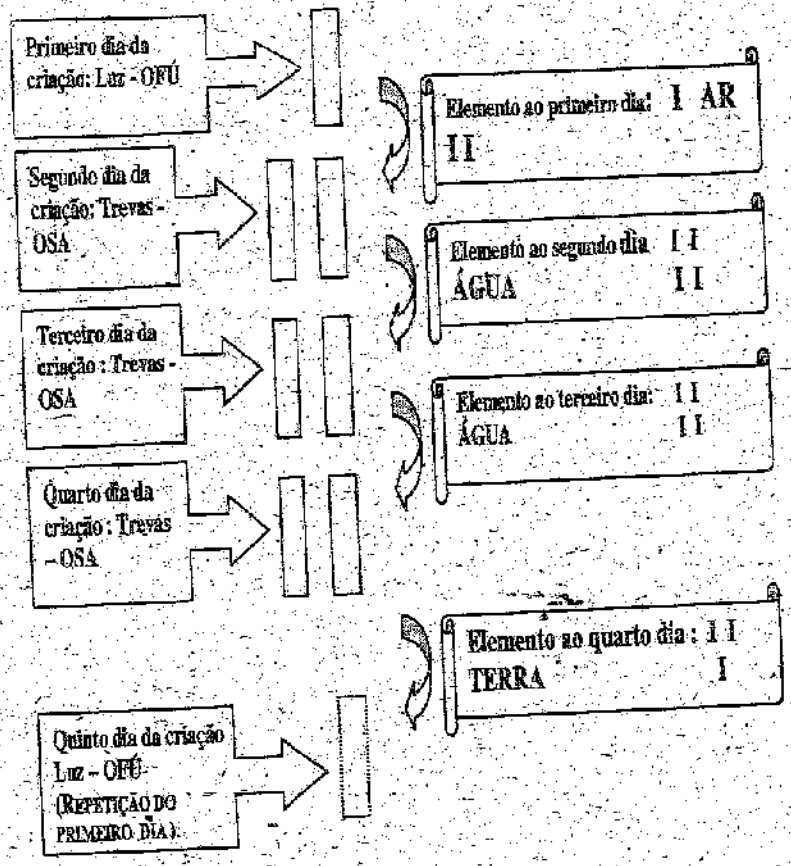
Portanto ao quinto dia, repetição do primeiro, é que terminava a semana.
Este detalhe é importante para a localização dos elementos nos próximos símbolos gráficos que são conhecidos como Odù.

INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE ODÙ:

Os ODÙ não são em si mesmos imagens ou padrões específicos de energia, porém princípios formadores, meio segundo os quais a matéria pode adquirir formas, possibilidades inerentes.

Odus são arquétipos que estão refletidos nas ordens, famílias, gêneros, espécies biológicas, nas ordens dos cristais, no padrão corporal do homem. Quer pensemos que estamos notando um monte de terra, uma árvore, uma cadeira, um homem ou até mesmo um pensamento, na realidade são imagens arquetípicas divinas da mente universal que estamos percebendo ou mal percebendo... Estas não se tratam tanto de imagens reais como de princípios formadores que dão origem...a imagens que estão mais abaixo na escada do ser... e elas próprias estão além de tudo que conhecemos como forma.

Exemplo:
Análise do símbolo gráfico (Onifá) do odù Òbàrà a seguir:



Como o amigo leitor deve ter percebido, para uma pessoa acostumada ao lidar com as onifás (signos visuais de Ifá), não se torna necessário a escrita do quinto dia, já que ela própria é uma repetição do primeiro dia. Na verdade, a escrita de "quatro andares" das onifás, sempre ajudou a preservar o Awô (segredo) da leitura correta. Veremos quando analisarmos outros detalhes, que todo o desenvolvimento de Ifá, se baseia entre outras coisas, nas classificações dos elementos característicos de cada Odu.

Portanto sob este raciocínio, podemos afirmar que a onifá do Odu Òbàrà representa os seguintes elementos em sua constituição:

AR - no primeiro dia: Òjó Òrúnmìlà e Èsù
ÁGUA - no segundo dia : Òjó Ògún
ÁGUA - no terceiro dia : Òjó D'Jakutá
TERRA – no quarto dia : Òjó Obatalá

Este orixás regem os dias da criação pela cosmogonia Yorùbá, mas vamos tentar entender um pouco, o que afinal de contas são os tão falados Orixás:

INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE ÒRÌSÀ:

ÒFIFO é o absoluto infinito e não-condicionado, é anterior a própria manifestação da perfeição que é Deus (Eledunmare-Oloorun-Oloofin), e não pode criar, porquê seria inajustável a ele o conceito de uma relação com o que é finito e condicionado (assim como a Eledunmare-Oloorun e Oloofin). Se tudo o que vemos, desde as estrelas, planetas e galáxias até o menor grão de pó, tivesse sido criado pela perfeição absoluta, e fosse obra direta da energia primária de que ele procedeu, então seria tudo isso perfeito, eterno e não condicionado, como seu autor. Os milhões e milhões de coisas imperfeitas da natureza atestam de modo irrecusável que são produtos de seres finitos e condicionados. – estes são os Irunmolès, conhecidos no Brasil como Orixás! "DEUSES IMPERFEITOS" e por isso mesmo, os mais apropriados a serem os comunicadores entre nós seres humanos (infinitamente mais imperfeitos ainda) com a perfeição absoluta. Devemos agradecer a caridade divina por eles existirem, senão jamais poderíamos imaginar a existência do amor infinito de Eledunmare-Oloorun e Oloofi.

Os africanos acreditam que nós existimos em um universo fechado e defensível, o qual é influenciado por uma quantidade infinita de forças . Para tentarmos entender esta filosofia de vida, é necessário esclarecer e especificar as suas crenças. Por uma questão didática, podemos dividi-la em alguns componentes básicos:

-Acreditam que existe um só Deus de onde se emanaram as forças constitutivas do todo.
-Acreditam que existem forças da natureza que são controladas pelos Orixás, os quais por sua vez, são manifestações parciais (portanto limitadas) de Deus, mas que governam e atuam decisivamente nos negócios humanos e no universo em geral.
-Acreditam que os espíritos humanos sobrevivem após a morte e que podem reencarnar no mundo dos homens.
-Acreditam que os espíritos ancestrais devem ser lembrados, honrados e consultados pelos seres humanos.
-Acreditam nos oráculos como meio de comunicação entre os homens e suas divindades.
-Acreditam no uso de oferendas e sacrifícios para elevar suas orações aos Orixás e aos ancestrais.
-Acreditam no poder da manipulação mágica como método de compreensão da natureza e dos seres humanos.
-Acreditam no uso mágico e medicinal das plantas.
-Acreditam que a dança e a música ritual são obrigatórias na adoração a Deus.
-Acreditam que o ser humano pode comungar com Deus através da possessão e do transe.

- Entendem que Deus é uma idéia vasta demais para a compreensão da mente humana. Assim, eles pegam uma porção de Deus- um Orixá – e tentam, através da compreensão da parte, adquirir conhecimento do todo. Por exemplo, quando um africano vai a um rio e lhe oferece uma fruta, ele não está adorando o rio, ele está fazendo uma oferenda ao espírito do rio, ao Orixá do rio, aquela pequena parte de Deus que o rio exemplifica. Assim quando dizemos que o culto aos Orixás é uma religião natural (diferente das religiões reveladas), não significa que eles rezam para as pedras, rios ou árvores, no sentido literal do termo. O que os Yorubás adora, é a essência de Deus nessas porções da natureza. Sua filosofia é a base da idéia que Deus deixou no rio ou nas árvores, o que também deixou em nossas cabecas,
- Força(Àsé) -consciência(Àbá) -Luz(Iwá), algo que para o devoto aos Orixás, sempre se pode e deve ser extraído e usado para melhorar sua vida e de sua comunidade. Toda a natureza diz algo ás pessoas, seja uma ordem, uma advertência ou sentimento de irmandade. Algumas manifestações da natureza fornecem para os seres humanos, no entanto outras, tiram. Por isso não existe neste sistema de crenças, a idéia de um mal absoluto ou um bem absoluto.

O MAL PURO É UMA INVENÇÃO DE OUTRA RELIGIÃO E CULTURA, PARA AS PESSOAS DO CULTO AOS ORIXÁS, ELE NÃO EXISTE.

Dentro destas técnicas, destacam-se também os ritos mágicos, mais "internos" da prática magística-

religiosa, que são os seguintes:

1) O Yorubá expressa fundamentalmente seu psiquismo, seu sentir, através da arte, melhor intérprete do sonho. Que é tão importante nesta cultura, que existe a este respeito, todo um imenso capítulo da interpretação dos sonhos no Odún é simbolizado pela cabaça de carvão vegetaltradicional Oráculo de Ifá Yorubá), esta é uma influência predominante, mais nos planos psíquicos que no plano nervoso, se dá a mesma importância (e ás vezes mais)ao que se "sente", do que se pensa".

2) O antepassado (o mundo dos dobles) com suas equivalências nos reinos, mineral, vegetal e animal. Um exemplo muito típico, é o culto ao ancestral divinizado Sàngó, que foi o quarto Alafing (rei) de Òyó, e que se tornou posteriormente o Deus do trovão, possuindo sua equivalência no reino mineral com a pedra de meteorito "pedra de raio", no reino animal, com o Carneiro e no reino vegetal com a "folha de fogo", este elemento é bastante esclarecedor, para podermos entender, não só o culto a Égúngún como também, a todo pensamento religioso Yorubá, entre eles, o culto aos Orixás.

3) A técnica importantíssima nos rituais de iniciação religiosa, que consta de uma ação direta e poderosa sobre a coluna vertebral por incisões, percussões, exposição ao fogo, tatuagens, etc. Devido a este fato, numerosas formas religiosas possuem representacões fálicas (principalmente no culto Égúngún, um culto fundamentalmente masculino), que são representações da coluna vertebral , símbolo da "árvore- pilar que sustenta o mundo".

4) A circuncisão e a sub-incisão que trabalham sobre os órgãos genitais, provocando assim, um derrame de fluidos. Estando em equivalência, as danças sexuais dos cultos, etapas necessárias para a abertura psíquica.

5) O conceito do ser semi-animal/semi-humano, que tem como intermediário, entre os mundos, sua pele. (ISE ÈNIYÀN – Maneira humana e ISE ERANKO- Maneira animal), o que explica a presença de peles de animais nas vestimentas dos Reis Yorubás e de seus Deuses). Este fato permite compreender a importância da máscara (Elemento fundamental no culto aos antepassados e essência espiritual do Totem. – "O iniciador que dança é o espírito luminoso do animal".)

6) A máscara conduz a dança; esforço coletivo do clã, não para invocar a uma divindade, mas para representar uma mímica mágica

7) Estas técnicas coletivas estão acompanhadas de técnicas individuais baseada em sangue e drogas. O sangue é o elemento mágico essencial, a seiva humana por excelência. Nas iniciações se fazem incisões nas regiões inferiores da coluna vertebral e sobre as curas, se verte o sangue quente do animal, para uma integração profunda.

8) Drogas e venenos sagrados, que possuem a finalidade de aperfeiçoar a ação da transformação nervosa. A utilização visa fazer surgir seres fortes e a selecionar assim os homens mais resistentes do grupo humano. Estas plantas sagradas proporcionam meios mais rápidos e mais eficazes de evasão psíquica.

9) E dentro de todas estas técnicas iniciáticas, percebe-se conceitos básicos de religiosidade, aí sim, divulgados mais normalmente:

CLASSIFICAÇÃO ELEMENTAL DOS ODÙ DE ÌFÁ:

1) Èjìogbè Méjì

Fogo
Fogo
Fogo
Fogo

2) Òyèkú Méjì

Água
Água
Água
Água

3) Ìwòrì Méjì

Terra
Fogo
Ar
Água

4) Òdí Méj

Ar
Água
Terra
Fogo

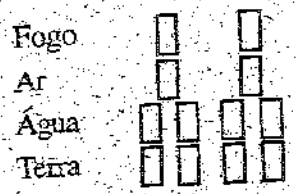
5) Òbàrà Méjì

Ar
Água
Água
Terra

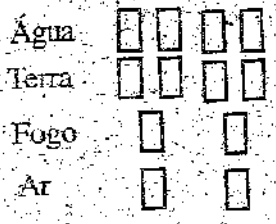
6) Òkànràn Méjì

Água
Água
Terra
Ar

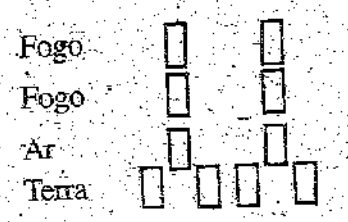
7) Ìrosùn Méjì



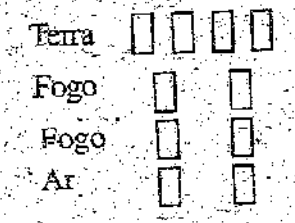
8) Òwónrín Méjì



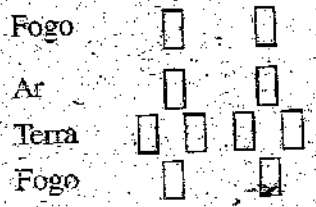
9) Ògúndá Méjì



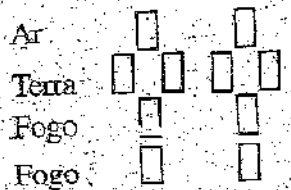
10) Òsá Méjì



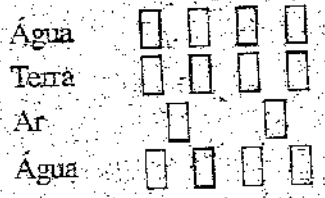
11) Ìrẹtẹ̀ Méjì



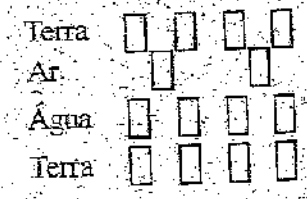
12) Òtúrá Méjì



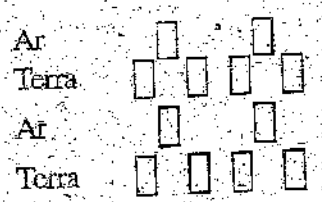
13) Òtúúrúpòn Méjì



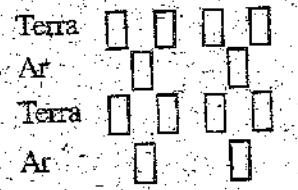
14) Ìká Méjì



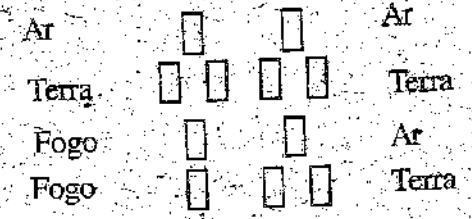
15) Òsẹ́ Méjì



16) Òfún Méjì



17) Òsẹ́òtúrá



Baseados nestas informações, podemos já, começar vislumbrar a profunda lógica interna do sistema oracular de Ifá:

CLASSIFICAÇÃO ELEMENTAL:

- 2 Odus de 1 elemento cada.
- 2 Odus de 2 elementos cada.
- 8 Odus de 3 elementos cada.
- 4 Odus de 4 elementos cada.

Òsẹ́òtúrá por ser considerado o odù de comunicação entre Deus e os homens, é na prática interpretado como um Odù todo baseado no elemento Ìmólè, podendo também ser utilizado o Fogo).

Os Odus de 1 elemento são:

- Èjìogbè Méjì: FOGO
- Òyèkú Méjì: TERRA

Os Odus de 2 elementos são:

- Òsé Méjì: Equilíbrio entre Ar e Terra.
- Òfún Méjì: Equilíbrio entre Terra e Ar.

Os Odus de 3 elementos são:

- Ògúndá Méjì e Ìrètè Méjì: Predomínio (origem ao primeiro dia) de Fogo.
- Òbàrà Méjì e Òtúrá Méjì: Predomínio (origem ao primeiro dia) de Ar.
- Òkànràn Méjì e Òtúrúpòn Méjì: Predomínio de Água.
- Òsá Méjì e Ìká Méjì: Predomínio de Terra.

Entre os 8 Odus de 3 elementos, também existe a seguinte classificação:

- Maior quantidade de Água: Òbàrà Méjì, Òkànràn Méjì, Òtúrúpòn Méjì e Ìká Méjì.
- Maior quantidade de Fogo: Ògúndá Méjì, Òsá Méjì, Òtúrá Méjì e Ìrètè Méjì.

O que nos leva a seguinte conclusão:

- Ògúndá Méjì, Òsá Méjì, Òtúrá Méjì e Ìrètè Méjì, possuem maior ligação com Èjìogbè Méjì. (Fogo)

- Òbàrà Méjì, Òkànràn Méjì, Òtúrúpòn Méjì e Ìká Méjì, possuem maior ligação com Òyèkú Méjì. (Água)

Os Odus em que os predomínios (origem ao primeiro dia) pertencem ao Ar são:

- Òbàrà Méjì: ligado a Òyèkú Méjì.
- Òtúrá Méjì: ligado a Èjìogbè Méjì.

Ambos odus gerados de riqueza, atuantes em pólos complementares.
(ativo – fogo e gerador – água).

Os Odus em que o predomínio está ligado a Terra são:

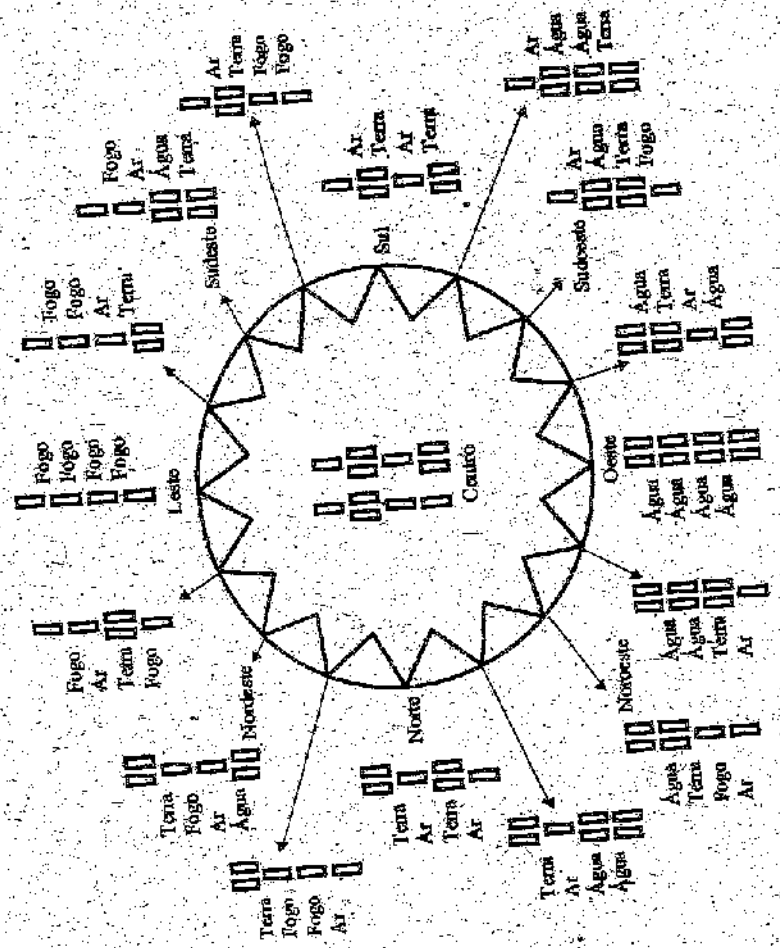
- Òsá Méjì: ligado a Èjìogbè Méjì.
- Ìká Méjì: ligado a Òyèkú Méjì.

Os Odus de 4 elementos são:

- Ìwòrì Méjì: com predomínio de Terra, sobre Fogo, Ar e Água.
- Òdí Méjì: com predomínio de Ar, sobre Água, Terra e Fogo.
- Ìrosùn Méjì: com predomínio de Fogo, sobre Ar, Água e Terra.
- Òwónrín Méjì: com predomínio de Água, sobre Terra, Fogo e Ar.

Creio que o amigo leitor tenha percebido que belíssima "arquitetura" e que profunda simbologia, contém o desenvolvimento das Onifás do Oráculo de Ifá, símbolo máximo do melhor da FILOSOFIA AFRICANA. Para terminar acrescento, que é baseado nestas informações que são "feitos" assentamentos, borís e várias outras ritualidades. Torna-se óbvio perceber que somente sobre este assunto, literalmente ALQUÍMICO, seria possível escrever um livro até maior que este. Mas creio que no mínimo uma "boa introdução ao assunto" já foi dada. Apenas faço questão de lembrar ao amigo leitor, que a base de toda a magia Yorùbá, no que se relaciona a elementos e materiais físicos como folhas, comidas e etc, baseiam-se neste conhecimento. Tenho certeza que ao leitor observador, várias portas já foram abertas ao estudo da magia, particularmente ao que muitos chamam de Alkimia.

Posicionamento dos Odus nas direções seguindo seu equilíbrio natural sobre os elementos:



Na cultura Yorùbá, acredita-se que o ser humano possui quatro almas e todas elas estariam ligadas a uma manifestação dos quatro elementos básicos no homem. Estas quatro almas são conhecidas através dos seguintes nomes:

1) Ojiji:

Alma humana ligada ao fogo e ao dinamismo, é representada por sua contraparte, a sombra. Do ponto de vista simbólico, as sombras não são apenas o signo de uma luz protegida, mas também de obscuras entidades dotadas de vida própria. São sósias misteriosos dos homens e muitas vezes são consideradas imagens da própria alma (algumas línguas definem imagem, alma e sombra com a mesma palavra). Segundo várias lendas, aquele que não pode ver a própria sombra está destinado a morrer, assim como aquela pessoa que pisa em sua própria sombra. "Saltar sobre a própria sombra "é uma expressão idiomática que significa "executar tarefas impossíveis". Tomava-se muito cuidado para não ser tocado pela sombra de pessoas temíveis (por exemplo das Bruxas), para não cair assim em seu poder. Para a psicologia profunda, a sombra é um símbolo das camadas inconscientes da personalidade, que podem ser incorporadas e transformadas na complexa estrutura da experiência apenas mediante um processo de auto-conhecimento e individualização. Assim é fácil entender, porque a sensibilidade de povos antigos como o Yorùbá, consideravam a sombra como uma alma do homem. Dentro da magia dos elementos a alma Ojiji representa o fogo da centelha de Deus sobre os homens e assim seu espírito e força de vontade.

2) Emí:

Alma ligada ao elemento Ar, o Emí simboliza a primeira inspiração quando do nascimento, e assim ao despertar do corpo mental humano enquanto ser encarnado. É o chamado "Sopro vital" e representa a própria mente do homem.

3) Ipónri:

Esta é alma do ser humano ligado a água, e representa seu lado emocional (literalmente a alma mesmo e não o espírito, que é ligado ao fogo), seus símbolos, são os rios sagrados (na cultura Yorùbá, o principal rio sagrado é o rio Níger, fonte de toda a civilização Yorùbá). É a margem dos grandes rios que surgiram, por volta de 3000 a.C. todas as grandes civilizações do mundo antigo. Simbolicamente, o rio não é aquela água que não é estática como a do mar (água dos ancestrais e mortos em geral), mas que através de seu fluxo e de suas inundações influencia a dinâmica e a divisão do tempo conjuntamente com a lia (grande símbolo do que é compreendido como alma, fantasmas, etc). Praticamente em todas as tradições antigas está presente o mito do rio: O paraíso do antigo testamento concebe o mundo originário delimitado nos pontos cardeais por quatro rios. Também aos confins da vida no além (território das almas – que são os corpos astrais que permanecem através das emoções humanas, as quais mantém o apego à vida material e assim dificultam a purificação espiritual quando do ato da morte) seriam representados pela tradição Grega os quatro rios do Inferno: Aqueronte, Cocito, Estige e Flegetonte (rio de fogo). Na tradição Yorùbá, quase a totalidade dos Orixás estão ligados a algum rio: Òsún ao rio de seu mesmo nome no estado de

Osogbo, Iyemonjá ao rio Ogún e principalmente o próprio povo nigeriano em geral como estado político Yorùbá, ligado ao rio Niger, base de sua fundação. Esta alma é a "casa" dos sentimentos de uma pessoa.

4) Ara:

Esta "alma" representa na cultura Yorùbá o corpo físico, e seus símbolos maiores são as rochas. Na prática, toda a religião dos orixás baseia-se no despertar do espírito das pedras em ligação com a alma humana (o que no esoterismo atual, é aplicado aos cristais – os quais, obviamente são igualmente rochas). Rochas e pedras em geral, por sua durabilidade, são na maioria das vezes interpretadas como símbolos da imobilidade que não pode ser alterada, deste modo representam forças e seres divinos. Tal fato resulta, sobretudo evidente quando as rochas assumem formas de aparência particular; nesse caso, muitas vezes são interpretadas como domicílio de homens de poderes sobrenaturais (o qual também explica muita coisa na religião dos orixás, na medida em que, durante seus mitos, os orixás tiveram vida física, mas despertaram seus poderes através de momentos de êxtase – símbolo profundamente relacionado ao xamanismo arcaico). Assim como o famoso monumento a Oranian na Nigéria, as colunas de pedra (Menires), frequentemente são interpretadas como símbolos fálicos, e são considerados domicílios elevados para as almas dos antepassados nas proximidades dos sepulcros. Nos mitos da antiguidade revelados pela história oculta afirma-se que "montanhas altíssimas, que sobrepujavam as outras, como as torres superam as casas comuns...e que se elevam íngremes como uma muralha" seriam as rochas originais da criação da vida física na terra e também sua proteção. Desta forma entendemos a pedra como base das religiões Yorùbá e

seu simbolismo como alma do ser humano. Existe algo de eterno e imutável, na segurança profunda de quem sabe viver enquanto é tempo!

Perceba então como os Odus são forças poderosas, que podem alterar não apenas a natureza (através dos elementos) mas também a própria constituição humana e seu destino.

Este desenvolvimento de cosmogonia apresentado baseia-se em quatro dias da criação, como já foi explicado:

Primeiro dia: Òjó Òrúnmìlà e Èsù
Segundo dia : Òjó Ogún
Terceiro dia : Òjó D'Jakutá
Quarto dia : Òjó Obatalá

Assim toda a constituição do ser humano e da natureza pode ser analisada através dos Odus pela interpretação dada a seguir:

Exemplo através do símbolo do odù Èjìogbè:



Primeiro dia da criacão – Plano espiritual – Elemento fogo – Mundo Humano – Simboliza a força de vontade – na cosmogonia é o estágio em surgem as forças: Ìwà, Àbá, Àsẹ, Offũ e Osa – Òjó Òrùnmilà e Èsù.



Segundo dia da criação – Plano Mental – Elemento Ar – Mundo Vegetal – Simboliza o mundo mental e intelectual do Ser humano – na cosmogonia é omomento em que são desenvolvidos os elementos – Òjó Ògún.



Terceiro dia da criação – Plano emocional (Astral) – Mundo Animal – Simboliza o mundo das emoções e sentimentos – na cosmogonia é o momento em que são estruturadas as oito direções – Òjó D'jakutá – Elemento Água.



Quarto dia da criacão – Plano Físico (Material) – Mundo Mineral – Simboliza o mundo das sensações e desejos materiais – na cosmogonia é o momento em que surgem os Odus – Òjó Obatalá – Elemento: Terra.

A Magia prática dos Odus:

Os Odus são estruturados em colunas. Estas colunas através de sua quantidade e padrões de qualidade podem definir o perfil, assim como o resultado e a eficiência de um ritual. Existem quatro modelos básicos de manipulações dos símbolos dos Odus, e estes modelos baseiam-se nos quatro dias da criação. A saber:

Você pode usar apenas um símbolo de um Odù, assim este odù se chamará Mení – que significa Único (exemplo baseado no símbolo de Èjìogbè Mení):



Apenas um padrão.

Sobre apenas um nível de ação.







Quando rituais são feitos utilizando o símbolo de um odù apenas uma vez, este nível de magia relaciona-se ao primeiro dia da criação e, portanto lida diretamente com a força de Deus através de seus vinte e dois nomes, mas torna-se ineficiente se você quiser apenas resultados materiais, este tipo de uso é apenas indicado para questões puramente espirituais. Por isso os perfis da magia dos odus em ação mení (de apenas uma coluna), ligam-se diretamente e somente aos nomes de Deus na cultura yorùbá:

Oba Àirí (Rei Invisível) – Ìwá Mení.

Olójó Òní (Senhor do dia de hoje) – Àbá Mení.

Atẹ́rẹ́rekâiyé (Aquele que cobre o mundo inteiro) – Àsẹ Mení

Olódùmarè (Aquele que é Superior, Permanente e Imutável) – Ofú Mení

Oba tí dandan rè kì í sélè (Rei cuja ordem não é inválida) – Osa Mení

Oba adá èdá (Rei que cria toda a existência) - Èjiogbè Mení

Oba Àwámáridií (Rei que não pode ser localizado) – Òyèkú Mení

Olóòrun Aláànú (Deus misericordioso) – Ìwòrì Mení

Oba Mímó (Rei puro) - Òdí Mení

Òyígíyigì Òkúta Àikú (Poderosa pedra imutável que nunca morre) – Òbàrà Mení

Olóòrun Alágbára (Senhor do firmamento todo poderoso) – Ìrosún Mení

Oba Aríinúnróòde (Rei que vê e revela o que é oculto) – Okanran Mení

Olùbùkún (Aquele que abençoa e acrescenta) – Òwónrin Mení

Òga ògo (Mestre da glória) – Ogúndá Mení

Ògbìgbà tí ṣogbá alàìrá (Salvador que auxilia aos desvalidos) – Òsá Mení

Oba tí kò l'érè (Rei que não é desonrado) - Ìrètè Mení

Olùgbàlà (Salvador) - Òtúrá Mení

Oba Adákédájó (Rei que senta em silêncio e aplica a justiça) - Òtúurupòn.

Olùmònokàn (Aquele que conhece os corações) – Ìká Mení

Alè wílèṣe (Aquele que põe e dispõe conforme o seu desejo) – Òṣé Mení

Olùpèsè (Aquele que abastece e fornece provisões) – Òfun Mení

Oba a sè kan má kù (Rei cujas obras são perfeitas) - Òṣéòtúrá

Exemplos de marcas de odù:

1) Se apenas uma marca estiver, seu alcance é somente para planos espirituais, por isso não é muito aconselhável sua utilização para fins materiais.

2) Se o odù tiver sua marca duas vezes inscrita, seu efeito é específico sobre o plano mental, influenciará o Orí (a cabeça) das pessoas e somente isso. É claro que nas mãos certas, nenhum tipo de conhecimento é vulgar, ou pequeno.

3) Se o odù tiver três vezes sua marca repetida, ele será um Odù Méta. Desta forma influenciará apenas o plano emocional de uma pessoa. Este é o padrão ideal para proporcionar a projeção astral, ou mesmo, para qualquer tipo de magia relacionada a influenciar as emoções de alguém.

4) Se o Odù tiver por quatro vezes repetidas sua marca ele será um Odù Mérin. E desta forma, poderá influenciar plenamente todas as questões físico – materiais.

Exemplo do marca do ODÙ ÈJÌOGBÈ MENÍ (apenas uma coluna)

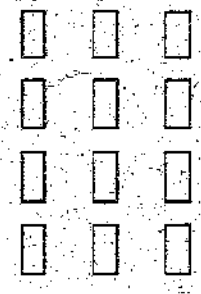


Exemplo do marca do ODÙ ÈJÌOGBÈ MEJÍ (duas colunas):



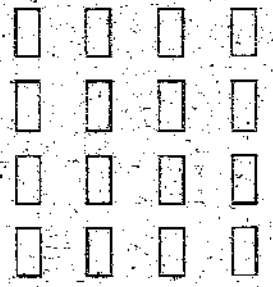
Os odus quando utilizados em apenas duas colunas, afetam o plano das idéias, o nível mental das pessoas – o que significa dizer que trabalha puramente sobre questões de Orí. Dessa forma pode até influenciar, mais ainda não é o mais apropriado para rituais com objetivos puramente materiais.

Exemplo do marca do ODÙ ÈJÌOGBÈ MẸ́TA (Três colunas):



Os odus quando escritos em três colunas , chamam-se Odus MẸ́TA.

Exemplo do marca do ODÙ ÈJÌOGBÈ MẸ́RIN (Quatro colunas):



Técnica ideal para a utilização da magia dos odus realizarem objetivos materiais.

Assim como existem vinte e duas forças neste tipo de magia, podemos então perceber, que as possibilidades básicas deste estilo podem chegar ao seguinte volume de informações e poderes:

22 odus de 1 coluna = 22 forças (influência no plano espiritual)
22 odus de duas colunas multiplicado por 22 (os puros e suas combinações) = 484 possibilidades básicas de magias a serem feitas no plano mental.

484 magias básicas de plano mental, que quando multiplicadas por 22 produzem 10.648 tipos de magias básicas para o plano emocional.

10.648 magias de plano astral (com três colunas) multiplicadas por 22, produzem 234.256 magias básicas para finalidades puramente materiais. E este é só o calculo básico, porque já tive a oportunidade de lidar com Odus de até dezessete colunas (é claro que foram para finalidades muito especiais). Aí eu nem vou fazer "a conta". Porque não é questão matemática, mas sim de conhecimento das funções dos odus. Aí o número, ou a quantidade não importa.

O que sempre interessa na verdade, É QUE FUNCIONE!

A chamada "Política de Resultados".

O JOGO DO OBÌ E DO ORÓGBÓ OU COMO ESTABELECER COMUNICAÇÃO COM ÌYÁMI ÒṢÒRÒNGÁ

A técnica aqui ensinada é a verdadeira e mais completa ação já ensinada em livros, sobre o mais sagrado dos instrumentos de Ifá: O jogo do Obi e do Orógbó.

Exemplos de Oráculos Yorùbá:

Tradicionalmente nada se fazia na sociedade Yorùbá sem antes consultar o Oráculo de Ifá. Habitualmente consulta-se Ifá antes de contrair matrimônio e para tirar dúvidas a respeito de quaisquer negócios.

A importância de Ifá

Quando nasce uma criança faz-se o jogo para saber o que ela traz consigo, e até seu nome é escolhido por Ifá, bem como sua comida.

Se ao dormir alguém sonhar com algo que o incomoda, a maneira de tranquilizar-se é perguntar a Ifá.

Ifá não tem uma data fixa para suas festividades, ele mesmo escolhe seu dia.

Usa-se em suas oferendas mariô, ratos, peixes, cabras, igbin (caracol), galinhas, inhames, obis, etc.

1. Agbigba ou Òpèlè

Na história, Òpèlè era um dos mensageiros de Orúnmilà quando algo acontecia dentro da cidade. Fatos gerais que afetavam a todos, e às vezes as pessoas o procuravam antes de procurar Ifá e este falava através dele. Quando Olódùmarè foi embora da Terra, o deixou com uma das maneiras de consultá-lo, o Òpèlè- Ifá.

2. Obí

Algumas pessoas recorrem ao obí para consultar Ifá. A semente utilizada para tal deve possuir quatro partes, duas machos e duas fêmeas. Cada caída tem um significado, e quem sabe ver através deste, já obtém a resposta a cada jogada, como é feito no Ifá.

3. Ilè - Terra

É outra forma de adivinhacão, porém pouco conhecida, mas é uma opção forte e real, pois é sobre a terra que se faz tudo na vida, é onde se constrói uma casa, assassina-se alguém, pratica-se a bondade e a maldade. Nada é feito no mundo que não seja sobre a terra.
O jogo de Ilè parece-se com o de Iyèrósun - pó amarelo dedicado a Ifá - mas não é o mesmo, os produtos usados em outros Ifá podem ser os mesmos para este, porém ele não aceita sangue em seu ritual.

4. Ifá Ol'òkun

No Brasil existem muitas pessoas que utilizam esse tipo de Ifá, é o chamado jogo de búzios. Na África a maioria das

pessoas que jogam búzios são mulheres.
Em cidades como Osobo, Oyo, Ògbomóso, existem muitos que praticam esse tipo de advinhação, como também em Ijebu, Abeokutá, Òwò e Ekiti.
Este é um Ifá forte, pois em algumas regiões Ol'òkun é esposa de Òrúnmilà (em outras é um Òrisà masculino) e lhe são atribuídos os mesmos nomes que a ele.

5. Wo - mi - péé

Este tipo de divinação só é utilizado por algumas pessoas que possuem uma força extraordinária, podendo ver o futuro e o passado do consulente. O sacerdote deste tipo de Ifá faz rituais nos próprios olhos, mas o problema é que ele não pode ter medo de nada, pois algumas entidades são vistas, não podendo o sacerdote temê-las.

Utiliza-se um espelho mágico (Awòjìjì t'oògùn).

6. Ol'òkun Àwo

Este tipo de Ifá é feito dentro de uma louça branca e limpa e junto dele cultua-se uma mulher vestida com panos pretos, auxiliando o sacerdote.

O que são os Odù de Ifá:

Odù são entidades objetivas que personificam, de forma antropomórfica as energias dos elementos nas figuras geomânticas de Ifá. Cada um dos 65.536 Odù (16 x 16, x 16, x 16) corresponde a uma egrégora específica de poder incomensurável e extremamente ativa, pois em todo o mundo, existem pessoas que os cultuam dioturnamente, desta forma então fortalecendo-os, e cada vez mais ampliando sua

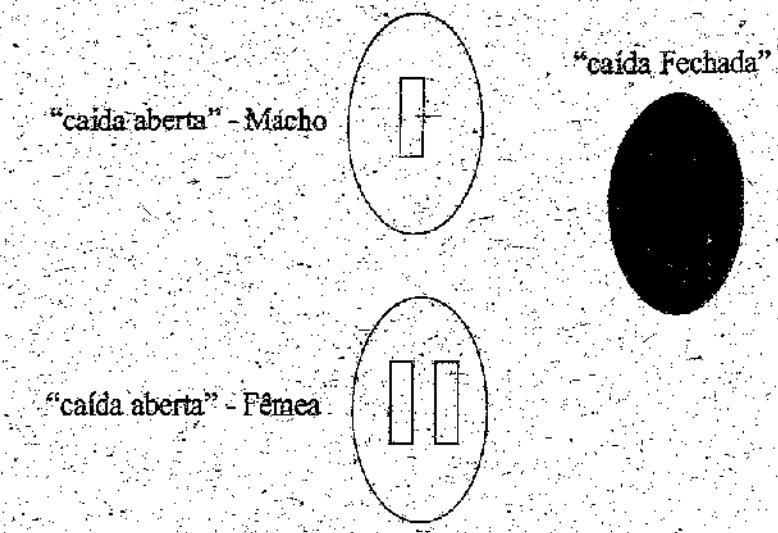
envergadura de poder.

Estes Odù podem influenciar qualquer coisa e controla absolutamente qualquer situação, e em qualquer nível. No aspecto pessoal, estes odù são registros das energias envolvidas em determinados momentos, ou ciclos de tempos, relacionados ao desenrolar de inúmeras coisas, sendo que particularmente do destino e da sorte. Os Odù são considerados como forças perigosas de manipulação, pois o conceito de melhoria de sorte ou de destino, está diretamente relacionado à energia do Òrìsà Ikú (O Orixá da Morte).

Técnica do Jogo de Obì ou Orógbô:

Informações Básicas:

Abrem-se dois orógbó partindo-os ao meio em sentido longitudinal, não sem antes tirar as respectivas pontas dos mesmos. Desta forma teremos 4 pedaços de Orógbó cada um com uma parte convexa e uma côncava. Faça um pequeno corte na parte conxeva de cada pedaço de orógbó da seguinte forma: Em dois pedaços faça um traço vertical (marca de Ofú), nos outros dois pedaços restantes faça dois traços verticais (marca de Osa). Sempre que uma das partes com traços caírem para cima consideraremos como "caída aberta" e sempre que as partes caírem com as marcas escondidas, consideraremos como "caída fechada". Como leitura de Odus, as partes de "caída abertas" serão lidas como símbolos Ofú e as de "caída fechadas" como símbolo Osa. Vejamos os exemplos (aqui uma imagem vale mais do que mil palavras).

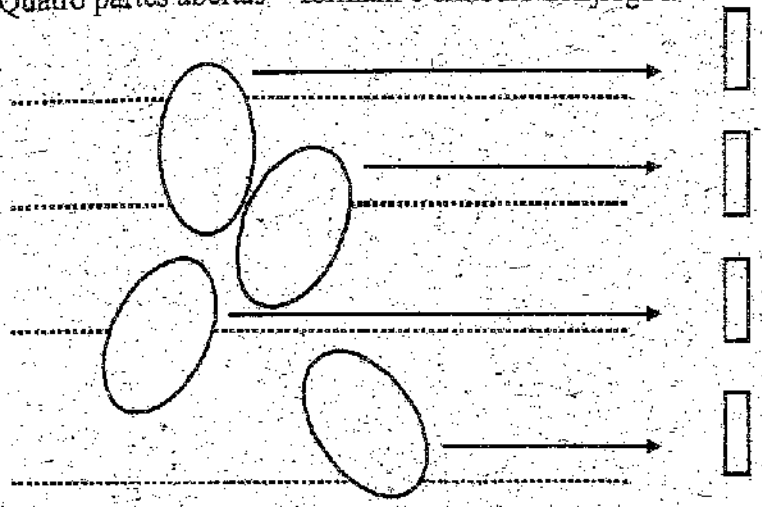


As caídas abertas, sempre representarão na leitura dos odus o símbolo Ofú e as caídas fechadas sempre representarão o símbolo Osa. Apenas nas caídas abertas faremos a leitura das partes macho (um traço) e fêmea (dois traços). Pois na caída fechada não estará exposta tal marca.

Método de leitura:

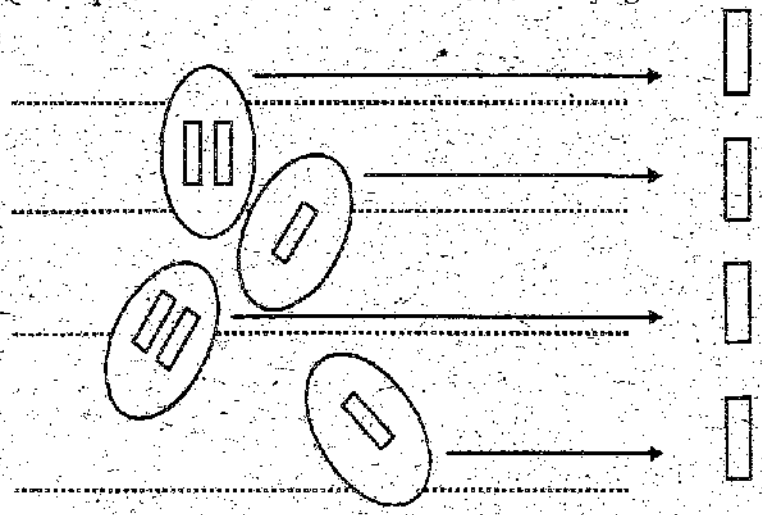
Quando jogarmos os pedaços do obi ou do orógbô, primeiramente veremos a quantidade de pedaços que caíram abertos e fechados. Devemos olha-los como se existissem quatro linhas imaginárias, para vermos quais pedaços estão um pouco acima ou abaixo de outro e assim visualizarmos a marco do Odù.

Quatro partes abertas – formam o símbolo de Èjìogbè



Como no símbolo deste odù todas as partes do obí ou do orógbô obrigatoriamente cairão abertas, então teremos sempre neste caso, a exposição de duas marcas fêmeas e duas marcas machos:

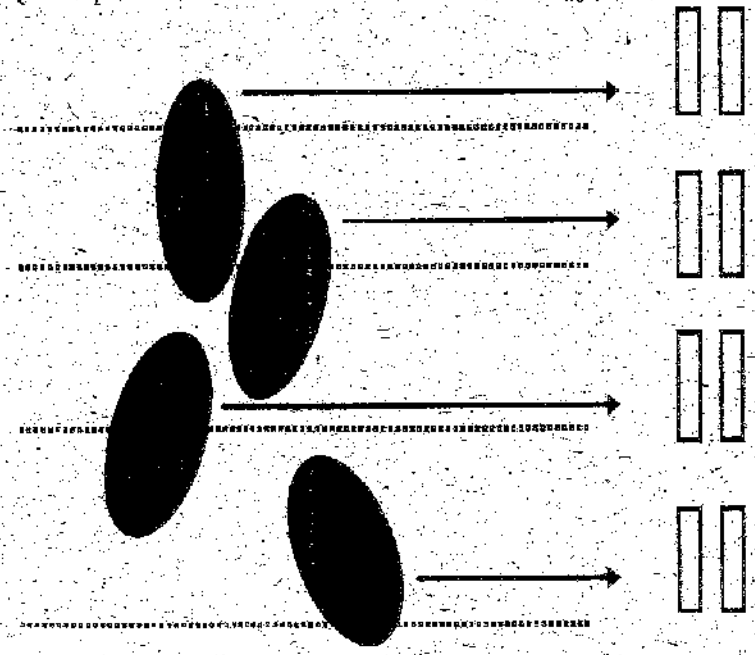
Quatro partes abertas – formam o símbolo de Èjìogbè



Exemplo no Odù Òyẹ̀kù

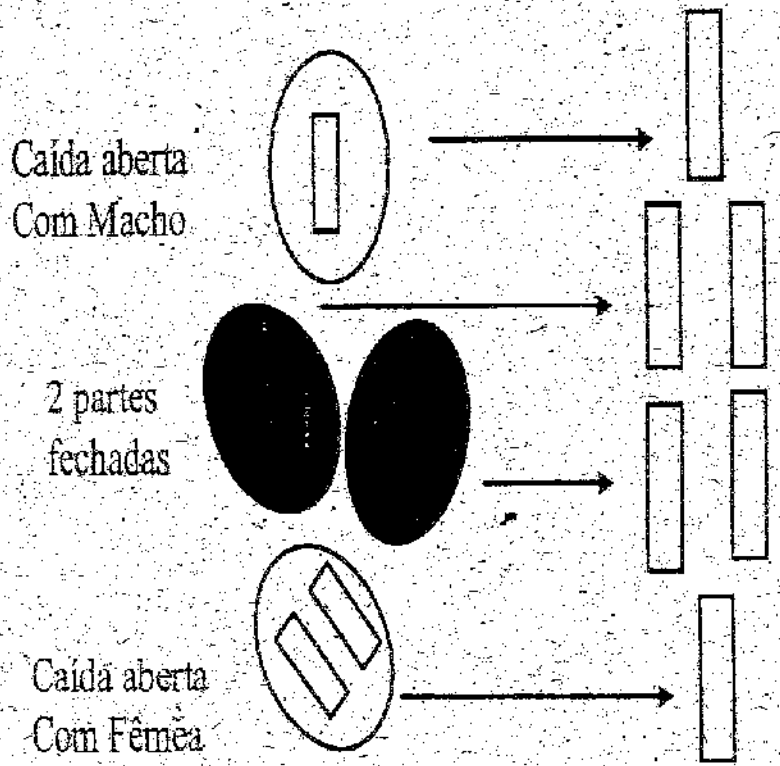
Como neste odù todas as partes do obí ou do orógbô, obrigatoriamente teriam que cair fechadas, não pose existir a leitura dos símbolos macho e fêmea:

Quatro partes fechadas – formam o símbolo de Òyẹ̀kù

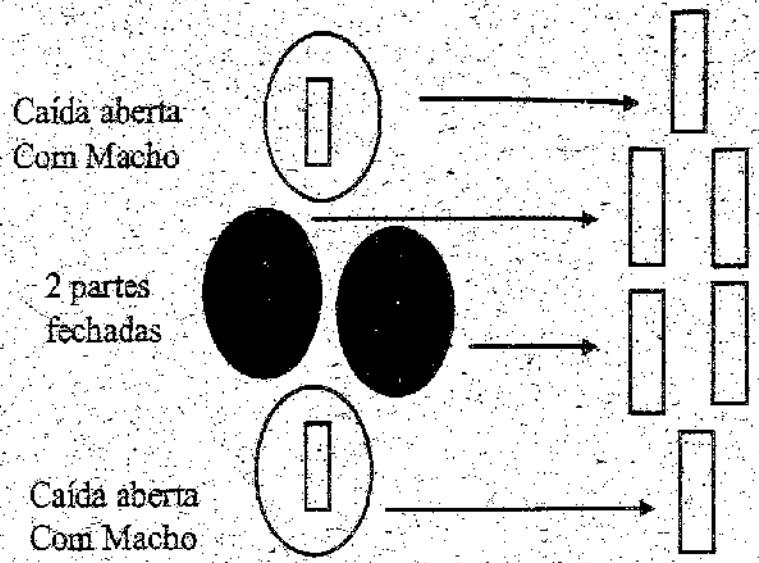


Vejamos agora três exemplos, sobre o símbolo do Odù òdí, em três leituras de macho e fêmea diferentes – (1) Òdí com um macho e uma fêmea, 2) Òdí com dois Machos e 3) Òdí com duas fêmeas:

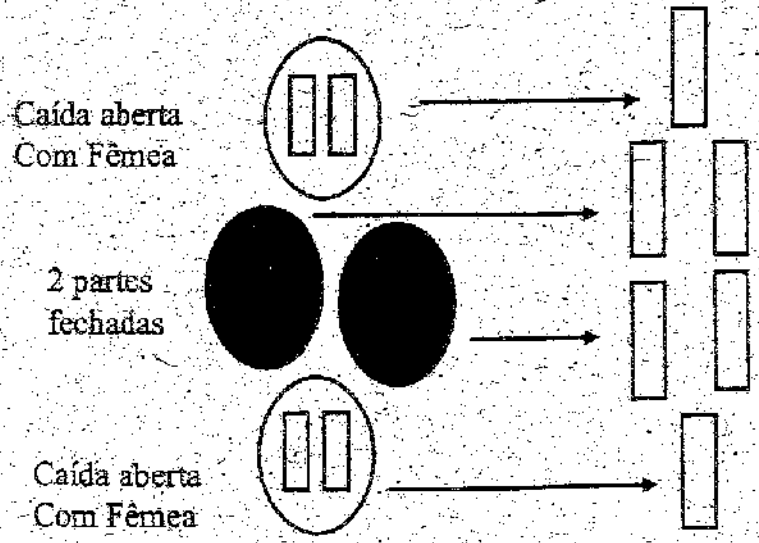
Leitura de Odù: Òdí com um macho e uma fêmea.



Leitura de Odù: Òdí com dois machos

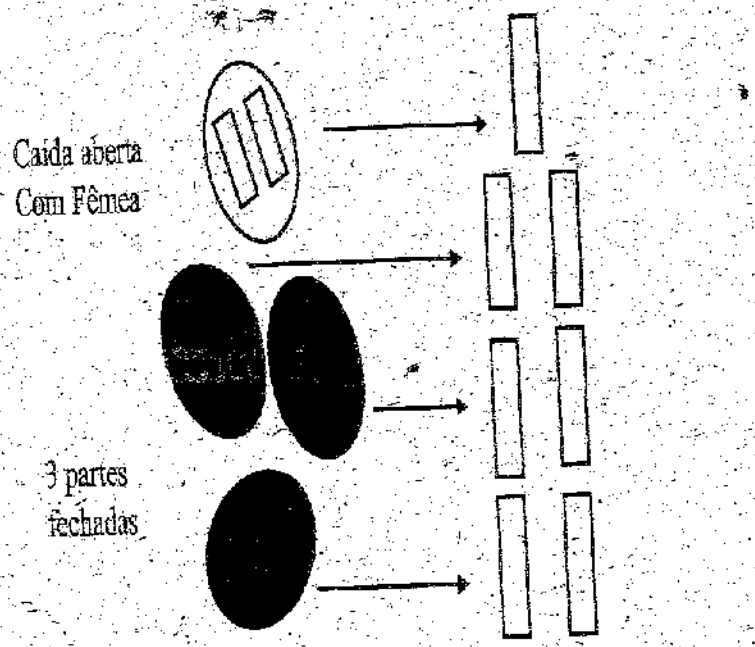


Leitura de Odù: Òdí com duas fêmeas.



Mais um exemplo, agora no Odù Òbàrà com marca fêmea (como este odù em sua representação de caídas abertas e fechadas, só possui uma caída aberta e tem que ser sempre a primeira de cima para baixo, teríamos portanto esta configuração durante a consulta ao oráculo:

Leitura de Odù: Òbàrà com uma marca fêmea , em sua "caída aberta" - poderoso símbolo de atração de riquezas.



Para comunicarmo-nos com as Àjé devemos fazer um círculo de osùn e molhar a terra de seu interior (está será nossa área oracular). Através das caídas do obí ou do orógbô identificaremos cada um dos odù de Ifá, da seguinte forma:

Nomes das "caídas" do jogo de Orógbó:

1. Orógbó ìdáméji : duas partes convexas para cima (duas abertas e duas fechadas)

Com este tipo de posicionamento, os orógbôs podem representar os signos gráficos dos seguintes odù:

Ìwòrì, Òdí, Òsé, Òfún, Ìrosùn e Òwónrín

(Veja ilustração sobre os signos gráficos dos 16 odù de Ifá)

2. Orógbó ìdáata : 3 partes convexas para cima

Com este tipo de posicionamento, os orógbôs podem representar os signos gráficos dos seguintes odù:

Òtúrá, Ògúndá, Ìretè e Òsá

3. Orógbó ìdáarin (àláfià) : todas as partes convexas para cima

Com este tipo de posicionamento, os orógbôs representam o signo gráfico do seguinte odù:

Èjìogbè

4. Orógbó kọn : uma parte convexa para cima
Com este tipo de posicionamento, os orobôs podem representar o signo gráfico dos seguintes odù:

Ọbàrà, Ọkànràn, Ọ̀túúrúpọ̀n e Ìká

5. Orógbó ṣókùnkùn: nenhuma parte convexa para cima

Com este tipo de posicionamento, os orobôs podem representar o signo gráfico do seguinte odù:

Ọ̀yẹ̀kú

A leituras destas "caídas" com os significados dos traços masculinos e femininos:

1) Quando 1 orógbô Macho (ofú), está aberto, significa triunfo ou saúde. O nome desta leitura é: Ilera.

2) Quando 1 orógbô Fêmea (osa), está aberto, significa riqueza, prosperidade, dinheiro e bens materiais. O nome desta leitura é: Aje.

3) Quando 1 orógbô masculino está aberto conjuntamente com 1 orógbô feminino, significa amizade. O nome desta leitura é: Ejire.

4) Quando 2 orógbôs masculinos estão abertos juntos, significam desentendimento, dificuldade e violência. O nome desta leitura é: Ako-oran.

5) Quando 2 orógbôs femininos estão abertos, significam: tranquilidade e suavidade. O nome desta leitura é: Erò.

6) Quando os 4 orógbôs estão abertos significa felicidade e bem-estar. O nome desta leitura é: Ofin ou Alafia e equivale ao odù Èjìogbè.

7) Quando 2 orógbôs masculinos e um feminino estão abertos, significa sucesso após muita dificuldade. O nome desta leitura é: Akiata.

8) Quando 2 orógbôs femininos e um masculino estão abertos significa que não existe discussão ou impossibilidades sobre o que perguntamos. O nome desta leitura é: Obita.

9) Quando os 4 pedaços de orógbô caem amontoados uns sobre os outros, como em uma pilha, pode ter um significado negativo, ou no caso de uma confirmação de uma leitura anterior, vem a significar uma exaltação de um sinal predominante, o qual pode ser qualquer um dos 9 citados acima.

Possibilidades de combinações e seus significados:

Este tipo de raciocínio pode ser muitas vezes ampliado e assim chegar a um grau de complexidade muito grande, por isso este tipo de oráculo é considerado como o melhor dentro da magia yorùbá, pela sua simplicidade material e acompanhada de uma profunda abordagem intelectual e sensitiva. Apenas como exemplo, pois não é minha intenção transmitir plenamente os conhecimentos de Ifá neste livro, já que ele é

A técnica da comunicação oracular:

Para aplicarmos esta técnica precisaremos dos seguintes materiais:

1. Um Obí ou um Orógbô.
2. Duas pequenas pedrinhas, uma preta e a outra branca.

E só!

Vejamos um exemplo bem prático:

Vamos imaginar que você deseja conversar com uma das Àjé citadas neste livro, por exemplo, a Àjé Ìyá Abìrùsọ ro. Primeiramente você poderia escolher uma das várias oferendas ensinadas neste livro e assim como um "simpático cartão de visitas" agradá-la para que ela se dispusesse a estabelecer contato com você. Neste caso você deveria acrescentar a oferenda um obí ou um orógbô, para que depois de oferecê-lo, seja com os textos de vocação também ensinados aqui, ou simplesmente como a sua "boa e velha língua natal" (na medida de que o que realmente importa, são os seus reais sentimentos ao pronunciar suas intenções – pois os seres espirituais falam a língua dos sentimentos e dos símbolos, e não a língua dos homens), você pudesse utilizá-lo como instrumento de comunicação entre você e a Àjé. Imaginando que após você realizar a oferenda (o que seria na verdade, um pedido de contato), você pegasse em suas mãos as duas pequenas pedras e assim você falasse:

"- Ìyá Abìrùsọ ro, eu estou te chamando para que você venha conversar comigo, eu te chamo para que eu possa aprender. Com estas duas pedras em minhas

mãos e com este orógbô que lhe ofereço, venha me ensinar os segredos e as verdades, para as minhas perguntas, você tem a luz e sombra, que quando você queira me dizer um sim, que o orógbô me aponte a pedra branca e da mesma forma, quando você quizer me dizer um não, que o orobô me aponte a pedra preta".

Após pronunciar estas palavras, então você deveria pegar as duas pedras e balançá-las em suas mão, para que "ao acaso", você pudesse colocar em cada uma de suas mão uma pedra diferente. Após isso, você deve colocar a sua frente diretamente no chão, em cada lado uma pedra, com você ao centro. Supondo que na mão direita ficou a pedra preta, você deve colocar do seu lado direito esta pedra, e da mesma forma com a pedra branca, colocando-a ao seu lado, do lado em que ficou na mão. Assim você definiu a linguagem oracular e mais ainda, agora você e ela sabem que se ela quiser te responder um sim, o orógbô vai apontar a pedra branca (independente do lado esquerdo ou direito em que ela ficou) e assim com a pedra preta. Agora você deve jogar o orobô uma única vez para cada pedra, e de acordo com o odù que aparecer em relação a cada pedra você terá a resposta. Mas vamos a um exemplo melhor:

Sua pergunta: " - Ìyá Abìrùsọ ro, a oferenda foi bem aceita?"

Você tem a pedra branca ao seu lado direito simbolizando sim e a pedra preta ao seu lado esquerdo simbolizando não. Assim você joga uma vez para cada pedra.

- Para a pedra direta, o orógbô "respondeu" com o odù Òbàrà com uma Fêmea aberta.

Para a pedra esquerda, o jogo respondeu o odù Ọkanran com um Macho aberto.

Basta agora você ver à tabela abaixo e descobrir qual é o odù "mais velho", ou seja, o que nasceu antes.

Tabela de ordem de "nascimento dos Odùs":

1. Èjiogbè
2. Ọ̀yẹ̀kú
3. Ìwòrì
4. Òdí
5. Ọ̀bàrà
6. Ọ̀kànràn
7. Ìrosùn
8. Ọ̀wọ́nrín
9. Ọ̀gúndá
10. Ọ̀sá
11. Ìrẹ̀tẹ̀
12. Ọ̀túrá
13. Ọ̀túrúpọ̀n
14. Ìká
15. Ọ̀sẹ̀
16. Ọ̀fún

Este símbolo que é conhecido como "Ordem de Ifá", representa a ordem de chegada dos Odus, quando vieram do "céu para a terra", ou seja, é na verdade uma representação numérica da forma como foi criado o universo e os graus de importância entre os vários Odus sobre si mesmos pela visão da cidade de Ile Ifé.

Assim por Ọbàrà ser o quinto odù a nascer e Ọkanran o sexto, isso significa que Ọbàrà é mais velho que Ọkanran, pois possui a quinta posição de nascimento e Ọkanran a sexta. Assim, a resposta que Ìyá Abìrùsọ ro está lhe dizendo é a seguinte:

"- SIM, aceitei a oferenda".
(Ọbàrà neste exemplo "caiu" para a pedra branca, a pedra do "sim")

"- Não apenas aceitei, como lhe darei prosperidade, através da força capaz de atrair riquezas e boa sorte".
(Ọbàrà, neste exemplo "caiu" no jogo com a caída aberta em Fêmea)

Esta é a primeira parte da resposta, pois devemos agora analisar o "lado sombra" desta mesma resposta (o odù que caiu na pedra preta) o qual apesar de ter "perdido na disputa pela ordem de nascimento", também deve ser interpretado, pois este lado sombra, nos orienta sobre os cuidados que devemos ter para que a parte positiva possa fluir perfeitamente.

No nosso exemplo, o "lado sombra" da resposta foi o odù Ọkanran com a "caída aberta" Macho. Com esta informação, assim continuaria Ìyá Abìrùsọ ro a falar:

"-Entretanto, para que estas boas coisas possam ser realizadas, você também deve assumir sua parcela de responsabilidade e trabalho. Tome cuidados relacionados a aventuras sexuais ou até a relações de uma forma em geral *(O odù Ọkanran rege a relação sexual)*, pois está certo uma briga e intensa disputa relacionada a alguém que você se relaciona, e isso pode afetar sua saúde *(quando 1 orógbó Macho (ofú)*,

*está aberto, significa triunfo ou saúde. O nome desta leitura é: Ifera)*nesta disputa você está destinado a ter triunfo, mas mesmo assim se você puder, é melhor evitá-la, pois senão desta maneira, você perderá um precioso tempo, no qual poderia estar aproveitando a riqueza que já lhe é sua!".

Desta forma através de resposta sim e não você pode perguntar e obter respostas, no mínimo com todos os seres citados neste livro. Para um melhor estudo, você deve estudar os significados e funcões dos Odùs citados neste capítulo, os quais apesar da forma resumida, são muito importantes, pois nisto está uma informação de grande qualidade qualidade, pois é a informação que realmente funciona. Sem "firulas e encheção de linguiça". Estude também, o significado das caidas Macho e Fêmea, e assim com a prática você conquistará ótimos resultados fazendo como eu já faco há muito tempo, aprenderá diretamente da fonte.

Como estes conhecimentos oraculares são típicos da tradição do Ifá, acrescento agora algumas informações sobre a tradição antiga a nível social do Ifá Yorùbá. Lembrando, porém, que hoje, em pleno século 21, este mesmo sistema de organização, com seus ranços e preconceitos seculares, torna-se absolutamente obsoleto.

A antiga organização social do Ifá

A origem dos Divinadores de Ifá, se liga ao mito da fundação do estado Yorùbá, quando da chegada de ÒRÚNMÍLÀ juntamente com ODÙDUWÁ. Esta fundação foi baseada na cidade de Ilè Ifé, sendo os "descendentes" de Orùnmìlà os dezesseis Bàbálawós do Rei (Oni) de Ifé.

Estes sacerdotes eram chamados de AWONI (AWO + ONI = Segredos do Rei), este tipo de instituição parece restrita a cidade de Ilè Ifé e ao Oni (Rei) desta região. Certamente outros Oni, também possuem seus Bàbálawòs, mas em nenhuma outra localidade foi detectada complexidade de organização e conhecimentos no mesmo nível. Os Awoni estão situados acima de todos os outros sacerdotes de Ifá, sendo todos os demais, não importando a região do continente e muito menos a nacionalidade, sacerdotes que nas palavras de um Awoni "NÃO CONTAM EM NADA", pouco importando o quanto de Ifá possam conhecer ou quão peritos e competentes sejam em divinação ou magias.

Para se tornar um AWONI, algumas condições eram imprescindíveis:

1) Era estritamente necessário que o candidato a AWONI fosse nativo de Ilè Ifé

2) Também era fundamental que o candidato fosse OLÓDÙ (ou seja, possuisse um Igbá Odù).

3) Estes candidatos tinham que haver nascido em uma das 16 famílias tradicionais, consideradas como fundadoras de Ilè Ifé.

Por isso independente da habilidade do Sacerdote de Ifá, se ele não cumprisse estas exigências, ele seria considerado um ELU, o que significa: "Estrangeiro em Ifé".

Os Awoni possuiam títulos específicos, listados abaixo segundo a ordem conhecida em 1937.

1) ARABA: "Pai das árvores", Awoni-chefe.

2) AGBONBON: "Aquele que vem primeiro", nome do primeiro filho de Òrúnmílà.

3) AGESINYOWA: "Pessoa rica o suficiente para possuir um cavalo".

4) ASEDA: "Aquele que faz criaturas" ou "Aquele que cria gente no céu".

5) AKODA: "Portador de espada" mas foi interpretado como uma corruptela de AKODE, significando "o que chega primeiro", por ser este Awoni que chama os demais para o festival anual e, conseguinte os precede.

6) AMOSUN: "O que toma Osun", referindo-se a lança de ferro (Osun, orere) como também ao pó vermelho, Osun.

7) AFEDIGBA: "Senhor do Edigba", se referindo as contas que no Brasil são conhecidas como Ladigbá, contas estas que todo Awoni possui. Este Awoni arrumaria os Edigba do Araba, enquanto este dança na festa anual em louvor à Òrúnmílà.

8) ADIFOLU: "O que divina todos os gêneros de Ifá", misturando-os todos, enquanto na prática ele procede à divinação tal qual os outros.

9) OBAKIN: "Rei Okin", se referindo a um pássaro branco (Okin), a garça- real, a qual no Egito era

associada ao mito da ave-fênix, pássaro BENU. As penas deste pássaro, sempre foram altamente valorizadas por serem usadas nas coroas dos Reis Yorùbá.

10) OLORI IHAREFA: "O cabeça dos Iharefa", chefe dos funcionários encarregados de Ifá no palácio real. Embora eles próprios não pratiquem divinação, conhecem muito a respeito, frequentemente mais que muitos Awoni.

11) LODAGBA: "Camareiro", aquele que serve comida e bebida para os outros Awoni, tomando conta de tudo o que não foi consumido.

12) JOLOFINPE: "O que deixa o Rei permanecer no poder", a função deste Awoni é cuidar do Rei quando está doente.

13) MEGBON: "Não sou sábio", este título se refere ao fato de o primeiro ocupante do cargo, haver sido respeitado mais por sua posição social, do que propriamente por sua sabedoria.

14) TEDIMOLE: "O que comprime o peito contra o chão", este título lhe era dado, pois nos tempos mais antigos, o sacerdote que ocupava este cargo, jamais poderia deixar sozinho o sacrário de Ifá, ou seja, este Awoni passava toda a sua vida a partir do momento em que ocupasse a função de Awoni ao lado do "assentamento" de Òrúnmílà.

15) ERINMI: "Elefante-dágua", hipopótamo, se refere a uma divindade fun-fun, responsável pela abundância

segredos"; mas esta não era uma categoria, era antes uma espécie de elogio, uma dignificação ou forma de reconhecimento por suas habilidades ritualísticas.

O quarto e maior grau entre os Bàbálawòs era privativo da cidade de Ilé – Ifé, e eram chamados AWONI.

CAPÍTULO 4

ÈDÈ-EYẸ (A linguagem dos Pássaros)

"...Sábio será aquele que em tudo vislumbrar a sua própria face, este reinará entre os fortes e esmagará os fracos..."

Autor Anônimo

"...Falo a língua dos loucos, porque não conheço a mórbida coerência dos lúcidos..."
Luiz Fernando Veríssimo

"...Quanto mais as palavras têm um sentido oculto, mais são apreciadas pelos seus conhecedores. Os melhores jogos de palavras são aqueles cantados na presença da pessoa a quem aludem, sem que ela os perceba...".

- *Gilbert Rouget, escrevendo sobre a magia dos Ofò entre os Yorùbá.*

A "linguagem dos pássaros" ou "linguagem secreta", é uma das reminiscências do xamanismo arcaico na magia prática de Ìyámi. O próprio idioma Yorùbá, possui em sua "musicalidade", muito destas antigas técnicas evocatórias. Tanto o idioma Yorùbá, quanto a linguagem mítica dos pássaros utilizada na magia prática de Ìyámi, possui características da música modal aplicada aos 3 corpos que constituem o ser humano, a saber: o corpo físico, o corpo astral e o corpo mental. Na medida em que este idioma, possui três tons simples (e mais dois compostos) em sua entonação, cada um deles como que vibra em determinada faixa de

energia. Um outro conceito importantíssimo aqui, é o conceito de Emí (respiração), sendo considerada uma das 4 almas do ser humano, utilizar-se do Èdè-eyẹ é usar as ferramentas mais sagradas da tradição Yorùbá: A Alma Emí (respiração e fonte da vida, ligada ao elemento Ar e base de todos os encantamentos - Òfò), acrescentado à musicalidade dos pássaros, que é representada na língua Yorùbá principalmente através de seus 3 tons simples, que na grafia é assim demonstrado:

Acento grave = Tom Baixo – corpo físico
Sem acento = Tom médio – corpo Astral
Acento agudo = Tom alto – corpo mental.

Vejamos um exemplo:

Nesta questão em particular sobre o idioma Yorùbá, não posso deixar de agradecer aqui, ao meu amigo e grande "fera" em Yorùbá, que é o Sr. Amẹ̀yin Gbọ́mọ Ekùn - Bàbálòrìṣà Luiz de Ògún. O qual muito me ensinou sobre o Yorùbá, e que é sem dúvida nenhuma, uma das melhores "cabeças pensantes" do culto aos orixás no Brasil. O exemplo citado abaixo sobre as palavras Ògún, Ogún e etc, são retirados diretamente de sua apostila sobre o Èdè Yorùbá (a qual recomendo), sendo que as abordagens relacionadas aos planos físico, astral e mental são de minha concepção. (Valeu Xará!).

"... A Palavra Ògún (Orixá da guerra, do ferro e da agricultura) = musicalidade de um tom grave (Ò) para um tom alto (gún), ou seja, produz um fluxo energético que se origina no plano físico e afeta ao plano Mental (de um som - elemento acústico, para um pensamento).

A palavra Ogún (Herança) musicalidade de um tom médio (O), para um tom alto (gún), produz um fluxo energético que começa no plano astral e afeta o plano mental (de um sentimento para um pensamento).

A palavra Ogun (Guerra), toda em tom médio, começa e produz vibrações exclusivamente sobre o plano astral (completamente baseado sobre um sentimento, o que a própria palavra guerra, já nos sugere).

A palavra Oogùn (transpirar), do tom médio (Oo) para o tom grave (gùn), começa no plano astral e afeta diretamente o plano físico (do som para o pensamento).

A palavra Oogún (numeral 20), do tom médio (Oo), para o tom agudo (gún), começa no plano astral e afeta o plano Mental (de um sentimento para um pensamento).

Nos encantamentos (Òfò) mais comuns da tradição Yorùbá, o texto sempre possui um significado, vejamos um exemplo:

-"Ewé tótó ló ní ki ara mi ó máa dán", que significa:- "A folha de tótó (Marantochloa Leucantha, Marantaceae) manda que o meu corpo seja macio". Este encantamento é voltado a imantar a folha da propriedade de tratar tensão no corpo. Daí que o texto não apenas expressa a finalidade da utilização ritualística de um determinado material, como também teria a capacidade de despertar os "poderes ocultos" deste mesmo material. Para que isto possa acontecer, aquele que pronuncia o Òfò deve tomar algumas precauções: - Utilizar-se de Ataare (pimenta-da-costa), material que é utilizado na totalidade dos rituais e sacrifícios, algumas vezes acompanhada de obi, dandá ou orógbó, pois se acredita que a ataare, ao ter a

da-costa verdadeiro e argila vermelha misturada com pequenas folhas de erva tostão. Durante todo o ritual cante a cantiga ritual do fogo e cantigas de Xangô. Coloque em sua porta de entrada pedindo a Xangô toda proteção para sua casa. Se quiser pode levar sempre com você este machado(na bolsa ou em outro qualquer lugar.

Magia da Água para atrair uma pessoa amada:

Faça uma sopa bem forte de cascas de canela e folhas ou casca) de cerejeira e separe sete copos. Pegue sete cabeças de peixe de escamas e faça desta sopa, um bom pirão com aveia, "temperando-o" com bastante limalhas de ferro. Escreva o nome da pessoa com um lápis, em um pedaço grande de imã e coloque-o dentro do pirão. Ofereça o pirão ao centro dos sete copos,para òrí da pessoa, declarando suas intenções.

Magia do Ar para passar em provas e concursos:

Torre zimbro, flores e folhas de rosas e cascas de avelãs misturando-os com Iyérossím. Misture o pó em sabão da costa verdadeiro (ose dudu) e tome banho da cabeça aos pés sempre que for estudar.

Magia da Terra para ganhar dinheiro:

Prosperidade material é o principal atributo dos rituais do elemento terra, desta forma é importante que você selecione os seguintes materiais:

Folhas de alfavaca, peregun e de mamona
Um abacaxi

Bastante Òsun
Quarenta Búzios
Dez raízes de açafrão
Quatro orógbós
Bastante folhas, com raízes, de salsa
Folhas de sálvia.

Pegue estes materiais (menos o abacaxi) e passe ao redor do corpo. Cave um buraco aos pés de uma árvore frondosa e enterre (sem se esquecer de molhar a terra, para fertiliza-la). Por cima, corte o abacaxi em dez pedaços (sem os espinhos) e ofereça-o a terra, como símbolo de pedido de prosperidade. Ao terminar, tampe e plante a coroa do abacaxi por cima. De preferência em toda lua minguante, ofereça a este pedaço de terra òsun diluído em água de chuva, com um orògbó ralado, e renove seus pedidos. Ofereça a grande Iyágbà da terra, a poderosa: Iyá Onilé (Mãe e Senhora da Terra).

Dando prosseguimento ao processo de criação do universo, se das três forças principais: Iwá, Àbá e Àse surgem os pólos: Ofú e Osa, daí em diante surgirá a idéia de tridimensionalidade, que é representada através das direções, vejamos:

As direções

Ilà Oòrún (Leste)

Ilà Oòrún é a direção Leste, lado em que nasce o sol e que por isso representa o eixo da iluminação, evolução e dinamismo do universo e do homem. Relacionado ao elemento Fogo, este eixo pertence a Ògún, e em seu culto o poder de Ilà Oòrún é simbolizado pela cabaça de carvão vegetal

(Èédú). No ser humano, esta direção é representa pelo lado frontal do Ori (cabeça). Sua fase lunar é a cheia. Seu símbolo gráfico é:



Ofũ atuando sobre si mesmo e mais uma vez:
O que nos mostra a ação de Fogo sobre Fogo.

Iwá Oòrún (Oeste)

Iwá Oòrún é a direção Oeste, lado em que o sol se põe e por isso está ligada aos antepassados. Relacionada ao elemento água, este eixo pertence a Oduduwa, e na prática da magia é representado pela cabaça de Lama. No ser humano, esta direção é representada pela parte de trás da cabeça, juntamente com a nuca. Sua fase lunar é a Nova. Seu símbolo gráfico é:



Osa atuando sobre si mesma e mais uma vez:
O que nos mostra a ação de Água sobre Água

Gúúsù (Sul)

Gúúsù é a direção Sul e representa o lado direito (masculino) do universo (ọtún-òòrún). Relacionado ao elemento Ar, este eixo pertence a Òòsàálá, e na prática da magia é representado pelo culto à cabaca de Efun. No ser humano esta direção é representada pela fronte direita da cabeça. O atributo deste eixo, é a completa e total possibilidade de realizarmos qualquer coisa que desejarmos (veja Itọ́n Ọ̀ṣẹ́ọ̀yẹ̀kú mais a frente do texto). Sua fase Lunar é a Crescente. Seu símbolo gráfico é:



Ofũ atuando Osa e Osa retornando a atuar sobre Ofũ:
O que nos mostra a ação de Ar sobre Terra.

Àríwá (norte)

Àríwá é a direcão Norte e representa o lado esquerdo (feminino) do mundo (Osí-òòrún). Relacionada ao elemento Terra, este eixo pertence a Obalúwaiyé, e na prática da magia é representada pela cabaça de Òsun. No ser humano este direção é simbolizada pela fronte esquerda da cabeça. O maior atributo desta direção é dinheiro (veja Itọ́n Ọ̀ṣẹ́ọ̀yẹ̀kú mais a frente do texto). Sua fase Lunar é a minguante, período em o magnetismo terrestre atrai para dentro da terra todos os líquidos, como as marés, etc. Seu símbolo gráfico é:

Osa atuando sobre Ofú e Ofú retornando a atuar sobre Osa:
O que nos mostra a ação de Terra sobre Ar.



Pontos intermediários:

As direções intermediárias são consideradas como as regiões em que estavam quatro grandes montanhas antes do mundo ser ampliado e eram chamadas de as quatro grandes muralhas do continente único.

Sudeste: A montanha de fogo e ar.

O atributo desta direção é a idéia do retorno das estações que compõem o ano solar. É o portal para o plano de existência de todos os Orixás. Seu símbolo gráfico é:



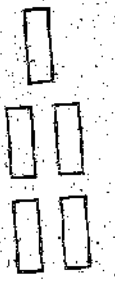
Ofú atuando sobre Ofú e assim sobre Osa:
O que nos mostra a ação do fogo sobre o Ar.



Sudoeste: A montanha de Ar e Água:

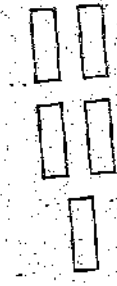
É o portal para o plano de existência dos homens. Seu símbolo gráfico é:

Ofú atuando sobre Osa e assim atuando sobre Osa mais uma vez:
O que nos mostra ação do Ar sobre a Água:



Noroeste: A montanha de Água e Terra:

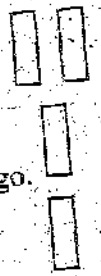
É o portal para o plano de existência dos animais. Seu símbolo gráfico é:



Osa atuando sobre Osa e assim sobre Ofú:
O que nos mostra ação da Água sobre a Terra.

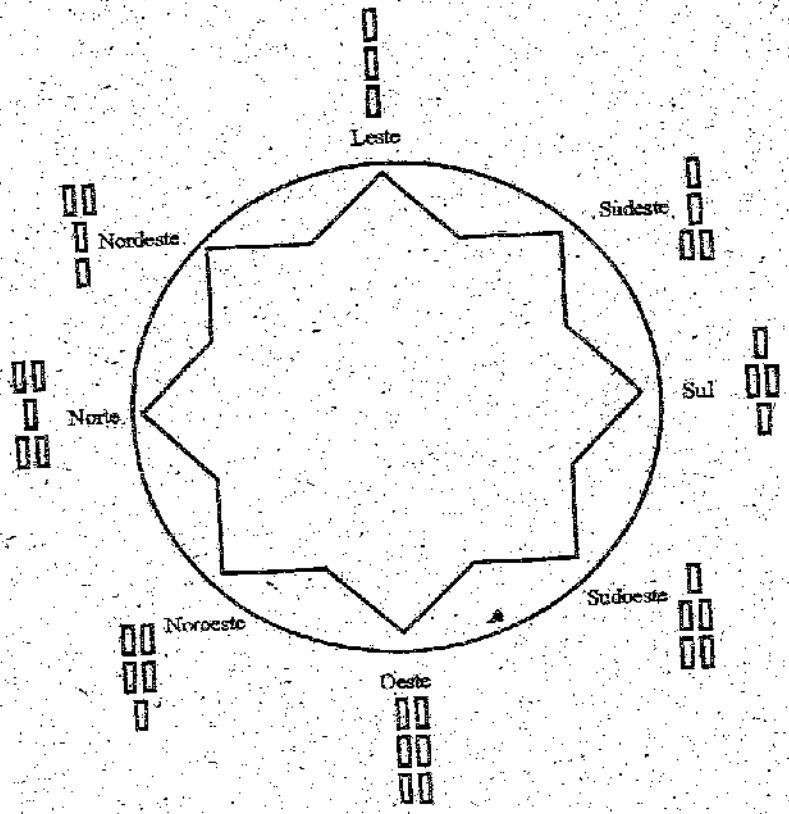
Nordeste: A montanha de Terra e Fogo:

É o portal para o plano de existência do mundo inferior.
Seu símbolo gráfico é:



Osa atuando sobre Ofú e mais vez sobre Ofú:
O que nos mostra a ação da Terra por sobre o Fogo.

Localização dos símbolos nas oito direções:



O próximo passo: Acrescentando mais um traço ao desenvolvimento gráfico dos Odus de Ifá.

Os Yorùbá contavam os dias da semana, exatamente como contavam os gregos, por isso para um Yorùbá antigo, a semana terminava no quinto dia da sua semana de quatro dias.

Exemplo:

Primeiro dia da semana: Òjó (dia de) Òrúnmílà e Èṣù
Segundo dia da semana: Òjó Ògún
Terceiro dia da semana: Òjó D'jaKutá (divindade fun-fun ligada a Xangô)
Quarto dia da semana: Òjó Obatalá (ou seja, Òrìsà'nlá).
Quinto dia da semana: Òjó Òrúnmílà e Èṣù

- Semana Yorùbá de cinco dias.

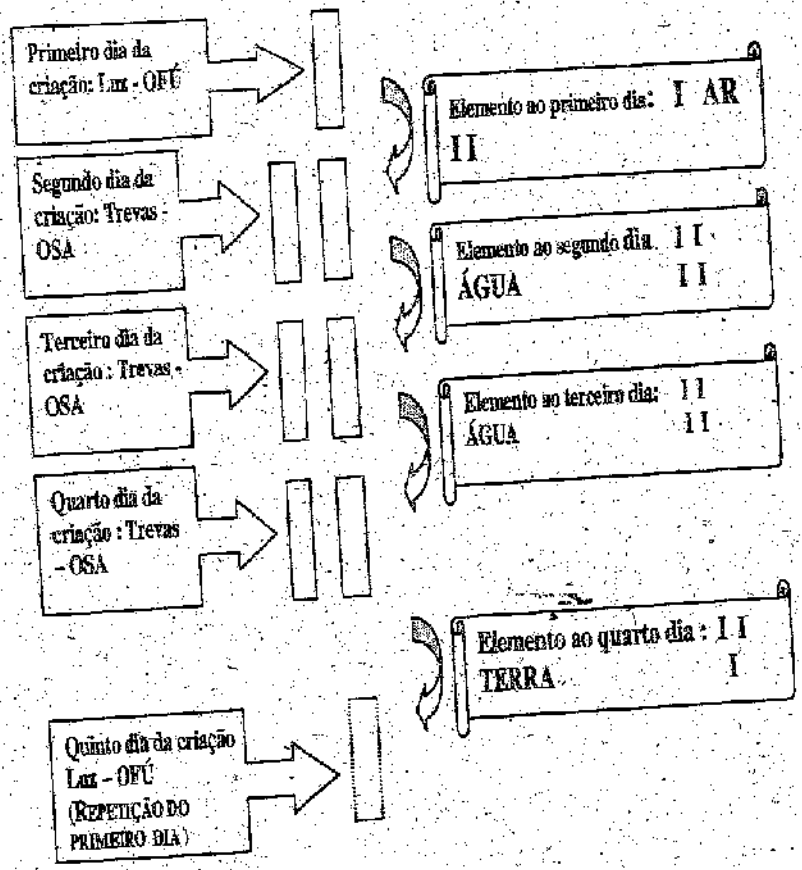
Portanto ao quinto dia, repetição do primeiro, é que terminava a semana.
Este detalhe é importante para a localização dos elementos nos próximos símbolos gráficos que são conhecidos como Odù.

INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE ODÙ:

Os ODÙ não são em si mesmos imagens ou padrões específicos de energia, porém princípios formadores, meio segundo os quais a matéria pode adquirir formas, possibilidades inerentes.

Odus são arquétipos que estão refletidos nas ordens, famílias, gêneros, espécies biológicas, nas ordens dos cristais, no padrão corporal do homem. Quer pensemos que estamos notando um monte de terra, uma árvore, uma cadeira, um homem ou até mesmo um pensamento, na realidade são imagens arquetípicas divinas da mente universal que estamos percebendo ou mal percebendo... Estas não se tratam tanto de imagens reais como de princípios formadores que dão origem...a imagens que estão mais abaixo na escada do ser... e elas próprias estão além de tudo que conhecemos como forma.

Exemplo:
Análise do símbolo gráfico (Onifá) do odù Òbàrà a seguir:



Como o amigo leitor deve ter percebido, para uma pessoa acostumada ao lidar com as onifás (signos visuais de Ifá), não se torna necessário a escrita do quinto dia, já que ela própria é uma repetição do primeiro dia. Na verdade, a escrita de "quatro àndares" das onifás, sempre ajudou a preservar o Awô (segredo) da leitura correta. Veremos quando analisarmos outros detalhes, que todo o desenvolvimento de Ifá, se baseia entre outras coisas, nas classificações dos elementos característicos de cada Odú.

Portanto sob este raciocínio, podemos afirmar que a onifá do Odu Òbárá representa os seguintes elementos em sua constituição:

AR - no primeiro dia: Òjó Òrúnmìlà e Èsù
ÁGUA - no segundo dia : Òjó Ògún
ÁGUA - no terceiro dia : Òjó D'Iakutá
TERRA – no quarto dia : Òjó Obatalá

Este orixás regem os dias da criação pela cosmogonia Yorubá, mas vamos tentar entender um pouco, o que afinal de contas são os tão falados Orixás:

INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE ÒRÌSÀ:

ÒFIFO é o absoluto infinito e não-condicionado, é anterior a própria manifestação da perfeição que é Deus (Eledunmare-Oloorun-Oloofin), e não pode criar, porquê seria inajustável a ele o conceito de uma relação com o que é finito e condicionado (assim como a Eledunmare-Oloorun e Oloofin). Se tudo o que vemos, desde as estrelas, planetas e galáxias até o menor grão de pó, tivesse sido criado pela perfeição absoluta, e fosse obra direta da energia primária de que ele procedeu, então seria tudo isso perfeito, eterno e não condicionado, como seu autor. Os milhões e milhões de coisas imperfeitas da natureza atestam de modo irrecusável que são produtos de seres finitos e condicionados, – estes são os Irunmolès, conhecidos no Brasil como Orixás! "DEUSES IMPERFEITOS" e por isso mesmo, os mais apropriados a serem os comunicadores entre nós seres humanos (infinitamente mais imperfeitos ainda) com a perfeição absoluta. Devemos agradecer a caridade divina por eles existirem, senão jamais poderíamos imaginar a existência do amor infinito de Eledunmare-Oloorun e Oloofi.

Os africanos acreditam que nós existimos em um universo fechado e defensível, o qual é influenciado por uma quantidade infinita de forças . Para tentarmos entender esta filosofia de vida, é necessário esclarecer e especificar as suas crenças. Por uma questão didática, podemos dividi-la em alguns componentes básicos:

-Acreditam que existe um só Deus de onde se emanaram as forças constitutivas do todo.
-Acreditam que existem forças da natureza que são controladas pelos Orixás, os quais por sua vez, são manifestações parciais (portanto limitadas) de Deus, mas que governam e atuam decisivamente nos negócios humanos e no universo em geral.
-Acreditam que os espíritos humanos sobrevivem após a morte e que podem reencarnar no mundo dos homens.
-Acreditam que os espíritos ancestrais devem ser lembrados, honrados e consultados pelos seres humanos.
-Acreditam nos oráculos como meio de comunicação entre os homens e suas divindades.
-Acreditam no uso de oferendas e sacrifícios para elevar suas orações aos Orixás e aos ancestrais.
-Acreditam no poder da manipulação mágica como método de compreensão da natureza e dos seres humanos.
-Acreditam no uso mágico e medicinal das plantas.
-Acreditam que a dança e a música ritual são obrigatórias na adoração a Deus.
-Acreditam que o ser humano pode comungar com Deus através da possessão e do transe.

- Entendem que Deus é uma idéia vasta demais para a compreensão da mente humana. Assim, eles pegam uma porção de Deus- um Orixá – e tentam, através da compreensão da parte, adquirir conhecimento do todo. Por exemplo, quando um africano vai a um rio e lhe oferece uma fruta, ele não está adorando o rio, ele está fazendo uma oferenda ao espírito do rio, ao Orixá do rio, aquela pequena parte de Deus que o rio exemplifica. Assim quando dizemos que o culto aos Orixás é uma religião natural (diferente das religiões reveladas), não significa que eles rezam para as pedras, rios ou árvores, no sentido literal do termo. O que os Yorubás adora, é a essência de Deus nessas porções da natureza. Sua filosofia é a base da idéia que Deus deixou no rio ou nas árvores, o que também deixou em nossas cabeças,

- Força(Àsé) -consciência(Àbá) -Luz(Ìwá), algo que para o devoto aos Orixás, sempre se pode e deve ser extraído e usado para melhorar sua vida e de sua comunidade. Toda a natureza diz algo ás pessoas, seja uma ordem, uma advertência ou sentimento de irmandade. Algumas manifestações da natureza fornecem para os seres humanos, no entanto outras, tiram. Por isso não existe neste sistema de crenças, a idéia de um mal absoluto ou um bem absoluto.

O MAL PURO É UMA INVENÇÃO DE OUTRA RELIGIÃO E CULTURA, PARA AS PESSOAS DO CULTO AOS ORIXÁS, ELE NÃO EXISTE.

Dentro destas técnicas; destacam-se também os ritos mágicos, mais "internos" da prática magística-

religiosa, que são os seguintes:

1) O Yorubá expressa fundamentalmente seu psiquismo, seu sentir, através da arte, melhor intérprete do sonho. Que é tão importante nesta cultura, que existe a este respeito, todo um imenso capítulo da interpretação dos sonhos no Oòrín é simbolizado pela cabaca de carvão vegetaltradicional Oráculo de Ifá Yorubá), esta é uma influência predominante, mais nos planos psíquicos que no plano nervoso, se dá a mesma importância (e ás vezes mais)ao que se "sente", do que se pensa"..

2) O antepassado (o mundo dos dobles) com suas equivalências nos reinos, mineral, vegetal e animal. Um exemplo muito típico, é o culto ao ancestral divinizado Sàngó, que foi o quarto Alafing (rei) de Òyó, e que se tornou posteriormente o Deus do trovão, possuindo sua equivalência no reino mineral com a pedra de meteorito "pedra de raio", no reino animal, com o Carneiro e no reino vegetal com a "folha de fogo", este elemento é bastante esclarecedor, para podermos entender, não só o culto a Eégúngún como também, a todo pensamento religioso Yorubá, entre eles, o culto aos Orixás.

3) A técnica importantíssima nos rituais de iniciação religiosa, que consta de uma ação direta e poderosa sobre a coluna vertebral por incisões, percussões, exposição ao fogo, tatuagens, etc. Devido a este fato, numerosas formas religiosas possuem representações fálicas (principalmente no culto Eégúngún, um culto fundamentalmente masculino), que são representações da coluna vertebral , símbolo da "árvore- pilar que sustenta o mundo".

4) A circuncisão e a sub-incisão que trabalham sobre os órgãos genitais, provocando assim, um derrame de fluidos. Estando em equivalência, as danças sexuais dos cultos, etapas necessárias para a abertura psíquica.

5) O conceito do ser semi-animal/semi-humano, que tem como intermediário, entre os mundos, sua pele. (ÌSE ÈNÌYÀN – Maneira humana e ÌSE ERANKO- Maneira animal), o que explica a presença de peles de animais nas vestimentas dos Reis Yorubás e de seus Deuses). Este fato permite compreender a importância da máscara (Elemento fundamental no culto aos antepassados e essência espiritual do Totem. – "O iniciador que dança é o espírito luminoso do animal".)

6) A máscara conduz a dança; esforço coletivo do clã, não para invocar a uma divindade, mas para representar uma mímica mágica

7) Estas técnicas coletivas estão acompanhadas de técnicas individuais baseada em sangue e drogas. O sangue é o elemento mágico essencial, a seiva humana por excelência. Nas iniciações se fazem incisões nas regiões inferiores da coluna vertebral e sobre as curas, se verte o sangue quente do animal, para uma integração profunda.

8) Drogas e venenos sagrados, que possuem a finalidade de aperfeiçoar a ação da transformação nervosa. A utilização visa fazer surgir seres fortes e a selecionar assim os homens mais resistentes do grupo humano. Estas plantas sagradas proporcionam meios mais rápidos e mais eficazes de evasão psíquica.

9) E dentro de todas estas técnicas iniciáticas, percebe-se conceitos básicos de religiosidade, aí sim, divulgados mais normalmente:

CLASSIFICAÇÃO ELEMENTAL DOS ODÙ DE ÌFÁ:

1) Èjìogbè Méjì

Fogo
Fogo
Fogo
Fogo

2) Òyèkú Méjì

Água
Água
Água
Água

3) Ìwòrì Méjì

Terra
Fogo
Ar
Água

4) Òdí Méj

Ar
Água
Terra
Fogo

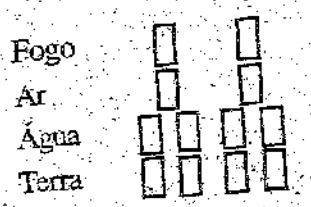
5) Òbàrà Méjì

Ar
Água
Água
Terra

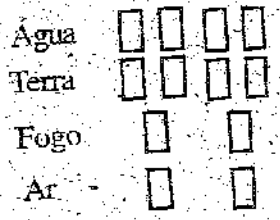
6) Òkànràn Méjì

Água
Água
Terra
Ar

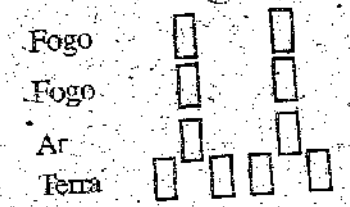
7) Ìrosùn Méjì



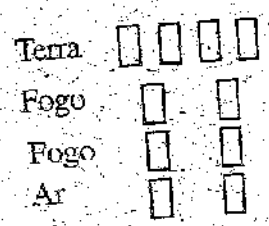
8) Òwónrín Méjì



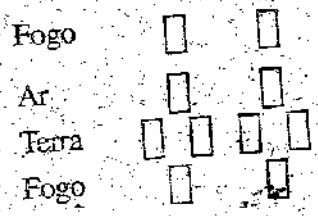
9) Ògúndá Méjì



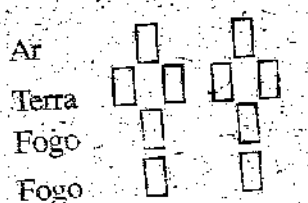
10) Òsá Méjì



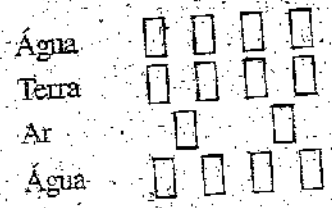
11) Ìrẹtẹ̀ Méjì



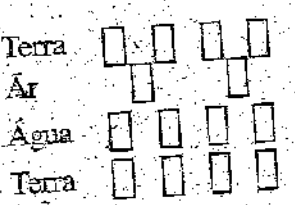
12) Òtúrá Méjì



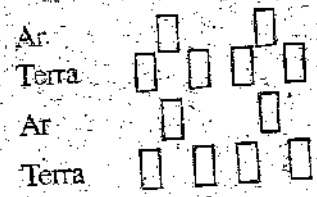
13) Òtúrúpòn Méjì



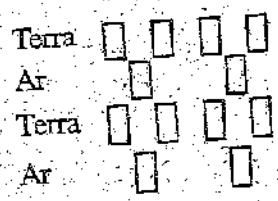
14) Ìká Méjì



15) Òsé Méjì



16) Òfún Méjì



17) Òsẹ̀òtúrá



Baseados nestas informações, podemos já, começar vislumbrar a profunda lógica interna do sistema oracular de Ifá:

CLASSIFICAÇÃO ELEMENTAL:

- 2 Odus de 1 elemento cada.
- 2 Odus de 2 elementos cada.
- 8 Odus de 3 elementos cada.
- 4 Odus de 4 elementos cada.

Òsẹ̀òtúrá por ser considerado o odù de comunicação entre Deus e os homens; é na prática interpretado como um Odù todo baseado nò elemento Ìmọ̀lẹ̀, podendo também ser utilizado o Fogo).

Os Odus de 1 elemento são:

- Èjiogbè Méji: FOGO
- Òyèkú Méji: TERRA água

Os Odus de 2 elementos são:

- Òsè Méji: Equilíbrio entre Ar e Terra.
- Òfún Méji: Equilíbrio entre Terra e Ar.

Os Odus de 3 elementos são:

- Ògúndá Méji e Ìrètè Méji: Predomínio (origem ao primeiro dia) de Fogo.
- Òbàrà Méji e Òtúrá Méji: Predomínio (origem ao primeiro dia) de Ar.
- Òkànràn Méji e Òtúurúpòn Méji: Predomínio de Água.
- Òsá Méji e Ìká Méji: Predomínio de Terra.

Entre os 8 Odus de 3 elementos, também existe a seguinte classificação:

- Maior quantidade de Água: Òbàrà Méji, Òkànràn Méji, Òtúurúpòn Méji e Ìká Méji.
- Maior quantidade de Fogo: Ògúndá Méji, Òsá Méji, Òtúrá Méji e Ìrètè Méji.

O que nos leva a seguinte conclusão:

- Ògúndá Méji, Òsá Méji, Òtúrá Méji e Ìrètè Méji, possuem maior ligação com Èjiogbè Méji. (Fogo)
- Òbàrà Méji, Òkànràn Méji, Òtúurúpòn Méji e Ìká Méji, possuem maior ligação com Òyèkú Méji. (Água).

Os Odus em que os predomínios (origem ao primeiro dia) pertencem ao Ar são:

- Òbàrà Méji: ligado a Òyèkú Méji.
- Òtúrá Méji: ligado a Èjiogbè Méji.

Ambos odus gerados de riqueza, atuantes em pólos complementares.
(ativo – fogo e gerador – água).

Os Odus em que o predomínio está ligado a Terra são:

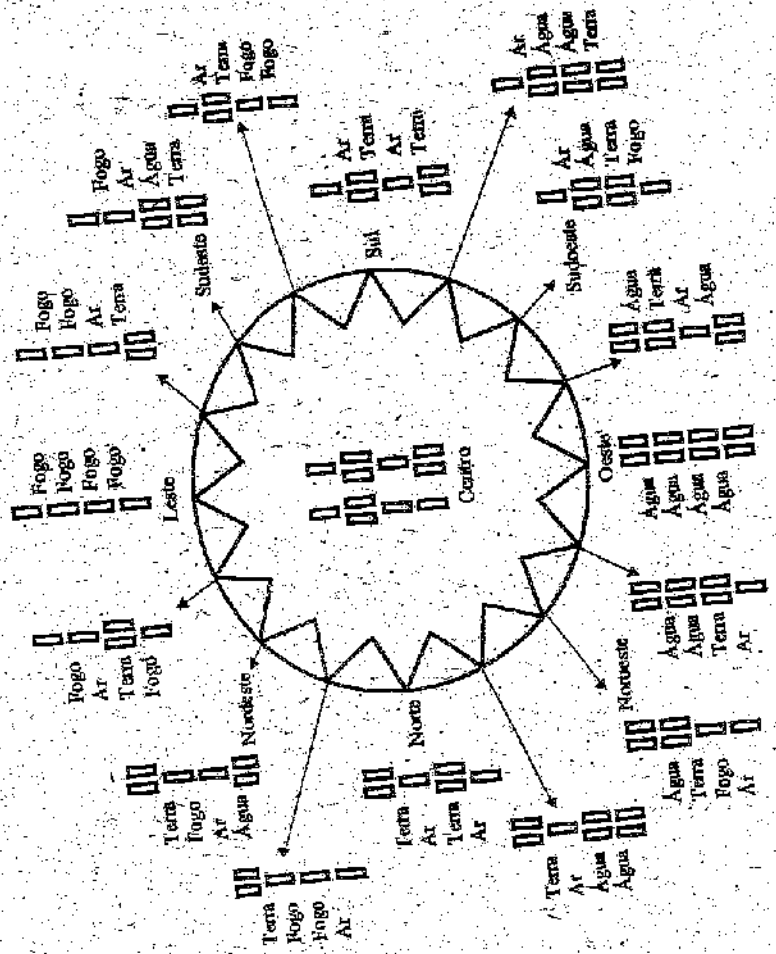
- Òsá Méji: ligado a Èjiogbè Méji.
- Ìká Méji: ligado a Òyèkú Méji.

Os Odus de 4 elementos são:

Ìwòrì Méjì: com predomínio de Terra, sobre Fogo, Ar e Água.
Òdí Méjì: com predomínio de Ar, sobre Água, Terra e Fogo.
Ìrosùn Méjì: com predomínio de Fogo, sobre Ar, Água e Terra.
Òwónrín Méjì: com predomínio de Água, sobre Terra, Fogo e Ar.

Creio que o amigo leitor tenha percebido que belíssima "arquitetura" e que profunda simbologia, contém o desenvolvimento das Onifás do Oráculo de Ifá, símbolo máximo do melhor da FILOSOFIA AFRICANA. Para terminar acrescento, que é baseado nestas informações que são "feitos" assentamentos, borís e várias outras ritualidades. Torna-se óbvio perceber que somente sobre este assunto, literalmente ALQUÍMICO, seria possível escrever um livro até maior que este. Mas creio que no mínimo uma "boa introdução ao assunto" já foi dada. Apenas faço questão de lembrar ao amigo leitor, que a base de toda a magia Yorùbá, no que se relaciona a elementos e materiais físicos como folhas, comidas e etc, baseiam-se neste conhecimento. Tenho certeza que ao leitor observador, várias portas já foram abertas ao estudo da magia, particularmente ao que muitos chamam de Alkimia.

Posicionamento dos Odus nas direções seguindo seu equilíbrio natural sobre os elementos:



Na cultura Yorùbá, acredita-se que o ser humano possui quatro almas e todas elas estariam ligadas a uma manifestação dos quatro elementos básicos no homem. Estas quatro almas são conhecidas através dos seguintes nomes:

1) Ojiji:

Alma humana ligada ao fogo e ao dinamismo, é representada por sua contraparte, a sombra. Do ponto de vista simbólico, as sombras não são apenas o signo de uma luz protegida, mas também de obscuras entidades dotadas de vida própria. São sósias misteriosos dos homens e muitas vezes são consideradas imagens da própria alma (algumas línguas definem imagem, alma e sombra com a mesma palavra). Segundo várias lendas, aquele que não pode ver a própria sombra está destinado a morrer, assim como aquela pessoa que pisa em sua própria sombra. "Saltar sobre a própria sombra "é uma expressão idiomática que significa "executar tarefas impossíveis". Tomava-se muito cuidado para não ser tocado pela sombra de pessoas temíveis (por exemplo das Bruxas), para não cair assim em seu poder. Para a psicologia profunda, a sombra é um símbolo das camadas inconscientes da personalidade, que podem ser incorporadas e transformadas na complexa estrutura da experiência apenas mediante um processo de auto-conhecimento e individualização. Assim é fácil entender, porque a sensibilidade de povos antigos como o Yorùbá, consideravam a sombra como uma alma do homem. Dentro da magia dos elementos a alma Ojiji representa o fogo da centelha de Deus sobre os homens e assim seu espírito e força de vontade.

2) Emí:

Alma ligada ao elemento Ar, o Emí simboliza a primeira inspiração quando do nascimento, e assim ao despertar do corpo mental humano enquanto ser encarnado. É o chamado "Sopro vital" e representa a própria mente do homem.

3) Ipònri:

Esta é alma do ser humano ligado a água, e representa seu lado emocional (literalmente a alma mesmo e não o espírito, que é ligado ao fogo), seus símbolos, são os rios sagrados (na cultura Yorùbá, o principal rio sagrado é o rio Níger, fonte de toda a civilização Yorùbá). É a margem dos grandes rios que surgiram, por volta de 3000 a.C. todas as grandes civilizações do mundo antigo. Simbolicamente, o rio não é aquela água que não é estática como a do mar (água dos ancestrais e mortos em geral), mas que através de seu fluxo e de suas inundações influencia a dinâmica e a divisão do tempo conjuntamente com a lia (grande símbolo do que é compreendido como alma, fantasmas, etc). Praticamente em todas as tradições antigas está presente o mito do rio: O paraíso do antigo testamento concebe o mundo originário delimitado nos pontos cardeais por quatro rios. Também aos confins da vida no além (território das almas – que são os corpos astrais que permanecem através das emoções humanas, as quais mantém o apego à vida material e assim dificultam a purificação espiritual quando do ato da morte) seriam representados pela tradição Grega os quatro rios do Inferno: Aqueronte, Cocito, Estige e Flegetonte (rio de fogo). Na tradição Yorùbá, quase a totalidade dos Orixás estão ligados a algum rio: Òsún ao rio de seu mesmo nome no estado de

Osogbo, Iyemonjá ao rio Ògún e principalmente o próprio povo nigeriano em geral como estado político Yorùbá, ligado ao rio Níger, base de sua fundação. Esta alma é a "casa" dos sentimentos de uma pessoa.

4) Ara:

Esta "alma" representa na cultura Yorùbá o corpo físico, e seus símbolos maiores são as rochas. Na prática, toda a religião dos orixás baseia-se no despertar do espírito das pedras em ligação com a alma humana (o que no esoterismo atual, é aplicado aos cristais - os quais, obviamente são igualmente rochas). Rochas e pedras em geral, por sua durabilidade, são na maioria das vezes interpretadas como símbolos da imobilidade que não pode ser alterada, deste modo representam forças e seres divinos. Tal fato resulta, sobretudo evidente quando as rochas assumem formas de aparência particular, nesse caso, muitas vezes são interpretadas como domicílio de homens de poderes sobrenaturais (o qual também explica muita coisa na religião dos orixás, na medida em que, durante seus mitos, os orixás tiveram vida física, mas despertaram seus poderes através de momentos de êxtase – símbolo profundamente relacionado ao xamanismo arcaico). Assim como o famoso monumento a Oranian na Nigéria, as colunas de pedra (Menires), frequentemente são interpretadas como símbolos fálicos, e são considerados domicílios elevados para as almas dos antepassados nas proximidades dos sepulcros. Nos mitos da antiguidade revelados pela história oculta afirma-se que "montanhas altíssimas, que sobrepujavam as outras, como as torres superam as casas comuns...e que se elevam íngremes como uma muralha" seriam as rochas originais da criação da vida física na terra e também sua proteção. Desta forma entendemos a pedra como base das religiões Yorùbá e

seu simbolismo como alma do ser humano. Existe algo de eterno e imutável, na segurança profanda de quem sabe viver enquanto é tempo!

Perceba então como os Odus são forças poderosas, que podem alterar não apenas a natureza (através dos elementos) mas também a própria constituição humana e seu destino.

Este desenvolvimento de cosmogonia apresentado baseia-se em quatro dias da criação, como já foi explicado:

Primeiro dia: Òjó Òrúnmílà e Èsù
Segundo dia : Òjó Ògún
Terceiro dia : Òjó D'Jakutá
Quarto dia : Òjó Obatalá

Assim toda a constituição do ser humano e da natureza pode ser analisada através dos Odus pela interpretação dada a seguir:

Exemplo através do símbolo do odù Èjìogbè:



Primeiro dia da criação – Plano espiritual – Elemento fogo – Mundo Humano – Simboliza a força de vontade – na cosmogonia é o estágio em surgem as forças: Ìwá, Àbá, Àṣẹ, Ofú e Osa – Òjó Òrùnmìlà e Èṣù.



Segundo dia da criação – Plano Mental – Elemento Ar – Mundo Vegetal – Simbòliza o mundo mental e intelectual do Ser humano – na cosmogonia é omomento em que são desenvolvidos os elementos – Òjó Ògún.



Terceiro dia da criação – Plano emocional (Astral) – Mundo Animal – Simboliza o mundo das emoções e sentimentos – na cosmogonia é o momento em que são estruturadas as oito direções – Òjó D'jakutá – Elemento Água.



Quarto dia da criação – Plano Físico (Material) – Mundo Mineral – Simboliza o mundo das sensações e desejos materiais – na cosmogonia é o momento em que surgem os Odus – Òjó Obatalá – Elemento: Terra.

A Magia prática dos Odus:

Os Odus são estruturados em colunas. Estas colunas através de sua quantidade e padrões de qualidade podem definir o perfil, assim como o resultado e a eficiência de um ritual. Existem quatro modelos básicos de manipulações dos símbolos dos Odus, e estes modelos baseiam-se nos quatro dias da criação. A saber:

Você pode usar apenas um símbolo de um Odù, assim este odù se chamará Mení – que significa Único (exemplo baseado no símbolo de Èjìogbè Mení):



Apenas um padrão.

Sobre apenas um nível de ação.







Quando rituais são feitos utilizando o símbolo de um odù apenas uma vez, este nível de magia relaciona-se ao primeiro dia da criação e, portanto lida diretamente com a força de Deus através de seus vinte e dois nomes, mas torna-se ineficiente se você quiser apenas resultados materiais, este tipo de uso é apenas indicado para questões puramente espirituais. Por isso os perfis da magia dos odus em ação mení (de apenas uma coluna), ligam-se diretamente e somente aos nomes de Deus na cultura yorùbá:

Oba Àirí (Rei Invisível) – Ìwá Mení.

Olójó Òní (Senhor do dia de hoje) – Àbá Mení.

Aṣẹrerekáiyé (Aquele que cobre o mundo inteiro) – Àṣẹ Mení

Olódùmarè (Aquele que é Superior, Permanente e Imutável) – Ofú Mení.

Ọba tí dandan rẹ̀ kì í sẹ̀lẹ̀ (Rei cuja ordem não é inválida) – Osa Mení.

Ọba adá ẹ̀dá (Rei que cria toda a existência) - Èjìogbè Mení

Ọba Àwámárídìí (Rei que não pode ser localizado) – Òyèkú Meñi

Ọlọ́ọ̀run Aláànú (Deus misericordioso) – Ìwòrì Mení

Ọba Mímó (Rei puro) - Òdí Mení

Òyígiyigi Òkúta Àìkú (Poderosa pedra imutável que nunca morre) – Ọ̀bàrà Mení

Ọlọ́ọ̀run Alágbára (Senhor do firmamento todo poderoso) – Ìrosún Mení

Ọba Arínúnróòde (Rei que vê e revela o que é oculto) – Ọkanran Mení

Olùbùkún (Aquele que abençoa e acrescenta) – Òwọ́nrin Mení.

Ọ̀gá ògo (Mestre da glória) – Ògúndá Mení

Ògbìgbà tí sogbá aláìrá (Salvador que auxilia aos desvalidos) – Ọ̀sá Mení

Ọba tí kò l'ére (Rei que não é desonrado) - Ìrẹ̀tẹ̀ Mení

Olùgbàlà (Salvador) - Òtúrá Mení

Ọba Adákẹ́dájọ́ (Rei que senta em silêncio e aplica a justiça) - Ọ̀túurupọ̀n.

Olùmọ̀nọkàn (Aquele que conhece os corações) – Ìká Mení

Alè wílèṣe (Aquele que põe e dispõe conforme o seu desejo) – Ọ̀ṣẹ́ Mení

Olùpèsè (Aquele que abastece e fornece provisões) - Ọ̀fun Mení

Ọba a sẹ̀ kan má kù (Rei cujas obras são perfeitas) - Ọ̀ṣẹ́ọ̀túrá

Exemplos de marcas de odù:

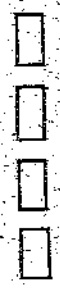
1) Se apenas uma marca estiver, seu alcance é somente para planos espirituais, por isso não é muito aconselhável sua utilização para fins materiais.

2) Se o odù tiver sua marca duas vezes inscrita, seu efeito é específico sobre o plano mental, influenciará o Orí (a cabeça) das pessoas e somente isso. É claro que nas mãos certas, nenhum tipo de conhecimento é vulgar, ou pequeno.

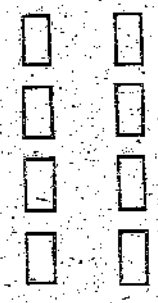
3) Se o odù tiver três vezes sua marca repetida, ele será um Odù Méta. Desta forma influenciará apenas o plano emocional de uma pessoa. Este é o padrão ideal para proporcionar a projeção astral, ou mesmo, para qualquer tipo de magia relacionada a influenciar as emoções de alguém.

4) Se o Odù tiver por quatro vezes repetidas sua marca ele será um Odù Mérin. E desta forma, poderá influenciar plenamente todas as questões fisico – materiais.

Exemplo do marca do ODÙ ÈJÌOGBÈ MENÍ (apenas uma coluna)

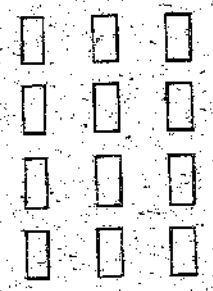


Exemplo do marca do ODÙ ÈJÌOGBÈ MEJÍ (duas colunas):



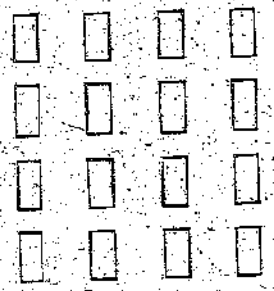
Os odus quando utilizados em apenas duas colunas, afetam o plano das idéias, o nível mental das pessoas – o que significa dizer que trabalha puramente sobre questões de Orí. Dessa forma pode até influenciar, mais ainda não é o mais apropriado para rituais com objetivos puramente materiais.

Exemplo do marca do ODÙ ÈJÌOGBÈ MÉTA (Três colunas):



Os odus quando escritos em três colunas , chamam-se Odus MÉTA.

Exemplo do marca do ODÙ ÈJÌOGBÈ MÉRIN (Quatro colunas):



Técnica ideal para a utilização da magia dos odus realizarem objetivos materiais.

Assim como existem vinte e duas forças neste tipo de magia, podemos então perceber, que as possibilidades básicas deste estilo podem chegar ao seguinte volume de informações e poderes:

22 odus de 1 coluna = 22 forças (influência no plano espiritual)
22 odus de duas colunas multiplicado por 22 (os puros e suas combinações) = 484 possibilidades básicas de magias a serem feitas no plano mental.

484 magias básicas de plano mental, que quando multiplicadas por 22 produzem 10.648 tipos de magias básicas para o plano emocional.

10.648 magias de plano astral (com três colunas) multiplicadas por 22, produzem 234.256 magias básicas para finalidades puramente materiais. E este é só o calculo básico, porque já tive a oportunidade de lidar com Odus de até dezessete colunas (é claro que foram para finalidades muito especiais). Aí eu nem vou fazer "a conta". Porque não é questão matemática, mas sim de conhecimento das funções dos odus. Aí o número, ou a quantidade não importa.

O que sempre interessa na verdade, É QUE FUNCIONE!

A chamada "Política de Resultados".

O JOGO DO OBÌ E DO ORÓGBÓ OU COMO ESTABELECER COMUNICAÇÃO COM ÌYÁMI ÒṢÒRÒNGÁ

A técnica aqui ensinada é a verdadeira e mais completa ação já ensinada em livros, sobre o mais sagrado dos instrumentos de Ifá: O jogo do Obi e do Orógbó.

Exemplos de Oráculos Yorùbá:

Tradicionalmente nada se fazia na sociedade Yorùbá sem antes consultar o Oráculo de Ifá. Habitualmente consulta-se Ifá antes de contrair matrimônio e para tirar dúvidas a respeito de quaisquer negócios.

A importância de Ifá

Quando nasce uma criança faz-se o jogo para saber o que ela traz consigo, e até seu nome é escolhido por Ifá, bem como sua comida.

Se ao dormir alguém sonhar com algo que o incomoda, a maneira de tranquilizar-se é perguntar a Ifá.

Ifá não tem uma data fixa para suas festividades, ele mesmo escolhe seu dia.

Usa-se em suas oferendas marió, ratos, peixes, cabras, igbin (caracol), galinhas, inhames, obís, etc.

1. Agbigba ou Òpèlè

Na história, Òpèlè era um dos mensageiros de Òrúnmìlà quando algo acontecia dentro da cidade. Fatos gerais que afetavam a todos, e às vezes as pessoas o procuravam antes de procurar Ifá e este falava através dele. Quando Olódùmarè foi embora da Terra, o deixou com uma das maneiras de consultá-lo, o Òpèlè- Ifá.

2. Obí

Algumas pessoas recorrem ao obí para consultar Ifá. A semente utilizada para tal deve possuir quatro partes, duas machos e duas fêmeas. Cada caída tem um significado, e quem sabe ver através deste, já obtém a resposta a cada jogada, como é feito no Ifá.

3. Ilè - Terra

É outra forma de adivinhação, porém pouco conhecida, mas é uma opção forte e real, pois é sobre a terra que se faz tudo na vida, é onde se constrói uma casa, assassina-se alguém, pratica-se a bondade e a maldade. Nada é feito no mundo que não seja sobre a terra.
O jogo de Ilè parece-se com o de Iyèròsùn - pó amarelo dedicado a Ifá - mas não é o mesmo, os produtos usados em outros Ifá podem ser os mesmos para este, porém ele não aceita sangue em seu ritual.

4. Ifá Ol'òkun

No Brasil existem muitas pessoas que utilizam esse tipo de Ifá, é o chamado jogo de búzios. Na África a maioria das

pessoas que jogam búzios são mulheres.
Em cidades como Osobo, Oyo, Ògbomóso, existem muitos que praticam esse tipo de advinhação, como também em Ijebu, Abeokuta, Òwò e Ekiti.
Este é um Ifá forte, pois em algumas regiões Ol'òkun é esposa de Òrúnmìlà (em outras é um Orisà masculino) e lhe são atribuídos os mesmos nomes que a ele.

5. Wo - mi - péé

Este tipo de divinação só é utilizado por algumas pessoas que possuem uma força extraordinária, podendo ver o futuro e o passado do consulente. O sacerdote deste tipo de Ifá faz rituais nos próprios olhos, mas o problema é que ele não pode ter medo de nada, pois algumas entidades são vistas, não podendo o sacerdote temê-las.

Utiliza-se um espelho mágico (Awòjìjì t'oògùn).

6. Ol'òkun Áwo

Este tipo de Ifá é feito dentro de uma louca branca e limpa e junto dele mais uma criança vestida com panos pretos, auxiliando o sacerdote.

O que são os Odù de Ifá:

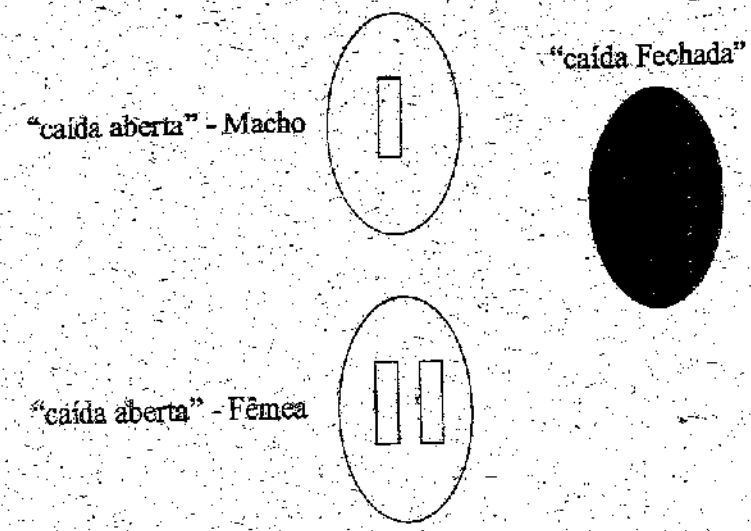
Odù são entidades objetivas que personificam, de forma antropomórfica as energias dos elementos nas figuras geomânticas de Ifá. Cada um dos 65.536 Odù (16 x 16, x 16, x 16) corresponde à uma egrégora específica de poder incomensurável e extremamente ativa, pois em todo o mundo, existem pessoas que os cultuam dioturnamente, desta forma então fortalecendo-os, e cada vez mais ampliando sua

envergadura de poder.
Estes Odù podem influenciar qualquer coisa e controla absolutamente qualquer situação, e em qualquer nível. No aspecto pessoal, estes odù são registros das energias envolvidas em determinados momentos, ou ciclos de tempos, relacionados ao desenrolar de inúmeras coisas, sendo que particularmente do destino e da sorte. Os Odù são considerados como forças perigosas de manipulação, pois o conceito de melhoria de sorte ou de destino, está diretamente relacionado à energia do Òrìsà Ikú (O Orixá da Morte).

Técnica do Jogo de Obì ou Orógbô:

Informações Básicas:

Abrem-se dois orógbó partindo-os ao meio em sentido longitudinal, não sem antes tirar as respectivas pontas dos mesmos. Desta forma teremos 4 pedaços de Orógbó cada um com uma parte convexa e uma côncava. Faça um pequeno corte na parte conxeva de cada pedaço de orógbó da seguinte forma: Em dois pedaços faça um traço vertical (marca de Ofú), nos outros dois pedaços restantes faça dois traços verticais (marca de Osa). Sempre que uma das partes com traços caírem para cima consideraremos como "caída aberta" e sempre que as partes caírem com as marcas escondidas, consideraremos como "caída fechada". Como leitura de Odus, as partes de "caída abertas" serão lidas como símbolos Ofú e as de "caída fechadas" como símbolo Osa. Vejamos os exemplos (aqui uma imagem vale mais do que mil palavras).

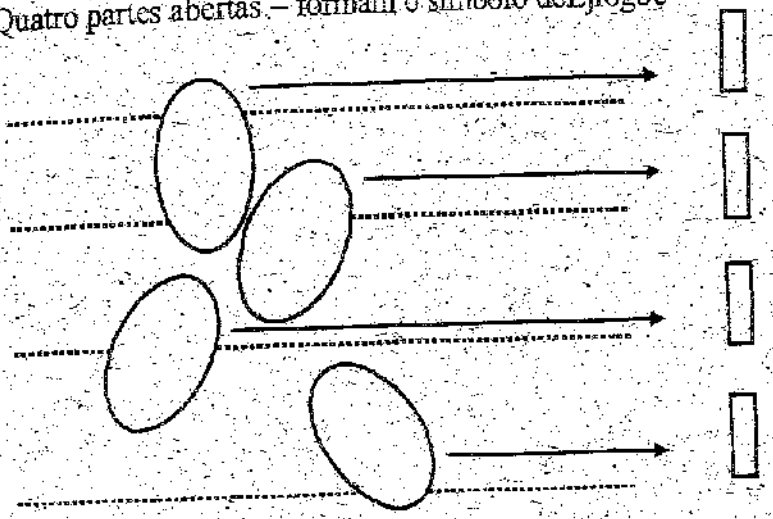


As caídas abertas, sempre representarão na leitura dos odus o símbolo Ofú e as caídas fechadas sempre representarão o símbolo Osa. Apenas nas caídas abertas faremos a leitura das partes macho (um traço) e fêmea (dois traços). Pois na caída fechada não estará exposta tal marca.

Método de leitura:

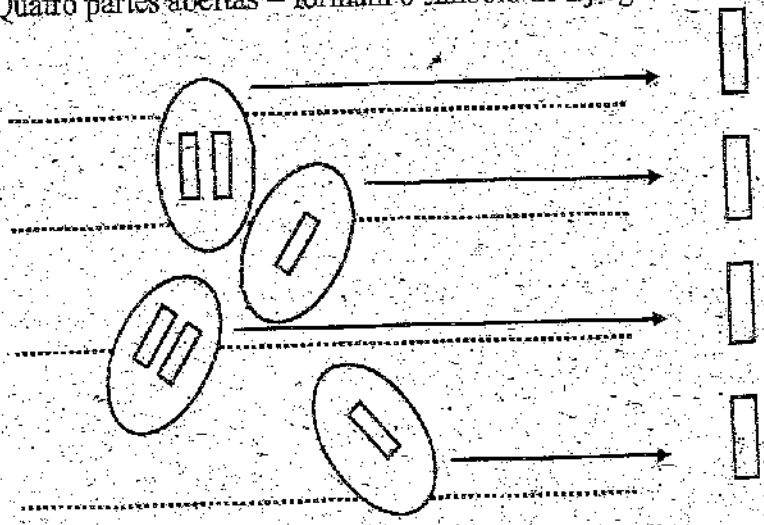
Quando jogarmos os pedaços do obí ou do orógbô, primeiramente veremos a quantidade de pedaços que caíram abertos e fechados. Devemos olha-los como se existissem quatro linhas imaginárias, para vermos quais pedaços estão um pouco acima ou abaixo de outro e assim visualizarmos a marco do Odù.

Quatro partes abertas – formam o símbolo deÈjìogbè



Como no símbolo deste odù todas as partes do obí ou do orógbô obrigatoriamente cairão abertas, então teremos sempre neste caso, a exposição de duas marcas fêmeas e duas marcas machos:

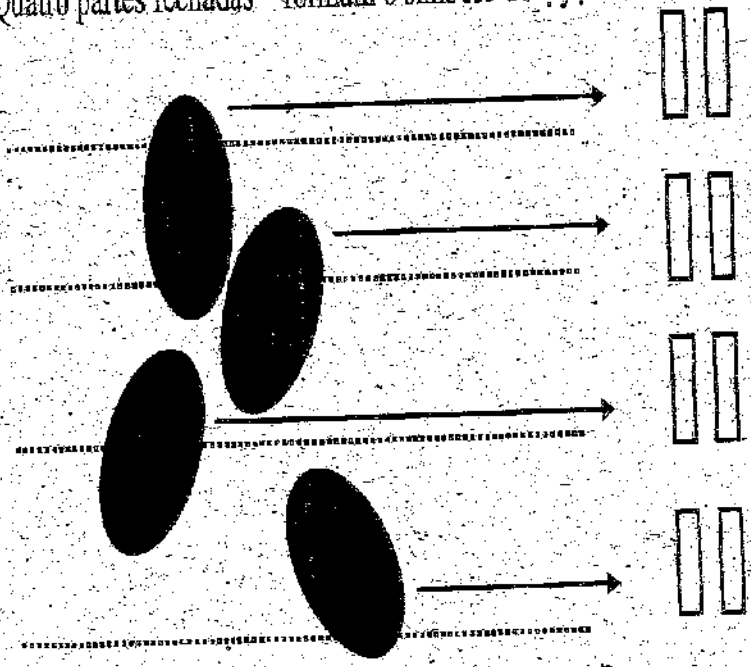
Quatro partes abertas – formam o símbolo de Èjìogbè



Exemplo no Odù Òyèkù

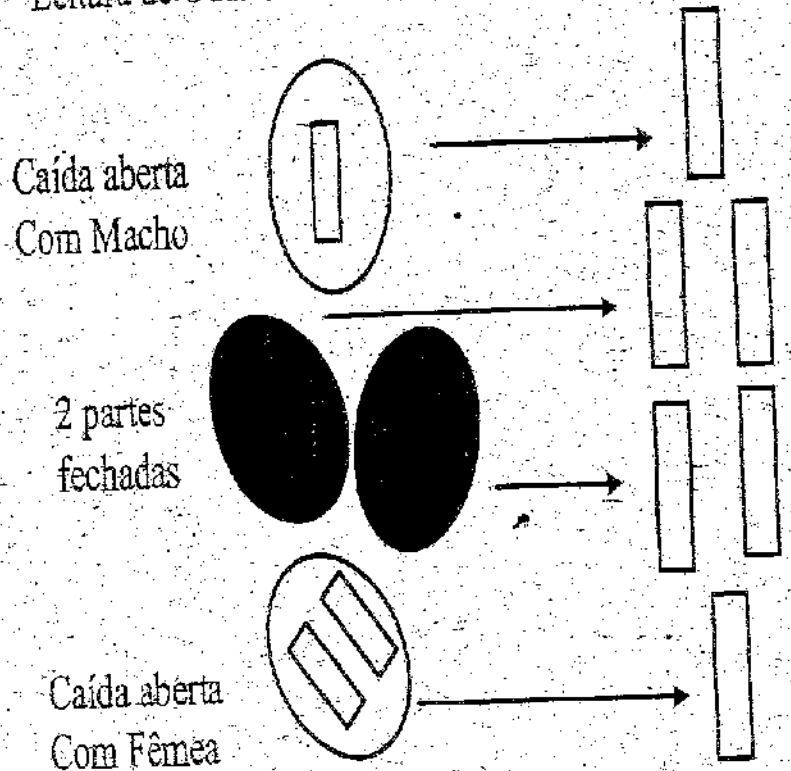
Como neste odù todas as partes do obí ou do orógbô, obrigatoriamente teriam que cair fechadas, não pose existir a leitura dos símbolos macho e fêmea:

Quatro partes fechadas – formam o símbolo de Òyèkù

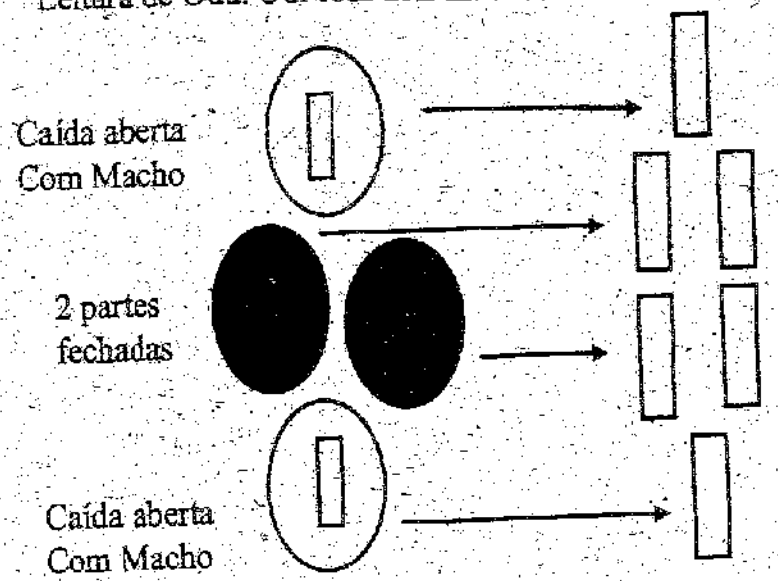


Vejamos agora três exemplos, sobre o símbolo do Odù òdí, em três leituras de macho e fêmea diferentes – (1) Òdí com um macho e uma fêmea, 2) Òdí com dois Machos e 3) Òdí com duas fêmeas:

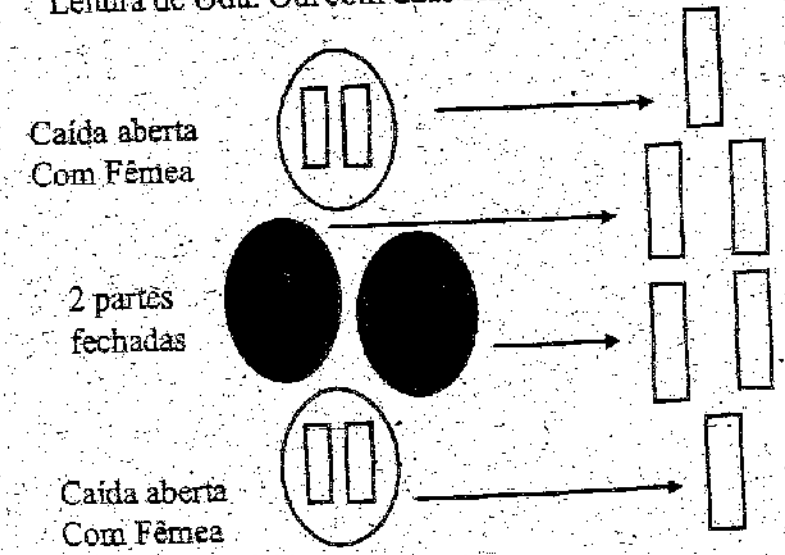
Leitura de Odù: Òdí com um macho e uma fêmea.



Leitura de Odù: Òdí com dois machos

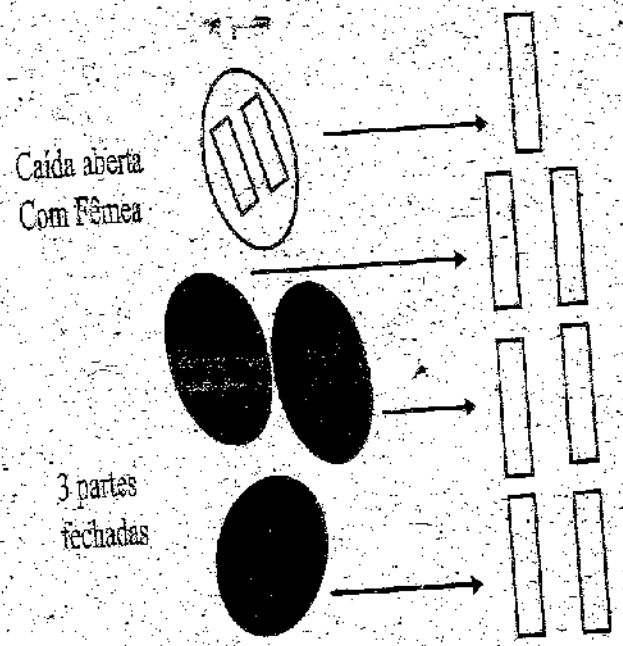


Leitura de Odù: Òdí com duas fêmeas.



Mais um exemplo, agora no Odù Òbàrà com marca fêmea (como este odù em sua representação de caídas abertas e fechadas, só possui uma caída aberta e tem que ser sempre a primeira de cima para baixo, teríamos portanto esta configuração durante a consulta ao oráculo:

Leitura de Odù: Òbàrà com uma marca fêmea , em sua "caída aberta" - poderoso símbolo de atração de riquezas.



Para comunicarmo-nos com as Àjé devemos fazer um círculo de osùn e molhar a terra de seu interior (está será nossa área oracular). Através das caídas do obí ou do orógbó identificaremos cada um dos odù de Ifá, da seguinte forma:

Nomes das "caídas" do jogo de Orógbó:

1. Orógbó Idáméjì : duas partes convexas para cima (duas abertas e duas fechadas)

Com este tipo de posicionamento, os orógbôs podem representar os signos gráficos dos seguintes odù:

Ìwòrì, Òdí, Òsé, Òfún, Ìrosùn e Òwónrín

(Veja ilustração sobre os signos gráficos dos 16 odù de Ifá)

2. Orógbó Idáata : 3 partes convexas para cima

Com este tipo de posicionamento, os orógbôs podem representar os signos gráficos dos seguintes odù:

Òtúrá, Ògúndá, Ìrètè e Òsá

3. Orógbó Idáarin (àláfià) : todas as partes convexas para cima

Com este tipo de posicionamento, os orógbôs representam o signo gráfico do seguinte odù:

Èjìogbè

4. Orógbó kọn : uma parte convexa para cima
Com este tipo de posicionamento, os orobôs podem representar o signo gráfico dos seguintes odù:

Ọbàrà, Ọkànràn, Ọtúurúpọ̀n e Ìká

5. Orógbó sókùnkùn: nenhuma parte convexa para cima

Com este tipo de posicionamento, os orobôs podem representar o signo gráfico do seguinte odù:

Ọ̀yẹ̀kú

A leituras destas "caídas" com os significados dos traços masculinos e femininos:

1) Quando 1 orógbô Macho (ofú), está aberto, significa triunfo ou saúde. O nome desta leitura é: Ilera.

2) Quando 1 orógbô Fêmea (osa), está aberto, significa riqueza, prosperidade, dinheiro e bens materiais. O nome desta leitura é: Aje.

3) Quando 1 orógbô masculino está aberto conjuntamente com 1 orógbô feminino, significa amizade. O nome desta leitura é: Ejire.

4) Quando 2 orógbôs masculinos estão abertos juntos, significam desentendimento, dificuldade e violência. O nome desta leitura é: Ako-oran.

5) Quando 2 orógbôs femininos estão abertos, significam: tranquilidade e suavidade. O nome desta leitura é: Erò.

6) Quando os 4 orógbôs estão abertos significa felicidade e bem-estar. O nome desta leitura é: Ofin ou Alafia e equivale ao odù Èjiogbè.

7) Quando 2 orógbôs masculinos e um feminino estão abertos, significa sucesso após muita dificuldade. O nome desta leitura é: Akiata.

8) Quando 2 orógbôs femininos e um masculino estão abertos significa que não existe discussão ou impossibilidades sobre o que perguntamos. O nome desta leitura é: Obita.

9) Quando os 4 pedaços de orógbô caem amontoados uns sobre os outros, como em uma pilha, pode ter um significado negativo, ou no caso de uma confirmação de uma leitura anterior, vem a significar uma exaltação de um sinal predominante, o qual pode ser qualquer um dos 9 citados acima.

Possibilidades de combinações e seus significados:

Este tipo de raciocínio pode ser muitas vezes ampliado e assim chegar a um grau de complexidade muito grande, por isso este tipo de oráculo é considerado como o melhor dentro da magia yorùbá, pela sua simplicidade material e acompanhada de uma profunda abordagem intelectual e sensitiva. Apenas como exemplo, pois não é minha intenção transmitir plenamente os conhecimentos de Ifá neste livro, já que ele é

dedicado a outro tema, apenas vamos dar "uma pequena olhada" em algumas possibilidades de desenvolvimento na abordagem deste oráculo.

Se interpretarmos o símbolo de Ọbàrà com apenas uma coluna, pois como vimos, o básico é trabalharmos com uma, duas, três ou até quatro colunas, podendo ir bem mais além. Vejamos as duas possibilidades interpretativas de Ọbàrà com apenas uma coluna:

Com 1 parte aberta: Ọbàrà.

1. Fêmea no primeiro dia (ideograma de Ọbàrà):

Significado: Prosperidade construída através de uma inteligência muito dinâmica e criativa, criação realizada a partir de uma idéia, mas com possibilidades de grandes dificuldades na materialização dos planos.

2. Macho no primeiro dia (ideograma de Ọbàrà):

Significado: Saúde mental, lucidez, triunfo na organização e execução do planejamento.

Vejamos agora um Odù que traz em seu símbolo três caídas abertas, o odù Ọ̀túrá. Ele nos daria, ainda com apenas uma coluna, suas seis possibilidades de interpretação:

1. Fêmea no primeiro dia, fêmea no terceiro e macho no quarto dia.

2. Fêmea no primeiro dia, macho no terceiro e fêmea no quarto dia.

3. Macho no primeiro dia, fêmea no terceiro e fêmea no quarto dia.
4. Macho no primeiro dia, macho no terceiro e fêmea no quarto dia.

5. Macho no primeiro dia, fêmea no terceiro e macho no quarto dia.

6. Fêmea no primeiro dia, macho no terceiro e macho no quarto dia.

Assim imagine se em uma consulta ao jogo do Obí ou Orógbô, você jogasse quatro colunas para uma pessoa. Por exemplo:

1) Na primeira para analisar a situação espiritual.
2) Na segunda para analisar a situação Mental.
3) Na terceira para analisar a situação emocional.
4) e na quarta para ver a situação material.

Se em todas as quatro colunas, surgisse o Odù òtúrá, você teria a possibilidades de seis interpretações diferentes para cada coluna, mas todas em uma mesma força-padrão.

Como já disse, esse raciocínio pode ir muuuuuuiiiito longe.

Mas vamos agora mais importante finalidade, na verddade, este é o grande motivo pelo qual estou expondo estes conhecimentos, pois agora iremos aprender uma maravilhas técnica. A técnica de como podemos literalmente CONVERSAR não apenas com as Àjẹ́ citadas neste livro, mas com absolutamente, todasa s forças da natureza espiritual, mental, astral e física.

A técnica da comunicação oracular:

Para aplicarmos esta técnica precisaremos dos seguintes materiais:

1. Um Obí ou um Orógbô.
2. Duas pequenas pedrinhas, uma preta e a outra branca.

E só!

Vejamos um exemplo bem prático:

Vamos imaginar que você deseja conversar com uma das Àjé citadas neste livro, por exemplo, a Àjé Ìyá Abirùsọ ro. Primeiramente você poderia escolher uma das várias oferendas ensinadas neste livro e assim como um "simpático cartão de visitas" agradá-la para que ela se dispusesse a estabelecer contato com você. Neste caso você deveria acrescentar a oferenda um obí ou um orógbô, para que depois de oferecê-lo, seja com os textos de vocação também ensinados aqui, ou simplesmente como a sua "boa e velha língua natal" (na medida de que o que realmente importa, são os seus reais sentimentos ao pronunciar suas intenções – pois os seres espirituais falam a língua dos sentimentos e dos símbolos, e não a língua dos homens), você pudesse utilizá-lo como instrumento de comunicação entre você e a Àjé. Imaginando que após você realizar a oferenda (o que seria na verdade, um pedido de contato), você pegasse em suas mãos as duas pequenas pedras e assim você falasse:

"- Ìyá Abirùsọ ro, eu estou te chamando para que você venha conversar comigo, eu te chamo para que eu possa aprender. Com estas duas pedras em minhas

mãos e com este orógbô que lhe ofereço, venha me ensinar os segredos e as verdades, para as minhas perguntas, você tem a luz e sombra, que quando você queira me dizer um sim, que o orógbô me aponte a pedra branca e da mesma forma, quando você quizer me dizer um não, que o orobô me aponte a pedra preta".

Após pronunciar estas palavras, então você deveria pegar as duas pedras e balancá-las em suas mão, para que "ao acaso", você pudesse colocar em cada uma de suas mão uma pedra diferente. Após isso, você deve colocar a sua frente diretamente no chão, em cada lado uma pedra, com você ao centro. Supondo que na mão direita ficou a pedra preta, você deve colocar do seu lado direito esta pedra, e da mesma forma com a pedra branca, colocando-a ao seu lado, do lado em que ficou na mão. Assim você definiu a linguagem oracular e mais ainda, agora você e ela sabem que se ela quiser te responder um sim, o orógbô vai apontar a pedra branca (independente do lado esquerdo ou direito em que ela ficou) e assim com a pedra preta. Agora você deve jogar o orobô uma única vez para cada pedra, e de acordo com o odù que aparecer em relação a cada pedra você terá a resposta. Mas vamos a um exemplo melhor:

Sua pergunta: " - Ìyá Abirùsọ ro, a oferenda foi bem aceita?"

Você tem a pedra branca ao seu lado direito simbolizando sim e a pedra preta ao seu lado esquerdo simbolizando não. Assim você joga uma vez para cada pedra.

- Para a pedra direta, o orógbô "respondeu" com o odù Òbàrà com uma Fêmea aberta.

- Para a pedra esquerda, o jogo respondeu o odù Ọkanran com um Macho aberto.

Basta agora você ver a tabela abaixo e descobrir qual é o odù "mais velho", ou seja, o que nasceu antes.

Tabela de ordem de "nascimento dos Odùs":

1. Èjìogbè
2. Ọ̀yẹ̀kú
3. Ìwòrì
4. Òdí
5. Ọ̀bàrà
6. Ọ̀kànràn
7. Ìrosùn
8. Ọ̀wọ́nrín
9. Ògúndá
10. Ọ̀sá
11. Ìretè
12. Ọ̀túrá
13. Ọ̀túrúpọ̀n
14. Ìká
15. Ọ̀ṣẹ́
16. Òfún

Este símbolo que é conhecido como "Ordem de Ifá", representa a ordem de chegada dos Odus, quando vieram do "céu para a terra", ou seja, é na verdade uma representação numérica da forma como foi criado o universo e os graus de importância entre os vários Odus sobre si mesmos pela visão da cidade de Ile Ifé.

Assim por Ọbàrà ser o quinto odù a nascer e Ọkanran o sexto, isso significa que Ọbàrà é mais velho que Ọkanran, pois possui a quinta posição de nascimento e Ọkanran a sexta. Assim, a resposta que Ìyá Abirùsọ ro está lhe dizendo é a seguinte:

"- SIM, aceitei a oferenda".
(Ọbàrà neste exemplo "caiu" para a pedra branca, a pedra do "sim")

"- Não apenas aceitei, como lhe darei prosperidade, através da força capaz de atrair riquezas e boa sorte".
(Ọbàrà, neste exemplo "caiu" no jogo com a caída aberta em Fêmea).

Esta é a primeira parte da resposta, pois devemos agora analisar o "lado sombra" desta mesma resposta (o odù que caiu na pedra preta) o qual apesar de ter "perdido na disputa pela ordem de nascimento", também deve ser interpretado, pois este lado sombra, nos orienta sobre os cuidados que devemos ter para que a parte positiva possa fluir perfeitamente.

No nosso exemplo, o "lado sombra" da resposta foi o odù Ọkanran com a "caida aberta" Macho. Com esta informação, assim continuaria Ìyá Abirùsọ ro a falar:

"-Entretanto, para que estas boas coisas possam ser realizadas, você também deve assumir sua parcela de responsabilidade e trabalho. Tome cuidados relacionados a aventuras sexuais ou até a relações de uma forma em geral *(O odù Ọkanran rege a relação sexual)*, pois está certo uma briga e intensa disputa relacionada a alguém que você se relaciona, e isso pode afetar sua saúde *(quando 1 orógbó Macho (ofú),*

*está aberto, significa triunfo ou saúde. O nome desta leitura é: Ifera)*nesta disputa você está destinado a ter triunfo, mas mesmo assim se você puder, é melhor evitá-la , pois senão desta maneira, você perderá um precioso tempo, no qual poderia estar aproveitando a riqueza que já lhe é sua!".

Desta forma através de resposta sim e não você pode perguntar e obter respostas, no mínimo com todos os seres citados neste livro. Para um melhor estudo, você deve estudar os significados e funções dos Odùs citados neste capítulo, os quais apesar da forma resumida, são muito importantes, pois nisto está uma informação de grande qualidade qualidade, pois é a informação que realmente funciona. Sem "firulas e encheção de linguiça". Estude também, o significado das caídas Macho e Fêmea, e assim com a prática você conquistará ótimos resultados fazendo como eu já faço há muito tempo, aprenderá diretamente da fonte.

Como estes conhecimentos oraculares são típicos da tradição do Ifá, acrescento agora algumas informações sobre a tradição antiga a nível social do Ifá Yorùbá. Lembrando, porém, que hoje, em pleno século 21, este mesmo sistema de organização, com seus ranços e preconceitos seculares, torna-se absolutamente obsoleto.

A antiga organização social do Ifá

A origem dos Divinadores de Ifá, se liga ao mito da fundação do estado Yorùbá, quando da chegada de ÒRÚNMÍLÀ juntamente com ODUDUWÁ. Esta fundação foi baseada na cidade de Ilè Ifé, sendo os "descendentes" de Òrúnmílà os dezesseis Bàbálawòs do Rei (Oni) de Ifé.

Estes sacerdotes eram chamados de AWONI (AWO + ONI = Segredos do Rei), este tipo de instituição parece restrita a cidade de Ilè Ifé e ao Oni (Rei) desta região. Certamente outros Oni, também possuem seus Bàbálawòs, mas em nenhuma outra localidade foi detectada complexidade de organização e conhecimentos no mesmo nível. Os Awoni estão situados acima de todos os outros sacerdotes de Ifá, sendo todos os demais, não importando a região do continente e muito menos a nacionalidade, sacerdotes que nas palavras de um Awoni "NÃO CONTAM EM NADA", pouco importando o quanto de Ifá possam conhecer ou quão peritos e competentes sejam em divinação ou magias.

Para se tornar um AWONI, algumas condições eram imprescindíveis:

1) Era estritamente necessário que o candidato a AWONI fosse nativo de Ilè Ifé

2) Também era fundamental que o candidato fosse OLÓDÙ (ou seja, possuísse um Igbá Odù).

3) Estes candidatos tinham que haver nascido em uma das 16 famílias tradicionais, consideradas como fundadoras de Ilè Ifé.

Por isso independente da habilidade do Sacerdote de Ifá, se ele não cumprisse estas exigências, ele seria considerado um ELÙ, o que significa: "Estrangeiro em Ifé".

Os Awoni possuíam títulos específicos, listados abaixo segundo a ordem conhecida em 1937.

1) ARABA: "Pai das árvores", Awoni-chefe.

2) AGBONBON: "Aquele que vem primeiro", nome do primeiro filho de Òrúnmílà.

3) AGESINYOWA: "Pessoa rica o suficiente para possuir um cavalo".

4) ASEDA: "Aquele que faz criaturas" ou "Aquele que cria gente no céu".

5) AKODA: "Portador de espada" mas foi interpretado como uma corruptela de AKODE, significando "o que chega primeiro", por ser este Awoni que chama os demais para o festival anual e, conseguinte os precede.

6) AMOSUN: "O que toma Osun", referindo-se a lança de ferro (Osun, orere) como também ao pó vermelho, Osun.

7) AFEDIGBA: "Senhor do Edigba", se referindo as contas que no Brasil são conhecidas como Ladigbá, contas estas que todo Awoni possui. Este Awoni arrumaria os Edigba do Araba, enquanto este dança na festa anual em louvor a Òrúnmílà.

8) ADIFOLU: "O que divina todos os gêneros de Ifá", misturando-os todos, enquanto na prática ele procede à divinação tal qual os outros.

9) OBAKIN: "Rei Okin", se referindo a um pássaro branco (Okin), a garça- real, a qual no Egito era

associada ao mito da ave-fênix, pássaro BENU. As penas deste pássaro, sempre foram altamente valorizadas por serem usadas nas coroas dos Reis Yorùbá.

10) OLORI IHAREFA: "O cabeça dos Iharefa", chefe dos funcionários encarregados de Ifá no palácio real. Embora eles próprios não pratiquem divinação, conhecem muito a respeito, frequentemente mais que muitos Awoni.

11) LODAGBA: "Camareiro", aquele que serve comida e bebida para os outros Awoni, tomando conta de tudo o que não foi consumido.

12) JOLOFINPE: "O que deixa o Rei permanecer no poder", a função deste Awoni é cuidar do Rei quando está doente.

13) MEGBON: "Não sou sábio", este título se refere ao fato de o primeiro ocupante do cargo, haver sido respeitado mais por sua posição social, do que propriamente por sua sabedoria.

14) TEDIMOLE: "O que comprime o peito contra o chão", este título lhe era dado, pois nos tempos mais antigos, o sacerdote que ocupava este cargo, jamais poderia deixar sozinho o sacrário de Ifá, ou seja, este Awoni passava toda a sua vida a partir do momento em que ocupasse a função de Awoni ao lado do "assentamento" de Òrúnmílà.

15) ERINMI: "Elefante-dágua", hipopótamo, se refere a uma divindade fun-fun, responsável pela abundância

segredos", mas esta não era uma categoria, era antes uma espécie de elogio, uma dignificação ou forma de reconhecimento por suas habilidades ritualísticas.

O quarto e maior grau entre os Bàbálawòs era privativo da cidade de Ilé – Ifé, e eram chamados AWONI.

CAPÍTULO 4

ÈDÈ-EYE (A linguagem dos Pássaros)

"...Sábio será aquele que em tudo vislumbrar a sua própria face, este reinará entre os fortes e esmagará os fracos..."

Autor Anônimo

"...Falo a língua dos loucos, porque não conheço a mórbida coerência dos lúcidos..."
Luiz Fernando Veríssimo

"...Quanto mais as palavras têm um sentido oculto, mais são apreciadas pelos seus conhecedores. Os melhores jogos de palavras são aqueles cantados na presença da pessoa a quem aludem, sem que ela os perceba..."

Gilbert Rouget, escrevendo sobre a magia dos Ofò entre os Yorùbá.

A "linguagem dos pássaros" ou "linguagem secreta", é uma das reminiscências do xamanismo arcaico na magia prática de Iyámi. O próprio idioma Yorùbá, possui em sua "musicalidade", muito destas antigas técnicas evocatórias. Tanto o idioma Yorùbá, quanto a linguagem mítica dos pássaros utilizada na magia prática de Iyámi, possui características da música modal aplicada aos 3 corpos que constituem o ser humano, a saber: o corpo físico, o corpo astral e o corpo mental. Na medida em que este idioma, possui três tons simples (e mais dois compostos) em sua entonação, cada um deles como que vibra em determinada faixa de

energia. Um outro conceito importantíssimo aqui, é o conceito de Emí (respiração), sendo considerada uma das 4 almas do ser humano, utilizar-se do Èdè-eyẹ é usar as ferramentas mais sagradas da tradição Yorùbá: A Alma Emí (respiração e fonte da vida, ligada ao elemento Ar e base de todos os encantamentos - Òfò), acrescentado à musicalidade dos pássaros, que é representada na língua Yorùbá principalmente através de seus 3 tons simples, que na grafia é assim demonstrado:

Acento grave = Tom Baixo – corpo físico
Sem acento = Tom médio – corpo Astral
Acento agudo = Tom alto – corpo mental.

Vejamos um exemplo:

Nesta questão em particular sobre o idioma Yorùbá, não posso deixar de agradecer aqui, ao meu amigo e grande "fera" em Yorùbá, que é o Sr. Amẹ̀yin Gbọ́mọ Ẹkùn - Bàbálòrìṣà Luiz de Ògún. O qual muito me ensinou sobre o Yorùbá, e que é sem dúvida nenhuma, uma das melhores "cabeças pensantes" do culto aos orixás no Brasil. O exemplo citado abaixo sobre as palavras Ògún, Ogún e etc, são retirados diretamente de sua apostila sobre o Èdè Yorùbá (a qual recomendo), sendo que as abordagens relacionadas aos planos físico, astral e mental são de minha concepção. (Valeu Xará!).

"... A Palavra Ògún (Orixá da guerra, do ferro e da agricultura) = musicalidade de um tom grave (Ò) para um tom alto (gún), ou seja , produz um fluxo energético que se origina no plano físico e afeta ao plano Mental (de um som - elemento acústico, para um pensamento).

A palavra Ogún (Herança) musicalidade de um tom médio (O), para um tom alto (gún), produz um fluxo energético que começa no plano astral e afeta o plano mental (de um sentimento para um pensamento).

A palavra Ogun (Guerra), toda em tom médio, começa e produz vibrações exclusivamente sobre o plano astral (completamente baseado sobre um sentimento, o que a própria palavra guerra, já nos sugere).

A palavra Oogún (transpirar), do tom médio (Oo) para o tom grave (gùn), começa no plano astral e afeta diretamente o plano físico (do som para o pensamento).

A palavra Oogún (numeral 20), do tom médio (Oo), para o tom agudo (gún), começa no plano astral e afeta o plano Mental (de um sentimento para um pensamento).

Nos encantamentos (Òfò) mais comuns da tradição Yorùbá, o texto sempre possui um significado, vejamos um exemplo:

-"Ewé tótó lé ní ki ara mi ó máa dán", que significa:- "A folha de tótó (Marantochloa Leucantha, Marantaceae) manda que o meu corpo seja macio". Este encantamento é voltado a imantar a folha da propriedade de tratar tensão no corpo. Daí que o texto não apenas expressa a finalidade da utilização ritualística de um determinado material, como também teria a capacidade de despertar os "poderes ocultos" deste mesmo material. Para que isto possa acontecer, aquele que pronuncia o Òfò deve tomar algumas precauções: - Utilizar-se de Ataare (pimenta-da-costa), material que é utilizado na totalidade dos rituais e sacrifícios, algumas vezes acompanhada de obi, dandá ou orógbó, pois se acredita que a ataare, ao ter a

propriedade de dar força mágica às palavras e facilitar a eficácia dos encantamentos, preces ou pragas, torna-se um material indispensável; outra postura tradicional é a de sempre se fazer os Ôfọ em jejum.

No caso dos Ôfọ que estou expondo neste capítulo, eles não possuem um significado literal explícito, não é possível encontrarmos qualquer espécie de tradução, mesmo no idioma Yorùbá. Estes encantamentos que chamo de "Ôfọ t'èdè-eye"- "Encantamentos de idioma (ou de linguagem) dos pássaros", são um tipo de material muito mais próximos do conceito Hindu de Mantra, ou do de "Palavras de Poder" na Magia Egípcia Antiga. Pois na medida em que eles não possuem um significado linguístico explícito, o consciente de quem os pronuncia não interfere limitando o despertar do Àse. Estes "Ôfọ t'èdè-eye" possuem a capacidade de acessar diretamente o subconsciente, podendo assim despertar os canais psíquicos das mentes mais profundas do ser humano (a mente que guarda os instintos dos predadores, e a mente que irmana o ser humano ao primeiro ser do planeta, o ofídio). São exatamente estes, os níveis mentais mais poderosos que são utilizados na magia prática de Ìyámi Òṣòròngá, sendo isto o que representa os seus símbolos tradicionais em forma de Pássaros predadores noturnos e de Serpentes (Para maiores informações, veja o capítulo: O Pássaro e a Serpente). Desta forma, são estes Ôfọ t'èdè-eye, os encantamentos mais indicados na prática da magia de Òṣòròngá (para não dizer, no de qualquer magia que queira funcionar). Apesar deles não terem "sentido" na leitura comum, eles possuem finalidades e posturas apropriadas na sua execução. Para os de finalidades positivas, aconselho que a pessoa masque a fruta orógbó (Garcia Cola, Guttiferae), pois é a árvore do pilar da Felicidade da tradição de Ìyámi, para os Ôfọ t'èdè-eye de finalidades negativas, aconselho a pimenta de macaco (Árvore Arère - Annona

Senegalensis, Annonaceae) pois é o pilar dos ritos de destruição na tradição de Ìyámi. Através do som (resultado acústico) produzidos por estes Ôfọ t'èdè-eye, acompanhados do sentimento e do pensamento "afinados" ao objetivo do ritual, é possível fazer quase tudo, sendo o quase, praticamente uma questão mais de quem faz, do que como faz! Para os músicos, ou para aqueles já acostumados com a prática dos mantras, eu indico o seguinte: Para os tons graves que afetam o corpo físico deve-se emitir a nota Ré, para os tons médios a nota Lá, e para os Agudos, a nota Dó. Percebam os amigos leitores, que no corpo físico uma energia é poderosamente gerada através de um som que vibra (natureza acústica), no corpo astral, a energia é gerada, quando o som vem acompanhado de um sentimento (natureza emotiva), e no plano mental, a energia é gerada, quando o som vem acompanhado de um pensamento (natureza telepática). Por isso, ao utilizarmos, os exemplos de prática do Èdè-Eye, devemos sempre, emitirmos um som, um sentimento e um pensamento que sejam coerentes entre si e o ritual. Pois desta forma, afirmo que sem sombra de dúvida, esta técnica trará inúmeros resultados satisfatórios, principalmente para aqueles que já possuem o hábito da Àṣàrò (meditação).

Apenas sobre este assunto, todo um novo livro seria necessário para podermos aprofundarmo-nos, mas acredito que para o leitor realmente dedicado a aprender, muitas "chaves" foram aqui fornecidas. E o mais importante, aquele que praticar corretamente da forma como expliquei não se arrependerá, pois os resultados virão.

No decorrer do livro, o leitor lerá vários Ôfọ tradicionais, mais em sua grande maioria, a base de encantamentos aqui ensinada é no Èdè-Eye (Idioma dos pássaros). O porquê disto é o seguinte: Na prática o Ôfọ tradicional funciona, mais pelos

motivos que descrevi acima, os Òfọ̀ t'èdè-ẹyẹ funcionam muito mais, e como é o RESULTADO que me interessa, para estes eu dou a preferência.

Sobre a pronúncia:

Letra E : Pronuncia-se como - você, este ou ele.
Letra Ẹ : Pronuncia-se como – mulher, vier ou zezé.
Letra O : Pronuncia-se como – vovô, flor ou olhou.
Letra Ọ : Pronuncia-se como – vovó, socó ou filó.
Letra Ṣ : Pronuncia-se como X ou CH.
Acento agudo: Pronuncia-se com tom alto.
Acento grave : Pronuncia-se com tom baixo.
Sem acento: Pronuncia-se como tom médio.

1) Òfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: Para vencer um inimigo

LÉTÁMIGÁṢỌ̀YÁRÒBÀBOMỌ́

2) Òfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: Para evitar infidelidade

RUBESALÓRÒMÌYÁṢÒGÁKÌLÚBÁ

3) Òfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: Para provocar brigas

WỌBIRÈKÓNÌGÁṢÒMÌBALỌRÒBÉYÁDA

4) Òfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: Para fazer chover

YÉNÁRIREWÁRÒMÌWÁṢẸ́GÁYÁJÌṢÒLỌ

5) Òfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: Para estancar hemorragia

YÁṢÒGÁMISULỌJÈBAKARÒ

6) Òfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: Para obter ascensão material

WARÉBÀBOKÁ

7) Òfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: Para ter proteção durante uma viagem.

(...SEU NOME COMPLETO...) + RUSÀBIKÌÁNKOLỌ́

8) Òfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: Para se ter boa sorte

MIṢAREKỌJÚMUṢE

9) Òfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: Para seduzir uma mulher

MIÈṢEBINÍÀRIBÒṢÙKI

10) Òfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: Para seduzir um homem

(...NOME DA PESSOA...) KABÁLÈKIKỌ́YÀMÁ

coisa fora deste referencial, estará eternamente fadada a não se realizar.

8. Para se ter controle sobre a vida material, é preciso definir quem você é e principalmente, qual é a sua riqueza. Assim, somente quando você sabe o que realmente você quer, é que se torna possível qualquer intrusão da mágia em seu destino.

Finalmente devemos falar do grande Orixá Ògún, o qual é sem sombra de dúvida um orixá importante associado a este assunto, mais principalmente porque em seus mitos, Ògún sempre representa o esforço e a disciplina associados ao Trabalho. Sendo por isso mesmo, também associado à guerra. Realmente o trabalho e a guerra, quando vistos sob o ponto de vista da realização que é construída "a cada território conquistado", são bastante próximos. Não sendo atôa que a máioria dos empresários atuais, estudam antigos tratados de guerra, e aplicam estes mesmos conhecimentos em seus projetos de ambição e realização profissional. Mas em que sentido, Ògún "dá caminho" para realização, como bem se sabe no meio Afro-Religioso?

Isto procede devido ao fato que a diferença entre você ter dinheiro e você ser rico, está profundamente indicada pela sua atitude ao trabalhar. O que é o trabalho para você? Prazer ou "batalha" diária?

Qual aspecto de Ògún você encarna para conseguir sua riqueza ou seu dinheiro? O do Ògún ferreiro, criativo e cheio de prazer ao forjar instrumentos, e por isso mesmo ligado à satisfação, ou o do Ògún visceral e dominador, que "toma dos outros" através da guerra e do conflito, o seu sustento e reino?

Se Èṣù é o orixá proprietário do conhecimento da manipulação do dinheiro, cabe a ele a presença ou ausência de dívidas na vida de pessoa, pois se uma determina magia pode lhe

conceder a benção de uma grande entrada de capital, de nada adiantará, se você se endividar ainda mais. Neste sentido, e em muitos outros, Ògún complementa Èṣù, pois a qualidade da satisfação que você tem em seu trabalho (Ajé ṣàlúgà + Ògún), está diretamente voltada ao valor que você dá a sua riqueza e dinheiro (Ajé ṣàlúgà + Èṣù). Sendo por esta única razão, que muitos trabalham , mas poucos ganham dinheiro! Ìyámi influencia na Fertilidade de sua riqueza, no sentido de gerar frutos, assim como Ajé ṣàlúgà na Qualidade de satisfação da sua riqueza.

Concluindo:

De nada vale em seu sentido definitivo, oferendar Èṣù, Ògún, Ìyámi e Ajé ṣàlúgà, se antes você não decidiu qual "banho ritual" você prefere: O de sangue ou de suôr. Na prática do dia a dia, inúmeras vezes tenho visto ser muito mais fácil auxiliar as pessoas que valorizam o seu trabalho e sua satisfação, do que aquelas que fazem da conquista do dinheiro um fardo a ser cumprido, como um Sísifo que foi condenado a todo dia subir com uma grande pedra até o alto de uma montanha e depois vê-la rolar abaixo, para mais uma vez, e de novo, e de novo, empurra-la para cima, eternamente.



(Exemplo "simplificado" de assentamento de Ajé ṣàlúgà, encontrado nos U.S.A.)

Dicas da utilização de alguns Orixás para Magias de Prosperidade

- Èṣù : Rege a Contabilidade, o Planejamento e a estruturação de um negócio ou de uma operação financeira, a habilidade e o "trambique"da "lábia comercial".
- Ajé ṣàlúgà : Rege a Riqueza e a Boa Sorte.
- Òòṣàálá : Rege a projeção das qualidades criativas e pessoais, comõ elementos atrativos de riqueza, valorização e especialização profissional.
- Òṣun : Rege questões associadas ao prazer e a posse.
- Ọbálúwàiyé : Grandemente associado ao dinhèiro, através do mito da cabaça de òsun, Ọbálúwàiyé controla o que em finanças é conhecido como Orçamento.
- Ọya : rege o dinamismo da comunicação e da propaganda, como arma de sedução para venda.
- Òṣùmàrè : O equivalente masculino de Ajé ṣàlúgà na Nação Keto, possui idênticos atributos, mas de forma mais acentuada nas questões de atração para ciclos de oportunidades que podem ser aproveitadas comercialmente. Também significa riqueza adquirida por trabalho magístico.
- Ṣọngó : O Imperador e Administrador, Nobreza e direitos adquiridos através da Ancestralidade, impulso, manutenção e permanência do negócio.
- Ọṣóòsí : Abundância de "Caça", ou seja, ótimo retorno comercial adquirido através de esforço direcionado a qualidade, e a quantidade do retorno comercial.
- Ògún : O trabalho e a conquista de mercado.
- Òsonyìn : Rege o cuidado da manipulação do produto
- Ìyámi Ọṣòròngá : Rege o poder e a intensidade de interferência da magia em absolutamente, todas as questões.

Rito de Prosperidade na Magia Prática de Ìyámi Ọṣòròngá:

Finalidade: Atrair Clientes
Odù : Ọbàrà Ìwòri
Fase lunar: Cheia

Pegue água de chuva de lua cheia e acrescente, folhas de baobá, guiné e alfavaca maceradas, com muitas orquídeas brancas (as quais você macerou as folhas, acrescentando-as na água, mas preservou as flores, colocando-as dentro sem "machuca-las"). Rale sete orógbós e desta água preparada, faça uma grande sopa com os mais variados legumes. Deixe dentro da sopa sete pedaços de ferro e duzentos búzios durante todo o preparo. Desenhe o Odù em Ìyèròsùn e recite o seguinte Ofọ̀ t'èdè-èyẹ : "ṣewókatíníyó". Derrame esta sopa sobre sete conchas grandes e o que restar coloque em uma cabaça. Entregue em uma mata que fique bem próxima da beira do mar, e ofereça a Èṣù, Ìyámi e Ajé ṣàlúgà.
Se quiser, após oferecer, você pode pegar um pouco da sopa e lavar-se sob os pés de uma árvore muito frondosa, sempre recitando o Ofọ̀ t'èdè-èyẹ. Após o ritual pegue as conchas e leve para casa, lave-as e guarde-as com cuidado, de preferência em um local aonde você já esteja acostumado a vivenciar seus momentos de introspecção e fé, e não permita que nenhum estranho as veja. Por sobre estas conchas você sempre poderá fazer rituais para prosperidade, já que elas foram oferecidas e consagradas nesta finalidade.

Se você possui uma casa comercial, pode deixar em algum lugar discreto de seu comércio uma das conhas, de preferência a maior, pois desta forma seu comércio ficará continuamente magnetizado com a energia positiva da prosperidade.
Nunca esqueça de sempre colocar muitos búzios (Cauri), em todas as ritualidades que forem voltadas a finalidade de prosperidade e riqueza. Pois o cauri circulou por muito tempo na África. Para os povos do continente a concha valia, literalmente, ouro. Nem dá para acreditar que uma conchinha branca possa ter sido tão importante. Para quem não conhece, o cauri pode não passar de uma simples coisa do mar. Já para os povos africanos, foi moeda, amuleto, adorno e símbolo de felicidade. Diziam até que o cauri possuía poderes mágicos. Tempos atrás, era colocado nos túmulos para "ressuscitar" os mortos. Até hoje a concha tem fama de aumentar a fertilidade e os anos de vida das pessoas. É muito comum ver noivas africanas usarem coroas cravejadas de cauris no dia da festa do casamento como proteção contra a esterilidade. Mas o principal modo de utilização do cauri foi mesmo como dinheiro. Era a "moeda oficial" da África no século passado. Aliás, não só na África como em muitos lugares da China, Índia, América, ilhas do Pacífico e, inclusive, Europa (foram achados cauris em algumas tumbas antigas na Inglaterra).

Diversidade de moedas

A África conheceu a moeda de metal apenas no século 18. Primeiro foi a introdução da piastra espanhola e, mais tarde, o tálero de Maria Teresa – rainha da Áustria entre 1740 e 1780. Após as guerras napoleônicas, no final do século 18, o franco também foi adotado. Entretanto, mesmo no século 19, o uso da moeda moderna não era muito difundido no continente.

Antes do século 18, as moedas eram as mais diversas. Algumas regiões adotavam seu principal produto como objeto de troca. Assim, as comunidades agrícolas utilizavam os grãos que cultivavam, os grupos pastoris usavam cabeças de gado, os povos pescadores, o pescado seco, e os grupos caçadores, peles de animais.
Às vezes, a comunidade escolhia como moeda algo que nem era produzido na região e que, portanto, tinha que ser importado. Era o caso, por exemplo, dos mouros da África ocidental, que fixavam os preços em cabeças de gado. O mesmo acontecia nas regiões costeiras africanas que mantinham relações comerciais com a Europa. Muitas delas calculavam os preços com base em tecidos trazidos das Índias. Outros produtos usados como moeda foram barras de sal (utilizadas na Etiópia até 1933), contas de Veneza, barras de cobre e até plumas. Antes da introdução do cauri, outras conchas podiam ser encontradas em regiões isoladas da África, recolhidas nas margens do rio Congo e na ilha de Luanda. Os portugueses chegaram a importar conchas do Brasil, que circularam até o século 17. Em Uganda e na atual República Democrática do Congo, as conchas de caracóis serviam para o pagamento do dote da futura esposa e para garantir a entrada em sociedades secretas.

Domínio do cauri

Nos séculos 18 e 19, o cauri tomou o lugar da maioria dos meios de troca. A pequena concha virou uma das moedas mais universais do período. O sucesso não foi por acaso. Além da cor e da forma atrativa, o cauri possui uma característica essencial a qualquer moeda: é muito difícil de ser falsificado.

A combinação de beleza, durabilidade e dificuldade de copiar, associada a supostos poderes mágicos, fizeram do cauri a moeda mais difundida e a que ficou por mais tempo em circulação antes da introdução do dinheiro moderno.

Existem cerca de 165 espécies diferentes de cauri. A mais usada tem um nome bem sugestivo: Monetaria moneta. É uma concha oval, de mais ou menos três centímetros, branco-amarelada e com a borda da cavidade como que inchada e cheia de pequenos nós. Esse tipo vem exclusivamente das ilhas Maldivas, no oceano Índico.

Outro tipo bastante difundido foi o cauri de anel, Cypraea annulus, encontrado na costa ocidental africana. É diferente do anterior por ser um pouco mais branco e possuir uma linha anular vermelho-amarelada na parte superior. As bordas da abertura não possuem nós.

Contudo, a espécie de cauri que dominou o mercado foi mesmo a das Ilhas Maldivas. O centro de distribuição estava na província de Bengala, na Índia.

Quando a região foi invadida pelos muçulmanos, no século 18, as conchas foram levadas para Meca, na Arábia, e depois para o Cairo, no Egito, que se tornou com o tempo o principal centro distribuidor. Foi assim que o cauri chegou ao norte africano, dali viajando com as caravanas para os demais países da África e Europa.

Abundância e queda

Há indícios de que o cauri já era utilizado entre 1290 e 1352 por mercadores venezianos, que cruzavam as rotas do Saara, do Golfo Pérsico até o Níger. Comprovadamente sabe-se que, antes do século 14, os povos do vale superior do Níger usavam o cauri como adorno e moeda. Na região norte da Nigéria, no século 14, a concha era trocada por ouro. Também na próspera

e famosa cidade de Tombuctu, no Mali, existem registros de seu uso.

Uma segunda rota de comércio levou o cauri da costa oriental da África até a costa Atlântica. Tempos depois, uma terceira via, aberta no século 15, ligando oriente e ocidente africano, causaria o declínio do uso do cauri como moeda.

Os mercadores alemães, que viviam na África oriental, importaram uma quantidade imensa das conchas em 1550, o que causou uma inflação demolidora. O cauri importado por eles vinha da Ilha de Zanzibar, na Tanzânia, sudeste da África. Era do tipo Cypraea annulus, diferente do oficial Monetaria moneta, das Maldivas.

Nos anos seguintes, outros mercadores seguiram o péssimo exemplo dos alemães. A companhia inglesa Messrs. Stuart and Douglas saturou o mercado com cauris de Zanzibar. Para se ter uma idéia, certa vez, 27 mil toneladas de conchas foram exportadas de uma só vez para a costa ocidental africana. O cauri perdeu assim todo valor. Dois mil cauris chegaram a valer apenas 6 dinares de ouro. Anos antes, 2 cauris eram suficientes para, literalmente, comprar uma esposa. Em 1896, no Togo, 4 mil conchas correspondiam a apenas 1 marco alemão. No ano de 1886, 3.300 toneladas de cauris passaram pelo porto de Lagos, na Nigéria. Ali, um saco com 50 quilos de conchas não custava mais do que 4/6 de dinar.

Montanhas de cauri

Algumas regiões tinham preferência por tipos especiais de cauri. No oeste do Níger, os mais cobiçados eram os compridos, enquanto na região oriental os preferidos eram os pequenos, das Maldivas.

Também existiam diferenças regionais na maneira de contar os cauris. Entre os Yorúbá, por exemplo, 40 cauris formavam

1 réstia, 5 réstias valiam 1 cacho, 10 cachos equivaliam a 1 cabeça e 10 cabeças a 1 bolsa. Uma réstia de cauri valia aproximadamente 16 por cento de 1 dinar.

Os Fulani, chamavam o cauri de sedere. Na contagem deles, 20 conchas formavam 1 jalo, 5 jalos valiam 1 hemre e 10 hemres correspondiam a 1 zambarre. Para comprar um escravo era preciso 100 zambarres, e um cavalo custava entre 50 mil e 1.200.000 sederes.

Os Birom, que vivem no planalto nigeriano, contavam o cauri com uma vasilha de couro chamada wareng. Um wareng cheio de cauri pagava o dote de uma mulher ou comprava um escravo.

O uso do cauri como moeda era oficialmente reconhecido pelo governo, de tal forma que a taxa de importação de algumas mercadorias podia ser paga com cordas de cauris. Em 1920, o valor do cauri no mercado de Oshobo, na Nigéria, era o seguinte: 40 conchas valiam 1 réstia, 50 réstias correspondiam a 1 cabeça e 10 cabeças compravam um saco que valia 5 táleros (moeda antiga alemã).

Mas a inflação do cauri bagunçou todas as contagens. Se no século 11, por exemplo, 1.150 cauris equivaliam a 1/4 de onça de ouro, no século 16 esse número subiu para 3 mil. Em 1816 houve uma pequena recuperação desse valor, mas, a partir de 1853, a queda foi irreversível. No ano de 1880, era preciso 6 mil cauris para obter a mesma quantidade de onças de ouro.

Como naquele tempo se usava o cauri para pagar o dote, com a inflação começaram a acontecer situações curiosas. Às vezes, o noivo tinha que pedir a ajuda de doze homens fortes para transportar a quantidade de cauris necessária para o pagamento do dote da esposa.

Não é por menos que, a partir de então, o uso das conchas como moeda foi proibido em diversos países. Uganda retirou o cauri de circulação em 1901, o mesmo acontecendo na

Nigéria e em outros países africanos a partir de 1923.

Sem o prestígio de moeda, o cauri conservou no entanto suas virtudes originais. A beleza de seu formato e cores continua até hoje a enfeitar esculturas, máscaras e pessoas em dezenas de países africanos.

E por isso tudo, agora você pode entender que rituais para os orixás e demais divindades africanas, é sempre importantíssimo o uso do cauri, seja como o conhecido búzio ou mesmo, as conchas, as quais são símbolo de AJÉ ṢÀLÚGÀ, o orixá da riqueza, o qual por ser feminino, tem sempre que contar com "a participação muito especial" de Ìyámi Òṣòròngá em seus cultos e ritos...



(instrumento ritualístico para magias de riqueza e dinheiro. Chama-se Igi-owó "árvore do dinheiro" e mais tradicionalmente é feito com cauris)

CAPÍTULO 6

ÈLA E ÌYÁMI ÒṢÒRÒNGÁ
O JOGO DA ORDEM E DA DESORDEM NO UNIVERSO.

"...Às vezes eu falo com a vida, às vezes é ela que diz,
qual é a Paz que eu não quero conservar pra tentar ser feliz..."

O Rappa

ÈLA é o princípio da ordem, da retificação de destinos infelizes, sua afinidade com Ìyámi relaciona-se aos mitos da criação do mundo, quando Iyá se torna a mãe de todos os orixás e proprietária de seus poderes especiais, ou seja, o da manutenção ou destruição do ciclo de fertilidade no mundo. Sob muitos aspectos práticos Èla é um pólo equivalente a Ìyámi, pois a idéia de ordem e harmonia, sendo intermediadas por Èṣù para a prova do bom caráter e merecimento dos homens, portanto passíveis de desordem e desarmonia em seus destinos, pois assim nos mostra a dialética da Magia de Ìyámi. Èla e Ìyámi são uma só, como um único ciclo maior do ritmo universal.

Se nós aceitarmos que Èla é um princípio primordial, que estava presente no início da criação, estando no mundo e preenchendo-o de bons trabalhos, estabelecendo a ordem e colocando as coisas em seus devidos lugares, poderemos dizer que em um determinado momento o homem de alguma forma acordou de seu estado de "letargia" em um mundo perfeito e sem atropelos, e neste momento se rebelou contra Èla, creditando à ela a responsabilidade de ter retardado o crescimento do mundo e então a difamaram. Em função disso, conta a tradição que Èla se ofendeu e ascendeu aos céus

através de uma corda esticada. Foi somente assim que os habitantes do mundo perceberam que era realmente impossível viver sem Èla e, assim, desde então, se tem rezado por suas bênçãos.

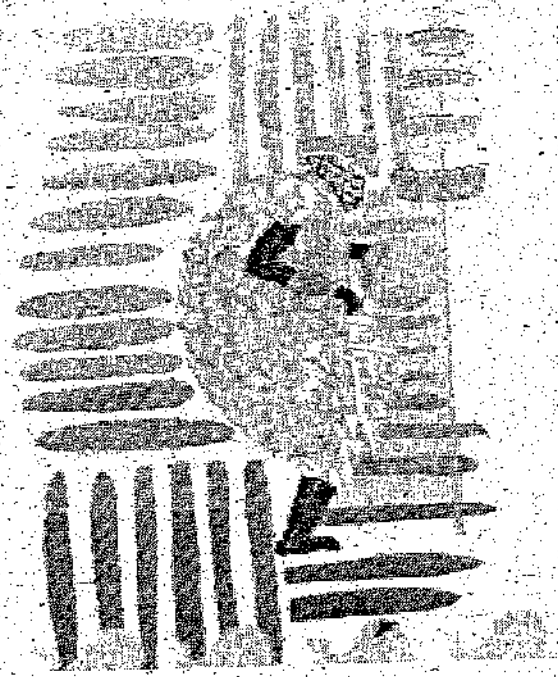
Aspecto importante é percebermos que através de Ìyámi, o poder de Èla se demonstra de forma muito mais forte, pois a força construtiva ou destrutiva de Èṣù sempre irá depender de Ìyámi, e de Èla, que poderá estar presente nos rituais. Pois mesmo para a destruição, o ritual deverá respeitar determinadas regras ligadas a ordem maior do mundo, a qual é representada por Èla, e que pode ser evocada durante os cultos para que venha e abençoe os oferecimentos, tornando-os aceitáveis. Èla também é denominada como o princípio que inspira a aceitação de alguns sacrifícios; que inspira o culto correto e é por este objetivo que a vida tem sido oferecida. Pois como nos diz a frase: "Qual é a Paz que eu não quero conservar pra tentar ser feliz", Ìyámi afirma este sentido e Èṣù o realiza. Devemos escolher entre fazer "a vossa vontade" ou a "minha vontade", e nesta escolha, é importantíssimo sermos lúcidos de nossas escolhas e sacrifícios. Toda a consequência de um ato ritual pode depender disto, ou seja: - "Vossa vontade", participação de Èla - "Minha vontade" – sem Èla, pois quem pode ter certeza absoluta de sua razão e direitos, quando falamos de determinados orixás que podem punir ou salvar? Para evocar Èla em um ritual, acrescente uma orquídea branca (seu maior símbolo e fundamento), e clame por ordem e harmonia, o que não necessariamente, é importante lembrar, virá acompanhado de paz. Por mim, que seja feita a minha vontade!

E que ela (Èla?) seja sempre fortelecida, afirmada e abençoada por Ìyámi Òsòrèngá.

Àṣe

CAPÍTULO 7

ÒRÌṢÀÀLÁ (O ÒRÌṢÁ DO SONHO)



"...O estudo dos sonhos, provê um conveniente ingresso no campo divinatório de entidades e exteriorização ou experiência de "ausência do corpo", toda a humanidade sonha a cada noite de suas vidas, mas poucos podem regularmente, recordar suas experiências mesmo uns poucos minutos depois de estarem acordados. Experiências de sonhos são tão incongruentes que o cérebro aprende a prevenir-se, interferindo com a consciência de vigília. O objetivo do magista é ganhar um total acesso ao plano dos sonhos e assumir o seu controle. A tentativa para fazer isso, invariavelmente, envolve o magista, numa batalha implacável e bizarra com seu próprio censor psíquico, o qual usará quase

qualquer tática para negar a ele estas experiências. O único método de ganhar acesso total ao plano dos sonhos é manter um caderno próximo ao lugar de dormir, sempre. Neste, registra-se os detalhes de todos os sonhos, tão logo possível, depois de desperto. Para assumir o controle sobre o estado de sonho, é necessário selecionar um tópico para sonhar. O magista deveria começar com simples experiências tais como o desejo de ver um objeto em particular (real ou imaginário) e dominar isso, antes de tentar a adivinhação ou a exteriorização. O sonho é causado pela forte visualização do tópico desejado mentalmente de modo silencioso, imediatamente antes de dormir. Para experiências mais complexas, o método de sigilos pode ser empregado. Um registro de sonhos é mais bem mantido separado do registro mágico, já que ele tende a se tornar volumoso. Contudo, qualquer sucesso significativo deveria ser transferido para o diário mágico..."

Liber MMM.

A palavra "Òrìṣàálá" significa literalmente: "Orixá do Sonho". É considerado dentre todos os orixá masculinos, aquele que possui maior poder de magia, por isso é diretamente relacionado a Iyámi Òṣòròngá. Se na magia prática de Iyámi a técnica do "vôo noturno" ou seja, da chamada Projeção Astral possui importância capital. Nestas mesmas práticas Òrìṣàálá ganha tremenda ênfase, devido ao seu Àṣe de magia estar completamente inserido no contexto dos sonhos.

Os sonhos possuem grande importância na cultura Yorùbá, sendo que até nos registros do oráculo de Ifá existe um Odù que possui a função da interpretação dos sonhos, este Odù chama-se Ìrosùn Ọ̀wọ́nrín, e são nos textos relacionados a ele, que podemos conhecer a importância dos sonhos e obviamente, também do orixá do sonho: Òrìṣàálá.

Afirma a tradição Yorùbá que através dos sonhos, podemos nos comunicar com nossos ancestrais, com os orixás e com todas as espécies de seres do "além". Também se afirma, que o Òrìṣà Orí (nossa cabeça astral e mental), também pode nos ensinar e abrir novos caminhos no plano físico, através de rituais realizados em sonhos. Através de Òrìṣàálá podemos "sonhar enquanto sabemos que estamos sonhando", ou seja, tornarmo-nos conscientes de que estamos sonhando.

Ritual:

Este ritual é indicado para as pessoas que possuem os seguintes requisitos:

1. A pessoa valoriza o significado dos sonhos comuns.
2. A pessoa aceita que os sonhos podem mostrar aspectos ocultos de sua personalidade.
3. A pessoa aceita a idéia que os sonhos trazem mensagens através dos reflexos originários do subconsciente.
4. A pessoa costuma lembrar-se detalhadamente de muitos sonhos.
5. A pessoa admite que através dos sonhos pode aprender algo útil e muito importante para sua evolução e descoberta de poder espiritual.

Primeiramente você deve escolher este tipo único de sonho aqui sugerido e após construí-lo intensamente na sua imaginação, você deverá deitar-se pensando nele todas as noites, repetindo-o com vontade até que este "padrão de sonho" sature sua mente. Você deve durante a visualização do sonho, desejar ardentemente sentir todas sensações implícitas no sonho e lembrar-se após o despertar de todos os detalhes.

Indicações:

1. Pela madrugada, isole-se em um quarto fechado onde você não seja perturbado. Este local deverá ter boa ventilação. Fique nu ou use apenas uma roupa muita folgada e macia.
2. Deite-se na posição que lhe seja mais confortável.
3. Durma com sua mente saturada das imagens do sonho programado.
4. Ao acordar, fique na cama sem se mexer e procure se lembrar de todo o eu sonho durante a noite. Se por acaso você não conseguir se lembrar, mude de posição, pois isto poderá lhe ajudar na rememoração.
5. Assim que acordar procure anotar ou ditar seu sonho a um gravador no mesmo local em que você dormiu.

Prática Ritual:

Triture as folhas de Ewé Ìgbà (Lagenaria, Curcubitaceae – nome popular: cabaça), Ewé Ọ́ọ́yọ́ (Corchorus Olitorius, Tiliaceae – nome popular: juta) e Ewé Egéle (Euphorbia Convolvuloides, Euphorbaceae - nome popular: erva andorinha), misture com orí (Butyrospermum Paradoxum, subsp. Parkll, Sapotaceae – nome popular: limo-da-costa). Desenhe sobre o pó de iyèròsùn misturado com bastante efun ralado, o odù Ìrosùn Ọ̀wọ́nrín e misture tudo na preparação. Separe sete folhas (se você for mulher) ou nove folhas (se você for homem), de Flor-d'água (Pistia Stratiotes, Araceae) e após torrar estas folhas, também misture o pó produzido, o iyèròsùn e efun ralados em que você desenhou o odù.

Esfregue no corpo todo a preparação das folhas e dos pós, recitando o seguinte ofọ t'èdè-eye...
Depois enrole em um pedaço de algodão cru, o pó das folhas d'água já misturada com o iyèròsùn e efun ralados, em que você desenhou o odù, colocando-os sob o travesseiro com sete penas de pombo branco, (três da asa direita, três da asa esquerda e uma da cauda), o qual você deve soltar em homenagem a Òrìsàálá antes de deitar, ainda recitando o mesmo ofọ t'èdè-eye.
Enquanto solta o pombo e depois de se deitar, concentrando-se na programação do sonho, reze o seguinte ofọ:

Àgò fún mi Orí, àgò fún mi Èṣù.
Àgò fún mi Òrúnmìlà, àgò fún mi Òrìṣàálá.
Àgò fún mi Oba Arínúnróòde.

(Dê-me licença cabeça, dê-me licença Èṣù.
Dê-me licença Òrúnmìlà, dê-me licença Òrìṣàálá.
Dê-me licença Rei que vê e revela o que é oculto (Olódùmarè).

Sugestão de "Modelo de Sonho", ou "Tópico desejado":

Completamente relaxado você deve tentar visualizar-se na forma de um grande pássaro branco, pode ser qualquer pássaro, desde que lhe toque de uma forma em que você sinta estar se transformando. Já transmutado, visualize a paisagem em que você como pássaro está posicionado (pode ser o alto de uma montanha, uma floresta, em um penhasco à beira do mar, etc). Absorva as sensações de poder e liberdade deste pássaro que você é, e tenha a consciência de que a paisagem, as sensações e até mesmo você como pássaro, são na verdade uma parcela do todo que é Òrìsàálá. Quando se sentir seguro

VOE! e desfrute intensamente deste vôo. Saiba que para onde o vôo lhe levar, vai na verdade lhe conduzir para o ponto de onde Òrìsàálá lhe chama, que nada mais é do que a sua força espiritual em estado mais puro, neste momento a primeira sensação que surge é a flutuação ou o ato de planar no espaço. Não duvide, após todo este ritual, certamente você já estará dormindo e verdadeiramente projetado para fora de seu corpo físico. A partir daí , tudo o que eu disser é "chover no molhado", pois você poderá conferir pessoalmente tudo o que eu escrevi neste livro e muito mais! Nunca se esqueça de anotar o "sonho" quando acordar, e tenha sempre em mente que, quanto mais vezes você fizer isso, mais graus de divisão da consciência, podem ser alcançados a ponto de ser possível interrogar seu ativismo (inclusive qualquer orixá ou entidade do plano astral), sobre matérias que ele entenda e pedir a ele que lhe forneça poderes, pois o inconsciente coletivo de todas as espécies de seres, deuses e etc, fazem parte da psique humana, e por isto, estão sempre disponíveis para quem "sabe buscar".



CAPÍTULO 8

Sociedade Ogboni (O Clã)



OGBONI

Sociedade Secreta dos Babaláwo, que em África, teve poder superior ao poder de seus reis. Aportou, reorganizou-se e sobreviveu no Brasil, tendo liderado várias revoltas negras na Bahia, as mais conhecidas entre 1808 e 1835. Muitos de seus líderes escaparam das perseguições, refugiando-se no anonimato e no sigilo de seus fiéis. Nos conta uma muito antiga lenda que no início da criação do mundo, Ìyámi, a grande mãe ancestral deu à luz à 16 filhos. Os dois primeiros a nascer chamavam-se Ogbo e Oni. Devido a um motivo desconhecido, estes dois primeiros filhos de Ìyámi começaram a lutar entre si, trazendo todo tipo de desgraças e destruição sobre o mundo. Ìyámi ao perceber que esta luta entre seus filhos mais velhos poderia causar-a completa desintegração da terra, obrigou-os a fazer um pacto de irmandade, jurando sobre um determinado amuleto sagrado que nunca mais lutariam entre si, desta forma então nascendo a primeira sociedade secreta do mundo que seria nomeada, conforme os nomes dos irmão unidos para sempre: Ogbo e Oni, daí o nome desta sociedade ser Ogboni. A sociedade secreta Ogboni é temida e respeitada por todos que a conhecem, sendo a segunda corte judicial em terras Yorùbá. Esta sociedade possui a finalidade de proteger a comunidade e manter o estabelecimento da ordem, assim como executar os castigos a

que serão submetidos os que violam as leis estabelecidas. A esta sociedade somente poderão ser filiadas aquelas pessoas que mantenham um comportamento ético, moral e social exemplar, não importando seu nível intelectual, raça, procedência ou sexo. Entre os participantes desta sociedade estão os membros ativos que realizam os ritos e cerimônias secretas: Babaláwo, demais sacerdotes e os passivos são as pessoas que participam das decisões a tomar e das festas. Desta sociedade também participam políticos, doutores, advogados, militares e anciãos da comunidade.

Os Ogboni incrementam cotidianamente através do estudo, ritos e cerimônias de nível místico e magístico para assim afastarem de suas consciências os defeitos e os sentimentos impuros que normalmente afetam às pessoas comuns. Durante os séculos, muitas irmandades foram criadas baseando-se nos principais estatutos da Ogboni, mas realmente apenas uma pequena parte destas sociedades conseguiram a unificação e o poder social da Ogboni em terras Yorùbá.

Os Ogboni falam a língua Yorùbá, mas internamente possuem um vocabulário secreto com o qual denominam divindades, objetos, animais, etc. As palavras iniciáticas deste vocabulário pertencem ao idioma mais antigo, o qual chamo de Èdè-Eye (língua dos pássaros), e é o idioma que os mais antigos sacerdotes utilizavam-se para comunicar e ativar as energias, com propósitos benéficos ou prejudiciais conforme a necessidade.

Os Ogboni chamam-se a si mesmos de omo-Oduduwa, que é o Orixá criador da terra. Sendo justamente a terra, o principal elemento de culto e força espiritual nesta sociedade. A maioria dos instrumentos sagrados da sociedade Ogboni são manufaturados com o bronze, que é o símbolo da força que não se deteriora ou se corrompe. Ideais estes da própria sociedade para seus membros.

Além da sociedade Ogboni existem outras que devem ser citadas por sua importância e poder, estas são:

A sociedade Èfé-Gèlèdè (que possui como principal divindade o orixá Ìyámi Òsòròngá)
A sociedade Egímgún (que possui como principal divindade o orixá Agan)
A sociedade Osó - dos Bruxos (que possui como principal divindade o orixá Òòsàálá)
A sociedade Abikú (que possui como principal divindade o orixá Ikú), e outros.

Como já disse, a sociedade Ogboni venera a Terra, e por isso seu principal orixá chama-se Onilé (A Senhora da Terra). É uma divindade feminina que representa o espírito da terra na qual os antepassados estão enterrados. Assim como Olóòrun (O Deus Supremo) está presente em todas as coisas, através D'ele foram criados Òòsàálá (Senhor do céu e da criação) e Onilé (Senhora da terra). Na verdade a própria Ìyámi Òsòròngá, como dona da estrutura terrestre muitas vezes se mescla ao mito de Onilé, pois ambas são consideradas forças agressivas e perigosas; assim como Òduduwa (criador da terra) que é um orixá masculino, o herói da fundação do estado Yorùbá.
Na sociedade Ogboni um dos principais símbolos relacionados a terra, são uma "parede de varas" que simbolizam a sabedoria e a antiguidade, assim como a interdependência entre o homem e a mulher. De grande importância simbólica para a Ogboni é o número 3, que representa o movimento e o dinamismo da criação. Nos rituais Ogboni de iniciação, é utilizada uma corda na qual são amarrados 3 caracóis no pulso do iniciante, representando o apaziguamento das forças destrutivas no mundo humano

(que é tridimensional). Também se valoriza por demais o lado esquerdo, pois representa a força feminina e a potência terrestre, assim existem inúmeros rituais Ogboni de caráter iniciático em que os participantes colocam o punho esquerdo sobre o direito três vezes, que significa uma afirmação da matéria, da vida física e da terra sobre o céu, o espírito e etc, na tridimensionalidade. Por isso ao saudarem a Terra (Onilè), recitam os Ogboni a seguinte frase:
"O leite do peito de nossa Mãe é doce" e tocam o chão por três vezes. Importante é entendermos que o número 3 na cultura Yorùbá sempre vai representar o Poder que a tudo dinamiza, ou como se diz: *"É a força dinâmica que une todos os elementos para um objetivo em comum"*, ou seja, o atributo da Onipotência pois "somente os anciãos conhecem o segredo do número 3; aquele que dele sabe se utilizar é Elégbara", *Todo Poderoso (um dos títulos do orixá Èṣù)*. O número 3 também representa a força Àṣe *"O poder que faz todas as coisas acontecerem"*. Na sociedade Ogboni a terra é venerada com o intuito de assegurar a sobrevivência, a paz, a felicidade e a estabilidade social da comunidade, assim como também a longevidade e o bem estar. Nas esculturas Ogboni existe a predominância do cobre (que significa brilho e duração) e do ferro, ambos metais associados à Òṣun (a deusa do rio de



mesmo nome, regente da saúde, da riqueza, da beleza e da fertilidade) e a Ògún (a divindade do valor moral, criadora da energia, da indústria, da caça e das artes militares). O ferro sempre está presente nos pés das esculturas Ogboni por simbolizar a força, a estrutura e o vigor das bases constituídas desta sociedade, e significa um exemplo aos participantes, por expressar a idéias de que devemos não apenas ser firmes na vida, mas também extrair desta firmeza (da força do ferro), o valor para o amadurecimento pessoal. Os membros femininos Ogboni, chamam-se a si mesmas de Àbíyè, o que significa que estas mulheres procuram desenvolver em si mesmas, através de vários rituais, poderes especiais para diminuir a mortalidade infantil (o que sempre foi um grave problema na sociedade Yorùbá), por isto afirma-se que as mulheres Ogboni podem cuidar dos problemas Àbíkú (crianças que nascem para morrer). Os ritos que são realizados pelas mulheres Ogboni para esta finalidade, são sempre baseados na relação positiva da mulher com a terra, que é tratada sempre como Ìyá (Mãe). Todos os participantes da sociedade Ogboni chamam-se a si mesmos de omo-Ìyá ("filhos da mesma mãe", que é a Terra) e por isso consideram-se pessoas especiais e privilegiadas pelo contato direto com as forças espirituais deste elemento. Vários orixás são evocados pelos Ogboni (mas todos sempre terão grande relação com a terra), como Orò (Òrìsà coletivo dos antepassados), Egúngún (Òrìsà individual como antepassado), Onilé (a própria "mãe terra"), Ìyámi Òsòròngá (Orixá Dona da estrutura terrestre).





Escultura que demonstra o gesto Ogboni, de bater a mão esquerda sobre a direita 3 vezes

CAPÍTULO 9

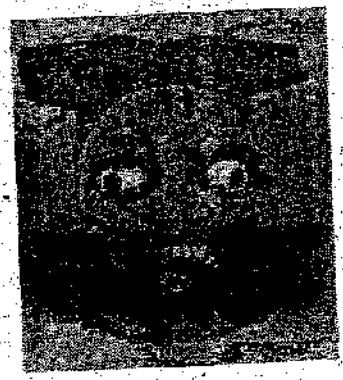
Sociedade Èfé - Gèlèdè



Na sociedade Yorùbá mais antiga, as mulheres são consideradas como representantes de poderes capazes de controlar reservatórios de energias espirituais imensas dentro de si. Este imenso poder pode ser dirigido para criar ou destruir a vida. Os homens da comunidade reconhecem este poder cultuando Èfé - Gèlèdè. Este culto possui como principal característica, as famosas máscaras Èfé - Gèlèdè. O ser semi-animal, semi-humano que tem, como intermediário, entre os mundos sua pele. Este fato permite compreender a importância da máscara (essência espiritual do Totem, as máscaras masculinas no culto Èfé – Gèlèdè chamam-se Akògi e as femininas Abògi). - "Pois o iniciador que dança é o espírito luminoso do animal", a máscara conduz a dança; esforço

coletivo de [illegible] não para invocar a uma divindade, mas para representar [illegible] espécie de mímica mágica, que visa proteger e fertilizar [illegible] da comunidade. Por causa da idéia de vida e fertilidade [illegible] culto anual de Èfé - Gèlèdè é organizado no começo da [illegible]ção agricultural (em março na África).

O culto Èfé - Gèlèdè surgiu na cidade de Ketu no décimo quarto séc[illegible] foi adotado por todas as comunidades situadas no corredor comercial do estado Yorùbá a oeste, sendo diferente do culto a Egúngún que influenciou e influencia até hoje, todo o território Yorùbá de uma forma em geral. Èfé - Gèlèdè é apenas uma parte do culto de Ìyámi Òṣòròngá, a parte diurna [illegible]fé é a parte noturna e seu complemento. Èfé é o Orixá Èṣ[illegible]n sua manifestação de pássaro noturno. Nas máscaras Gelèdè, quase sempre estão representados pássaros e serpentes, a serpente por ser um animal essencialmente noturno e os pássaros por possuírem uma potência espiritual equivalente as das mulheres, neste sentido, as aves e as serpentes formam a expressão visível do corpo de Ìyámi Òṣòròngá. As aves representam Ìyámi porque viajam no ar (símbolo do vôo noturno – *Projeção Astral* – característica da prática da magia de Ìyámi), enquanto as pessoas que não são Osó (bruxos) ou Àjé (bruxas) só conseguem viajar no corpo físico e visível da terra; para viajar no mar, as pessoas precisam criar barcos, que com sua forma semelhante a um útero, adquirem o caráter de fêmeas. E como estas aves "falam" sob a forma de canto (O "idioma dos pássaros" - Èdè Èyé), podem trazer a sabedoria codificada de





Iyámi. Assim, as aves nos ligam às serpentes mesmo que apenas através de sua oposição simbólica. Em todas as culturas, tanto as aves quanto às serpentes sempre aparecem como imagens primárias e fundamentais da energia feminina superior do universo (e nem sempre são inimigas), pois se enquanto as aves voam em direção a magia das alturas e do sutil, as serpentes rastejam seu ventre carinhosamente aprofundando-se nos mistérios da terra. De certa forma, é fácil perceber que as aves e as serpentes representam o eterno jogo de troca entre o consciente e o inconsciente (como já comentei no capítulo: *O Pássaro e a Serpente).* Tornando-se óbvio percebermos que o encanto das aves (particularmente nas aves noturnas) é a sua capacidade de voar (transitar nos aspectos mais sutis da natureza) e principalmente, nestes aspectos mais sutis na condição noturna (fonte de medo e apreensão inconsciente relacionada aos temores mais profundos dos seres humanos). No caso das serpentes, elas precisam trocar sua pele periodicamente e isto lhes proporciona uma aura de imortalidade. Possuem uma qualidade andrógina: esticadas, parecem falos; enroladas, assemelham-se às dobras da vulva vaginal. Com este imenso símbolo andrógino, as serpentes são a própria sexualidade encarnada e fortemente vivificada na natureza. Por isso, quando vejo as serpentes enroladas nas máscaras Gèlèdé ou mesmo, participando "ativamente" da

magia de Iyámi Òṣòròngá (Òṣòròngá mesmo é o nome de um pássaro noturno), posso ver a força de nossos mais antigos primórdios unindo-se a imagem original de Deus no universo, ou como alguns preferem: Deusa. Voar e trocar de pele são uma magia infinita, original, arcaica e totalmente plena; sendo de força incomensurável, poucos podem transitar entre estes aspectos sutis e densos da natureza de uma forma plena, sem arriscarem-se ao "vôo noturno". Para entendermos esta equivalência espiritual, é importante detalharmos uma das principais características da magia das Ajé. – A capacidade de realizarem rituais projetadas para fora do corpo físico. Ora, todo mundo enquanto dorme, projeta o seu corpo astral, o qual é constituído e amplamente influenciado pelas energias vitais, emoções e sensações, que a pessoa sentiu e captou durante a vigília.

O culto anual a Gèlèdé, oferece tributo à potência mística dos antepassados das pessoas idosas e líderes da comunida-



Ao contrário do que se pensa no Brasil, os Homens participam ativamente do culto à Êfé - Gèlèdé!



Rito de Èfé - Gèlèdè em praça pública.

de. As Gèlèdè são conhecidas como Mães ancestrais (Iyá Àgbà). A imensa força destas Mães anciãs, está em garantir uma vida construtiva, relacionando-se a fertilidade e a sabedoria do segredo da vida, no entanto, elas também possuem o mesmo poder em polaridade destrutiva, e neste momento elas são Àjé ! Os dançarinos de Gèlèdè são homens, contudo representam homens e mulheres em suas representações. Na dança feminina Gèlèdè é poderosa e contida, entretanto, na dança masculina é violenta e agressiva. As Gèlèdè possuem uma "ordem de entrada" nas suas ritualidades, pois seu culto (diurno) é sempre feito na praça do mercado na medida em que o ato de negociar mercadorias dentro da cultura Yorùbá é especialmente feito por mulheres. O status de uma mulher Yorùbá deriva em maior parte pela sua reputação em saber negociar, do que pela sua riqueza, ou o grau de "mimo" que dá ao seu marido. Desde que a principal ocupação das mulheres Yorùbá, está em negociar, muitas máscaras Gèlèdè descrevem "comércios femininos". Estas mulheres são economicamente independentes de seus maridos e possuem o potencial de ganhar mais dinheiro do que eles. Por isso tais aspectos como a paciência, autocontrole,

reverência e riqueza, são simbolizados como mulheres. Portanto a praça do mercado representa simbolicamente o universo e o poder feminino atuando dentro dele (agora é fácil entender, porquê Èsú é conhecido como Ólójá "Dono do mercado" e por isso mesmo sua grande relação com Gèlèdè).

A ordem de apresentação das Gèlèdè e seus rituais iniciais aqui apresentados correspondem à ordem original "de entrada no mercado" no culto de Èfé - Gèlèdè na Nigéria - África.

O Nome, Função e Rituais mais indicados relacionados as Gèlèdè são os seguintes:

1) AKO
(Significado: Mulher forte, valente e corajosa; fonética: Akó).

Rege o destino e a lei de causa e efeito, influencia tanto na evolução, quanto na destruição de tudo o que foi criado. No ser humano, pode tanto curar, como destruir a memória, as recordações e a consciência. Quando encolerizada pode causar sufocamento e asfixia e também rege os "fôlegos súbitos" dos recém falecidos. Separa ou une a alma das pessoas de seus corpos, seja para o "vôo durante o sono", ou mesmo, na magia conhecida como Sigidi – "pesadelo divinizado", que vai sob as ordens de seu proprietário sentar-se sobre o peito do inimigo, para sufocá-lo até a morte.

Ritual para "formar vínculo" com Akọ:

Finalidade: Afastar o Mal

Material:

Seis àkàsà funfun (acaçás brancos)
Três obìs
Três orógbós
Eẹfun
Seis moedas "prateadas"
Seis búzios
Osùn
Uma cabaça cortada com água e um pouco de sal marinho (iyọ okùn)
Folhas de Ricinus Communis, Euphorbiaceae (mamona),
Iyèròsùn
Muitas folhas de Bryophyllum oinnatum, Crassulaceae (folha-da-fortuna).

Odù: Èjìogbè Méjì
Fase Lunar: O 1º, 2º, e 3º dia da lua crescente.
Horário: Ao pôr do Sol.
Local: Aos "pés" de uma árvore Akôko – (Newbouldia Laevis) – Bignoniaceae (Akoko)

Como fazer : Faça uma pequena infusão das folhas-de-fortuna (Bryophyllum oinnatum, Crassulaceae) e rale os três obì, os três orógbós, o efun e o osùn dentro do líquido. Desta água, prepare os seis àkàsà funfun (com farinha de canjica branca). Risque o Odù no iyèròsùn e chame por Akọ dizendo o que você deseja que aconteça. Após isto, acrescente o pó do iyèròsùn que foi "magnetizado" pelo Odù na farinha dos

àkàsà e na água com sal da cabaça. Enrole os àkàsà nas folhas de mamona. Ao entregar aos pés da árvore Akôko ou seja, diretamente na terra, bem entre as raízes, passe pelo corpo os àkàsà e coloque uma moeda "prateada" e um búzio em cada um deles. Ao "entregar" molhe três vezes a terra com um pouco da água da cabaça e pronuncie o seguinte Ofọ (encantamento), por três vezes: *Akọ wá yẹ bí kúrò l'órí mi* (Tradução: Akọ, venha e afaste o mal para longe de minha cabeça). Molhe com os dedos as quatro direções de sua cabeça com a água da cabaça e vá embora sem olhar para trás.

2) BÁKÀ

(Significado: ibákà = pássaro / canário que vive nos território yorùbá vindo do Senegal e tido como muito cantador – Serinus Mozambicus Caniceps; fonética = Ibaka).

Rege a origem do ritmo da vida e todas suas relações. Excelente para ser evocada na prática da divinação (qualquer coisa que Bákà "disser no oráculo", você poderá com toda certeza, excluir qualquer possibilidade de erro, pois ela pode lhe mostrar todos ciclos de passado, presente e futuro). Bákà pode alterar o padrão de Àsẹ nos reinos animal, vegetal e mineral, podendo desta forma, proporcionar a magia Aláfẹrí (Invisibilidade e capacidade de projetar-se a grandes distâncias em segundos).

Ritual para "formar vínculo" com Bákà:

Finalidade: Tornar-se uma pessoa protegida e vitoriosa sobre os inimigos.

Material :

Folhas de Ewé Ojúsàjú (Petiveria Alliáceae)
Phitolacaceae (guiné)
Ewé Agogô Ògún (Heliotropium Indicum)
Boraginaceae (crista de galo)
Ewé Arun Sánsán (Ageratum Conyzoides)
Compositae (metrasto, também conhecida por erva de são joão e paracari)
Orí (manteiga vegetal)
Epo pupa (óleo de dendê)
Otí oibó (vinho licoroso suave)
Um igbín (caracol)
Iyèròsùn
Amon funfun (barro branco)
Doze penas de ìbákà (canário).

Odù: Òwónrín Méjì
Fase Lunar: O 4º, 5º, e 6º dia da lua crescente.
Horário: Ao nascer do Sol.
Local: Aos "pés" de uma árvore Berékè (Delonix Régia), Leguminosae Mimosaceae (flamboyant).

Como fazer: misture o sumo de todas folhas citadas acima com manteiga vegetal, dendê e vinho licoroso suave. Risque o odù sobre o iyèròsùn e "puxe" um igbín sobre o odù já "riscado". Jogue o pó de iyèròsùn e o líquido do igbín dentro do sumo das folhas. Misture tudo ao barro branco (sempre, durante todo o ritual fazendo os seus pedidos). Aos "pés" da árvore flamboyant, desenhe com o barro já preparado no tronco da árvore o símbolo do odù, e sobre cada traço do odù coloque uma pena de canário. Após o odù estar "olhando" para você, guarde um pouco de saliva na boca e cuspa sobre

o odù três vezes, após isso recite o seguinte Òfò (encantamento) vinte e uma vezes:

Bákà ni kí ó fi gbéerá
...Seu nome completo... ni kí ó fi gbéerá
Berékè ni kí ó fi gbéerá

Tradução:

Bákà não pode ser derrubada
"... Seu nome completo..." não pode ser derrubado
Berékè não pode ser derrubado

Após recitar o encantamento, passe o que sobrar do barro preparado nas pontas de seus dedos dos pés, nos das mãos e um pouquinho na testa de forma vertical. Saúde mais uma vez Bákà, limpe-se e vá embora sem olhar para trás.
E pode ter certeza do resultado!

3) MÚNDIÁ

(Significado: Mulher virgem – que nunca se relacionou sexualmente com um homem; fonética = Mundiá).

Rege os pulmões e os seios. Controla o "vento noturno", símbolo do perigo e dos aspectos sinistros do ataque imprevisível dos pássaros da noite. Em sua relação com o ser humano, Múndiá controla todas as faculdades intelectuais e pode ensinar o èdè – eye (idioma dos pássaros), no qual se baseiam todos os encantamentos e melodias das cantigas de Iyámi.

Ritual para "formar vínculo" com Múndiá:

Finalidade: Para ter boa sorte em qualquer situação.

Material :

Ewé Ojúsàjú (Petiveria Alliáceae)
Phitolacaceae (guiné)
Èso èguśi (Fruto de Citrullus lanatus
Cucurbitaceae (melancia)
Iyèròsùn
Òrí (Butyrospermum paradoxum subsp. ParkII, Sapotaceae
(limo-da-costa)
Sete orógbós
Açafrão em pó.

Odù: Òtúrupòn Méji
Fase Lunar : O 7º dia da lua crescente e 1º, e 2º dia da lua cheia.
Horário: Ao pôr do Sol.
Local : Aos "pés" de uma árvore Apáokà (Artocarpus Integrifolia), Moraceae (jaqueira)

Como fazer : Pegue bastante Ewé Ojúsàjú (Petiveria Alliáceae), Phitolacaceae (guiné) e macere estas folhas em somente um pouco de água de chuva de lua cheia com os sete orógbós ralados. Corte a melancia ao meio e unte toda a superfície vermelha com òrí. Risque o Odù Òtúrupòn Méji em iyèròsùn com o açafrão em pó e misture a água de chuva com os sete orógbós ralados. Jogue este líquido sobre a sua cabeça deixando-o cair sobre a melancia untada de orí. Coloque aos "pés" de uma árvore Apáokà (Artocarpus Integrifolia), Moraceae (jaqueira), limpe sua cabeça com o

bagaço das folhas de guiné e vá embora sem olhar para trás. Durante todo o ritual, fale repetidamente o seu pedido em voz alta.

4) TÈTÈDÉ

(Significado: pessoa pontual – que não atrasa em seus compromissos; fonética = têtêdê).

Rege o abdomen. Tètèdé possui a capacidade de atrair qualquer força ou resultado que o praticante queira, seja para si, ou para um lugar, ou qualquer outra pessoa. Através da força de Tètèdé, podemos fertilizar ou esterilizar qualquer objetivo que desejarmos.

Ritual para "formar vínculo" com Tètèdé:

Finalidade: Obter vitória sobre uma situação difícil.

Material:

Ewé Lara pupa - folha de Ricinus Communis
Euphorbiáceae (mamona vermelha)
Pòpòrò Àgbàdo - Sabugo de Zea Mays
Gramínea (milho)
Ewé ogèdè òmini - Folha de Musa Sapientum, Musaceae
(bananeira)
Ewé Wòrònobà - Folha de Ocimum Gratissimum
Labiatae (alfavaca)
Ewé Ojúsàjú - Folha de Petiveria Alliaceae
Phytolacaceae (erva-de-alho, guiné)
Eyin adiye - Ovo de galinha

Iyèrósùn, Ẹ̀kọ (acaçá)
eyẹlé (pombo)
Ọṣẹ dúdú (sabão-da-costa)
um Ìgbín (caracol) e Iyọ̀ (sal).

Odù: Ògúndá Méjì
Fase Lunar: O 3º, 4º, e 5º dia da lua cheia.
Horário: Meia-noite.
Local: Aos "pés" de uma Bani (acacia farnesiana), Leguminosae Mimosoideae (esponjeira)

Como fazer: Aos "pés" de uma esponjeira (bani), cave um buraco e coloque as folhas. Passe sobre o corpo o ovo de galinha e coloque no buraco sem quebrar, a mesma coisa faça com o acaçá. Quebre em vários pedaços o sabugo do milho visualizando as pessoas a quem você deseja dominar e jogue dentro do buraco. Quebre o caracol e o corte em dezesseis pedaços misturando-os com sal e Ọṣẹ dúdú (sabão-da-costa). Desenhe o odù em Iyèrósùn, pronunciando o encantamento e jogue sobre a preparação. Após misturar, coloque tudo no buraco e tampe, pensando firmemente no que você deseja atingir. Dê três pulos diretamente em cima do buraco, batendo com força os pés no chão. Por fim passe o pombo sobre sua cabeça três vezes e o solte. Vá embora sem olhar para trás.

Ofọ̀:

"Ìgbín kì í tenu mọ̀gi ài má gùn ún
O caracol não aborda uma árvore sem ir até o topo.
Iyọ̀ ka'wọ́ ibi
O sal supera o mal



Tètèdé wá ba mi ṣẹ́ àwọn ogun àti ọ̀tẹ̀ náà
Tètèdé venha e me ajude a vencer esta guerra e revolta"

5) ỌKÙNRIN

(Significado: Pessoa do sexo masculino, varão, macho. Quando as pessoas yorùbá usam deste termo para uma mulher, entende-se que ela é uma pessoa forte, valente e corajosa; fonética = Ócumrim).

Rege a garganta. Decide sobre tudo o que é ou não justo, sendo por isso muito importante. Ọkùnrin pode "cortar" qualquer tipo de magia negativa quando solicitada, desde que este ato, esteja dentro do conceito de justiça. Em seu aspecto construtivo, ela pode trazer sucesso absoluto e felicidade completa sob todos os assuntos; em seu aspecto destrutivo, ela pode cobrar e afligir as pessoas todas as suas dívidas de karma (Karma é um termo hindu que nos fala da lei de ação e reação do destino). Ou seja, pode melhorar ou piorar o futuro

de uma pessoa.

Ritual para "formar vínculo" com Òkùnrin :

Finalidade: Melhorar o destino de alguém.

Material:

Nove frutos de Igi Òpè - Elaeis Guineensis
Palmae (dendezeiro)
Orí - Butyrospermum Paradoxum subsp. Parkll
Sapotaceae (limo-da-costa)
Ewé jàgànyìn : folha de Citrus Aurantium
Rutaceae (laranjeira)
Ewé Òşíbàtà : folha de Nymphaea Lótus
Nymphaeaceae (lótus)
Ewé Òyóyó: folha sw Corchorus Olitorius, Tiliaceae (juta)
argila branca
Ìyèròsùn
Um pedaço pequeno de chumbo, de ferro, de estanho, de ouro, de cobre, de prata, de latão, de carvão mineral e de âmbar.
Osùn (Pterocarpus Erinaceous - madeira vermelha africana) Uma cabaça (àdó)
Seis orógbós - Garcinia Kola Heckel, Guttiferae
Mel.

Odù: Ìrosùn Méjì
Fase Lunar: O 6º e 7º dia da lua cheia e 1º dia da lua minguante.
Horário: Pela manhã.
Local: Aos "pés" de uma árvore Osùn Elédè (Bixa Orellana), Bixaceae (urucum).

Como fazer: Pegue nove frutos de Igi Òpè - Elaeis Guineensis, Palmae (dendezeiro) e unte-os com bastante orí - Butyrospermum Paradoxum subsp. Parkll, Sapotaceae (limo-da-costa). Pegue folhas de Ewé jàgànyìn: folha de Citrus Aurantium, Rutaceae (laranjeira), Ewé Òşíbàtà: folha de Nymphaea Lótus, Nymphaeaceae (lótus) e Ewé Òyóyó : folha sw Corchorus Olitorius, Tiliaceae (juta). Desenhe o odù em Ìyèròsùn e misture juntamente com as folhas à argila branca, modelando uma cabeça humana em tamanho natural dentro de uma cabaça (àdó). Coloque os frutos de dendê untados com òrí na cabeça de argila da seguinte forma: um no olho direito com um pedaço pequeno de chumbo, um no olho esquerdo com um pedaço pequeno de ouro, um na narina direita com um pedaço pequeno de ferro, um na narina esquerda com um pedaço pequeno de latão, um no ouvido direito com um pedaço pequeno de estanho, um no ouvido esquerdo com um pedaço pequeno de cobre, um na boca com um pedaço pequeno de prata, um aos "pés" da cabeça com um pedaço pequeno de carvão mineral e um ao centro da cabeça no alto com um pedaço pequeno de âmbar. Salpique sobre a cabeça bastante osùn (Pterocarpus Erinaceous - madeira vermelha africana). Ofereça um orógbó (Garcinia Kola Heckel, Guttiferae) a cada um dos seis principais pontos sagrados da cabeça, a saber:

1. Àsíwájú Orí (frente da cabeça)
2. Léèhìn Orí (parte de trás da cabeça)
3. Òtún Orí (lado direito da cabeça)
4. Òsì Orí (lado esquerdo da cabeça)
5. Òkè Orí (Alto da cabeça)
6. Àárín Orí (Centro da cabeça)

Para terminar cubra tudo com bastante mel.

Durante todo o ritual pronuncie o seguinte Ofo:

"Osùn Elédè, igi pèpèpèpè
Urucum, árvore que mata maldições
Yọ mí ninú ibi
Salve-me do mal
Òkùnrin, iyá elépè
Òkùnrin, mãe dona das maldições
Yọ mí ninú ibi
Salve-me do mal
Àsíwájú Orí ka'wọ́ ibi
Frente da cabeça, supere o mal
Lẹ́ẹ̀hìn Orí ka'wọ́ ibi
Parte de trás da cabeça, supere o mal
Òtún Orí ka'wọ́ ibi
Lado direito da cabeça, supere o mal
Òsì Orí ka'wọ́ ibi
Lado esquerdo da cabeça, supere o mal
Òkè Orí ka'wọ́ ibi
Alto da cabeça, supere o mal
Àárin Orí ka'wọ́ ibi
Centro da cabeça, supere o mal
Òkùnrin ẹsọ di oyin
Òkùnrin considere-me como o mel
E má rojú sí mi
Não me despreze"

6) ONÌLÚ
(Significado: Dono/a da Terra – Proprietária do Mundo; fonética = ônilú)

Rege a cabeça e o cérebro. Pode fornecer poder magístico a quem a cultua, se expressa mais fortemente sob o sol do meio-dia (momento que é considerado perigoso), controla o calor e a temperatura do corpo, se manifesta através do fogo e pode influenciar qualquer coisa no mundo material. É ótima para repelir, afastar, ou mesmo "torrar", qualquer ser ou situação inconveniente. Pode organizar o Àṣẹ de fertilidade na vida de alguém, ou mesmo em uma comunidade de culto, neste sentido seu principal elemento é a terra.

Ritual para "formar vínculo" com Onílú :

Finalidade: Afastar pessoas que lhe são prejudiciais na vida.

Material:

Uma panela grande de barro
Cinco pedras de carvão mineral
Azeite de dendê
Sete pedaços pequenos de cobre
Uma fava de ataare - Aframomum Melegueta - Zingiberaceae (pimenta da costa)
Ewé Àlùbọ́sà : folha de Allium Cepa Liliaceae (cebola)
Arère – (Annona Senegalensis) – Annonaceae (pimenta de macaco)
Uma folha grande de Ewé èsisì pupa - Folha de Laportea Aestuans

Urticaceae (cansanção vermelho)
Dezessete pedaços pequenos de ferro
Iyèrosùn
Pólvora de fuzil (èrù ibon).

Odù: Èjìogbè Òsá.
Fase Lunar: O 2º, 3º, e 4º dia da lua minguante.
Horário: Ao meio-dia.
Local: Aos "pés" de uma árvore Osànko (Chrisophillum Caimito), Sapotaceae (abiu roxo).

Como fazer:
Descnhe o odù em Iyèrosùn e misture-o à pólvora de fuzil, aos dezessete pedaços pequenos de ferro e aos sete pedaços pequenos de cobre. Acenda um fogo "forte" na panela de barro e queime todos os outros materiais restantes. Envolva a pólvora com Iyèrosùn e os metais na folha grande de cansanção vermelho. Com extremo cuidado e de bem longe, jogue a preparação dentro da panela recitando o seguinte ofò:

"Onílú el èrù
Onílú proprietária da pólvora
Kánkán l'ewé èsisì pupa jómo
A folha de cansanção queima criança na hora
Wàràwàrà ni omodé bò oko èsisì
É com pressa que uma criança se afasta de campos cheios de folhas de cansanção vermelho"

7) ÌSÀ-ÒRÒ

(Significado: Proprietário/a da palavra; fonética: Ixá óró).

Rege a independência e a liberdade. Fornece a quem a cultua total segurança e invulnerabilidade, seja em questões materiais, ou mesmo sobre magias negativas; Ótima para proteção de uma casa ou de uma pessoa. Em seu aspecto construtivo, protege as crianças e a todas as pessoas ingênuas. Afasta os maus intencionados. Em compensação, a todos aqueles que pretendem enganar e ludibriar pessoas que tenham um sentimento correto, Ìsà-òrò as destruirá, com seus poderes agressivos de fúria, guerra e sangue.

Ritual para "formar vínculo" com Ìsà-òrò

Finalidade: Proteger uma casa de todos os tipos de energias negativas.

Material :

Iyèrosùn
sete favas de aridan (Tetrapleura Tetráptera, Leguminosae Mimosoideae)
um círculo grande de cobre (em torno de 40 cm de arco)
uma pedra grande de Èédú (carvão mineral)
Ewé Òsíbàtà merin-dilogun : dezesseis folhas de Nymphaea Lótus Nymphaeaceae (lótus)
Ewé Oparun merin-dilogun : dezesseis folhas de Oxytenanthera Abyssinica, Gramineae (Bambu)
Ewé Oyóyó merin-dilogun : dezesseis folhas de Corchorus Olitorius Tiliaceae (juta)
Ewé Àgbásá merin-dilogun : dezesseis folhas de Clausena anisata rutaceae (anis)

Àlúbósà eléwé merin-dilogun : dezesseis bulbos de Allium aescalonicum, liliaceae (cebolinha-branca)
Um prato de barro
Efun
Osùn (Pterocarpus Erinaceous - madeira vermelha africana)
Um Ìgbín : caracol
Um Eyelé : pombo.

Odù: Òkànràn Méji
Fase Lunar : O 5º, 6º, e 7º dia da lua minguante.
Horário: Ao nascer do Sol.
Local : Aos "pés" de uma árvore ajanjere (Ficus Elegans), Moráceae (figueira)

Como fazer : Amarre o círculo grande de cobre as sete favas de àrídan (Tetrapleura Tetráptera, Leguminosae Mimosoideae), aos pés de uma árvore ajanjere (Ficus Elegans), Moráceae (figueira), forre toda a parte interior do círculo com as folhas Ewé Òsíbàtá merin-dilogun : dezesseis folhas de Nymphaea Lótus, Nymphaeaceae (lótus), Ewé Oparun merin-dilogun : dezesseis folhas de Oxytenanthera Abyssinica, Gramineae (bambu), Ewé Oyóyó merin-dilogun: dezesseis folhas de Corchorus Olitorius, Tiliaceae (juta), e Ewé Àgbásá merin-dilogun : dezesseis folhas de Clausena anisata, rutaceae (anis). Coloque sobre as folhas o prato de barro, na sua metade direita coloque o Efun ralado e na metade esquerda coloque o Osùn (Pterocarpus Erinaceous - madeira vermelha africana) ralada. Dentro do prato coloque a pedra Èédú (carvão mineral). Desenhe o Odù em Iyèrosùn e jogue-o sobre o líquido do Ìgbín que você deve quebrar, derramando seu líquido sobre a pedra de carvão e passe o Iyèrosùn nas patas, bico e asas do pombo. Após passar o Eyelé (pombo) sobre seu corpo ou por dentro da casa na qual você deseja retirar

negatividades, solte-o fazendo seus pedidos. Durante todo o ritual pronuncie o seguinte ofò:

"Ìsà-òrò yo mi ninú ibi
Ìsà-òrò, salve-me do mal
Òkànràn Méji yo mi ninú ibi
Òkànràn Méji, salve-me do mal"

8) ALOPAJANJA-ELEDÈ :

Rege o fígado. Em seu aspecto construtivo, destrói todos os empecilhos para a realização material. Fornece a quem a cultua, o dom da vidência astral e a capacidade de evocar os mortos através da força do sangue menstrual em seu primeiro dia. Protege os seus preferidos durante o "vôo noturno" (viagem astral), de todas as forças destrutivas deste plano. Por isso, pode anular a magia negativa de Ṣìgidì. Em seu aspecto destrutivo, faz exatamente o contrário do que foi exposto acima, podendo entre outras coisas, causar abortos e/ou deficiências na formação física, emocional e mental de um ser.

Ritual para "formar vínculo" com Alopajanja-eledè:

Finalidade: "Abrir os caminhos" para a realização material.

Material:

Iyèrosùn
Iyò (sal grosso)
Orógbó Mérin: quatro orógbós (Garcinia Kola Heckel, Guttiferae)

Cabaça pequena (àdó ijamo)
Ewé Àgbásá : folha de Clausena anisata, rutaceae (anis)
Ewé Wòrọ̀mọbà : folha de Ocimum Gratissimum, Labiatae (alfavaca)
Ewé Ojúùsájú : folha de Petiveria Alliaceae, Phytolacaceae (erva-de-alho, também conhecida como guiné)
Orí : Butyrospermum Paradoxum subsp. Parkll, sapotaceae (limo-da-costa)
Um Ikọdidé (pena de papagaio vermelho africano).

Odù: Ìrẹtẹ̀ Méji
Fase Lunar: O 1º, 2º, e 3º dia da lua nova.
Horário: À tarde.
Local: Aos "pés" de uma árvore Igi Opé (Elaeis Guianeensis), Palmaceae (dendezeiro)
Como fazer: Abra a cabaça pequena, tire as sementes e a unte completamente por dentro com o orí. Misture bastante a folhas de anis, guiné e de alfavaca no sal grosso com o Ìyèròsùn e que você desenhou o Odù Ìrẹtẹ̀ Méji e coloque dentro. Acrescente os quatro orógbós e após fechar a cabaça, coloque a pena de Ikọdidé por fora, amarrando-a com linhas branca e preta. Faça seus pedidos e recite o ofò para Alopajanja-eledè e coloque a cabaça na entrada de sua casa (do lado de fora). Se quiser ocultá-la pode enterra-la em vaso de plantas no qual você plantar um pé de guiné.

Ofò:

"Alopajanja-eledè mope o
Alopajanja-eledè eu te chamo
Òrí ní ki ẹ ba mi ná ọjà temí
Òrí manda que você seja freguesa das minhas mercadorias
At'ilé à t'ònà láà fi í jìn ewé Àgbásá

Tanto o interior quanto o exterior da casa estão sempre a disposição da folha Àgbásá
Ewé Ojúùsájú l'ó ní ẹ wá pè mi rere ewé Ojúùsájú
Ewé Ojúùsájú diz que você vir e me invocar para obter sorte
Ewé Wòrọ̀mọbà yà mi kúrò nínú òsì
Ewé Wòrọ̀mọbà, venha me tirar da miséria
Iyọ̀ gbówó wá
Iyọ̀, traga dinheiro para cá
Ibi Orógbó Mérin dá ojà sí, ibẹ̀ ni gbogbo ayé gbé í na ná
Onde quer que os quatro orógbós estabelecam seu mercado, todo mundo vira freguês
Ikọdidé ló ní ki wọn ó d'ẹrù ire wá fún mi
Ikọdidé disse que você trará montes de riqueza para mim"

9) WOOGBÁWOOBARASAN:

Rege o olho esquerdo. Em seu aspecto positivo, pode trazer a paz à qualquer ambiente conturbado. Abençoa com sucesso e riqueza no mundo material, providenciando abundância e completa satisfação. Em seu aspecto destrutivo, "arrasa" com as pessoas através de sua própria ganância e torna qualquer empreendimento estéril, seja no aspecto material (negócios, empregos, etc), ou no sentido emocional e espiritual. Também pode melhorar ou piorar qualquer vibração energética de um ambiente, ou pessoa.

Ritual para "formar vínculo" com Woogbáwoobarasan:

Finalidade: Trazer a paz para um ambiente conturbado.

Material :

Ìgbín (caracol)
Eyin adiyẹ (ovo de galinha)
Èkọ (acaçá), Ewé Àbámọdá : Folha de Bryophyllum Pinnatum, Crassulaceae (folha-da-fortuna)
Ewé Òṣíbàtà : Folha de Nymphaea Lótus, Nymphaeaceae (lótus)
Ewé Oyóyó : Folha sw Corchorus Olitorius, Tiliaceae (juta), Ewé Lara pupa : Folha de Ricinus Communis, Euphorbiaceae (mamona vermelha)
Ìyèròsùn
Um Eyelé: pombo.

Odù: Òtúrá Méjì
Fase Lunar: O 4º, 5º, e 6º dia da lua nova
Horário: Noturno.
Local: Aos "pés" de uma árvore Ekuyà (Xylópia Grandiflora), Annonaceae (pimenta de macaco).

Como fazer: Desenhe o Odù Òtúrá Méjì no Ìyèròsùn. Coloque na maior folha de mamona vermelha que você encontrar, os seguintes ingredientes: um ovo de galinha, um acaçá, dez folhas de folha-da-fortuna, sete folhas de Òṣíbàtà e nove folhas de juta. "Puxe" um caracol e um pombo sobre estes materiais. Coloque o pó do Ìyèròsùn em que você desenhou o Odù por cima da oferenda. Amarre a folha de mamona vermelha com tudo dentro (segurando pelas pontas da folha, fazendo uma pequena trouxinha). Passe pelo ambiente, dos fundos para a porta da frente recitando o Ofò para Woogbáwoobarasan. Despache em água corrente. Muito

cuidado para que o ovo não se quebre antes de ser lançado à água, se por acaso isto acontecer, inutilizará todo o ritual.

Ofò:

"Woogbáwoobarasan, Ìyá ọkùnrin, mope o
Woogbáwoobarasan, mãe valente, estou lhe chamando
gbá mi pa ọtá ni lọ s'órun
varra meus inimigos para o além
Ìgbín gbá mi pa ọtá ni lọ s'órun
Ìgbín, varra meus inimigos para o além
Eyin adiyẹ gbá mi pa ọtá ni lọ s'órun
Eyin adiyẹ varra meus inimigos para o além
Èkọ gbá mi pa ọtá ni lọ s'órun
Èkọ varra meus inimigos para o além
Ewé Àbámọdá gbá mi pa ọtá ni lọ s'órun
Ewé Àbámọdá varra meus inimigos para o além
Ewé Òṣíbàtà gbá mi pa ọtá ni lọ s'órun
Ewé Òṣíbàtà varra meus inimigos para o além
Ewé Oyóyó gbá mi pa ọtá ni lọ s'órun
Ewé Oyóyó varra meus inimigos para o além
Ewé Lara pupa gbá mi pa ọtá ni lọ s'órun
Ewé Lara pupa varra meus inimigos para o além
Eyelé gbá mi pa ọtá ni lọ s'órun
Eyelé varra meus inimigos para o além"

10) O PÁSSARO ÈFÉ:

Rege o rim direito. Em seu aspecto positivo, Èfé traz inspiração superior e intuição sobre todo e qualquer assunto que a pessoa desejar. Permite a realização do "vôo noturno" em seu mais perfeito grau, o qual é a base essencial da magia de Ìyámi, também orienta em como usar os materiais dos planos físicos,

astrais e mentais na feitiçaria. O pássaro Èfé é um dos maiores símbolos da força do culto Èfé – Gèlèdé.

Ritual para "formar vínculo" com o pássaro Èfé :

Finalidade: Adquirir grande poder para prática da Magia de Ìyámi Òṣòròngá.

Material:

Ewé Asurín Mẹ̀wàá (Entandrophragma Candollei) Meliaceae – dez folhas de Pau Brasil
Ewé Irókó Mẹ̀wàá (Chlorophora Excelsa) Moraceae – dez folhas de Irókó
Onje dídùn Ọpọ̀tọ́ Mẹ̀wàá (dez doces de Figos)
Ìyèròsùn
Awọ ijímèrè (pele de macaquinho castanho)
Ehín Ehoro (dente de coelho do mato)
Awọ Ara Àgùntàn (um pedaço de pele de carneiro)
Awọ Ara Ajá (um pedaço de pele de cachorro do mato)
Ewé Taba (folha de tabaco)
Eja meni (um peixe de escama)
Àlántakùn meni (uma aranha)
Ìràwọ̀ meni (um besouro)
Ìyẹ́ meni Gùnugún (uma pena de abutre)
Ìyẹ́ meni Òwìwí (uma pena de coruja)
Ìyẹ́ meni Itu (uma pena de pardal)
Ìyẹ́ meni Ọ́ódẹ (uma pena de papagaio)
Lìlí meni (um ouriço)
Ìyẹ́ meni Àwòdì (uma pena de gavião)
Orógbó Mérindínlógbòn (Garcinia Kola Heckel, Guttiferae) Vinte e seis orógbós.

Odù: Òṣé Ogbè (Mais conhecido como Òṣé Oníjà – Òṣé "Senhor da Guerra")
Fase Lunar: O 7º dia da lua nova
Horário: 0:00 horas (meia-noite)
Local: Aos "pés" de uma árvore Àridan (tetrapleura Tetráptera), Leguminosae Mimosaceae.

Como fazer: Ao sétimo dia da lua nova, faça uma fogueira com dendê em um descampado no qual você não possa ser incomodado (de preferência com madeira retirada de uma Árvore de Cactus). Desenhe o Odù em Ìyèròsùn recitando o Ofọ̀ (encantamento) e depois continue-o recitando enquanto você faz vinte e seis voltas em torno da fogueira após tela acendido e o fogo estiver "vivo". Queime na fogueira todos os materiais citados acima, exceto a Awọ ijímèrè (pele de macaquinho castanho). Misture o Ìyèròsùn imantado pelo Odù com as cinzas restantes da fogueira. Faça com a pele de de macaquinho castanho, um pequeno saco e coloque o Ìyèròsùn com cinzas dentro. Guarde-o em local seguro e longe das vistas de pessoas estranhas. Em qualquer ritual, traga-o sempre com você no bolso esquerdo. Se sobrarem muitas cinzas, guarde-as para utilizá-las em qualquer magia, independente da finalidade, ou misturá-las com sabão-da-costa e banhar-se com ele, sempre antes de qualuer situação extremamente importante, na qual você precisará de muito Àse.

Ofọ̀:

Ìyámi Òṣòrònga, Oba Àirí ní Àse
(Ìyámi Òṣòróngá, o Rei Invisível tem autoridade)
Ìyámi Òṣòrònga, Ojójó Òní kó ilé
(Ìyámi Òṣòróngá, o Senhor do dia de hoje construiu a casa)
Ìyámi Òṣòrònga, Atẹ̀rẹ̀rekáìyé ní Àse

(Iyámi Òsòróngá, Aquele que cobre o mundo inteiro tem autoridade)
Iyámi Òsòróngá, Olódùmarè kọ́ ilé
(Iyámi Òsòróngá, o que é Superior, Permanente e Imutável construiu a casa)
Iyámi Òsòróngá, Ọba tí dandan rẹ̀ ki i ṣẹlẹ̀ ní Àṣẹ
(Iyámi Òsòróngá, o Rei cuja ordem não é inválida tem autoridade)
Iyámi Òsòróngá, Ọba adá ẹ̀dá kọ́ ilé
(Iyámi Òsòróngá, o Rei que cria toda a existência construiu a casa)
Mo dúpẹ́ Ọba Àwámáridìí
(Eu agradeço ao Rei que não pode ser localizado)
Mo dúpẹ́ Iyámi Òsòróngá
(Eu agradeço a Iyámi Òsòróngá)
Ẹyẹ Mímọ́ kọ́ ilé
(O Pássaro puro construiu a casa)

(... Lágbájá...), Òyígiyigi Òkúta Àìkú ní Àṣẹ
(... Nome da pessoa...), a Poderosa pedra imutável que nunca morre tem autoridade

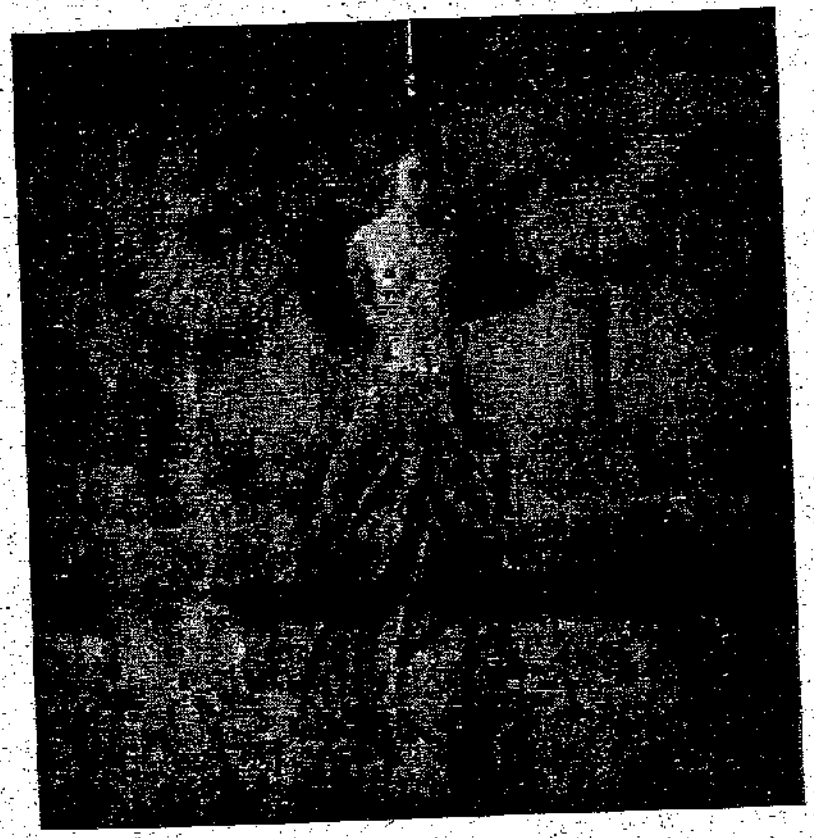
(... Lágbájá...) ni Àṣẹ
(... Fulano...) tem autoridade

Ìwá Aba Àṣẹ
Ìwá Aba Àṣẹ
Ìwá Aba Àṣẹ



CAPÍTULO 10

A Caça as Bruxas na África



Existiu uma atividade de caçadores de Àjé (feiticeiras) ATIGALI (ou TIGERE ou ATINGA) criada por volta de 1940 no sul da costa do Ouro (Gana), que atravessou o Daomé e infiltrou-se na Nigéria por volta de 1950. Nesta atividade os dançarinos possuídos pelo espírito ATIGALI, se diziam capazes de identificar as feiticeiras presentes. Quando isto acontecia, geralmente a mulher acusada, admitia que tinha ido ao pé de uma Irokô consagrado para vingar-se ou em troca de uma certa quantia, para pedir a divindade que enviasse seu mensageiro, a ave da feiticeira, a coruja (Eye Àjé), para matar esta ou aquela pessoa. Quando a vítima morria, elas acreditavam que a ave comera seu coração aos poucos, durante a noite. Em diversos países africanos, como na Zâmbia, Zimbabwe, Congo, Malawi, e Nigéria, uma vasta porção da população acredita em bruxaria. De acordo com a crença local, nada de mal acontece por acaso, e não existem coincidências. Se algo de ruim lhe acontecer, é porque alguém lhe colocou um feitiço.

Existem três tipos de objetos para bruxaria. Os ofensivos, para ataque, os defensivos, para evitar ataques de terceiros, e os de comunicação, para contatar entidades do além. Objetos masculinos são utilizados como forma de defesa, enquanto os objetos femininos são para ataque. Os objetos de comunicação sofrem uma curiosa influência da civilização ocidental. Peças de telefones, aeronaves, e outros aparatos tecnológicos são utilizados para aumentar os poderes dos objetos. A utilização de um bocal de telefone em uma peça facilita a comunicação com o "outro lado", de acordo com o curador do National Museum em Livingstone, Mr. Mungoni Sitale.

Magos, e bruxos na África tem sofrido vários tipos de perseguição. O Witchcraft Ordnance de 1914, da Zâmbia, prevê até dois anos de prisão para quem alegar ter vínculos

com o sobrenatural ou ameaçar terceiros e causar medo. Atualizado como o Witchcraft Act em 1994, a lei é dificilmente aplicada, geralmente por falta de provas concretas. Mas isto não impede que moradores receosos tomem a lei em suas próprias mãos queimando as casas dos bruxos ou os banindo das aldeias. No Zimbabwe, a situação é bem pior e o Witchcraft Suppression Act é mais severo, com penas de até sete anos. Em março de 1996, um jornal da África Ocidental informou que uma histeria em massa havia irrompido pela Costa do Marfim. De acordo com o relato, quatorze supostos feiticeiros foram assassinados por multidões, dois foram mortos em Abidjan e doze vítimas conheceram seu fim brutal em Gana. Jovens africanos haviam ficado desesperados porque acreditavam que seus pênis haviam desaparecido (ou encolhido) quando estranhos usaram um "aperto de mão enfeitiçado" para cumprimentá-los! Durante a violência resultante, o governo de Gana respondeu com força armada para acabar com os linchamentos. A histeria estava baseada na crença local de que feiticeiros roubam genitália para fins abomináveis e mágicos. (Pela África Ocidental há um tráfico secreto de partes do corpo para uso em Ju Ju, uma forma de magia semelhante (magia simpática). A obtenção física de partes de corpo humano por praticantes Jú Ju pode ter alimentado o medo dos africanos Ocidentais de que poderiam ser separados de partes de sua anatomia até mesmo magicamente. Anteriormente, em outubro de 1988, dez dos cidadãos de Gana foram condenados à morte por envolvimento no tráfico secreto de órgãos humanos).

Porém, nem a corda da forca nem o pelotão de fuzilamento detiveram o pensamento mágico de séculos de idade no continente africano. Os últimos cem anos do milênio africano começaram com a trágica rebelião Maji-Maji de 1904-5. Ela demonstrou as consequências temerosas do pensamento

mágico. Foram mortos mais de 120.000 crentes na revolta Maji-Maji porque alguns médiuns espirituais prometeram tornar todos que usassem um remédio de guerra especial (água misturada com óleo de rícino e semente de millet) imunes a rifles alemães. Apesar de uma das refutações mais severas na História das alegações de poderes mágicos por meros mortais, sistemas de convicção baseados em mágica continuaram prosperando na grande massa de terra africana. Pessoas desesperadas buscando se livrar dos colonizadores europeus continuaram acreditando em poderes paranormais como um caminho para a liberdade.

Em março de 1947, a ilha de Madagascar foi varrida por uma sangrenta revolta nativa contra os colonialistas franceses. Feiticeiros das aldeias prometeram aos oprimidos Malagasies uma vitória fácil contra os soldados franceses. Os feiticeiros contaram aos rebeldes que os feitiços deles fariam os rifles franceses atirar apenas água! Inicialmente, alguns brancos foram mortos, mas quase 11.000 rebeldes morreriam. Quando a proteção mágica provou ser uma fraude, os feiticeiros mantiveram a rebelião viva usando profecias. Estes homens mágicos contaram aos Malagasies (armados apenas com lanças e machados) que os EUA ajudariam seu exército rebelde. Qualquer sonho de que as forças americanas iriam logo aparecer na ilha desapareceu, e a Revolta das Lanças foi esmagada em dezembro de 1948. Governos coloniais nunca tiveram nenhum grande sucesso em erradicar crenças africanas na magia, feitiçaria e bruxaria. O pensamento mágico permaneceu profundamente arraigado como crença cultural. Após o êxodo europeu do continente africano, o pensamento mágico remexeu os ânimos de violência e inquietação revolucionária. Em 1962, a cena política da Rodésia do norte viu a ascensão de uma sacerdotisa protestante chamada Alice Lenshina. Ela pregava às massas que havia

sido trazida dos mortos por Deus! Esta sacerdotisa carismática logo ganhou sessenta mil discípulos e lançou uma caça brutal por bruxas. O governo Rodesiano condenou o programa de erradicação de bruxas de Lenshina, e interveio com o exército. Lenshina disse para seus discípulos que não temessem as balas dos soldados porque ela as faria virar água com sua magia. Estrondos seguiram, e setecentos seguidores de Alice foram despachados provando que feitiços não farão seu corpo imune a disparos de rifles. Os distúrbios terminaram quando a sacerdotisa foi capturada pelas autoridades. Até onde eu sei, Alice Lenshina nunca se ofereceu pessoalmente para demonstrar sua própria habilidade de transformar balas em H2O.

Lenshina Mulenga Mubisha, Alice
c. 1924 a 1978

A "profetiza" Alice Lenshina Mulenga Mubisha era a fundadora de um movimento independente africano poderoso da igreja presbiteriana na época da independência zambiana. Começando como um movimento de antifeitiçaria, foi contra o novo governo quando rejeitou a autoridade secular.

Lenshina era uma candidata batismal com uma missão Presbiteriana quando recebeu uma série das visões em que acreditou que esteve no paraíso e que ali recebeu mensagens divinas, as quais a instruíam que ela devia destruir todos os bruxos e feiticeiras. Declarando ter morrido e ressuscitado quatro vezes, em 1953 começou um movimento chamado Lumpa (que significa "melhor do que todo o outro" em Bemba) em uma cidade a qual rebatizou como Zion, declarando-se rainha. Um pastor presbiteriano batizou-a, formando assim um evento que parecesse ter tido um impacto profundo nela, levando ao extremo seu fanatismo e intensificando ainda mais suas visões. Ela e seu marido foram

expulsos em 1955, e começaram a pregar de forma não organizada. As multidões rapidamente seguiram suas palavras e logo, por volta de 1959 era construída uma igreja organizada com ministros e que possuía entre 50.000 e 100.000 membros, os quais em sua maioria, tinham abandonado a igreja presbiteriana ou as missões católicas.

Lenshina pregava uma doutrina basicamente católica, mas com um batismo "diferente". Este batismo era uma cerimônia especial administrada pela própria Lenshina. Atacando a feitiçaria e a bruxaria, Lenshina estava historicamente posicionada na longa tradição de movimentos que pregam a completa erradicação da bruxaria na África, mas a esta tradição adicionou a condenação do álcool e da poligamia (poligamia esta, que sempre foi típica nas culturas africanas).

Esta nova religião que Leshina havia criado recolhia seus membros nas vilas onde os hinos e a rejeição as práticas religiosas tradicionais, puderam fomentar àquilo que seria chamado como uma nova sociedade, dedicada a estar limpa e purificada da magia, para quando Jesus retornasse. A grande catedral construída em Zion em 1958 ainda hoje possui uma coluna no teto, na qual Jesus Cristo deveria descer em sua segunda vinda. O ensino problemático da igreja de Lumpa para o governo - colonial e independente - era sua oposição à autoridade terrestre, uma doutrina que parece ter herdado da sociedade dos guardiões da torre, uma seita das testemunhas de Jehovah.

Já em 1958, Lenshina tinha rejeitado completamente o registro do governo de sua igreja, nos moldes de uma organização que fosse aprovada legalmente. O Lumpa também rejeitou o imposto oficial, criando o seu próprio imposto nas vilas filiadas, ameaçando assim, a autoridade tradicional dos líderes. Lenshina desafiou também o partido nacionalista dominante, o partido nacional unido da independência (UNIP) de Kenneth

Kaunda, o qual passava por um declínio na sociedade quando seus seguidores se retiraram dos grupos políticos. O UNIP considerou Lumpa como uma rival, e assim havia cada vez mais, um número crescente de confrontos violentos entre os dois grupos.

Na independência da Zâmbia em 1964, a igreja de Lumpa constituiu um grave desafio aberto a supremacia do novo governo. Os seguidores de Lumpa fortificaram suas vilas, e o conflito subsequente com as polícias e ataques do exército resultaram na morte de 700 membros da igreja durante conflitos com as polícias e ataques do exército. Os combates duraram por três meses, terminando com a proibição da igreja e com a prisão de Lenshina. Foi libertada em 1975 e presa outra vez dois anos mais tarde, tentando recomeçar o serviço de sua igreja. Por esse tempo, entretanto, o movimento estava completamente inoperante.

A crença na feitiçaria era uma parceira conveniente e muito importante para os políticos africanos; homens subiram ao poder em várias novas nações africanas, usando convicções locais sobre a força da magia em sua vantagem. Um desses homens foi Francisco Nguema. Durante os anos setenta, Nguema conseguiu convencer a maioria da Guiné Equatorial de que ele era um grande feiticeiro. Este ditador cruel acreditava que retirava seus poderes ocultos de uma coleção de crânios guardada na casa dele. Infelizmente, a maioria dos cidadãos de Guiné acreditou nele. Nguema usou os muitos feiticeiros daquela nação para espalhar uma convincente propaganda sobre seus poderes para todos os cidadãos. O ditador era especialmente notado por suas conversas com os mortos, especialmente com aqueles que ele tinha mandado matar! Nguema criou histórias de fugas de assassinos para aumentar sua reputação sobrenatural. Durante um reinado de dez anos, estima-se que Nguema executou

cinquenta mil pessoas. Quando o ditador foi deposto, não se pôde encontrar voluntários para executar o velho feiticeiro. Os cidadãos de Guiné Equatorial acreditavam que Nguema podia mudar de forma e que poderia voltar dos mortos como um leopardo para buscar vingança. Um pelotão de fuzilamento teve até mesmo que ser importado do Marrocos muçulmano para levar a cabo a pena de morte deste estranho homem. Em 1979, Nguema foi executado. Assim a crença em magias, feiticeiras e bruxas, continuou causando enorme destruição nas antigas colônias européias.

Portugal foi uma das últimas nações européias a sair da África. O governo português abandonou a colônia de Moçambique enquanto o feiticeiro Nguema estava no ápice de sua carreira. O governo Marxista da Frelimo (Frente de Liberação do Mocambique) tomou o poder e foi desafiado por um exército insurgente, chamado Renamo, patrocinado pela Rodésia. Em 1975, um conflito sangrento começou a se arrastar pelos anos noventa e custou quase um milhão de vidas africanas. Tanto as unidades militares Renamo quanto Frelimo possuíam muitos partidários da magia dentro de seus escalões. Guerreiros Renamo usaram curandeiros para preparar seus corpos com [illegible] ervas. Estas ervas deviam agir como um tipo de colete mágico à prova de balas para soldados. Quando a magia falhava, os guerreiros Renamo arrastavam os corpos de seus companheiros mortos para enterrá-los secretamente. Foi desta maneira que sua reputação de magia seria mantida para intimidar os soldados da Frelimo. Às vezes, guerreiros Renamo eram levados à luta por um curandeiro abanando um rabo de cabra para transformar balas em água! Isto não é tão incrível quanto à crença dos insurgentes antigovernamentais, de que certos ritos mágicos os faziam invisíveis para o inimigo. Um general Renamo, de acordo com documentos capturados, empregou até mesmo um

ajudante para registrar milagres do campo de batalha. Este militar acreditava que espíritos ajudantes enganavam os soldados inimigos a atirar uns nos outros. Se os milagres de campo de batalha houvessem sido a ordem do dia, talvez os civis de Moçambique não tivessem morrido em números tão grandes.

E quanto à magia e os soldados da Frelimo durante esta guerra civil?

Evidentemente, os soldados Frelimo também não eram racionalistas; eles acreditavam na existência de bruxas! Em março de 1988, a Frelimo condenou duas mulheres velhas à morte por lançar feitiços. A liderança socialista do Moçambique era tão frustrada por magia que recorreram a acampamentos de re-educação para centenas de feiticeiros, adivinhadores e curandeiros locais. O governo Frelimo falhou em sua missão de extinguir a convicção mágica, e nenhum grande abalo foi feito nas convicções paranormais da população do Moçambique. Não obstante, Moçambique não era o único país vexado por convicções em magia. A próxima Uganda logo se tornou o campo de batalha para guerreiros especializados em feiticaria. Em 1987, a Uganda estava em tumulto pelo vacuo de poder deixado pela fuga de seu ditador, Idi Amin Dada. Dada havia sido um crente em magia; ele estabelecia a política de acordo com o conselho de adivinhadores. Ele interpretava seus sonhos e alegava orientação divina, usando adivinhadores locais para difundir boatos de seus poderes. É alguma surpresa que a Uganda fosse terreno fértil para a reencarnação de Alice Lenshina da Rodésia no disfarce de uma nova sacerdotisa que chamava a si mesma Alice Lakwena? 1987 seria um ano triste para a Uganda. Alice Lakwena logo reuniu um grupo grande de Ugandenses para ajudá-la em uma revolta. Ela rocoudo leve os seguidores dela com óleo de noz para lhes

dar imunidade ao fogo de artilharia e então somou feitiços de proteção para seus guerreiros do Espírito Santo que deveriam lutar desarmados. Suas tropas besuntadas de óleo então foram lutar com os soldados ugandenses. Lakwena armou seus guerreiros com fetiches que eram nada mais que armas de madeira e brinquedos de arame. Ela contou para suas tropas não buscarem cobertura das balas na batalha. E se munição fosse necessária? Felizmente a sacerdotisa instruiu os guerreiros dela em como transformar abelhas em balas. Ela também contou ao seu exército que pedras lançadas contra o inimigo iriam explodir. Uma grande parte das tropas de Lakwena morreu em ataques suicidas acreditando no poder dela. Mais de mil membros das tropas de Lakwena morreram em ataques suicidas no período de um ano; uma estimativa falava de vários milhares. Felizmente, Alice Lakwena foi capturada por autoridades do Quênia, levando a revolta a um fim. Se apenas a revolta de Alice fosse o capítulo final na dança trágica da África com a feitiçaria... Porém, sistemas de convicção mágicos não morrem facilmente.

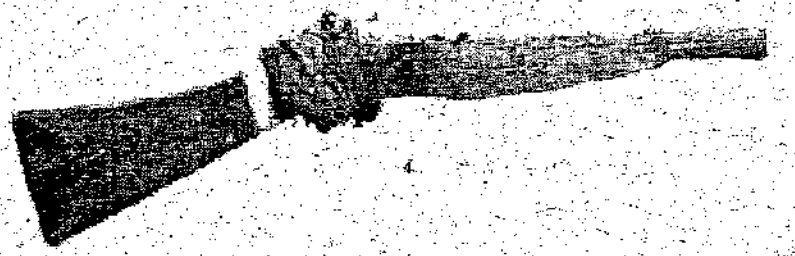
O fim do século trouxe mais uma vez ao continente a caça as bruxas!

De 1984 a 1994 a África do Sul foi tomada por uma histeria de caça as bruxas que rivalizou com a Inquisição [illegible]. Mais de quatrocentas pessoas foram mortas por habitantes depois de cerimônias por feiticeiros e devido à paranóia dos próprios vizinhos. A queima, às vezes depois de julgamentos através de tortura, era o método preferido da justiça de vigilantes. Entre 1990 e 1996, o Quênia e o Congo se tornaram o palco mortal para trezentos e sessenta supostas bruxas, serem linchadas pelos supersticiosos. O problema de assassinatos africanos de bruxas ficou tão agudo que foram criados até mesmo acampamentos para proteger aqueles acusados de bruxaria, particularmente na África do Sul e

Gana. Se a Quênia tivesse seguido este exemplo, talvez dez pessoas inocentes não tivessem sido queimadas até a morte dentro de suas fronteiras por uma turba rural em setembro de 1998. E até hoje em várias outras regiões da África as queimas continuam. Desde o fim dos anos 80, a conta de mortes por linchamento de bruxas na África do Sul está provavelmente em algum lugar entre 1.000 e 2.000 pessoas. Quatro crianças e um adulto foram queimados vivos por feitiçaria em Balasi, África do Sul, em janeiro de 1999. Desta forma a irracionalidade acompanhada de intolerância religiosa e preconceito, continua a cobrar um alto preço em vidas humanas.

Que este trágico quadro jamais chegue em nosso País,(Brasil) e que este texto sirva de aviso sobre o perigo do fanatismo religioso. Infelizmente, hoje em dia tão alimentado por determinadas igrejas protestantes de nossa terra.

Lembrem-se de Leshina e seu maldito legado, da lástima e da miséria de seus iguais!



Acima, arma chamada Kaliloze, feita de ossos humanos, cera e madeira. Associada a objetos ofensivos na feitiçaria africana e enviada em missões noturnas para causar danos a terceiros.





CAPÍTULO 11

Cabeças de Argila e a Necromancia Feminina



Necromancia

Necromancia é poderosa magia que envolve rituais associados com a morte e com os mortos. Seus ritos entre outras coisas podem drenar a vitalidade de criaturas vivas e restaurar a vida de criaturas mortas. Ossos, sangue, espíritos e aparições... todas essas coisas são associadas com as energias mágicas criadas e controladas pelos feiticeiros desta escola.
Desde os mais antigos mistérios, a necromancia quando dirigida a uma alma feminina é considerada a mais perigosa. São famosos os casos de magias feitas para a utilização de

"almas presas à terra", particularmente, nos casos em que mulheres morriam no parto (em algumas cidades, estas almas femininas eram utilizadas como poderosas guardiães pela área fora da cidade, com o fim de amedrontar e até mesmo matar possíveis inimigos invasores). Os bruxos e bruxas especializados na Necromancia, sabem que a morte e a sorte seguem o mesmo princípio, daí o grande campo de ação destes rituais que podem interagir com fantasmas, curar ou disseminar doenças e degeneração e também alterar as linhas do destino de uma pessoa para se adequarem à seus propósitos; pois se a morte extingue aparentemente algo no plano material, mas na realidade transforma os valores deste plano (algo comparado com o processo de fundir algumas moedas para cunhar outras). Dentre vários materiais utilizados no nível de bruxaria na Necromancia, posso citar: os Iwín (textos de e vocação aos mortos), tintas feitas a partir de determinadas árvores e pedras especiais, partes de cadáveres, flagelações, purificações, provações, desenhos (como alguns loa do Voodoo, ou determinados odus de Ifá), frutas, areia, cânticos e safrícios. O grande orixá da necromancia africana [illegible] (O Orixá da Morte), Egúngún (espírito dos mortos honoráveis) e é claro Iyámi Òsòròngá (A dona da magia e da força controladora das almas na terra).

ÌKÚ (O Senhor Morte)

O Orixá que possuí a função de exercer o pôder da morte chama-se ÌKÚ, trata-se de uma divindade masculina e seus mitos e formas de culto estão registrados dentro do Oráculo de Ifá, isto se deve, por ser Òrúnmìlà, o orixá da sabedoria, aquele "que pode alterar a data da morte". Afirma a tradição que Ikú começou a matar depois que viu sua mãe ser espancada e morta na praça do mercado, sendo depois

dominado por seus inimigos que conseguiram que ele comesse o que lhe era proibido. Quem ensinou como anular a atividade de Ikú, foi sua mulher chamada Olójòngbòdú. Nos conta assim, um fragmento do verso do Odù Ọ̀yẹ̀kú Méjì:

"... Quando Ifá falou sobre Olójòngbòdú, a mulher de Ikú
Que foi chamada logo cedo pela manhã
Foi perguntado o que seu marido não poderia comer
Que o tornasse incapaz de matar outros filhos das pessoas?
Ela disse que Ikú, seu marido, não poderia comer ratos,
Pois se comesse, suas mãos tremeriam sem parar
Ela disse que Ikú, seu marido, não poderia comer peixe
Pois se comesse, seus pés tremeriam sem parar
Ela disse que Ikú, seu marido, não poderia comer ovo de pata
Pois se comesse, ele vomitaria sem parar..."

Outro método de enfraquecer a atividade de Ikú é registrado no Oráculo de Ifá, através do modo como Èṣù subornou o filho de Ikú, para que este revelasse o modo como Ikú matava. Ọmọ Ikú revela que seu Pai, matava através de sua clava, tornando-se fraco sem este instrumento, o qual Èṣù com a ajuda do Ijàpàá, esconde. "... Ijàpàá gbé òrúkú l'owó ikú..." (O cágado retira a clava das



mãos de Ikú). Posteriormente, Ikú faz um pacto com Òrúnmilà, através da condição dele ajudá-lo a recobrar a sua clava; então, Ikú só levaria antecipadamente aqueles que não se colocassem sobre a proteção de Òrúnmilà. Outro texto do Odù Ìrosùnsè, nos conta como Orí e Òrúnmilà, impediram a atuação de Ikú, através do pacto de que Orí, apenas aceitaria seus sacrifícios e oferendas (Eborí) através dos códigos de Ifá, sendo somente assim possível, através desta forma, afastar a atuação de Ikú sobre a cabeça de alguém. Concluindo, então, para que seja possível neutralizar a atuação de Ikú, quando está agindo antecipadamente, é importantíssimo no ritual:

O sacrifício de Ìjàpá (cágado-animal que representa o poder da longevidade) para Èsù.
O oferecimento à Orí, de preá , peixe (de couro) e ovos de pata, através de Ìyámì Òsòròngá.
A necessidade de folhas específicas de Ifá e seus encantamentos.

Por isso, na tradição Yorùbá, acredita-se que Òrúnmilá é "o grande modificador que altera a data da morte". Todos os orixás, como agentes dinâmicos de vida, são ligados a Ikú. A mesma divindade que cria, também destrói, a mesma que gera fertilidade, também pode retirá-la e etc. E desta atuação dependem estes orixás, de Ikú e Eégúngún.

Introdução a Origem de Eégúngún

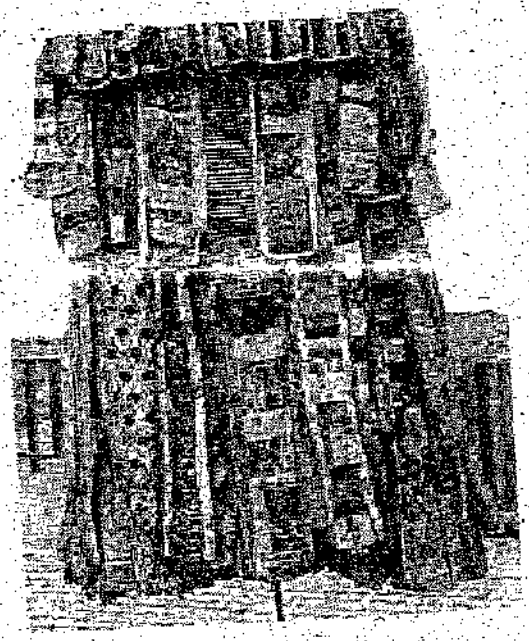
Eégúngún é considerado como os espíritos coletivos dos antepassados que ocupam um espaço no Òrún, consequentemente eles são chamados Ará Òrún (moradores do céu). É afirmado pela cultura Yorùbá, que estes ancestrais

estão em relação constante com os parentes terrestres, dependendo como os parentes negligenciam ou se lembram deles. Os ancestrais possuem funções coletivas que herdaram por linhagem e lealdade de família. Eles protegem a comunidade coletivamente contra espíritos maus, epidemias, escassez, bruxaria e geralmente asseguram o ciclo de prosperidade e produtividade da comunidade inteira. Os Eègúngún podem ser invocados coletivamente e individualmente em tempos de necessidade. O lugar de chamada normalmente ou está nos sepulcros da cidade , ou na comunidade Igbàlè. Em essência, o Yorùbá mantêm boas relações e comunhão constante com seus antepassados, aos quais acredita-se que são mais íntimos e interessados em seu bem estar que os àwon Òrisà.
Os ancestrais podem ser convidados a visitar a terra fisicamente através de máscaras, e tais máscaras, são uma referência para a identificação do Eégúngún ou Ará Òrún (moradores do céu). Embora seja considerado perigoso para os espíritos ancestrais aparecerem durante o dia para as pessoas em terra, os aparecimentos físicos ocasionais de Eégúngún demonstram a proximidade dos antepassados para com os seus descendentes. O sobrenatural dá poder para os antepassados exercerem forte autoridade sobre a comunidade. Influenciando assim o Eégúngún, funções políticas e sociais. Eégúngún e seu aparecimento revela o estilo Yorùbá de como é a vida após a morte. Através dele são fortalecidas a linhagens de família, assim como é observado o comportamento de cada pessoa integrante e sua lealdade ao clã. O reconhecimento para alguém de fora da linhagem Eégúngún é uma fonte de bênção e orgulho à família. Em resumo, o aparecimento anual de Eégúngún é um período de introspecção e associação íntima com os antepassados. Também é um tempo de festividade e entretenimento, um tempo de união de forças

contra o mal que ronda a comunidade, e é também, um momento de formar uma convicção religiosa profunda em direção a força divina e sua proteção.

Acima de tudo, ser um Eégúngún é um modo de imortalizar o nome da pessoa, porque a qualquer momento em que o Eégúngún sai, os tambores e mulheres da família cantam em elogio aos ancestrais e contam mais uma vez, as ações heróicas da família. No passado, vários Eégúngún poderosos conduziram as comunidades em guerras. Mohuru em Oyó, Dariagbon em Kisi e Lemojagba em muitas cidades são tais Eègúngún. Outros como Jénjù e Lágboókun em Oyó, Olóòlu e Afipako em Ibadan, Kamolóòlù em Ipetumodu e Pàjémásé em Iwó ajudaram a libertar as suas comunidades de diferentes inimigos sociais.

Estes tipos de Eègúngún são capazes de apontar e executar as bruxas assim como, qualquer outro inimigo de sua sociedade. Os grandes sacerdotes - guerreiros, geralmente possuem seu Eégúngún (Eégúngún Olóògun) e



Vestimenta ritualística de Eégúngún

demonstram publicamente os seus poderes mágicos.

A comunidade de caçadores tem Láyèwú ou Ode de Eègúngún (o Eègúngún de caçadores) enquanto alguns dos Orixás principais em cada comunidade possuem o seu Eégúngún auxiliar. Alakoro é Eégúngún Sòngó e Eégúngún Oya. Também há eghé de Iyá ou Olonko que são famosos por mostrar grande resistência e virilidade, há Eégúngún Olóré: Nesta categoria Alápánsánpá está em Ibadan, Lémojágbà em Gbongan e outros. Os artistas de Eégúngún profissionais dramatizam eventos contemporâneos em cada comunidade. Por exemplo, eles imitam prostitutas, inspetores sanitários, policiais, bêbedos, etc. Um festival anual de Eégúngún é organizado coletivamente quando os antepassados compartilham de companheirismo físico e espiritual com seus parentes vivos. O festival dura normalmente sete, quatorze, dezessete ou vinte e um dias. O festival acredita que todos o Eégúngún voltam ao Òrun. Porém, as suas forças vitais podem ficar em seus "assentamentos", chamados de Ojúbo para que sempre que os parentes vivos na terra precisassem de sua ajuda, deveriam então chamá-los. De fato, certos Eégúngún vêm fora da data festiva anual, isto acontece para que executem funções específicas. Estes incluem o Eégúngún que levam os rituais de sacrifícios; alguns atuam [illegible] entre outros, que executam rituais funerários e outras funções. Eègúngún Onidan, Alarinjó ou Agbègijó são alguns destes que também poderiam sair todo o ano, independente do festival. Toda pessoa de uma comunidade Yorùbá parece ser envolvida na adoração de algum Eègúngún, desde que todo mundo tem pelo menos, um antepassado para chamar. Mas tradicionalmente cabe mais aos homens, que as mulheres, o controle do mistério de Eègúngún, os quais, apenas aqueles iniciados na sociedade de Eègúngún conhecem seus segredos e funções plenamente.

Em essência, Eègúngún é um culto secreto como Oró e Agemo. Algumas mulheres sabem seus mistérios e tais mulheres não podem divulgar os segredos do culto. Estas são Iyámode, Yèyésorun e Ato' em localidades diferente. A tradição prega obediência a seguinte declaração: Mawo de" B'óbìnrin, wí " de gbódò de kò (Se uma mulher sabe segredos do culto, ela nunca tem que contar). Os devotos e participantes gerais do culto em consulta com o Oba da cidade fixam o festival anual e qualquer outro aparecimento de Eègúngún quando eles julgam necessário. Seus sacerdotes e devotos, executam as funções do culto Eègúngún e guardam seus mistérios [illegible]. Eles serão aqueles que irão orientar aos indivíduos que querem executar algum oferecimento ritual ou sacrificar aos seus antepassados . Eles dão diretrizes e direções como os indivíduos podem comungar com os antepassados. Para entender os mistérios de Eègúngún, toda pessoa precisa entender primeiramente, o desenvolvimento histórico do culto. Como material documentário escrito sobre o culto está escasso, nós temos que confiar em mitos e rituais relativos a Eègúngún. As principais tradições usadas são: os Odu Ifá e os Esà Eègúngún (Ìwín ou Esà).



Mitos da Origem de Eégúngún nos Odù de Ifá

O principal Odù que mostra como Eégúngún nasceu é Òtúúrúpòn Méjì. Em seus itòn (lendas tradicionais) existe a afirmação de que quando um homem morre e o cadáver é enterrado, seu espírito retorna e se une aos antepassados para se tornar Eégúngún. Como o cadáver do defunto é coberto da cabeça aos pés, esta é a forma na qual Eégúngún chega ao Òrún. Por causa disto é que todo Eégúngún deve ser completamente coberto, nenhuma parte do "ancestral mascarado" deve ser revelada ao público. Este Odù explica a crença do povo Yorubá na vida após a morte e como o morto se une aos antepassados para se tornar morador do Orán (Ará Orún) e por que Eégúngún é completamente coberto.

Outro Odù que mostra a origem de Eégúngún é Òwónrín Aseyin ou Isányìn. Aqui estão os itòn de Odù que falam sobre o Edún ou Ijimérè (um tipo de macaco), e contam como este macaco estuprou uma viúva em uma fazenda quando ela estava indo buscar lenha, ficando desta forma grávida. Com sentimento de vingança, a mulher regressou na floresta para atrair o macaco novamente e para isso, usou de "movimentos sedutores" e enquanto o animal estava mostrando seu pênis ela o persuadiu a colóca-lo dentro de um nó que estava amarrado a um grande tronco de madeira na beirada de um penhasco, Assim, ela soltou o tronco e o animal caiu morrendo no fundo do abismo. Logo após esta mulher ficou grávida e teve um filho, o qual aproximadamente vinte oito anos depois se tornou o Oba (rei) de sua cidade. Com o tempo, todas as tentativas para que as esposas deste rei engravidassem foram completamente infrutíferas. Então um Babálawo descobriu, que o Oba não tinha feito os ritos funerários de seu pai e que por causa disto, ele estava fadado a jamais ter filhos. A mãe do Oba foi chamada e assim, ela divulgou o segredo. O

Babalawo ensinou então ao Oba, que deveriam ser levados os ossos do macaco manchado (Igbógbàlé) com pompa e esplendor para Ilérin, local aonde os ritos funerários deveriam ser executados.

Desta forma então, um pedaço muito longo de pano deveria cobrir os ossos e um anúncio deveria ser feito a toda cidade: - "O pai do Oba viria visitar seu filho em um dia pré-determinado". À meia-noite, pessoas que já conheciam o plano foram para a entrada da cidade. Eles assim fingiram como se estivessem levando o pai do Oba e deixaram solto um longo pedaço de pano ser levado por centenas das pessoas que gritavam : " gbágan de E, gbágan de E, Irù àgan kò gbódò kànlè ". (Leve agan, leve agan, o rabo de agan não deve tocar o solo). As mulheres que espiavam a procissão e que já sabiam o segredo implicavam com Eégún (eegun), falando : Bàbá Oba má gùn ò. (Os ossos do pai do Oba eram muito longos). Uma correção porém deveria ser feita, Eégúngún (mascarado) é pronunciado de modo diferente de egungun (ossos). Os dois tons não podem ser considerados como significando a mesma coisa. O Odù explica somente a convicção Yorùbá na importância dos ritos funerários. E consequentemente, as desgraças que podem acontecer quando estes ritos não são feitos. O Odù explica como Agan (os restos mortais do macaco) pai biológico do Oba, é levado para casa. Este Agan assim se torna o símbolo sagrado do poder de Eégúngún no culto, ilustrando o que os Yorùbá acreditam como sendo a relação entre os vivos e os mortos.

O Odù diz mais adiante que como o Agan estava sendo levado a Ilerun para o santuário familiar, haviam então fortes especulações sobre a importância de avisarem as mulheres que estavam em dor de luto, para ficarem trancadas em casa. Os homens gritavam "eró ' mbo ero obinrin owo o " (eró está vindo, as mulheres não o devem ver). Eró é o nome sagrado

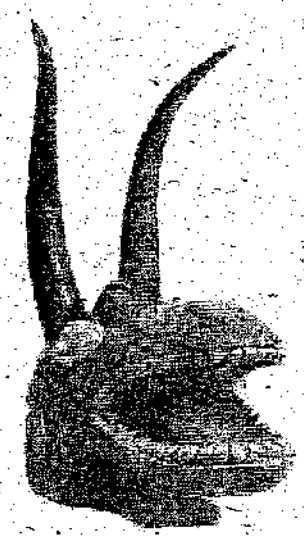
do macaco. Estes homens faziam sons selvagens e incomuns, e assim é o começo do ritual de Orò. O itán afirma que Orò teve a mesma origem de Eégúngún e as mulheres não devem saber seu segredo. A tradição do culto a Orò não é controlada pelo Oba e o Oyomesi como nos outros cultos. Na verdade tanto Orò como Eégúngún possuem funções políticas e sociais idênticas, por isso as antigas tradições os apresentam como irmãos, mas atualmente, o culto à Oro e os cultos de Egúngún não possuem muitas coisas em comum, e como Peter Morton Willians notou, os participantes do culto de Oro não são tão influentes nas questões políticas em Oyó como o são em Egba e o Ijebu.

Agan em sua forma de um longo pedaço de pano, ainda está sendo usado em Itoko Abeokuta, e em Ota. Na noite do primeiro dia do festival de Eégúngún, Mas geralmente em Oyó e em outras cidades do povo Yorùbá, Agan possui um significado mais profundo que os raros cultos feitos durante o festival de Eégúngún. Acredita-se que o Agan está além da compreensão do homem comum, consequentemente existe seguinte declaração:

" Ma foju kan mi
Ko le Enikan Gbodo foju kan Orombo
Nijo ba de Agan osan jade
Igi um lu de wo de ma ope de Igi um ope de wolu de ma
Igbo um tagbatagba de jona de ma
Odan um si jona teruwa teruwa
Uma diversão de difa Mafojukanmi
Ti je de i Agan ".

" Você não vê minha face
Ninguém pode sempre ver Orombo
Sempre que o Agan sai ao meio-dia

(Um vento forte de ira)
tombando árvores sobre árvores
E palma que cai sobre palmas
A floresta densa é completamente nua
E campos de savana estão logo abaixo completamente queimados
Esta Daifa é lançada para Mafojukanmi
Não veja minha face –
Pois me chamo Agan "



Na realidade, Agan não é representado através de qualquer forma física, e o poder é raramente usado. Mas em emergências, o Agan poderia ser usado para rejeitar um Oba, é normalmente se afirma que um Oba é levado para o Orún por causa de Agan. Uma bruxa má ou uma árvore de Irókô [illegible] destruídas pela sociedade do culto de Eégúngún, e assim eles diriam que foi o poder de Agan, que o fez. Quando um escritor perguntou para Salawu Adeleke Principal, o recente Alapinni de Oyó, qual era o significado de Agan. Ele disse que Agan é o poder dos Antepassados e que este poder vem diretamente de Edun (macaco vermelho). O itọ̀n também ilustra o sacrário de Edun. Acredita-se que Edun é dotado de poder mágico, e que é através dele que a sociedade do culto de Eégúngún recebe seus poderes sobrenaturais. Afirma-se também que Edun é uma das principais fontes de poder para o Aláàfing. Qualquer momento em que um Aláàfing aparecer em público, dois funcionários

dele devem usar a pele de edun. Ona Isokùn é considerado como o funcionário geral (gerente) do Aláàfing e é ele que guarda o poder mágico de edun. Ona Isokùn também é considerado como o pai dos gêmeos, e gêmeos são o próprio poder mágico de edun. Os artistas de Eégúngún mantêm a pele de edun como a fonte da sua força mágica. O sacrário de edun é ilustrado abundantemente em todo o Esà das principais linhagens de egúngún; no entanto, muito cuidado sempre deve ser tomado, para que não interpretemos os itọ̀n e os Orikis relativos a Edun literalmente. Apesar de todas as tradições Eégúngún falarem de Agan e Edun.

Outro Odù que ilustra a origem de Eégúngún é Ogbèrikusá ou Ogbè e Òsá. Neste itọ̀n vemos Eégúngún como força divina. Afirma o itọ̀n que quando da criação da terra, esta não se manteve estável, assim todos os òrixás tentaram dar o seu de melhor para que isto acontecesse, mas foi apenas Eégúngún, que foi enviado por Eledunmare, que ao chegar no Igbó Igbalè se disfarçou e realizou os rituais necessários nos quatro cantos da terra, tornando assim, a terra estável. Este ebora (espírito divino) foi chamado " Se aiyé gún (ele que fez a terra ficar estável) e era o primeiro Eégúngún. Este Odù explica as funcões políticas e sociais de Eégúngún na sociedade. O Eégúngún liberta a sociedade de todas as forças de instabilidade.

Outro Odù que ilustra a origem de Eégúngún é eléégún de Ọ̀kànràn ou Okànràn Ogúndá. O Itọ̀n explica que Eégúngún era o último dos nove filhos de Oyá, a esposa de Xangô. Oyá era inicialmente estéril até que lhe pediram que usasse a formiga rainha como uma magia para fertilidade. Oyá foi advertida porém, que ela deveria entregar a criança dela em uma colina de formigas (santuário de Onilé). As primeiras 8 crianças de Oyá estavam saudáveis, mas as formigas soldado desfiguraram a face do último nascido. Ele então teve que

vestir uma máscara para cobrir a face e como ele não pudesse falar, naturalmente as pessoas acreditaram que ele era um ebora (espírito do morto dos criminosos) com poderes sobrenaturais.

A relação íntima entre Eégúngún e Xangô e Oyá é clara se a pessoa percebe o fato, de que estes cultos eram todos instituições de Oyó. Em outras sociedades do povo Yorùbá são considerados Òbàtálá e Ògún divindades mais importantes que Xangô, Oyá e Eégúngún. Mas no império de Oyó, foram dados à Xangô, Oyá, Baayanni e Eégúngún a supremacia sobre os outros orixás. Estes cultos eram usados como um instrumento de poder religioso e controle político em Oyó. Eégúngún tem que "sair para a rua" durante os festivais de Xangô e Oyá em Oyó. De certo modo o itòn ilustra como Oya e Eégúngún são capazes de conceder crianças as mulheres estéreis. A parte final do Odù se lê:

Lowo de " Talo veio de Oyá Ipo
Ko s'éniyàn toya gan bi Oyá Olala
Oya para yágan para renú ògan réè bí sí
Akànbi ogán nbe lóde Ipo
D'Olú de Oyá dosin de Oyá
Onèré dálà lóyàn "

" Que está tão rico quanto Oyá em Ipo
Nenhuma mulher era tão estéril quanto Oyá Olala
Oyá que era tão estéril que ela teve que entregar
crianças em uma colina de formiga.
Akanbi Ogan mora na cidade de Ipo
Oyá se tornou suprema
Oyá foi divinizada
As marcas de Opere no tórax dela brilham ricamente em seu peito "

Há muitos outros Odù que ilustram a origem de Eégúngún. Há estes se incluem Òbàrà Òsá, kô de Ìwòrì Rèkú, etc. Cada um deles explica a origem de Eégúngún sob um determinado ponto de vista. Considerando que estes Odù são exemplos de mitos, lendas, e alegorias, eles na verdade, representam a fé das pessoas daquelas regiões. Deve também ser percebido, que todos o Odus que se referem à origem de Eégúngún tendem a enfatizar uma noção de que qualquer coisa que venha a usar uma máscara representará certamente um Eégúngún ou um espírito ancestral. No entanto, as pessoas usam máscaras durante Ekinè, Agèmo, Gèlèdè e festivais de Epa, e estas máscaras apesar de lembrarem ás máscaras Eégúngún, elas não representam os espíritos de antepassados. O Adamu orixá que existe entre as pessoas de Awori em Lagos é concebido como um rito funerário, não é considerado completamente como Eégúngún, no sentido de um espírito de antepassado.

Exemplo de rito Necromântico ao "estilo" Yorùbá:

Como ilustração de um típico rito necromântico Yorùbá, vejamos um exemplo de um ritual citado por Pierre Verger em seu livro Ewé (pág. 389):

"...Trabalho para ressuscitar alguém

Folha de Mafumeira (Ewé Àràbà)
Folha de Chrysophyllum Welwitschii (Ewé Asíyèlé)
Folha de Caaxira (Ewé Emú)
Folha de Dalbergia Láctea (Ewé Ójìjí)
Folha de Albizia Zygia (Ewé Àkúdìnrín)
Pano tingido de vermelho

Espremer dentro de uma panela de barro. Imergir o pano no pó vermelho. Desenhar o odù de Ifá Òbàrà Méji em Iyèròsùn. Misturar. Deixar descansar por sete dias. No sétimo dia, tirar o pano e seca-lo à sombra do telhado (não secar ao sol). Para usar, cobrir o morto com o pano e chamá-lo três vezes..."

Princípios Fundamentais para a prática da Necromancia

Purificação

A origem dos ritos considera a pureza e a limpeza necessária para estes ritos de forma a proteger o necromante das ações dos fantasmas no plano físico, portanto a impureza e as imperfeições dão maiores liberdades para a aparição atuar no mundo físico. O necromante se purifica através de castidade, jejum, banhos; quanto maior a preparação, maior será a proteção. Necromantes iniciantes costumam meditar (praticar Aşarò) para evitar abalos emocionais, e assim aprendem com o tempo à trabalhar o lado emocional ao seu favor. Uma aparição evocada procura no seu dominador um sentimento que pode ser usado para fazer com que eles obedecam. Daí o natural perigo que envolve a prática.

Símbolos

O melhor símbolo da identidade de uma aparição é o seu sentimento, portanto um objeto com que ele tem uma relação emocional preexistente é fundamental. Por isso um habilidoso necromante procura adquirir um desses objetos de uma aparição que ele planeje comandar regularmente. Mas em algumas circunstâncias este objeto não é necessário, se o necromante provar ao fantasma que ele sabe o bastante sobre

ele, o que o fará obedecer a sua vontade. O símbolo pode ser profissional, como no caso do estetoscópio de um doutor, o martelo de juiz ou o chicote de um domador de leões. Pode ser uma fotografia, um anuário do colegial ou um anel de casamento. Ou poderia refletir o hobby favorito ou passatempo – uma máquina fotográfica para capturar um fotógrafo, uma motocicleta para um corredor de motocross, um anzol para um pescador, um colar ritualístico (guia) de uma mãe de santo e etc. Na tradição Yorùbá utiliza-se do dedão do pé direito para os homens e o do pé esquerdo para as mulheres, pois estes representam a ancestralidade pessoal.

Roupas para o Ritual

Quando o necromântico concluiu a sua preparação, ele veste uma roupa que deve ser limpa, perfeitamente conservado e extremamente branca (pois é a cor do luto e da morte dentro dos ritos Yorùbá). A mais mera mancha ou linha solta pode fazer com que um Eégúngún poderoso e antigo inverta a relação de poder do rito e venha à comandar o necromante. Devemos lembrar que os ritos de Necromancia são verdadeiras portas abertas entre o mundo dos vivos e dos mortos, e por isso todo cuidado é pouco.



Os ritos de Necromancia são verdadeiras portas abertas entre o mundo dos vivos e dos mortos, e por isso todo cuidado é pouco...

Profanação

O ponto comum mais óbvio é que todos empregam os restos mortais (restos normalmente humanos) ou outros símbolos poderosos de morte que despertem desgosto e ansiedade dos vivos. Cinzas de morto, pedaços grossos de lápides, larvas de inseto, especialmente os que recentemente devoraram carne morta, caixão fechado, equipamento de embalsamamento e ferramentas de autópsia. A doutrina da Necromancia afirma que os símbolos da morte devem ser pertinentes à sociedade na qual o praticante opera. Por exemplo, um chinês tradicional evita os antigos bronzes funerário do passado arqueológico da sua nação por causa da associação deles com a morte; ao mesmo tempo, os colecionadores ocidentais de arte chinesa os desejam como uma antiguidade e objetos de arte, assim como com as cabeças de argila e máscaras de Égúngún Yorùbá.

Nos ritos afro-brasileiros afirma-se que a necromancia com os espíritos masculinos deve apenas ser praticada por homens. Mas na prática, posso afirmar que os únicos limites para um verdadeiro conhecedor de magia, seja este, homem ou mulher é o seu conhecimento, e só.

Este é seu único limite e ao mesmo tempo poder, o nível de seu conhecimento!

As Cabeças de Argila

Quando são utilizadas esculturas de cabeças nos ritos da Necromância, estas podem realizar diversas tarefas, vejamos algumas mais simples:

Primeiro uma função oracular, aonde a alma ou como é mais comumente chamada, sopro dos mortos, pode responder as mais variadas perguntas feitas pelo bruxo, seja sobre os pontos fracos, maldições ou bênçãos sobre o destino de alguém, ou sobre acontecimentos relativos ao passado e ao futuro.

Segundo: Fazer com que a falecida ali aprisionada, possa infligir um dano físico ou mental, por exemplo: secar uma plantação, apodrecer o braço de um homem ou tornar um cavalo "azarado". Entre algumas destas maldições, existem aquelas que podem durar gerações, passando continuamente de pais para filhos e assim em diante.

Terceiro: Alterar idéias e desejos nas outras pessoas, através do contato energético da cabeça esculpida do morto em seu padrão degenerativo sobre a mente de um vivo.

Esà Èègúngún e as Cabeças de Argila

As cabeças de argila representam mulheres valorosas da sociedade (Esà). São retratos imemoriais de mulheres, com características realísticas associadas ao perfil não apenas físico, mas moral e espiritual das mulheres que o escultor conheceu em vida. Sempre feitas por mulheres, estas cabeças de argila são uma exceção na tradição Africana, em que apenas os homens, poderiam fazer esculturas e peças figurativas. A única outra exceção são as tampas de poços Yorùbá e os símbolos esculturais da cultura Wakemba. Para o Africano de uma forma em geral, a alma de uma pessoa falecida nunca perderia seu vínculo completamente com o mundo físico, estas almas teriam forças poderosas e influências decisivas nas vidas das pessoas ainda vivas, sendo assim, sua ajuda torna-se

extremamente importante. A cabeça de argila, forneceria assim, um lugar referencial para o espírito da mulher falecida, criando a continuidade desta pessoa entre os mundos espiritual e físico. Durante os ritos de culto, estas cabeças de argila, seriam levadas por uma espécie de procissão através da vila e colocadas em um altar ou em algum lugar específico de bosque com as árvores sagradas dedicadas aos mortos.

Material para o ritual:

Argila branca
Água de poço
Cera de abelha
Cera de sebo
Ewé Àràbà - folha de mafumeira
Ewé Ata Ìsènbàyé – folha de Capsicum Annum,Solanaceae (pimentão)
Ewé Ìrèké – folha Sacchaarum Officinarum, Gramineae (cana-de-açúcar)
Ewé Ìyeyè – folha de Spondias Mombin, Aancardiaceae (cajazeira)
[illegible]
Scrophulariaceae (vassourinha)
Ewé Osè – folha de Adansônia Digitata, Bombacaceae (baobá)
Ewé Osíbàtà – folha de Nymphaea Lótus, Nymphaeaceae (lótus)
Ewé Pèrègún – folha de Dracaena Fragrans,Agavaceae (coqueiro-de-vênus-nativo)
Ewé Tèsùbíyù –folha de Coix Lacryma-Jobi, Gramineae (capim de Nossa Senhora)
Ewé Ògèdè – folha de Musa Sapientum, Musaceae (bananeira)

Ewé Òpè ólówá – Folha de Elaeis Guineensis, Palmae (Dendezeiro)
Ìyèròsùn:
Méwàá éso àjàrà (Dez uvas)
Òrí : Butyrospermum Paradoxum subsp. Parkll, Sapotaceae (limo-da-costa)
Osùn (Pterocarpus Erinaceous - madeira vermelha africana).
Pètepètè (lama)
Ògèdè weere : Musa Sapientum var. Paradisíaca, Musaceae (banana-da-terra)
Uma pedra de carvão mineral
Um pedaço de Ouro
Um pedaço de Chumbo
Um pedaço de Cobre
Um pedaço de Prata
Um pedaço de Ferro
Um pedaço de Latão
Um pedaço de Estanho

Modo de fazer:

[illegible] de argila branca e 1/3 de cera pura de [illegible] que as partes não devem ser consideradas pelo seu peso mas pela sua substância, isto é, para um litro de massa devem ser usados dois terços de litro de argila a um terço de litro de cera, para se obter a proporção correta da massa. Cozinhe em fogo brando na água de poço, as respectivas folhas citadas acima, e durante a infusão acrescente os pedaços dos metais com o carvão mineral. Depois de coar, acrescente esta água ainda morna e mexa a argila até formar uma pasta grossa, depois coloque a cera ligeiramente derretida. Misture bem com o Ìyèròsùn, Méwàá éso àjàrà (dez uvas), òrí, Osùn, um

pouquinho de Pètepète (lama) e Ògèdè wèerè (uma banana da terra). Amasse bem até que a argila fique bem ligada a cera e aos outros materiais. Não se deve colocar muita água na argila para que ela não fique muito mole e assim se torne difícil de modelar. Com a massa já pronta modele uma cabeça ao menos parecida com a defunta que você deseja representar. Coloque por baixo da cabeça de argila o símbolo pessoal que foi possível adquirir. Faça os devidos sacrifícios que o jogo de ifá indicar, misturando o sangue com um forte chá de Ewé Àpako e Ewé Irèké (lembrando que sempre se deve primeiro fazer a oferenda propiciatória a Èsù como indicado no capítulo "como usar este livro" e pelo menos sete orógbós a Ìyámi). Durante todo o ritual recite repetidamente o ofò (encantamento) que é dado a seguir.

Ilustração: Cabeça de Argila Yorùbá



Ofò (Encantamento):

"...Ìyá Àgbà kì í ba omo rè jà ajà

(A mãe ancestral nunca luta contra seu próprio filho)

Ì'ì ògèdè bá ti dè ninú igbó ki ojú (nome da pessoa) ó dè

(Os olhos de ...nome da pessoa... devem ser calmos como os frutos da bananeira na floresta)

Ìyá Àgbà ní í ségun ótá rè

(A mãe ancestral vence por si mesma seus inimigos)

Ìsinkú-ní-í pe ...nome da pessoa... l'at'òde òrun w'áyé

(É o rito fimerário que chama ...nome da pessoa... do além para a terra)

Abo ìnò ti'kùn a ò kú

(A sacerdotisa [illegible] fechará a porta, não vamos morrer)

Enikan soso ni mo pè , ki igba eni ó wá jé mi

(Eu chamei uma só pessoa, duzentas pessoas devem me responder)

Nome da pessoa... Yo mi nínú ibi

(Nome da pessoa....Afaste-me do Mal)

Informações Adicionais

Estas informações adicionais irão certamente ajudar ao leitor inteligente, para que ele estude e deduza o seu melhor "estilo" nesta prática de magia de acordo com a tradição Yorùbá (ou não!). Leiam e formem seus próprios rituais, esta é a chave do segredo! – tradição que sustenta e impulsiona a evolução.

A Relação entre Ìyámì e Egúngún

Um dos mitos de Ifá, que mais nos explicam os fundamentos do culto a Egún, é o ese do Odù Òsá Méji. Vejamos este Itòn e as informações que "estão nas entrelinhas":

"... Òsá Méji é rico.
Potente grito.
Barulho de sino (adjija) chega ao além.
Ifá é consultado para Odù, no dia em que ela veio do além para a terra.
Ifá é consultado para Qbàtálá,
Ifá é consultado para Ògún,
No dia em que ele vem do além para a terra.
Este três chegaram.
Entre eles somente Odù é mulher.
Odù diz, tu Eledunmare.
Ela diz, assim vão eles para a terra.
Ela diz, quando chegarem lá, como ficará?
Eledunmare diz, eles irão para a terra, boa será a terra.
Ele diz, tudo o que eles quiserem fazer então, elé diz, ele lhes dará o poder, então tudo ficará bem.
Ògún caminha na dianteira.
Quando Ògún caminha na dianteira, Qbàtálá o segue.

Quando Qbàtálá segue, Odù vem logo atrás.
Ela diz, tu Eledunmare.
Ela diz, a terra para onde eles assim vão.
Ela diz, Ògún, ela diz, tem o poder dos combates, ela diz, ele tem o sabre, ele tem o fuzil, ela diz, ele tem todas as coisas para fazer a guerra.
Ela diz, Qbàtálá, ela diz, ele também tem o poder.
Ela diz, com o poder que ele tem, ela faz tudo o que quiser.
Ela diz, é mulher entre eles, ela é Odù.
Ela diz, que poder é o meu?
Eledunmare diz, qual é o teu poder?
Ele diz, tu serás chamada, para sempre, mãe deles.
Ele diz, porque quando todos os três partiram, ele diz, tu a única mulher retornaste.
Ela diz, a ti, esta mulher, é dado o poder.
Que faz dela mãe deles.
Ele diz, tu sustentarás a terra.
Eledunmare lhe confere este poder.
Ao lhe conferir este poder, ele lhe confere o poder do pássaro,
Ele lhe dá o poder de Eleye (proprietária do pássaro)
Quando ele lhe deu o poder de Eleye, Eledunmare diz, está bem.
Ela diz, esta cabaça de eleye que ele lhe deu, ele diz, conhecerá seu emprego na terra?
Ele diz, que ela conheça seu emprego na terra.
Odù diz, ela o conhecerá.
Ela recebe o pássaro de Eledunmare.
Então ela recebe o poder que ela utilizará com ele.
Ela parte.
Ela está na iminência de partir.
Eledunmare a chama para que ele volte novamente.
Ele diz, está bem.
Ele diz, retorna.

Ele diz, tu Odù, ele diz, retorna.
Ele diz, quando ela chegar a terra, ele diz, como irás utilizar o poder de teus pássaros, e as forças que ele lhes deu?
Ele diz, como irás utilizá-los?
Odù diz, todos aqueles que não lhe tiverem dado ouvidos, ela diz, ela os combaterá com os pássaros.
Ela diz, aqueles que não lhe vieram pedir-lhe uma indicação, (aqueles) que assim fizeram, que não ouvirem tudo aquilo que ela disser, ela diz, ela os combaterá.
Ela diz, aquele que dela se aproximar para pedir Ter dinheiro,
Ela diz, ela lhe dará.
Ela diz, aquela que pedir-lhe para gerar,
Ela diz, ela o concederá.
Ela diz, se tivesse dado dinheiro a alguém,
Se, em seguida, ele se mostrasse impertinente para com ela,
Ela diz que o tomaria de volta.
Ela diz, se tivesse dado um filho a uma pessoa se,
Em seguida, ela se mostrasse impertinente para com ela,
Ela diz que o tomaria de volta.
Ela diz, tudo aquilo que ela fizer por alguém,
Se, em seguida, ele se mostrasse impertinente para com ela
Ela diz que ela o tomaria de volta.
Eledumare diz, está bem.
Ele diz, nada mau,
Ele diz, utiliza com calma o poder que te conferi.
Se ela o utilizasse com violência, ele o tomaria de volta,
E de todos os homens que te seguirão,
Faço de ti a mãe deles.
Toda coisa que lhes agradar fazer,
É coisa que deverão anunciar a ti, Odù.
A partir de então Eledumare conferiu o poder à mulher,
Porque aquela que então recebeu o poder se chamava Odù.

Ele dá as mulheres o poder de dizer tudo aquilo que lhes agradar.
Sozinho o homem nada poderá fazer na ausência da mulher.
Odù chega a terra.
Em todas as florestas que vêem, que eles chamam a floresta Eégún, a mulher entra nelas.
Aquela que eles chamam a floresta de Orò, a mulher entra nela.
Naquele tempo não havia proibição alguma.
Para que a mulher não ousasse entrar em floresta alguma.
Ou para que uma mulher não ousasse entrar em nenhum pátio dos fundos.
Se eles querem adorar Eégún,
Se querem adorar Orò,
Se querem adorar todos os Òrisás,
A mulher os adora naquele tempo.
Quando assim realizam o culto,
Ah! A mais velha (Àgbà) exagerou, ela caiu em desgraça.
Ifá é consultado para Odù,
Quando Odù chega a terra.
Hei! Dizem eles, tu Odù, eles dizem, ela deve [illegible]
que ela tenha paciência, que não seja imprudente.
Odù diz, por quê?
Eles dizem, por causa do poder do pássaro que Eledumare lhe confiou,
Eles dizem, para que as pessoas não saibam a razão disso.
Odù diz (Ora essa?)
Ela diz, não é nada disso.
Ela diz, eles não são capazes de conhecer o motivo.
Ela diz, somente ela foi junto de Eledumare.
Receber o poder não foi na presença dos outros que chegaram a terra com ela.
Não foi de modo algum na presença deles.

Quando assim falaram a Odù,
Disseram-lhe que faça oferendas.
A oferenda para que a mulher receba o poderio junto a
Eledunmare, ela a fez.
Mas ela não deve rejubilar-se exageradamente.
Ela é capaz de utilizar essas coisas durante muito tempo.
As pessoas não podem estragar aquilo que ela tem nas mãos.
As pessoas não podem conhecer os motivos de sua força.
Ela não fará oferendas.
Ela parte.
Ela põe para fora (a roupa de) Eégúngún.
Ela faz Orò ir para fora.
Todas as coisas, não existem coisas que ela não faça, naquele
tempo.
Obàtàlá vem, ele diz, hein!
Ele é aquele a quem Eledunmare confiou a terra.
Esta mulher enérgica quer tomar a terra,
E o pátio dos fundos (lugar de culto) de Eégúngún,
E o pátio dos fundos de Orò,
E o pátio dos fundos de todos os àwọn Òrìṣà.
Ele não ousa entrar em nenhum deles.
[illegible]
Obàtàlá, vai consultar um Babaláwo.
Babaláwo ao quál ele vai consultar,
É Òrúnmìlà que é consultado por ele naquele dia,
É exatamente Òrúnmìlà que ele vai consultar.
Ele diz que Òrúnmìlà examine, que diz no oráculo?
Eis a mensagem enviada por Eledunmare:
Sustentará ele o mundo em suas mãos?
Ele transmite a mensagem com sucesso.
Ninguém poderá tomar o mundo de suas mãos.
mundo não será estragado.
Como será ele capaz de sair vitorioso?

Ele consulta Ifá.
Eles dizem que Obàtàlá deve fazer oferendas.
Eles dizem que então, ele deverá ser paciente.
Naquele tempo Òrúnmìlà escolhe a oferenda de
Caracóis.
Ele escolhe um chicote.
Ele escolhe oito shillings.
Obàtàlá faz a oferenda.
Quando Obàtàlá afz a oferenda.
Òrúnmìlà consulta o oráculo para Obàtàlá.
Ele diz, está terra se tornará sua,
Ele diz, mas ele deve Ter paciência.
Ele diz, se ele tiver paciência,
Ele diz, a adoração se tornará sua.
Ele diz, aquela que enfeixa o poder da mulher,
Ele diz, ela vai exagerar.
Quando ela tiver exagerado, ele diz, ela se tornará tua serva,
Obàtàlá,
Ela virá submeter-se a ti.
Obàtàlá compreende, ele terá paciência.
Com Todos os hábitos, os bons e os maus, que Odù mostra
na terra, com o poder que Eledunmare lhe deu.
Se ela diz a [illegible] para não olhar em seu rosto.
Se ele olha o rosto, ela o deixa cego.
Se ela diz que o olhar de alguém na pessoa dele é mau,
Se ela diz que esta pessoa tenha dor de cabeça, ela terá dor de
cabeça.
Se ela diz, que esta pessoa tenha dor de barriga, ela terá dor
de barriga.
Todas as coisas que Odù diz naquele tempo, Odù diz, tu
Obàtàlá,
Ela diz, quando eles chegaram a terra juntos,
Ela diz, se estivermos em único lugar,

Ela diz, ela teria a oportunidade de deixar-te, Obàtàlá,
Ver tudo aquilo que ela fará.
Ela diz, porque com ele,
E Ògún, caíram juntos do céu.
Ela diz, mas escolheram Ògún para ser guerreiro.
Aquele que queria fazer-lhes a guerra,
Ògún triunfará sobre ele.
Odù com Obàtàlá devem morar em um único lugar.
Ao lugar para onde vão juntos, eles moram em um único local.
caracol que Obàtàlá ofereceu,
Obàtàlá o pega, adora sua cabeça com ele.
Obàtàlá adora sua cabeça com o caracol no lugar onde ele
mora.
Quando Obàtàlá terminou a adoração, então bebe a água
(contida na concha) do caracol.
Quando ele bebeu a água do caracol.
Ele diz, tu Odù, também quer beber?
Diz Odù, não tem importância.
Odù recebe a água do caracol para beber.
Quando Odù bebeu a água do caracol, o ventre (o humor) de
Odù se acalma.
[illegible] se acalma.
Ela diz, ah! Ela diz, tu Obàtàlá,
Ela diz, ela conhece através dele uma coisa deliciosa de se
comer.
Ela diz, a água do caracol é doce, o caracol também é doce?
Quando terminou de comer, ela diz, isto é bom.
Nunca lhe deram coisa tão boa de se comer quanto o caracol.
Ela diz, o caracol é o que se deve dar para ela comer.
Ela diz, exatamente o caracol que tu, Obatalá, comes,
Ela diz, devemos dar a ela.
Obàtàlá diz, que lhe dêem caracóis.
Ele diz, mas tou poder que não me mostraste,

Ele diz, é a única coisa que me entristece.
Ele diz, toda coisa, qualquer outra coisa que possuas,
Ele diz, tu ousas mostrá-las, tu Odù.
Obàtàlá assim fala.
Quando Obàtàlá assim falou,
Odù diz, quando ela veio ficar com ele em um único lugar,
Ela diz, tudo aquilo que ela fizer, ela nada esconderá dele.
Ela diz, ele poderá ver todos os seus trabalhos e todos os seus
hábitos.
Ela diz, ela ficará com ele em um único lugar.
Obàtàlá diz, nada mau.
Quando Obàtàlá diz nada mau, eles estão juntos.
Eles estão juntos, querem adorar Eégúngún.
Odù traz as coisas com as quais adora Eégúngún, ela leva
para o pátio dos fundos de Eégúngún.
Ela diz a Obàtàlá que a siga.
Ah! Obàtàlá diz que está assustado.
Ela diz que ele a siga.
Obàtàlá segue.
Quando Obàtàlá a segue, entra na floresta de Eégún,
Eles adoram Eégúngún.
Quando eles adoram Eégúngún, Odù se cobre com a roupa
de Eégúngún.
Mas ela não sabe como se faz o som (da voz) [illegible]
Como se faz a voz de Eégúngún, Odù não sabe.
Ela sabe somente cobrir-se com a roupa, ela sabe somente
fazer as orações, como todo mundo.
Mas ela não sabe como se fala com a voz dos seres do além.
Quando eles adoram Eégúngún,
Odù pega a roupa, cobre-se com ela.
Ela faz votos de felicidade a uma pessoa que trouxe comida.
Quando terminou os votos, ela sai.
Quando saiu, ela e Obàtàlá,

Chegou o tempo de eles irem para casa.
Obàtàlá vai ao lugar (onde se encontra) a roupa.
Antes a roupa de Eégúngún não tinha rede.
A rede por onde Eégún pode ver.
Naquele tempo Eégúngún tinha uma roupa simples.
Quando as mulheres faziam Eégúngún o tecido era simples.
Elas faziam um furo no lugar do rosto para que elas pudessem ver um pouco.
(Não havia) rede, naquele tempo.
Mas quando Obàtàlá chega,
Obàtàlá vem acrescentar a rede.
Depois que eles chegam à casa,
Obàtàlá vai novamente ao pátio dos fundos de Eégúngún.
Ele pega a roupa de Eégúngún, corta o lugar do rosto, aí põe a rede.
Após colocar a rede, ele se cobriu com a roupa de Eégúngún.
Quando se cobriu com a roupa de Eégúngún, pega o chicote.
Empunha o chicote.
Obàtàlá fala com voz de Eégúngún.
Fala com voz de Eégúngún, eles não distinguem sua voz.
Faz votos, eles não distinguem sua voz.
[illegible] Eégúngún, diz hein! Ele diz Ah!
Ele diz Eégúngún que ele adora é, com efeito, verdadeiro.
Ele diz, um dos seres do além, veio a terra.
Ele empunha o chicote.
chicote que ele assim empunhou, arrasta-o pelo chão.
Fala então com voz de Eégúngún.
No lugar onde se encontra, fala então, com voz de Eégúngún.
Ele se torna uma coisa que assusta Odù.
Ah! Ah! Quem entrou rapidamente na roupa?
Quem em seguida, falou rapidamente com voz semelhante?
Com inteligência, o homem toma o poder.
E toda a inteligência da mulher,

Com inteligência o homem toma das mãos das mulheres.
Eledumare, em primeiro lugar, transmitiu a inteligência e o poder de Eleyé a mulher.
Mas com inteligência e astúcia o homem toma a inteligência da mão das mulheres.
Quando Odù viu que esse Eégúngún tem um chicote na mão,
Ela também foge, ela também se torna uma coisa assustada.
Ah! Quando ela se tornou uma coisa atemorizada,
Obàtàlá conduz esse Eégúngún em torno de toda a cidade.
Odù viu então que a roupa é sua.
Quando ela viu a roupa é sua, ela diz, que é este aí?
Ela não vê Obàtàlá na casa.
Ela diz, esse aí é Obàtàlá?
Odù permanece em casa.
Ela envia seu pássaro.
Ela lhe diz que vá empoleirar-se no ombro de Eégúngún.
Eles devem ir juntos.
Tudo aquilo que Eégúngún disse e disser,
Age pelo poder do pássaro empoleirado em seu ombro.
Quando tudo aquilo que Ele diz, se realizou,
(e) quando ele volta para casa,
ele volta ao pátio dos fundos de Eégúngún.
Ele se despe no chão.
Ele coloca o chicote no chão.
Torna a pôr sua própria roupa.
Sai.
Eleyé vai para perto de sua proprietária (Odù).
Quando ele volta para casa.
Então Odù o saúda.
Ela diz, seja bem-vindo.
Ela diz, de onde vem ele?
Obàtàlá diz, ele vem de fora.
Odù diz, nada mau.

Ela diz, seja bem-vindo.
Então Obàtàlá esparrama no chão todas as coisas que recebeu.
Quando ele as esparramou, Odù diz, está bem.
Ela diz, então foi sua roupa de Eégúngún que ele conduziu para fora?
Obàtàlá, diz que sim.
Odù diz, está bem...
Ela diz, mulher alguma nunca mais ousará entrar na roupa de Eégúngún.
Ela diz, por causa de Obàtàlá,
Ela diz, ela dá Eégúngún ao homem
Ela diz, mas se ele deve sair,
Ela diz, que ela tem o poder que ele utiliza.
motivo se deve a amizade entre Eégúngún e Eleye.
No lugar de onde vem Eégúngún, as Eleye também vêm.
Todo o poder utilizado por Eégúngún é o poder de Eleye.
Odù diz, mulher alguma entrará na roupa de Eégúngún,
Mas ela poderá dançar, ir ao encontro de Eégúngún,
Ela diz, a mulher fará unicamente isto.
Ela diz, a mulher não entrará mais na roupa de Eégúngún

Ela diz, a partir de hoje, é o homem que levará Eégúngún para fora.
Ela diz, ninguém, nem os netos, nem os velhos poderão zombar da mulher.
Ela diz, a mulher tem mais poder sobre a terra.
Ela diz, além do mais a mulher nos pôs no mundo.
Ela diz, todo mundo nasceu da mulher.
Ela diz, todas as coisas que as pessoas quiserem fazer,
Se não forem ajudadas pelas mulheres,
Ela diz, não podem fazer.
É por este motivo, que os homens nada podem fazer na terra,
Se não o obtiverem das mãos das mulheres.

Eles cantam.
Obàtàlá também canta.
Quando é o quinto dia, eles fazem a festa da semana.
Ele diz que todos os cânticos que eles cantarão serão este aqui,
Vindos do Odù de Ifá, Òsá Méji
Eles dizem, eles saúdam as mulheres
Ele diz, se eles saudarem as mulheres
A terra será tranquila.
Eles cantam assim:
"... Dobrai o joelho, dobrai o joelho paar as mulheres.
A mulher nos pôs no mundo, assim somos seres humanos,
A mulher é a inteligência da terra, dobrai o joelho para a mulher
A mulher nos pôs no mundo, assim somos seres humanos..."

A Sociedade Àbíkú

ÀBÍKÚ ou ELÉÈRÈ são formas de espíritos que vivem de ir e vir ao mundo, formando uma sociedade chamada Egbé Òrun Àbíkú, e liderada por Olóíkó (de natureza masculina) e Iyájànjasa (de natureza feminina). Para [illegible] prematuras, oferendas são feitas com a intenção "fechar a porta" de ida e vinda, para que desta forma um espírito desta natureza que esteja encarnado, posa viver plenamente e "ficar com cabelos de algodão". Ao tomar conhecimento de que uma criança é Àbíkú, os Yorubás além de uma série de ritualidades específicas, dão também um nome a esta criança para que este nome lhe traga ajuda na luta de sua permanência: Àpàárà – "Não fique indo e voltando", Dúrójaiyé – "fique e goze a vida", Kòkúmó – "não morra mais". As obrigações a serem feitas iniciam-se a partir da consulta ao oráculo de Ifá e o Bàbá Eégúngún Bejí-Bíkú (ligado ao culto de Ibejí,

exatamente por causa dos espíritos infantis Àbíkús, pode ajudar muito na solução do problema), estas consultas visam entre outras coisas a perceber o "ponto fraco" específico daquela pessoa na relação Àbíkú, pois assim descobrindo o èwò "quizila" daquele Àbíkú, pode-se deduzir o que será necessário a ser feito. Assim nos conta um itân do Odù Òdí Méjì:

"... Òrúnmílà foi consultar Ifá para seu filho Asejéjéjaiyé
Ele causa aborrecimentos a Òrúnmílà porque é a décima Sexta vez que vem ao mundo e morre
É então que o Bàbáláwò diz que se prepare a folha de Idí e tudo que for necessário
Eles dizem que sejam feitas incisões no corpo de Asejéjéjaiyé
Que façam incisões no rosto também
As incisões são feitas e se esfrega o pó
Quando se acaba de fazer as incisões
Eles dizem que esta criança não conhece mais o caminho de volta para o céu da morte
Eles dizem que pegue o resto do pó negro
Eles dizem que se faça um talismã de boa sorte
Eles dizem que amarre na cintura
Eles dizem que ela não é mais capaz de partir
Eles dizem
Que o caminho do céu da morte, não foi feito para ela
A criança que esfrega seu corpo com a folha de Lárá pupa
Não retorna mais ao céu da morte."

Se uma mulher, em país Yorùbá, dá à luz uma série de crianças nati-mortas ou mortas em pequena idade, a tradição reza que não se trata da vinda ao mundo de várias crianças diferentes, mas de diversas aparições do mesmo ser maléfico chamado Àbíkú (nascer-morrer) que se julga vir ao mundo por um breve

momento para voltar ao país dos mortos, òrun , várias vezes. Ele passa assim seu tempo a ir e voltar do céu para o mundo sem jamais permanecer aqui por muito tempo, para grande desespero de seus pais, desejosos de Ter numerosos filhos vivos, para assegurar a continuidade da família sobre a terra. Esta crença se encontra entre os Akan, onde a mãe é chamada Awomawu (ela bota os filhos no mundo para a morte). Os Ibo chamam os Àbíkú de Ogbanje, os Haucás de Danwabi e os Fanti, Kossamah. Sua presença entre os Mossi foi estudada por M. Houis.

Encontramos informações a respeito dos Àbíkú em algumas histórias de Ifá qye transmitem de geração em geração um enorme "corpus" de histórias tradicionais, classificadas nos 256 Odù de Ifá. Estas histórias mostram que os Àbíkú ou Èmèrè formam sociedades no céu (egbé Orún), presididas por Iyàjansà (a mãe-que-bate-e-corre) para os meninos e Olókó (chefe de reunião) para as meninas, mas é Aláwaiyé (Rei de Awayé) que as levou ao mundo pela primeira vez na sua cidade. Lá se encontra a floresta sagrada dos Àbíkú, aonde os pai vão fazer Oferendas para que eles fiquem na terra. Quando eles vem do òrún para a terra, os Àbíkú passam os limites do céu diante do guardião da porta, o aduaneiro do céu Oníbodé Òrún (um dos títulos de Ògún). Os que partem declaram o tempo que tencionam ficar no mundo e o farão. Se prometem a seus companheiros que não ficarão na terra, essas crianças, apesar de todos os esforços de seus pais, retornarão, para encontrar seus amigos no céu. Os Àbíkú podem ficar no mundo por períodos mais ou menos longos. Um Àbíkú menina chamada "A-morte-os-puniu" declara diante de Oníbodé Òrún que nada do que seus pais façam será capaz de retê-la no mundo, nem presentes em dinheiro, nem roupas que lhes ofereçam, nem todas as coisas que eles gostariam de fazer por ela atrairiam os seus olhares nem lhe

agradariam. Um Àbíkú menino, chamado Ilere, diz que recusará todo alimento e todas as coisas que lhe queiram dar no mundo. Ele aceitará tudo isto no céu. Quando Aláwayé levou duzentos e oitenta Àbíkú ao mundo pela primeira vez, cada um deles tinha declarado, ao passar a barreira do céu, o tempo que iria ficar no mundo. Um deles se propunha a voltar ao céu assim que tivesse visto sua mãe; um outro, que iria esperar até o dia em que seus pais decidissem que ele deveria se casar, um outro, que retornaria ao céu, quando seus pais concebessem um novo filho, um ainda não esperaria mais do que o dia em que começasse a andar. Outros prometem a Iyàjanjansà, que está chefiando a sua sociedade no céu, respectivamente, ficar no mundo sete dias, ou até o momento em que começasse a andar, ou quando ele começasse a se arrastar pelo chão, ou quando começasse a ter dentes, ou ficar em pé. Estas histórias de Ifá nos dizem que oferendas feitas com conhecimento de causa são capazes de reter no mundo esses Àbíkú e de lhes fazer esquecer suas promessas de volta, rompendo assim o ciclo de suas idas e vindas constantes entre o céu e a terra, porque, uma vez que o tempo marcado para a [illegible] companheiros se arriscam a perder o poder sobre eles. Estas oferendas capazes de reterem os Àbíkú na terra são todas profundamente baseadas nas plantas litúrgicas que "conhecem o segredo Àbíkú", e assim podem como que romper o pacto dos Àbíkú.

Estas plantas litúrgicas são:

1 - Abirinkòlo = cascaveleira, xique xique, maracá.
2 - Agidimagbayin = vassourinha do campo.
3 - Idi = amendoeira
4 - Ijá osun = Urukum

5 - Lara pupa = Mamona vermelha.
6 - Olobotujè = Pinhão da bahia
7 - Opa emere = Dobradinha do campo (malva sedosa)

As mesmas folhas são oferecidas no sacrifício, nos banhos e pós-encantados, usados para esfregar nas incisões do Abikú.

A ação protetora buscada nas folhas, expressa nas fórmulas de encantamento, é introduzida no corpo da criança por incisões e fricções, e a parte do pó preto, contida no saquinho Òndè, representa uma mensagem não verbal, uma espécie de apoio material e permanente da mensagem dirigida pelos elementos protetores contra os elementos hostis, sendo esta forma de expressão menos efêmera do que a palavra. Assim como nestas histórias, são feitas referências aos Xaorôs, anéis providos de guizo, usados nos tornozelos pelas crianças Àbíkú, para afastar os companheiros que tentam vir buscá-los no mundo e lembrar-lhes suas promessas.
No entanto, nem sempre essas precauções e oferendas são suficientes para reter as crianças Àbíkú na terra. Iyàjanjansa é muitas vezes mais forte. Ela pode não deixar agir o que as pessoas fazem para reter os Àbíkú. Os corpos [illegible] morrem assim, são frequentemente mutilados, a fim de que, dizem, eles percam seus atrativos e seus companheiros no céu não queiram brincar com eles sobretudo para que o espírito do Àbíkú, maltratado deste modo, não deseje mais vir ao mundo. Estas crianças Àbíkú recebem no seu nascimento, nomes particulares.

Alguns nomes dados aos Àbíkú :

Aiyélagbe – Nós ficamos no mundo

Aiyédùn – A vida é doce , venha conhecer nossa sociedade
Aiyélagbe – Nós ficamos no mundo
Ajéigbe – A riqueza não está perdida
Akisàtán – eu não verei mais amarrar as roupas
Akúji – O que está morto, desperta
Apàrà – O que frequenta minha casa
Ayòrunbò – Criança que cobre o corpo de terra
Bánjókò – Senta-se comigo
Dúróorlike – Fica, tu serás mimada (nome para uma menina Àbíkú)
Dúrósomo – Fica, para fazer filhos
Enúnkúmonlipe – O que consola está cansado de oferecer condolências
Kòsókó – Não há enxada (para cavar o túmulo)
Kúti – Ele não está totalmente morto

Àṣèṣè

Uma vez cumprido seu ciclo de vida, cada ser humano se desintegra para restituir-se em parte às massas progenitoras e reforçar o àṣẹ das mesmas. Quanto mais a vida de um ser [illegible] benéfica para a comunidade, mais seu àṣẹ será poderoso. Outra parte de seu àṣẹ será reencarnada em seus descendentes diretos. No caso das pessoas "adósù" (iniciadas), dependendo de suá hierarquia, parte de seus componentes representados por seus "assentamentos" podem permanecer na casa de culto e serem venerados. Para possibilitar essa passagem sem contratempos, ritos mortuários (Ìsinkú) são celebrados nas casas de culto tradicionais, cujo ciclo ritualístico é conhecido como Àṣèṣè.
Uma outra denominação dada ao rito de Àṣèṣè é Àjéjé, que significa "a vigília do caçador". Conta a tradição que Oduleke criou uma menina e que deu o nome de Oyá. Já crescida, se

tornou uma mulher inteligente e altiva, conhecendo todos os segredos da caça e artes da magia, quando Oduleke faleceu, Oyá lhe prestou uma última homenagem. Reuniu todos os seus pertences, colocando-os numa grande trouxa e, durante 7 dias, dançou e cantou em homenagem ao pai adotivo. Ao final dos 7 dias, um grande cortejo foi depositar a grande trouxa aos pés de uma árvore sagrada. A este carrego foi dado o nome de Àjéjè e que deu nome também ao ritual. A princípio era praticado apenas pelos caçadores e, com o tempo, se estendeu a todas às pessoas, recebendo o nome de Àṣèṣè
O ritual de Àṣèṣè, é dedicado exclusivamente às pessoas iniciadas, os pêsames eram dados com um tabuleiro de àkàràjé (bolinho de feijão- àkàrà + de bruxa - Àjé), panela com èkuru, abara, àkàsà etc. Estas comidas ficavam em volta do corpo, na sala, e pertenciam ao morto ou mórta. Quando chegava um visitante, ele fazia a saudação- "E kú àṣẹ" e se servia usando uma folha de mamona passada no fogo onde estavam sendo feitas as comidas, e comia. Depois jogava a folha num balaio e ia dançar em volta do corpo para pagar a comida que comera. Porque, geralmente, naquele tempo, a Àṣèṣè era feito em qualquer casa. Atualmente entretanto, desde que o falecimento de uma pessoa adósù pertencente a uma casa de culto fosse notificado, procede-se a levantar um pe[illegible] provisório, coberto de folhas de palmeira (Mariwò) junto ao Ilé Ibo Akú (casa de culto aos mortos). O sacerdote responsável, auxiliado pelo seu segundo em hierarquia, procede ao levantamento ritual dos "assentamentos" individuais pertencentes a pessoa falecida assim como todos seus objetos sagrados e tudo é depositado no chão no recinto provisório, distante das casas de culto aos orixás . As quartinhas que continham água são esvaziadas e emborcadas. Este ritual (o Àṣèṣè) dura 7 dias consecutivos. Durante os cinco primeiros dias as mesmas cerimônias se repetem

exatamente, seguindo a seguinte ordem:

Todos os membros da casa de culto (Egbé), rigorosamente vestidos de branco, reúnem-se no barracão ao pôr-do-sol e voltados para o oeste, celebram o ritual de Ipadé. No início, o espírito da pessoa falecida é invocado juntamente com o Òrisà Eṣù , Ìyàmì Òṣòrongá, Onilé, Eégúngún entre outras divindades . Todos os membros da comunidade rigorosamente vestidos de branco (pois esta é verdadeiramente a cor do luto, dentro da concepção religiosa Yorùbá) reúnem-se em volta de uma cabaça vazia que ocupa o centro da sala sobre o Ariàsé (ponto central de àṣe da comunidade e que pertence sempre ao Orixá Onilé "Senhora da terra" e a Oduduwá, deixando impreterivelmente um caminho de saída que leva ao exterior da casa, que se chama Onòn Fifa Éégún Òkùú wo lé (caminho que traz o espírito para a casa). Neste momento, um dos sacerdotes encarregados do ritual que se vai desenrolar no Ilé-akú e no recinto exterior onde foram depositados os "assentamentos" e os objetos da falecida, traz uma vela, colocando-a ao lado da cabaça e a acende. Todos os presentes enrolam suas cabeças com panos brancos e cobrem

de estarem devidamente pintadas em certas partes do corpo com Efun (o grande barro branco ancestral e principal intermediário de àsé dos orixás fun-fun, entre os quais se classificam Ikú e Òrisà'nlá) . No momento em que acende a vela, supõe-se que o espírito da pessoa falecida se encontra na sala representado pela cabaça . Um longo ritual vai se desenrolar começando pela autoridade máxima da comunidade, seguida em ordem hierárquica por cada um dos sacerdotes e sacerdotisas de grau elevado e finalmente por grupos de dois a dois de iniciandos. Cada pessoa saúda o exterior na ponta do Onòn Fifa Éégún Òkùú wo lé, a cabaça,

as pessoas presentes e dança em volta da cabaça colocando nove búzios e nove moedas (no caso da pessoa falecida ser do sexo masculino) ou sete búzios e sete moedas (sendo a pessoa falecida do sexo feminino), tanto estes búzios como as moedas , são passadas previamente por sua cabeça, delegando assim uma saudação de seu próprio àṣe ao morto. Ao mesmo tempo, despede-se do morto, com cantigas apropriadas. A primeira cantiga entoada pelo sacerdote responsável é uma reverência a todos os Àṣẹṣè que, são os primeiros ancestrais da criação, o começo e a origem do universo, de uma linhagem, de uma família, de um Egbé. A venerável pessoa falecida, devido a seu grande mérito, tornar-se-á também em Àṣẹṣè (força de origem).

"Àṣẹṣè, Àṣẹṣè o !
Àṣẹṣè mo jubá.
Àṣẹṣè, Àṣẹṣè o !
Àṣẹṣè o ku Àgbà o !
Àṣẹṣè, Àṣẹṣè o !
Àṣẹṣè èru ku Àgbá o !
Àṣẹṣè, Àṣẹṣè

"Àṣẹṣè, Àṣẹṣè o !
Àṣẹṣè eu lhe apresento minhas saudações e meus humildes respeitos
Àṣẹṣè, Àṣẹṣè o !
Àṣẹṣè, eu venero e saúdo os mais antigos
Àṣẹṣè, Àṣẹṣè o !
Àṣẹṣè, aquele que veio dar em outras terras, saúda os mais antigos
Àṣẹṣè, Àṣẹṣè o !"

Segunda cantiga:

" Bíbí bíbí lo bí wá
Ode Arolé lo bí wá"

"Nascimento do nascimento que nos trouxe ao mundo
Ode Arolé (Òsóòsí) nos trouxe ao mundo"

Lembremos que esta forma de ritual é intimamente ligada ao culto dos antigos caçadores, como disse ao começo do assunto, creio eu que muito mais, pelo fato da relação entre os antigos caçadores Yorùbás e o culto aos antepassados, do que por ser Òsòòsi uma espécie de patrono da nação Alaketu (no Brasil), é que devemos saudá-lo neste rito.
Neste momento, todas as pessoas presentes estão obrigadas a despedirem-se do morto e delegar-se nele por meio dos búzios e das moedas que colocaram na cabaça. Quando todos os presentes prestaram suas homenagens e despediram-se do morto, formam uma roda e todo o Egbé e os parentes do morto entoam, entre outras, esta cantiga:

" Ò tó ' rù egbé
Ma sokún omo
Oloro ma sokún
Ò tó 'rù egbé
Ma sokún omo
Eégún ko gbe eyin o !
Ekikan ejare
Àgbà Òrisà ko gbe ni máse
Ekikan esin enia niyi r' òrun"

"Ele alcançou o tempo de se tornar a força que representa a comunidade
não chore filho
Oficiante do rito, não chore
Ele alcançou o tempo de se tornar a força que representa a comunidade
Não chore filho
Que Eégún nos proteja a todos !
Fale o que é justo
Que o Òrisà ancestral nos proteja a todos
Fale que foi enterrado um dos seus, está voltando ao òrún
Fale alto e com razão, enterraram alguém que é venerável e merece honrarias ao ir para o òrún"

Após este momento, a roda se desfaz e cada um volta ao seu lugar. Alguns dos iniciados trazem vasilhas com comidas especialmente preparadas para essa ocasião e as colocam ao lado da cabaça. Juntamente com obis. Neste tempo, os sacerdotes levantam a cabaça cheia de búzios e moedas, apagam ritualísticamente a vela e transportam todos estes elementos para o exterior, onde tudo é colocado juntamente aos objetos que pertenceram a pessoa falecida. Os membros do Egbé , na sala, descobrem suas cabeças, [illegible] branco por baixo dos braços e formam uma Segunda roda, saudando e homenageando os orixás. Terminada essa parte da cerimônia, eles se cobrem novamente e continuam a roda cantando uma última cantiga de adeus a pessoa falecida. O ritual de sexto e sétimo dias é o ponto culminante do ciclo. No crepúsculo canta-se o Ipadé e continua-se como nos dias precedentes, seguindo-se então os seguintes ritos: Ao pé das comidas e dos obis colocam-se, ao lado da cabaça, os animais que vão ser oferecidos de acordo com o àse da pessoa falecida. Um sacerdote vem do exterior e põe no punho esquerdo de

todos os assistentes pequenas tiras de mariwò. É isso que os identifica como filhos da comunidade religiosa, sendo um símbolo de proteção. Os membros do egbé retomam seus lugares e esperam ser avisados do fim do rito que se desenrola no ilè-ibo. Nesse meio tempo, os sacerdotes preparam o chamado final do morto. Trazem tudo, "assentamentos", objetos pertencentes ao morto, a cabaça, comidas e animais para o Ilè-ibo-Akú. Traçam no solo de barro batido um pequeno círculo com areia e, por cima, um círculo de efun, carvão, osún e argila. Isto é uma espécie de "assentamento" provisório, em que se invoca o morto. No meio dele, parte-se o obi e, com seus segmentos, consulta-se o oráculo sobre o destino a ser dado a cada um dos objetos e "assentamentos" do morto. E se tratar de uma sacerdotisa (ou sacerdote) de grau elevado, às vezes acontece que o "assentamento" de seu orixá fique no egbé para ser cultuado, com a condição de que o morto, consultado, esteja de acordo. Também pode querer deixar alguns objetos de uso pessoal, determinadas jóias ou emblemas a um parente ou a uma irmã do egbé. O resto, o que o morto não deixa para ninguém, em especial seu Èsú Bara, seu Ìgbá Orí, é posto em volta do pequeno círculo assim como as três vasilhas novas de barro. Se o morto pertence a

as três vasilhas são separadas para se proceder mais tarde a seu assentamento no Ilé-Ibo-Akú. Estes assentamentos ou Ibo dos Eégúngún dos Adósù ou membros do egbé Lésé Òrìsà, cultuados no Ilé-Ibo-Akú, distinguem-se de todos os outros "tipos" de assentamentos. Preparado e "assentado" por sacerdotes especiais durante o ciclo de Àsèsè, o ibo é constituído de um alguidar apoiado na terra que contém um prato pequeno e fundo, coberto por um outro prato raso; os três elementos de barro são novos. O alguidar (equivalente a meia cabaça) representa a matéria de origem genérica, terra

Os dois pratos unidos, cuja cavidade está vazia, só constituem a representação dos elementos coletivos do morto, uma porção de lama, desprovida de toda especificidade, não possui nenhuma combinação de elementos que o caracterize. Um pano branco, preso a uma certa altura, cai diante do ibo, simbolizando a existência genérica, tudo será colocado sobre um àperé especialmente preparado com uma combinação de folhas apropriadas e colocado diretamente na terra do Ilé-ibo-akú , juntamente a uma quartinha com água. Cumprido um ano, uma oferenda especial será feita e o sacerdote falecido passará a fazer parte dos mortos ilustres e ancestrais veneráveis do egbé, sendo cultuado no ilé-ibo-Akú, será portanto um Àsèsè (força de Origem) protetor do "terreiro". Caso não seja necessário o "assentamento" do Adósù, as três vasilhas são colocadas junto aos que circundam o círculo-ojúbo. O sacerdote do grau mais elevado invoca o morto 3 vezes, batendo no solo com um ìsan novo preparado com uma grossa tala de palmeira. Invoca-se para que venha apanhar seu carrego, para que o leve e se separe para sempre do egbé . Insiste-se e, na terceira invocação, o morto responde e simultaneamente tudo é destruído, quebrado com o ìsan (vara de madeira ritualística no culto aos Eégúngún), rasgando-se

por cima dos restos destruídos, onde se coloca parte das moedas que se espalharam ao quebrar a cuia, e os màriwò que, retirados dos punhos, irão juntos com os despojos do morto. Coloca-se por cima o punhado de terra, com a areia e as três substâncias recolhidas oportunamente. Um grande carrego é preparado, e o erú e sacerdotes especialmente preparados levarão a perigosa carga para um lugar especificado pelo oráculo para que Èsù (Elerù – "Senhor do erù) disponha dele. Neste momento, um sacerdote previne o egbé que, em

silêncio, esperava na sala. Todos se levantam e saúdam a saída do erù-ikú:

Gbe' rú le mã lo
a fi bo

"O carrego da casa está saindo
cubram-nos"

Todos os participantes esperam em silêncio a volta dos sacerdotes que, ao seu regresso, irão em primeiro lugar, prestar conta de sua missão aos ancestrais no ilé-ibo-akú. Em seguida, virão à sala para comunicar o feliz término de sua missão. O egbé forma uma roda, canta saudando os orixás, e duas cantigas finais são citadas, como uma forma de despedida do morto.

- Iku o!
Iku o gbe lo
O gbe, dide k'o jo

Eku o!
Òdigbõse o!

"Morte!
Morte o levou consigo
Ele partiu, levantem- se e
dancem
nós o saudamos!
Adeus!"

Ao entardecer do sétimo dia, canta-se o Pàdé de encerramento [illegible] e sacudir todos os ilé e a sala, com ramos de folhas especiais. Desta forma o àsẽ do Adósù falecido, passou a integrar o do "terreiro". Se a pessoa falecida é a Iyálàse., deverá proceder-se a "retirar" sua mão-de todos os objetos, todos os membros do egbé deverão executar uma cerimônia individual, semelhante ao Bori, celebrada pelo sacerdote substituto. O Àsẽsẽ é a origem, e ao mesmo tempo o morto, representa esta passagem entre a vida e a morte, entre o Wàiyé e o Òrún, por isso se diz:

Gbàdùrà Eégúngún:

"... Eégúngún a yè, kíi sé bo òrun
Mo júbà rè Eégúngún mònríwo
A kíi dé wa ó, a kíi e Eégúngún
Won gbogbo ará asíwájú awo, won gbogbo
Aráalè asíwájú mi, mo pè gbogbo ènyin
Si fún mi àabò àti ìrònlówó
Mo tumbà bàbá Eégún, àse !..."

Tradução:

"... Ao espírito que em nós sobrevive, é a quem nós saudamos e cultuamos no céu.
Apresento-vos meus respeitos, ó Espíritos que em nós sobrevive.
A todos os ancestrais do culto, a todos os ancestrais da minha família, eu chamo todos vós
Para virem dar-me proteção e ajuda..."

Òríkì Eégúngún:

"... Eégún, oooo!
Àdufé oooo!
O deni ó !
Eégún, si ojú ki o ri odi ré
O deji o ! Mo tún, tùn o pe o !
Bi mo ba pe o leketa, ti o ba je mi
Igìripá mariwò o di olu-ijinlè
Àgbà Baba mi
Onilaiyà

Eleketa niyi ooooo
Bí mo ba pe.o, Eégún, ti o ba je mi
Igiripá mariwò o di olu-ijinlè
A je wipe o tun wa silo aye mo
O tun je Èminà toun je orogbo mo
Eégún oloju orogbo o tun je orogbo mo
Eégún , Àdufé ooo !
Si ojú ki ó ri odi ré..."

Tradução:

"... Eégún , te chamo!
Aquele que é admirado até por seus rivais
É a primeira vez que te chamo
Abra seus olhos e veja seu inimigo
É a Segunda vez que te chamo
Se eu te chamar pela terceira vez sem resposta
O homem forte das folhas de palmeira passará a morar no abismo
Meu pai ancestral
[illegible]
Esta é a terceira vez que te chamo
Se eu te chamar , Eégún, e você não me responder
O homem forte das folhas de palmeira passará a morar no abismo
você não virá mais para a terra
você não comerá mais inhame com sopa de feijão
Eégún que tem olhos de orogbo, não comerá mais orogbo
Eégún, aquele que é admirado até por seus rivais
Abra seus olhos e veja seu inimigo..."

Técnica para o "Vôo Noturno" ao estilo necromântico

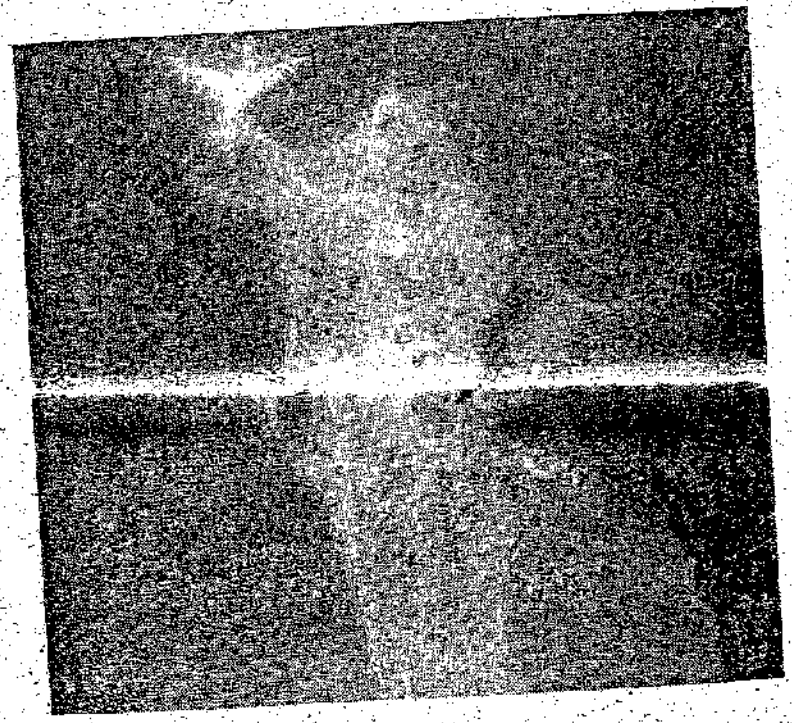
O simbolismo do caixão é a nossa necessidade de nos libertar da ilusão de estarmos presos ao corpo físico. Para isso devemos fazer o seguinte:

Deite-se ou sente-se confortavelmente;
Mantenha-se deitado de "barriga para cima";
Lembre-se de colocar um travesseiro ou almofada na parte debaixo dos joelhos para que não aconteça nenhum tipo de tensão na base da coluna vertebral;
Inspire profundamente e prenda a respiração o máximo possível;
Exale e reinicie a respiração totalizando cinco vezes;
Volte à respiração normal;
Agora imagine-se num caixão totalmente fechado e escuro;
Próximo a um palmo de distância do seu nariz, visualize uma pequena bola luminosa;
Esta bola luminosa será o caminho lhe tirar de dentro do caixão;
Assim como [illegible]
sentir atraído pôr ela;
Como um potente imã que lhe atrai , visualize e sinta a bola luminosa erguendo seu corpo (mas não mexa nada fisicamente falando);
A tampa do caixão começa a se romper;
A esfera de luz sai do caixão puxando seu corpo (astral);
Você está livre.

CAPÍTULO 12

O Segredo das Magias nas Sete Árvores de Poder de Ìyámì

(ou "...aquilo que nunca contaram os mais velhos porque não sabiam...")



Vamos agora falar sobre os básicos e por isso mesmo, principais, elementos práticos da magia de Ìyámì, que são os sete pilares Igi-Ol'oogun (Árvores Proprietárias da Magia).

Para isso guardem as seguintes informações:

- A Magia de Ìyámì consiste de REALIZAÇÃO Não importa em que estágio da prática atualmente você se encontra – se você adotar as técnicas que são expostas neste livro, você fará magia. A qualidade da perfomance e os resultados dependem principalmente de uma coisa: Você trabalhou bem?
Se você realmente acreditar em Ìyámì e performar bem as técnicas deste livro, você obterá um resultado com sua Magia.

- A realidade inicial que separa os praticantes da Magia de Ìyámì do resto dos cultos Afro, é acima de tudo o desejo de obter resultados que modifiquem a vida dos praticantes. Não importa o que foi feito, ou como, o que realmente importa é o que funciona.

Antes de começarmos os nossos estudos de magia prática relacionada aos sete pilares da magia africana , devemos ler com bastante atenção o itòn de Ìyámì que nos explica através de um simbolismo abstrato, o verdadeiro segredo deste ritos. Leia com bastante atenção, pois o que eu vou explicar depois, é totalmente o que está nas "entrelinhas", por isso é um segredo típico dos Babalawò (Pai do Segredo).



Odù n.° 25
Título: O poder de Iyámi é empregado para o Bem e para o Mal

Ogbèsá sobe na árvore.
Ogbèsá sobe no teto.
Ifá é consultado para todas as Eleye, quando elas vieram do além à terra.
Quando elas chegam à terra, elas dizem que querem ter uma residência.
Elas dizem sete residências são os sete pilares da terra.
Elas dizem essas sete são os lugares onde elas farão suas residências.
Antes de tudo elas dizem que terão uma primeira residência.
Elas dizem, elas ficarão na árvore iwó que chamamos de orógbó.
Elas dizem, quando sairem do orógbó, elas dizem, elas ficarão na árvore arère.
Elas dizem, quando tiverem uma reunião no arere, elas dizem, elas irão na árvore osè.
Elas dizem, quando deixarem osè, elas dizem, elas irão na árvore irókò.
Elas dizem, quando elas deixarem o irókò, elas dizem, elas irão na árvore Iyá.
Elas dizem, quando elas deixarem Iyá, elas dizem, elas irão na árvore Àsùrìn.
Elas dizem, quando elas deixarem Àsùrìn, elas dizem, elas irão na árvore Òbòbò, que é o chefe das árvores dos campos.

Eles dizem, quando vós estais nas sete árvores, eles dizem, que trabalho fazeis em cada uma das árvores?
Dizei, se elas sobem na árvore Iwó, se elas pensam em alguém, dizei, pensais em sua felicidade, vós se subirdes no Iwó.
Dizei, ele ficará muito tempo na terra, ele será direito(justo) na terra.
Dizei, aquele em que pensareis (quando estiverdes) no Arère, todas as coisas que lhe agradarem, vós destruireis.
Dizei, se vós subirdes na árvore Osè, todas as coisas que agradarem a esta pessoa vós concedereis.
Dizei, se subirdes no Irókó, ali meditareis, sereis duro com alguém, provocarei acidentes com ele, o agarrareis com força.
Dizei, se subirdes na árvore Iyá, rapidamente levareis alguém ao além (vós o matareis).
Dizei, se subirdes na árvore Ásúrín, todas as coisas que quiserdes fazer, vós a fareis.
Se quiserdes trabalhar para a felicidade, trabalhareis para a felicidade.
Se quiserdes trabalhar para a infelicidade, trabalhareis para a infelicidade.
Para todo o trabalho que vos agradar fazer no Ásúrín, vós o realizareis.
Dizei, que se deixardes a árvore do Ásúrín, ficareis na árvore Òbòbò.
Dizei, que se lutardes com alguém, e se ele vier vos fazer súplicas, se estiverdes na árvore Òbòbò, vós o perdoareis.
Dizei, se o Òbòbò é o chefe das árvores dos campos.

Se ele é a última árvore onde vós realizais vossa reunião no mundo.
Dizei, a árvore Ásúrín.
Ela é vosso poderio.
Dizei, se subirdes Ásúrín, lá vós tendes poderio.
Tudo o que quiserdes fazer pôr alguém, e todo o bem que quiserdes fazer a alguém, dizei, se subirdes na árvore Ásúrín.
Dizei, é vossa árvore, vós não a deixareis.
Dizei, em todas as outras árvores, vós chegais, mas na árvore Ásúrín fazeis vossa casa principal.
Quando fazei vossa casa na árvore Ásúrín, quando chegais lá então ai cantais, como Òrúnmilà que criou esta canção.
"Todas as Eleye sobem na árvore Ásúrín" - repetir 3 vezes.
Assim cantastes.
Quando assim cantastes, se quiserdes deixá-la, se disserdes, ireis até o mar, assim ireis até o mar, se disserdes, ireis até a lagoa, assim ireis até a lagoa, rapidamente chegareis lá.
Se disserdes, ireis em toda a [illegible] disserdes, ireis ao céu, rapidamente chegareis lá, quando ficardes na árvore Ásúrín.
A árvore Ásúrín é o lugar onde as Eleye obtêm o seu poderio.
Não é qualquer um que pode manter-se lá.

Fitolatria - o culto às árvores

Enraizada na terra, mas com seus ramos apontando para o céu, ela é, como o próprio homem, uma imagem da "essência

dos dois mundos" e da criatura medianeira entre o acima e o abaixo. Em muitas culturas antigas não são apenas veneradas determinadas árvores ou um bosque inteiro, como morada de seres sobrenaturais (Deuses, espíritos elementares), mas muitas vezes encontramos a idéia da árvore como eixo do mundo, em torno do qual o cosmo está disposto: pensemos por exemplo na árvore cosmogônica Yggdrasil entre os germanos setentrionais, ou a sagrada Ceiba – ou Yaxché – dos maias iucateques, que cresce no centro do mundo e suporta as camadas do céu, sendo que em cada um dos quatro cantos do mundo uma árvore colorida desse tipo serve de pilastra do firmamento. O papel de árvores-tabu no paraíso bíblico é conhecido; para os budistas, o pipal ("Ficus religiosa"), sob o qual Gautama, o Buda, obteve a iluminação, é símbolo do "grande despertar". Os Egípcios antigos veneravam o sicômoro, do qual a deusa Hator trazia para os mortos, e para seu pássaro das almas (Ba), a bebida e o alimento fortalecedores. O Deus Sumério da vegetação Dumuzi (Tamuz) era venerado como árvore da vida. A antiga China venerava o pessegueiro e a amoreira, os druidas celtas, o [illegible] consagrado ao Deus do [illegible] germânico Thor e, entre os Gregos, a Zeus, rei dos deuses. Árvores sagradas desse tipo, em parte reais, em parte idealizadas e alçadas a símbolo cósmico, são encontradas em quase todos os povos antigos. Na iconografia cristã a árvore é símbolo da vida querida por Deus e o curso de seu ciclo anual alude ao ciclo de vida, morte e ressurreição, enquanto a árvore infrutífera ou morta indica o pecador. Da maneira da paradisíaca "árvore da sabedoria" teria sido feita mais tarde a cruz de Cristo, que daí em diante se tornou para o fiel a árvore da vida. Muitas vezes ela foi representada com ramos e folhas, ou comparada à árvore genealógica da "raiz de Jessé". A simbologia da árvore e sua veneração conservam um resto de

antiga religião natural, na qual ás árvores não são simplesmente fornecedoras de madeira, mas sim entes animados e habitados por ninfas, com as quais o homem tinha uma relação sentimental. Árvores com imagens de santos colocadas em seu tronco ("devoção dos bosques" na (Áustria) também se referem a isso, assim como a árvore de Natal, difundida atualmente em quase todo o mundo, e que evoca em pleno inverno, o verde e o renascimento como símbolo consolador. De modo especial Maria foi vista como "árvore da vida", abençoada pelo Espírito Santo, que presenteou o mundo com o fruto do Redentor. Antigos santuários de aldeias e locais de peregrinação parecem transmitir à Idade Moderna a tradição de antigas "árvores sagradas", revestidas do simbolismo Mariano: os três carvalhos de Maria, o verde de Maria, as tílias de Maria, e assim por diante. Lendas sobre árvores mortas, galhos ou varas, que começaram a verdejar como sinal da prova de misericórdia divina são amplamente difundidas no Ocidente cristão. A "árvore da cruz" da escultura medieval, guarnecida de galhos, encontra-se em conexão com esta simbologia de ressurreição, sugerida pela árvore que perde suas folhas e repousa no inverno, antes de recomeçar a germinar. Uma lenda Judaica conta que o patriarca Abraão plantava árvores em todos os lugares aonde ia, mas que entretanto não queriam crescer; apenas uma, na terra de Canaã, cresceu rapidamente em direção ao céu. Através dela Abraão podia saber se alguém acreditava no verdadeiro Deus, ou se era um servo dos ídolos. A árvore estendia seus galhos sobre aquele que acreditava em Deus e o acolhia em sua sombra, o que não ocorria com o adorador de ídolos. Nesse caso ela se afastava, recusava sua sombra, e dirigia seus galhos para o alto. Mas Abraão não se afastava desse, antes se preocupava em que ele aceitasse a sua fé. A lenda da árvore salutar poderia reconduzir à simbologia cristã

da árvore da cruz, que foi transportada para o mundo do Antigo testamento. O texto dos primórdios do cristianismo, o "Physiologus", narra sobre a árvore hindu "Peridexion", cujos frutos são bastante apreciados pelas pombas, enquanto a serpente não pode se aproximar dela e foge de sua sombra. Uma imagem oposta às árvores do paraíso reencontrado é oferecida pela mitologia islâmica pela árvore Zaqqum, de cujas folhas e frutos os pecadores e criminosos amaldiçoados serão alimentados depois do Juízo Final. Uma outra árvore da tradição religiosa no Islã é aquela árvore dos mundos, sobre cujas folhas estão anotados os nomes de todos os homens; o anjo da morte Israfil recolhe aquelas folhas que, segundo o desejo de Alá, caem, e leva então da terra aqueles que foram destinados à morte. No Culto Yorùbá, são inúmeras às árvores sagradas que representam forças e caminhos da força de Deus para os homens, como o dendezeiro, o Ìrókò e outras, às quais poderiam ser interpretadas como técnicas xamânicas (Òrúnmìlà deve subir nas árvores de Ìyámi para poder ter acesso a seus inúmeros poderes). Estas seriam as ascensões rituais das árvores sagradas.

Os Sete Pilares Da Magia De Ìyámi

1. Árvore Ìrò (Orógbó)
2. Árvore Arère
3. Árvore Ọ̀ṣẹ̀
4. Árvore Ìrókò
5. Árvore Ìyá
6. Árvore Asurin
7. Árvore Ọ̀bọ̀bọ̀

Este livro foi escrito pela Cigarra
Em co-autoria com a Formiga

Inspirações e Grandes Sacadas da Cigarra
Visões Objetivas e Eficientes Práticas da Formiga

Paz e Luz da Cigarra
Trevas e Dor da Formiga

Poesia e Música da Cigarra
Pão e Vinho da Formiga

Verão da Cigarra
Inverno da Formiga

A Força da Formiga
Em jamais se deixar morrer

A Misericórdia da Cigarra
Em não querer matar

O Vôo da Cigarra
Os túneis da Formiga

Os Túneis de Seth
Nas Cidadelas de Hórus

A Fome do Corpo
Os Anseios da Alma

O Brincar Curioso da Mente
O Estar do Espírito

CAPÍTULO 13

ÁRVORE IWÓ (ORÓGBÓ)



"...Dizei, se elas sobem na árvore Iwó,
se elas pensam em alguém, dizei,
pensais em sua felicidade,
vós se subirdes no Iwó.
Dizei, ele ficará muito tempo na terra,
ele será direito (justo) na terra..."

As Àjé da árvore iwó são todas de uma encantadora beleza e imensa força de atração, o que se torna um risco considerável na prática de sua magia. Todas as antigas lendas de ninfas, sereias e etc, que atraem as pessoas para o fundo das águas, cavernas ou florestas mediante a sua beleza, correspondem exatamente aos seres desta árvore. Através do pilar de magia da árvore Iwó, Ìyámi interage com Òsonyin e pode controlar todo o reino vegetal. Por isso todas as Àjé deste pilar possuem nomes relacionados a plantas.

Dentre os vários aspectos do que poderíamos supor no estilo de magia da árvore Iwó, torna-se importante esclarecer que aqui, o significado de felicidade, é a idéia de que uma pessoa passa pela vida de bem com todas as pessoas, e desta forma torna-se alguém feliz em receber e dar felicidade ao redor de sua vida. Nesta árvore podemos fazer as magias de amor assim como também as magias de finalidade sexual, mas darei maior ênfase as magias de fazer as pessoas amigáveis, fiéis e afetuosas para conosco.

Talvez sejam os amigos nossa maior propriedade. Meu caderno de endereços é, facilmente, minha mais valiosa posse. Como com a atração erótica, primeiro é necessário gostarmos de nós antes que os outros possam fazê-lo. Esta habilidade pode ser ampliada por rituais apropriados da árvore Iwó. Muitas pessoas acham fácil fazer vir à tona uma amizade de pessoas de quem eles gostam; porém, fazer amigáveis, pessoas que não estavam dispostas a isto, e pessoas a quem não estamos dispostos a dar nossa amizade, é uma habilidade valiosa. Uma amizade não correspondida é uma inabilidade somente da pessoa que a oferece.

Os rituais da árvore Iwó devem começar como amor próprio, uma tentativa de ver o lado maravilhoso de todos os "eus" dos quais nós consistimos e, então, proceder a uma afirmação

ritual da beleza e amabilidade de todas as coisas e pessoas. Umas das formas de Deus em manifestação de orixá mais afins para esta finalidade chamam-se Òṣun e Lògún Ọdẹ.

De dentro das magias da árvore Iwó, os feitiços para fazer as pessoas amigáveis podem ser enviados por simples rituais ou pelo uso de pequenos assentamentos criados exclusivamente para este objetivo (ou seja, as magias da árvore Iwó englobam a união de Ìyámi, Òṣun, Lògún Ọdẹ e Òsonyin).

Entretanto, é nos encontros face-a-face que as habilidades de empatia estimuladas pelo ritual trabalham de forma mais eficiente. Fora os artifícios óbvios de mostrar interesse em tudo o que o alvo tem a dizer, afirmar e simpatizar com a maior parte, existe um outro fator crítico chamado "combinação de comportamento" que normalmente ocorre subconscientemente. Este fator consiste, basicamente, em tentar imitar o comportamento não-verbal do alvo, com a exceção das posturas que sejam claramente hostis. Sente-se ou fique de pé em idêntica posição corporal, faça os mesmos movimentos, use o mesmo grau de contato visual e fale com intervalos similares.

Quando com comportamento de domínio, tais sinais só funcionam se não forem percebidos conscientemente por quem os está recebendo. Não se mexa imediatamente para igualar os movimentos e posturas do alvo. É essencial sondar e equiparar o comportamento verbal e comunicar com o mesmo nível de inteligência, status social e senso de humor que o alvo.

Antes de me tornar rico, eu praticava estas habilidades enquanto pegava carona. Logo, até mesmo pessoas que encontrei desfiguradas e cadavéricas estavam me pagando o lanche e me transportando para longe de seus próprios caminhos. A Empatia da magia da árvore Iwó poderá leva-lo a qualquer lugar que quiser.

Principais materiais na magia da árvore Iwó:
Panos de cor verde, Cobre, Esmeralda, Canela e Rosas.

Os Nomes das Noventa Principais Àjẹ́ da Magia de Iwó e suas respectivas traduções e funções:

1. Ìyá Ẹ̀ẹ̀rù (Mãe da Pimenta-da-guiné)
2. Ìyá Tẹ̀tẹ̀ (Mãe do Bredo)
3. Ìyá Omi Ewé (Mãe da água de folha)
4. Ìyá Òórùngọ̀ (Mãe da Alumã)
5. Ìyá Arójòkú (Mãe da erva-botão)
6. Ìyá Òkún (Mãe Tamareira)
7. Ìyá Òwú (Mãe do Algodoeiro)
8. Ìyá Òpẹ̀ (Mãe do Dendezeiro)

Estas oito primeiras Àjẹ́ da árvore Iwó, controlam os rituais de erotismo e sexualidade, são perfeitas quando evocadas para magias de satisfação no amor. Através delas podemos fazer "assentamentos" da pessoa desejada e amuletos que seduzem prontamente o alvo de nosso desejo.

9. Ìyá Ìbẹ́pẹ (Mãe do Mamoeiro)
10. Ìyá Kúkúndùkú (Mãe da Batata-Doce)
11. Ìyá Ìgbàdo (Mãe do Milho)
12. Ìyá Tábà (Mãe do Fumo)
13. Ìyá Àgbásá (Mãe do Anis)
14. Ìyá Ojú Oro (Mãe da Flor-D'água)
15. Ìyá Ògẹ̀dẹ̀ (Mãe da Bananeira)

As Àjẹ́ classificadas do número nove ao quinze regem a fecundidade tanto nos homens como nas mulheres, podem trazer a paz e a felicidade conjugal. Podem fazer mulheres se

interessarem por um homem e vice-versa (independente de sua beleza, condição social, etc) e regularizam todo o processo de procriação, tanto nos seres humanos, como também nos animais e vegetais.

16. Ìyá Bộlẹ̀ (Mãe da Guaxima)
17. Ìyá Amówọ́ (Mãe da Alfavaca)
18. Ìyá Òpòtó Ìdájà Olórun (Mãe do Ficus)
19. Ìyá Àbámọdá (Mãe da folha-da-fortuna)
20. Ìyá Sẹ̀gun sẹ̀tẹ̀ (Mãe da Beldroega)
21. Ìyá Òsíbàtà (Mãe do Lótus)
22. Ìyá Koríko (Mãe do Capim-guiné)
23. Ìyá Ìrèké (Mãe da Cana-de-açúcar)

As Àjẹ́ classificadas do número dezesseis ao vinte e três, regem a arte, a beleza, a música e podem despertar e apoiar todos os talentos, de qualquer pessoa que queira enveredar-se nestas áreas.

24. Ìyá Ataare (Mãe da Pimenta-da-costa)
25. Ìyá Èso Ilá (Mãe do Quiabo)
26. Ìyá Àìdan (Mãe da Aridan)
27. Ìyá Àlùbósà Elẹ́wè (Mãe da Cebola-Branca)
28. Ìyá Bàáká (Mãe da Palma-de-Santa-Rita))
29. Ìyá Akọgbẹ̀gi (Mãe do Dandá)
30. Ìyá Àjítòrò (Mãe do Feijão-Bravo)

As Àjẹ́ classificadas do número vinte e quatro ao trinta despertam no praticante desta magia o vigor relacionado ao apetite sexual.

31. Ìyá Àganyìn (Mãe da Laranjeira)
32. Ìyá Ọ̀ọ́yọ́ Àjẹ́ (Mãe do Caruru-da-Bahia)
33. Ìyá Ayó (Mãe da Juta)
34. Ìyá Àgbọn (Mãe do Coqueiro)
35. Ìyá Owó idẹ (Mãe do Café)
36. Ìyá Tàkùn Elégédé (Mãe da Abóbora-Moranga)
37. Ìyá Dàgìrì Dobo (Mãe da Trombeteira)
38. Ìyá Pèrègún Lẹsẹ (Mãe do Coqueiro-de-vênus)

As Àjẹ́ classificadas do número trinta e um ao trinta e oito possibilitam ao praticante desta magia a conseguir qualquer coisa de qualquer pessoa, sem nenhum tipo de discussão.

39. Ìyá Ànkẹmi Léií (Mãe de Mil-Homens)
40. Ìyá Ẹ̀gún Àrigbó (Mãe da Figueira-do-Inferno)
41. Ìyá Efó Òyìnbó (Mãe da Bertalha)
42. Ìyá Ètipónolá (Mãe da Erva-Tostão)
43. Ìyá Ṣáyó (Mãe do Olho-de-Gato)
44. Ìyá Igbó (Mãe da Maconha)
45. Ìyá Ata Jíjẹ (Mãe do Pimentão Doce)

As Àjẹ́ classificadas do número trinta e nove ao quarenta e cinco podem proporcionar todo e qualquer tipo de satisfação sexual e emocional.

46. Ìyá Bomubómú (Mãe da Flor-de-Seda)
47. Ìyá Ẹ̀kìkà (Mãe da Cajazeira)
48. Ìyá Ifín (Mãe do Malvaisco)
49. Ìyá Atalẹ (Mãe do Gengibre)
50. Ìyá Ìlasa Omodé (Mãe da Guaxima-Roxa)
51. Ìyá Àlùro (Mãe da Malícia)
52. Ìyá Lárà (Mãe da Mamona)

As Àjẹ classificadas do número quarenta e seis a cinquenta e dois são as mais ligadas a Òsọnyìn, e controlam o poder mágico das árvores e folhas.

53. Ìyá Kálèfimíse (Mãe da Mimosa)
54. Ìyá Mánturusí (Mãe da Erva-de-Santa-Maria)
55. Ìyá Òrombó Igún (Mãe do Pomo-de-Ouro)
56. Ìyá Ọsàn Làkúègbè (Mãe da Erva-Cidreira)
57. Ìyá Èkùyá (Mãe do Muçambê-Cor-de-Rosa)
58. Ìyá Tésúbíyù (Mãe do Capim-de-Nossa-Senhora)
59. Ìyá Berẹfutu (Mãe da Fruta-Pão)
60. Ìyá Ipòlerin (Mãe da Babosa)

As Àjẹ classificadas do número cinquenta e três a sessenta são fortemente ligadas a Òṣun e despertam o poder mágico de qualquer Wẹ Ariàṣẹ (banho de folhas consagrado).

61. Ìyá Ojúùsájú (Mãe da Guiné)
62. Ìyá Àparà (Mãe da Sucupira)
63. Ìyá Ogbó (Mãe da Orelha-de-macaco)
64. Ìyá Ifú (Mãe do Junco)
65. Ìyá Patọnmọ (Mãe da Malícia-das-mulheres)
66. Ìyá Ejìnrìn Wẹ̀wẹ̀ (Mãe do Fruto-de-Cobra)
67. Ìyá Inú Ológbò (Mãe da Erva Ferro)
68. Ìyá Èwọn Agogo (Mãe do Cambará-Vermelho)

As Àjẹ classificadas do número sessenta e um a sessenta e oito controlam o sùndidẹ (banho de èjẹ com folhas).

69. Ìyá Dògbòdògbò (Mãe do Capim-de-Cheiro)
70. Ìyá Kawókawó (Mãe da Jitirana)
71. Ìyá Lóbòtújẹ (Mãe do Pinhão-Roxo)
72. Ìyá Jàgùdà (Mãe da Flor-de-Sangue)

73. Ìyá Àmúkàn (Mãe da Azedinha)
74. Ìyá Bíyẹmí (Mãe da Quebra-Pedra)
75. Ìyá Egẹlẹ (Mãe da Erva-Andorinha)

As Àjẹ classificadas do número sessenta e nove a setenta e cinco controlam o crescimento das plantações.

76. Ìyá Ọlátògégẹ̀ (Mãe do Tento)
77. Ìyá Bọnni (Mãe da Esponjeira)
78. Ìyá Sikiti Mónso (Mãe da Maria Preta)
79. Ìyá Ayò (Mãe do Alho)
80. Ìyá Ṣawéwé (Mãe do Alecrim)
81. Ìyá Èwáowó (Mãe do Mangericão)
82. Ìyá Èko omọdé (Mãe da Graviola)
83. Ìyá Tapónurin (Mãe da Jaqueira)

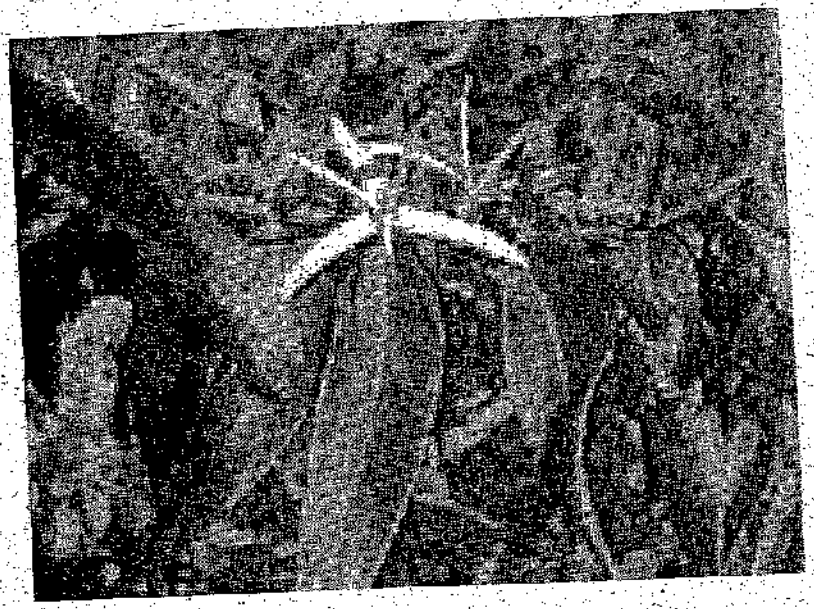
As Àjẹ classificadas do número setenta e seis a oitenta e três despertem o àṣẹ positivo em todos materiais feitos de palha e similares (como por exemplo, nos contreguns e umbigueiras – amarras de palha da costa).

84. Ìyá Osùn Elẹdẹ (Mãe do Urucum)
85. Ìyá Èrogbó (Mãe do Vime)
86. Ìyá Ṣoko Yòkòtò (Mãe do Veludo-Branco)
87. Ìyá Bàrà (Mãe da Melancia)
88. Ìyá Kòkò (Mãe do Inhame)
89. Ìyá Omoníròganròga (Mãe da Marianinha)
90. Ìyá Òdòdó (Mãe do Xiquexique)

As Àjẹ classificadas do número oitenta e quatro a noventa despertam o poder de usar qualquer material do reino vegetal (obì, orógbó, Àlùbósà (cebola), etc) como instrumentos oraculares.

CAPÍTULO 14

ÁRVORE ARÈRE



"...Dizei, aquele em que pensareis (quando estiverdes) no Arère, todas as coisas que lhe agradarem, vós destruireis..."

... Além do princípio do mal, na maioria das sociedades podemos encontrar uma legião de espíritos menores que personificam males específicos, e não o mal em si. Esses espíritos do calor e do frio extremos, da infertilidade, da doença ou das tempestades, são por vezes vistos como manifestações de forças naturais destrutivas que provocam o terror, chamado pelos gregos de "pânico", devido ao deus Pã ...

- Julvan Moreira.

Sobre o Pilar de Magia da Árvore Arère

Árvore Arère (Annona Senegalensis) – Annonaceae . Nome popular no Brasil: **Pimenta de Macaco.**
Nesta árvore deverão ser feitos os ritos para Destruição.

Agora que vamos comentar sobre o perfil da magia da árvore Arère, devo salientar que enquanto a árvore Ìrókò relaciona-se com a violência e a guerra, aqui, no estilo Arère, é plenamente afirmado o conceito de **Destruição** (aqui não há guerra, aqui, a idéia é de genocídio).
Nesta manifestação, a grande Ìyámi , nos aparece sob o título de Ìyá Aláalẹ (Mãe Senhora Da Noite), e desta forma ela controla e manipula livremente os perigosos Ẹ ní ìyà ou como também são conhecidos: **Damagomi**.
Como o leitor mais atento irá perceber, nos vários rituais ensinados a seguir, eu utilizei vários nomes dos Odù de Ifá, como se fossem "marcas" ou "padrões" destes mesmos rituais, desta forma diferenciando-os e ao mesmo tempo, tornando-os exatos em sua eficácia e poder. Para maiores informações sobre como se deve utilizar estes símbolos dos Odù, eu expliquei no capítulo sobre A Magia Yorùbá.

Listagem dos "Jẹ ní ìyà" de Ìyámi e seus rituais

O poder das Àjẹ́, assim como de seu equivalente masculino, os Òṣó, provém de Ìyá Aláalẹ́ (Mãe Senhora Da Noite) que é o nome verdadeiro do aspecto mais temível de Ìyámi Òṣòròngá como dona da magia. Ìyá Aláalẹ́, na prática do dia a dia das Àjẹ́ e dos Òṣó, na verdade não tem nome, ela está por toda parte e nada que queiramos usar para representá-la poderá refletir sua grandeza e poder. Ela é a VERDADEIRA, que recebeu diretamente de Olóòrun Alágbára (O Senhor do Firmamento Todo Poderoso), a cabaça do poder; e que por isso, está acima de todos os àwọn Òrìṣà. O pássaro Òṣòròngá é apenas um de seus mensageiros que transmitem seus ensinamentos. Mas qualquer outro animal pode ser seu mensageiro. Pois quando concede poder, Ìyá Aláalẹ́ diz ao Òṣó, que busque auxílio na Ejò (serpente), no Àdán (morcego), no Kìnìún (leão), no Àkọ oyin (abelhão), ou em qualquer outro animal, ave, ou inseto.

Mas torna-se importante acrescentar a isso, os "Damagomi" ou Jẹ ní ìyà "castigar" (no sentido de sofrimento e dor através de um castigo), que são concebidos ao mesmo tempo como fonte de poder e causa de doenças (um dos exemplos mais clássicos sobre este assunto, é o famoso "Ṣìgìdì" – pesadelo divinizado). Estes "Jẹ ní ìyà" são vivos e possuem personalidades e métodos de ação. Não possuem forma humana, mas seu resultado na magia é extremamente concreto. Na prática eles são de todas as feições: Alguns se parecem com um pedaço de carne crua, outros como "gosmas escuras", outros como caranguejos, antílopes pequenos e até mesmo, pedaços de madeira ou pedra. Um Òṣó "novato" pode possuir de um a três destes Jẹ ní ìyà, ao passo que um Òṣó experiente, deve ter pelo menos uns vinte. Eu mesmo cuidando

de algumas pessoas bastante doentes, já retirei vários desses Jẹ ní ìyà, e desta forma os acrescentei a minha "coleção". Aqui, cito a quantidade de quarenta Jẹ ní ìyà, os quais foram os primeiros que tive contato pessoalmente há muitos anos atrás, e que por isso mesmo, indico seus rituais mais simples. Ao leitor inteligente, sei que estas informações poderão abrir todo um novo campo de "feitiçaria prática", porém , lembro que é Ìyá Aláalẹ́ que na verdade os domina, e que por isso mesmo, somente ELA, pode lhe fornecer o poder de manipulá-los.

Muitos dos rituais "Jẹ ní ìyà" aqui apresentados, devem ser usados apenas como uma ferramenta de último caso contra um inimigo; por isso, aviso ao amigo leitor, que qualquer coisa que você venha a fazer, É DECISÃO SUA, e assim sendo,

- Eu não assumo nenhuma responsabilidade sobre as consequências do que você venha a "plantar" para si próprio!

Na foto ao lado vemos:

Ṣìgìdì

um dos perigosos Jẹ ní ìyà, na magia da árvore Arère.



Rituais Jẹ ní Ìyà

1. Adágún (Lago "sujo" divinizado)

Os Jẹ ní ìyà de categoria Aláadágun, existem nos lagos sujos e mal cheirosos e formam um tipo de larva que afeta o sistema nervoso humano. Por isso podem causar vários "descontroles" físicos. Para relacionar-se com eles, faça o seguinte:

Ritual: Odù Òyèkú Òsá

Vá até algum Lago com água poluída. Recolha um pouco da água suja e fétida em uma gamela redonda, no fundo da qual você esfregou folhas de iroko e escreveu em carvão mineral o nome de seu inimigo. Desenhe em Ìyèrosùn o Odù Òyèkúsá e coloque na água. Faça um corte em sua mão esquerda com uma faca consagrada, e deixe que alguns pingos de seu sangue se misturem ao conteúdo da gamela. Enquanto você se corta, deve visualizar o inimigo em questão causando-lhe a dor; (após colocar a faca consagrada no chão, em frente a gamela). Pronuncie o seguinte Ofò (encantamento), com uma pena de coruja em sua mão direita. Durante a qual deve "apresenta-la" para as quatro direções principais (leste – oeste – sul e norte) e, enquanto pronuncia o ofò, olhe fixamente para dentro da gamela, concentrado em sua intenção; não se distraia por nenhum barulho, nem pisque... e muito menos se mova subitamente.

Ofò:

Mo júbà ènyin Ìyá Aláalẹ́
(Minhas saudações Mãe da Noite)
Àtatú ní ti èjè
(O sangue não pode ser derrubado)
Wúlò ní wúlò, a nilẹ́ ghèlè ìbẹ́ kò
(Ele é útil aqui na terra)
Òyèkúsá ni ki ó ṣe
(Òyèkúsá faz ele ficar paralisado)
Ajeninílyá , wá gbèèmí o!
(Aquele que castiga , venha socorrer-me)
Wá lọ rèé bò mú " ....."
(Agora vá e pegue "...nome iniciático ou profano da pessoa...")
Wá lọ rèé mú "....." n`ìyè
(Agora vá e segure a mente de "...nome iniciático ou profano da pessoa...").
Aláadágun , àjìyè! Dide n'lẹ́!
(Senhor do Lago, aquele que acorda para viver, levante!)
Ìyẹ́ eye àjé , l'ó ní ki opolo "....." ó rírí o!
(Uma pena de coruja, diz que o cérebro de "...nome iniciático ou profano da pessoa..." deve ficar sujo!).

Coloque a pena de coruja dentro da gamela. Coloque dentro da gamela um obi seco e muito escuro, (de preferência que você tenha deixado secar ao sol, untado com óleo de copaíba e pimenta-de-macaco em pó).
É importante guardar a gamela e a água que foram usadas no feitiço do Aláadágun. Guarde-as longe dos olhos das outras pessoas, e NUNCA as exponha à luz do sol ou da lua. Quando você souber com absoluta certeza, de que a magia funcionou

plenamente, queime a gamela e então derrame a água no fogo. É muito importante que você não fique pensando no ritual após tê-lo feito, e mais ainda, que você não o comente com ninguém (o verdadeiro conhecedor da magia, não precisa ficar contando vantagem certo?). Nem o repita para a mesma pessoa, ou insista em ficar pensando "com raiva", para "alimentar" o Aláadágun, depois que o houver enviado atrás de sua vítima. Fazer isto certamente irá chamá-lo de volta para você, o que não seria nada agradável, concorda? Fique atento sobre os resultados em sua vítima. Uma vez que o Aláadágun tenha feito o trabalho, ele retornará para você, e talvez, você não tenha tempo de se dar conta de seu retorno, até que seja tarde demais. E esta é uma característica muito importante de todas as magias para "Jẹ ní ìyà", na relação com Ìyámi!

2. Àdán (Morcego divinizado)

Ritual: Odù Ògúndá Òsá

Os Jẹ ní ìyà de categoria Àdán, são nascidos dos vestígios físicos e energéticos dos Morcegos, e podem produzir grandes males, na medida em que "vampirizam" a vitalidade e a boa sorte das suas vítimas. Para retirar um Jẹ ní ìyà de categoria Àdán de alguém, você deve fazer rituais baseados em frutas e fogo, e jamais utilizar qualquer espécie de sacrifício ritual, o que na verdade, apenas iria piorar a situação.

Pegue um morcego e coloque várias pimentas de macaco em sua boca (na do morcego ; é claro!), de preferência com algum fragmento de roúpa ou qualquer outro material da pessoa que você deseja atingir, amarre com um pano vermelho. Faça uma

tintura de cominho com folhas de Iroko (deixando durante 8 dias sob o sol, uma garrafa de álcool com cominho e sete folhas de iroko, sendo curtidas ao sol). Sacrifique o morcego sob a tintura, depois coloque o líquido dentro de uma cabaça (cortada como se fosse uma garrafa, ou seja cortada pelo "pescoço"). Tampe com um sabugo de milho. Torre o corpo do morcego e depois passe na peneira, misturando ao pó, bastante Ìyèròsùn e carvão mineral ralado, com um pouco de limalha de ferro. Em uma noite de lua nova, leve uma cesta de frutas bem doces para um local em que você saiba que tem muitos morcegos, em cada fruta coloque um papel em que você escreveu o nome da pessoa visada. Sobre as frutas jogue um pouco do líquido, e no pó inscreva o odù Òsá-Ògúndá pronunciando o Ọfọ̀ t'èdè-èyẹ. Sopre um pouco do pó sobre a cesta de frutas e coloque vários pedaços de cabaça quebrada. E diga que em nome de Ìyá Aláalẹ́, Àdán deverá fazer o que você está mandando. Se você quiser, também pode após queimar os ingredientes e desenhar o odù na preparação, colocar o pó na mão e sopra-lo na direção da pessoa.

ọfọ̀ t'èdè-èyẹ:
BAṢALORÈWÈDÁ + NOME DA PESSOA

3. Àìmoore (Ingratidão divinizada)

Os Jẹ ní ìyà de categoria Àìmoore possuem uma crueldade intensa e um ritmo de ação lenta. Eles conseguem anular todas as consequências positivas que uma pessoa teria como fruto de seus bons atos. Anulam Magias benéficas, atraem pessoas negativas para o seu caminho, desestruturam casamentos e às vezes até communidades inteiras, através da perca de confiança entre às pessoas. São muito comuns nas energias de "contra-àṣẹ" dos ritos de Ọbàluwàiyé e Egúngún (como frutos de

rituais mal feitos) e também participam intensamente da parte "negativa" do Odù de Ifá Ògúndá Méjì. Uma pessoa quando vítima destes Jẹ ní ìyà Àìmoore, se torna o famoso "azarado", em qualquer lugar em que ela esteja, sempre tem alguém que quer implicar, puxar briga ou discutir, nenhum de seus projetos consegue se realizar e a pessoa se pergunta: - O que é eu fiz para merecer isso? Sou sempre tão correto, positivo e tenho tanta fé. Às vezes estes Jẹ ní ìyà podem acompanhar uma pessoa que teve problemas sérios de parto, por toda a vida.

Ritual: Odù Ọ̀túrúpọ̀n Ọ̀sá

Pegue um escaravelho preto e água do interior de um caranguejo, acrescente bastante gergelim (Sesamum indicum, Pedaliaceae) torrado, coloque tudo dentro de uma cabaça pequena e torre (com o escaravelho vivo). Desenhe sobre o pó misturado com ìyẹ̀rò̀sùn, o odù de Ifá Ọ̀túrúpọ̀n Ọ̀sá pronunciando o ọfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: "NÍMUBANÍLÓYÈTÓ" Sopre o pó no "rastro" ou sobre a pessoa que você pretende atingir.

4. Àìní (Necessidade divinizada)

Os Jẹ ní ìyà de categoria Àìní causam os miomas. Seu perfil energético provém de intensa carga negativa acumulada sobre as mulheres que mesmo sem saberem, exercem atividades mediúnicas, como por exemplo durante o sono. São parasitas astrais, que podem afetar o funcionamento do cérebro, principalmente nos homens. São seres que exercem uma "vida morta" alimentando-se do corpo emocional-energético das pessoas, às quais, são pelo que eu pude observar, em 90% dos casos, pessoas com grande tendência à mediunidade negativa. O que lhes causa constante mal estar e mau humor

no dia a dia, como se algo às estivesse incomodando, mas elas não soubem o que é.

Ritual: Odù Ọ̀ṣẹ́ Ògúndá

Pegue nove folhas de abacaxi (Ananás comosus, Bromeliaceae), nove folhas de inhame (Dioscorea sp., Dioscoreaceae) e pó de bambu (Oxytenanthera Abyssinica, Gramineae). Torre todos estes materiais com uma casa de marimbondo. Sobre o pó produzido misturado com ìyẹ̀rò̀sùn, desenhe o odù Ọ̀ṣẹ́ Ògúndá pronunciando o ọfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: "NÌÀÍRÈLOWÈṢALÁBÁRÍNMỌ̀". Misture este pó com argila preta e modele um boneco (homúnculo), acrescente excremento de porco e sacrifique um galo preto em cima. Entregue em uma encruzilhada de terra à meia-noite para Jẹ ní ìyà Àìní, com o nome da pessoa dentro, escrito com carvão mineral sobre um pano vermelho.

5. Àìsàn (Doença divinizada)

Os Jẹ ní ìyà de categoria Àìsàn são originários do medo traumático que uma pessoa traz de uma determinada situação (mesmo que ela não tenha consciência disto), bastante ligada aos espíritos Àbíkú (os que nascem para morrer), os Àìsàn são despertados interiormente através de "gatilhos", seja uma separação, um fato da infância, ou mesmo de uma autopunição que a pessoa queira se infringir inconscientemente. Em várias oportunidades, pude ver que os Àìsàn normalmente se apresentam astralmente como ofídios, o que demonstra que é uma utilização errada da própria pessoa, de sua força instintiva mais profunda contra si mesma. Em muitos casos tive a felicidade, de fazer em um dia, através de determinados rituais,

o que a psicologia leva meses, e até anos para fazer. Ou seja, a expulsão da perniciosa influência de um Àisàn do corpo astral e do campo áurico de uma pessoa.

Ritual: Odù Òyèkú Méjì

Pegue fumo (Nicotina tabacum, Solanaceae) em pó, três penas de urubu e um fruto pequeno de dendezeiro (Elaeis Guineensis, Palmae). Desenhar o Odù em Iyèròsùn com raspa de raiz da árvore copaíba (Daniellia Oliveri, Caesalpiniaceae). Misturar tudo pronunciando o ọfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: "YÊTOMÚNÍLÓBÁ". Enrole todo o material dentro de um pano branco bem sujo, e dê vários nós com uma linha vermelha. Entregue para o Jẹ ní ìyà Àisàn no bambuzal mais próximo da casa da pessoa, e antes de ir embora, cubra com uma panela de barro rachada ou partida.

6. Àjà kálẹ̀ àrún (Maldição divinizada)

Os Jẹ ní ìyà de categoria Àjà kálẹ̀ àrún, são normalmente relacionados a egrégora de uma família ou de uma comunidade. Eles costumam nascer juntos com o clã. Normalmente originários de atos odiosos e medonhos, que a princípio pareceram, como se fossem "forças vitoriosas" de uma ou mais pessoas sobre determinada situação, os Àjà kálẹ̀ àrún não se afastam mesmo após várias gerações, pois se alimentam diretamente da energia vital da família. Os problemas, disputas e conflitos familiares, são o "arroz com feijão" diário destes seres, os quais não tem o menor interesse em piorar o padrão, pois a própria manutenção desta energia já lhes é alimento suficiente. Com o tempo pude notar que estes Àjà kálẹ̀ àrún podem influenciar tipos de padrões negativos, desde as coisas mais simples dentro de uma família, até as mais graves. Acoplados ao padrão de DNA espiritual de uma família, ouso comentar aqui, que este é o problema mais comum que costumo ver no dia a dia da prática divinatória. E que, apesar de parecer de difícil solução, afirmo que não é, desde que pelo menos a maioria da família se mobilize. Às vezes pode acontecer de uma pessoa nascer, ou entrar em um determinado clã para mudar sozinha este padrão e expulsar o Àjà kálẹ̀ àrún definitivamente, mas infelizmente, não é algo muito comum.

Ritual: Odù Ìrẹtẹ̀ Òsẹ́

Torre um sapo (Òpòlọ́), com nove folhas de jaqueira (Artocarpus Integrifólia, Moraceae) e um fruto de Amomo (Aframomum Melegueta, Zingiberaceae). Desenhe o Odù sobre a preparação acompanhada de Iyèròsùn. Esmague sete centopéias sobre o pó com uma pedra de raio que já tenha sido consagrada para Ṣàngó, recitando o seguinte ọfọ̀ t'èdè-ẹyẹ: "KIRÈLÁYÀMỌNÍKỌWỌGBO". Faça com este pó em nome de Ìyá Àláalẹ̀, ao Jẹ ní ìyà Àjà kálẹ̀ àrún da placenta da pessoa.

7. Àjálù (Catástrofe divinizada)

Os antigos Yorùbá, e mesmo as sociedades antigas de uma forma em geral, conheciam bem este Jẹ ní ìyà Àjálù. Por isso faziam cultos coletivos a seus Deuses, aonde pediam proteção contra este tipo de Jẹ ní ìyà. Este Àjálù corrompe as regras sociais coletivas e impõe a loucura sobre uma coletividade, ou mesmo, sobre uma pessoa. A violência descontrolada sobre uma cidade é um exemplo da atividade deste Àjálù, estes

Jẹ ní ìyà são "filhos" das forças que fazem "desejar sem jamais poder conseguir"; filhotes da frustação, seu poder é caótico e somente aqueles que conhecem o poder das "mentes mais antigas" lhes podem fazer frente. É fácil perceber em várias cidades "modernas" a atuação destes Jẹ ní ìyà, são filhos do ódio e da lamentação agressiva daqueles que "nunca chegam lá", por não saberem que não existe lugar aonde chegar. Quando são utilizados na magia prática de Ìyámi, podem causar os mais variados desastres, desde os mais simples aos mais tenebrosos. Em uma oportunidade, quando retirei pela primeira vez de uma pessoa este tipo de Jẹ ní ìyà, eu o "guardei" em determinado local dentro do templo (era um local ainda inapropriado no bairro de Ramos na cidade do Rio de Janeiro), colado à parede que dava para a casa de uma vizinha. Eu não sabia na época, mais a tal vizinha vivia "gritando aos sete ventos" que detestava os "sons esquisitos" que vinham da casa ao lado (ou seja, do templo). Por azar dela, algumas horas depois que eu "guardei" o Jẹ ní ìyà, ela foi cozinhar uma panela grande de feijão em sua cozinha, que dava para a parede aonde eu tinha guardado o Jẹ ní ìyà. Enquanto ela cozinhava, ela começou a gritar e xingar, reclamando dos rituais de magia que eram realizados na casa ao lado (neste momento, eu já tinha saído da casa há muito tempo, pois era o início de um fim de semana). Resultado: A panela de pressão estourou e infelizmente queimou a vizinha completamente, além de várias outras coisas da casa que foram quebradas inexplicavelmente durante todo o fim de semana. Quando soube disto dias depois, imediatamente retirei o Jẹ ní ìyà Àjálù e o guardei em um local "mais seguro". Este é um exemplo simples do que um Jẹ ní ìyà Àjálù pode fazer, sem falar que eu não lhe dei nenhum tipo de comando ou de ordem para que se comportasse assim – mas eu entendi o que

aconteceu, por que isso, é a "natureza" Àjálù, e certas coisas não mudam, mesmo quando "domesticadas".

Ritual: Odù Èjìogbè Òtúurúpòn

Pegue duzentas sementes secas de quiabo (Abelmoschus Esculentus, Malvaceae) e torre com uma cebola roxa, três folhas de urtiga, sete pimentas de macaco, cinco folhas de menta e um escorpião. Costure uma pele de cobra com uma linha preta e uma branca em forma de "pequeno patuá", e coloque o pó dentro com um pedaço de ferro e um pouco de sangue de burro. Acrescente qualquer material que você tiver da pessoa, um pedaço de cabelo, roupa usada, dentro do patuá. Cave um buraco e no fundo dele, marque o odù Èjìogbè Òtúurúpòn, com frutos de urucum (Bixa Orellana, Bixaceae). Tampe o buraco recitando o ọfọ̀ t`èdè-eyẹ: "KÓRÌYÍMỌWÈLÁKỌ̀RÈMÁ", ordenando ao Jẹ ní ìyà Àjálù, em nome de Ìyá Aláalẹ́, o que você deseja que aconteça e com quem.

8. Ebí (Fome divinizada)

Os Jẹ ní ìyà de categoria Ebí, são seres que estabelecem todas as forças negativas relacionadas à penúria e dificuldades materiais. Eles também promovem uma ansiedade enorme, que pode causar inúmeros males em suas vítimas, levando-as a ações impensadas com consequências sempre prejudiciais.

Ritual: Odù Òyẹ̀kú Ìwòrì

Pegue pelo menos quatro aranhas e torre com folhas de picão (Bidens Pilosa, Compositae) e trombeta-roxa (Datura Metel,

Solanaceae). Desenhe o Odù Òyèkú Ìwòrì no pó e sacrifique dois pombos pretos. Deste material faça um "molho" com sementes de abóbora e urucum com azeite de dendê. No fundo de um prato de barro escreva o nome da pessoa com carvão mineral. Coloque neste prato uma iguaria muito bem temperada. Leve a porta de um cemitério e entregue ao Jẹ ní Ìyà Ebí com os dois pombos pretos, um de cada lado do prato, pronunciando o seguinte ọfò t'èdè-ẹyẹ: "ṢUBÍBÚTELÈNIBÚ", com o sentimento e o pensamento corretos voltados à pessoa que você quer atingir.

9. Eegun (Osso divinizado)

Os Jẹ ní Ìyà de categoria Eegun são conhecidíssimos em todos os sistemas de magia, no ocidente são chamados de "sopro dos ossos", e torna-se um dos elementos básicos da arte da Necromancia. Para as pessoas voltadas a tradição Yorùbá, aviso que não devemos confundir Eegun (Osso) com Egúngún (o mascarado). Eu explico: O Jẹ ní Ìyá Eegun é o ser que se forma a partir da energia dos ossos dos cadáveres (sejam humanos ou animais), ao contrário do Agàn, que é o símbolo coletivo de todos os humanos mortos masculinos da cultura Yorùbá , o Jẹ ní Ìyà Eegun é fruto do processo de decomposição cadavérica "que permanece", é a essência última a ser desintegrada, e que permanece nos ossos em forma de vida como lembranças e registros de sensações físicas, instintivas, emocionais e mentais. É a fonte e a origem, o Pai e a Mãe de todos os ditos "fantasmas" mais comuns, que assombram lugares e pessoas. Não é a alma de alguém e muito menos seu espírito, mas pode ser alguém, na medida em que é um resumo deste alguém em suas sensações mais urgentes enquanto era vivo. O Jẹ ní Ìyà Eegun anseia comer, beber, fumar (se fumava enquanto vivo) e principalmente

fornicar. Está ligado ao que restou da mente Ofidiana no ser humano, a qual possui programas da consciência reptílica que não se estendem à compaixão ou consciência e contém pensamentos para às necessidades de caçar, matar, comer e reproduzir. Por isso, Eegun não é Egúngún (mas ambos são filhos míticos de Ìyámi Òṣòrongá - a partir da força dos "seus ossos que permanecem nos ossos de seus filhos"), o Egúngún na cultura Yorùbá é o ancestral que moraliza e orienta o seu clã, portanto aos seus descendentes, para uma vida melhor (pois enquanto o ocidental diz que seu filho é "sangue de seu sangue", o Yorùbá antigo afirmava que seu filho é "osso do seu osso"). Mesmo que o Egúngún mate o adversário da tribo de seu filho, ainda não é a essência que se pode achar "negativamente", na "inscrição reptílica" de um Jẹ ní Ìyà Eegun. E isto explica, porque em tantas culturas a Necromancia (que na prática, vai muito além de apenas evocar os mortos) é proibida e considerada como a "mais infame das artes de magia". O que se entende como Egúngún são muito mais próximos dos Jẹ ní Ìyà Ejò (que comento logo abaixo), do que propriamente de Eegun.

Ritual: Odù Òyèkú Òbàrà

Pegue sete raízes de dormideira negra e torre com folhas de arruda e benjoim. Desenhe o Odù Òyèkú Òbàrà na preparação misturada com ìyèròsùn e sopre sobre o túmulo de alguém "escolhido a dedo". Após soprar, chame pelo nome da pessoa e dê a ordem que você quer que o Eegun faça em nome de Ìyá Alàálẹ́.

10. Ejò (Serpente divinizada)

Os Jẹ ní Ìyà de categoria Ejò são "nascidos" da energia vital

Crina de burro
Patas de corvo
Um sapo
Ewé òkojú òrìsà (folhas de jetirana)
Ewé àgogô òg̀ún (folhas de crista-de-galo)
Ewé ibẹ̀pẹ̀ dúdú (folhas de mamoneiro)
Ewé apikán (folhas de trombeta)
Uma cabaça pintada com lama, carvão vegetal, ósun e ẹfun.
Pano vermelho

Ritual:

Torrar estes materiais (exceto o sapo). Misturar o pó obtido com Ìyèròsùn. Desenhar o odù ritual no pó declarando em voz alta seus objetivos e chamando pela Àjẹ́ Ìyá pápèpèpèpè e Ìyámi Òsòròngá. Coloque todo o material obtido na boca do sapo e costure com linhas branca e preta. Mate o sapo dentro da cabaça e envolva com o pano vermelho. Coloque em uma encruzilhada próxima a casa que você deseja enfeitiçar, durante a primeira noite da lua nova.

19. Àjẹ́ Ìyá Kùn Osùn

Principal função: (Àjẹ́ do 1° dia do mês lunar) Esta Àjẹ́ está energeticamente ligada ao ritmo das marés e concede poderosa protecão contra toda espécie de influência negativa . através de Kùn osun, podemos realizar uma grande variedade de magias para os mais diversos fins, desde que associemos ao nosso ritual, a potência magnética do ritmo das marés.
Odù Ritual : Ìká Ògúndá
Finalidade: Retirar forças negativas.
Pré – Ritual: Desenhe o símbolo do odù de Ifá Ìká Ògúndá em Ìyèròsùn e prepare a seguinte oferenda para Ìyá Kùn Osùn:

Materiais:

Um kg de feijão branco de boa qualidade
Setecentos e cinquenta gramas de cabeça de porco incluindo a orelha (ou de uma leitoa que tenha sido sacrificada para Ìyámi).
Quinhentas gramas de galinha
Um rabo de porco pequeno
Duzentos e cinquenta gramas de chouriço de carne
Duzentos e cinquenta gramas de tomate
Um nabo grande incluindo a rama
Uma cebola média
Uma folha de louro
Um ramo pequeno de salsa
Uma pitada de cravo moído
Pimenta da costa moída na ocasião
Duzentas gramas de presunto gordo (facultativo)
Duas colheres de sopa de banha de porco
Sete ovos cruz de galinha
Osùn
Azeite-de-dendê
Uma gamela grande e redonda

Preparo:
Cozinhar o feijão em água e sal.
Depois de cozido escorre-se muito bem e deita-se num tacho relativamente grande e põe-se de parte.
Entretanto, coze-se em água e sal a cabeça e o rabinho de porco, depois de muito bem lavados, a galinha e a cabeça de nabo com rama.
O chouriço deve ser cozido à parte para que o caldo não fique com um gosto muito pronunciado a chouriço.
Depois de a carne estar cozida, desossa-se e corta-se em cubos

não muito grandes.
Faz-se um refogado com a banha, a cebola picada, os alhos e o tomate moído.
Depois do refogado pronto junta-se ao feijão, assim como a carne cortada e todos os outros temperos.
Tapa-se o tacho e leva-se a lume brando para apurar (cerca de 10 a 15 minutos).
Não deve ficar com muito caldo, mas, sim, um pouco espesso.

Ritual:

Coloque tudo em uma gamela grande e redonda. Cubra com um pouco de azeite-de-dendê, Osùn, os sete ovos cruz de galinha e o pó de Ìyèròsùn em que você desenhou o odù Ìká Ògúndá. Passe pelo local em que deseja retirar as energias negativas "cruzando" cada canto do ambiente, fazendo seus pedidos à Ìyá Kùn Osùn. Por fim, coloque em uma estrada.

20. Àjé Là Òrun

Principal função: Àjé que possui uma força no mínimo espetacular, para libertar enclausurados, presidiários, ou mesmo, livrar uma pessoa de situações opressoras. Na prática avançada, esta Àjé possibilita descobertas espirituais impares, às quais no mínimo, modificam uma pessoa para sempre. Espírito da liberdade em forma de asas, Là òrun, foi uma das melhores experiências que tive na magia prática com Ìyámi, e o sopro de vida que ela medeu, me modificou para sempre. O único fator que poderíamos chamar de negativo em Là òrun, é que nem sempre a nossa liberdade é a liberdade dos outros, mas através do merecimento de quem a cultuar, isto não vai ser problema, pois às vezes "a nossa solução se torna o

problema dos outros", mas afinal de contas: - Quem disse que a vida é fácil?
Odù Ritual : Èjìogbè Ògúndá
Finalidade: Livrar uma pessoa que está presa.
Pré – Ritual: Desenhar o Odù de Ifá Èjìogbè Ògúndá sobre Ìyèròsùn e fazer seus pedidos.

Materiais:

Um kg de lombo de porco (ou de uma leitoa que tenha sido sacrificada para Ìyámi).
Duas folhas de peregun
Sal grosso
Pimenta dedo-de-moça
Duas colheres de sopa banha de órí : Butyrospermum Paradoxum subsp. Parkii, Sapotaceae (limo-da-costa)
mistura de especiarias (salsa,açafrão,cominho e hortelã)
Um litro de leite de cabra
Quatro obis ralados
Seis orógbós
Três cebolas roxas
Nove tomates grandes e vermelhos

Preparo:
Asse o lombo de porco, prendendo ao mesmo tempo as folhas de peregun picadas.
Tempere com sal grosso e pimenta dedo-de-moça.
Derreta a banha de òrí, aqueça-a bem espalhe sobre o lombo de todos os lados.
Tempere com uma pitada das especiarias (salsa, açafrão, cominho e hortelã) e cubra com o leite de cabra.
Junte os obis ralados, os seis orógbós e as cebolas roxas

cortadas em rodelas.
Deixe cozinhar durante 1 hora sobre fogo brando, com o tacho de cobre destapado.
O leite deve apenas borbulhar.
Retire as folhas do peregun e corte o lombo em fatias.
Coloque-as sobre postas em uma gamela grande e redonda.
Contorne a carne com nove tomates grandes e vermelhos.

Ritual: Coloque esta oferenda sobre o teto da casa da pessoa, ou então, no alto de árvore em uma praça de bastante movimento.

Melhor horário: de madrugada.

21. Àjé Okuta inón

Principal função: Àjé proprietária do calor, Okuta inón é tradicionalmente temida, particularmente quando evocada ao meio-dia. No entanto, quando evocada a noite através dos ritos apropriados, todo seu lado bélico como que é aliviado. Uma das utilizações ritualísticas mais importantes de Okuta inón, é a capacidade que ela tem de afastar Ikú (o Òrìsà da Morte) e seus "Ẹ̀ní Iyà" – veja capítulo sobre: *a árvore arère (a árvore da destruição).*
Odù Ritual : Èjìogbè Méjì.
Finalidade: Afastar a energia da Morte de alguém ou de um ambiente.
Pré – Ritual: Desenhar o Odú de Ifá Èjìogbè Méjì sobre Ìyèròsùn e fazer seus pedidos.

Materiais:

Duas colheres de sopa rasa de açúcar mascavo

Três ovos de Pata
Duas colheres de farinha de feijão fradinho
½ xícara de chá de folhas de amendoeira e mamona vermelha
Duas colheres de sopa de gim
Orì (limo-da-costa)
Uma placa de amianto

Preparo:
Bata o açúcar mascavo com os ovos de pata até obter uma gemada. Misture a farinha de feijão fradinho, sem bater. Acrescente o chá de folhas de amendoeira e mamona vermelha sem bater. Coloque na frigideira quente e já untada com a banha de orì, fazendo toda a operação com o fogo baixo e sobre uma placa de amianto para que a omelete não queime. Vire a omelete e deixe dourar do outro lado. Retire do fogo e passe para um prato de barro. Dobre ao meio e flambe com o Gim.
Para flambar ,coloque o gim numa concha sobre o fogo esquentando bem até fazer chama: Jogue sobre a omelete, deixe flambar e cubra com uma tampa para que a chama se apague.

Ritual:
Depois de tudo pronto, jogue sobre a "omelete" feita o pó de Ìyèròsùn em que foi riscado o odù de Ifá Èjìogbè Méjì. Faça seus pedidos para que a energia negativa da morte se afaste. Seja para curar uma pessoa ou purificar um ambiente, passe esta oferenda ao redor da pessoa ou no ambiente indicado e depois coloque em uma encruzilhada de terra com sete pedras em brasa para Ìyámì Okuta inón.

22. Àjé Ológoṣé

Principal função: Mestra no "disfarce", pode esta Àjé ocultar de qualquer pessoa ou oráculo, quaisquer feitiços que venhamos fazer. E também, sempre que acharmos necessário, elà pode "esconder" nossa energia da sensibilidade ou "visão" de outros feiticeiros. Certamente, um dom muito útil quando precisamos "entrar em território inimigo", sem sermos notados.
Odù Ritual : Òṣé Òtúrá
Finalidade: Para que ninguém descubra o que você fez. (Não importando se é magia ou qualquer outro ato).

Materiais

Uma casca grande de ipuerê (igbín - caracol)
Duzentas gramas de mariscos, lavados e escovados
Uma cebola pequena, ralada
Duas colheres de sopa de banha de òrì
Duas xícaras de chá de cogumelos "orelha de pau"
Duas colheres de sopa de farinha de inhame-da-costa
½ xícara de leite de cabra
Sal marinho
Cominho

Preparo e Ritual:
Abra os Mariscos no fogo, retire-os das conchas e coe o líquido em um pano fino. Separe. Leve ao fogo a cebola com a banha de Orì, sem deixar tomar cor. Junte os cogumelos, deixe enxugar em fogo brando, polvilhe a farinha de inhame-da-costa, ligue com o caldo dos mariscos e o leite de cabra, mexendo até obter um creme espesso. Acrescente o Sal marinho e o cominho. Coloque dentro da concha do Ìgbín até

ela ficar cheia. O que sobrar coloque dentro das conchas dos próprios mariscos.
Depois de tudo pronto, coloque a concha do Ìgbín e as outras cascas dos mariscos viradas com a abertura para baixo, dentro de uma moringa de barro grande. E entregue na beira do mar para Ológoṣé.

23. Àjé Alàifó

Principal função: Bela e sinistra Àjé, que quando evocada em seu aspecto positivo, pode nos auxiliar a realizar todo e qualquer tipo de magia, ou de ações profanas em que queiramos chegar ao limite da perfeição. Entretanto quando em aspecto negativo, ela certamente destruirá aquilo que de melhor sua vítima tem. Seja um talento, uma proteção, etc.

Odù Ritual : Òtúrúpòn Ìká
Finalidade: Quebrar as forças espirituais de uma pessoa.

Materiais

Esta receita é a forma original de como se faz o famoso "acarajé" que traduzido, significa "Bolinho da Bruxa".
Três xícaras de chá de inhame-da-costa cozidos e reduzidos a purê
Uma colher de chá rasa de sal marinho
½ colher de café de pimenta do reino branca
Duas colheres de sopa de mussarela de búfala ralada
Duas gemas de ovos de galinha caipira
Farinha de feijão-fradinho suficiente para passar os bolinhos

Óleo de copaíba

Preparo e Ritual:
Junte todos os ingrèdientes, amasse e faça bolinhas do tamanho de uma noz pequena.
Passe pela farinha e frite poucas por vez e rapidamente, em óleo de dendê bem quente misturado ao óleo de copaíba, até que dourem. Escorra em papel absorvente. Escreva o nome da pessoa em pedaços de papel carbono e coloque dentro dos bolinhos. Enterre nas raízes de uma árvore bem seca declarando seus pedidos a Alàìfộ.

24. Àjẹ Òròkí

Principal função: Controla os feitiços que causam os males dos ossos nos seres vivos, através de magias feitas com sangue e líquidos sexuais.
Odù Ritual : Òsá Ìrètẹ̀
Finalidade: Fazer com uma pessoa sofra continuamente de uma grande dor nos ossos.
Pré – Ritual: Desenhe o Odù de Ifá Òsá Ìrètẹ̀ sobre Ìyèròsùn em uma travessa de cobre voltado para a direção norte e declare em voz alta os motivos que o levaram a fazer este ritual.

Materiais

Fezes de porco
Um pouco de sangue de burro preto
Argila preta
Um pedaço grande de chumbo
Ossos de defunto moídos
Um morcego vivo

Cominho em pó
Folhas de arruda
Folhas de dormideira negra
Folhas de Irôko
Cascas de pepino
Folhas e cascas de salgueiro
Folhas de tabaco
Ìyèròsùn
Efun

Preparo e Ritual:

Coloque as folhas de Irôko, dormideira negra, arruda, salgueiro, tabaco, o cominho em pó e as cascas de pepino em uma garrafa de casco escuro em álcool bem tampada e deixe curtir por vinte e oito dias. No vigésimo nono dia, misture a argila preta com as fezes de porco, efun e ìyèròsùn no qual você desenhou o Odù de Ifá Òsá Ìrètẹ̀. Acrescente na argila o sumo obtido da infusão de vinte e oito dias com o osso de defunto moído e modele esta argila em formato de um ser humano. Batize esta escultura com o nome de seu inimigo. Leve esta escultura para um cemitério e chegando lá cave um buraco e coloque esta escultura dentro. Sacrifique o morcego por sobre a escultura dentro do buraco e tampe, declarando seus desejos para àjẹ Òròkí e Ìyá Òsòròngá. Vá embora gargalhando bem alto e procure esquecer o que fez tentando se divertir (por exemplo, indo ao cinema ou qualquer outra coisa).

25. Àjẹ Kolì

Principal função:
Controla as magias e são utilizados materiais que refletem a

imagem, sejam espelhos ou recipientes com água. Principalmente, aqueles feitiços que são realizados sobre as águas de uma lagoa, para abrir "portais" nos quais podemos não apenas ver os mortos e os vivos, como também, acessa-los com encantamentos . Particular é o rito em que as Àjé se reúnem para "beber o sangue" de suas vítimas na floresta (para aquele que vê, acha que é apenas uma cabaça com água aonde se reflete a lua), mas na prática, o resultado é bem diferente –

Materiais

Uma gamela redonda bem grande
"Água de sete procedências", a saber: um pouco de água de rio, mar, lagoa, chuva, orvalho, mina e poço.
Trezentas gramas de anis estrelado.
Ewé Ṣégun ṣétè (Muitas folhas de Portulaca Oleracea, portulacaceae – Beldroega-pequena)
Ègún tètè elégún (Espinhos de Amaranthus Spinosus, Amaranthaceae - bredo-de-espinho)
Ewé Ojú òró (Folha de Pistia Stratiotes, Araceae - Flor-d'água).
Ewé Òṣíbàtà (Folha de Nymphaea Lótus, Nympheaceae – lótus).
Eyín Àgbèdẹ (Gossipium Barbadense, Malvaxeae – algodoeiro).
Ewé Wòrònọbà (folha de Ocimum Gratissimum, Labiatae – alfavaca).
Ewé Ojúùsájú (folha dee Petiveria Alliaceae, Phytolacaceae – erva-alho).
Um pouco de açúcar mascavo
Sete orógbós ralados

Preparo:
Preparar tudo como uma sopa grossa e colocar na gamela.

Ritual:
Oferecer para a Àjé Kolì na beira de uma lagoa à noite, colocar sete pequenas gotas de seu sangue extraído do dedo indicador da mão esquerda na hora em que oferecer. Nesta noite você sonhará com a Àjé que será sua "intermediária" entre os mundos "dos vivos e dos mortos". Não esquecer de anotar todas as informações que forem dadas durante o sonho.

26. Àjé Ògbojà

Principal função:
Entre muitas outras coisas, controla as magias que podem causar ou destruir, os estados de felicidade e êxtase amoroso.
Odù Ritual : Ìrosùn Òṣé
Finalidade: Destruir um relacionamento.

Materiais

Seis ovos de galinha caipira cozidos
Uma xícara de chá de miolo de pão já embebido em leite de cabra, espremido e desfeito
Seis filés de carne das costas de preás que tenham sidosacrificadas para Èṣù
Uma colher de sopa de salsinha picada
Sal marinho
Pimenta da costa
Dois filés de Anchova cortados em tiras para decorar
Uma colher de sopa de limo-da-costa (banha de òrì)
Mel de flores

Pimenta do reino em pó
Cominho em pó
Canela em pó

Preparo e Ritual:
Corte os ovos no comprimento, retire as gemas e amasse com o pão, os filés de carne das costas dos preás, salsa, sal e pimenta-da-costa. Divida entre as metades das claras, montando bem alto, como uma pirâmide. Decore com as tiras de anchova, regue com o limo-da-costa derretido e leve ao forno por cerca de dez minutos. Depois de pronto regue tudo com bastante Mel de Flores. Espalhe por cima de tudo os pós da pimenta-do-reino, cominho e canela em que você desenhou a marca do odù Ìrosùn Òsé em uma travessa de madeira. Coloque tudo em lugar com bastante lixo (de preferência hospitalar) e ofereça a Èsù, Àjé Ogbojà e Ìyàmi.

27. Àjé Ogbómònsó

Principal função:
Cabe a esta Àjé o controle do poder da magia, em situações em que mais de duas pessoas estejam envolvidas. Pode ser uma protetora de uma comunidade de praticantes de feitiços. Sua origem está ligada a região de Ìjèbu (Nigéria).
Odù Ritual : Ogùndá Òyèkú
Finalidade: Proteger um local de magias negativas.

Materiais:

Um anel de ouro
Um pedaço pequeno de ferro
Um pedaço pequeno de cobre
Um chifre de búfalo grande

Pedaço de couro de cobra
Pena de coruja
Ìyèròsùn
Banha de orì
Um ovo de cágado
Peixe pequeno defumado
Sabão da costa

Preparo:

Quebre e frite o ovo de cágado em uma frigideira na banha de orì. Rale por cima o peixe defumado. Misture bem. Coloque dentro do chifre de búfalo com todos materiais citados acima. Depois encha todo o recipiente com sabão da costa derretido até a boca.

Ritual:
Pendure este chifre de búfalo em uma árvore frondosa dentro de sua casa e ofereça-o a Ogbómònsó e Ìyàmi, pedindo proteção contra todos tipos de mal. Desenhe o Odù em Ìyèròsùn e coloque-o sobre o chifre. Sopre na entrada de sua casa, do lado de dentro para fora repetindo seus desejos de proteção.

28. Àjé Omon-iyá pupa

Principal função: Cabe a esta Àjé o conhecimento de todas as magias relacionadas aos abortos. Sua força tanto pode ser usada para causar, como para evitar.
Odù Ritual : Ìretè Òsá
Finalidade: Evitar aborto.

Materiais:

Sete ovos de pata
Nove folhas de mamona vermelha
Nove folhas de amendoeira
Bastante efun ralado
½ litro de água de chuva ou de cachoeira

Ritual:
Ir à noite para uma praça em que normalmente crianças fiquem brincando durante o dia.
Primeiramente se deve molhar os pés da mulher conjuntamente com a terra.
Passar os ovos de pata na pessoa da cabeça aos pés. O primeiro você deve quebrar em frente ao pé esquerdo da pessoa, os outros não se deve quebrar.
Passar as folhas de mamona vermelha e de amendoeira e espalhar em volta dos ovos.
Jogar bastante efun ralado por cima de tudo, pedindo a Ìyàmi Òsòròngá e Omọ́n-iyá pupa a realização de seu intento. Se houver algum sangramento, certamente ele estancará no mesmo momento.

29. Àjẹ́ Àṣá Alâìjagun

Principal função: Àjẹ́ da vingança, que quando evocada destrói cruelmente todas os indivíduos que causaram mal às pessoas inocentes, particularmente às crianças e as mães solteiras ou viúvas.
Odù Ritual : Èjiogbè Méji
Finalidade: Para que uma vingança funcione.

Materiais:

Cinquenta pedaços de ferro bem enferrujados
Duzentas folhas de menta
Duzentas cebolas roxas
Duzentas folhas de urtiga
Duzentas folhas de arruda
Duzentas pimentas "dedo-de-moça"
Pimenta do reino em pó
Cinco pedaços grandes de cobre
Cinco pedras grandes de carvão mineral
Carvão vegetal
Um galo de briga vermelho
Ìyèròsùn

Preparo e Ritual:
Vá até um lugar ao ar livre e que seja bem deserto, isso ao meio-dia de uma manhã com bastante calor. Desenhe o signo de Ifá Èjiogbè Méji sobre Ìyèròsùn em uma travessa de ferro voltado para a direção leste e declare em voz alta os motivos que o levaram a fazer este ritual. Em frente a travessa de ferro com Ìyèròsùn, acenda com o carvão vegetal uma fogueira e coloque as cinco pedras de carvão mineral por cima e espere até que elas estejam bem vermelhas. Durante todo o ritual (do início ao fim) fale em voz alta com Ìyàmi Òsòròngá e com a Àjẹ́ Àṣá os motivos que o levaram a fazer este ritual e o que você deseja que aconteça com seu inimigo. Coloque todos os materiais citados acima por sobre a fogueira e acrescente o nome de seu inimigo escrito em papel carbono cinco vezes. Quando os pedaços de ferro estiverem bem vermelhos, sacrifique o galo vermelho por sobre as peças e evoque o poder da Àjẹ́ Àṣá Alâìjagun espalhando por sobre o fogo o Ìyèròsùn em que você riscou o símbolo de Èjiogbè Méji.

Continue por quanto tempo quizer verbalizando suas maldições de vingança e ódio. Quando for embora, não olhe para trás e sigua confiante na vitória.

30. Àjé Ìbíyemí (Àjé extremamente ligada a Ìyá G'balè mais conhecida como *"Oya Bale"*)

Principal função: (Àjé do 24° dia do mês lunar) Atua dentro das leis da vida e da morte em nosso mundo material e astral.
Odù Ritual : Ìwòri Òdí
Finalidade: Expulsar um fantasma "Egúngún Aparaká".

Materiais:

Quatro ovos de galinha caipira
Farinha de mandioca
Um Ìgbín (caracol)
Uma pomba juriti
Um litro de água de poço ou de mina
Quatro ovos de galinha caipira
Farinha de mandioca
Um Ìgbín (caracol)
Uma pomba juriti
Um litro de água de poço ou de mina
Um Òrógbó

Ritual:
Em cada uma das partes de uma cabaça cortada longitudinalmente. Coloque um dos pedaços pequenos de ferro, cobre e chumbo. Em cada uma coloque em volta enfeitando cinco folhas de mamona vermelha. Coloque em cada parte da cabaça um pouco da água de poço, com dois ovos de galinha caipira em cada parte e acrescente um pouco

da farinha de mandioca (deixe ficar bem líquido). Sacrifique o Ìgbín em uma parte e a pomba juriti em outra. Na parte em que foi oferecido o sangue branco do Ìgbín, coloque o obì branco aberto e na parte em que foi oferecida a pomba juriti, coloque o orógbó descascado e cortado em vários pedaços pequenos. Desenhe o odù de Ifá Ìwòri-Òdí em osun e efun ralados e misturados, divida este pó imantado pelo Odù sobre as duas partes da cabaça e passe pelo local ou pela pessoa, pedindo à Ìyàmì e a Àjé Ìbíyemí que expulsem o fantasma do local ou da vida de uma pessoa. Despache esta oferenda em um local de mato fechado.

31. Àjé Adépéjú

Principal função: Auxilia as pessoas que pretendem estabelecer seu poder sobre comunidades. Protetora das pessoas de sangue nobre quando em momentos de guerra. Pode tanto destruir como realizar intrigas e conflitos, que envolvam o poder político. Pode conceder o dom da clarividência.
Odù Ritual : Òdí Òtúrá
Finalidade: Causar a queda de uma pessoa influente.

Materiais

Um sapo torrado
Ìyèròsùn
Ewé èsisì pupa : folha de Laportea Aestuans, Urticaceae (cansanção)
Ewé Ìrèké : folha de Cana-de-açúcar
Ewé ògùn bèrèkè : folha de Delonix Regia, Leguminosae Caesalpinioideae (flamboyant)

Osùn (Pterocarpus Erinaceous - madeira vermelha africana).

Preparo:
Desenhe o odù de Ifá Òdí Òtúrá em Iyèròsùn e misture-o a todo o material restante, torrado e transformado em pó.

Ritual:
Jogue sobre o rastro da pessoa, fazendo seus pedidos à Iyàmi e Àjé Adépéjú.

32. Àjé Àgùnfon

Principal função: (Àjé do 2º dia do mês lunar) esta Àjé controla o período de 9 meses da gestação humana e influencia no poder mágico da menstruação em relação à força da lua.
Odù Ritual : Òbàrà Òtúurúpòn
Finalidade: Acalmar Iyàmi e Èsù, para que todas coisas pretendidas tenham pleno êxito.

Materiais(1):

½ litro de leite de cabra
Carne de dezesseis igbín (caracóis), - cozinhe-os vivos e depois com um garfo retire-os das cascas. Estas cascas que sobraram deixe aos "pés" do assentamento de Iyàmi ou de Èsù, depois do ritual ter sido feito.
½ xícara de chá de gim para flambar

Materiais (2):

Uma cenoura pequena
Um alho-porró (só a parte branca)
Um talo de salsão-branco, limpo e sem fios
Uma cebola branca
Òsun
Duas colheres de sopa de farinha de feijão fradinho
½ xícara de chá de leite de cabra
½ xícara de chá de banha de orí
½ colher de sal marinho
Uma pitada de pimenta-da-costa
Ewé Ojúsàjú – (Petiveria Alliáceae) – Phitolacaceae – Guiné

Preparo dos Materiais (1 – os caracóis):
Desenhe o odù de Ifá Òbàrà Òtúurúpòn em Iyèròsùn e proclame suas intenções para o ritual. Numa panela, leve ao leite de cabra a aquecer e nele cozinhe a carne dos igbín (caracóis), por uns 5 minutos. Escorra e descarte o leite. Corte a carne dos igbín em vários pedaços de 3 cm aproximadamente. Reserve um lugar quente em uma estufa.

Preparo dos materiais (2 – o molho):

Pique os legumes (a cenoura, o alho, o salsão e a cebola) com as folhas de Ewé Ojúsàjú (guiné). Coloque numa panela metade da banha de orí e refogue os legumes com a guiné até que fiquem "dourados". Cubra com água e cozinhe em panela tampada, em fogo baixo durante 1 hora. À parte, em uma panela, aqueça o restante da banha de orí e junte em fogo lento a farinha de feijão fradinho, mexendo. Reserve uma

colher de café de farinha para a etapa posterior. Vá mexendo com a colher de pau até dourar bem. Desligue o fogo e, mexendo, acrescente o leite aos poucos e depois o refogado de legumes. Leve de volta ao fogo e, mexendo sempre, deixe reduzir uns 10 minutos. Dissolva a colher de café de farinha reservada anteriormente em banha de orì com òsun, acrescente ao molho. Junte o sal marinho e a pimenta-da-costa e deixe reduzir um pouco, sempre mexendo.

Ritual:
Coloque em uma panela de barro os pedaços de carne de Ìgbín e leve ao fogo. Flambe com o gim. Junte o molho à carne de Ìgbín e deixe no fogo mais uns 3 minutos para que o molho se incorpore um pouco aos caracóis.
Depois de pronta esta oferenda, coloque-a em uma panela de barro e jogue por cima, o pó do Odù de Ifá, aonde você imantou os seus desejos.
Entregue próximo a um bambuzal para Èsù, Ìyàmì e Àjé Àgùnfon, nos "caminhos" do odù Ọ̀bàrà Ọ̀túurúpòn, para que todas coisas pretendidas tenham pleno êxito.

33. Àjé Olúbíìyìí

Principal função: Àjé que pode se tornar uma "conselheira" de um feiticeiro ou de uma feiticeira. Através de uma "voz interna", ou intuição em forma de inspiração. Pode Olúbíìyìí ensinar e orientar qual o melhor feitiço a ser feito para determinada situação ou necessidade, ou mesmo, toda uma ação estratégica "de guerra" em magia, na qual o feiticeiro queira atingir um objetivo específico.
Odù Ritual : Ìrẹtẹ̀ Ìrosùn
Finalidade: Fazer com Olúbíìyìí lhe traga intuições

(informações e avisos sobre todas as coisas de seu interesse).

Materiais:

Um kg de cação
¼ de colher de chá de sal marinho (exceto para os filhos/as de Òṣàálá)
Pimenta-da-costa
½ kg de camarões frescos de tamanho médio temperados com ¼ de colher de chá de sal (sem sal para os filhos/as de Òṣàálá)
Quatro orógbós grandes cortados em rodelas
½ kg tomates verdes cortados em rodelas
Duas cebolas de tamanho médio, cortadas em rodelas
Duas colheres de sopa de coentro picado
Duas colheres de sopa de salsa picada
Duas colheres de sopa de cebolinha picada
½ xícara de chá de azeite de oliva
Metade de um vidro pequeno de leite de coco
Duas colheres de sopa de azeite-de-dendê (exceto para os filhos/as de Òṣàálá)
½ kg de anis-estrelado
Oito acaçás
Ewé Ogbó – (Parquetina Nigrescens) – Asclepiadaceae – folhas de orelha de macaco
Uma gamela

Preparo:
Desenhe o odù de Ifá Ìrẹtẹ̀ Ìrosùn em Ìyẹ̀rosùn e faça seus pedidos. Corte o peixe em postas grossas e tempere com sal e pimenta-da-costa. Deixe descansar por 1 hora. Também tempere e reserve os camarões. Numa tijela, misture os òrógbó com os tomates e as cebolas. Acrescente o coentro, a salsa, a

ebolinha e a pimenta-da-costa. Misture bem como se estivesse fazendo uma salada. Coloque uma camada desta mistura no fundo de uma panela de barro, de diâmetro grande para que não se acumulem muiats camadas. Coloque então uma camada de peixe e camarões e outra da salada. Assim sucessivamente. Termine com os vegetais. Regue com o azeite de oliva e leve ao fogo lento por 30 minutos. Desligue o fogo, acrescente o ½ kg de anis estrelado moído com as folhas de ogbó picadas, mexa com uma colher de pau, tampe bem a panela de barro e deixe descansar por umas 2 horas. Volte a panela de barro ao fogo e, quando ferver, adicone o leite de coco e o dendê. Deixe no fogo por mais 15 minutos. Verifique se o peixe está no ponto e sirva com oito acaçás, jogando o pó do Odù Ìrẹtẹ̀ Ìrosùn por sobre a oferenda fazendo todos os seus pedidos.

Ritual:
Esta oferenda deve ser feita a Àjẹ́ Olúbíiyìí e simultaneamente a seu Orí (de preferência no ritual do ẹborí – oferendas de comida ao fortalecimento da cabeça física e espiritual dos praticantes da magia das nações africanas no Brasil).

34. Àjẹ́ Morẹ́nikẹ́

Principal função: Pode causar ou evitar, a obsessão mental e outros males psíquicos afins, tais como a mania de perseguição, a hipersensibilidade do sistema nervoso, etc.
Odù Ritual : Òfún Ìká
Finalidade: Afastar perseguições.

Materiais

vinte camarões grandes, limpos, com as cascas
uma colher de chá de sal marinho
uma colher de café de pimenta-da-costa
uma xícara de chá de azeite-de-dendê
seis obís picados em pedaços bem pequenos
uma colher de sopa de salsa picada
uma panela de ferro de 25 cm de diâmetro
Ewe Tannáposò – (Mirabilis Jalapa) – Nyctaginanneae – Maravilha

Preparo:
Desenhe o odù de Ifá Òfún Ìká em Ìyẹ̀rosùn e faça seus pedidos. Tempere os camarões com o sal e a pimenta e deixe descansar 1 hora. Na panela leve o dendê a aquecer bem e frite os camarões com os pedaços de obí. Quando o obí dourar, retire-os e reserve. Frite então os camarões em etapas. Deixe o azeite ficar bem quente e coloque quatro camarões. Frite durante 4 minutos e retire. Ferva de novo o azeite e repita a operação até fritar todos os camarões. Disponha os camarões em um prato de barro por sobre as folhas de Tannáposò (maravilha) e reserve na estufa. Volte os obís para o azeite e esquente bem. Espalhe este azeite sobre os camarões e enfeite com a salsa picada. Jogue por cima o pó do Odù Òfún Ìká e fale seus pedidos.

Ritual:
Coloque esta oferenda para Àjẹ́ Morẹ́nikẹ́ no alto de uma árvore bem frondosa (de preferência à noite). Se quizer pode escrever os nomes das pessoas que lhe perseguem em um papel carbono e colocar por sobre a oferenda, mas antes de "cobrir" com o pó do Odù.

35. Àjé Òké

Principal função: É a Àjé que força o destino das pessoas para que elas venham a se tornar feiticeiras/os. Normalmente atraindo para o caminho destas pessoas, indivíduos da pior espécie que lhes causam grandes males e decepções. Tornando assim, o corpo emocional do "candidato inconsciente" a bruxo, um campo fértil de poderes violentos a serem despertados no seu inconsciente mais instintivo (Mente Ofidiana).

Odù Ritual : Òsé Òsá
Finalidade: Causar de forma muito violenta e contínua, o desequilíbrio emocional em uma pessoa.

Materiais

½ kg de polvo limpo
¼ de xícara de chá óleo de copaíba
¼ de xícara de chá de óleo de ricino
Duas cebolas roxas bem picadas
Quatro caroços de jaca
Aveia
Um pedaço pequeno de prata
Um pedaço pequeno de chumbo
Um pedaço pequeno de ferro
Aproximadamente 200 gramas de fezes de porco
Uma folha de Irókò
Dez folhas de cansanção
Uma xícara de chá de vinho de palma (Emu ou vinho branco seco)
Uma colher de chá de sal
Um moinho de pimenta-do-reino preta
Uma panela de barro com 20 cm de diâmetro

Um pombo preto
Ewe Agogô Ògún – (Heliotropium Indicum) – Boraginaceae – crista de galo

Preparo:
Desenhe o odù de Ifá Òsé Òsá em Iyèròsùn e faça seus pedidos.
Lave bem o polvo, deixando de molho em água fria por 15 minutos, para soltar toda areia que fica nas ventosas. Corte em bocados. Na panela aqueça o óleo de copaíba e o óleo de rícino e doure as cebolas e os caroços de jaca bem picados, ligeiramente, sem deixar escurecer muito. Junte os metais e as folhas de cansanção, Irókò, crista de galo e ½ xícara de chá de vinho de palma (ou vinho branco seco) e deixe cozinhar em fogo brando, numa panela tampada por aproximadamente 20 minutos. Junte o polvo e o restante do vinho e deixe cozinhar em fogo brando, na panela tampada por aproximadamente 30 minutos, até o polvo ficar macio. Junte o sal e deixe o molho apurar, em panela destampada, uns 10 minutos. Misture a aveia e as fezes de porco até que se dissolvam plenamente.

Ritual:
Quando estiver ainda bem quente, sacrifique o pombo preto e coloque-o inteiro com seu sangue dentro da oferenda sobre o nome da pessoa escrito em um pedaço de barro seco. Jogue o pó de odù por cima e proclame suas intenções. Despache na primeira ou segunda noite da lua nova, na encruzilhada de quatro direções dentro de um cemitério bem pobre. Ofereça a Iyàmi e a Àjé Òké, repetindo mais uma vez suas intenções. O Sentimento na hora de fazer um ritual como este, é muito importante, nunca se deve "brincar de brigar".

36. Àjẹ́ Ìyàápò

Principal função: Controla os humores sexuais femininos. Desde a ninfomania a frigidez.
Odù Ritual : Òkànràn Méjì
Finalidade: Despertar desejo sexual em uma pessoa.

Materiais:

½ kg de fígado
Chá bem forte de canela
Uma colher pequena de sal marinho
Uma colher pequena de pimenta-da-costa
Duas colheres das de sopa (rasas) de banha de orí
Um obí
Um orògbó

Para o molho:
Uma colher das de sopa de banha de orí
Uma colher das de sopa de salsa picadinha
Três tomates sem pelé e sem sementes
Uma colher das de sopa de farinha de feijão fradinho
Dois cálices de vinho tinto suave
½ xícara de água de mina
Duzentas gramas de cereja

Preparo:
Desenhe o odù de Ifá Òkànràn Méjì em Ìyèròsùn. Retire as peles e as membranas do fígado e corte-o em pedacinhos. Ponha-os numa tigela e tempere com o chá forte de canela, sal e pimenta-da-costa. Deixe neste tempero por aproximadamente 15 minutos.

Ponha a banha de orí numa frigideira, leve ao fogo e frite o fígado bem escorrido dos temperos – até corar. O fogo deve ser forte, para que corem rapidamente.

Prepare o molho: derreta a banha de orí, junte os tomates picados, a salsa e a farinha de feijão fradinho já desmanchada num pouco de água de mina. Cozinhe em fogo baixo sempre mexendo com uma colher de pau.
Acrescente o vinho tinto suave e dê uma fervura com o obí cortado em pequenos pedaços e o òrògbó ralado. Depois de pronto coloque em uma gamela com o nome da pessoa escrito em um papel carbono e jogue o Ìyèròsùn do odù Òkànràn Méjì por cima, fazendo seus pedidos a Àjẹ́ Ìyàápò.

Ritual:
Separe um pouco desta oferenda e a ofereça para Èsù e Ìyàápò em uma encruzilhada de terra de preferência de três caminhos.

37. Àjẹ́ Ọlábísí

Principal função:
Pode revelar aqueles que a evoquem, os mais secretos métodos de magia relacionados ao desenvolvimento de poderes na feitiçaria. Particularmente aqueles que lhe trarão todo tipo de fortuna material, e óbvio, ela também pode lhe informar o conhecimento contrário disto, para que você se utilize como desejar.
Odù Ritual : Òtúrá Ọ̀bàrà
Finalidade: Trazer Fortuna.

fogo e quando estiver bem quente, junte as batatas.
Espalhe por cima um pouco do açúcar mascavo, misture frequentemente e quando as batatas estivem bem coradas, junte o vinho, a pedra de carvão vegetal, as folhas de cabaceira em partes iguais e cozinhe mais alguns minutos.

Ritual:
Coloque esta oferenda em uma gamela e passe ao redor da pessoa, passe os ovos e coloque-os dentro. Assim também passe o couro de cobra e o ighin "puxando-o" sobre a oferenda. Jogue o pó do Odù sobre a oferenda, deixando um pouco para misturar ao sabão-da-costa para que a pessoa se lave após o ritual. Faça este ritual de preferência na beira de uma cachoeira, oferecendo neste mesmo local a Àjé Elerè.

39. Àjé Ìyálóòde

Principal função: Àjé que traz em seu nome, a palavra de comando e liderança entre as mulheres na sociedade Yorùbá. Esta palavra: Ìyálóòde, sempre foi muito mais do que somente um título social. É a chave de invocação (chamado interno e pessoal) de poder magístico feminino de Ìyámi em uma mulher encarnada. E este podor sempre veio através desta Àjé. Portanto toda mulher que possui este título, mas não còhece os rituais desta Àjé e de Ìyámi, não é "uma" Ìyálóòde Plena,porque não está ligada "A" Ìyálóòde Real. – Àjé de liderança
e comando na magia feminina, realizada através de uma organização sócio-sacerdotal, o que na prática, quase nunca é necessário hoje em dia!
Odù Ritual : Òsá Òtúurúpòn
Finalidade: Fazer com uma mulher se torne uma líder em qualquer situação.

Materiais:

Ewé Egéle – (Euphorbia Convolvuloides) – Euphorbiaceae – Erva Andorinha , também chamada de lentilha d'água
Um anel de prata, na medida do dedo indicador da mão esquerda da pessoa
Uma cebola picada
Três colheres das de sopa de "óleo-de-baleia"
Caldo de goiaba
Um kg e meio de quiabo
Uma xícara de castanhas de caju e moída
Uma xícara de amendoim torrado e moído
duzentos e cinquenta gramas de camarão seco
Sete pimentas "dedo-de-moça" cortadas em rodelas
Três colheres das de sopa de salsa picada
Três colheres das de sopa de sálvia picada
Três colheres das de sopa de aveia
Três colheres das de sopa de canela em pó
Uma xícara de azeite-de-dendê

Preparo:
Desenhe o odù de Ifá Òsá Òtúurúpòn em Ìyèrosùn. Refogue a cebola no azeite-de-dendê, junte os quiabos cortados em pedacinhos, regue com o caldo de goiaba, o óleo de baleia e refogue alguns minutos.
Acrescente as castanhs de caju, o amendoim, a sálvia, canela em pó, aveia e os camarões secos (limpos e picados)
Adicione água quente, misture e cozinhe por cerca de 10 minutos, sempre mexendo. Quase na hora de tirar, misture a salsa picada, a erva andorinha e mais dendê. Esquente bem e coloque em uma panela de barro.

Ritual:

Antes de oferecer coloque o anel de prata por sobre a oferenda e jogue o pó do Odù de forma que passe pela cabeça da pessoa e só aí então caia sobre a oferenda. Deixe por vinte e quatro horas sobre os galhos amis altos da Árvore Àsurin. Após este tempo, enterre por entre as raízes, tire o anel e dê para que a pessoa use. Durante todo este ritual a pessoa deve falar firmemente seu pedido a Ìyàmì e a Àjẹ́ Ìyálóòde.

40. Àjẹ́ Oyèédùnólá

Principal função: Esta Àjẹ́ controla a fecundidade e qualidade da vida nos frutos. Pode tornar toda uma plantação estéril ou produtiva, conforme deseje. Senhora da magia que se baseia na utilização das frutas (as quais são originariamente, símbolos de riqueza, abundância e prosperidade), Oyèédùnólá pode ensinar inúmeros ritos em que as frutas são utilizadas tanto para fins positivos como para negativos.
Odù Ritual : Odù Mẹ́rin Òtúrá-Òṣẹ́-Òbàrà-Òfún

Odùs Mẹ́rin são os odùs simbolizados por quatro colunas, no total são em número de 65.536 odùs, e são os melhores para rituais que envolvam resultados puramente materiais. O Odù citado acima, é o melhor Odù Mẹ́rin para a finalidade de riqueza e Prosperidade material.

Finalidade: Plantar uma árvore de "riqueza e dinheiro".

Materiais

Ewé Ayé – (Morus Mesozigia) – Moraceae – amoreira
sete mangas rosa (cortadas em vários pedaços pequenos)
sete goiabas (cortadas em vários pedaços pequenos)
sete maracujás (cortados em vários pedaços pequenos)
sete carambolas (cortadas em vários pedaços pequenos)
sete cajás (cortados em vários pedaços pequenos)
sete raízes de açafrão (cortadas em vários pedaços pequenos)
um litro de chá forte da raiz de 7 violetas
um pedaço de melancia (cortada em vários pedaços pequenos)
169 moedas grandes e furadas de forma que seja possível passar por elas uma fina tira de couro.
169 tiras finas de couro
Sálvia
Açafrão em pó
vinte e um obí (cortados em vários pedaços pequenos)
vinte e um orògbó (cortados em vários pedaços pequenos)uma1 pedra grande de carvão mineral
Sal grosso
3.718 Cauris (búzios).
duzentas folhas de baobá

Preparo e ritual:
Desenhe o Odù Mẹ́rin de Ifá Òtúrá-Òṣẹ́-Òbàrà-Òfún em Ìyèròsùn, por sobre esta marca pronuncie dezesseis vezes seu pedido e esfregue-o em todo este material citado acima. Cave um buraco no quintal de sua casa e após separar as 169 moedas grandes e furadas, coloque todo este material no buraco e plante uma árvore de Pau-brasil, oferecendo-a a Ìyàmì com a única finalidade de tornar você em uma pessoa rica.

Das 169 moedas faça uma tira com um pedaço fino de couro e sempre que for regar a árvore, balance esta tira de moedas fazendo seu pedido.

41. Àjé Àãjìnjìn

Principal função: (Àjé do 23º dia do mês lunar) para a pessoa que cultuar e assim obter a confiança de Àãjìnjìn, esta lhe reserva a capacidade de ganhar todos tipos de conflitos e guerras, adquirindo assim um tal poder, que para as pessoas incrédulas, seria impossível em um ser humano comum (mas quem disse que quem lida com magia neste nível, é uma pessoa comum?).
Odù Ritual : Ọ̀bàrà Ìwòrì
Finalidade: Vencer conflitos e guerras.

Materiais

Ewe Efirín Osó – (Ocimum Viride) – Labiateae – alfavaca
Seis claras
Dez colheres (sopa) bem cheias de açúcar mascavo
Duas maçãs bem vermelhas raladas
Uma panela grande de ferro
Uma travessa de barro
Um pedaço pequeno de carvão vegetal
Uma folha de papel branca e lisa

Preparo e Ritual:
Desenhe o Odù de Ifá Ọ̀bàrà Ìwòrì em Ìyẹ̀rọ̀sùn e fale por sobre a marca do odù seus desejos. Faça um chá bem forte das folhas de alfavaca. Bata as claras com o açúcar mascavo até formar um merengue bem forte. Misture as maçãs e deite numa forma de buraco grande. Coloque no forno dentro de

uma panela grande de ferro com a água do chá de folhas de alfavaca (banho-maria) e deixe assim até estar crescido e dourado. Retire, desenforme e aproveite o caldo que se forma no fundo. Coloque tudo em uma travessa de barro e ofereça à Ìyàmi e a Àjé Àãjìnjìn ainda quente, com os nomes das pessoas que você deseja vencer escritos em carvão vegetal por sobre uma folha de papel lisa e branca. Por cima de tudo jogue o pó de Ìyẹ̀rọ̀sùn e entregue em uma encruzilhada de mato, de preferência à noite.

42. Àjé Ògé

Principal função: Controla todos os animais e insetos minúsculos que possuem íntima relação com a terra. Sejam formigas, pequenos ratos, minhocas, etc. Sua característica principal na magia é poder "encaminhar" determinadas energias "via subsolo", para qualquer lugar ou pessoa. Pode estragar as águas de um poço, apodrecer raízes de uma árvore ou mesmo, anular tudo que seja feito abaixo do solo, como plantações e oferendas a terra entre outras coisas. Controla os seres subterrâneos chamados de "Ara-wayé" e temidos até mesmo por alguns Egúgún. É bastante ligada a Ìyá Onilé e a todos os Orixás de uma forma em geral, já que neste culto a Terra e seu interior são de extrema importância nos ritos de sacrifício, em especial.
Odù Ritual : Ọ̀kànràn Òdí
Finalidade: Abençoar um terreno.

Materiais

Ewe Ahonekùndudú – (Acanthis Montaus) – Acanthaceae – Cardo
Mel

Sete obís
Sete orógbós
Òsun
Sete pequenas mudas de guiné
Duas xícaras (chá) de açúcar mascavo
Três xícaras (chá) de farinha de trigo
Uma colher (chá) de bicabornato de sódio
Uma colher (chá) de sal marinho
Uma colher (chá) de canela em pó
Duas xícaras (chá) de abacaxi em calda bem escorrido e picado
Quatro ovos de galinha caipira bem batidos
¼ de xícara (chá) de óleo de dendê
½ de xícara (chá) de banha de òri derretida
Duas xícaras (chá) de orógbós bem picados

Preparo e Ritual:
Desenhe o odù de Ifá Òkànràn Òdí em Ìyèròsùn e fale por sobre a marca do ódù seus desejos. Peneire todos os ingredientes secos para uma tigela. Faça uma cova no centro e junte os restantes, ligando e amassando muito bem até formar uma massa homogênea. Coloque em uma forma de bolo, untada com margarina e forrada com papel também untado. Asse com calor moderado por cerca de uma hora. Enquanto está assando, cave um buraco no terreno, de preferência bem ao centro. Forre todo o buraco com as folhas de cardo e cubra as folhas com bastante mel. Coloque este pão de abacaxi depois de pronto e já frio, dentro do buraco e cubra-o com os sete obís e sete orógbós "abertos". Coloque por cima o Ìyèròsùn e o òsun, e tampe o buraco repetindo por dez vezes seus pedidos à Ìyàmi, Ìyá Onilé e Obalúwaiyé. Marque o local, se possível plantando sete pequenas mudas de folhas de guiné.

43. Àjé Òsoòro —

Principal função: Àjé relacionada aos ritos do "Primeiro Sangue". Ponto importantíssimo no despertar do poder feminino, pois é a partir deste momento em que a mulher passa a ter contato com o "seu" sangue, o qual vai acompanha-la por muitos anos vida a fora. Neste momento, a Àjé pessoal da menina se aproxima pela primeira vez em toda sua potencialidade, e muito do que acontecer neste ponto chave, como a fase da lua, a relação com a mãe e a avó, etc, pode ser fundamental sobre como este poder de Ìyàmi vai atuar em sua vida futura. Na verdade, tende praticamente a determinar sua missão como mulher nesta encarnação. Mas infelizmente, nas culturas Patriarcais (e a Yorùbá é mais uma entre elas), este poder da mulher é considerado maléfico (veja capítulo sobre a caça as bruxas) e assim as meninas de hoje em dia, passam por experiências extremamente negativas como medo, vergonha e insegurança neste momento sagrado, o momento em que se tornam Mulheres para um dia tornarem-se mãe (Lembrem-se que a palavra Ìyámi, significa: "Minha Mãe"). Assim esta Àjé, lembra as mulheres sobre a importância de sua primeira menstruação e de seu imenso poder, como encruzilhada em que se definiu sua condição feminina e seu próprio poder pessoal de Àjé Viva!.

44. Àjé Alágbàjá (nome de um cinto que as mulheres Yorùbá amarram na cintura)

Principal função: Esta Àjé controla a magia dos ritos de Ìgbàjá, os quais são cintos especiais que as mulheres Yorùbá amarram na cintura para as mais variadas finalidades. No Brasil, os exemplares mais próximos são as chamadas

"umbigueiras", mas nem esse exemplo pode representar bem o conceito em que se baseiam os ritos de Alágbàjá, que é o seguinte: O poder da Àjé está em seu ventre, em seu sangue e em sua "convicção instintiva". A força do ventre está relacionada à capacidade de atrair e gerar (ou atrair e destruir), toda e qualquer espécie de magia. Desta forma, os ritos de Alágbàjá visam a realização de feitiços que "programam" a força magística do ventre feminino através da utilização de cintos especiais, que são colocados na cintura à altura do ventre. Existem inúmeros destes tipos de cinto para as mais diversas finalidades, mas todos eles são controlados indistintamente por esta Àjé.

Odù Ritual : Òyèkú Òsá Òbàrà

Finalidade: Como fazer um Ìgbàjá para uma mulher se tornar Àjé.

Materiais

Ewe Arun Sánsán – (Ageratum Conyzoides) – Compositae – Metrasto, também conhecida por Erva de São João e Paracari

Semente da maior variedade possível de tubérculos

Folhas e cascas de cerejeira

Gim

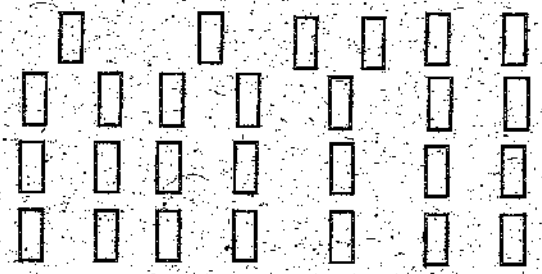
Sete pedaços de couro de cobra

Sete penas de coruja

Preparo:

Desenhe o odù de Ifá Òyèkú Òsá Òbàrà Méjì em Ìyèròsùn e fale por sobre a marca do odù seus desejos.

Símbolo visual de Òyèkú Òsá Òbàrà Méjì



Ritual:

Compre em uma loja especializada um colar chamado Lagdibá (do tamanho que possa circundar sua cintura). Desfaça este Lagdibá e o refaça com dois fios de algodão (um branco e um preto). Deixe espaço para passar por entre os fios os sete pedaços de couro de cobra e as sete penas de coruja. Pegue as folhas de metrasto, as folhas e cascas de cereja, as várias sementes de tubérculos e faça um litro de chá bem forte (acrescente um pouco de gim na infusão). Deixe o lagdibá trançado da forma indicada nesta infusão por 48 horas. Retire-o da infusão após o tempo indicado e guarde em um pano azul escuro. Após preparar este Ìgbàjá, durma com ele sempre que possível durante as noites em que você estiver menstruada (e para aquelas que já não mais fazem isto), pelo menos durante duas ou sete noites de lua nova ou cheia. Gradativamente você verá seus "poderes de bruxa" serem ampliados e cada vez mais eficientes nos rituais em que você vier a fazer.

45. Àjé Ìyá Gòlòmisò

Principal função: Pode esta Àjé apresentar-se de inúmeras formas, seja como um espectro, um orixá, uma entidade ou mesmo como um fantasma para atingir seu objetivo. É uma mestra na ilusão e no engodo, sendo todos os ritos de sua

magia voltados ao ato de desvirtuar alguém.
Odù Ritual : Ìrosùn Òtúrá
Finalidade: Conseguir iludir e manipular uma pessoa.

Materiais

Chá bem forte de cactus (de palma) e Ìyèròsùn.

Preparo:
Desenhe o odù de Ìfá Ìrosùn Òtúrá em Ìyèròsùn e declare suas intenções para este ritual.

Ritual:
Prepare o chá no primeiro dia da lua nova, misture o Ìyèròsùn em que foi imantado o odù. Lave a cabeça da pessoa fazendo seus pedidos a àjé Gòlòmisò.

46. Àjé Ìyá Látéjú Àwò Ojú Òrun

Principal função: Àjé ligada às regiões mais escuras das copas das árvores durante o dia. Interfere na sorte de prosperidade de uma pessoa (seja para o bem ou para o mal).
Odù Ritual : Òbàrà Òsé
Finalidade: Trazer prosperidade.

Materiais

Folhas de Ásúrin (Pau-Brasil), Frutas diversas, Mel, Wáji (anil), cera de abelha pura, Ìyèròsùn e Argila Branca.

Preparo:
Desenhe o odù de Ìfá Òbàrà Òsé em Ìyèròsùn e declare suas intenções para este ritual.

Ritual:
Misture na argila branca a cera pura de abelhas derretida, juntamente com todos os materiais citados. Desta massa pronta, faça uma escultura de mulher em corpo inteiro. Coloque a escultura embaixo de uma árvore frondosa dentro de sua casa e chame por Ìyá Látéjú Àwò Ojú Òrun para morar nela. Ofereça frutas variadas, orógbós e obis em quantidade, com bastante mel e folhas de pau-brasil. Faça seus pedidos periodicamente.

47. Àjé Ìyá Mofolúké

Principal função: Àjé que pode orientar a pessoa que a evoca inúmeros atos de magia, baseados na força do Àse de alteração da sorte e do destino.
Odù Ritual : Òkànràn Òbàrà
Finalidade: Melhorar a sorte de uma pessoa.

Materiais

Cana de açúcar (muitas folhas e pedaços), folhas de cabaceira, folhas de tília, dois peixes e farinha de acaçá.

Preparo:
Desenhe o odù de Ìfá Òkànràn Òbàrà em Ìyèròsùn. Cozinhe os peixes em uma água em que você previamente tratou por infusão as folhas citadas à cima. Faça um pirão com a farinha de acaçá e acrescente o Ìyèròsùn.

Ritual:
Em uma encruzilhada passe na pessoa os pedaços de cana e o pirão. Ofereça os peixes aos ancestrais da pessoa e chame por Mofolúké para mudar o destino.

48. Àjẹ́ Ìyá Àgbékẹ́

Principal função: Pode esta Àjẹ́ determinar o tempo que um feitiço deve durar sobre sua vítima (um dia, um mês ou pelo resto da vida), assim como também, se ele deve "retornar" ou não, a quem o enviou.
Odù Ritual : Òkànràn Òdí
Finalidade: Fazer com que uma magia negativa retorne a quem fez.

Materiais

Ewé Agemokógun – (Laggera Alata) – Compositae – Capiçoba, também conhecida por Erva Lanceta e Persicária, Ìyèròsùn e cominho.

Preparo e Ritual:
Desenhe o odù de Ifá Òkànràn Òdí em Ìyèròsùn e "batendo" em um pilão a ewé Agemokógun misture-o. Acrescente o cominho e na porta de um cemitério, esfregue pelas palmas das mãos e solas dos pés fazendo seus pedidos a àjẹ́ Àgbékẹ́.

49. Àjẹ́ Ìyá Ìyàgòn

Principal função: Esta Àjẹ́ controla as magias negativas que causam esterilidade nas mulheres:
Odù Ritual : Òsẹ́ Òtúrá
Finalidade: Tornar uma mulher estéril.

50. Àjẹ́ Ìyá Elérèké

Principal função: Pode esta Àjẹ́ enfraquecer ou desfazer outro feitiço. Dependendo do conhecimento de quem a evoca, se pode impedir ou bloquear, diluir a potência e risco, ou mesmo destruir por completo uma magia, seja positiva ou negativa.
Odù Ritual : Òsẹ́ Òbàrà
Finalidade: Destruir magias de morte que pairem sobre uma pessoa.

51. Àjẹ́ Ìyá Àjàò

Principal função: Esta Àjẹ́ rege os conjuntos "mistos" de pessoas que se reúnem para a prática da magia de Ìyámi. Relacionando-se muito bem tanto com as Àjẹ́ (bruxas) como com os Òsó (bruxos) encarnados. Quando evocada corretamente, costuma causar perturbações físicas no ambiente, alterações essas que espantam até as pessoas mais incrédulas.
Odù Ritual : Òsá Ìrosùn
Finalidade: Harmonizar uma comunidade dedicada à prática da magia.

52. Àjẹ́ Ìyá Ìròsùn

Principal função: (Àjẹ́ do 4° dia do mês lunar) Protege contra feitiços e todos os tipos de ataques. Entretanto quando solicitada, Ìròsùn realiza os mais eficazes atos de vingança. Em contato com esta Àjẹ́, podemos saber antecipadamente sobre os planos de nossos inimigos e assim anular os seus intentos. Como uma força guerreira poderosa, Ìròsùn pode produzir os mais variados tipos de prejuízos em suas vítimas,

desde paralisias temporárias ou perpétuas e até mesmo à morte, à qual sempre acontece instantaneamente através de um ataque do coração. Também controla o fluxo de eficiência energética de um sacrifício ritual de sangue, e portanto , as suas consequências para o local em que este foi feito.
Odù Ritual : Òṣẹ́ Ìká
Finalidade: Lançar uma maldição sobre uma pessoa.

53. Àjẹ́ Ìyá Ìrọ̀rẹ́

Principal função: Esta Àjẹ́ pode fornecer a quem a cultua, o dom extremamente útil de "sentir" e identificar a finalidade ritual, de qualquer tipo de magia que seja realizada nas proximidades, mesmo que não seja direcionada para a pessoa em questão.
Odù Ritual : Òtúrá Òdí
Finalidade: Saber imediatamente quando e como foi feita uma magia contra você.

54. Àjẹ́ Ìyá Òrófó

Principal função: Esta Àjẹ́ pode ensinar a quem a cultua, determinados tipos de magia que "desencadeiam" números efeitos simultâneos em um mesmo ritual. Ou seja, em um mesmo rito, você pode curar uma pessoa, deixar doente outra, e ao mesmo tempo alterar a sorte de uma terceira (uma boa dica para este tipo de ritual, é você evocar Òrófó conjuntamente a Àlá-n-takùn no mesmo Odù).
Odù Ritual : Ìká Ìwòrì
Finalidade: Fazer uma magia que ao mesmo tempo faça uma pessoa melhorar financeiramente e se apaixonar perdidamente por você.

55. Àjẹ́ Ìyá Gúnugún

Principal função: Esta Àjẹ́ controla tudo o quanto está relacionado ao leite e aos mamíferos em geral. Pode influenciar tanto positivamente como negativamente sobre os seios e o ato da amamentação. Conhece e ensina os melhores rituais de magia para as mais diversas finalidades, que se baseiam neste importante material.
Odù Ritual : Òṣẹ́ Òkànràn
Finalidade: Fazer com que uma mulher tenha bastante leite materno.

56. Àjẹ́ Ìyá Apáìrò

Principal função: Àjẹ́ terrível, que tem como função levar a alma dos falecidos que não foram absolvidos por Olódùmarè, para o Òrun Àpáàdi. Local em que estas almas sofrem com os maus elementos, e mesmo assim quando liberados , jamais possuem a permissão de voltar a viver uma vida normal entre os encarnados, sendo então, condenados a vagar por lugares tenebrosos e sombrios no plano astral, assim como também a se alimentarem de alimentos putrefatos, nos quais incluem-se centopéias e vermes.
Odù Ritual : Ìrosùn Òsá
Finalidade: Amaldiçoar a alma de alguém já falecido.

57. Àjẹ́ Ìyá Èsisì pupa

Principal função: Esta Àjẹ́ pode nos mostra com grande precisão e riqueza de detalhes, qualquer fraqueza moral ou energética de uma pessoa ou comunidade.

Odù Ritual : Ọ̀sá Ọ̀túrúpọ̀n

58. Àjẹ́ Ìyá Eléètùbọn

Principal função: (Àjẹ́ do 21° dia do mês lunar) Para aquele que cultuar Ìyá Eléètùbọn, ela fornece resistência e firmeza contra todos os inimigos visíveis e invisíveis. Ela também concede o dom de atravessar o fogo sem se queimar, além de ajudar a pessoa a ser dona absoluta de sua vida e morte.
Odù Ritual : Ọ̀sá Ọ̀bàrà
Finalidade: Proteção contra inimigos invisíveis.

59. Àjẹ́ Ìyá Sàlósùn

Principal função:
Àjẹ́ que cura as propriedades negativas dos "Jẹ ní ìyà" de Ọbalúwayé (febre, variola, epidemias degenerativas da pele e dos ossos, etc). Esta Àjẹ́ é conhecida desde tempos imemoriais para esta finalidade, e é ótima para tirar todo tipo de "contra-àsẹ" (negatividades) deste Orixá. Um detalhe importante é que Ọbalúwayé dentro do culto de Ìyámi, é o dono da cabaça de osùn (justamente a cabaça do dinheiro), portanto, os ritos para Ìyá Sàlósùn, podem ajudar, e muito às pessoas devotadas a Ọbalúwayé na questão de riqueza material, entre outras coisas.
Odù Ritual : Ọ̀sá Ìrosùn
Finalidade: Para que os "filhos e/on filhas" de Ọbalúwayé e Ọmọlú conquistem riquezas e prestígio.

60. Àjẹ́ Ìyá Aláṣẹ – Mãe dona do poder

Principal função: Mostrar o padrão de energia de qualquer objeto e assim, sua função apropriada dentro de qualquer ritual positivo ou negativo.
Odù Ritual: Ọ̀sá Ìwòrì

61. Àjẹ́ Ìyá Ọ̀wìwí

Principal função: Através desta Àjẹ́, você pode identificar o tipo de padrão energético e/ou o destino de alguém assim como de úma comunidade. Desta forma pode literalmente "estilhaçar", qualquer estrutura inimiga (uma das especialidades de Ọ̀wìwí!).
Odù Ritual : Ọ̀sá Ìrẹtẹ̀
Finalidade: Identificar com total certeza que tipo de destino uma pessoa terá.

62. Àjẹ́ Ìyá Páhun

Principal função: Através desta Àjẹ́, podemos aprender e realizar o ato da "vampirização", da energia de um ambiente e aprisiona-lo em "assentamento". De forma que sempre quando for necessário, podemos utilizar esta energia "a mais", em qualquer ritual. Este tipo de técnica pode ser muito útil, quando para salvarmos uma pessoa amiga, absorvemos e canalizamos toda a energia de uma comunidade inimiga (é o famoso: "matar dois coelhos com uma só cajadada").
Odù Ritual : Ọ̀sá Ọ̀túrá
Finalidade: Ajudar um amigo e ao mesmo tempo, destruir um inimigo.

63. Àjẹ́ Ìyá Èèpo osún

Principal função: Esta Àjẹ́ pode nos orientar sobre o maior perigo do ato da mágia: A Presunção. Quando um bruxo subestima alguém que não conhece, ele corre o risco de fazer um feitiço que de forma extremamente imprevisível e perigosa venha a voltar-se contra si próprio. Ao contrário do que muitos poderiam pensar, isto ocorre, não por uma questão de justiça ou de "karma", mas principalmente, porque alguém fez um feitiço negativo contra alguém que está firmemente mais forte e mais sólido em seu poder pessoal, do que aquele que o fez. Desta forma, é natural o choque espontâneo entre um poder mais forte que "aguenta o tranco" de um poder menor. Este "tranco" não é nem malicioso nem bondoso, ele não tem moral. É simplesmente, uma consequencia extremamente natural da lei do mais forte. Por isso esta sábia Àjẹ́, pode nos orientar sobre quem é mais forte (Sempre vai existir alguém!), para que assim, com a astúcia devida nas artes da guerra, possamos "torna-lo mais fraco", antes de qualquer tentativa de confronto magístico direto. Ou seja, a presunção demasiada, causa uma reação natural de energia corrompida que afeta negativamente o feiticeiro, de forma simultânea e

Odù Ritual : Òsá Ìrosùn

64. Àjẹ́ Ìyá Itú

Principal função: Esta Àjẹ́ nos possibilita o conhecimento total sobre nossos instintos mais puros, nossa determinação e força de vontade. Esta é uma importante informação, pois às vezes, estes são os únicos materiais à mão, para a realização de uma magia que pode significar a diferença entre a vida e a

morte.
Odù Ritual : Òsá Òfún

65. Àjẹ́ Ìyálolá Tóbi

Principal função: (Àjẹ́ do 5º dia do mês lunar) Pode esta Àjẹ́ através de seus rituais fazer com que nasça simpatia, amor e até mesmo desejo, em toda pessoa que quisermos. Podendo com isto influenciar grandes personalidades e assim conquistarmos seus favores, entre outras coisas.
Odù Ritual : Òsá Òsẹ́

66. Àjẹ́ Ìyá Òjò èjẹ

Principal função: Esta Àjẹ́ controla todos os segredos do sangue das pessoas e dos animais quando utilizados magísticamente. Pode melhorar ou piorar o destino de alguém através da influência hereditária contida no sangue. É a dona do sangue em qualquer sacrifício ritual, e por isso pode também, propiciar ou esterilizar qualquer ritual em que isto ocorra.

Odù Ritual : Òsá Ìká

67. Àjẹ́ Ìyá Ara ìro

Principal função: Quando alguém se dedica cotidianamente a realizar atos de magia, a energia gerada diariamente acaba por alterar de forma profunda a energia da própria pessoa. Isto gera em torno de si um padrão energético afim com a natureza das magias à que ele se dedica mais intensamente. Este padrão portanto, afeta diretamente a vida normal do

feiticeiro. Quanto mais a prática ritual, mais a força aumenta, e quanto mais sua força aumenta, mais alterações em sua personalidade e em sua vida normal acontecem. Com o tempo, aonde quer que esta pessoa vá, as outras pessoas irão sentir algo de diferente nele, e muitas vezes apenas à sua presença poderá modificar todo um padrão energético de ambientes. Esta Àjé nos ensina a como controlar nossa energia pessoal **através dos próprios atos de magia que fazemos para os outros.** Como uma espécie de vitrine de nosso poder, ela pode "ocultar" nossa energia das pessoas, ou mesmo salientar, mas principalmente ela nos indica o "filão" de poder pessoal que devemos cultivar (quase como uma especialização). Seu nome que significa "Dor no Corpo", representa o "sinal" que normalmente ela fornece, quando estamos envolvidos em algum ritual que por qualquer motivo, irá nos enfraquecer, ao invés de "alimentar".

Odù Ritual : Òsá Òdí

68. Àjé Ìyá Ìkookò abo

Principal função: Esta Àjé protege a quem a cultua em todos os "mundos espirituais" que acaso venhamos a percorrer durante o "vôo noturno". Seja nos sonhos lúcidos ou mesma na projeção astral. Um dos perigos da magia negativa astral é "sairmos do corpo e entrarmos em lugares perigosos, nos quais se pode correr o risco de não saber como voltar" o que causaria inevitavelmente a morte física. Negativamente esta Àjé pode causar todos os tipos de alucinações e armadilhas para que isto aconteça. E somente este assunto daria um livro inteiro!

Odù Ritual : Òsá Òkànràn

69. Ìyá Aṣéwó Ajé

Principal função: (Àjé do 20º dia do mês lunar) esta Ajé provoca e potencializa os êxtases espirituais, seja em forma de transe ou de meditação (Àṣàrò). Viabiliza a expansão do Àṣe através das danças ritualísticas (quando verdadeiramente espontâneas), seja de orixá ou outra qualquer. Apesar de ser bastante óbvio, somente poucas pessoas percebem a imensa importância das danças ritualísticas (quando verdadeiramente espontâneas), associadas a magia prática, no sentido de gerar e expandir vários tipos de energia e também para desenvolver dons mediúnicos.

Odù Ritual : Òsá Òṣẹ

70. Àjé Ìyá Karagba ikólẹ

Principal função: Esta Àjé controla os feitiços de alterações súbitas de sorte e destino, particularmente o efeito negativo de "envelhecimento imediato", ou seja, a energia vital da pessoa se enfraquece de tal forma, que uma pessoa parece que envelheceu 10 anos em uma semana. Este tipo de magia relaciona-se a sorte e ao destino, pois influência na duração da vida de alguém que pode ser rompida através de — envelhecimento acclerado, câncer, paradas cardíacas e infecções múltiplas. De forma mais lenta, a magia negativa desta Àjé pode causar graves ferimentos, infecções e levar lentamente ao coma. A medicina "normal" pode retardar seus efeitos (o que depende mais da espiritualidade do médico) mas muito raramente consegue salvar a vítima, a qual normalmente nestes casos, pode sofrer desfiguramento debilitante acompanhado de definhamento e morte lenta. Neste caso, o feiticeiro não determina o padrão do ataque, ele faz o rito e pronto. Todo o resto é de acordo com o padrão de força de

vontade poderá ou não, reagir em benefício da vítima (mais uma vez, a lei do mais forte).
Odù Ritual : Ìrosùn Òdí

71. Àjẹ́ Ìyá Oódẹ

Principal função: Àjẹ́ bastante ligada a Èṣù na prática oracular e na utilização prática do Èdè-Eyẹ (Veja o capítulo: Èdè-Eyẹ (A linguagem dos Pássaros).
Odù Ritual : Ìrẹtẹ̀ Òfún

72. Àjẹ́ Ìyá Pàràmọn'lẹ

Principal função: Esta Àjẹ́ controla toda a magia em se utilizam tecidos. Por isso, bastante ligada aos mortos e aos ritos funerários. Sua evocação pode tanto ser direcionada para objetivos de causar a morte, como para estabelecer contato com os mortos. De forma positiva, através desta Àjẹ́ podemos "depurar" a herança ancestral de um antepassado específico e recente, assim como, utilizarmo-nos dos ancestrais femininos para inúmeras finalidades protetoras.

Odù Ritual : Ìwòrì Òtúrá

73. Ìyá eléewébẹ̀ (Mãe proprietária da vegetação)

Principal função: (Àjẹ́ do 25° dia do mês lunar) controla a fertilidade e a infertilidade no mundo vegetal. Extremamente ligada a esse poder, controla os espíritos Ìwín das árvores e por isso também pode controlar Egúngún e os Àbíkú.
Odù Ritual : Òfún Òkànràn

74. Ìyá Alááàgbásá

Principal função: esta Àjẹ́ controla as visões espirituais produzidas por folhas alucinógenas. Negativamente, ela guarda o segredo das infusões de criação para efeitos de "vivos-mortos", os tão "conhecidos" Zumbis.
Odù Ritual : Òtúrá Òsẹ́

75. Ìyá Alásọ osùn

Principal função: Rege as energias etéreas das covas e túmulos frescos. Não no sentido de putrefação cadavéricas, mas, no contexto da "Boca da Terra", ou seja, a cova como elemento atrativo de variados seres que possuem como função o "devorar" da carne morta. É uma Àjẹ́ bastante ligada a Ọ̀nilé (Veja capítulo: Òsó e a questão do bruxo na magia de Ìyámi).
Odù Ritual : Òbàrà Òsá

76. Àjẹ́ Ìyá Alááànmọ̀tí

Principal função: Rege todos os feitiços negativos que espalham pragas e doenças contagiosas em uma região ou comunidade. Da mesma forma, pode ser um importante elemento de proteção e de solução contra estes males.
Odù Ritual : Ìrẹtẹ̀ Òbàrà

77. Ìyá páòtá

Principal função: Para várias pessoas a mediunidade é muito mais uma doença nervosa anormal do que uma benção, ou privilégio espiritual. Nos casos maléficos da mediunidade, a energia que é direccionada à mente do médium impregna também sua constituição física, desta forma, fazendo com que cada célula de seu corpo esteja sujeita a uma carga de tensão extremamente grande e prejudicial. Através de uma mediunidade negativa, uma pessoa é vítima de seus próprios negros reflexos internos, "travestidos" e desfigurados de memórias terrenas (em muitas situações são as chamadas "forma-pensamento", espectros, etc). Assim, ingenuamente "abre-se à porda casa convidando o vampiro a entrar". Esta Àjé possui o poder de causar isto e muito mais, principalmente porque ela costuma acompanhar suas vítimas durante várias encarnações. Mas, para aqueles que a soûberem evocar, ela é um poderoso instrumento de solução destes mesmos problemas, pois no dia a dia da prática da magia de Ìyámi, já tive a feliz oportunidade de auxiliar muitas pessoas nestas delicadas situações.
Odù Ritual : Ìrosùn Òtúrá

78. Ìyá Olóolùfé

Principal função: (Àjé do 6º dia do mês lunar) É a Àjé da magia sexual, pode despertar desejo em qualquer pessoa, seja homem ou mulher, no dia lunar de Ìyá Olóolùfé (6º dia), podemos preparar todos os tipos de amuletos e magias afins, para conseguirmos amor, simpatia, estima e atração sexual.
Odù Ritual : Ìká Òfún

79. Àjé Ìyá Lílí

Principal função: Esta Àjé pode "cobrir" uma pessoa, ou mesmo, toda uma comunidade contra atos de violência física. Quando evocada em magias negativas, lança sobre suas vítimas terríveis feitiços que produzem os mais variados problemas de perseguição e destruição incondicional, os quais sempre terminam com a "queda" da pessoa vitimada, sempre de forma bruta.
Odù Ritual : Òtúrá Òtúurúpòn

80. Àjé Ìyá Àgbà fúu-fúu

Principal função: (Àjé do 19º dia do mês lunar) controla a influência magnética da lua sobre a vida material, portanto são realmente pouquíssimas as coisas, que Àgbà fúu-fúu não pode realizar.
Odù Ritual : Òfún Òsá

81. Àjé Ìyá Ìtalè

Principal função: Esta Àjé pode causar ou evitar, a aproximação dos "falsos amigos". Os quais são sempre, "os piores inimigos que alguém pode contar".
Odù Ritual : Òdí Òsé

82. Àjé Ìyá Orí Ejò

Principal função: Negativamente esta Àjé influencia na geração e no parto problemático de gêmeos. Em seu aspecto

positivo, podemos solicitar sua força para resolver problemas relacionados às crianças Abíkú. Mas é sempre muito importante tomarmos muito cuidado, pois se você não realizar o rito correto, pode acabar "juntando a fome com a vontade de comer".
Odù Ritual : Òsá Ògbàrà

83. Ìyá idánilęsę̀

Principal função: Pode esta Àjé em aspecto negativo, deturpar e corromper todo tipo de herança que tenha sido deixado para alguém, seja, espiritual, moral, ou mesmo física. Ou seja, "quebra-se o mérito que a ancestralidade de alguém teria para poder ajudar um descendente". Em sentido positivo, podemos resolver inúmeros problemas familiares (os quais seriam muito extensos para que eu pudesse comentar com a clareza necessária neste espaço) através da força desta Àjé.
Odù Ritual : Òsę̀ Òtúrá

84. Àjé Ìyá Lílí Pupa

Principal função: Esta Àjé instiga e promove as inquietações e os atos de rebeldia e cegos questionamentos destrutivos. Em seu aspecto positivo, desenvolve o intelecto, a inspiração para as verdades espirituais e o poder mental. Para quem sabe evoca-la é uma poderosa guardiã do orí (cabeça que é ao mesmo tempo física, astral e mental).
Odù Ritual : Òkànràn Òfún.

85. Ìyápáirá

Principal função: (Àjé do 28º dia do mês lunar) Acessa e influência as heranças ancestrais de qualquer pessoa, podendo eliminar ou causar, todos os tipos de problemas relacionados a ancestralidade e a descendência.
Odù Ritual : Ògbàrà Òtúurúpòn

86. Àjé Ìyá Òjíjí jí

Principal função: (Àjé do 26º dia do mês lunar) possibilita o total desenvolvimento das mais diferentes faculdades espirituais, astrais e mentais. Esta Àjé pode intuitivamente ensinar a quem a cultua, os mais variados tipos de rituais para inúmeras finalidades.
Odù Ritual : Ìwòrì Ògbàrà

87. Àjé Ìyá Àwòdì Pupa Rúsúrúsú

Principal função: A capacidade de exercer a chamada clarividência é um dom concedido por esta Àjé. Com sua poderosa força de guerra, podemos em sonho ou em estado de Àsàrò (meditação) visualizar qualquer pessoa ou local. Esta Àjé possui como grande característica, a capacidade de provocar um ataque certeiro e fatal sobre sua vítima, quando
Odù Ritual : Òbàrà Méjìlá dos a essa finalidade.

88. Àjé Ìyá Opeèré

Principal função: Esta Àjé nos proporciona o desenvolvimento do campo mental pleno. Com seu poder, podemos falar sobre qualquer assunto com total conhecimento e intimidade. Em seus ritos de magia prática, devemos sempre levar em consideração que sua força se estabelece principalmente na mente humana. Portanto, pode esta Àjé nos conceder um tipo de poder muito importante: "O conhecimento que nos faz atravessar o abismo da dúvida e da insegurança". Em aspecto negativo, seus feitiços podem causar a loucura, assim como as visões infernais de êxtases que levam ao mergulho no lado negro da alma.
Odù Ritual : Òsá Òtúrá

89. Ìyá Aláibà

Principal função: A principal caraeterística desta Àjé, é a capacidade de elevar a temperatura física das pessoas, particularmente na cabeça e no ventre. Senhora proprietária da febre, seus feitiços negativos são implacáveis ao causarem problemas de saúde, que a medicina tradicional não consegue nem explicar e muito menos resolver. Em alguns casos pode causar a chamada "Combustão espontânea", fenômeno raro, mas perfeitamente plausível, como nos mostram inúmeros casos já registrados no mundo.
Odù Ritual : Ìretè Òtúrá

90. Ìyá Aláákàrà Àjé

Principal função: Relaciona-se esta Àjé a magia que utiliza principalmente os frutos das árvores. Este tipo de material possui grande valor simbólico e energético na magia de Iyánni em geral. Podemos através dos ritos de Àkàrà Àjé, quase que a totalidade de objetivos que desejarmos, sempre utilizando-nos deste maravilhoso "condensador fluídico" que são os frutos em geral. – Como em geral nos comentários deste capítulo, para cada uma destas Àjé e seus ritos específicos de mágia, poderiam ser escritos vários outros livros, até bem maiores do que este. Mas acredito que as orientações aqui fornecidas já são uma base sólida de magia prática, a qual será de grande valia para os leitores mais perspicazes.
Odù Ritual : Òsé Òfún
Finalidade: Trazer prosperidade através dos frutos de uma árvore.

91. Àjé Ìyá Olongo

Principal função: (Àjé do 7º dia do mês lunar) Se na sétima lua cheia do ano, prepararmos o amuleto de Olongo, este trará sorte e êxito em todos os desejos materiais. Por isso, o proprietário do amuleto de Olongo, deverá sempre trazê-lo consigo, aonde quer que vá.
Odù Ritual : Ìrosùn Òfún
Finalidade: Preparação do amuleto Olongo, de sorte e sucesso.

Como preparar:
Pegue um pedaço de bronze que caiba em sua mão. Desenhe o odù ritual em pó de cupim de uma árvore sagrada. Misture

em uma infusão bem forte de folhas de aridan e açafrão. Sacrifique um Ìgbín por sobre o metal e amarre nele uma pena de pássaro Olongo com fios branco, preto e vermelho.

92. Àjé Ìyá Aláàkéké

Principal função: De poderosa força ancestral, Àkéké é uma Àjé perigosa, pois nem os rituais comuns para afastá-las, funcionam com ela. Ligada ao Òrìşà Ìkú, esta Àjé pode "matar o que já morreu", o que é muito útil nas questões de obsessões espirituais. Estes ritos só podem ser realizados no 11º dia após o falecimento da pessoa inimiga. Em outras questões, entretanto, Àkéké pode dominar e colocar ao seu dispor inúmeros Eegun e entidades, as quais pela autoridade desta Àjé, irão lhe obedecer fielmente.
Odù Ritual : Òkànràn Òdí

Finalidade: Fazer com que um Eegun lhe obedeça prontamente.

93. Àjé Ìyá Omónlé

Principal função: (Àjé do 18º dia do mês lunar) Àjé de grande poder nas questões em que são urgentes, as realizações de grandes transformações. Pode também conceder a invisibilidade, seja aparente ou mesmo real, tudo dependendo da força da evocação no ritual.
Odù Ritual : Ìká Òdí
Finalidade: Transformar positivamente uma situação difícil.

94. Àjé Ìyá Ìríra

Principal função: Senhora dos pesadelos e principal força de evocação dos medos e terrores do inconsciente humano, esta Àjé é perigosíssima quando evocada, pois pode provocar estados de alteração emocional e psíquica que podem destruir uma mente despreparada. Em seus ritos práticos, ela controla inúmeros espíritos, que poderiam facilmente ser chamados de demônios pela cultura cristã, e seu poder quando utilizado em artes de magia associadas à guerra e a destruição, são absurdamente devastadores.
Odù Ritual : Òkànràn Òşé
Finalidade: Evocar espíritos imundos e destruidores ("demônios").

95. Àjé Ìyá Eléçkùn abo

Principal função: Àjé bastante ligada a aspectos da força destrutiva do Orixá Oya, em seus ritos práticos de magia podemos manipular a instintividade e a agressividade animal que reside nos seres humanos. Seu poder é imenso, e sua abrangência para utilização em finalidades práticas, é quase absoluta.
Odù Ritual : Òşé Òsá
Finalidade: Lançar a Ira de Ìyàmi e Oyá sobre uma pessoa.

96. Ìyá Onilé Agbón

Principal função: Relacionada a todos os insetos que voam e possuem venenos, esta Àjé pode nos ensinar o conhecimento da utilização dos insetos venenosos na feitiçaria.
Odù Ritual : Òsá Méji

97. Àjé Ìyá Òsìn

Principal função: Àjé que possui uma força extremamente útil em casos de impetuosidade que trazem realização material. Em seu aspecto negativo, seus ritos específicos de magia agressiva, podem levar as pessoas ao descontrole emocional que às arrastam impiedosamente a falência e a miséria.
Odù Ritual : Òdí Òfún
Finalidade: Descontrolar uma pessoa emocionalmente.

98. Àjé Ìyá Ògò-n-gò

Principal função: (Àjé do 27º dia do mês lunar) esta Àjé desperta o Àse das pedras, não importando quais forem, pode fornecer intuitivamente ou através do oráculo, os mais variados tipos de utilidades na magia prática das pedras. Expressa o poder do mundo mineral através de seu culto.
Odù Ritual : Òfún Òtúrá
Finalidade: Imantar uma pedra com poder Mágico.

99. Ìyá k'ó pá eyin abé

Principal função: Àjé proprietária dos Je ní ìyà *(Veja capítulo: Listagem dos "Je ní ìyà" de Ìyámi e seus rituais)*,

que causam os tumores astrais em ambientes ou comunidades, assim como no corpo físico. Esta Àjé pode provocar ou curar qualquer espécie de "câncer" em comunidades de culto e magia, assim como também em pessoas.
Odù Ritual : Òtúrá Òbàrà
Finalidade: Matar um tumor.

100. Àjé Ìyá Ìdí

Principal função: Relacionada com o poder das árvores que nascem nas encruzilhadas, esta Àjé utiliza em seus ritos de magia, particularmente as raízes destas árvores, as quais são consideradas como portas ou portais para a ancestralidade de todas bruxas e bruxos. É a matrona da herança de magia que as pessoas possam vir a herdar de seus ancestrais ou mesmo, por destino. Àjé fundamental para se evocar, quando alguém deseja se "encontrar" na egrégora da feitiçaria prática de Ìyámi. *Àjé bastante relacionada aos ritos de sacrifício de sangue inseridos no culto ao Òrìsà Ògún).*
Odù Ritual : Ìká Ìrosùn
Finalidade: Tornar-se Bruxa (Àjé) ou Bruxo (Osó).

101. Àjé Ìyá Ojú eyelé

Principal função: Esta Àjé proporciona o dom da vidência, de forma completa, clara e irrestrita.
Odù Ritual : Ìrosùn Ìretè
Finalidade: Proporcionar vidência.

102. Àjé Ìyá Gún ẹdá

Principal função: (Àjé do 8º dia do mês lunar) quando bem apaziguada, esta Àjé traz e protege a paz, a verdade e a justiça em todas as suas expressões. Por isso, através de determinados rituais, todo aquele que cultuar Gún ẹdá, sempre sairá vitorioso em qualquer conflito ou guerra, não importando a forma com que ela se faça. Em seus ritos é fundamental a utilização de pêlos de preá ou ratos.
Odù Ritual : Ìrẹtẹ̀ Ìwòrì
Finalidade: Tornar-se vitorioso em uma situação.

103. Àjé Ìyá Olókùnrùn

Principal função: Esta Àjé pode unir (ou desunir) as pessoas de uma comunidade, empresa, etc. Em seu aspecto positivo, ela inspira a todas as pessoas de um clã, a caminharem juntas e organizadas em prol de um bem comum.
Odù Ritual : Ìká Òdí
Finalidade: Unir uma Família.

104. Ìyá Tannọ́n

Principal função: Ìyá Tannọ́n é a Àjé que pode impulsionar, dinamizar e expandir qualquer projeto, objetivo ou situação que queiramos que aconteça. Na medida em que nos aprofundamos em utilizar sua força, praticamente não existe algo que não possamos realizar mental, astral e fisicamente. Em seu lado negativo, esta Àjé pode exercer uma poderosa força sufocante e limitadora, em que todas as chances de progresso são excluídas.

Odù Ritual : Òdí Ìrosùn
Finalidade: Trazer sucesso e realização.

105. Àjé Ìyá Kurukuru

Principal função: Àjé que controla as ilusões, os delírios fantasmagóricos e doenças como alcoolismo e a histeria, entretanto, ela pode ser ótima para proporcionar a cura destes males. Na prática avançada, esta Àjé possibilita a manifestação do lado Àjé - Bruxa (para as mulheres) e Òṣó - Bruxo (para os homens) em rituais específicos de iniciação astral.
Odù Ritual : Òkànràn Òfún
Finalidade: Curar alcoolismo.

106. Àjé Ìyá Ẹ̀lírí

Principal função: (Àjé do 17º dia do mês lunar) Esta Àjé é poderosíssima nas questões que envolvam situações de perigo. Aquele que a cultua, certamente, se não for de seu destino, sempre sairá ileso das "armadilhas" de perigos físicos, astrais e mentais.
Odù Ritual : Ìrẹtẹ̀ Òfún
Finalidade: Proteção contra qualquer tipo de perigo.

107. Àjé Ìyá Oríri

Principal função: Outra Àjé bastante ligada ao Òrìṣà Oyá. Através de seus rituais uma mulher pode tornar-se independente, forte e altamente atrativa e sedutora para os homens poderosos, sejam eles quais forem que ela venha a desejar.

Odù Ritual : Ọkànràn Méji
Finalidade: Tornar uma mulher extremamente sedutora.

108. Àjẹ́ Ìyá Yọnja

Principal função: Àjẹ́ "chave" na magia do culto de Yẹmọnja. As penas do pássaro relacionadas a esta Àjẹ́, são um dos principais instrumentos de poder (Àṣẹ), deste orixá.
Odù Ritual : Ọ̀yẹ̀kú Ọ̀sá
Finalidade: Melhorar o destino das filhas de Yẹmọnja.

109. Ìyá Ìjagun

Principal função: Violenta e poderosa Àjẹ́, Ìyá Ìjagun é a expressão máxima da vingança e da ira nos ritos de Ìyámi. Desaconselho ao leitor ousado, inadvertidamente evoca-la, sem pelo menos antes, fazer todos os ritos que ensino na parte "Como usar este livro".
Odù Ritual : Ọ̀gùndá Ọ̀sá

110. Ìyá Ìjòkùn

Principal função: Àjẹ́ que "mora" na raízes da árvores próximas ao mar, possui como principal caracteristica a capacidade de dominar, seja de forma construtiva ou negativa, a energia relacionada ao momento do parto, seja humano ou animal.
Odù Ritual : Ọ̀yẹ̀kú Ìrosùn
Finalidade: Estancar hemorragias pós-parto.

Materiais:

Um ovo de galinha
Um pouco de água
Efun
Ìyẹ̀rọ̀sùn

Preparo:
Desenhe o odù de Ifá Ọ̀yẹ̀kú Ìrosùn em Ìyẹ̀rọ̀sùn e misture-o ao ẹfun ralado.

Ritual:
Vá a uma praça deserta e quebre o ovo cru diretamente na terra, após molhar a área com a água. Jogue o ẹfun ralado por cima (mas antes de jogar, desenhe o odù de Ifá citado acima no pó e pronuncie sua intenção), dizendo sete vezes o nome da pessoa que está com hemorragia. A Hemorragia irá parar no mesmo momento (independente da distância em que você estiver da pessoa doente).

111. Àjẹ́ Ìyá Ọpàsúpà

Principal função: Esta Àjẹ́ controla o crescimento das árvores e arbustos em sintonia com o ritmo lunar. Em seus rituais podemos conseguir grandes benefícios para o desenvolvimento de um projeto ou objetivo. Da mésma forma, podemos também, conseguir o efeito contrário.
Odù Ritual : Èjìogbè Ọ̀yẹ̀kú
Finalidade: Fazer com que seu projeto se realize rapidamente.

112. Iyá wọ́n rin mì

Principal função: Àjé fundamental para ritos de limpeza energética negativa, ou seja, falando de uma forma bem simples: Ela é a dona do "descarrego".
Odù Ritual : Èjìogbè Òfún
Finalidade: Limpar uma pessoa de todas as energias destrutivas.

113. Àjé Ìyá Òkùnrùn

Principal função: (Àjé do 9º dia do mês lunar) Esta Àjé pode tanto causar ou curar ataques epiléticos, transtornos menstruais, obsessão espiritual, ataques histéricos, sonambulismo e doenças afins. Em seus ritos de magia prática, torna-se fundamental a utilização de teias de aranha.
Odù Ritual : Òsá Èjìogbè
Finalidade: Curar Sonambulismo.

114. Àjé Ìyá Olápètèkú

Principal função: A firma a tradição do culto de Èsù, que cabe à Olápètèkú a distribuição das oferendas as divindades. Portanto considero importantíssimo que, quando rituais forem feitos para Èsù, que se faça a evocação desta Àjé, pois ela é a base de fertilidade ou da esterilidade em qualquer ritual em que venhamos a "chamar" pelo Òrìsà Èsù, ou seja, dentro da tradição do culto aos àwọ́n Òrìsà, são todos os rituais.
Odù Ritual : Òyèkú Ìrẹtẹ̀

Finalidade: Evocação para Olápètèkú nos rituais de Èsù (cabe a esta àjé a importante função de "levar" as oferendas aos orixás, etc, assim como de trazer fertilidade para que os pedidos possam ser atendidos).

115. Àjé Ìyá Èfúùfù'nlá

Principal função: Àjé ligada aos rituais de destruição e morte, que resultam em efeitos "cirúrgicos", através de forma imprevisível e inconstante.

Odù Ritual : Òsá Òyèkú

116. Àjé Ìyá Pá ẹlẹ́dẹ̀

Principal função: Associada aos ritos de construção do templo de Ìyámi (particularmente na questão do sacrifício de ẹlẹ́dẹ̀ – porco), esta Àjé pode conceber riquezas e imensas satisfações materiais. Em seu aspecto negativo, pode causar lentas e fatídicas doenças degenerativas.
Odù Ritual : Òsá Òyèkú
Finalidade: Trazer riquezas.

117. Àjé Ìyá Olóòféeré

Principal função: Através desta Àjé podemos influenciar poderosamente sobre os pensamentos de uma outra pessoa.

Em determinados ritos de Olóòfèeré, podemos até dominar as ações de alguém, seja manipulando completamente o indivíduo ou apenas influenciando partes específicas e escolhidas da mente. Quando os ritos de domínio executados através da força desta Àjé são levados a níveis realmente poderosos, a vítima executará naturalmente qualquer ação, em geral ignorando a invasão. Também podemos vasculhar memórias, assim como pensamentos superficiais.
Odù Ritual : Òyèkú Òfún
Finalidade: Influenciar o pensamento de uma pessoa.

118. Àjé Iyá Inón wa Igbé

Principal função: Pode esta Àjé, purificar, eliminar e afastar qualquer tipo de energia negativa, principalmente aquelas que ficam acumuladas em ambientes, casas, templos, etc. Em situações de ritos mais avançados, podemos acessar esta Àjé para modificar inteiramente uma pessoa, ou uma família, ou um grupo de pessoas, de acordo com o nosso desejo.
Odù Ritual : Òyèkú Òsá
Finalidade: Limpar uma casa de energias negativas.

119. Àjé Iyá Eluùlú

Principal função: (Àjé do 16º dia do mês lunar) através desta Àjé, podemos dominar todos os seres negativos e forçá-los à obediência total. É ótima nas funções de proteção, pois quando utilizado devidamente o seu Àse, torna quem a cultua, praticamente invulnerável a qualquer ato de magia negativa.

Odù Ritual : Òsá Èjilogbè
Finalidade: Fazer com que um Ser negativo lhe obedeça prontamente.

120. Àjé Iyá Wako-wako

Principal função: Através dos ritos desta Àjé podemos alterar as probabilidades de futuro de qualquer acontecimento, fazendo assim alterações decisivas no desenrolar de quaisquer eventos.
Odù Ritual : Òtúrá Ògúndá

121. Àjé Iyá Àtarúgbó ejò

Principal função: Esta Àjé pode de tal maneira influenciar o destino de alguém, que é capaz de prolongar a vida sobremaneira. Através dos ritos de "trocar a pele" relacionados a esta Àjé, uma pessoa pode recomeçar a cada temporada um novo destino, como que "escolhendo" e "ancorando" novas histórias. Assim "muitos podem existir em um só" e "muitos" possuem "muitas vidas" para viver!
Odù Ritual : Òkànràn Òwónrín
Finalidade: Trazer longevidade.

122. Àjé Iyá Alàahón Iyonu

Principal função: Esta Àjé quando solicitada, pode dar tremenda força às palavras que falamos imbuídos de emoções fortes. Nisto reside à chave tanto das Bênçãos, assim como

das Pragas e Maldições.
Odù Ritual : Òkànràn Ìrosùn
Finalidade: Dar força de magia as suas palavras.

123. Àjé Ìyá Oga Igi

Principal função: Esta Àjé controla a força mágica das copas das árvores. Em seus ritos específicos, podemos sacralizar qualquer árvore como uma espécie de "ponto protetor" de uma determinada área, assim como também imantarmos diversas negatividades em uma determinada região.

Odù Ritual : Òfún Òyèkú
Finalidade: Tornar uma determinada sagrada.

124. Ìyá ẹlẹjẹ

Principal função: Esta Àjé controla o nível e a qualidade do Àse, nos padrões de energia que podem ser gerados através dos ritos de sangue.

125. Lájùmònkè

Principal função: Toda semente traz em si a essência do potencial de uma árvore. As sementes das árvores sagradas são conhecidas como "favas" e são largamente utilizadas no culto aos Orixás no Brasil. Esta Àjé controla através de sua magia, os aspectos de utilização destas sementes em magia. Para cada tipo de força no universo, existe "a sua semente", ou seja, o padrão original desta força que é armazenado na

forma de sementes de árvores. Afirmam os mito de criação humana na cultura Yorùbá, que para cada ser humano que Òòsàálá "modelava", ele também criava uma árvore, a qual representava uma profunda ligação do ser humano com sua origem mítica. Por isso, quando percebemos a extrema importância das árvores no culto à Ìyámi, é fácil peceber que isto tem a ver com a origem do humano, pois sem a força feminina de Ìyámi não existiria geração e nem vida. Assim a semente "certa" que é utilizada para a pessoa "certa", do modo "certo", pode promover verdadeiros milagres de "reprogramação" vital e de destino, pois afeta diretamente no material análogo a origem energética de uma pessoa. A magia de Lájùmònkè, portanto, cuida destas questões.

Odù Ritual : Òsé Òfún

126. Ìyá Omolulu

Principal função: A magia desta Àjé esta relacionada à violenta e poderosa força depurativa do elemento terra. Através desta força podemos "banir" para sempre, específicas negativas de feitiços (e assim, também evocá-las).
Odù Ritual: Òfún Òwónrin
Finalidade: Purificar um terreno de todas as energias negativas.

127. Ìyá sèjèsòrò

Principal função: O sangue coagulado é um poderoso instrumento de magia, particularmente para dar "vida" em

estátuas, imagens e assentamentos. Esta Àjé controla este tipo de magia.
Odù Ritual : Òfún Ọkànràn
Finalidade: Dar "vida" a uma imagem.

128. Ìyá Olóòòyi

Principal função: Esta Àjé causa através de suas magias negativas, todos os tipos de tonturas, desmaios e sufocamentos.

Odù Ritual : Èjìogbè Ọ̀sá
Finalidade: Causar desmaios e tonturas em alguém.

129. Ìyá Alásinkú

Principal função: Esta Àjé controla os "portais", que unem e ao mesmo tempo separam, os vivos dos mortos. Através de sua força podemos chamar a alma de qualquer pessoa falecida e assim estabelecermos contato. (*Apesar de em várias culturas a prática da Necromancia "evocação aos mortos" ser proibida, na cultura Yorùbá isto é comum, particularmente no culto a Egúngún e a Ìyámi).* Existem inúmeros detalhes na prática de magia para Ìyá Alásìnkú, mas para isso, eu teria que escrever todo um livro. Certamente o leitor que conseguir fazer contato com ela não se arrependerá, pois irá perceber o quanto estas técnicas podem ser úteis para a melhoria do destino de alguém e por isso mesmo, estas mesmas técnicas, ao serem mal utilizadas em determinados ritos, têm "afundado" a vida de muita gente boa por aí.
Odù Ritual : Òdí Èjìogbè
Finalidade: Chamar a alma de uma pessoa falecida.

130. Àjé Ìyá Agbe

Principal função: Através do poder desta Àjé, pode a pessoa visualizar qualquer situação seja no passado, presente ou futuro. Assim, como também, podemos interferir nestas mesmas situações. Como por exemplo, anular os efeitos negativos que um determinado acontecimento do passado causou.

Odù Ritual : Ọ̀wọ́nrín Èjìogbè
Finalidade: Anular os efeitos negativos que um determinado acontecimento do passado causou.

131. Ìyá Agboọlá

Principal função: Esta Àjé controla os ritos relacionados a prosperidade de um clã ou comunidade.
Odù Ritual : Ọ̀wọ́nrín Ọ̀yẹ̀kú
Finalidade: Trazer prosperidade para toda uma família.

132. Àjé Ìyá Ọ̀yọ́ àjé

Principal função: (Àjé do 15° dia do mês lunar) Concede as mais variadas características mediúnicas (clarividência, clariaudiência, projeção astral e mental entre outras), às quais são essenciais as práticas de magia.
Odù Ritual : Ọ̀wọ́nrín Òfún
Finalidade: Despertar Clarividência.

133. Àjẹ́ Ìyárágbá

Principal função: Pode esta Àjẹ́, influenciar decisivamente na capacidade de realização da vida de alguém.
Odù Ritual : Ọ̀wọ́nrín Ọ̀sá
Finalidade: Trazer Realização em todos os sentidos.

134. Ìyá Àìsùn

Principal função: Nos ritos negativos desta Àjẹ́ estão toda sorte de feitiços relacionados a insônia e vampirazação da energia mental e da vitalidade.
Odù Ritual : Ọ̀sá Ọ̀wọ́nrín
Finalidade: Lançar um Ọbayifo ("Vampiro") sobre uma pessoa.

135. Ìyá Ọ̀jíjí

Principal função: Pode esta Àjẹ́ influenciar de modo positivo
ou negativo nas questões de potência sexual masculina e fertilidade feminina.
Odù Ritual : Ìrosùn Ọ̀wọ́nrín
Finalidade: Trazer fertilidade para uma Mulher.

136. Àjẹ́ Ìyá Aláàjẹ́

Principal função: (Àjẹ́ do 11° dia do mês lunar) Através dos ritos de Aláàjẹ́, podemos conquistar respeito e consideração das pessoas dos mais variados níveis sociais. Sendo uma Àjẹ́ de difícil acesso, Aláàjẹ́ em seu aspecto

negativ o pode causar grande destruição e males sem fim em qualquer ambiente. Particularmente perigosa, pode ser a relação entre Aláàjẹ́ e as "filhas" de Ọ̀ṣun, quando não estruturada nos ritos apropriados.
Odù Ritual : Ìrẹtẹ̀ Ọ̀sá
Finalidade: Conquistar respeito e consideração.

137. Àjẹ́ Ìyá Ajénilẹ́ṣẹ́

Principal função: Àjẹ́ especialista em causar feitiços e maldições na área financeira de alguém
Odù Ritual : Ìrosùn Ọ̀sá
Finalidade: Arrasar financeiramente com alguém.

138. Àjẹ́ Ìyá Olódòdó elẹ́jẹ̀ ti í w'èwù ẹjẹ̀

Principal função: Esta Àjẹ́ utiliza em seus ritos , toda espécie de flores, particularmente às de cor vermelha. Sua especialidade é os encantamentos de atração e domínio sexual. É uma poderosa Àjẹ́ no âmbito das magias sexuais.
Odù Ritual : Ọ̀sá Méjì
Finalidade: Despertar atração sexual.

139. Àjẹ́ Ìyá Olọ́wọ́ ejò

Principal função: Esta Àjẹ́ controla todos os feitiços e encantamentos que envolvam ofídios. É a senhora de um tipo muito perigoso, mas igualmente poderoso de magia, que é a

magia ofídiana.
Odù Ritual : Òsá Òkànràn
Finalidade: Despertar em você o poder da serpente.

140. Àjé Ìyá Àgélété

Principal função: Esta Àjé é uma influente força sobre a agricultura. Pode de forma muito viril, desenvolver rapidamente ou "secar" completamente qualquer espécie de plantio ou solo.
Odù Ritual : Èjìogbè Méjì
Finalidade: Trazer fertilidade para uma plantação

141. Àjé Ìyá Lamí

Principal função: Esta Àjé é uma ótima feiticeira nos feitiços de "amarração". Seu principal símbolo é a teia da aranha, material este que é fundamental em suas magias de "amor".
Odù Ritual : Èjìogbè Òyèkú
Finalidade: Fazer alguém se apaixonar perdidamente.

142. Ìyá Ìşikà

Principal função: Pertence ao domínio desta Àjé o assassinato violento e a tortura. Senhora de magias muitíssimas poderosas, é necessário um extremo cuidado em seus rituais.
Odù Ritual : Ògúndá Ìrosùn
Finalidade: Proteção contra violência.

143. Ìyá Nárun Sàn

Principal função: É uma das principais Àjé causadoras da doença que em hoje em dia conhecemos como Câncer.
Odù Ritual : Òyèkú Méjì
Finalidade: Auxiliar no tratamento de uma doença grave.

144. Àjé Oníjèdíjèdí

Principal função: Esta Àjé é uma "especialista" no assassinato e na transmissão de doenças fatais entre homossexuais masculinos.
Odù Ritual : Òkànràn Òsá
Finalidade: Proteção contra doenças.

145. Ìyá igi nlá

Principal função: (Àjé do 14° dia do mês lunar) Concede clarividência e a capacidade do "vôo noturno" (projeção astral para finalidades de magia).
Odù Ritual : Òsá Méjì
Finalidade: Fazer com que a pessoa se projeta astralmente durante o sono.

146. Àjé Ìyá Aláyílo

Principal função: Esta Àjé controla o resultado de todos os feitiços que sejam feitos em relação ao Òrìşà Ìrókò.
Odù Ritual : Ìrosùn Méjì

Finalidade: Lançar um feitiço de violência sobre alguém.

147. Àjé Ìyá Ìyé pupa

Principal função: (Àjé do 12º dia do mês lunar) Esta Àjé quando cultuada devidamente traz grande felicidade e paz matrimonial. Portanto em sua ação contrária, são também nestas áreas os efeitos perniciosos que ela pode causar. Também podemos fazer ótimos ritos de confecção para amuletos de amor ou ódio com Ìyé pupa.
Odù Ritual : Ọ̀kànràn Òfún
Finalidade: Construir um amuleto para o amor.

148. Ìyá Ìfun

Principal função: Esta Àjé pode causar ou anular completamente todos os feitiços feitos através de alimentos (feitiços que a pessoa tenha ingerido).
Odù Ritual : Ọ̀ṣá Ọ̀yẹ̀kú
Finalidade: Cortar feitiços que tenham sido feitos através da ingestão de alimentos.

149. Aṣàjé Ajíbíìkẹ́

Principal função: Esta Àjé pode fazer uma pessoa tornar-se uma verdadeira "escrava" do amor e da atenção de alguém.
Odù Ritual : Ọ̀wọ́nrín Ọ̀kànràn
Finalidade: Despertar um profundo amor e desejo em alguém.

150. Ìyá Ilẹ̀kùn

Principal função:
É a Àjé guardiã de todos os santuários, templos, assentamentos, imagens, etc, podendo facilmente ensinar intuitivamente à quem a cultua, o porque dos rituais religiosos e sua verdadeira utilidade na magia prática.
Odù Ritual : Ọ̀wọ́nrín Méjì
Finalidade: Proteger uma casa de culto.

151. Ìyá elédìnà

Principal função: Àjé senhora da magia que modifica o destino de uma pessoa através do parto. Ela costuma acompanhar todas pessoas Àbíkú.
Odù Ritual : Òfún Ọ̀yẹ̀kú
Finalidade: Anular negatividades Àbíkú do destino de alguém.

152. Àjé Ìyá Afẹ́fẹ́ lile ayé

Principal função: Cabe a esta Àjé a função de controlar todos os momentos em que o sangue de um ser vivo cai na terra. Seja em um matadouro, ou mesmo em uma casa de Santo. Nada que envolva sacrifício de sangue (independente de religioso ou não) poderá ser bOdù Ritual : Ọ̀ṣá Òfún
Finalidade: Agradar a Ìyámi através de Afẹ́fẹ́ lile ayé antes dos sacrifícios rituais, com a finalidade de que as magias funcionem prontamente.em sucedido sem a solicitação dos favores desta Àjé.

153. Àjẹ́ Ìyá Igbá epo

Principal função: Cabe a esta Àjẹ́ a função de guardiã de todo e qualquer "assentamento" de Èṣù. Ela é uma poderosa força de Ìyàmì em relação ao movimento da vida e da morte (do que sai e do que entra), dentro de uma casa de Candomblé.
Odù Ritual : Òdí Méjì
Finalidade: Oferenda para Èṣù e Àjẹ́ Igbá epo fazerem o que você quiser.

Ritual:
Coloque dezessete penas de Ikọdidé no assentamento de Èṣù oferecendo-as a esta Àjẹ́.

154. Àjẹ́ Ìyá Òórùngò

Principal função: Esta Àjẹ́ controla todas as magias que envolvam água e ervas. Intermediária entre Òṣun e o orixá das folhas, esta Àjẹ́ é a poderosa curadora de todos os males através da magia dos banhos rituais-terapêuticos (Dona dos "Abôs").
Odù Ritual : Òyẹ̀kú Ìrosùn
Finalidade: Banho para afastar negatividades das filhas de Òṣun.

Receita do banho e ritual:

Folhas do Banho:

Ewé Ògẹ̀dẹ̀ Òminì (Folhas de Bananeira)
Ewé Òṣíbàtà (Lótus)

Ewé Ojú oró – (Flor-d'água)
Ewé Wòrọ̀mọbà (Alfavaca)
Ewé Àbámọdá (Folha-da-fortuna)
Ewé Ojúmsájú (Guiné)
Ewé Pèrègún (Coqueiro-de-vênus-nativo)
Ewé Ọṣè (Baobá)
Ewé Ìrèké (Cana-de-açúcar)
Ewé Ògùn Bèrèkè (Flamboyant)
Ewé Ara Pupa (Mamona Vermelha)
Ewé Àlùbọ́sà (Folhas de Cebola)
Ewé Òdúndún (Saião)
Um Obí ralado
Um Orógbó ralado
Zimbro moído
Ìyèrọ̀sùn
Òsun
Efun
Chá bem forte de raízes de Acássia
Salsa fresca

Ritual:
Faça a oferenda de Omolokun a Èṣù e Òrùnmìlàá.
Tome o banho (feito com água de sete procedências) em frente ao assentamento de Èṣù e faça seus pedidos a Àjẹ́ Ìyá Òórùngò (e é claro, também a Èṣù e Òrùnmìlàá).

"Água de sete procedências" é uma água preparada com os seguintes "tipos" de água:

1. Água de Cachoeira
2. Água de Rio
3. Água de Chuva
4. Água de Mar
5. Água de Lagoa

6. Água de Mina
7. Água de Orvalho - para colher é só esticar um lençol durante uma madrugada fria, e torcer o lençol bem cedo antes de amanhecer.

155. Ìyá Olóọmú

Principal função: Àjẹ́ extremamente ligada a Ìyemọnjá (Iemanjá), por várias vezes em seus rituais combinadas a esta grande "Ìyabá", pude ajudar mulheres com problemas de saúde relacionados aos seios.
Odù Ritual : Òfún Méjì
Finalidade: Auxiliar na cura de doenças relacionadas aos seios.

156. Ìyá Iyelala

Principal função: Esta Àjẹ́ é a mãe de todos os sonhos (sejam pesadelos ou não). Quando em aspecto negativo, ela é a temível Mãe de Ṣigidi (veja texto sobre a árvore Ìyá).
Odù Ritual : Òsá Ìrẹtẹ̀
Finalidade: Evitar pesadelos.

157. Àjẹ́ Ìyá Olóòkéere

Principal função: Principal Àjẹ́ ligada a Ọmọolú. Regente absoluta de todas as mulheres que nasceram (ou ficaram) aleijadas.
Odù Ritual : Òyẹ̀kú Òsá

Finalidade: Trazer prosperidade através da força da ancestralidade feminina de alguém.

158. Àjẹ́ Ìyá Onirá

Principal função: (Àjẹ́ do 13º dia do mês lunar) Muitas vezes confundida como uma espécie de "qualidade" de Iansã, esta é a Àjẹ́ da magia mumial e da magia simpática, que opera através dos elementos (unha, sangue, saliva, roupas, etc) de uma pessoa nos rituais.
Odù Ritual : Òwónrín Èjìogbè
Finalidade: Proteger uma casa de raios e tempestades.

159. Ìyá Àrídọn

Principal função: Àjẹ́ protetora da gravidez e da saúde. Senhora da "fava" (fruto) e das folhas da árvore Aridán.
Odù Ritual : Òfún Èjìogbè
Finalidade: Proteger uma gravidez de risco.

160. Èékánná irin

Principal função: Principal Àjẹ́ ligadas às mulheres que são "filhas" do Grande Orixá Ògún. Na realidade existem muitas Àjẹ́ conhecidas como "unhas de ferro", e só sobre a relação ente esta Àjẹ́ (e suas filhas) e as mulheres que cultuam Ògún, seria necessário um livro bem maior que este.
Odù Ritual : Ògúndá Òfún
Finalidade: Causar acidentes em um inimigo.

161. Pá Ológbò

Principal função: Àjé proprietária da árvore que produz as famosas "favas" de "unha-de gato". Ela controla a maioria dos fantasmas e todos os "catiços" (exú e pomba-gira) ligados à área da encruzilhada de quatro caminhos (território dela).
Odù Ritual : Òsá Ìwòri
Finalidade: Afastar fantasmas de um local.

162. Ìyá Erè

Principal função: Àjé ligada a todas as magias que envolvam "couro ofidiano" ou qualquer outro material relacionado a cobras.
Odù Ritual : Òdí Òwónrín
Finalidade: Afastar cobras de um lugar.

163. Jejene

Principal função: Àjé muito perigosa, causadora do medo e da insegurança em todos os que se aventuraram a "mexer com o que não devem". Quando em aspecto negativo, é literalmente a Mãe da Síndrome de Pânico (doença que causa tantos males, em pessoas no dia de hoje).
Odù Ritual : Òsá Òfún
Finalidade: Afastar o Medo e as obsessões.

164. Igbá Òrun

Principal função: Ela é uma poderosa força de Ìyàmi em relação ao movimento da vida e da morte (do que sai e do que entra), dentro de uma casa de Candomblé.
Odù Ritual : Òdí Méjì

165. Àjé Olomi

Principal função: Esta Àjé controla todas as magias que envolvam água. Ligada a Òsun.
Odù Ritual : Òwónrín Òyèkú

166. Àjé Ida Òrun

Principal função: Principal Àjé ligada a magias para "fechar" ou "abrir" os caminhos pelos quais flui a energia em rituais de sacrifício e guerra.
Odù Ritual : Ògúndá Òfún

167. Pá eledé

Principal função:
Relacionada a utilização do porco nos rituasis de sacrifício a terra, com a finalidade de prosperidade.
Odù Ritual : Òsá Òfún

168. Ìyá Igi Òrun

Principal função: Ligada a força de união entre os seres humanos e os mundos espirituais. Domina a fertilidade dos rituais nos caminhos entre o céu e a terra.
Odù Ritual : Èjìogbè Òfún

169. Àjé Omo Osupá

Principal função: Esta é a Ajé que permite que a força do magnetismo lunar possa influenciar positivamente ou negativamente nos rituais, ou por sobre a mediunidade de alguém.
Odù Ritual : Òyèkú Ìká

CAPÍTULO 19
ÁRVORE ỌBỌBỌ



"...Dizei, que se lutardes com alguém, e se ele vier vos fazer súplicas, se estiverdes na árvore Ọbọbọ, vós o perdoareis..."

Nesta página: Detalhe da s folhas da árvore ỌBỌBỌ

Nome popular no Brasil: Araba (Ceiba Petandra) – Bombacaceae.



"...A árvore ỌBỌBỌ,
é a chefe das árvores nos campos..."

O pilar de magia da árvore Òbòbò baseia-se no perdão. Palavra muitas vezes utilizada de forma hipócrita ou ingênua, esta magia concentra-se na Libertação das consciências e das almas (que são nossos corpos de emoção). Muito mais importante do que saber perdoar outra pessoa, é fundamental sabermos perdoar a nós mesmos. Era isso que os antigos mestres da magia no passado queriam dizer quando falavam: "é preciso saber perdoar". Quando perdoamos nossos erros nos vemos livres da culpa e da frustação. A culpa e a frustação são hoje em dia, instrumentos utilizados de forma inteligente pela sociedade de consumo e de poder militarista. A magia do perdão permite o sorriso e o leve balançar de ombros que nos auxilia a revermos nossos erros de forma menos cruel e por isso mesmo muito mais humana. "- Homens não sois máquinas!" nos dizia Charles Chaplin quando da época de Hitler. A criança interior, chora e se sacrifica quando nos pertimos ser sufocados pela culpa e remorso que as outras pessoas insistem em nos dar para carregar. Como no antigo mito de Sísifo na Grécia, que era um homem condenado a levar uma enorme pedra até o topo de uma altíssima montanha, apenas para vê-la rolar de novo e mais uma vez, por toda a eternidade. O remorso e a culpa nos tornam escravos de uma pedra que achamos que devemos carregar, mas o verdadeiro praticante de Magia É LIVRE! como o pássaro que voa ante o arco do sol, assim é nosso espírito eternal e nossa mais doce alma, a da criança interior. Pratiquemos então a mais benéfica Magia de Iyàmi, a magia do perdão, mas principalmente para nós mesmos, pois como se diz no candomblé:- "cada um só pode dar o que tem". Conquistemos então o sonho da leveza e da paz. o sorriso da criança interior, que brinca sobre o céu e a terra. assim é o mago verdadeiro, com seus pés fincados no mais profundo inferno, e com sua cabeça plantada no mais alto céu. Isso é o exercício do perdão pleno.

1) Abebi

Principal função: Faz descobrir os segredos da natureza. Seu poder traz proteção ao mundo físico. Casas, lojas, carros, bens, etc. Esta Àjé pode nos ajuda a colocar os pés no chão. Auxilia em não deixar escapar nenhuma oportunidade.
Odù Ritual: Ofú Òtúrá Ofú
Finalidade: Proteger bens materiais

Materiais

Iyèròsùn
Duas xícaras e meia de chá de farinha de feijão fradinho
Um kg de abóbora moranga cozida e amassada
Dois ovos de pata
Uma cebola grande picada em pedaços pequenos
Duas xícaras de chá de azeite-de-dendê
Sal
Pimenta dedo-de-moça
vinte e duas folhas de louro
Cominho em pó
Três galhos de arruda
Três mangas espada

Preparo e Ritual:
Espalhe Iyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do Odù de ifa indicado acima. Misture em uma tigela a abóbora, os ovos, a farinha de feijão-fradinho, o sal e a pimenta. Reserve. A parte, frite a cebola em

uma colher de sopa de azeite de dendê até dourar. Com a massa da abóbora, faça treze bolinhos, recheando com a cebola frita. Se preferir, use a farinha de feijão-fradinho para facilitar a modelagem dos bolinhos. Em seguida, num tacho de cobre no dendê bem quete frite os bolinhos um pouquinho de cada vez. Retire assim que dourar e coloque sobre toalha de papel. Coloque em uma gamela redonda com fatias de manga espada e muitas folhas de louro, arruda e cominho. Ofereça a Àjé Abebi, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Pedindo que todo o mal que se aproximar de você que retorne imediatamente para quem enviou e seja cortado. Entregue em uma encruzilhada.

2) Tarana

Principal fuação: Àjé muito poderosa contra magias e energias negativas - destrói todos os seres das sombras. Afasta traidores. Retira o mal a volta de nós. Expulsa entidades negativas. Invoca-se esta Àjé para obter proteção de Olóòrun Aláànú (Deus). Ajuda ao Bruxo/a obter domínio sobre o Ego. Auxilia a abrir a visão espiritual. Leva equilíbrio ao espaço físico de uma casa.
Odù Ritual: Òtúrá Ìrètè Òsèòtúrá
Finalidade: Destruir entidades negativas

Materiais

Ìyèròsùn
Quinze ovos de pata
Uma xícara de chá de leite de cabra fresco
Quatro colheres de sopa de banha de orì
Duas xícaras de chá de alho-poró em rodelas (ou em pó)

Duzentos e cinquenta gramas de cação cortado em tirinhas
Sal marinho
Pimenta-da-costa
Folhas de mamona-vermelha
Folhas de amendoeira
Um obí vermelho
Cinco pedaços de cobre

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima.
Em uma tigela grande e funda, bata os ovos até obter uma mistura homogênea. Junte o creme de leite e misture com sal e pimenta.
Em uma frigideira grande, derreta a banha de orì em fogo médio. Junte o alho-poró e refogue por cinco minutos ou até ficar macio. Acrescente a mistura de ovos e cozinhe, sem mexer, por três minutos ou até os ovos começarem a ficar firmes.
Mexa ligeiramente os ovos, junte o cação e misture. Cozinhe por mais dois minutos ou até os ovos ficarem ligeiramente firmes, porém cremosos. Coloque em um tacho de cobre, forrado com folhas de mamona-vermelha e amendoeira. Rale por cima o obí vermelho. Ofereça a Àjé Tarana, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá acompanhado de cinco pedaços de cobre. Passe pela sua casa dos fundos para frente e deixe em sua porta por 24 horas. Após este tempo, entregue aos pés de uma árvore frondosa (de preferência próximo a sua casa).

3) Ada

Principal função: Provoca a reconciliação entre as pessoas. Traz alegria. Esta Àjé domina a bondade e a reconciliação, influência sobre as promessas feitas de forma sincera. Atrai a graça e a misericórdia. Ajuda a dar compreensão para não julgarmos os erros dos outros.
Odù Ritual: Ìrètè Òsá Ìwòrì
Findalidade: Reconciliação

Materiais

Iyèròsùn
Muitos pedaços de canela-em-pau
Cascas de aproximadamente um kg de cerejas
Dois litros de água de cachoeira
Uma xícara de açúcar mascavo
Sete cravos-da-índia
Uma colher de chá de aniz-estrelado moído
Uma moringa de barro
Fio de cobre grande
Sabugo de milho

Preparo e Ritual:
Espalhe Iyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Coloque os vários pedaços de canela-em-pau e as cascas de cereja em uma tigela grande e deixe descansar com água de cachoeira. Cubra a tigela com um pano verde e limpo e deixe até o dia seguinte. Junte os demais materiais e deixe descansar por mais um dia. Coe a bebida para uma moringa de barro. Coloque o nome das pessoas dentro da moringa, escritos em pedaço de papel carbono, jogando conjuntamente o pó do odù de ifá. Tampe com um sabugo de milho e enrole com

fio de cobre. Jogue no mar em um dia de sexta-feira de preferência em uma noite de lua cheia. Ofereça a Àjé Ada, e faça seu pedido por sete vezes.

4) Ulu
Principal função: Esta Àjé é uma poderosa força contra pesadelos. Preserva a justiça enquanto se está dormindo. Evita que o bruxo/a mergulhe em dimensões inferiores durante o sono. Traz imaginação, autoconfiança, flexibilidade e capacidade para escolher o melhor caminho ou oportunidade.
Odù Ritual: Ofú Osa Ògúndá
Findalidade: Afastar pesadelos e o Je ni iyá Sìgidí (aquele que mata sua vítima dormindo).

Materiais

Um kg de camarão seco
Um kg de camarão fresco grande
Cinco dentes de alho-poró socados com um pouco de sal
Um kg de farinha de aveia seca peneirada
Três maços de salsa fresca
Um vidro médio de azeite-de-dendê.
Três pimentas de cheiro
Três cebolas grandes
Um kg de quiabo
Limão
Cinco orógbôs
Folhas de Mamona vermelha
Uma Preá

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Soque os camarões, descascados, com a farinha de aveia seca, dois maços de salsa, duas cebolas, duas pimentas. Reserve, esta é a paçoca do camarão. Corte as cabeças e pontas dos quiabos, coloque de molho na água de limão por quinze minutos. Ponha para escaldar em outra água, depois de escaldados reserve. Tempere os camarões frescos com o restante dos temperos, dendê e os orógbôs ralados. Bote para refogar. Quando estiver bem refogado coloque os quiabos com um pouco de água em que foram cozidos e reserve o resto da água. Por fim, coloque a paçoca de camarão dentro do restante da água com mais um pouco de água fria e coloque ao fogo para cozinhar, mexendo sempre, logo que levante a fervura coloque o dendê e o sal. Enrole esta oferenda em grandes folhas de mamona vermelhas. Coloque em uma panela de barro e sacrifique um preá por cima. Ofereça a Àjé Ulu, jogando por sobre a oferenda e o sacrifício o pó do odù de ifá. Passe em volta de seu corpo e em sua casa. Ofereça em uma clareira de mato de preferência à noite em uma segunda-feira.

5) Adama

Principal função: Protege contra raios e tempestades e garante a vitória. Exerce influência contra fraudes. Ajuda a melhorar sua personalidade a cada nova experiência vivida. Traz sucesso e estabilidade financeira. É uma grande força para superar obstáculos no trabalho.
Odù Ritual: Osa Ofú Òfún
Finalidade: Trazer sucesso e estabilidade financeira

Materiais

Dez inhames da costa
Dez ovos de galinha caipira
Três litros de azeite-de-dendê
Um kg de farinha de feijão-fradinho (farinha de acarajé)
Açafrão em pó
Sálvia em pó
Canela em pó
Muitas folhas de sândalo
Água de chuva de lua cheia
Quatro pedaços de estanho
Uma panela de ferro
Uma pedaço de ouro
Um Ìgbín (caracol)

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Depois de descascados e lavados cozinhe os inhames em água de chuva de lua cheia. Escorra, deixe secar e corte-os em várias rodelas não muito finas. Passe-os pelos ovos batidos misturados a farinha de acarajé e aos temperos em pó (açafrão, sálvia e canela). Fritar em dendê. Coloque na panela de ferro forrada com as folhas de sândalo. Acrescente os quatro pedaços de estanho e o pedaço de ouro. Sacrifique por cima o Ìgbín (caracol). Ofereça a Àjé Adama, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Deixe por pelo menos 24 horas em suas casa e depois entregue em uma encruzilhada de quatro caminhos. O melhor dia para este ritual é quinta-feira. Não é necessário despachar a panela de ferro, você pode entregar somente por sobre as folhas de sândalo, e assim guardar a panela para outros rituais).

6) Titi

Principal Função: Esta Àjé é uma grande força de energia de amor. Revela os mistérios pelos sonhos. Traz beleza, magnetismo pessoal e auto-estima.
Odù Ritual: Ìrètè Ìrètè-Òtúrúpòn
Finalidade: Revelar um mistério através de sonhos

Materiais

Nove tipos diferentes de sementes de tubérculos (um bom punhado de cada tipo)
Duzentas gramas de aniz-estrelado
Cem gramas de farinha de babaçu
Cem gramas de farinha de aveia
Sal marinho
Um pedaço pequeno de prata
Água de mina

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Faça um chá bem forte em aproximadamente um litro de água de mina das sementes de tubérculos e do aniz-estrelado. Misture as farinhas de babaçu e aveia em um pouco de sal em uma panela de ferro. Coloque um pequeno pedaço de prata. Leve ao fogo médio, mexendo sempre até cozinhar (cerca de 10 minutos). Deixe engrossar. Coloque em uma panela de barro. Ofereça a Àjé Titi, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Separe um pouco deste pó e misture-o a sabão-da-costa. Lave-se com este sabão da cabeça aos pés e durma com a firme intenção de seu desejo. Retire também o pedaço de prata e coloque-o dentro da fronha do travesseiro. No outro dia entregue esta oferenda na beira do mar. Permaneça com o pedaço de prata dentro da fronha do travesseiro por nove dias e nove noites. Certamente você sonhará com o que deseja saber. Este pedaço de prata poderá ser usado outras vezes para esta finalidade, por isso, guarde-o enrolado em um pano de pura seda.

7) Adanna

Principal função: Pode esta Àjé trazer energia para engravidar, harmonia entre casais e fidelidade.
Odù Ritual: Ìwòrì Òsá Òsa
Finalidade: Para uma mulher engravidar.

Materiais

Sete pêssegos cortados em pedaços pequenos
Um litro de leite de coco
Duzentos e cinquenta e nove gramas de açúcar mascavo
Sete pedaços de canela em pau
Duzentos e cinquenta gramas de arroz com casca
Água de chuva e de cachoeira
Uma pitada de sal marinho
Canela em pó

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Cozinhe nas águas indicadas acima, o arroz com casca com uma pitada de sal, a canela em pau e os pedaços de pêssego. Depois do arroz cozido, escorra a água e guarde-a. Misture o

arroz ao leite de coco e ao açúcar mascavo. Coloque novamente ao fogo com a água anterior (mas acrescida com maior quantidade) até ficar cremoso, mexendo de vez em quando. Retire do fogo e coe. Da água tome um banho da cabeça aos pés e depois, coloque esta oferenda em nove pequenas panelas de barro. Ofereça a Àjé Adanna, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Entregue após 24 horas na beira de uma cachoeira ou no na beira do mar.

8) Uşenna

Principal função: Protege as minorias oprimidas. Controla multidões. É a Àjé da Justiça, Verdade e Liberdade, livra as pessoas que sentem ou estão prisioneiras e deprimidas. Traz a regeneração espiritual. Traz energia para que a pessoa possa tornar-se o centro das atenções. Evita o Genocídio.
Odù Ritual: Òyèkú Òsé Ìrètè
Finalidade: Livrar alguém de uma prisão

Materiais

Cinco inhames da costa
Dois obis
Seiscentas gramas de carneiro (de preferência que tenha sido sacrificado a Ògún Onire, se for este o caso, para um homem preso deve-se oferecer a perna dianteira direita, se for mulher, a perna traseira esquerda).
Uma cebola grande
Três cravos-da-índia
Dois dentes de alho
Cinquenta gramas de gengibre em pó
Dois litros de vinho de palma ou vinho branco

Uma folha de louro
Sal grosso
Um litro de azeite-de-dendê
Folhas de menta
Água de rio ou cachoeira.

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Descascam-se os inhames e corta-se em cinco pedaços cada. Corta-se à parte do carneiro em cinco pedaços grandes e reserve. Leve ao fogo em um tacho de cobre com a cebola cortada em meia-lua finas, os dois obís ralados, o dendê, os dentes de alho, gengibre, a folha de louro, as folhas de menta e os cravos. Quando a cebola estiver mole junta-se o carneiro e refoga-se mais um pouco. Acrescente o vinho de palma e um pouco de água de rio limpo ou cachoeira e os inhames. Tapa-se o tacho e deixe cozinhar em fogo brando por cerca de 50 minutos. Coloque em uma travessa de ferro forrada com folhas de menta. Ofereça a Àjé Uşenna e a Èşù e Ògún, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Se possível na encruzilhada mais próxima ao presídio em que a pessoa está confinada, de preferência em uma noite de terça-feira de lua cheia. Sopre um pouco do pó do Odù nas quatro direções da encruzilhada na intenção da pessoa que você deseja libertar.

9) Adeọla

Principal função: Esta Àjé protege as ártes e a ciência. Faz as pessoas terem grandes idéias.
Odù Ritual: Ìrètè Ìrosùn Ìwòrì

Finalidade: Trazer inspiração

Materiais

Trinta folhas de figo
Um litro de gim
Quinhentas gramas de açúcar mascavo
Quinhentos ml de água de chuva colhida em uma lua cheia

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyẹ̀rọ̀sùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Coloque as folhas de figo para macerar no gim; em um recipiente de vidro escuro por quatorze dias, agitando bem todos os dias. Após passar este tempo, coe e acrescente o líquido obtido a uma calda rala, já fria com o açúcar mascavo e a água de chuva (obtem-se a calda fervendo a água com o açúcar por aproximadamente 20 minutos), jogue por sobre o líquido obtido o pó do odù de ifá e misture fazendo seus pedidos. Assim será formado um tipo de licor, o qual deverá envelhecer por três meses antes de se beber. Quando você for experimenta-lo pela primeira vez, ofereça-o primeiramente a Àjẹ́ Adeọla em um pequeno copo de barro na janela de sua casa e somente após isso beba-o. Sempre que você precisar de forte inspiração sobre qualquer assunto, beba deste "licor das Àjẹ́", pois certamente boas idéias não irão lhe faltar.

10) Urenna

Principal função: Protege contra os traidores que desejam lhe oprimir. Esta Àjẹ́ protege as pessoas que ocupam posição

Odù Ritual: Ìrẹtẹ̀ Ọbàrà Ọ̀yẹ̀kú
Finalidade: Afastar e punir traidores

Materiais

Duas cebolas roxas
Um kg de polvo fresco
½ litro de vinagre
Sal grosso
Gim
Azeite-de-dendê
Cominho em pó
Folhas de menta, urtiga e arruda.
Uma jaca bem madura

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyẹ̀rọ̀sùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Deixe o polvo de molho em água macerada nas folhas de menta, urtiga e arruda. Misture nesta água pelo menos ½ litro gim. Nesta oferenda é importante que o polvo não perca muito de sua viscosidade. Corte o polvo em cinquenta pedaços e leve-o ao fogo em uma panela de ferro com o dendê, as cebolas picadas, os bagaços das folhas de menta, urtiga e arruda e o cominho em pó. Tape a panela de ferro e deixe cozinhar em fogo baixo mexendo de vez em quando. Depois de cozido adicione o vinagre e várias pedras poquenas de sal grosso, deixe ferver mais um pouco com a panela fechada. Retire a panela do fogo e acrescente mais cominho.
Após isso, pegue o interior da jaca e misture com muito cominho e folhas de menta em um alguidar de barro. Por cima desta mistura de jaca, cominho e folhas de menta. Jogue o preparado de polvo. Ofereça a Àjẹ́ Urenna, jogando por sobre

a oferenda o pó do odù de ifá. Entregue na porta de um cemitério, de preferência a meia-noite entre o primeiro e o segundo dia da lua nova. Depois de oferecer, passe um ovo cru de galinha caipira ao redor de seu corpo, e coloque-o sem quebrar, na primeira encruzilhada que você passar ao ir embora. Não olhe para trás. E tenha absoluta certeza dos resultados que pediu. Eles acontecerão.

11) Adetoun

Principal função: Esta Àjé protege e evita a loucura e as perturbações do espírito. Ela pode ser invocada contra os tormentos do espírito e a tristeza. Age contra a insônia e traz revelações nos sonhos.
Odù Ritual: Osa Ofú Òtúurúpòn
Finalidade: Anular insônia

Materiais

Òsun
Uma colher de sopa de flores de alfazema
Cem ml de água mineral
Duas colheres de sopa de mel
Cento e cinquenta ml de leite quente
Sabão-da-costa
Mel
Um orógbó

Preparo Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Separe duas porçõcs deste pó de odù. A primeira porçãovocê

deve misturar ao sabão-da-costa o oreógbó ralado, òsun e as flores de alfazema com bem pouco leite. Até que se faça uma pasta. Tome banho com este sabão utilizando bucha vegetal antes de dormir. Após tomar o banho, beba o chá que você deve preparar: Ferva água, retire do fogo e acrescente as flores de alfazema. Coe, acrescente o pó do odù, o leite e adoce com o mel. Desta forma, durante o banho e ao tomar o chá faça seu pedido a Àjé Adetoun. E bons sonhos!

12) Nkeşi

Principal função: Faz aparecer à verdade. Serve para confundir os inimigos e as pessoas negativas.
Odù Ritual: Òtúrá Osa Ìwòrì
Finalidade: Confundir inimigos e atrair boa sorte em todas as circunstâncias.

Materiais

Quatro colheres de sopa de açafrão em pó
Uma colher de chá de sal marinho bem cheia
Trezentos ml de água de chuva colhida em noites de lua nova
Quarenta gramas de coco ralado
Duzentas gramas de canjica branca,
Quarenta gramas de banha de òri
Cinco pimentas dedo-de-moça
Um peixe vermelho
Quatro obís
Um òrógbó

Preparo e Ritual:
Espalhe Iyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Coloque o açafrão e o sal em um recipiente com um pouco de água de chuva. Ponha para ferver e mexa. Escalde o coco com a água e ponha para ferver mexendo. Tape ponha para cozinhar por aproximadamente dez minutos, em infusão. Derreta a òri em um grande tacho de cobre em fogo brando, junte a canjica e as pimentas bem picadas e mexa. Adicione o leite de coco e o açafrão. Deixe ferver, tape bem o tacho de cobre e reduza o fogo para o mínimo possível, mantenha por durante uns dez minutos, até a canjica ficar "mais ou menos" amolecida. Retire o tacho do fogo e deixe esfriar. Enquanto isso asse o peixe sem nenhum tipo de tempero. Depois de pronto, coloque-o por sobre a oferenda do tacho de cobre. Ao redor do peixe coloque quatro obís e um òrógbó. Passe esta oferendca em volta de seu corpo e pela sua casa (dos fundos para à frente). Coloque esta oferenda ao lado do assentamento de Èsù guardião de sua casa. Ofereça a Èsù Olaalu Oba Alaketu e a Àjé Nkesi, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Faça seus pedidos. Após vinte e quarto horas, despache em uma encruzilhada de quatro caminhos. Ao despachar, retire a oferenda do tacho de cobre e forre-a com folhas frescas de mamona vermelha. Coloque diretamente no chão da encruzilhada.

13) Aina

Principal função: Favorece a memória e os estudos. Lida com as vidas passadas e o Karma.
Odù Ritual: Osa Ôfúurúpòn Ôfún
Finalidade: Aliviar dívidas espirituais de vidas passadas

Materiais

Azeite de dendê
Uma cebola picada
Dois dentes de alho picados
Feijão preto cozido
cominho
Um pombo de chumbo

Preparo e Ritual:
Espalhe Iyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Em uma panela refogue um pouco a cebola e os alhos com o dendê. Junte o feijão cozido e acrescente mais um pouco de dendê. Deixe apurar até ficar com o molho grosso. Coloque tudo em um alguidar e por cima posicione o pombo de chumbo. Ofereça a Àjé Aina, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá e faça seus pedidos.

14) Ola

Principal função: Esta Àjé age fortemente contra os inimigos dos praticantes da magia. Ajuda a solucionar os enigmas da grande arte dos bruxos/as. Revela os novos tempos da liberdade regida pela magia e liberdade sobre as pessoas. Ajuda a trazer prosperidade.
Odù Ritual: Òdí Ìrètè Osa
Finalidade: Eliminar fanáticos que incomodam bruxas/os ou seus templos.

Materiais

Um pimentão verde
Seiscentas gramas de peixe cação
½ litro de azeite-de-dendê
Trezentas gramas de batata-doce
Uma folha de louro
Salsa
Sal grosso
Trezentas gramas de inhame
Dois tomates médios maduros
Duas cebolas médias
Quatrocentas gramas de banana verde com casca
Duzentos e cinquenta gramas de batata-doce
Sal marinho
Cinco obís vermelhos
Dois litros de água de poço
Uma colher (de sopa) de cachaça de qualidade
"cabelos" de espiga de milho
Uma faca virgem

Preparo e Ritual:
Espalhe Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Leve ao fogo em um tacho de cobre e ponha para refogar a cebola cortada, o azeite, a folha de louro, a salsa e o tomate. Quando a cebola amolecer, junte o peixe e deixe refogar por mais 2 minutos. Coloque na água que ferve o inhame cortado em pedaços e a cachaça. Deixe ferver e a seguir coloque a bata doce e as bananas, todos estes ingredientes cortados em rodelas. Tempere com o sal grosso e deixe cozinhar. Depois de cozido coloque em uma cabaça e espalhe por cima vários cabelos de espiga de milho e posicione a faca virgem

em pé, com seu cabo apoiando-se dentro da oferenda. Ofereça a Àjé Ola, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

15) Akim

Principal função: Influencia contra a calúnia e anula a força dos incêndios. Ajuda a remover influências de Odus em atividade negativas.
Odù Ritual: Òsá Osa Òtúrá
Finalidade: Cortar fofocas, calúnias e difamações

Materiais

Duzentas e cinquenta gramas de carne de caranguejo
Quinhentas gramas de lulas
Duas colheres de sopa de vinho de palma
Quatro colheres de sopa de azeite-de-dendê
Cento e cinquenta gramas de gengibre fresco picado
Uma colher de sopa de cachaça
Uma colher de chá de farinha de feijão fradinho
Uma cebola grande
Uma língua de porco
Muitas folhas de Menta.

Preparo e Ritual:
Espalhe Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Depois das lulas lavadas, cotam-se em rodelas finas. Coloque em um tacho de cobre com o dendê ao fogo, a cebola picada e o gengibre picado. Deixe refogar um minuto em fogo alto, mexendo o tacho de vez em quando. Põe-se a carne de caranguejo, as lulas, a língua de porco, a cachaça e um

pouco de vinho de palma. Cozinhar cerca de três minutos, sempre mexendo o tacho. Adiciona-se um pouco de água onde se dissolveu a farinha. Abaixe o fogo e deixe cozinhar até engrossar o molho. Tire do fogo e coloque em uma panela de ferro, cubra tudo com muitas folhas de menta. Ofereça a Àjé Akim, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

16) Onaedo

Principal função: Protege e abençoa todos os sacerdotes e sacerdotisas honradas. Traz energias positivas e prosperidade. Influência nas viagens, diplomacia e comércio. Protege os Mestres encarnados da Magia de Ìyàmi.
Odù Ritual: Ìwòri Méta
Finalidade: Proteção durante uma viagem

Materiais

Uma ferradura usada
½ kg de filé de cação
Trezentas gramas de camarões pequenos sem casca
Cem gramas de amendoim torrado e moído
Cem gramas de castanha de caju moída
Uma colher de sopa de coentro picado
Duas colheres de sopa de gengibre fresco picado
Um pimentão vermelho picado
Quatro tomates maduros picados (sem pele e sem semente)
Dois dentes de alho picados
Uma cebola média picada
Três colheres de sopa de azeite de dendê
Duzentos ml de leite de coco

Um copo de leite de cabra
Cinco pimentas dedo de moça picadas
Sal marinho

Preparo e Ritual:
Leve ao fogo uma panela de ferro de fundo grosso, aqueça o dendê, refogue o alho, a cebola, o gengibre, a pimenta dedo de moça e o pimentão, assim que a cebola estiver transparente, coloque os tomates e deixe refogar mais um pouco, junte o leite de coco e deixe ferver por uns dois minutos. Tempere os filés de peixe com sal marinho e pimenta e coloque sobre o molho na panela, deixe cozinhar por uns cinco minutos até a carne do peixe ficar opaca. Retire o peixe com cuidado e desfaça-o com um garfo de madeira. Acrescente ao molho, o amendoim e a castanha de caju, mexa bem e cozinhe até ficar na consistência de um purê. Adicione agora os camarões e cozinhe por dois minutos, finalmente coloque o peixe desfiado, o coentro picado e coloque um pouco de sal. Coloque por sobre a oferenda a ferradura usada, não sem antes passa-la em volta de seu corpo. Espalhe Ìyèrósùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Ofereça a Àjé Onaedo, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

17) Amasi

Principal função: Protege contra todos os tipos de armas. Traz proteção nas viagens e livra a pessoa dos males da violência.
Odù Ritual: Òyèkú Osa Ìrètè
Finalidade: Proteção contra armas de fogo

Materiais

Três tomates maduros
Uma folha de louro
Sal marinho
Um kg de moreas
Duas cebolas
azeite-de-dendê
Cinco balas de revólver

Preparo e Ritual:
Depois da moréia ser lavada, corta-se às postas com mais ou menos um dedo de espessura e salpica-se com sal. Leve a cebola cortada às rodelas finas, o tomate limpo de peles e sementes, o dendê, sal e a folha de louro ao fogo em um tacho de cobre para refogar. Tapa-se o tacho e deixe, até amolecer a cebola. Em seguida coloque a moréia para cozinhar, com o tacho tapado, por cerca de dez minutos em fogo baixo, mexendo de vez em quando. Depois de pronta coloque em uma panela de ferro com as cinco balas de revólver por cima. Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Ofereça a Àjé Amasi, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá

18) Mọnifa

Principal função: Protege contra roubos, assaltos e quaisquer violências afins. Traz a influência poderosa da bondade.
Odù Ritual: Ìrètè Ìrètè Òfún
Finalidade: Proteção contra ladrões

Materiais

Farinha de feijão-preto
Três ovos de gansa
Uma colher de café de bicabornato de sódio
Azeite de dendê
Água de mina
Melado de cana
Um copo de cachaça
Limalha de ferro
Limalha de cobre

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Bate-se os ovos inteiros com o melado. Junta-se a água, a cachaça e o azeite batendo sempre. Mistura-se depois a farinha de feijão preto com o bicabornato. Formam-se cinco bolinhos grandes que vão ao forno quente em tabuleiros untados com dendê e limo-da-costa (Òrí). Coloque em uma travessa de barro, forrada com limalha de ferro e cobre. Ofereça a Àjé Monifa, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

19) Anaya

Principal função: Permite descobrir os mistérios ocultos da magia. Poderosa Àjé que facilita a invocação de todos os àwon Òrìsà em qualquer circunstância. Leva mentalmente para alguém uma mensagem distante (Telepatia).
Odù Ritual: Òsá Òsèòtúrá Ìrètè
Finalidade: Descobrir mistérios

Materiais

Dezessete bananas da terra
Água de poço
Água de chuva

Preparo e Ritaual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Leve a um tacho de cobre as bananas com casca e os dois tipos de água para cozinharem. Depois de cozidas, descasca-se e desfaz-se com um garfo de madeira. Coloque em uma pequena gamela. Ofereça a Àjẹ Anaya, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

20) Kambiri

Principal função: Torna os Juízes favoráveis e protege os contemplativos. Domina a política e as influências da opinião pública. Oculta os mistérios e segredos.
Odù Ritual: Ìrẹtẹ Ofú Ofú
Finalidade: Tornar um Juiz favorável a sua causa

Materiais

Dois pimentões verdes
Dois pimentões vermelhos
Um kg do peixe "vermelho"
Leite de coco
Um ramo de coentros
Três cebolas

Cinco orogbôs
Quinhentas gramas de miolo de camarão
sal marinho
dendê

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Corte o peixe em sete postas e espalhe um pouco de sal. Corte todos os legumes bem picados, regue com o dendê e tempere com sal. Separe. Em um tacho de cobre coloque metade desta mistura. Por cima coloque as postas de peixe com o miolo do camarão. Cubra com o restante da mistura. Adicione o leite de coco. Tape e leve ao fogo bem baixo para cozinhar, por mais ou menos uns trinta minutos. Convém verificar. Depois de pronto, escreva em papel carbono o nome do juiz que você deseja influenciar e coloque por sobre a oferenda. Tudo isso em uma pequena travessa de barro. Ofereça a Àjẹ Kambiri, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

21) Anulika

Principal função: Permite confundir o inimigo. Auxilia a pessoa a não ser vista. Liberta a sociedade ou uma família de um mal. Pune os injustos.
Odù Ritual: Ìwòrì Ìrosùn Òsèòtúrá
Finalidade: Punir pessoas injustas

Materiais

Dois dentes de alho
Quinhentas gramas de bifes de javali

Sessenta gramas de amendoim
Três tomates maduros
Duas cebolas roxas
Azeite-de-dendê
Sal marinho
Pimenta de macaco
Cominho
Água de torneira de cemitério
Três penas de urubu

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Tempere os bifes com sal e pimenta de macaco. Leve ao fogo com o dendê, as cebolas cortadas em rodelas finas, os dentes de alho pisados, os tomates sem peles e sem sementes picado e por cima ponha os bifes. Tampe a panela e deixe cozinhar. Quando a carne estiver tenra adiciona-se o amendoim pilado e misturado com a água. Deixe ferver para apurar. Coloque em uma cabaça com três penas de urubu por cima.Ofereça a Àjé Anulika, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

22) Fayola

Principal função: Protege contra o fogo e desperta a prudência. Traz a Cura.
Odù Ritual: Èjiogbè Ofú Ìrètè
Finalidade: Trazer a cura

Materiais

Duzentas gramas de amendoim descascado e pilado
Uma cebola picada
Setecentas gramas de camarões cozidos e descascados
Setecentas gramas de folhas de abóbora
Leite de coco
Dois tomates maduros
Sal marinho
Água de chuva colhida em lua cheia

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Corte as folhas de abóbora como se fosse para um caldo verde, mais grossas. Cozinhe em água de chuva de lua cheia com sal e depois de cozidas separe. Coloque em um tacho de cobre em fogo baixo, o dendê e a cebola picada até dourar. Coloque o tomate e deixe cozinhar até desmanchar. Adicione a este refogado as folhas de abóbora, com o leite de coco, os camarões e o amendoim pilado desfeito em um pouco do mesmo tipo água anteriormente citado. Tempere com sal. Leve novamente ao fogo para apurar. Coloque em uma travessa de barro, forrada com limalha de cobre. Entregue aos pés de uma árvore muito antiga e saudável. Passando ao redor de seu corpo, e ofereça a Àjé Fayola, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Espalhe um pouco deste pó e misture-o a sabão da costa e tome por pelo menos três vezes na semana um banho com sabão (da cabeça aos pés).

23) Aret

Principal função: Protege contra os inimigos espirituais. Fortalece a prática da Àṣàrò (Meditação). Protege os inocentes contra as feitiçarias negativas.
Odù Ritual: Ìrosùn Ìwòrì Ìwòrì
Finalidade: Proteção contra inimigos espirituais

Materiais

Um galo que tenha sido sacrificado no "assentamento" de Ògún
Dois dentes de alho
Sal grosso
Azeite-de-dendê
Uma cebola roxa grande
Quinhentas gramas de amendoim sem sal
Cinco pedras de carvão vegetal
Um litro de água de poço
Cinco pimentas dedo-de-moça

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Moa o amendoim até ficar em pasta. Em uma pequena peneira, jogue por sobre o amendoim a água de poço depois de fervida (bem quente) e separe. Leva-se ao fogo em um tacho de cobre, com o dendê, a cebola e o alho picados. Deixe até dourar. Põe-se o frango cortado em pedaços e deixe por uns dois minutos. Adicione a água do amendoim. Coloque sal e as pimentas. Tape e deixe cozinhar por mais ou menos

uns vinte minutos. Rale cinco obis vermelhos por cima antes de tirar do tacho e deixe mais um pouco. Coloque em uma cabaça cortada por alguém que seja iniciado no culto do orixá Ògún. Coloque cinco pedras de carvão vegetal por sobre a oferenda. Ofereça a Àjé Aret, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

24) Fola

Principal função: Preserva do desespero. Traz equilíbrio energético. Esta Àjé ajuda as pessoas que estão desesperadas a ter mais paciência. Domina a proteção ao reino animal e influi na perpetuação das espécies. Influencia e inspira os químicos, os médicos e os cirurgiões. Fortalece a Paciência.
Odù Ritual: Ofù Òfún Òyèkú
Finalidade: Afastar o desespero

Materiais

Uma franga vermelha que tenha sido sacrificada para Oya
Uma cebola gande
Leite de cabra
Três dentes de alho
Duzentos e cinquenta gramas de polpa de manga rosa cortada em vários pedaços
Sal marinho
Folhas de sálvia
Azeite de dendê

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Em uma panela leve ao fogo para refogar o dendê, a galinha cortada em pedaços, a cebola, e os dentes de alho picados. Quando a galinha perder a cor de crua, coloque o leite e os pedaços de manga. Tempere com sal e muitas folhas de sálvia. Tape a panela e deixe cozinhar até ficar ao ponto. Depois de pronto coloque esta oferenda em um alguidar e antes de levar para a rua, passe por toda sua casa (dos fundos para frente), leve para uma encruzilhada de quatro caminhos, neste local, passe em volta de seu corpo e ofereça este ritual a Àjé Fola, Faça seus pedidos e jogue por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

25) Asabi

Principal função: Favorece as relações comerciais. Inspira coragem em todas e quaisquer situações.
Odù Ritual : Òsé Kanran Ògbè
Finalidade: Favorecer relações comerciais

Materiais

Duzentas gramas de aniz estrelado moído
Água de chuva colhida na lua cheia
Farinha de feijão fradinho
Folhas de sálvia
Açafrão em pó
Canela em pó
Sal grosso
Vinho tinto suave

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Faça um chá bem forte de aniz estrelado moído, em água de chuva colhida em noite de lua cheia. Misture este chá com a farinha de feijão fradinho com o açafrão e a canela em pó, a sálvia e um pouco de sal grosso. Acrescente nesta "farofa" vinho tinto suave e misture. Passe um orógbô pelo corpo e coloque por sobre a oferenda, dentro de um prato de barro. Leve a uma encruzilhada de quatro caminhos (ou mais) e ofereça a Àjé Asabi, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

26) Ifeoma

Principal função: Protege contra os adversários na justiça.
Odù Ritual : Osa Òtúrá Òsé
Finalidade: Vencer adversários em causas de justiça

Materiais

Duzentas gramas de miolo de pão
Três ovos de gansa
Uma cebola grande
Leite de cabra
Azeite-de-dendê
Quatro caranguejos grandes
Sal marinho
dez folhas de louro

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Ponha cozinhar os caranguejos, depois de bem lavados e esfregados com uma escova, em água temperada com sal por cerca de vinte minutos. Depois de cozidos tire-os do fogo e abrem-se aproveitando o recheio sem partir a casca. A carne se deve desfiar e reservar. Leve uma panela ao fogo com dendê, cebola picada e as folhas de louro deixando cozinhar. Assim que a cebola dourar coloque a carne dos caranguejos e o miolo de pão embebido no leite quente. Tempere com sal e misture os ovos batidos. Leve novamente ao fogo para apurar. Encha depois de pronto as cascas com este recheio, com os nomes de seus adversários na justiça escritos em papel carbono. Polvilhe com pão duro ralado e coloque dentro de um buraco, aos pés de uma árvore seca. Ofereça a Àjé Ifeoma e ao orixá Obaluwaiyé, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Antes de ir embora, passe um ovo de galinha caipira ao redor de seu corpo e deixe diretamente na terra sem quebrar longe desta oferenda, e siga seu caminho sem olhar para trás, absolutamente certo de sua vitória.

27) Aṣaki

Principal função: Destrói armadilhas contra você. Ilumina e inspira a pessoa a alcançar o verdadeiro conhecimento das coisas.
Odù Ritual : Òfún Èjiogbè Ìrosùn
Finalidade: Destruir armadilhas

Materiais

Leite de coco
Uma cebola
Um kg de camarão
Dois tomates
Uma colher de chá de açafrão
Sal marinho
Pimenta malagueta
Azeite-de-dendê

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Descasque os camarões crus e separe. Num tacho de cobre coloque ao fogo o dendê e a cebola bem picada. Logo que a cebola esteja dourando, coloque o tomate e deixe cozinhar até se desfazer. Acrescente o miolo do camarão e deixe cozinhar por mais uns dois minutos. Acrescente o leite de coco misturado com o açafrão, a malagueta e o sal. Deixe ferver em fogo baixo durante mais ou menos uns dez minutos. Coloque esta oferenda sobre uma panela de barro, forrada com folhas de alfavaca e pétalas de rosas "cor de rosa". Ofereça a Àjé Aṣaki, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Entregue em um roseiral ou então, em um lugar bem bonito nas raízes de uma árvore bem antiga.

28) Iverem

Principal função: Protege contra a raiva. Mantém a paz, a harmonia e a inteligência nas relações humanas.

Odù Ritual : Ìwòrì Ìrètè Òtúurúpòn
Finalidade: Manter a Paz em um lar

Materiais

Açúcar mascavo
Leite de cabra
Farinha de acaçá
Farinha de milho
Uma colher de limo-da-costa
Uma colher de canela em pó
Uma colher de fermento
dois ovos de galinha caipira
folhas de Saião
folhas de Guiné

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Bata os ovos com o açúcar e depois junte o limo-da-costa. Junte as farinhas, o fermento, a canela e o leite. Depois de tudo preparado, coloque esta misture untada com muito limo-da-costa no forno. Acrescente depois de pronto, as folhas de saião e guiné frescas por cima e por baixo. Coloque tudo em uma panela de barro. Ofereça a Àjé Iverem, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Passe esta oferenda por dentro de sua casa, dos fundos até a frente e entregue em uma cachoeira o mais limpa possível sem jogar nas águas a panela de barro, (devemos preservar a natureza! – fonte do Àsẹ para todos nós).

29) Ayọ

Principal função: Cria a harmonia em um grupo de pessoas. Mantém a paz e a harmonia em família. Traz a alegria.
Odù Ritual : Osa Ìrètè Ìrètè
Finalidade: Harmonizar um grupo de pessoas.

Materiais

Um obí e um orógbô que tenham sido oferecidos a Èsù Òlaalu Òba Alaketu Òmọ Olejá Ekiti Efọn
Um coco ralado
Oito dentes de alho
Dez folhas de louro
Dez folhas de peregun
Farinha de acaçá
Um Ìgbín (caracol)

Preparo e Ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Pegue todos os materiais citados acima e rale-os misturando-os (menos as folhas de peregun). Coloque este material misturado, por sobre um prato de barro. Misture-o com a farinha de acaçá e com um chá bem forte das folhas de peregun. Modele nesta massa de farinha (acrescentada com os outros materiais) uma forma aparentemente humana e coloque dentro do prato de barro. Nas raízes de uma árvore bem frondoza, puxe um Ìgbín por cima desta pequena "escultura" e ofereça a Àjé Ayọ, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Faça seus pedidos.

30) Ṣinaka

Principal função: Ajuda a sair de um lugar negativo. Ajuda a uma pessoa a manter seu emprego, preserva os bens materiais. Informa a cerca de pessoas distantes das quais não temos notícias há muito tempo. Ajuda a desenvolver a espiritualidade positiva.

Odù Ritual : Òtúrá Òfún Òbàrá

Finalidade: Desenvolver a espiritualidade positiva

Materiais

Cento e vinte e cinco gramas de limo-da-costa
Uma xícara de chá de açúcar cristal
Um ovo de galinha inteiro (batido)
Duas xícaras (chá) de fermento em pó
Uma pitada de sal
Pré aqueça o forno a 200 °C

Preparo e Ritual:

Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Misture o limo-da-costa e o açúcar, adicione o ovo e misture bem. Peneire a farinha, o fermento e o sal, adicionando depois a mistura do ovo. Misture bem até formar uma massa homogênea e forre uma travessa de barro já untada com bastante limo-da-costa. Leve ao forno, por dez minutos até dourar. Depois de pronta deixe esfriar, e dentro de sua casa ofereça a Àjé Ṣinaka, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Não se esqueça de convidar seu Orí (sua cabeça espiritual) a participar desta oferenda. Depois de vinte e quatro

horas entregue tudo as águas de um rio limpo.

31) Busi

Principal função: Favorece a vitória. Ajuda os mestres a transmitir os seus ensinamentos. Fortalece as virtudes de uma pessoa.

Odù Ritual : Òyèkú Òsá Ògúndá

Finalidade: Trazer vitória sobre uma situação difícil

Materiais

Um kg de mandioca limpa das cascas e das raízes
Seis tomates verdes
Duas cebolas
Uma colher de sopa de folhas secas de menta
Quinhentas gramas de miúdos de galinha
Dois dentes de alho
Seis colheres de sopa de azeite de dendê
Cinco orobôs
Um pedaço de cactos de palma (daqueles que dão em árvores, e por isso são um dos principais símbolos de Ìyámi e do culto Èfé-Gèlèdè).

Preparo e Ritual:

Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Em uma panela ferva a água com um pouco de sal, a mandioca e os orógbôs ralados até ficar tudo bem cozido, tire a panela do fogo e separe, para deixar o preparado "descansar". Refogue o tomate, a cebola e o alho no dendê por aproximadamente um minuto. Em seguida coloque as

folhas de menta e os pedaços de cactos e os miúdos, depois de mais um minuto, retire do fogo e coloque em uma travessa de barro. Ofereça a Àjé Busi, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Deixe em sua casa por vinte e quatro horas e após este tempo, coloque em uma encruzilhada de quatro caminhos. Faça seus pedidos.

32) Ṣinara

Principal função: Protege contra os animais ferozes e contra as armas. Exerce poderosa influência contra os espíritos ignorantes e primitivos. Protege os filhos.
Odù Ritual : Ofú Ọsá Ìwòrì
Finalidade: Proteger crianças

Materiais:

Ìyèròsùn
Dez ovos de galinha caipira crus
Um pano verde grande
Oito favas de aniz estrelado
Sete pedaços de canela-em-pau
Uma folha de mamona vermelha grande
Folhas de guiné
Uma vela de mel
Uma pedra de efun
Sete orobôs
Oito variedades de frutas doces

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Passe os materiais citados acima ao redor do corpo da criança. Coloque tudo por sobre o pano verde e acenda a vela. Ofereça a Àjé Ṣinara, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Esta oferenda seve ser feita aos pés de uma bonita árvore frutífera.

33) Effiwat

Principal função: Exerce proteção contra as magias negativas. Favorece a cura. Faz com que as pessoas tenham a certeza de sua missão nesta vida. Protege as crianças.
Odù Ritual : Èjìogbè Ọ̀túúrúpòn Ọ̀yèkú
Finalidade: Trazer cura para uma doença física, mas de causa espiritual ou emocional

Materiais:

Ìyèròsùn
Um Bagre
Cinco ovos de pata
Efun ralado
Sabão da costa
Gosma de caracol (Ìgbín)
Ewé Ọ̀dúndún (Saião)

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Passe ao redor da pessoa o bagre e os ovos de pata, coloque-os em um prato de barro forrado com as folhas de saião. Por cima de tudo coloque a gosma de caracol. Ofereça a Àjé Effiwat, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Misture ao sabão da costa um pouco do Ìyèròsùn, do efun e seis folhas de saião. Misture bem e dê este sabão para a pessoa usar por pelo menos uma semana.

34) Dada

Principal função: Liberta os presos das garras dos inimigos. Liberta da depressão e do pânico.
Odù Ritual : Ìrosùn Ìrètè Òtúurúpòn
Finalidade: Afastar a depressão

Materiais:

Ìyèròsùn
Um obí rosa
Folhas de Eucalipto
Um pouco de alho em pó
Folha de abacaxi
Três berinjelas médias cortadas em rodelas com a casca
Sal grosso
Vinho tinto seco
Uma cebola grande cortada em rodelas
Três Orobôs
Três obís vermelhos
Pimenta da costa
Limo-da-costa (banha de òrí)

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Pegue o obí rosa, as folhas de eucalipto, um pouco de alho em pó, Ìyèròsùn e as folhas de abacaxi e coloque todo este material dentro de uma garrafa de gim, tampe bem e deixe curtir por pelo menos quinze dias. Com o restante do material faça o seguinte: Leve ao fogo em uma panela com água, sal, um pouco de vinho tinto seco e ferva as berinjelas sem deixar amolecer muito. Retire do fogo e escorra as berinjelas. Faça um refogado com os orobôs picados, a cebola e os obís vermelhos também picados em limo-da-costa. Tempere com sal e pimenta da costa. Em uma gamela pequena arrume as rodelas de berinjela e jogue o molho por cima. Ofereça a Àjé Dada, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Coloque aos "pés" de um bambuzal bem bonito. Com o líquido que ficou curtindo no gim após o tempo determinado, pelo menos uma vez por semana pela manhã, coloque um pouco do líquido em um pedaço de pano de algodão cru limpo e esfregue na barriga e nas pernas sob o sol.

35) Ebiere

Principal função: Evita a calúnia. Protege a tradição da Magia de Ìyàmì contra as pessoas injustas. Traz proteção aos membros de uma comunidade de praticantes de Magia. Leva uma pessoa a conquistar a paz de espírito.
Odù Ritual : Ògundá Òsá Òsé
Finalidade: Proteger um grupo de praticantes de magia

Materiais:

Quatro Preás
Uma colher (sopa) de sal marinho
½ colher (café) de pimenta da costa
Duas colheres (sopa) de banha de porco
Duas xícaras de vinho-de-palma (çmú)
Dez cogumelos orelha-de-pau
Cominho
Caldo de cana de açúcar (Um copo pequeno)
Sálvia
Um pedaço de chumbo

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Sacrifique duas preás para Èşù e outras restantes para Ìyàmi Òşòròngá. Retire a carne e esfregue com o sal e a pimenta da costa, deixe tomar gosto até o dia seguinte. No outro dia doure as carnes na banha de porco. Depois de douradas coloque em uma panela e junte aos poucos o vinho-de-palma e vá molhando com o caldo de cana de açúcar. Acrescente os cogumelos, a sálvia e cominho, tampe a panela e deixe cozinhar até ficar tudo bem macio. Depois de pronto coloque em um tacho de cobre . Derreta o chumbo e coloque por cima da oferenda. Espalhe mais cominho por cima. Ofereça a Àjé Ebiere, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá e coloque na entrada do local aonde o grupo de praticantes de magia se reúne.

36) Dela o kande

Principal função: Protege nas viagens. Ajuda uma pessoa descobrir conspiracões.
Odù Ritual : Ìwòrì Ìwòrì Òsá
Finalidade: Descobrir conspirações e traidores

Materiais:

Uma língua de boi
Cinquenta gramas de cominho
Cem gramas de folhas de menta
Duzentas gramas de aniz estrelado moído
Banha de porco
Nove folhas de jaqueira bem picadas
Oito penas de papagaio
Mercúrio
Pimenta da costa
Cinco obís vermelhos

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Esfregue na língua de boi o cominho, as folhas de menta, o aniz estrelado e depois passe todo este material na banha de porco, acrescente as folhas de jaqueira picadas, a pimenta da costa, os cinco obís ralados e mexa. Coloque tudo em uma panela de ferro e espalhe um pouco de mercúrio por cima. Coloque no local de culto ao orixá Ògún e ofereça a Àjé Dela o kande, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

37) Abeba

Principal função: Salva das energias negativas. Remove a negatividade das almas. Acelera a conquista da Paz de espírito. Retira os feitiços extremamente maléficos. Esta Àjẹ́ destrói as forças dos inimigos e liberta os escravos, as pessoas deprimidas ou com vícios. Influência poderosamente na prosperidade de uma comunidade.
Odù Ritual : Òyẹ̀kú Ìwòrì Ògúndá
Finalidade: Livrar alguém de um vício

Materiais:

Folhas de Cajazeira (Spondias Mombin, Anacardiaceae)
Vinte e dois espinhos de Bredo-de-espinho (Amaranthus Spinosus, Amaranthaceae)
Um Bagre bem grande
Uma xícara de chá de óleo de rícino
Uma colher de chá de sal marinho
Uma colher de café de pimenta-do-reino branca
Três orobôs ralados
Um caracol (Ìgbín)
Um pombo
Linha grossa branca
Linha grossa preta

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyẹ̀rọ̀sùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Abra o peixe na barriga e limpe por dentro. Tempere com o óleo de rícino, o sal marinho, a pimenta-do-reino branca e os orobôs ralados. Deixe "tomar gosto" por uma hora. Coloque dentro do bagre as folhas de cajazeira e os espinhos de bredo-

de-espinho. Acrescente ainda dentro de peixe, um pouco da bebida ou da droga em que a pessoa é viciada. Coloque o nome da pessoa escrito em papel carbono e ponha mais óleo de rícino. Sacrifique o caracol e o pombo por sobre este material dentro do peixe e espalhe o pó do odù de ifá por cima. Feche a barriga do peixe costurando com linha preta e branca e coloque mais pó do odù de ifá. Cave um buraco na beira de uma cachoeira e enterre oferecendo a Àjẹ́ Abeba e faça seus pedidos.

38) Aṣan

Principal função: Transmite doçura nos julgamentos. Esta Àjẹ́ auxilia na sobrevivência de momentos extremamente difíceis.
Odù Ritual : Ògúndá Èjìogbè Ọ̀bàrá
Finalidade: Fazer uma pessoa sobreviver a duras provas

Materiais:

Um kg de caçāo fresco e limpo
Dois dentes de alho socados
Dez folhas de louro
Cinco folhas de menta
Duas cebolas grandes em rodelas
Uma xícara de chá de Gim
Três colheres de sopa de azeite-de-dendê
Sal marinho
Pimenta da costa
Salsa
Folhas de Arruda
Uma colher de chá de farinha de feijão fradinho
Um vidro pequeno de leite de coco

Uma xícara de chá de sementes de coentro moídas
Um obí

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Corte o cação em fatias grossas e recorte 4 pedaços. Tempere com o alho, o louro, a menta, e as cebolas. Deixe tomar gosto por no mínimo quatro horas. Leve o dendê ao fogo alto e coloque o cação, mexendo com cuidado. Acrescente o Gim, a salsa, a pimenta, a arruda e o sal. Deixe apurar. Misture com a farinha de feijão fradinho, ligada com o leite de coco, e mexa até ferver. Polvilhe com as sementes de coentro moídas e mexa mais um pouco. Coloque esta oferenda em uma panela de cobre e rale o obí por cima. Depois de esfriar o suficiente, passe esta oferenda ao redor de seu corpo e ofereça a Àjé Aşan, jogando por sobre ela o pó do odù de ifá. Deixe em uma área ao ar livre de sua casa por vinte e quatro horas. Para encaminhar , jogue ao mar (sem a panela de cobre) em uma noite de lua cheia.

39) Deka

Principal função: Traz sustento e prosperidade. Atrai o dinheiro e protege a natureza. Movimenta todas as situações paradas.
Odù Ritual : Òtúrá Òbàrà Ìwòri
Finalidade: Movimentar positivamente uma casa comercial

Materiais:

Carne de coelho que tenha sido sacrificado para o orixá
Òşóòsi
Uma xícara de chá de cerveja
Dois dentes de alho socados
Uma folha de louro
Folhas de Alfavaca
Folhas de guiné
Folhas de Crista-de-galo
½ kg de carne-seca desfiada
Uma colher de sobremesa de sal marinho
Uma colher de café de pimenta da costa
Uma colher de café de açafrão em pó
Uma colher de café de aniz estrelado moído
Uma colher de sopa de limo-da-costa
Oito figos maduros e bonitos
Vinte búzios

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Tempere o coelho com alho, louro, sal, pimenta, açafrão e aniz. Enquanto deixa por aproximadamente uma hora a carne tomar gosto, cozinhe a carne-seca e depois de amolecida, retire da água e desfie. Leve a carne ao fogo com o limo-da-costa e passe. Forre uma panela de barro com as folhas de Alfavaca, Guiné e Crista-de-galo. Misture em uma panela a carne do coelho com carne seca desfiada e coloque na panela de barro por sobre as folhas. Por cima coloque os oito figos e os vinte búzios, ofereça a Àjé Deka, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Passe esta panela por dentro de sua casa

comercial, primeiramente de fora para dentro e depois de dentro para fora declarando suas intenções com este ritual. Coloque na encruzilhada de quatro caminhos mais próxima de sua casa comercial.
A oferenda deve ser preparada durante o dia, mas o ritual na loja e sua entrega na encruzilhada, devem ser realizados à noite.

40) Dela Edẹn

Principal função: Cancela o poder da dúvida em qualquer situação. Descobre coisas perdidas. Revela a verdade sobre os sonhos. É considerada uma Àjẹ de grande importância pelos mestres da Magia de Ìyàmi.
Odù Ritual : Ìrosún Ọwọ́nrín Ọ̀sá
Finalidade: Intuir o real significado dos sonhos

Materiais:

Uma casca de caracol que tenha sido sacrificado para Òrisà'nlá
Um kg de polvo batido e cozido
Duas cebolas médias bem picadas
½ xícara de chá de azeite-de-dendê
Nove raízes de violeta
Nove tipos diferentes de sementes de legumes
Uma colher de café de pimenta do reino branca
Nove orobôs grandes
Um pedaço de prata
Aveia
Nove ovos de galinha caipira
Duas moedas prateadas antigas

Preparo e ritual:

Espalhe Ìyèrósùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Fatie em nove pedaços o polvo e tempere com as cebolas, o dendê e a pimenta. Deixe tomar gosto por pelo menos uma hora. Durante este tempo faça um litro ou mais, de chá bem forte das raízes de violeta e das sementes de legumes, acrescente também nesta água enquanto você faz o chá, o pedaço de prata. Depois de pronto o chá, coloque o polvo e os orobôs para cozinhar nesta água. Depois de cozido vá acrescentando a farinha de aveia e vá mexendo como se fosse um mingau. Quando estiver razoavelmente grosso apague o fogo e deixe esfriar. Coloque em uma gamela e posicione ao centro da oferenda a cãs do caracol como se fosse uma espiral subindo. Ponha dentro da casca do caracol as duas moedas antigas. Ofereça a Àjẹ Dela Edẹn, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Coloque esta oferenda por entre os galhos altos de uma árvore frondosa e declare seus desejos.

41) Adina

Principal função: Revela a presença e a força das coisas divinas na vida de uma pessoa. Traz a Verdade.
Odù Ritual : Èjìogbè Ọ̀yẹ̀kú Ọ̀sẹ́
Finalidade: Trazer a tona à verdade em qualquer situação

Materiais:

Folhas de alumã
Folhas de urucum
Folhas de amoreira
Folha de flor-d'água (Pistia Stratiotes, Araceae
Cinco pedaços pequenos de ferro

Três pedaços pequenos de chumbo
Uma cabaça
Uma galinha d'angola

Preparo e ritual:

Espalhe Iyêrosùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Pegue uma cabaça grande e corte. Limpe-a e coloque em seu fundo as folhas de alumã, urucum, amoreira e flor-d'água. Acrescente os cinco pedaços de ferro e os três pedaços de chumbo, passando-os antes ao redor de seu corpo. Sacrifique dentro desta cabaça a galinha d'angola e ofereça a Àjé Adìna, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Ponha a cabaça por sobre as águas de um rio (se não conseguir chegar a rio, também pode ser no mar), de forma que ela vá como um "barquinho" sem virar. Durante o ritual repita sem parar o encantamento.

Encantamento:

Ojú oro ni ó ñ lékè omi
(A flor-d'água flutua na água)
Tèmi ó l'álé
(Eu também vou ficar por cima)
Òtitó ni ó ñ lékè odò
(A Verdade vai flutuar no rio)
Òtító ni ó lékè òtá
(A Verdade supera seus inimigos)
Ni yóò sì rí èhìn odí
(Ela será vitoriosa)

42) Ese

Principal função: Protege os casais. Auxilia na realização de um casamento. Traz abertura da percepção extra-sensorial. Ajuda o bruxo/a a ver os odùs das pessoas e das coisas sem necessidade do oráculo físico. Vem em socorro de pessoa em qualquer situação.
Odù Ritual: Òkanran Òtúurupòn Òkanran
Finalidade: Fazer uma pessoa se casar

Materiais:

Um tacho de cobre
Carne de uma pata que tenha sido sacrificada para Iyemonjá
Uma xícara de chá de vinho branco suave
Um alho-poró grande em fatias (só a parte branca)
Uma colher de sobremesa de sal marinho
Dois dentes de alho socados
Duas colheres de chá de pimenta-da-costa
Duas colheres de sopa de azeite-de-dendê
Uma colher de sopa de limo-da-costa
½ litro de água de cachoeira
Canela em pó
Sete canelas em pau
Sete pepinos
Um copo de vinho moscatel
Trezentas gramas de cereja
Salsa picada

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Tempere o pato com o vinho branco, o alho-poró, o sal, os dois dentes de alho socados e a pimenta da costa. Deixe tomar gosto por algumas horas. Frite os pedaços da carne do pato no azeite-de-dendê com o limo-da-costa. Ao mesmo tempo ferva a carcaça com a água de cachoeira e os sete pedaços de canela em pau até obter um caldo que tenha um perfume bem forte (aproximadamente por uns quinze minutos). Separe. Coloque tudo em uma panela e acrescente o vinho moscatel, os pepinos cortados em rodelas e as cerejas. Deixe cozinhar. Coloque tudo em uma panela de cobre. Cubra coin a canela em pó e salsa picada. Ofereça a Àjé Ese, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Se você tiver um retrato da pessoa com quem você quer se casar coloque na oferenda.

Materiais:

Três pepinos médios e grossos
Duas colheres de sopa de azeite de oliva
Uma cebola pequena ralada
Um dente de alho socado
½ xícara de chá de água de chuva
Sal marinho
Três Mangas espada cortadas em pedaços
Pimenta da costa
Uma colher de sopa rasa de farinha de aveia
Dez orobôs
Uma xícara de chá de Gim
Açafrão em pó
Sálvia

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Descasque os pepinos e corte ao meio, no comprimento. Escalde-os com água fervente comum. Deixe escorrer bem. Retire as sementes. Polvilhe-os com o sal marinho. Reserve. Leve ao fogo o azeite de oliva com a cebola e o alho, cozinhado-os sem dourar. Junte os pedaços de manga, mexendo sempre. Acrescente a água de chuva, o gim, o açafrão e a sálvia, tampe a panela e deixe cozinhar. Polvilhe com a farinha de aveia, mexa bem e adicione os orobôs. Coloque os pepinos e os orobôs em um prato de barro. Do caldo misture com mais farinha de aveia até ficar grosso parecendo um mingau bem sólido. Pegue este mingau grosso e faça a maior quantidade possível de bolinhos que der. Passe pelo corpo da pessoa estes bolinhos e o prato de barro com os pepinos e os orobôs chamando por Àjé Adjoa, pedindo que ela retire toda a dor e sofrimento. Aos pés de uma árvore frondosa coloque toda esta oferenda e ofereça a Àjé Adjoa, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Separe um pouco do pó do odù e misture com sálvia em sabão da costa, dê para a pessoa tomar banho enquanto o sabão durar.

44) Ẹsinam

Principal função: Domina a Justiça. Atrai a energia da misericórdia.
Odù Ritual : Ìkà Òfún Ọwọ́nrín
Finalidade: Vencer uma causa na Justiça

Materiais:

Seis fígados de galinha cozidos
Uma colher de sopa bem cheia de limo-da-costa
Um dente de alho socado
Uma colher de sopa de cebola ralada
Uma colher de café de sal
½ colher de café de pimenta da costa moída
Doze cogumelos do mato
Seis ovos de pata
Uma colher de sopa de salsa picada
Doze pedaços de cana de açúcar
Folhas de sândalo
Açafrão em pó
Um obí

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyęrósùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Passe nos fígados o limo-da-costa, o alho e a cebola, e tempere com o sal, a pimenta e o açafrão e frite levemente. Reserve. No limo-da-costa que sobrou, passe os cogumelos com mais açafrão. Faça um litro de chá bem forte das folhas de sândalo. Neste chá cozinhe os fígados e os cogumelos até ficar com bem pouca água. Salpique com a salsa e coloque tudo em uma panela de barro pintada com Efun e Urucum do lado de fora. Enfeite por cima a oferenda com os 12 pedaços de cana de açúcar. Ofereça este ritual com um obí a Àję Ęsinam, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Jogue o obí e pergunte a ela em qual local você deve encaminhar.

45) Ayisa

Principal função: Favorece o espírito religioso e a meditação (Àsàrò), Fortalece a consciência e a inteligência. Oculta os mistérios das religiões.
Odù Ritual : Èjiogbè Òtúrá Òsę
Finalidade: Facilitar os estudos

Materiais:

Cem gramas de favas de aniz estrelado moído
Folhas de samambaia
Cinquenta gramas de semente de coentro moídas
Vinte gramas de sementes de mostarda moídas
Folhas de sândalo
Um obí
Um orobô
Um inhame da costa

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyęrósùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Coloque em uma panela para cozinhar o inhame da costa com o aniz estrelado, as folhas de samambaia, o coentro, o obí e o orobô ralados e a mostarda. Quando estiver no ponto, coe tudo e coloque o inhame com os materiais sólidos que foram coados em um alguidar de barro grande, todo ele forrado com as folhas de sândalo. Ofereça a Àję Ayisa, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Coloque também o Ìyęrósùn no líquido que foi coado. Tome um banho.

46) Neema

Principal função: Faz os inimigos caírem por terra.
Odù Ritual : Ọ̀yẹ̀kú Ọ̀wọ́nrín Ọ̀túúrupọ̀n
Finalidade: Vencer os inimigos astrais (obsessões espirituais)

Material:

Uma faca de madeira
Pimenta da costa moída
Folhas de menta
Folhas de arruda
Folhas de sândalo
Farinha de aveia
Canela em pó

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèrósùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Faça um chá bem forte das folhas citadas acima em mais ou menos um litro de água. Quando estiver pronto vá acrescentando a farinha e mexa até ficar sólido. Coloque em uma panela de ferro e por cima espalhe a pimenta e a canela. Finque ao centro da oferenda a faca de madeira com a ponta voltada para cima. Ofereça a Àjé Neema, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Passe ao redor de seu corpo esta oferenda e encaminhe para a beira de um rio ou cachoeira.

47) Ramla

Principal função: Governa as altas ciências. Desenvolve a capacidade de uma pessoa em criar músicas, assim como qualquer atividade artística. Desenvolve a Humildade.
Odù Ritual : Òtúrá Ofù Ọ̀bàrà
Finalidade: Favorecer uma carreira artística no mercado musical

Materiais:

Sete pedaços pequenos de cobre
Canela em pó
Mercúrio
Aniz estrelado
Um pedaço de ouro
Folhas de sândalo
Um pedaço de estanho
Açafrão em pó
Argila branca
Cera pura de abelhas
Uma pedra pequena de carvão mineral
Resina de Aloés (Babosa)

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèrósùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Pegue a argila branca e derreta na proporção de 1/3 a cera de abelhas e misture-os bem. Acrescente nesta massa os outros materiais. Faça uma pequena escultura deste material em formato humano e feminino. Ofereça a Àjé Ramla, jogando por sobre a escultura o pó do odù de ifá. Sempre que você

quiser fazer seus pedidos de sucesso e vitória em sua carreira, converse com esta escultura como se ela fosse a própria Àjé Ramla.

48) Akila

Principal função: Cancela a Morte. Ressuscita os mortos. Favorece a continuidade das coisas. Traz Imortalidade.
Odù Ritual: Ìwá Àbá Àşẹ
Finalidade: Afastar a energia da Morte de uma pessoa

Materiais:

Folhas de Mamona vermelha
Folhas de Urucum
Folhas de Juta
Folhas de crista de galo
Um bagre
Um ovo de pata
Uma preá
Um cágado feminino
Um caracol (Ìgbín)
Uma cabaça grande

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Das folhas citadas acima prepare um forte banho. Separa metade da água para cozinhar e a outra para se lavar. Em uma cabaça grande aberta horizontalmente, coloque o ovo de pata e o bagre (mas não sem antes passar em volta do corpo da pessoa). Sacrifique por cima a preá, o cágado e o caracol. Ofereça a Àjé Akila, jogando por sobre a oferenda o pó do

odù de ifá. Misture um pouco do pó do odù no banho e tome da cabeça aos pés. Esta oferenda deve ser encaminhada para um local de mato bem escondido.

49) Saada

Principal função: Para ter filhos. Engravidar. Traz proteção para as crianças. Esta foi a Àjé da qual se utilizou Òşun, para engravidar-se e proteger Lògún-Òde.
Odù Ritual: Ọ̀kanran Ọ̀wọ́nrín Osa
Finalidade: Para uma mulher engravidar

Materiais:

Um obí branco
Um orobô
Folhas de lágrima de nossa senhora
Folhas de cana de açúcar

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Faça um forte chá das folhas citadas acima e do obí e do orobô ralados. Ponha no chá o pó do odù de ifá. Coe e faça pequenas lavagens por todo o ventre e na vagina, declarando suas intenções a Àjé Saada.

50) Nangila

Principal função: Elimina todas as energias negativas de qualquer "assentamento". Ajuda na propagação da sabedoria dos Bruxos/as no mundo.
Odù Ritual : Ìwá Ofù Èjiogbè
Finalidade: eliminar energias negativas

Materiais:

Um mocotó
farinha de feijão fradinho
Dois ovos de galinha
Dois ovos de pata
Efun ralado

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Faça um mocotó bem temperado, com todos os ingredientes normais. Depois de pronto acrescente bastante farinha de feijão fradinho até engrossar. Coloque em um alguidar de barro e posicione os quatro ovos na oferenda direcionados para os pontos cardeais. Rale efun por cima e ofereça a Àjé Nangila, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Para eliminar energias negativas de um ambiente, passe esta oferenda por dentro da casa declarando seus desejos. Encaminhe para um local de mato e deixe aos pés de uma árvore.

52) Wagaye

Principal função: Traz a Prosperidade. Esta Àjé ajuda a libertar pessoas viciadas encaminhando-as para uma vida saudável.
Odù Ritual : Òtúrá Ògbàrà Òfún
Finalidade: Trazer prosperidade

Materiais:

Folhas de Alfavaca
Folhas de Orquídea
Folhas de cana de açúcar
Açafrão em pó
Canela em pó
Dez tipos diferentes de frutas doces que você mais gosta (1 de cada)
Dez pães de inhame
Dez orobôs
Carne seca cozida e desfiada
Dez Búzios
Dez pedaços de estanho

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Pegue uma panela grande de barro e forre com as folhas indicadas, coloque as frutas cortadas em pedaços pequenos, os pães de inhame, os orobôs e em volta a carne seca desfiada. Espalhe um pouco do açafrão e da canela por cima. Coloque os pedaços de estanho e os Búzios. Ofereça a Àjé Wagaye, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Encaminhe aos "pés" de uma árvore frutífera bem frondosa. Separe um

pouco do pó do odù de ifá e do açafrão e misture-os ao sabão da costa. Use este sabão pelo menos uma vez pro semana (de preferência no dia de quinta-feira).

53) Saran

Principal função: Esta Àjé faz o próprio OLÓRUN (DEUS) lutar a seu favor. Elimina todos os feitiços negativos relacionados aos olhos. Tira a tristeza.
Odù Ritual : Ofú Osa Èjìogbè
Finalidade: Trazer a proteção Divina

Materiais:

Uma cabaça
Dois obís
Um pedaço de ouro
Dez favas de aridan – (tetrapleura Tetráptera) – Leguminosae Mimosaceae
Cominho
Açafrão

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Corte uma cabaça e coloque dentro dela o pedaço de ouro e as favas de aridan. Passe os dois obís ao redor do seu corpo e espalhe por cima o açafrão e o cominho. Ofereça a Àjé Saran, pronunciando o encantamento e jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Separe um pouco destes temperos e do pó do odù e misture-os ao sabão da costa (é importante que o açafrão e o cominho estejam na mesma quantidade que o Ìyèròsùn). Lave-se da cabeça aos pés pronunciando o encantamento.

Encantamento:

K'ólórun k'ó dájà fún mi
(Que ólórun em pessoa venha brigar por mim)
Àjé Saran omo igi Òbòbò, ni ki Olórun ó yónú si i
(A bruxa Saran que é filha da árvore do perdão, faz com que Deus fique contente comigo)
Má jé ki won ó dan mi
(Nunca deixe que atentem contra mim)
K'ólórun k'ó dájà fún mi
(Que ólórun em pessoa venha brigar por mim)

54) Nisan

Principal função: Protege contra a infertilidade. Traz proteção para as mulheres em geral.
Odù Ritual : Osa Òsa Òyèkú
Finalidade: Proteger uma mulher que está sendo agredida por úm homem

Materiais:

Um pedaço de chumbo
Cominho
Folhas de arruda
Um cactos de palma
Folhas de menta
Um pedaço de ferro

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyẹ̀rọ̀sùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Faça um chá forte de folhas de arruda e de menta. Coloque em uma panela de ferro e derreta o chumbo por cima. Acrescente o pedaço de ferro. Pegue uma colher de ferro e mova esta água na panela de ferro em sentido contrário (anti-horário). Escreva o nome da pessoa que lhe agride em um pedaço de papel carbono e finque este papel nos espinhos do cactus. Coloque dentro da panela. Continue mexendo. Jogue o cominho por cima de tudo. Ofereça a Àjẹ́ Nisan , jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Este ritual deve ser encaminhado no primeiro dia da lua nova dentro de um cemitério.

55) Arusi

Principal função: Cancela o poder negativo dos Eguns. Elimina o poder das Àjẹ́ negativas. Cura as doenças do espírito. Abençoa com conforto sobre todas as dificuldades e dores humanas.
Odù Ritual : Òyẹ̀kú Osa Òtúrupọ̀n
Finalidade: Cortar um feitiço negativo de natureza Àjẹ́

Materiais:

Sete ovos de pata
Um pouco de dendê
Efun
Folhas de babosa

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyẹ̀rọ̀sùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Pegue os ovos e escreva a lápis o nome da pessoa na casca dos ovos. Quebre estes ovos diretamente na terra e jogue por cima o efun ralado por cima dos ovos, com o dendê sendo jogado ao lado. Cubra tudo com o sumo da babosa e suas folhas. Ofereça a Àjẹ́ Arusi, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Misture o pó do Odù em um pouco de água de chuva , tome este banho por pelo menos sete dias (se for homens são nove dias).

56) Afiya

Principal função: Fazer amigos. Para ganhar a amizade sincera de alguém. Desperta o Carisma. Retira a influência negativa do Odù Ìwòrì Méjì (Eji-Laxeborá).
Odù Ritual : Ofú Òkanran Òtúrá
Finalidade: Despertar o Carisma

Materiais:

Pimenta da costa
Folhas de canela
Um imã
Uma rosa cor chantum
Sal

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Faça um chá forte de folhas de canela e acrescente a pimenta-da-costa. Coloque este liquido em uma gamela com um pouco de sal. Passe um imã pelo corpo e coloque no centro da rosa. Coloque por sobre a oferenda. Ofereça a Àjé Afiya, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Encaminhe esta oferenda em um local com muitas arvores e flores.

57) Nuru

Principal função: Traz para a pessoa que a cultua o Dom da Profecia. Apazigua a violência.
Odù Ritual : Àsẹ Ofú Òsẹ̀òtúrá
Finalidade: Afastar a violência

Materiais:

Uma colher de sopa de azeite-de-dendê
½ xicara de cebolinha verde picada
Uma batata doce
Seis ovos
Um orobô
Uma colher de café rasa de sal
½ colher de pimenta-do-reino branca
Folhas de saião

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Aqueça o dendê, junte o orobô cortado em rodelas, a cebolinha

e a batata doce cortada em pedaços pequenos, misturando rapidamente. Cubra com os ovos batidos e temperados com o sal e a pimenta. Deixe dourar e vire, dourando o outro lado, mas não deixando ficar seco. Coloque esta oferenda um prato de barro forrado com folhas de saião. Ofereça a Àjé Nuru, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

58) Ìyá Oni

Principal função: Ativa a humildade nas pessoas. Protege contra acidentes. Desperta a bondade das pessoas para com você.
Odù Ritual : Osa Ògúndá Ìrosún
Finalidade: Proteção contra acidentes em uma viagem.

Materiais:

Cinco pedaços de ferro
Folhas de menta
Um punhado de pêlos de cachorro preto
Uma panela de ferro pequena
Uma galinha d'angola

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Coloque em uma panela de ferro pequena, cinco pedaços de ferro, muitas folhas de menta e um punhado de pêlo de cachorro preto. Sacrifique a galinha d'angola por sobre estes materiais. O corpo da galinha deve ser encaminhado na direção contrária aonde se vai. Na direção correta, ou seja, para onde se deseja ir, coloque esta panela de ferro com todos seus materiais, inclusive o sangue da galinha d'angola. Ofereça a

Àjé Ìyá Oni, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Coloque na estrada, em direção aonde você vai.

59) Raseeda

Principal fumção: Protege contra animais ferozes.
Odù Ritual : Òyèkú Ìká Osa
Finalidade: Amansar um animal muito bravo (obs. Esta magia também serve para seres humanos que se comportam como animais).

Materiais:

Um pouco de pêlo do animal (ou pessoa) que você quer amansar
Sete pães de mel
Um prato de barro
Folhas de dama-da-noite *(Ewe Alukèresé – Ipoméia Involucrata – Convolvulaceae)*

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Coloque em um prato de barro, todo ele forrado por folhas de dama-da-noite, o pêlo do animal e os sete pães de mel. Ofereça a Àjé Raseeda, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Encaminhe em uma encruzilhada de quatro caminhos.

60) Nehan

Principal fu
desperta a S
Odù Ritual
Finalidade:

U
U
Uma c
I

½

D
Um obí

Preparo e ri
Espalhe Ìyèr
de madeira e
Pegue as três
azeite de oliv
Coloque um
farinha de fei
a pimenta e o
cima. Depois
de barro, esp
Nehanda, jog

61) Sanura

Principal função: Auxilia na
consideradas incuráveis pela ciên
das pessoas. Traz a cura para as
vivifica as pessoas.
Odù Ritual : Ofú Ìrosún Òfún
Finalidade: Trazer vitalidade e c

Materiai

Uma garrafa d
Folhas de euc
Folhas de sá
Um obí
Folhas de Cardo *(Ewe Ahonekuin*
– Acanthace
Cem gramas de aniz es
Farinha de Feijão-

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de
de madeira e risque a marca do od
Coloque todas as folhas citadas aci
paar curtir por quinze dias dentro
Gim. Após quinze dias, misture est
feijão fradinho, até tomar a consistê
preciso acrescente água). Ofereça a
sobre a oferenda o pó do odù de ifá
redor de seu corpo e encaminhe à b

Materiais:

Folhas de Orelha de Macaco *(Ewé Ogbó – (Parquetina Nigrescens) – Asclepiadaceae)*
Folhas de Maravilha *(Ewé Tannáposò – (Mirabilis Jalapa) – Nyctaginameae)*
Folhas de crista de galo *(Ewé Agogô Ògún – (Heliotropium Indicum) – Boraginaceae)*
Farinha de aveia
Canela em pó
Um Orobô

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Faça um chá bem forte das folhas citadas a cima (em mais ou menos um litro de água – de preferência – água mineral (o que equivale dizer: de mina)). Coe. Coloque no fogo e vá gradativamente adicionando a farinha, fazendo um mingau. Depois de pronto, coloque canela em pó e um orobô por cima em uma gamela . Ofereça a Àjé Waniyka, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

64) Teru

Principal função: Esta Àjé lhe socorrerá prontamente, quando você estiver perdido, fisicamente ou espiritualmente. Auxilia a encontrar tanto objetos, como esperanças perdidas.
Odù Ritual : Ofù Èjiogbè Òsé
Finalidade: Renovar a esperança e trazer forças para a superação de dificuldades

Materiais:

Folhas de cabaça *(Ewe Igbá (Lagenaria) – Curcubitaceae)*
Ìyèròsùn
Três litros de água de chuva colhida na lua cheia.

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Prepare um chá bem forte de Folhas de cabaça ekm amis ou menos 3 litros de a´gua de chuva colhida na lua cheia. Ofereça a Àjé Teru, jogando por sobre a água o pó do odù de ifá. Tome um banho da cabeça aos pés.

64) Yeşi

Principal função: Ajuda a tomar controle sobre o mundo físico. Elimina qualquer impedimento financeiro. Controla os vícios. Ativa a produção.
Odù Ritual : Ìrété Òsá Òtúrá
Finalidade: Eliminar um impedimento financeiro

Materiais:

Setecentos gramas de folhas de orquídeas
Uma colher de sopa de sal marinho
Três colheres de sopa de banha de porco
Uma colher de açúcar mascavo
Duas colheres de sopa de Gim
Uma colher de sopa de camomila

Açafrão em pó
Aniz estrelado em pó
Seis pedaços de estanho

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Polvilhe as folhas de orquídeas picadas com o sal, misture bem e deixe por uma hora. Esprema e leve ao fogo com a banha de porco. Junte o açúcar e refogue em fogo em brando. Acrescente o Gim, a camomila, o açafrão e o aniz. Tampe a panela e deixe um pouco. Coloque esta oferenda em uma panela de barro, e ponha os pedaços de estanho dentro. Ofereça a Àjé Yesi, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

65) Safiyè

Principal função: Esta Àjé livra as pessoas dos tiranos. Traz força, talento, energia e segurança. Auxilia a saber discernir entre o certo e o errado. Ajuda em transações financeiras ou imobiliárias. Faz a pessoa obter retorno de seu projeto antes do previsto. Irradia e atrai a Paz.
Odù Ritual : Ìwòrì Osa Òfún
Finalidade: Alugar um imóvel

Materiais:

Um kg de batatas-doces cortadas em rodelas grossas
Três xícaras de chá de leite de cabra
Uma colher de sobremesa de sal

½ colher de café de noz moscada ralada
Uma colher de sopa de limo-da-costa (banha de òri)
Uma cebola grande em rodelas finas
Três maçãs ácidas sem cascas, sem sementes e picadas
Azeite de dendê
Uma garrafa de Aniz

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Coloque as batatas-doces em uma panela e junte o leite com os temperos, o limo-da-costa e a cebola. Deixe ferver até estarem quase cozidos. Acrescente as maçãs, volte ao fogo, misturando delicadamente os ingredientes. Quando ficarem macias e sem leite, adicione ½ litro de aniz e deixe aquecer bem, sem ferver. Coloque esta oferenda em uma panela de barro e passe pelo imóvel que você deseja que seja alugado. Ofereça a Àjé Safiyè, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Encaminhe em uma encruzilhada de quatro caminhos e declare seus desejos para com este ritual.

66) Ìyá Oníwúrà

Principal função: Para fechar negócios. Resolve qualquer imperfeição do reino físico. Retira os vícios. Coloca força nas palavras. Dá ao Bruxo/a a sabedoria para ajudar as pessoas. Seu poder espiritual, faz com que a luz divina de Olódùn Alágbára (Deus todo poderoso) intervenha no mundo material. Aquele a quem ela cultuar, atrairá a riqueza com o poder de suas palavras.
Odù Ritual: Òfún Ofú Òfún
Finalidade: Fechar bons negócios

Materiais:

Folhas de dendezeiro
Folhas de baobá
Dez orobôs
Açafrão em pó
Um anel de ouro
Duas preás

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyẹ̀rọ̀sùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Forre uma panela de barro com as folhas de dendezeiro e de Baobá. Passe os dez orobôs ao redor de seu corpo e coloque por cima das folhas. Coloque o anel de ouro ao centro e sacrifique as duas preás. Ofereça a Àjẹ́ Ìyá Ọ̀niwúrà, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Depois de meia hora, retire o anel e lave normalmente. Use-o quando for fazer negócios.

67) Naki

Principal função: Cura as doenças respiratórias..
Odù Ritual : Ofũ Ọ̀ṣẹ́ Ofũ
Finalidade: Auxiliar na cura de uma doença respiratória

Materiais:

Sementes moídas de coentro
Folhas de bambu torradas
Um obí
Sabão da costa

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyẹ̀rọ̀sùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Pegue ½ kg de sabão da costa e misture bem o obí ralado, as sementes de coentro moídas e as folhas de bambu torradas. Ofereça a Àjẹ́ Naki, jogando por sobre o sabão o pó do odù de ifá. Misture. Lave-se da cabeça aos pés, dando bastante ênfase na região do tórax.

68) Sekai

Principal função: Cura a solidão. Atrai boas pessoas à sua volta.
Odù Ritual : Ìká Ọ̀kanran Àṣẹ
Finalidade: Atrair boas pessoas à sua volta.

Materiais:

Um pedaço de imã
Mel
Farinha de feijão fradinho
Água mineral (de mina)
Folhas de Capiçoba *(Ewe Agemokógun – Laggera Alata – Compositae)*
Vinte e dois pedaços de Canela em pau

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyẹ̀rọ̀sùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Coloque a água para esquentar e enquanto ela esquenta vá acrescentado a farinha mexendo bem. Antes de engrossar, acrescente as folhas de capiçoba picadas. Passe um imã no corpo e coloque ao centro. Ao redor enfie os vinte e dois

pedaços de canela em pau. Cubra tudo com mel e ofereça a Àjé Sokai, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Declare seus desejos.

69) Tisa

Principal função: Protege contra todos os tipos de inveja e sentimentos negativos.
Odù Ritual : Èjìogbè Ìwá Èjìogbè
Finalidade: Proteger uma pessoa, da terrível energia negativa da inveja.

Materiais:

Vinte e dois dentes de alho
Cominho
Folhas de alfavaca
Folhas de amoreira
Um pedaço de chumbo
Um pedaço de bronze
Feijão preto cozido e amassado
Salsa

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Pegue o feijão preto cozido e amassado e misture bem com a salsa, o cominho e as folhas de alfavaca e de amoreira. Faça um pequeno montículo colocando dentro os pedaços de chumbo e de bronze. Enfeite com os dentes de alho e ofereça a Àjé Tisa, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

70) Iyangura

Principal função: Cura as doenças mentais e traz a energia positiva do elemento fogo sobre o ser humano.
Odù Ritual : Èjìogbè Méta
Finalidade: Canalizar a força espiritual positiva do fogo e da luz

Materiais:

Pimenta da costa
Folhas de Cambará vermelho
Uma cebola ralada
Alho em pó
Vinte e dois pedaços de cobre
Barro vermelho

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Pegue o barro vermelho e misture bem todos os materiais restantes. Depois de misturado, faça uma bola. Antes de secar ofereça a Àjé Iyangura, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Depois de seca, passe ao redor de seu corpo e coloque em um campo aberto de preferência ao meio-dia.

71) Òwèwé

Principal função: Traz fertilidade e abundância sobre uma plantação.
Odù Ritual : Òfún Osa Ìrosún
Finalidade: Desenvolver uma plantação

Materiais:

Dois caracóis (Ìgbín)
Uma garrafa de vinho tinto suave
Quatro orobôs
Quatro obís
Folhas de sálvia

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Coloque em uma panela de barro o vinho e misture a sálvia, os orobôs e os obís ralados. Sacrifique por cima os caracóis e ofereça a Àjé Òwèwé, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá. Enterre no local.

72) Ìyá ẹlésìn

Principal função: Através de sua força e sabedoria, faz de um bruxo/a uma expressão poderosa e eficiente dos poderes de Deus na terra (Òyígíyigi Òkúta Àìkú – "A poderosa Pedra Imutável que nunca morre").
Odù Ritual : Ofú Àse Osa
Finalidade: Despertar sua força espiritual e psíquica

Materiais:

Um kg de batata doce cortada em rodela
Três xícaras de chá de leite de cabra
Uma colher de sobremesa de sal marinho

½ colher de café de pimenta da costa
½ colher de café de noz moscada ralada
Uma colher de sopa de limo-da-costa
Uma cebola grande em rodelas finas
Três maçãs vermelhas sem cascas e sem sementes, picadas

Preparo e ritual:
Espalhe Ìyèròsùn em uma folha de papel ou em um pedaço de madeira e risque a marca do odù de ifá indicado acima. Coloque as batatas numa panela e junte o leite com os temperos, o limo-da-costa e a cebola. Deixe ferver até estarem quase cozidas. Acrescente as maçãs e volte ao fogo. Coloque em uma panela de barro. Ofereça a Àjé Ìyá ẹlésìn, jogando por sobre a oferenda o pó do odù de ifá.

CAPÍTULO 20

Como descobrir sua Árvore de Magia pessoal, sua Gèlèdè e suas Àjé

"Quando uma mulher tiver um fluxo de sangue e que seja fluxo de sangue de seu corpo, permanecerá durante sete dias na impureza das suas regras. Quem a tocar ficará impuro até à tarde. Toda cama sobre a qual se deitar com o seu fluxo ficará impura; todo móvel sobre o qual se assentar ficará impuro. Todo aquele que tocar o leito dela deverá lavar suas vestes, banhar-se em água e ficará impuro até à tarde. Todo aquele que tocar um móvel, qualquer que seja, onde ela se tiver assentado, deverá lavar suas vestes, banhar-se em água, e ficará impuro até à tarde. Se algum objeto se encontrar sobre o leito ou sobre o móvel no qual ela está assentada, aquele que o tocar ficará impuro até à tarde. Se um homem coabitar com ela, a impureza das suas regras o atingirá. Ficará impuro durante sete dias. Todo leito sobre o qual ele se deitar ficará impuro. Quando uma mulher tiver um fluxo de sangue de diversos dias, fora do tempo das suas regras, ou se as regras se prolongarem, estará, durante toda a duração do fluxo, no mesmo estado de impureza em que esteve durante o tempo de suas regras (...) Quando estiver curada (grifo meu) de seu fluxo, contará sete dias, e então estará pura..."

(Lv 15, 19-30 – texto judaico-cristão).

"As caças às feiticeiras, realizadas por uma casta sacerdotal especificamente masculina, foram vistas pelas estudiosas feministas como uma supressão deliberada da magia natural das mulheres, estando a magia relacionada com o conhecimento das ervas e os mistérios ginecológicos, inclusive a anticoncepção, o aborto e o parto"

(Muraro, Rose Marie: 1997: 5-41).

Tabela de identificação de sua árvore de Ìyàmi como pilar de Magia pessoal

Identificar é interagir com o tipo de perfil de magia pessoal, sugerida pela força de sua árvore na magia de Ìyàmi, é conhecer o poder da vitória no mundo material. Nas lendas de Ìyàmi descritas neste livro, é muito presente a situação da pessoa "subir" em determinada árvore com a finalidade de adquirir para si seu poder.

"... Dizei, a árvore Ásúrín.
Ela é vosso poderio.
Dizei, se subirdes na Ásúrín, lá vós tendes poderio.
Tudo o que quiserdes fazer pôr alguém, e todo o bem que quiserdes fazer a alguém, dizei, se subirdes na árvore Ásúrín..."

Èsé Ìtòn Odù Èjìogbè Òsá
Odù n.° 25 Título: O poder de Ìyàmi é empregado para o Bem e para o Mal.

Este símbolo se trata de uma ascensão simbólica para o céu, seguida da descida de volta para a terra, daí vir o mito de que as bruxas e os bruxos podem voar. Mas não apenas na magia de Ìyàmì está presente este universo simbólico, por exemplo, o santo iraniano Qutb ud-din Haydar era frequentemente visto no topo das árvores e no próprio cristianismo, vemos São José de Copertino que voou para uma árvore e ficou meia hora num de seus galhos, *"que oscilava como se um pássaro nele estivesse pousado"*. A sua árvore pessoal de magia está relacionada a descoberta de seu poder pessoal como praticante de magia (Você se torna o pássaro que pousa na árvore, o que é um símbolo do bruxo pousado em seu poder de magia pessoal). O símbolo do sangue (particularmente o do sangue menstrual) é o grande elemento da magia de Ìyàmì. Uma mulher se torna Àjẹ́ quando sangra desta forma. Por isso algumas pessoas dizem que os homens não podem lidar com Ìyàmì. Na verdade todas as pessoas sejam homens ou mulheres são banhados com sangue menstrual quando de seu nascimento. É neste momento que as pessoas (todas elas) recebem o sangue que "batiza", transferindo assim o chamado Àṣẹ de Ìyàmì. Por isso, todas as pessoas podem lidar com Ìyàmì e através da posição da Lua (Ìyá Òṣùpá – Mãe Lua – *Lembre da relação entre lua, sangue e parto*) em seu nascimento é possível identificarmos sua árvore de poder pessoal, assim como sua Àjẹ́.

Para identificarmos a árvore, veja em qual fase da lua você nasceu e o dia lunar.

Exemplo 1: Terceiro dia da lua cheia.
Pela tabela abaixo, este dia indica o primeiro dia da Árvore Ásúrín (A árvore do Poder).

Exemplo 2: quinto dia da lua nova.
Pela tabela abaixo este dia cai no primeiro dia da árvore Ûbûbû (A árvore do Perdão)

Árvore Arére (Destruição)

Primeiro dia da Lua nova - 1.
2.
3.
4.
Árvore Òbòbò (Perdão)
5.
6.
7.
Primeiro dia da Lua Crescente - 8.
Árvore Iwó (Felicidade)
9.
10.
11.
12.
Árvore Ọ̀ṣẹ́ (Satisfação)
13.
14.
Primeiro dia da Lua Cheia - 15.
16.
Árvore Ásúrín (Poder)
17.
18.
19.
20.

Árvore Ìròkó (Violência)
21.
Primeiro dia da Lua Minguante - 22.
23.
24.
Árvore Ìyá (Morte)
25.
26.
27.
28.

Tabela de identificação de sua Àjé pessoal

Você irá identificar o grupo de Àjé, pois como é tradicional na cultura Yorùbá, - *o culto as forças espirituais masculinas é realizado individualmente e as forças femininas é realizado coletivamente.* Na tabela abaixo você identificará o grupo de Àjé principal de sua árvore pessoal e principalmente sua Gèlèdè pessoal.

Tabela de Gèlèdè pessoal

1. Gèlèdè Ako – dias: 2 , 3 e 4 da lua nova (culto diurno).
2. Gèlèdè Baká – dias: 5, 6 e 7 da lua nova (culto diurno).
3. Gèlèdè Mundiá – dias 1, 2 e 3 da lua crescente (culto diurno).
4. Gèlèdè Tetedè – dias 4, 5 e 6 da lua crescente (culto diurno).
5. Gèlèdè Okunriu – dia 7 da lua crescente e 1 e 2 da lua cheia (culto diurno).

6. Gèlèdè Onilú – dia 3, 4 e 5 da lua cheia (culto diurno).
7. Gèlèdè Isa-oro – dia 6, 7 e 1 da lua minguante (culto diurno).
8. Gèlèdè Alopajanja eledè – dia 2, 3 e 4 da lua minguante (culto diurno).
9. Woogmobarasan – dia 5, 6 e 7 da lua minguante (culto diurno).
10. Pássaro Èfé – primeiro dia da lua nova (culto noturno).

Árvore Arére (Destruição)

Neste capítulo não é ensinado nenhuma Àjé, mas sim os elementos de destruição da árvore, os Damagomis. Isto se refere ao fato que as Àjé da Árvore Ìrókó (da violência) se utilizam dos damagomis (da Destruição). Portanto para identificação pessoal devemos recorrer a lista das Àjé de Ìrókó, as quais são citadas no capítulo correspondente como 36.

Primeiro dia da Lua nova - 1. As 9 primeiras Àjé da árvore Ìrókó e os 10 primeiros Damagomi.
2. As 9 Àjé seguintes da árvore Ìrókó e os 10 damagomi seguintes.
3. As 9 Àjé seguintes da árvore Ìrókó e os 10 damagomi seguintes.
4. As 9 Àjé seguintes da árvore Ìrókó e os 10 damagomi seguintes.

Árvore Ọ̀bọ̀bọ̀ (Perdão)

5. As 18 primeiras Àjé da árvore Ọ̀bọ̀bọ̀
6. As 18 Àjé seguintes da árvore Ọ̀bọ̀bọ̀
7. As 18 Àjé seguintes da árvore Ọ̀bọ̀bọ̀
8. Primeiro dia da Lua Crescente. As 18 Àjé seguintes da árvore Ọ̀bọ̀bọ̀

Árvore Iwó (Felicidade)

9. As 22 primeiras Àjé da árvore Iwó
10. As 22 Àjé seguintes da árvore Iwó
11. As 22 Àjé seguintes da árvore Iwó
12. As 24 Àjé seguintes da árvore Iwó

Árvore Ọ̀ṣè (Satisfação)

13. As 3 primeiras Àjé da árvore Ọ̀ṣè.
14. As 3 Àjé seguintes da árvore Ọ̀ṣè.
15. Primeiro dia da Lua Cheia. As 3 Àjé seguintes da árvore Ọ̀ṣè.
16. As 3 Àjé seguintes da árvore Ọ̀ṣè.

Árvore Ásúrín (Poder)

17. As 43 primeiras Àjé da árvore Ásúrín.
18. As 42 Àjé seguintes da árvore Ásúrín.
19. As 42 Àjé seguintes da árvore Ásúrín.
20. As 42 Àjé seguintes da árvore Ásúrín.

Árvore Ìrọ̀kọ́ (Violência)

21. As 9 primeiras Àjé da árvore Ìrọ̀kọ́
22. Primeiro dia da Lua Minguante - As 9 Àjé seguintes da árvore Ìrọ̀kọ́
23. As 9 Àjé seguintes da árvore Ìrọ̀kọ́
24. As 9 Àjé seguintes da árvore Ìrọ̀kọ́

Árvore Ìyá (Morte)

25. Todos estes quatro dias são regidos por 1 Àjé
26. _____
27. _____
28. _____

O perfil de Magia e o que significa ter uma Àjé pessoal

"Ọ̀rúnmìlà vai consultar seus Babaláwo.
Vai consultar: "Se ensinarmos a inteligência a alguém, sua inteligência será inteligente".
"Se ensinarmos a estupidez a alguém, sua estupidez será estúpida".
Os Babaláwo da casa de Ọ̀rúnmìlà consultam Ifá para saber o dia em que ele tomará Odù como sua mulher.
Os Babaláwo de Ọ̀rúnmìlà dizem hei!
Eles dizem, um poder está em suas mãos!".

Èsẹ̀ Ìtọ̀n Odù Ìretẹ̀ - Ogbè Odù n.° 167 Título:
Como Odù tornou-se mulher de Ọ̀rúnmìlà

Conhecer sua Àjé pessoal, na verdade, simboliza encontrar o poder emestado bruto. Este poder é o instrumento que produz a transmutação cega da terra, simbolizando o que há de mais alto e de mais baixo. Ao exercermos um contato verdadeiro, percebemos a falsa percepção da realidade por parte das pessoas comuns; que é a crença de que a nossa condição material é "real" no verdadeiro sentido da palavra. Risos e bom humor são ferramentas que nos ajudam a transcender a ilusão. Este contato nos ensina a não levarmos a sério às ilusões do mundo material. Ninguém pode enganar alguém que teve este contato profundo com sua Àjé pessoal (a não ser, que por não levar as ilusões tão à sério, esta pessoa simplesmente finja que não vê, utilizando assim uma técnica de magia de guerra para sair vitorioso no final). Aqui, a Hilariedade é o primeiro grande instrumento que nos é dado; o segundo é uma reorganização de perspectiva, uma nova visão das coisas. Este processo pode ser muitas vezes doloroso (como acontece com o personagem Neo no filme Matrix, que quando está consciente de uma nova e verdadeira realidade que a maioria não sabia existir, pergunta a Morpheus (seu Tutor na história): - *Porque meus olhos doem?* A resposta é significativa, pois assim responde o personagem Morpheus: - *Porque você nunca os usou*). Apenas depois de termos conquistado claramente uma nova visão geral, é que podemos começar a aplicar ativamente o nosso novo conhecimento. É o passo seguinte da fase em que o aprendiz se dissolve e se reintegra (*morre e ressuscita*) e isso sim é que é uma verdadeira iniciação (a qual não possui a menor necessidade de rituais, consagrações, entregas de cargos, "feituras", ou seja lá mais o que for). Este é o significado psicológico de um processo muito antigo que tem sido descrito através de vários símbolos nas mais variadas culturas e organizações místicas e mágicas ao longo dos milênios. O contato com a Àjé pessoal abre as

portas da iniciação que penetra nas grutas do subconsciente ou inconsciente, e apenas desta forma nos tornamos aptos para manipular a força que muitas pessoas chamam por tantos nomes diferentes: Força Ódica, Luz astral, fluido Akáshico, Àṣẹ etc, mas que apesar de tantos rótulos, é uma coisa só. Isto é fazer Magia, e é preciso entender bem a palavra magia. Se compreendemos Magia como o poder de produzir coisas sobrenaturais, não é isso ao que estou me referindo. No entanto se entendemos magia como a capacidade que algumas pessoas possuem de causar efeitos de acordo com a sua vontade e que são impossíveis para a média humana, SIM, é disso que eu estou falando! Você que sempre trouxe sua Àjé pessoal, apesar de não saber que ela existia, é o personagem que segura seus próprios meios de livramento da servidão. Nisto está todo o poder que escraviza e o que confere liberdade.

Sobre os nomes que uma pessoa adquire quando da descoberta de seu poder pessoal

A identidade espiritual e magística de uma pessoa são definidas pelos seus nomes. Eles assumem uma importância enorme em todas as sociedades em que "a palavra é magicamente condutora de poderes e forças". Vejamos como uma muito antiga tradição Yorùbá (povo que outrora era sem escrita), expressava a aquisição de poderes através dos nomes que um indivíduo trazia e como isso tem a ver com o assunto abordado neste momento. Os Yorùbá tinham de três a quatro nomes, e pelo menos três deles eram indispensáveis para a conquista de uma vida feliz.

1. Orúkọ Amúntòrunrá

Este é o nome trazido do além pela criança quando em circunstâncias especiais de seu nascimento, podem ser expressas por meio de um nome áplicável a todas as crianças que nasceram nestas mesmas condições. Por exemplo:

1) Kẹhindé e Taíwo, nomes dados aos gêmeos.
2) Idowu, nome dado as crianças nascidas depois de gêmeos.
3) Igé, nome dado às crianças que em seu parto, vieram ao mundo "pelos pés".
4) Ojo, nome dado aos meninos que nascem com o cordão umbilical enrolado em volta do pescoço.
5) Aina, nome dado às meninas que nascem com o cordão umbilical enrolado em volta do pescoço.
6) Dada, nome dado as crianças que nascem com cabelos encaracolados.

Este nomes relacionados à situações de parto e nascimento de uma forma em geral, são muito importantes, não pelo nome em si, mas por levar em consideração um importante fator formador do destino de uma pessoa, seu nascimento.

1. Orúkọ Àbíso

É um nome baseado em considerações relativas à própria criança e relacionado com a situação da família no momento do nascimento. Este nome possui as seguintes classificações:

1) Nomes que se referem diretamente a própria criança e indiretamente a família: Ayòdélé, que significa "a alegria entrou na casa" ou Áinyelé, que significa "um menino enérgico chegou a nossa casa". Estes nomes são típicos para o nascimento de meninos. Morénikẹ́, que significa "tenho alguém a quem acariciar" (nome típico para meninas).

2) Nomes que se referem mais a família do que a criança: Ogúndalémù, que significa "nossa casa foi devastada pela guerra", Òtẹ̀gbèyẹ, que significa "os inimigos privaram-nos da honra" ou Olábísí, que significa "a honra se multiplicou".

3) Nomes compostos com Adé (coroa), Olú (Proprietário) e Oyè (título) denotam que a criança pertence a uma família da realeza: Adébiyú - "Foi a coroa que o fez nascer", Oyéyémí – "o título me convém" etc.

3. Orúkọ Oríkì

Este nome é qualificativo, indicando as características da criança ou aquelas que lhe são desejadas para o futuro. Nos oríkì dos meninos geralmente se fazem votos de valentia e poder: Àjàní – "aquele que possui, após a batalha" ou Alàọ – "aquele que divide e esmaga". Os oríkì das meninas evocam ternura e graça: Ayòká – "aquela que cria alegria à sua volta" ou Àbẹ̀bí – "Aquela que nasceu após muitas súplicas". Os pais chamam frequentemente os filhos por seus oríkì, mas seria considerada uma grave falta de respeito se uma criança

chamasse seus pais pelos oríkì deles.

4. Orúkọ Orílẹ

Orílẹ, não se trata de um nome no sentido comum da palavra. O orílẹ de uma pessoa indica a origem longíqua da linhagem familiar e tem importância muito grande para situar a linhagem de alguém. Estes Orílẹ são. Em geral nomes de animais, por exemplo Kìnìùn (Leão), Erin (Elefante), Ẹkùn (Leopardo), Ọkín (Garça), ou de algum objeto significativo como símbolo de poder espiritual: Òpó (Mastro).

Estes quatro nomes relacionam-se a descoberta do poder pessoal do bruxo, ligado aos quatro elementos, as quatro fases da lua e etc. Normalmente apenas um deles é divulgado, o Orúkọ Orílẹ. O meu é Kìnìùn ọmọ Àpàárá , que significa: O Leão filho do Trovão. Ao leitor mais atento, creio que se evidenciará a profunda relação destes nomes Yorùbá neste tipo de magia, com a tradição milenar do Xamanismo arcaico.

CAPÍTULO 21

ỌKAN ỌNÍFÒ LỌ ou "alma que voa"

Comentários e exercícios sobre a prática do "vôo noturno das Àjé" (Projeção Astral):

É uma crença universal entre todos os povos, que os bruxos as bruxas possuem a capacidade de voar. Este talento inat dos bruxos os permite realizarem neste mundo, tantas veze quantas desejarem, a "saída do corpo", ou seja, a morte, única que pode transformar em "pássaros" o restante dos ser humanos; bruxas e bruxos podem gozar da condição d "almas", de "desencarnados", condição esta que não acessível aos profanos até o momento da morte. Esse vô mágico traduz ao mesmo tempo a autonomia da alma e d êxtase. Isso explica o fato desse mito ter-se integrado e questões culturais tão diferentes: bruxaria, mitologia do sonh cultos solares e lunares, técnicas de êxtase, simbolism funerários e etc. Sendo também encontrado em relação a simbolismo da ascensão das árvores sagradas (como n capítulo sobre as sete árvores de Ìyàmì). Este mito da "alm pássaro" contém em si toda a força metafísica da autonomia da liberdade espirituais do ser humano; é nele que se dev buscar o ponto de partida das primeiras especulações sobre abandonó voluntário e consciente do corpo, sobre o poder inteligência e sobre a imortalidade da alma humana. Qualqu análise mais sensível sobre o tema demonstra como a nostalg do vôo é essencial à psique humana. O ponto essencial nes caso é que a mitologia e os ritos do vôo mágico, típico bruxos e xamãs, confirmam e proclamam sua transcendênc em relação à condição humana,; voando, com forma pássaro ou com sua forma normal, os bruxos proclamam algum modo a decadência humana, pois inúmeros mit aludem, a um tempo primordial em que todos os ser

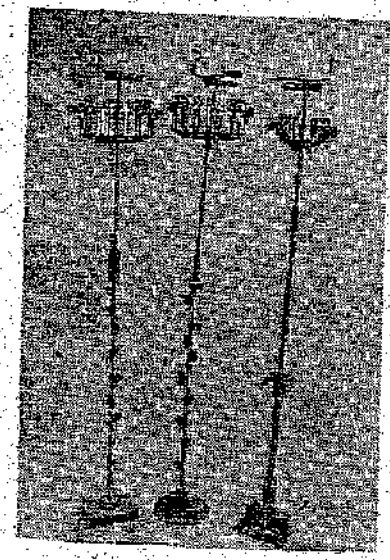
Talvez em Lagos, talvez em Ibadan, talvez em Ilorin, talvez em Sapele, talvez em Londres, talvez no país do Rei.
Todos os quatro cantos do mundo são os lugares para aonde elas a enviam.
Quando deste modo, elas abriram a cabaça.
Este pássaro voa e vai cumprir sua missão.
Se elas dizem que é para matar alguém, eles matam.
Se elas dizem que é para levar os intestinos de alguém, eles levam..."

E na mesma tradição do Ifá, existe o Opa Orere: bastão de ferro com um pássaro empoleirado, que representa o Egúngún principal (Antepassado) de Ifá, assim como no culto aos orixás, no Brasil a "ferramenta" do orixá das folhas: Òsọnyìn possui o mesmo símbolo. A relação entre as folhas e o vôo da alma-pássaro, torna-se clara devido ao efeito alucinógeno de determinadas plantas, o qual propicia com maior facilidade o "deslocamento" ou "libertação" necessária para a projeção astral. Outro orixá que possui o mesmo símbolo é Òòṣàálá ou Òrìṣàlá (o orixá do sonho e da criação), com seu símbolo de bastão com um pombo empoleirado. Muitas vezes associado como um pombo branco (erroneamente associado ao símbolo da paz – a pomba branca), pois na verdade este símbolo nos mostra a profunda relação de Òòṣàálá com a morte, o sonho e com a magia, através do poder de controlar as "Almas-Pássaro" (como orixá da criação do ser humano, este pássaro representa na verdade a Grande Alma-Ancestral em forma de pássaro da espécie humana). Como Òòṣàálá através de seu título como Obatalá (Rei do Alá, que é um pano branco de puro algodão cru que fica por sobre a cabeça dos fiéis, e representa justamente a fronteira entre os mundos físico e astrais-espirituais), é um orixá ligado ao mito do Rei que ascendeu ao céu (plano astral-espiritual)

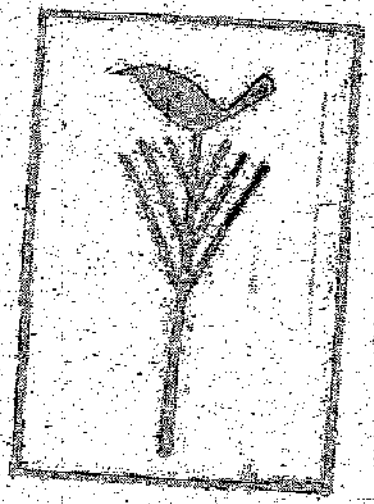
quando da vitória de Oduduwá por sobre o controle da terra (plano físico-material), entendemos porque os reis vivos na cultura Yorùbá possuem em suas coroas reais vários pássaros. Estes representam que aquele rei é ao mesmo tempo canalizador e emanador da força benéfica da grande alma-ancestral. Neste sentido, a própria coroa real (Adé) dos Yorùbá, é uma "Árvore-Cósmica" com seus pássaros (ancestrais primordiais) e com suas contas segí caindo por sobre a face do Rei, representando assim os descendentes. O mesmo símbolo é visto em inúmeras indumentárias dos orixás no Brasil.

Ilustrações:

1. Opa Orere.
2. Ferramenta de Òsọnyìn.
3. Òòṣàálá.
4. Detalhe de coroas dos Reis Yorùbá.
5. Foto de Rei Yorùbá com seu Adé (Coroa)

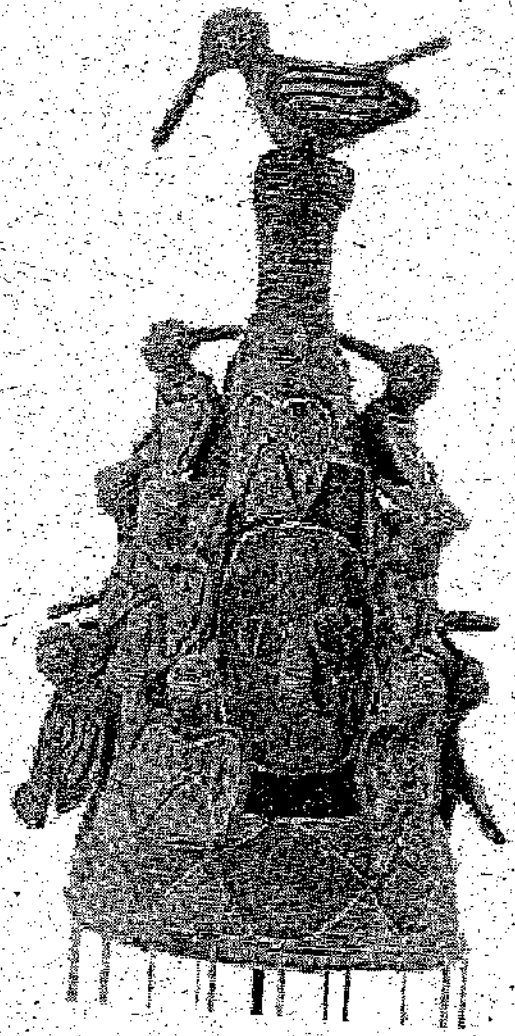


1. Opa Orere

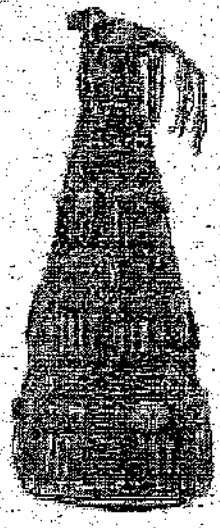


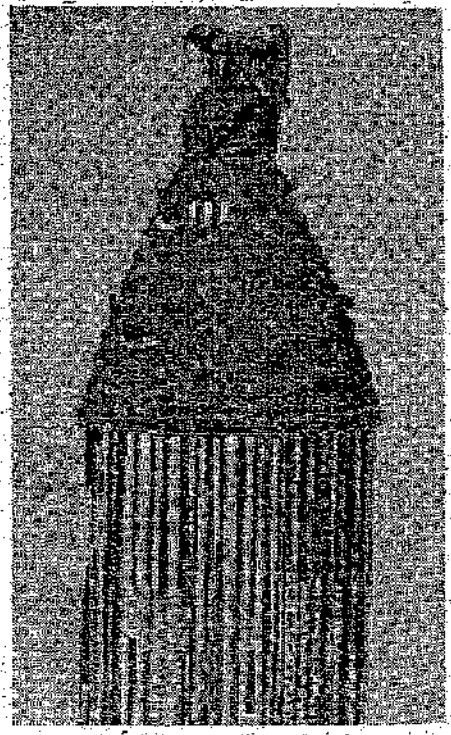
2. Ferramenta de Òsọnyìn.





4. Detalhe de coroas dos Reis Yorùbá.







5. Foto de Rei Yorùbá com seu Adé (Coroa)

Através de vários exemplos espalhados por inúmeras culturas e povos do mundo antigo, percebe-se que o simbolismo e as mitologias do "vôo noturno" extrapolam a bruxaria e o próprio xamanismo stricto sensu e são realmente muito anteriores a estes próprios rótulos; na verdade pertencem à ideologia da magia universal e desempenham um papel essencial em muitos sistemas mágico-religiosos.

Projeção consciente e o sono

O sono sempre foi considerado um "irmão menor" da morte, mas isto se deve ao fato do sono poder liberar nosso corpo astral (mais conhecido como alma) do corpo físico, realizando assim, uma projeção cotidiana, natural, inofensiva e quase sempre inconsciente para a maioria das pessoas. Assim temos dois tipos de sonos: o primeiro é chamado de sono rápido: este sono se caracteriza pelos movimentos dos globos oculares, sob as pálpebras fechadas, e intensa atividade do cérebro. O segundo tipo é chamado de sono lento: durante este tipo de sono cai o ritmo do coração, a respiração se torna mais lenta e a temperatura do corpo humano atinge o seu ponto mais baixo (daí sua semelhança com o estado da morte – temperatura baixa e etc). Para a prática do "vôo noturno das bruxas" que nada mais é do que a chamada Magia Astral, e que é a principal característica da magia de Ìyàmi Òṣòròngá, desde tempo imemoriais na velha África, são necessários determinados cuidados, vejamos alguns:

1. Higiene pessoal e do ambiente (seja física e/ou energética).
2. Evitar a ingestão de alimentos pesados.

3. Aliviar suas necessidades fisiológicas, esvaziar a urina e etc.
4. Não sentir medo ou preocupação.
5. Autodeterminação em seu objetivo.
6. Deixe sempre ao lado de sua cama um caderno, no qual você deverá anotar as experiências oriundas de suas projeções.

O modo de preparo para a sua consciência se projetar do seu corpo se assemelha ao processo de você se preparar para ir dormir a cada noite. Existem vários "instrumentos" que você pode utilizar-se em seus "primeiros passos" na projeção astral, portanto vamos a alguns deles:

Preparações

1. Massagem nos tornozelos e na testa para induzir ao relaxamento necessário. Este relaxamento é muito importante, pois quando alguém está tenso é provável que se sinta cansado, mas ao mesmo tempo, acha-se também tão desperto em âmbito interior que será muito difícil acalmar-se, para desfazer seus próprios "bloqueios interiores". E este não é apenas o primeiro passo, mas o mais importante para uma perfeita projeção astral lúcida.
2. Dançar girando o corpo e cabeça.
3. Jejum, o qual enfraquece o corpo e predispõe a projeção.
4. Ir dormir com sede (colocando um pouco de sal na boca antes de dormir) e deixar um copo com água no mesmo cômodo, mas não ao alcance da mão.

5. Visualizar em sua mente durante o estado de relaxamento que antecede ao sono, o mar aberto, rios ou cachoeiras, e depois se imaginar boiando nas águas completamente relaxado e procurar sentir o balanço das águas em seu corpo nesta situação.
6. Chamar e declarar o seu pedido de projeção a alguma entidade particular afim a você, ou mesmo, à própria Iyàmi, ou sua Àjé ou Osó pessoal.
7. Uma observação importante, é que pela prática tenho visto muito mais pessoas conseguirem suas projeções conscientes iniciais ao dormirem em uma poltrona (sentadas), do que completamente deitadas.
8. Não espere resultados imediatos, logo na primeira vez que você tentar.

Concentração mental em sete etapas

1. Isole-se em um quarto fechado onde você não seja perturbada enquanto estiver praticando os exercícios. Fique nua.
2. Coloque uma vela acesa sobre um prato largo e apoiada em um anel de prata, em um dos extremos do quarto.
3. Com o tronco ereto e as mãos sobre as coxas, sente-se em uma cadeira confortável, ou poltrona, a uns três metros de distância da vela, no outro estremo do quarto.
4. Escureça completamente o quarto, deixando apenas a luz da vela acesa.
5. Fixe, atentamente, a vela acesa à frente e concentre-se sobre ela até perder toda a consciência do resto do mundo físico ao redor de você.

6. Neste momento, somente existe você e a vela. A vela é uma extensão de você, do seu corpo.
7. Quando você, próximo e a frente da vela acesa, sentir sua consciência normal tornar-se "suspensa" (na falta de uma palavra melhor), primeiro imagine ou visualize o seu corpo astral (que é inicialmente um corpo idêntico ao seu físico, mas constituído de uma matéria mais sutil) movendo-se para fora do corpo físico e indo à direção da vela acesa, no outro extremo do quarto. Depois *"sinta"* a sua saída e a sua ida até à vela.

Ilustração:

Projeção Astral
ou "Vôo da Alma-Pássaro".



Estes exercícios devem ser feitos através de uma grande força de vontade para se conseguir o objetivo o mais rápido e eficientemente possível. Para dinamizar ainda mais este exercício faça como os "antigos", desenhe com uma mistura de Osùn (Pterocarpus Erinaceous - madeira vermelha africana), Efun e Iyèròsùn acrescentados há um pouco de chá de camomila, a marca do odù Òsá Méta nas seguintes partes de seu corpo (obs. Também é interessante, que você tome um banho da cabeça aos pés de infusão bem forte de camomila, antes de começar todo o ritual):

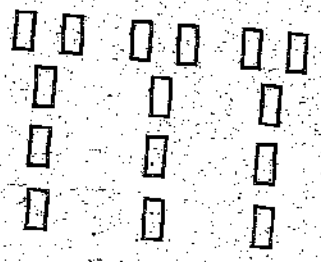
1. Na testa, tendo a marca do meio (a segunda) bem entre os olhos.

2. No tórax, tendo a marca do meio (a segunda) bem entre o tórax.

3. Na barriga, tendo a marca do meio (a segunda) bem encima do umbigo.

E com estes símbolos inscritos em seu próprio corpo, procure concentrar toda sua atenção no umbigo (como o centro de seu corpo físico e astral).

Marca do Odù Òsá Méta:



Respiração em oito etapas

1. Quando estiver de estômago vazio, isole-se em um quarto fechado onde não seja perturbado enquanto estiver praticando os exercícios. Fique nua ou use apenas roupas leves e folgadas. É interessante limpar as narinas com água morna para que a respiração fique desimpedida.

2. Sente-se com o tronco ereto em uma cadeira confortável. Conserve os braços estendidos ao longo do corpo e os músculos relaxados, sem mover os ombros.

3. Respire devagar e mantendo um ritmo, somente pelas narinas. Não respire com o tórax. Deixe seu abdome se distender. O local onde você estará se exercitando deverá ter uma boa ventilação.

4. Ao usar o diafragma para respirar, você distende pouco a pouco a parte inferior do tórax, e empurra as costelas inferiores para fora.

5. Continue a encher os pulmões com o ar e comece a encher as extremidades superiores dos pulmões, empurrando ainda mais para fora as costelas inferiores. Isso renovará o ar residual dos seus pulmões.

6. Prenda a respiração por alguns segundos e, depois, expire pelas narinas, lentamente, forçando a saída de todo o ar, esvaziando completamente os pulmões, e contraindo ao máximo o abdome, como se ele pudesse tocar a coluna.

7. Repita tudo o que foi feito até aqui por seis vezes, ou seja, seis inspirações e seis respirações consecutivas. Então, descanse, prendendo a respiração por alguns segundos, ou pelo tempo que você conseguir sem "forçar a barra".

8. Continue este exercício até você dormir (respirando tão devagar até que sua respiração se torne quase que imperceptível).

Visualizações para a projeção astral

Visualizar é imaginar, e em magia, imaginação é quase tudo. Imaginar com força de vontade é criar, e essa é a grande ação dos magos, e justamente o que mais nos aproxima das crianças. Assim como uma criança é capaz de imaginar qualquer coisa que lhe ensinarmos a ver (quando, por exemplo, lhe contamos uma estória), desta forma devemos voltar a ser: - crianças que conscientemente utilizamos nossa força de vontade sobre o que visualizamos em nossa mente e no mundo. Isto é magia, todo o resto é ritual. Vamos agora a alguns exemplos de visualização, que lhe vão facilitar o "desdobramento", ou seja, a projeção astral, a qual se chama na magia de Ìyàmi Òṣòròngá - ỌKAN ỌNÍFÒ LỌ que traduzido literalmente significa: Alma proprietária do voar, ou alma que voa.
Vários tipos de visualizações podem ser úteis na sua prática de projeção astral, estas visualizações são na verdade a ação voluntária da sua imaginação criativa, a qual permite a separação de sua consciência e do seu cérebro, ou a liberação de seu corpo astral, que pode carregar sua consciência para se manifestar em outra dimensão. Eis aqui algumas das principais visualizações, as quais

certamente vão lhe facilitar bastante a prática do ọkan ọnífò lọ:

1. Visualizar-se embaixo d'água preso por correntes ao fundo, e quase sem fôlego cortar as correntes e subir, tentando desesperadamente forçar o caminho para chegar a superfície.

2. Visualizar a si mesmo num lado de uma muralha muito alta, em um deserto, e tentar saltar ou escalar a muralha para ganhar acesso a paisagem verde e confortante do outro lado.

3. Visualizar-se em um elevador que sobe rapidamente, e então saltar no andar em que ele parar.

4. Visualizar-se subindo em uma espiral, como se fosse no forte vento de um furacão até chegar ao topo e de lá então ver o céu tranquilo e harmonioso das nuvens.

5. Ser carregado para cima em uma roda-gigante.

6. Os "antigos" viam-se sendo levados para o céu pelas garras de um pássaro muito grande ou percebiam-se eles mesmos com asas e capazes de voar.

7. Nadar com muita energia em uma competição, ou fugindo de um tubarão.

8. Pular de pára-quedas.

9. Mergulhar de um penhasco muito alto por sobre o mar.

10. Descer em um elevador muito rápido.

É importante que você escolha apenas um tipo de sonho, individual, o mais adequado possível ao seu temperamento e dia-a-dia. Você deve construí-lo vivamente na sua imaginação, pensando nele todas às noites, repetindo-o com muita insistência, até saturar sua mente com a vontade de experimentar a sensação da projeção astral assim como também, com a vontade firme de lembrar-se do "vôo noturno" após acordar. Desta forma você abrirá as portas da mente inconsciente e conseguirá o poder de seu "pássaro de Iyàmi" pessoal. Uma informação importante, é de que os sonhos em que você tem a sensação de subir (como por exemplo subir em um elevador, ou imaginar-se alçando vôo com asas próprias) são infinitamente mais fáceis de você obter um bom resultado nas projeções, do que os sonhos que baseiam-se em queda, ou movimentos de descida (como por exemplo , mergulhar de um penhasco muito alto). Lembre-se que muita gente não tem idéia de quão frequentemente os sonhos são de fato projeções astrais semiconscientes.

Técnica para projeção astral através da sede

Da mesma forma como usamos a técnica da fome (jejum), também empregamos a sensação da sede como sugestão para impressionar a mente inconsciente e forçar a saída do corpo astral (projeção), na intenção de saciar a necessidade de água.

1. Durante o dia você deverá evitar ingerir líquidos em geral: água, refrigerante, frutas muito suculentas e etc.
2. À noite, você deve desenhar a marca do odù Òsá Méta por sobre a região do umbigo e da garganta e então ir

dormir em uma condição de secura permanente, e para piorar a situação coloque um pouco de sal na boca, ou beba alguns goles de água com sal (o que aumenta ainda mais a sensação de secura). Coloque um copo com água limpa e fresca a mais ou menos à distância de quatro metros de sua cama e assim deverá pensar sobre o local você poderá matar sua sede (pode ser sobre um móvel, ou mesmo em um outro cômodo da casa, mas comece colocando o copo com água perto de onde você dorme e assim, gradativamente, vá colocando-o mais distante).

Projeção, Sonhos e os Odù de Ifá

Existem dezesseis tipos de sonhos e cada um deles está associado a um dos Odù de Ifá, este tipo de conhecimento é importante, pois para o alumo mais avançado no estudo dos Odù e da projeção, poderá este, beneficiar-se grandemente na prática da magia astral:

Os dezesseis tipos de sonhos e sua relação com os Odù:

Todos os sonhos são sempre regidos por um Odù Méta (de três colunas) os quais, significam uma relação entre o corpo espiritual (espírito eternal), corpo mental (Mente – Orí) e astral (Alma). Por isso as marcas do ritual dos exercícios para projeção foram baseadas no Odù Òsá Méta (de três colunas). É só lembrar que Òsá é o grande Odù dos sonhos, narcotismo, estados alterados de consciência e etc (para maiores informações, veja o capítulo: A Magia Yorùbá).

Obs: Entre os Odù Méji (de duas colunas), o odù que rege os

sonhos e os vaticínios deles extraídos através de Ifá, é o odù Ìrosùn Ọ̀wọ́rín.

Sonhos e suas relações básicas com os Odù Méta

1. Sonho alto – Odù Ògúndá Méta
2. Sonho bizarro – Odù Ìká Méta
3. Sonho criativo – Odù Ọ̀túúrúpọ̀n Méta
4. Sonho de advertência – Odù Òdí Méta
5. Sonho de sobrevivência – Odù Ìrẹ́tẹ́ Méta
6. Sonho dramático – Odù Ọ̀wọ́rín Méta
7. Sonho excitante sexualmente – Odù Ọ̀kànràn Méta
8. Sonho recorrente – Odù Ọ̀fún Méta
9. Sonho gratificante – Odù Ọ̀bàrà Méta
10. Sonho incompreensível – Odù Ọ̀sá Méta
11. Sonho inventado – Odù Ọ̀ṣẹ́ Méta
12. Sonho mau – Odù Ìrosùn Méta
13. Sonho monótono – Odù Ọ̀túrá Méta
14. Sonho mútuo – Odù Ìwòrì Méta
15. Sonho noturno – Odù Ọ̀yẹ̀kú Méta
16. Sonho vívido – Odù Èjìogbè Méta

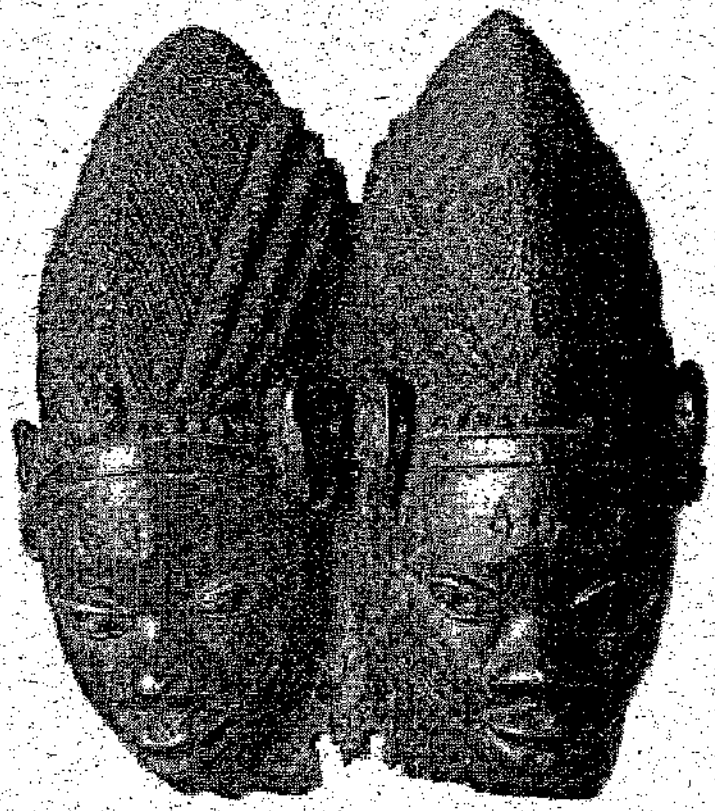


Ilustração:

Foto de máscara Ẹ̀fẹ́-Gẹ̀lẹ̀dẹ̀, representando na testa as marcas Méta (três), que regem o poder sobre os sonhos e a arte do "vôo noturno". Suas duas máscaras unidas simbolizam a dualidade interligada de "corpos" dos bruxos/as – ou seja, o corpo físico e o corpo astral (ambos idênticos enquanto forma, mas em energias diferentes como "tipos" de matéria).

Mito de Ìyàmi ligado ao vôo da "Alma-Pássaro":

ÌRÉTÉ MEJI

Como Ìyàmì chega a terra em Òtà

"...Tiramos a água na frente.
Tiramos a água atrás.
Ifá é consultado por 201 pessoas, que do céu vieram para terra.
Ifá é consultado por 201 proprietários de pássaros,
Que do céu vieram para a terra.
Quando estas 201 pessoas chegam,
Eles Babalawòs são os que dizem para preparar uma cabaça para cada uma delas.
Foi em Òtà que elas chegaram pela primeira vez, elas nomeiam uma pessoa Ìyálóde em Òtà.
Aquela que receber um pássaro leva sua cabaça para junto dela.
Ela diz que quer receber seu pássaro.
Ele está colocado dentro.
Quando ela colocou o pássaro dentro, a cabaça é coberta e lhes é entregue.
Esta cabaça que lhes é entregue, elas tomam conta dela em sua casa.
Quando elas a arrumaram em sua casa, não é qualquer um que pode saber o lugar onde elas a puseram, a menos que seja alguém que tenha uma cabaça.
Talvez esteja no teto da casa.
Elas a podem colocar ao lado da parede.
Elas podem cavar o chão para a colocar ali.
Elas são as únicas a saber o lugar onde a cabaça está guardada,
Quando ela lhes é entregue.

Quando ela lhes são entregues, cada uma leva a sua, vai colocá-la no lugar que ela viu.
Quando elas querem enviar eleye em uma missão, elas abrem a cabaça,
Esta eleye voa para fora da cabaça,
Vai cumprir sua missão aonde for enviada,
Talvez em Lagos, talvez em Ibadan, talvez em Ilorin, talvez em Sapele, talvez em londres, talvez no país do Rei.
Todos os quatro cantos do mundo são os lugares para aonde elas a enviam.
Quando deste modo, elas abriram a cabaça.
Este pássaro voa e vai cumprir sua missão.
Se elas dizem que é para matar alguém, eles matam.
Se elas dizem que é para levar os intestinos de alguém, eles levam.
Quando eles querem levar os intestinos, ficam à espreita de alguém.
Quando elas estão espreitando para rasgar seu ventre,
A pessoa não sabe que elas querem levar seus intestinos.
Se ela estiver grávida, elas retiram a gravidez de seu ventre.
Eles vão executar o trabalho de que estão encarregados.
Quando terminarem este trabalho, voltam novamente para esta cabaça.
Elas tornam a cobri-la.
Quando elas a cobriram, cuidam de a colocar novamente em seu lugar.
Elas não lutam mais sozinhas, ao menos que queiram ir à sociedade delas.
No momento em que retorna, este pássaro assim fala com sua proprietária, "o trabalho que me mandaste executar, eu o fiz".
Se esta pessoa possui um remédio contra Àjé, ela é capaz de dizer, "que aquela que vos enviou para me pegar, não me pegue", tento pegar, pegar, pegar, mas não sou capaz de pegar.

Se me enviardes para pegar alguém (que não possua este remédio) o pego.
Aquela que possui um pássaro vai então para o meio de sua sociedade, ela diz que enviou um mensageiro em missão, ela fez este trabalho contra ele, ela levou este trabalho para o meio de sua sociedade, porque ela não pode trabalhar sozinha.
Quando elas assim falaram, aquelas que ficam compartilham as coisas.
Sangue da pessoa que ela mandou pegar, ela o leva para o meio de sua sociedade, porque ela não pode trabalhar sozinha.
Quando elas assim falaram, aquelas que ficam compartilham as coisas.
Sangue da pessoa que ela mandou pegar, ela o leva para o meio da sociedade, todas as suas companheiras o querem tocar com suas bocas.
Quando elas tomaram juntas este sangue, elas se separam.
Quando elas se separam, chegou o dia seguinte, chegou a noite seguinte, elas enviam o pássaro.
Elas não deixam sua vítima dormir, este pássaro pode pegar um chicote, pode pegar um porrete, pode pegar uma faca, pode tornar-se uma alma do outro mundo, pode tornar-se um Òrìsà.
Para ir pôr medo naquele para o qual elas o enviaram.
Tal é a história destas ẹlẹye!
É assim que elas são!...".

CAPÍTULO 22

"... E que seja ela em todas as coisas sábia, e segura, e excelente.
Mas que ela pense nisto:
Meu caminho não está nos caminhos solenes, ou nos caminhos racionais, mas no caminho livre e selvagem da águia, no caminho tortuoso da serpente, e no caminho oblíquo do fator desconhecido e inumerável...".

Liber 49 / O Livro de Babalon

Para Erigir O Santuário De Ìyámi Òṣòròngá

Este rito de Ìyámi é somente indicado às pessoas que desejam possuir em suas casas, templos ou até mesmo, em alguma área de um espaço florestal próximo a sua casa, um local de culto, para evocação e invocação de Ìyámi. Entretanto, lembro mais uma vez ao amigo leitor, que a magia de Ìyámi Òṣòròngá possui uma envergadura bem maior que a psique de um indivíduo apenas, portanto , é incomensurável em termos humanos, cabendo ao praticante deste rito uma clara consciência de seus limites e óbvios cuidados na sua execução. Com a finalidade de construir o grande portal pelo qual se manifestarão Ìyámi Òṣòròngá e todas as suas Àjé, Oṣó, diversos seres e forças negativas, neutras e positivas que estão sob seu poder, deve-se inicialmente colocar quatro grandes pedras em determinadas posições. Estas quatro grandes pedras são os pilares da vida e da morte, e guardam em suas magias inúmeros poderes e segredos ancestrais.

Deverá assim ser feito: De frente para o norte coloque a primeira grande pedra,na qual, você deverá talhar o òdú de Ifá Òfún Méjìn (*com quatro colunas*), e enterrar embaixo dela uma cabaça pequena cheia de osùn (Pterocarpus -

Erinaceus-madeira vermelha africana). Na direção sul, a cinco passos da pedra que aponta para o norte, deverá ser colocada uma pedra na qual você deverá talhar o signo de Ifá Èjìogbè Mérin, e enterrar embaixo dela uma cabaça pequena (àdó ìjamọ) cheia de Èédú (carvão vegetal). A cinco passos da pedra do Sul, você colocará outra grande pedra, na qual deverá talhar o signo de Ifá Òṣé Mérin voltado para o leste e então enterrar embaixo dela uma cabaça pequena cheia de efun. A pedra seguinte deverá ser colocada a oeste e para o interior, a cinco passos da pedra que marca o Leste, nela você deverá talhar o signo de Ifá Òyèkú Mérin, e enterrar embaixo dela uma cabaça pequena cheia de lama (pètepète).

1. Na pedra de Èjìogbè, você evocará Ìyámi Òṣòròngá, Ògún e o poder dos espíritos do fogo, os quais são chamados de Àwọn Ànjònú Iná, o que traduzido literalmente do Yorùbá para a língua portuguesa, significa: Demônios do Fogo.

2. Na pedra de Òfún, você evocará Ìyámi Òṣòròngá, Obàluwàiyé e o poder dos espíritos da Terra, os quais são chamados de Àwọn Ànjònú Erùpè, o que traduzido literalmente do Yorùbá para a língua portuguesa, significa: Demônios da Terra.

3. Na pedra de Òyèkú, você evocará Ìyámi Òṣòròngá, Oduduwa e o poder dos espíritos da Água, os quais são chamados de Àwọn Ànjònú Omi, o que traduzido literalmente do Yorùbá para a língua portuguesa, significa: Demônios da Água.

4. Na pedra de Òṣé, você evocará Ìyámi Òṣòròngá, Obàtálá e o poder dos espíritos do Ar e das Tempestades, os quais

são chamados de Àwọn Ànjònú Èfúùfù nlá, o que traduzido literalmente do Yorùbá para a língua portuguesa, significa: Demônios das Grandes Tempestades.

(Veja no capítulo sobre as lendas de Ìyámi, o texto de Òṣéòyèkú – A Morte de Odù
- orientação na ilustração: L = Leste, O = Oeste, S = Sul e N = Norte)

Ao Norte por detrás da pedra de Òfún Mérin, deverá ser fincada à terra uma grande pedra, na qual se inscreverá o símbolo do Odù Òsá Mérin (na ilustração esta pedra é representada pela letra: A), e por detrás desta pedra, deverá ser plantada a árvore ÌYÁ – (Daniellia Oliveri) – Caesalpiniaceae – nome popular no Brasil: Copaíba. Nesta árvore e nesta pedra deverão ser feitos os ritos de Morte e evocação da Àjé da Morte, citada no capítulo correspondente a árvore Ìyá, assim como também ao orixá Ikú, ou qualquer outra força ou orixá, que você deseje que venha a atuar dentro deste perfil de energia.

Materiais básicos das magias deste pilar

Vegetais: Cominho, Arruda, Dormideira negra, Copaíba, Sabugueiro, quaisquer tipos de árvores que tenham "nascido e crescido" dentro de cemitérios, e logicamente folhas ou qualquer outro material da árvore citada.

Todas as árvores e vegetais em geral, que crescem dentro de cemitérios, possuem uma grande relação com a morte, e suas folhas, raízes, etc., podem ser utilizadas de forma muito eficiente neste tipo de perfil ritual. Isto se deve ao óbvio motivo, do tipo "muito particular" de seiva, que vem alimentando

continuamente a árvore desde o seu plantio neste local.

Metal: Chumbo.
Animais: morcego, rã, camarão, sapo, rato, urubu e porco (a porca, chamada em Yorùbá de: Elédè, sempre foi uma oferenda muito utilizada para Iyámi nos mais diversos rituais. A diferença, é que aqui estou explicando porquê : – o sacrifício da porca significa o poder de transformação da morte em questões de riqueza e bens materiais – seja para o lado positivo ou negativo, dependendo apenas da intenção de quem realiza o ritual).
Insetos: barata.

A uma distância de três passos, coloque a próxima pedra. Feito isso, as demais pedras devem ser postas, à mesma distância, em sentido anti-horário – que é o movimento do sol aqui no hemisfério Sul. Isto explica porquê as chamadas "rodas de macumba e bruxaria" são feitas neste sentido por aqui, enquanto no hemisfério norte, são feitas em sentido horário – rotação no movimento do sol nesta região do planeta, ou seja: "roda de bruxaria" no hemisfério sul – movimento anti-horário, no hemisfério norte – sentido horário, e tudo isso, por causa do movimento do sol e sua diferença no "ponto de vista" de quem observa destes hemisférios.

Nesta próxima pedra, depois de você ter seguido em sentido anti-horário por três passos, você inscreverá o símbolo do Odù Òbàrà Mérin (na ilustração esta pedra é representada pela letra: B), e por detrás desta pedra, deverá ser plantada a árvore Osè (Adansônia Digitata – Bombacaceae), conhecida no Brasil como: baobá. Nesta árvore e nesta pedra deverão ser feitos os ritos de Riqueza e prosperidade e a evocação das doze principais Àjé desta árvore, citadas no capítulo

correspondente a árvore Osè, assim como também ao orixá Ajé Sàlúgá (orixá da riqueza) ou qualquer outra força ou orixá, que você deseje que venha a atuar dentro deste perfil de energia.

Materiais básicos das magias deste pilar

Vegetais: Açafrão, Peregun, Raízes de violeta, Alfavaca, Macassá, Batata-doce, e logicamente folhas ou qualquer outro material da árvore citada.
Metal: Estanho
Animais: Ijapá (Cágado), Juriti, Caracóis (Igbin), Cavalo, Tatu, Codorna e Cavalo-marinho.
Insetos: Bicho-da-seda .

Na próxima pedra, você inscreverá o símbolo do Odù Irosún Mérin (na ilustração esta pedra é representada pela letra: C), e por detrás desta pedra, deverá ser plantada a árvore Òbòbò (Ceiba Petandra – Bombacaceae), conhecida no Brasil pelo nome de: Arabá. Nesta árvore e nesta pedra deverão ser feitos os ritos de Perdão e evocação das setenta e duas Àjé, citadas no capítulo correspondente a árvore Òbòbò, assim como também a qualquer outra força ou orixá, que você deseje que venha a atuar dentro deste perfil de energia.

Materiais básicos da magia deste pilar

Vegetais: Aniz estrelado, Zimbro, Dendezeiro, Incenso, Cravo da índia, raízes de valeriana e logicamente folhas ou qualquer outro material da árvore citada.
Metal: Latão.

Animais: pombo-correio, preá, macaco, camaleão, antílope e papagaio.
Insetos: Cupim e Aranha (com todo o poder mágico de sua teia).

Na próxima pedra, você inscreverá o símbolo do Odù Ògúndá Mérin (na ilustração esta pedra é representada pela letra: D), e por detrás desta pedra, deverá ser plantada a árvore Irókò (Chlorophora Excelsa - Moraceae), conhecida no Brasil pelo nome de: Irókò ou Carvalho Africano. Nesta árvore e nesta pedra deverão ser feitos os ritos de Violência e Guerra e evocação das trinta e seis Àjé, citadas no capítulo correspondente a árvore Irókò, assim como também a qualquer outra força ou orixá, que você deseje que venha a atuar dentro deste perfil de energia.

Materiais básicos da magia deste pilar

Vegetais: Menta, Urtiga, Cansanção, Gengibre, Alho, Cebola, Pimentas em geral, uma folha conhecida por: Sangue-de-Dragão e logicamente folhas ou qualquer outro material da árvore citada acima.
Metal: Ferro.
Animais: Tigre, Cão-do-mato, Cação, Gavião, Piranha, Galo-de-briga, Carneiro, Búfalo, Javali, Moréia, Galinha-da-Angola e Siri.
Insetos: Escorpião, Marimbondo, Louva-Deus e Formiga.

Na próxima pedra, você inscreverá o símbolo do Odù Òdí Mérin (na ilustração esta pedra é representada pela letra: E), e por detrás desta pedra, deverá ser plantada a árvore Iwó (Garcinia Kola, Heckel Guttiferae), conhecida no Brasil

pelo nome de: orógbó. Nesta árvore e nesta pedra deverão ser feitos os ritos para Satisfação e Amor, assim como a evocação das noventa Àjé, citadas no capítulo correspondente a árvore Iwó. Desta forma, poderão também evocar qualquer outra força ou orixá, que você deseje que venha a atuar dentro deste perfil de energia.

Materiais básicos da magia deste pilar

Vegetais: Canela, Cereja, carrapicho-boi, amor-agarradinho, salsa, rosas e folhas ou qualquer outro material da árvore citada acima..
Metal: Cobre.
Animais: Coelho, Pato, Pombos, Vacas, Pavão, Galinhas e um passarinho chamado: Bem-te-vi.
Insetos: Borboleta.

Na próxima pedra, você inscreverá o símbolo do Odù Òtúrá Mérin (na ilustração esta pedra é representada pela letra: F), e por detrás desta pedra, deverá ser plantada a árvore Ásúrín (Entandrophragma Candollei - Meliaceae), conhecida no Brasil pelo nome de: Pau-Brasil. Nesta árvore e nesta pedra poderão ser feitos todos e quaisquer rituais sejam eles para o bem ou para o mal, assim como também ser realizadas as evocações das cento e sessenta e nove Àjé, citadas no capítulo correspondente a árvore Ásúrín. Desta forma, também é possível evocar qualquer outra força ou orixá, que você deseje que venha a atuar dentro deste perfil de energia.

Materiais básicos da magia deste pilar

Vegetais: Açafrão, Sândalo, Mel, Mirra, Incenso, Dente-de-leão, Girassol.
Metal: Ouro.
Animais: Leão, Garça, Falcão e Canários.
Insetos: Abelha, Cigarra e Esperança.

Na próxima e última pedra deste "círculo", você inscreverá o símbolo do Odù Òwónrín Mérin (na ilustração esta pedra é representada pela letra: G), e por detrás desta pedra, deverá ser plantada a árvore Arère (Annona Senegalensis - Annonaceae), conhecida no Brasil pelo nome de: Pimenta-de-macaco. Nesta árvore e nesta pedra poderão ser feitos todos os rituais destinados a canalizar a cruel e poderosa força da destruição; assim como também podem ser realizadas as evocações dos quarenta "Jẹ ní Ìyà" citados no capítulo correspondente a árvore Arère. Desta forma, também é possível evocar qualquer outra força ou orixá que você deseje, para que venha atuar dentro deste perfil de energia.

Materiais básicos da magia deste pilar

Vegetais: Açafrão, Sândalo, Mel, Mirra, Incenso, Dente-de-leão, Girassol,
Metal: Ouro.
Animais: Leão, Garça, Falcão e Canários.
Insetos: Abelha, Cigarra e Esperança.

No centro deste local, você deverá fazer um grande círculo de ẹfun e posicionando-se ao meio do círculo construa um grande montículo de argila, na massa deste montículo você deverá colocar os seguintes materiais:

Folhas de Àridan – (Tetrapleura Tetráptera) – Leguminosae Mimosaceae – nome popular: Àridan ou Aídan.
Folhas de Ajanjere – (Ficus Elegans) – Moráceae – nome popular: Figueira
Folhas de Berékè – (Delonix Régia) – Leguminosae Mimosaceae - nome popular: Flamboyant
Folhas de Igi Opé – (Elaeis Guianeensis) – Palmaceae - nome popular: Dendezeiro
Folhas de Akôko – (Newbouldia Laevis) – Bignoniaceae - nome popular: Akoko
Folhas de Apáokà – (Artocarpus Integrifolia) – Moraceae - nome popular: Jaqueira
Folhas de Osànko – (Chrisophillum Caimito) – Sapotaceae – nome popular: Abiu Roxo
Folhas de Bani – (Acacia Farnesiana) – (Leguminosae Mimosoideae) - nome popular: Esponjeira
Folhas de Alukèresé – (Ipoméia Involucrata) – Convolvulaceae – nome popular: Dama da noite (todas as flores que se abrem e perfumam à noite, incluindo a conhecida Murta).
Todas estas folhas citadas, deverão ser preparadas como Wẹ Ariàsẹ (Banho de Fôlhas) e em sua utilização na moldagem do montículo, o "bagaço" também deverá ser usado.
Carvão mineral (èédú okuta)
Osùn
Efun
Ìyèròsùn
Wájì
Um pedaço de Chumbo
Um pedaço de Estanho

Um pedaço de Ferro
Um pedaço de Cobre
Um pedaço de Latão
Um pedaço de Prata
Um pedaço de Ouro
Muitos pedaços de Bronze
1/3 da massa equivalente da argila, de cera de abelha pura derretida.

Preparar um extrato de Dormideira Negra, Raiz e/ou Flores de Violeta, Cebola, Canela, Anis , Dormideira Branca, Salsa, Sálvia , Cascas de Pepino e Sementes de Abóbora.
Sobre o montículo sacrifica-se uma Elédè (Porca) e as seguintes partes (ęsę), devem ser arrumadas em três cabaças grandes desta forma:
Na primeira coloque o estômago: na segunda coloque a bexiga e a vesícula e na terceira coloque os intestinos. Acrescente em cada uma 4 pedaços de Âmbar e vários pedaços de cobre, depois coloque epo, iyọ̀ e oyin (dendê, sal e mel). Ofereça cada uma destas cabaças à uma árvore que represente aquilo que você deseja afastar de seu caminho. Ex: A do estômago para a árvore Ìyá, a da bexiga e vesícula à árvore Ìrókò e a dos intestinos à árvore Arère. Tudo isso, recitando os ofọ̀ (encantamentos) correspondentes.
Depois separe em 4 cabaças grandes os seguintes órgãos: o coração (na primeira), os pulmões e os rins (na segunda), o fígado (na terceira) e o pâncreas (na quarta). Tudo isso acompanhado de 1 cristal de rocha em cada cabaça e bastante limalha de ferro, com epo, iyọ̀ e oyin (dendê, sal e mel).
Leve cada uma destas cabaças às quatro árvores que representam aquilo que você deseja atrair para sua vida. Ex: A cabaça do coração para a árvore Òbòbò, a cabaça dos pulmões e rins para a árvore Osè, a cabaça do fígado para a

árvore Iwò e finalmente a cabaça do pâncreas para a árvore Asurín.
Separe o lombo da porca e prepare a seguinte oferenda para ser depositada no eixo central entre as árvores e as pedras:

Materiais

Cinquenta gramas de banha de òri
Um kg do lombo da porca, desossado e enrolado
Cebolas roxas picadas
Quatro colheres de sopa de mel
Sete obís ralados
Sete òrògbós ralados
¼ de colher de chá de cardamomo
Sal marinho e Pimenta-da-costa
Trezentos ml de vinho de palma
Quatro igbín

Modo de fazer:

Derreta a banha de òri numa caçarola e doure por inteiro. Adicione as cebolas , o mel, os 7 obí ralados e os òrògbó e tempere com cardamomo, o sal e a pimenta. Despeje o vinho de palma por cima e ferva. Tampe bem a caçarola e leve ao forno pré aquecido a 180 graus por aproximadamente 1:30 h (uma hora e meia). Retire a carne e deixe o líquido reduzir para servir como molho. Coloque em um alguidar forrado com folhas de dendezeiro, guiné e pau-brasil. Ao entregar sacrifique os 4 Igbín por cima.

Uma importante informação, é que todas os Orí (cabeças) dos animais sacrificados devem ser oferecidas sempre a Ògún, na pedra de Ògúndá Mérin e coberta com muito carvão vegetal

(èédú igi). Todos os ẹsẹ̀ (pés) devem ser oferecidos a Oduduwa na pedra de Òyẹ̀kú Mẹ́rin.
Os ẹpọ̀n àti okó (saco escrotal com os testículos e o pênis) ou a Tàbí òbò (Vagina) devem sempre ser oferecidos a Èṣù nos "pés" do montículo central ou na árvore Àsúrín, de preferência com o signo de Ifá Òṣẹ́òtúrá riscado em Ìyẹ̀rọ̀sùn e espalhado por cima.
No caso de pássaros, as asas (apá ẹyẹ) devem ser oferecidas diretamente a pedra de Òṣẹ́ Mẹ́rin.

Estas estruturas de árvores e pedras serão o portal pelo qual Ìyámi Òṣòròngá virá cada vez que for evocada. Deve-se fazer estes rituais sempre à noite quando a lua brilha no cume do céu ou no primeiro dia da lua nova, recitando os Gbàdúrà (Rezas) e os Ọfọ̀ (Encantamentos) ensinados neste livro. Lembrando, que é muito melhor você falar em português sabendo o que você está falando, do que recitar um texto em Yorùbá sem a consciência e a emoção do que se pronuncia. Fazendo deste maneira, Iyá Àgbà (Mãe Ancestral), caminhará sobre a terra.

Literalmente...

"Ela estará no meio de nós".

Observação sobre os chamados "Axés" nos sacrifícios rituais afro-brasileiros:

"ÀṢẸ DE EXPANSÃO (ofú) E CONTRAÇÃO (osa)"

Os chamados "Àxés" assim como o sangue ritual pertencem a Ìyámi Òṣòròngá, o orin ritual para o oferecimento dos órgãos

internos dos animais abatidos é o seguinte:

"... Mo júbà ènyin Ìyámi Òṣòròngá
O tònón èjè enun
O tòokòn èjè èdò
Èjè ó yè ní kálè o
Èjè ó yè ní kálè o
Ó yíyè, yíyè, yíyè, yíyè, kòkò
Ó yíyè, yíyè, yíyè, yíyè, kòkò ..."

"... Eu saúdo minha mãe Ìyámi Òṣòròngá
Ela que segue o rastro do sangue interno
Ela que segue o rastro do sangue do fígado e do coração
O sangue fresco que se recolhe na terra cobre-se de fungos
E ele sobrevive, sobrevive, sobrevive e torna a sobreviver
Grande pássaro - mãe ancestral ..."

Os conceitos de OFÚ e OSA estão presentes no corpo humano, assim como, nos de todos os outros animais, a classificação das atividaes OFU e OSA são as seguintes:

São orgãos de funções OFÚ, aqueles que produzem e fazem circular a energia no corpo: o estômago, a bexiga, a vesícula biliar, o intestino grosso e o intestino delgado.

São orgãos de funções OSA, aqueles que concentram a energia, purificam e fazem circular o sangue: coração, pulmões, rins, fígado e baço-pâncreas.

As atividades destes orgãos são complementares, a saber:

1) Produção de elementos vitais (Intestino Delgado – OFÚ) e sua distribuição (fígado – OSA).

2) Captação de energia OFU do ar (Pulmões – OSA) e sua freagem (Bexiga – OFÚ).

3) Excitação da energia (Vesícula Biliar – OFÚ) e circulação do sangue (Coração – OSA)

4) Equilíbrio e excreção dos sólidos (Intestino Grosso – OFÚ) ou dos líquidos e solúveis (Rins – OSA)

5) Produção de energia OSA (Estômago – OFÚ) e, com esta energia, excitação vital (Sexualidade – Atividade OFÚ)

6) Produção de energia pelo açúcar (Baço – Pâncreas – OSA) e sua distribuição.

Nunca é demais ressaltar que ao mencionar um órgão como representativo de uma função, fica subentendido que aí estão englobados os demais componentes desta função.

Informações sobre os melhores dias lunares para rituais neste templo de Ìyàmi, assim como para todo e qualquer ritual.

Na tradição Yorùbá temos uma semana de quatro dias, os quais ao completarem sete ciclos de quatro dias realizam um mês lunar.

Desta forma vemos que os Yorùbá, assim como todos os povos mais antigos do planeta, baseavam-se no ciclo do mês lunar (de 28 dias), para se contar o tempo e observar o comportamento da natureza. Importante é lembrar, que este ciclo lunar, é o mesmo ritmo que rege todas as mulheres humanas (através da menstruação, o verdadeiro sangue sagrado de Ìyàmi) assim como as marés, o plantio, etc. Neste período de 28 dias, podemos encontrar dias "férteis, estéreis, duvidosos e neutros" para as ritualidades, principalmente se utilizarmos o sangue nos sacrifícios rituais, estes dias (que certamente se inspiram nos ciclos dos dias férteis da mulher) são classificados da seguinte forma nas fases lunares:

Primeira semana Yorùbá do ciclo lunar – mais indicada para rituais na árvore Arére.

1. Primeiro dia da lua nova: Má (estéril)
Ritual mais indicado: Ruína de teu inimigo.

2. Segundo dia da lua nova: Duvidosa
Ritual mais indicado: Reconciliação e eliminação de doenças.

3. Terceiro dia da lua nova: Neutra
Ritual mais indicado: Prosperidade (destruindo a miséria).

4. Quarto dia da lua nova: Neutra
Ritual mais indicado: Criar inimizade, realizar vinganças e enganos.

Segunda semana Yorùbá do ciclo lunar – mais indicada para rituais na árvore Ọbọ̀bọ̀.

1. Quinto dia da lua nova: Neutra
Ritual mais indicado: Conseguir favores de pessoas importantes.

2. Sexto dia da lua nova: Duvidosa
Ritual mais indicado: Amores, casamentos e uniões em geral.

3. Sétimo dia da lua nova: Fértil
Ritual mais indicado: Adquirir bens materiais.

4. Primeiro dia da lua crescente: Fértil
Ritual mais indicado: Vitória para aquele que iniciar a guerra.

Terceira semana Yorùbá do ciclo lunar – mais indicada para rituais na árvore Iwó.

1. Segundo dia da lua crescente: Má (estéril)
Ritual mais indicado: Doença mortal.

2. Terceiro dia da lua crescente: Má (estéril)
Ritual mais indicado: Riqueza e parto feliz.

3. Quarto dia da lua crescente: Neutro
Ritual mais indicado: Reverência e temor da morte.

4. Quinto dia da lua crescente: Fértil
Ritual mais indicado: Dispersão da admiração.

Quarta semana Yorùbá do ciclo lunar – mais indicada para rituais na árvore Ọ̀ṣè.

1. Sexto dia da lua crescente: Fértil
Ritual mais indicado: Paz e união conjugal.

2. Sétimo dia da lua crescente: Duvidosa
Ritual mais indicado: Causar separação e divórcio.

3. Primeiro dia da lua cheia: Má (estéril)
Ritual mais indicado: Aquisição de amigos.

4. Segundo dia da lua cheia: Neutra
Ritual mais indicado: Ganho em mercadorias.

Quinta semana Yorùbá do ciclo lunar – mais indicada para rituais na árvore Àsúrín.

5. Terceiro dia da lua cheia: Fértil
Ritual mais indicado: Causar ou facilitar Furto.

6. Quarto dia da lua cheia: Duvidosa
Ritual mais indicado: Doenças e morte.

7. Quinto dia da lua cheia: Má (estéril)
Ritual mais indicado: Restabelecimento de saúde.

8. Sexto dia da lua cheia: Má (estéril)
Ritual mais indicado: Conquistas amorosas, financeiras

Sexta semana Yorùbá do ciclo lunar – mais indicada para rituais na árvore Ìrôkó.

1. Sétimo dia da lua cheia: Neutra
Ritual mais indicado: Causar calamidade e aflição.

2. Primeiro dia da lua minguante: Fértil
Ritual mais indicado: Facilitar fugas.

3. Segundo dia da lua minguante: Duvidosa
Ritual mais indicado: Causar destruição e ruína violenta.

4. Terceiro dia da lua minguante: Neutra
Ritual mais indicado: Fecundidade completa (fertilizar mulheres e fornecer vigor aos homens).

Sétima semana Yorùbá do ciclo lunar – mais indicada para rituais na árvore Ìyá

5. Quarto dia da lua minguante: Neutra
Ritual mais indicado: Afluência e prosperidade.

6. Quinto dia da lua minguante: Neutra
Ritual mais indicado: realizar desejos e incutir dúvidas.

7. Sexto dia da lua minguante: Duvidosa
Ritual mais indicado: Causar dores e depois morte.

8. Sétimo dia da lua minguante: Má (estéril)
Ritual mais indicado: Morte rápida de teu inimigo.

Relacionada a magia dos elementos, as fases lunares possuem a seguinte estruturação:

Lua Nova: Influência predominante do elemento Água
Lua Crescente: Influência predominante do elemento Ar
Lua Cheia: Influência predominante do elemento Fogo
Lua Minguante: Influência predominante do elemento Terra.

Nos ciclos lunares, Ìyàmí Òsòròngá de manifesta de três formas diferentes:

Do dia 1 ao 9, temos a manifestação de Ìyàmí como Omobinrin (Menina).
Do dia 10 ao 19, temos a manifestação de Obìnrin Àgbà (Mulher adulta) que é a manifestação mais comentada nos textos tradicionais, através do nome Ìyá Àgbà (Mãe adulta).
Do dia 20 ao 28 Darúgbó (Anciã)

Para as mulheres que forem realizar seus rituais durante o período da menstruação, o que aumenta muito a força do ritual, é sempre mais aconselhável faze-los na fase de Agbà. A temida cólera de Ìyàmí nos textos tradicionais é na verdade a força instintiva da menstruação e da famosa T.P.M., pois afinal de contas, a magia de Ìyàmí é quase que toda baseada nos ciclos da mulher e da lua.

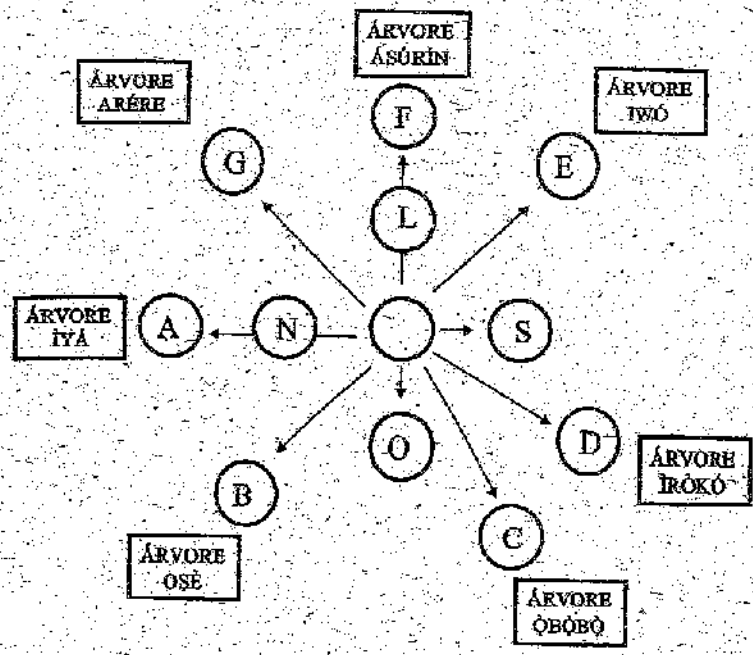
O melhor dia e sangue para uma mulher fazer qualquer tipo de ritual, é sempre baseado no terceiro dia da menstruação. Dependendo da fase lunar em que aconteça, é realmente um poder enorme a sua disposição. É o "seu dia de Àjé!".

Ilustrações

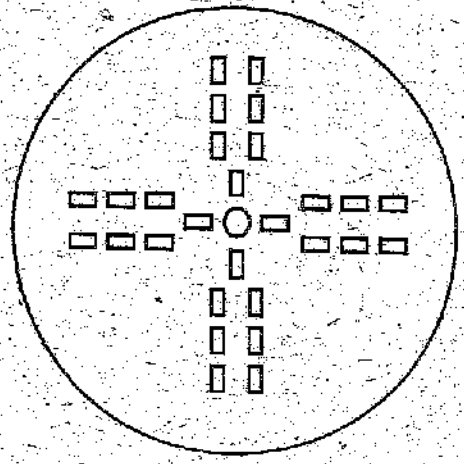
Ilustração 1: Posicionamento das pedras, árvores e monticulo central.

L: Pedra do Leste – Odù Èjìogbé Mérin
N: Pedra do Norte – Odù Òfún Mérin
O: Pedra do Oeste – Odù Òyèkú Mérin
S: Pedra do Sul – Odù Òsé Mérin
A: Pedra da árvore Ìyá – Odù Òsá Mérin
B: Pedra da árvore Osè – Odù Òbàrá Mérin
C: Pedra da árvore Òbòbò – Odù Ìrosún Mérin
D: Pedra da árvore Ìrókó – Odù Ògúndá Mérin
E: Pedra da árvore Iwó – Odù Òdí Mérin
F: Pedra da árvore Ásúrín – Odù Òtúrá Mérin
G: Pedra da árvore Arére – Odù Òwónrín Mérin

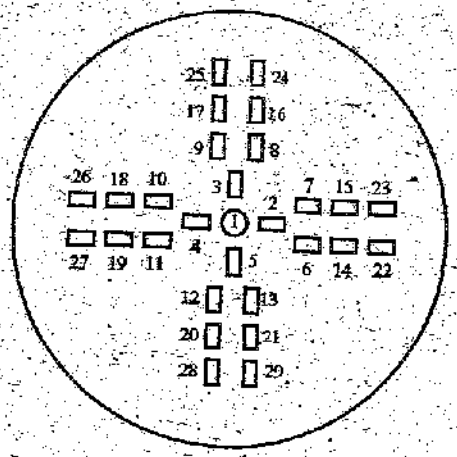
Os quadrados com os nomes das árvores, são os pontos de localização do plantio. Para o ato de plantar uma árvore dessa, é necessária oferecer várias oferendas a Terra (Ìyá Onilé) antes.



Como fazer as marcas dos odùs nas pedras.
No exemplo abaixo, vê-se por cima o odù Òbárá Mérin centralizado pelo símbolo de Iwó



Ordem de como se deve inscrever na pedra as marcas.
No exemplo abaixo, vê-se por cima o odù Obàrà Méjin centralizado pelo símbolo de Ìwà.



CAPÍTULO 23

Osó e a questão do Bruxo Na Magia de Ìyámi

"... Pesando e medindo atos e fatos da vida, e comparando alguns projetos com seus resultados, é fácil concluir que geralmente os desafinados somos nós, e não a vida ou os projetos ou seus resultados; apenas nós, os poucos que obstinadamente insistimos em pedir peras à macieira; os raros que teimosamente não renunciamos a procurar formigueiros no asfalto; os extravagantes que preferimos ser surdos num discurso e mudos num concerto, porque o que realmente procuramos são as pequenas perguntas que desafiam, e não as grandiloquentes respostas que satisfazem.

Somos o que convencionou-se definir como verdadeiras e abomináveis ovelhas negras, sem pôr nem tirar, e não temos problemas de confessar sem rubor que isso honra-nos muito, pois por temperamento preferimos cultivar idéias no jardim dos fundos da nossa existência, a ter que invejar as roseiras que nos olham desde o jardim do nosso vizinho; optamos sempre por plantar uma árvore na esquina da nossa própria verdade, antes que desmatar a estrada pela qual transita a verdade de nossos adversários; escolhemos sempre cuidar a grama que cresce entre as estrofes do nosso ideário ou nas entrelinhas dos nossos fracassos, a ter que aparà-la para satisfazer o gosto alheio; e principalmente, escolhemos lavar e passar as nossas velhas e surradas utopias - essas que jazem no fundo da gaveta das boas intenções - a ter que abaixar os braços e aceitar as ordens peremptórias e quase sempre sem sentido dessa déspota chamada Realidade; e sabe-se lá mais o quê, ou vai ver que sim sabe-se lá muito bem o quê, mas o que verdadeiramente importa é que tratemos todos de ser mais felizes do que merecemos e muito menos infelizes do que mereçamos, e nada mais.

"O que sim, é necessário desejar que o tempo nos ensine a sintonizar com maior precisão a frequência dos interesses do próximo, e quem sabe, como prêmio, esse mesmo tempo faça que o próximo fique um pouquinho mais tolerante toda vez que esbarrar numa idéia desagradável, num pensamento antagônico ou numa ideologia diferente, já que todos estamos à procura de pontes e não de precipícios; de temas que obriguem a pensar, e não de distrações que convidem a esquecer; de batalhas dialéticas que forjem nosso caráter, e não de simples vitórias que o deformem..."

- Bruno Kampel

"...Não fales muito
Não convertas ninguém, o Sucesso é sua prova
todo o resto é Ego..."

- Máxima entre os Bruxos.

A mulher e seu poder são sem sombra de dúvida um dos mitos mais profundos da história humana, força rodeada de mistérios e medos, em todas as culturas do planeta o poder da mulher sempre foi reverenciado ou temido. Vamos fazer uma pequena viagem por algumas culturas do planeta, para que depois venhamos a analisar especificamente o papel da mulher e os cultos derivados de seu poder nas culturas africanas. Talvez se pudéssemos ouvir a voz da fêmea universal, possivelmente escutaríamos algo próximo a isto:

"... - Quando os tempos começaram e os primeiros homens deram seus primeiros passos sobre as planícies intocadas da terra... eu estava lá, também. O tempo passou, e os homens foram embora para construir cidades. E eu, fui com eles. Eles me conheciam na Babilônia. No terceiro milênio antes de Cristo, eles me invocavam; e de tal maneira meu poder era apaziguado. Mas eu não podia ser detida, assim gerei muitos filhos mais de cem ao dia. No Egito sou amada e cultuada por cultos mortuários. Na Grécia, sou LAMIA, amada e alimentada por seus homens e filhos. Em Roma, sou apaziguada pelo terrível festival de Lemúria e suas cerimônias para os mortos que andam. O medo dos homens é imenso, assim eles acham que sou culpada de suas fraquezas. Eles desenvolvem muitas maneiras de me matar. Eles abençoam as espadas, com as quais matam uns aos outros, e as atravessam em minha garganta. Eles me submergem na água, me cremam e espalham minhas cinzas, extraem meu coração e cozinham em vinagre, eles o selam em minha sepultura quente com rosas, ferro ou arroz ... e eu sempre acabo voltando. Ao redor do mundo eu volto. Nas planícies inglesas, os primeiros anglo-saxões escrevem poesias sobre mim. Eles me amam do seu modo. E eu os amo do meu. Sou sempre amada e temida, Os japoneses me chamam HANNYA, e temem minha boca e meu andar. Seus homens macios e jovens se escondem e tremem ante minha presença, mas seu sangue pulsa quando tem uma visão de meus lábios. Entretanto os mexicanos me chamam de LA LORONA (A CHORONA). Eles compreendem. Sou a RAKSHASI na Índia, tão bela e terrível aqui como em qualquer lugar. Amada pelos homens e temida por eles, aqui como em qualquer lugar. Existo além das tribos, seu medo ao pronunciarem meu nome é passado como um grito herdade de pai para filho, século a século. Sempre aparente, tenho uma função para com eles, suas estranhas sociedades são constituídas e firmadas por uma ameaça cuidadosamente colocada além da luz de seus fogos.

E, enquanto seus fogos se tornam lampiões, e os lampiões em neóns, sua pequena casa de medos honrados permanece intacta. Eles me chamam de tantos nomes diferentes ANANANGEL, CIVATATEO, SWAWMX, TALAMAUR, UPYR, ÒSÒRÒNGÁ e centenas de outros... Mas todos significam quase a mesma coisa: A QUE BEBE. Os nomes não dizem nada do que penso ou do que sinto. Sou A QUE BEBE. Quase sempre uma coisa a ser caçada e morta. Coisa que vocês querem quando a mente humana requer algo negro para suas fantasias sexuais. Assim não me honram, fazem comigo, o que fazem com minhas filhas, me transformam em objeto... Objeto que vê o Homem e seus medos, pois aprendeu ao ser caçada, assassinada e manipulada, que a informação necessária para criar um macho está codificada em nosso DNA, mas são precisas todas as instituições de uma cultura para produzir um homem. O corpo masculino é um 'hardware' dado biologicamente, o mito da virilidade é o 'software' inserido pela sociedade através de uma série de ritos de passagem formais e informais". Segundo Sam Keen, desde a Revolução Industrial, o pai poderoso foi quase substituído pela mãe poderosa. O homem mais violento, obcecado pela pornografia ou pelo estupro, é compelido a degradar a mulher e a vingar-se dela a fim de negar-lhe o poder sobre ele.

O homem comum passa a vida inteira negando a MULHER, defendendo-se dela, tentando controlar-lhe o poder e reagindo contra ele. Ela é o centro em torno do qual sua vida gira. É o solo misterioso do seu ser que não se pode penetrar. É o público diante do qual se desenrolam os dramas da vida. É o juiz que declara os homens culpados ou inocentes. É Jardim do Éden do qual foram expulsos e o paraíso pelo qual anseia o corpo. É a deusa que pode assegurar-lhes a salvação e a mãe frígida que os renega. Tem um poder mítico sobre eles.

É, a um tempo, aterradora e fascinante. Não se refere aqui, às mulheres, criaturas reais de carne e osso, mas às MULHERES, figuras femininas imaginárias, maiores do que a própria vida, que habitam a imaginação dos homens, animam as suas emoções e, indiretamente, dão forma a um sem-número de suas ações. É preciso que o homem se liberte dessa MULHER que habita seu inconsciente, para que possa melhor conviver com a mulher real. Em toda parte, há uma obsessão social pela masculinidade. E a virilidade é considerada uma coisa incerta, um prêmio, um enigma difícil de resolver, uma prova por que é preciso passar, "o Grande Impossível". Credo quase universal que liga a virilidade às atividades socialmente necessárias de proteger, prover e procriar. Mas, entre os parênteses do nascimento e da morte, os ritos mais importantes são os celebrados quando os homens se separam do sexo oposto para aprender os mistérios do próprio gênero e quando regressam para unir-se em casamento e criar vida nova. Em tribos e nações antigas os ritos masculinos de passagem destinavam-se a permitir aos meninos escaparem do mundo da MULHER o tempo suficiente para descobrir a forma do mundo do homem. Se quiser compreender a psique masculina, decifrar a enigmática obsessão do macho pela violência, quebrar o jogo inconsciente sadomasoquista que reúne os homens e mulheres num combate erótico e acabar com o hábito de guerra, deve-se compreender o ferimento original, a cicatriz em torno da qual o caráter masculino tem sido tradicionalmente construído. Precisa-se olhar para a crueldade sistemática infligida aos homens e para o ferimento que se considera um preço necessário da virilidade. A criação de um corpo social requer o sacrifício dos desejos individuais. Conquista-se a virilidade pela disposição de sofrer a mutilação que é imposta pelos anciãos dirigentes. Sem o seu conhecimento ou consentimento consciente os homens são

todos modelados pelos mitos modernos da guerra, do trabalho e do sexo. "Como homem, mal notei que, com o passar dos anos, fui adotando aos poucos uma atitude combativa em relação aos demais – a mente e a postura do guerreiro. Eu era muito melhor lutando do que refletindo ou amando". A psique masculina, antes de qualquer coisa, é a psique do guerreiro. Nada plasma, molda e modela tanto quanto a exigência da sociedade de que nos tornemos especialistas no uso do poder e da violência. Historicamente, a principal diferença entre homens e mulheres é que sempre se esperou que os homens fossem capazes de recorrer à violência quando necessário. A psique masculina não foi construída sobre o racional "Penso, logo existo", mas sobre o irracional "Conquisto, logo existo". Como os ritos de todas as sociedades guerreiras, isso ensina aos homens a dar valor ao que é rijo e a desprezar o que é "feminino" e terno. Ultimamente tem-se alimentado uma nova e falsa esperança de que as mulheres podem obter poder bastante para resolver os problemas criados pelos homens. A psicologia moderna deu-nos dois grandes instrumentos intelectuais que podem ajudar-nos a compreender a psique do guerreiro: a idéia dos "mecanismos de defesa" de Freud e a noção da "armadura do caráter" de Wilhelm Reich. Estatisticamente, nos tempos modernos, a atitude feminina tradicional de submissão revelou-se de maior valor de sobrevivência do que a tradicional atitude masculina de agressão. À medida que as mulheres entram nas arenas em que a competição e a conquista são honradas acima de todas as outras virtudes, tanto a sua armadura de caráter como os seus perfis de enfermidade começarão, provavelmente, a parecer-se com os dos homens. Na última geração, o movimento das mulheres revelou os modos como a violência masculina as tem vitimado. Enquanto as mulheres não estiverem dispostas a lamentar e aceitar uma responsabilidade

igual pela violência feita ao corpo e ao espírito masculino pelo sistema da guerra, não é provável que os homens percam o suficiente da sua culpa e readquiram o suficiente da sua sensibilidade para lamentar e aceitar a responsabilidade pelas mulheres que são violentadas e sofrem a indignidade da desigualdade econômica. A verdade é que o homem, durante quase toda a história, usou o poderio da força para delimitar seu espaço, chegando até o limite da guerra e do extermínio em massa. O embate corpo a corpo e a imposição de força é algo muito próximo do que ocorre ainda hoje com os animais. Com o incremento da tecnologia e a adoção de novas regras sociais, os espaços deixaram de ser delimitados e garantidos por esse parâmetro. Hoje, o homem aposta mais na sua esperteza, sensibilidade, paciência e conhecimento para atingir seus objetivos. A arma da força ainda existe e é exercida de diferentes formas – inclusive, ainda, para tentar oprimir a vontade feminina, mas vem perdendo terreno, no estado de direitos, para a eficiência do argumento, do convencimento e da divisão clara de responsabilidades. Foi a necessidade histórica, e não a dureza inata de coração ou gosto da crueldade, que levou a masculinidade a transformar-se numa casca de músculos e de vontade em torno de um vazio. Ao longo da história foram as mulheres que criaram filhos machistas. Os meninos eram criados diferentemente das meninas. Com isso, ficam, emocionalmente castrados e menos preparados para sentir empatia a absorver ensinamentos morais. "Os meninos foram tradicionalmente criados para serem 'soldados', e seus brinquedos e revistas em quadrinhos ensinavam a não ter sentimentos". Agora que os homens passaram a dividir a tarefa de educar, começam a entender que seus filhos não precisam mais ser educados para serem lutadores, teimosos e "garanhões", mas sim conciliadores, perseverantes e gentis.

A mensagem implícita é que a virilidade pode ser comprada. E a compra dos itens de luxo que se possui, marca o nosso progresso ao longo do caminho da boa vida tal como é definida por uma sociedade de consumo. A revolução feminista tornou consciente o modo como a ordem econômica discrimina as mulheres, mas não do modo como ela abala a psique masculina. Muitas características da personalidade tradicionalmente consideradas "masculinas" – agressão, racionalidade – não são inatas nem componentes biológicos da virilidade, mas produtos de uma era histórica em que aos homens foram socialmente conferidos os papéis principais da guerra e da ordem econômica. À proporção que as mulheres ingressam cada vez mais no mundo militar do sistema econômico, o provável é que sejam governadas pela lógica do sistema. As mulheres hoje executivas revelam-se iguais aos homens em tudo – até na insensibilidade. A diferença entre os sexos está sendo erodida na medida em que ambos os sexos são definidos pelo trabalho. Diz-se com freqüência que o mundo público do trabalho é lugar de homem e que, à medida que entrarem nele, as mulheres se tornarão cada vez mais "masculinas" e perderão a "feminilidade". O perigo da economia não é o de transformar mulheres em homens, mas o de destruir a plenitude tanto da masculinidade como da feminilidade. Não há mais área de atuação profissional em que a mulher não atue. Ela já foi ao espaço, emprega seu talento no vasto campo do trabalho científico, dirige táxis e caminhões, e não foge do trabalho pesado em grandes metalúrgicas ou no campo. As mulheres também vestem fardas de instituições tradicionalmente conservadoras, como o exército, e exibem habilidade e competência nos campos de futebol, antigo reduto exclusivo masculino. Para lidar cada vez mais com esta mulher multifacetada, surge a necessidade de o homem também mudar, no mínimo para se harmonizar

com ela. "Mas a gente nunca sabe mesmo o que é que quer uma mulher". A frase reflete muita bem a sinuca de bico do homem quando este se relaciona com sua cara metade. O problema ganha dimensão inimaginável quando este mesmo homem olha-se no espelho e faz a mesma pergunta para si, buscando saber qual papel assume hoje, qual seu destino. Se já era difícil alguém saber uma reposta no longo período de supremacia masculina, armou-se uma enrascada nos tempos atuais, de reflexos das muitas emancipações femininas, conseqüências das revoluções das últimas quatro décadas. A mulher vestiu minissaia, tomou pílulas, fez passeata, brigou por direitos humanos, tornou-se empresária, virou concorrente à altura dos homens, enfim, foi à luta. E o homem, como se assistisse a tudo sem apostar nas consequências (coisas de seu espírito atávico, nômade e aventureiro), ficou para trás.

Por que a ênfase no tamanho? Por que essa contínua exageração? Por que a concentração na ereção? Por razões que estão longe de ser manifestas, os egos dos homens são quase inseparáveis dos seus pênis. A identidade masculina gira em torno do pênis de um modo que a identidade feminina não o faz em torno da vagina. Ninguém sabe quando o pênis de um rapaz se torna o pólo em torno do qual gira sua consciência. Mas se sabe que a prática da virilidade foi uma longa dança ao redor de um mastro enfeitado. A experiência sexual particular dos homens é vastamente diferente dos estereótipos usuais, é tão complexa quanto a das mulheres é igualmente cheia de anseios de intimidade e sentido espiritual. De um modo geral, a sexualidade dos homens foi tão formada pelos papéis de guerreiros e trabalhadores que ainda não se sabe separar a sexualidade do ímpeto do desempenho e da conquista. Antes de cair nas formas tristemente deformadas de sexualidade que são vedadas pela cultura, lhes são às vezes

apresentados à possibilidade da sexualidade estática. Sua imaginação criativa faz causa comum com hormônios para apresentar-lhes uma visão do sexo nas melhores condições antes de lhes ensinar a proceder como "homens de verdade". Quase todos esquecem essas visões e possibilidades e se ajustam a formas muito mais comprometidas de sexualidade. Mas elas, pelo menos, estão encerradas nas profundezas da psique e podem ser lembradas quando se fazem necessárias mais tarde na jornada para a plena virilidade. Muitos homens, em seus anos cronologicamente maduros, ainda estão presos à filosofia adolescente que reduz as mulheres a objetos com partes desejáveis de que os homens usam e abusam. Felizmente, no curso habitual a experimentação adolescente amadurece numa relação que envolve o compromisso sexual, a responsabilidade de um relacionamento. Nossa cultura imprime seus mitos nas profundezas do nosso ser sexual. Um quarto de século depois da revolução sexual e da liberação feminina, a vasta maioria dos homens ainda acha que tem a responsabilidade de satisfazer sexualmente a mulher. Sua cabeça pode estar liberada, mas suas entranhas são profundamente conservadoras. Existe outra fase da iniciação sexual masculina em que a sexualidade se divorcia da conquista e do desempenho. Alguns homens vão além da norma, deixam para trás o desempenho como critério da sexualidade, e integram sua paixão e sua ternura. Mas isso acontece habitualmente na segunda metade da jornada do homem, depois que ele se desiludiu com os requisitos e os sofrimentos envolvidos na obtenção da masculinidade comum. Quando alcançam a maturidade. Não cremos, porém, que a falta de sensibilidade masculina se limite aos jovens. Estamos tão viciados em provar nossa potência que não temos tempo para apreciar as flores. Fontes autorizadas permitem afiançar que, quando se reúnem e se referem aos seus amantes,

as mulheres não falam muito em dureza, velocidade ou número de orgasmos. Em vez disso, elogiam os homens que as tocam suavemente, que recebem o prazer com a mesma facilidade com que o proporcionam, que estão tão à vontade no fundir-se na suavidade da comunhão quanto no arremeter vigorosamente no frenesi do clímax. Todas concordam que gostariam de que os homens diminuíssem o ritmo, não se apressassem, apreciassem a viagem e não se preocupassem em demasia com o resultado. As mulheres continuam tentando desgenitalizar a atenção dos homens e ensinar-lhes que só existem duas zonas erógenas – o coração e a pele. Por haverem aprendido a medir sua virilidade por coisas que podem ser quantitativas, os homens tornam-se pobres no experimentar a riqueza dos pequenos prazeres diários que precisam ser saboreados momento a momento. O pênis é o caminho reto e estreito para o paraíso. Eis por que o sexo é tão importante para eles. Para a maioria dos homens, o pênis é a única parte 'feminina'. Só quando estão fazendo coisas com ele é que se permitem sentir. O chavão de que os homens não se interessam por relacionamentos não é verdadeiro. São tão incuravelmente românticos quanto às mulheres. O que é mais difícil confessar é a sua dependência das mulheres ou suas profundas decepções nos relacionamentos. O silêncio é viril, e foram treinados para conservar os sentimentos dentro deles. Há uma diferença fundamental. Imaginam o sexo diretamente e a intimidade indiretamente, ao passo que as mulheres imaginam a intimidade diretamente e o sexo indiretamente. Têm sido tão condicionados a restringir suas necessidades naturais de intimidade que somente no sexo têm permissão cultural para sentir-se próximos de outro ser humano. Emocionalmente falando, os homens usam a linguagem sexual para expressar desejos proibidos de comunhão. Condicionados a não sentir nem expressar, mas aguentar e conquistar. Por mais que se

tente descobrir o segredo da masculinidade no sexo a falha é inevitável. É claro que existe uma parte do mistério da virilidade que só pode ser conhecida através de um encontro sexual com a mulher. O sexo pode trazer prazer ou alegria, mas não traz identidade. Ser um homem contemporâneo é ter uma fratura correndo no centro do seu ser, e ser menos que metade de uma pessoa. Necessita-se urgentemente de novas visões da masculinidade.

Flávio Gikovate, durante pesquisa clínica, divide os homens entre "agressivos" e "generosos". Os agressivos são narcisistas. Durante seu processo evolutivo não foram capazes (ou até mesmo exigidos) de se colocarem no lugar do outro, por isso são pessoas que dificilmente sofrem pelo outro. Para eles, as mulheres são seres inferiores, as quais, porém tornam-se superiores quando se encontram no lugar de objeto de seu desejo. Na verdade, não respeitam as mulheres e mantém com elas uma relação de amor e raiva. Os generosos, por sua vez, são aqueles que desenvolveram a capacidade de se colocar no lugar do outro e, consequentemente, sofrem muito. São pessoas que respeitam o sexo oposto. Quando crianças eram consideradas pelos agressivos como fracos. Ainda segundo Gikovate, a mudança nos papéis sexuais se instalou muito mais no que se refere ao discurso masculino do que propriamente no seu comportamento. Eliseo Verón afirma que o discurso refere-se, de forma fragmentada, à rede interdiscursiva da produção social do sentido. A contradição entre o pensamento e a fala do homem explica-se, nas idéias de Marilena Chauí, através do fenômeno de sobreposição de posições conflitantes, as quais são, ao mesmo tempo, afirmadas e negadas, legitimando-se posições conservadoras sob a aparência de livre escolha. Arrisca-se a afirmar que a maioria dos homens que se manifestam liberais professa idéias

progressistas apenas para as amigas e colegas de trabalho, negando-as paras a mulher e as filhas. É claro que não se nega a existência do novo homem, pós-feminismo, que divide as tarefas domésticas e questiona a dupla moral, contudo observa-se que este tipo de homem ainda é a minoria. Há também o tipo de homem que, da forma mais convincente e hábil, disfarça seu machismo para conseguir conquistar as mulheres liberadas. Para eles, as mulheres estão se mostrando esfomeadas que os intimidam e atacam. Um depoimento que caracteriza bem este tipo é tirado de uma revista dedicada ao público masculino Ele/Ela. "amar uma mulher inteligente é um prazer pederasta." Esse machão, caso se apaixone por uma mulher liberada, sentir-se-á abalado em seus conceitos. Na verdade, para não correr este risco, as relações com essas mulheres são transformadas em 'programas', curtindo as garotas que facilitam sua vida, dispensando o trabalho deles de convidá-las para sair. É verdade que a aparência, tornando-se unissex no vestuário, e as estatísticas trabalhistas, demonstrando uma possível igualdade entre os sexos. Esses dados parecem depor a favor da ascensão feminina e do ajustamento masculino à essa ascensão. Mas que não se confundam realidade e simulação. Segundo Marcuse, o processo de liberação da sexualidade de alguns freios permanece controlada através de modalidades mais sutis de repressão. Winckler afirma que a presença crescente da mulher no mercado de trabalho e na universidade é uma forma de luta para o desmoronamento da moral repressiva burguesa, relativando-se conceitos antigos de virgindade, escolha de parceiros, indissolubilidade de casamento e etc. Porém esses padrões de relacionamento modificam-se sem atingir pontos de ruptura em relação à ordem já instalada. Este último autor ainda defende que as modificações no modo de se relacionar entre os sexos concentram-se na classe média, onde, para ele,

as modalidades de inserção do homem e da mulher no sistema produtivo abrem possibilidades de mudanças, mas não chegam a permitir relações simétricas. Outro autor que fez estudos a esse respeito é Saffioti. Ele diz que as atribuições de funções à mulher na sociedade não se dão de maneira clara e coerente. Se ele estiver certo, e é o que pensa os autores deste trabalho, também a reação do homem diante desta situação será difusa e incoerente.

Claro está que os ritos seculares da virilidade, que tem-se praticado desde a Revolução Industrial, estão se tornando rapidamente obsoletos, se não insuportáveis. Nossa tarefa consiste em criar uma visão nova da masculinidade numa cultura que já não acredita em santos, em ideais divinamente revelados nem em valores absolutos. Seja ou não a medida de todas as coisas, como queriam os filósofos gregos, o homem é decerto o medidor de todas as coisas, principalmente de si próprio. São animais conscientes de si mesmos, e sua estatura como homens, sua grandeza ou sua mesquinhez, são determinadas pelos horizontes do seu universo moral, pela escolha que se faz de heróis e autoridades. Onde, além dos seus contemporâneos e do panteão de heróis populares, poderiam buscar modelos de masculinidade? Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que é costumeiro fazer julgamentos morais a respeito dos homens e da natureza da virilidade que vão muito além dos fatos biológicos do gênero ou da opinião pública dos ídolos do momento. Nem a masculinidade nem a feminilidade são experimentadas num vácuo social. A masculinidade não é uma essência eterna que os homens adquirem pelo que fazem, mas uma construção cultural que se modifica. As definições e a certeza de ser homens é tirada de uma comunidade, do público diante do qual é representado o drama de uma vida. "Vemo-nos como os outros nos vêem".

O fato de se tornar bonecos ou homens depende, em grande parte, de quão pequena ou grande, quão trivial ou profunda, quão local ou universal, quão mesquinha ou generosa, quão preconceituosa ou compassiva é a comunidade na qual se vive e se busca a definição da virilidade. Os homens que tiram o seu modelo de aprovação do Corpo de Fuzileiros Navais serão confirmados numa noção de masculinidade muito diferente da dos que procuram a identidade partilhada numa Força de Paz. Mulheres extraordinárias deram origem ao movimento feminista, acrescentaram, para sempre, as palavras "livre", "igual" e "poderosa" à definição de "mulher". São as profetisas de uma nova era que está sendo formada. Desde os tempos romanos, os predicados "livres", "iguais" e "poderoso" têm sido incluídos na definição da masculinidade. Mas, por mais que as mulheres lutassem isoladamente para conseguir a liberdade pessoal, por mais poderosas que se tornassem algumas mulheres excepcionais, "liberdade, igualdade e poder" não faziam parte do modo como se definia a feminilidade ideal. A mulher era definida de tal maneira pelo homem que ainda se tem poucos recursos de linguagem para falar da qualidade ímpar da excelência e da grandeza da mulher. Não há, por exemplo, nenhum equivalente feminino de "virtude" (a qualidade moral que define um homem) que não se refira essencialmente ao aspecto sexual de um ser feminino. As mulheres podem ainda levar uma geração para explorar o sentido de "liberdade, igualdade e poder", e mais tempo ainda para pô-lo em prática, mas, pelo menos, essas palavras nunca mais estarão ausentes da definição de "mulher". O drama da virilidade é uma peça moral que nunca será completa sem um rol pleno de ações antagônicas. O submundo da masculinidade inclui todos os tipos, desde os patifes encantadores e os demônios envolventes até os diabos realmente detestáveis. Os piores vilões do drama servem para

traçar a linha abaixo da qual entende-se estar tratando de "monstros", e não de homens. Se quiserem descobrir quem são e o que querem vir a ser, precisarão perguntar: Quem são os homens que estão agora mudando nossas definições do que significa ser um homem?

Se os ideais mutáveis da humanidade sempre foram moldados por desafios históricos, tem-se de pressupor que a masculinidade moderna também será definida pelos problemas e oportunidades que emergem nos dias de hoje. A virilidade sempre foi medida pela disposição do homem de ouvir o chamado do seu tempo e responder a ele. A tragédia dos velhos ritos da masculinidade foi terem eles feito tantos homens moralmente desafinados. Tornaram-se tão duros de mente e coração, tão peritos em controle e comando, que mal podem ouvir as necessidades gritantes do nosso tempo ou os primeiros acordes da melodia que o futuro está tocando. Os homens do nosso tempo são chamados a lidar com a escuridão ao meio-dia, com o fracasso do sucesso, com a impotência do poder, com o refugo da criatividade. O hábito de organizar a sociedade em torno do sistema da guerra e a psique dos homens em torno da necessidade de se tornarem guerreiros está se transformando celeremente num anacronismo histórico, num enigma que terá de ser resolvido no futuro próximo. É evidente que, no futuro, homens e mulheres poderão continuar guerreiros, no sentido de que ainda precisarão se haver com o poder. Mas enfrenta-se o dilema segundo o qual, pela primeira vez na história humana, precisa-se aprender a administrar o poder sem recorrer à violência. É preciso visualizar a paz, pensando em homens, mulheres e nações pugnazes que lutam juntos para definir suas divisas e realçar o respeito próprio com amor, e ver a política como um campo de jogo, com rivais que se enfrentam não como encarnações do mal, mas

como dignos adversários. Para solucionar o enigma da guerra, é fundamental alterar as definições de gênero sexual, os sentimentos íntimos profundos sobre o que significa ser másculo e ser feminil. A guerra é tecida das sombras de homens e mulheres, poder subtraído e amor reprimido. Precisa-se de uma nova política, onde é necessária, a libertação do homem e a libertação da mulher, uma nova compreensão da teia dos gêneros que nos prende a um sistema hostil de violência cega. A grande guerra paradigmática que está tomando forma envolve duas visões do futuro radicalmente distintas, duas concepções do lugar da humanidade no mundo que nos cerca e, consequentemente, dois ideais divergentes de masculinidade e feminilidade. Na década de 1990, e depois disso, essas visões adversárias de um mundo serão campo de batalha e o contexto no qual cada um terá de decidir, mais uma vez, em que consiste ser um homem honrado. No momento, este é o melhor e o pior dos tempos. Nunca tantos tiveram tanto, nunca tantos tiveram tão pouco. O futuro que acena exigirá uma reorientação total, uma mudança de paradigma, um novo sentido do que somos, uma identidade pós-industrial, pós-econômica. O fato de ser alegres ou sérios, duros ou brandos, impetuosos ou vulneráveis, emotivos ou reflexivos, é de importância secundária. Quando os homens centralizam suas preocupações referentes à masculinidade nos órgãos genitais, em ganhar dinheiro, em acumular poder ou até em explorar o seu lado "feminino", estão trivializando a masculinidade. O homem frio, controlado, pós-moderno é a antítese do macho fálico – nenhuma paixão, nenhum atrevimento, nenhum risco, nenhum eros, nenhum impulso para sobreviver e enriquecer a História. Tampouco o homem da "nova era", absorto em si mesmo, nos próprios sentimentos, e empenhado no "crescimento pessoal", é candidato ao heroísmo. Ilude-se quem acredita que a virilidade perdida pelos

homens possa ser recuperada por alguma coisa que não seja uma nova paixão vocacional. A maioria dos homens de qualquer sociedade é submetida aos ritos comuns de passagem, ganha as insígnias da masculinidade e fica relativamente satisfeita. Eles foram moldados, doutrinados e governados por estereótipos, por modelos de personagens, por imagens heróicas e pela ideologia comumente aceita. Os velhos modelos de masculinidade, tal como os modelos newtonianos do universo, já não se ajustam ao conhecimento em expansão de como são as coisas. Mas nossa situação tem paralelos com tempos passados, e isso proporciona alguma ajuda. Um retrato do homem de agora e do futuro em suas melhores condições é que os bons não são produtos de um instante. Não existe uma identidade do tipo "agite e use", não existe uma masculinidade de microondas, não existe uma fórmula de virilidade autêntica. Não podemos criar um homem da noite para o dia pela força de vontade, pela energia e pelo trabalho duro. Reinhold Neiburhr disse uma vez: "Nada que valha a pena ser feito pode realizar-se no espaço de uma vida." No centro da visão da masculinidade não há nenhum homem solitário diante do pôr-do-sol, mas uma figura mista composta de avô, pai e filho. Os limites entre eles são porosos, e vigorosos impulsos de solicitude, sabedoria e prazer cruzam as sinapses das gerações. Os homens bons e heróicos são gerações em evolução – embalados no coração e iniciados nos braços de pais que foram embalados no coração e iniciados nos braços de seus pais.

Não existe um manual que guie o processo de tornar-se um homem inteiro e cheio de coragem. Dizer que há técnicas para conseguir a masculinidade autêntica seria depreciar a dignidade que só se pode alcançar lutando para se tornar conscientes e compassivos. Como a divisão artificial dos sexos levada a efeito pela nossa cultura atribuiu a razão aos homens

e a emoção às mulheres, os homens tendem a ser noviços no distinguir o repertório das próprias emoções. Toda emoção tem não somente a sua manifestação psicológica como também a sua manifestação física. Depois de muito tempo, o homem ideal escapou da extroversão compulsiva que tem moldado a mente dos homens desde que alguém inventou os relógios e cronômetros. O homem ideal não é duro e inflexível como uma peça de granito, mas é fluido como água, capaz de mudar de forma, congelar-se ou ferver, sem perder a essência aquosa. Ele pode tornar-se o que a situação exige. Se houver necessidade de um chefe autoritário, ele desempenha esse papel. Se houver necessidade de um pacificador diplomático, ele poderá sê-lo também. Inerente aqui é a capacidade de discernir a necessidade do momento. O novo homem é mais andrógeno do que autônomo. Deseja-se que a conexão obsoleta, mas habitual, entre a masculinidade e a violência seja cortada. Mas ainda não foi encontrado um modo de ligar as virtudes mais amenas e delicadas que se admira a essa qualidade indomada – arrebatamento e paixão – que parece necessária à virilidade. Nestes dias de rápida mudança de papéis de gênero, tanto os homens como as mulheres se vêem diante de expectativas impossíveis de alcançar. Se se espera que a nova supermulher combine toda agressividade, dedicação e inflexibilidade necessárias ao sucesso nos negócios com a capacidade de nutrir e criar o lar, espera-se que o super-homem seja extremamente sensível e auto-realizador, não se preocupe demais com o dinheiro ou a carreira, mas ainda se disponha a lutar para proteger o lar e o país, e seja competitivo o bastante para proporcionar um bom nível de vida à família. Ninguém diz como essas qualidades contraditórias se ajustam dentro da mesma psique. O retrato do homem ideal que emergiu durante anos deveria levar-nos a fazer uma pausa para considerar e criticar os ideais

promovidos e celebrados dentro da comunidade psicológica. No século XVIII, o ideal americano era um homem que arriscava a vida por princípios e ideais políticos, um homem "que se dedicava ao bem da comunidade", ao mesmo tempo que "levava uma vida de piedade" e de "religião moderada". Por volta do século XIX, isso se havia modificado, e o homem ideal tornou-se decidido a aprimorar-se, a trabalhar duro, a viver de acordo com uma elevada consciência moral, a conservar uma saúde robusta e a desenvolver a coragem física. Uma geração atrás, surgiu a tirania sutil criada pela nova religião da psicologia, em que nos voltamos excessivamente para dentro. Existe o perigo de que a dedicação ao estudo de si mesmo e ao crescimento pessoal venha a substituir uma visão mais ampla de uma comunidade justa que inclua seres humanos, ricos e pobres, e outras espécies com penas, barbatanas e pêlos. A nossa era grita por homens cheios de raiva profética, ousados e políticos o bastante para cultivar a terra frágil e suculenta e proteger os fracos e destruídos. Na mitologia do Budismo, o homem ideal, jura salvar ou curar todos os seres sensíveis. O aspirar a essa meta requer uma boa dose de loucura e muita compaixão. Mas, já que estamos falando em ideais, o que buscamos obter não deve estar fora do nosso alcance?

A crise da meia idade do homem ou, "A Idade do Lobo", é um período de transição da vida adulta, pela qual passa a maioria dos homens, cuja característica principal é o processo de revisão que o indivíduo faz de sua vida. Uma fase de diversos questionamentos pessoais, detonada por uma série de fatores que, em geral, atinge o homem, hoje em dia, cada vez mais cedo. Muitos autores, no entanto, relacionam este momento à idade cronológica dos 40 anos, mas devido a diversos fatores, este processo pode ter seu início em qualquer momento entre os 35 e os 50 anos de idade. A característica

mais marcante desta fase é justamente sua imprevisibilidade, ou seja, o fato de que ela pode ocorrer a qualquer momento. A Hora do Lobo é muito mais um acontecimento psicológico que cronológico. Tudo que se criou ao redor dos 40 anos não passa de mito. Portanto, o tal "Lobo", por si só, não significa nada. Ele, na verdade, é um ser humano em crise, atravessando um período difícil e doloroso de transição na sua vida, que se convencionou socialmente chamar de A Idade do Lobo. A associação feita com o lobo se deve ao fato de que este é um animal vigoroso, veloz e resistente, quando jovem. Anda e caça em conjunto sempre durante a noite, mas ao envelhecer, abandona a alcatéia e torna-se solitário. A esta altura, quando o lobo solitário sai à caça, costuma soltar um uivo peculiar, meio lamento, meio ladrido, que produz calafrios em quem ouve. A comparação, portanto, se resume apenas no fato de que ambos mudam seu comportamento a partir de certa idade, momento este totalmente imprevisível. Para identificar um homem que esteja passando pela Idade do Lobo, é preciso que se faça uma diferenciação entre sintomas ou formas de se descobrir um Lobo e as causas, ou os reais motivos que ocasionaram a crise. Os sintomas são as atitudes ou o comportamento de um indivíduo, que podem (ou não) levar à identificação de alguém que esteja passando pela difícil Idade do Lobo. As causas são circunstâncias ou situações, que verdadeiramente detonaram a crise da meia-idade e, através das quais, poderíamos tentar entender os motivos que levaram o homem a passar por este momento. O que normalmente acontece é que as pessoas procuram sempre identificar o indivíduo na Idade do Lobo através dos sintomas (já que são facilmente perceptíveis) e não dos fatos geradores daquele momento. A confirmação de alguns sintomas mais comumente observados nos homens que passam pela Idade do Lobo, por si só, não garante que ele esteja passando por uma crise de

identidade. Os sintomas, entretanto, são ótimos indicadores de que alguma coisa não anda bem, antes que algo mais grave possa acontecer. Contudo, é muito difícil identificar as reais causas que levaram a explosão de dúvidas e perguntas, muitas sem resposta. Isto se deve ao fato de que para cada indivíduo isto é vivenciado de maneira absolutamente individual. Esta é a segunda mais marcante característica da crise da transição do homem da meia-idade, ou seja, o fato de ela se apresentar e se processar de uma maneira peculiar em cada homem. Assim sendo, a Idade do Lobo pode ser despertada por qualquer fator, ou por um conjunto de fatores.

Normalmente o que se acontece é que as causa acabam sendo abafadas, escondidas, dribladas e o que se vem à tona são os sintomas. Por não encontrar respostas para suas indagações mais primárias, o homem vai à procura de fatos novos que o levem a parar de pensar nestas questões, ou que tragam as respostas. Entra então, num processo de alienação, porque quer encontrar novos caminhos que o dirijam à solução de algumas dúvidas incômodas de sua rotina. Este processo para a maioria dos homens chega sem avisar e de uma maneira muito sutil. Não há como identificar o que leva o homem da meia-idade a se defrontar com certas questões que até então não afligiam sua vida, e que de um momento para o outro se tornam o estopim de sua crise. O Lobo começa um processo de revisão de sua vida, pelos mais variados fatos. Diante de tais fatos e pressionado por várias dúvidas para as quais não encontra respostas ou cujas respostas não o satisfaz, o homem se assusta, podendo ter as reações mais inesperadas.

Seria mais conveniente chamar a crise da meia-idade de "síndrome da meia-idade", uma vez que este período é caracterizado por um conjunto de sinais e sintomas, que são facilmente perceptíveis, mas cujas causas são difíceis de serem determinadas ou identificadas. Os homens passam a buscar

algo mais na vida e isso chama a atenção de todos. Começa então a tomar certas atitudes que até o momento não era comum à eles. Mas por detrás de tais atitudes podem estar escondidos sentimentos de frustração. Algo passa a incomodar este homem, mas ele não sabe identificar o que é. Como consequência, surgem os sintomas da Idade do Lobo e eles, identificados como indivíduos em crise, ficam totalmente vulneráveis aos comentários maldosos dos amigos e dos familiares, que não conseguem compreender o que está acontecendo. O Lobo ignora as consequências de todos os seus atos, porque neste momento de sua vida, só consegue pensar em si mesmo. Sua maior preocupação é em recuperar o seu tempo perdido. Sendo assim, torna-se extremamente egoísta. Se este indivíduo achar que não realizou alguns de seus sonhos, neste momento, ele fará de tudo para realizá-los, revoltando-se muitas vezes contra certas normas que sempre seguiu. Basicamente estes homens mudam tanto, para não ter que enfrentar suas perguntas que não têm respostas, a depressão, o vazio e o medo que chegam com a meia-idade. No entanto, como já foi dito, cada caso é um caso e as causas ficam sempre nebulosas porque o sujeito não consegue nem verbalizá-las. Encontram-se totalmente enraizadas no seu inconsciente. O lobo fará de tudo para não ter que encarar suas emoções, porque lhe foi ensinado que homem não deve sentir. O homem, por vários motivos, seja por dedicação à família ou ao trabalho, acaba se afastando dele mesmo. O fato de ter que encarar este "eu perdido" é o que mais amedronta este homem. Como conseqüência, ele cria um certo pavor da solidão, porque se acontecer isto, recomeça o processo de questionamento, aliado a um sentimento de inutilidade e conturbação. Este indivíduo de meia-idade, ao perceber que está entrando na Idade do Lobo, toma como primeira atitude a negação, que inconscientemente se traduz

pela negação da busca incessante em satisfazer seus sonhos ainda não realizados. A segunda seria a revolta, que é aquela fase que o sujeito se entrega à fuga e as mais diversas experiências, realizando todos os sonhos ainda não vividos. E a terceira, é a aceitação, onde este homem adapta-se à nova realidade e vai buscar novos objetivos para a vida, agora mais coerente com seus valores e sintonizados comas suas reais necessidades. Assim sendo, a Idade do Lobo, é um momento não só muito especial como também desejável e bem-vindo na vida do homem, pois é nesta fase que ele toma real consciência da vida. Neste processo percebe que muitas das suas expectativas e sonhos não se concretizaram. Em geral, só percebe ou considera que existe um abismo enorme entre o que projetou para a sua vida e o que conseguiu realizar, tornando então, a crise mais dolorosa e cruel. A Idade do Lobo é o momento de compreender as etápas da vida e, em partícular, essa fase de transição. Felizmente a vida é composta por diversas fases, umas mais calmas e serenas e outras mais turbulentas e difíceis, que devem ser compreendidas e sabiamente interpretadas pelo indivíduo. A cada fase ele enfrentará determinadas solicitações, obstáculos e recompensas. Se souber encará-las e realizá-las plenamente, estará evolvindo como ser humano! Enfim, deve estar preparado para adaptar-se e tirar o máximo que a vida lhe está oferecendo a cada etapa.

Somos mais profundamente unidos pela nossa humanidade comum do que separados pelo gênero. O mais auspicioso que podemos fazer para acabar com a guerra dos sexos é dar testemunho uns aos outros, contar nossas histórias e ouvir em silêncio. Não é mais preciso ser tão previsível quanto se foi no passado. E como o homem partiu de um papel tão exclusivo no passado, ele pode agora se dar ao luxo de experimentar

outras posturas até encontrar o melhor resultado. Buscar assertividade implica colocar-se de uma forma clara, objetiva, sem ferir o outro, sem provocar uma situação desagradável. É viver a partir do que a sua sensibilidade dita, cuidando-se para não se expor demais e sem ser obrigado a levar ao pé da letra tudo que se dita por aí em manuais. Não podemos esquecer que a necessidade de se tornar uma nova pessoa, de se expressar como um ser masculino com características diferentes e o choque com os princípios ancestralmente difundidos também funcionam como fator desencadeante de alterações psíquicas nas várias fases da vida. Hoje em dia, a crise financeira, o momento histórico, o desemprego, a perda de atividades em virtude da aposentadoria e muitos outros fatores contribuem para isso. Não há dúvida de que os homens estão mudando. Por enquanto, eles ainda são poucos. Assim como ainda não existe a "nova mulher" como padrão, o novo homem ainda vai demorar a ser uma maioria visível, nas ruas, nos cinemas, shoppings e choperias. Mesmo porque nossa sociedade, nossa cultura, televisão e escolas ainda vão demorar a perceber a mudança. Após a fase de dominação masculina, e da antítese da rebeldia feminina, nos encaminhamos, como tendência, para a síntese. Um momento histórico para pesar os prós e os contras das experiências passadas e escolher um caminho mais harmonioso. A síntese aponta para o fim da guerra dos sexos. Em conseq□ência, o homem tem a oportunidade de se mostrar mais sensível, mais acessível, mais místico (voltado para seu interior e para a dimensão espiritual de sua existência), mais próximo da mulher, numa posição que não é acima nem à frente, é ao lado. Acreditamos que ao longo do tempo, homem e mulher, diferentes que são, tendam a caminhar para um equilíbrio de forças, uma paridade de direitos e deveres, deixando de lado a tentativa de serem iguais. Os homens parecem ter fechado os olhos e ignorado a

dinâmica feminina que se movimentou e vem se movimentando a passos largos para uma mudança sem volta. O homem 'acorda' agora diante de uma nova mulher e se sente um tanto embaraçado para encarar este novo estilo da postura feminina. Agora que a mulher representa uma ameaça é preciso correr, se modificar e se adaptar, ao menos para uma convivência mais harmoniosa. Mas quando o assunto é mudança, será que o que idealizamos não deve estar fora do nosso alcance?..."

Osó e Bruxaria

O termo Bruxaria está associado a forças "escuras e maléficas" a tal ponto que muitas pessoas questionam se devemos usar este termo no reconhecimento de um tipo pessoal de poder e aplicação mágica. No passado as mulheres e homens diferentes que incomodavam os poderes estabelecidos eram assim chamados de bruxas (Àjẹ́) e bruxos (Osó), e por isso eram cruelmente torturados e assassinados (vide capítulo – A Caça às Bruxas na África). Esta tortura era similar a que os serviços secretos ainda hoje usam, para extrair informações sobre as reais práticas dos que eram depois sacrificados à fogueira, em rituais de necromancia, para imprimir na áurea do mundo, um medo à magia, portanto, ao conhecimento dos povos que estabeleciam uma relação mais plena e profícua com a natureza. Esta sabedoria dos povos naturais foi sendo destruída por um conluio de forças que tem uma de suas principais forças começando a atuar no pacto de Júlio César e seus asseclas com Cleópatra e seu clero, quando os conhecimentos passaram a ser sistematicamente perseguidos e um simulacro de religião foi criada, com a nítida função de criar escravos, de dominar. Assim os exércitos de guerreiros foram tornando-se mercenários e os sacerdotes transformando-

se em mercadores de almas. Júlio César destrói a biblioteca de Alexandria e então mais tarde, o Império Romano assume a religião cristã, isto é, cria uma *versão* da religião cristã para si, e com as armas, a vocação das legiões ainda em sua natureza vital, sai a destruir Cátaros, Albigineses e depois cruzadas rumo ao Oriente, guerras de conquista, a invasão destas terras nossas Brasileiras e de todo o continente, a escravização ou massacre de populações nativas tanto aqui como em África. Desta forma, as pessoas foram ontem e são hoje, doutrinadas para acreditarem que o saber dos povos mais ligados à natureza é "*inferior, selvagem e supersticioso*", que só a tradição positivista dos conquistadores é realmente útil e poderosa. Essa prisão já foi imposta no próprio continente de onde vieram os conquistadores, ali já perseguiram e julgam ter destruído todos os elos do saber dos povos mais ligados à natureza que ali também viveram. Acreditam que o racionalismo venceu e o saber mágico foi erradicado. Os Bruxos e as Bruxas foram mortos, seu saber perseguido e quase extinto porque falavam de uma realidade viva, de uma natureza viva e consciente e assim, os caminhos que propunham eram caminhos onde a tecnologia viria na forma de uma tecnologia branda, não agressiva ao meio ambiente, onde os seres humanos continuassem a desenvolver um estilo de vida que não fosse o dos escravos e senhores, perpetuados em diferentes formas na presente organização social. Diferentemente de várias formas de culto e organizações sociais da cultura humana em geral e principalmente da cultura Yorùbá, o equilíbrio entre bruxas e bruxos dentro da magia prática de Ìyàmi é real, pois parte do auto-conhecimento e do equilíbrio para com o pólo completar, a essência e plenitude do poder e a utilização eficaz deste tipo de magia. Os Osó ou Bruxos, são o elemento masculino na magia de Ìyámi, bastante relacionados ao culto de Òòṣàálá, Obàtálá, Òrìṣàálá e Òrìṣà Ògìnyón, os Osó são

são considerados menos perigosos do que as Àjé, mas nem por isso são interpretados como uma força "amigável ou construtiva". Na verdade tanto os Osó como as Àjé, devido a seus vários aspectos terríveis, tornam-se fundamentais no desenvolvimento do caráter (ìwà) em nosso mundo. O conceito de Ìwá – Caráter é o mais importante dentre todos os valores entre os Yorùbá. Na literatura de Ifá, Ìwá é visto como uma mulher, filha de Sùúrú (Paciência) e neta do próprio Olódùmarè. Os cuidados que se deve ter com as mulheres e os idosos são as características que demonstram a presença de Ìwá. Assim eles (os Osó e as Àjé) são importantes no desenvolvimento do Ìwá, porque os elementos realmente destruidores e que impõem obstáculos na vida dos seres humanos são os Ajogun (Considerados como os primeiros orixás a terem sido criados por Olódùmarè e irmãos de Ògún) cabendo então as Àjé e aos Osó, o "teste" da fé e da moralidade humana para a superação destes mesmos obstáculos. O Osó quando é visto sem a idéia preconceituosa de "mal" e etc, deve ser encarado como um homem comum que é ao mesmo tempo vazio e pleno de si, no contexto de sua sexualidade e prazer. Nesses nossos tempos difíceis às vezes é tão difícil conhecermos um homem bem resolvido com sua própria masculinidade e poder, que fica quase impossível fugirmos dos arquétipos do cinema, em que os homens poderosos são necessariamente maus. Assim reconheço e assumo minha opção de bruxo e Osó, como a de um homem que satisfaz sua fêmea e principalmente interage com sua mulher externa e também interna, (e como às mulheres gostam disto!). É impossível um bruxo não gostar disso também! Da pele alva, do aroma doce e mais doce ainda no sabor das coxas femininas, pois são justamente entre as pernas deste poder, que reside a magia de Ìyámi, o ventre da mãe, o colo da mulher, a vagina da fêmea e a doçura da filha em

todo o Osó encarnado que é capaz de saborear e de se contaminar neste alimento que o transforma em homem absoluto, pleno e por isso mesmo Osó (Bruxo). Na profundidade deste conhecimento e desta vivência se reconhece a resposta naturalmente sexual do homem adulto, a qual trás em si o poder absoluto e viril da parte ativa dos quatro elementos na magia masculina:

Primeiramente...

1. No Desejo: *Água - Emoção*, instinto bastante semelhante à fome, que é mediado pela teosterona, o hormônio masculino.

E depois...

2. Na Ereção: *Fogo - Vontade*, por ser uma resposta a um estímulo. Transmissão através dos nervos que liberam o óxido nítrico.

Para a partir daí então explodir...

3. Na Ejaculação: *Ar - Mente*, estímulo transmitido pelos nervos, que leva estes órgãos a jogar o esperma na uretra. E assim morrer de dor e prazer, para morrer e renascer mais uma vez de dentro da mulher, como um Deus profano que se transmuta eternamente em menino...

4. No Orgasmo: *Terra - Consciência*, sensação de prazer intenso.

A relação que existe entre as Àjẹ́ e Ìyàmì com o homem que se dedica a prática de sua magia (um Oṣó) é estruturada no conceito de "esposas celestes", são elas que o ajudam, tanto no aprendizado quanto na experiência de despertar seus poderes psíquicos e mágicos. Assim é natural que muitas vezes a intervenção da "esposa-celeste" na experiência mística do Oṣó seja acompanha de emoções sexuais (daí a citação acima sobre a sexualidade masculina associada aos quatro elementos básicos). Entretanto cumpre notar que o Oṣó não é só ajudado como também é às vezes importunado (principalmente no início de seu aprendizado) por sua "Aya-òrun", que em yorùbá quer dizer "esposa-celeste". Ao mesmo tempo em que o protege, ela tenta conserva-lo para si, de modo que quando em "vôo noturno" ou seja, em estado de projeção astral, pode um Oṣó iniciante ser convidado por sua aya-òrun a saborear uma convidativa refeição celestial, cuja consequência poderia ser arrebatar este Oṣó incauto à sua mulher terrestre e a própria sociedade humana. Assim em várias circunstâncias, a proteção dada ao Oṣó por sua aya-òrun, lembra o papel que na antiguidade cabia às fadas e às semideusas na instrução e na iniciação dos heróis.

Assim como qualquer homem na cultura Yorùbá, os Oṣó também podem ter no mínimo quatro esposas-celestes, e assim como o homem representa o sol, cada uma delas será uma Àjẹ́ associada a uma das quatro fases lunares (nova, crescente, cheia e minguante), fases estas também associadas aos quatro elementos básicos, a saber: lua nova – elemento água, lua crescente – elemento ar, lua cheia – elemento fogo e lua minguante – elemento terra, e a virilidade masculina como já exposto acima. Nos sete mitos femininos que circundam um homem estão as chaves do seu despertar como Oṣó maduro e pleno, estes mitos e poderes são: mãe (Ìyá), esposa (Aya), filha (omobìnrin), amante (Olùfẹ́), avó (Ìyá nlá), irmã (Ará ou

arábìnrin) e Feiticeira (Àjẹ́). Estes sete mitos são na verdade, as sete grandes manifestações de Ìyàmì e cada uma destas "mulheres-pássaros" são representações vivas e poderosas da magia de Òṣòròngá. Genericamente chamamos as mensageiras de Ìyàmì como Àjẹ́ (bruxas) mas as Àjẹ́ são apenas um "tipo" ou "família" de seres que podemos fazer contato e utilizarmos. Como vemos, são ao todo sete as chamadas "Ìyámís", e cada uma delas está ligada a uma árvore e um tipo de magia, como é explicado no capítulo sobre as sete "árvores-pilares" da magia de Ìyàmì.

Sobre os mitos e poderes femininos e sua utilização pelos àwọn Oṣó (Bruxos):

1) Feiticeira (Àjẹ́):

Aqui estamos diante da deusa suprema da natureza selvagem. Rege todas as emoções primitivas e a terra. Representa todos os instintos crus, básicos e incontrolados. É o frenesi indisciplinado da natureza, controla o sangue e a magia ancestral instintiva (ofídiana). Localiza-se em uma época em que a natureza lutava para estabelecer-se como força viva elevando-se no continente único. Ela é poderosa, rude e grosseira, mas como toda mulher, pode dedicar-se a fazer tudo pelo homem que ama. Seu elemento é a terra e o principal material para atraí-la é o enxofre fervente, no qual em sua profundeza se pode ver o vermelho cru do calor. Suas cores são o amarelo-esverdeado do enxofre e o vermelho da lava vulcânica. Sua árvore de culto é a árvore da Destruição.

2) Amante (Olùfé):

Nesta manifestação a força feminina quer ser fecundada para assim engravidar. Ela deseja um homem para copular de maneira que ela engravide. Seu atributo não é amor, mas sim luxúria. Ela é a própria sobrevivência através da continuidade da espécie humana e desta forma ativa partes pré-humanas do cérebro. Se ela não se satisfaz, assim como a aranha, ela irá destruir sem pensar qualquer coisa que se atravesse em seu caminho. Seu elemento é a água, mas não a água da cachoeira ou dos rios, mas sim a água mais antiga, aquela que primeiro apareceu na terra recém formada, sua água também está associada ao suor que é produzido pela cópula furiosa. Sua cor é o vermelho-escarlate que representa o sangue virgem que pinga da vagina. O principal material para atraí-la são as pedras duras de sal. Sua árvore de culto é a árvore da Felicidade..

3) Esposa (Aya)

Neste nível, o poder feminino vibra e arde em intensa paixão sensual. Seu principal símbolo é o raio, pois simboliza a profunda paixão incontrolada da tempestade. Outro símbolo é fogo, o qual ela pode aumentar ou apaga-lo conforme seu desejo. Seu som é o trovão, expressão das forças e necessidades primitivas. Ela, assim como a tempestade, pode desencadear-se a qualquer momento. Quanto mais forte a tempestade, mais poderoso é o trovão, quanto mais brilhante for o relâmpago, mais poderosa se torna sua força de vontade. Seu elemento é o fogo. Suas cores são o azul e o amarelo, o azul do céu e da ascensão espiritual associado ao amarelo dos instintos mais básicos, os quais em alguns momentos podem ser representados pela gema do ovo. O principal

material para atraí-la é o cobre, que é o metal representante e canalizador do fogo. Sua árvore de culto é a árvore da Violência.

4) Filha (ọmọbinrin)

Neste nível se completa o controle sobre o cérebro Ofidiano (ver capítulo: O Pássaro e a Serpente), e começamos a lidar com um perfil de comportamento do poder feminino em uma postura aparentemente mais sutil. Esta manifestação de Ìyàmi é a representação da intrepidez e do destemor (postura típica dos jovens), mas baseada em experiências e ensinamentos passados, portanto emana uma ousadia segura e firme, baseada na experiência de seus próprios mestres e ancestrais. Aqui a transmissão do conhecimento não é encarada como um fator isolado, tipo como "um conselho que não serve, porque não conseguiu convencer". Aqui o conhecimento se perpetua nas entranhas do DNA espiritual e energético, pois vibra na continuidade que somente o poder feminino pode gerar. Aqui não é necessário medo, nem pelo futuro, nem pelo contato com esta manifestação de Ìyàmi. Se você não tiver medo, ela lhe respeitará e lhe fará qualquer favor que você pedir. Ao chegarmos no nível de compreensão sobre Ìyàmi, que este pilar de magia representa, podemos literalmente sair pelo mundo, pois a tudo aquilo que nos dedicarmos de coração, certamente seremos recompensados. Seu símbolo é uma caveira virada de forma a servir como uma espécie de copo, repleto do mais puro mel que você poderia imaginar um dia experimentar. É a transição e a força da continuidade entre a vida e a morte, entre o passado e o futuro, assim como são os filhos, consequência e causa do que um dia fomos e tudo aquilo que poderemos ser um dia.

Seu elemento é o ar que sobe do fogo, sua cor é a púrpura brilhante, que é uma variação do branco (cor do relâmpago, mas agora puramente em sua manifestação de luz) e o principal material para atraí-la são ossos e cristais. Sua árvore de culto é a árvore da Morte.

5) Irmã (Ará ou arábinrin)

Neste momento a manifestação de Ìyàmì apesar de permanecer firme e obstinada, é verdadeiramente amigável; na verdade é a própria personificação da piedade. Neste nível de magia, se o aspirante a Osó vacilar, Ìyàmì o ajudará. Se perante a algum desafio, ele fracassar, aqui (e somente aqui!) ela terá piedade. Mas, se o candidato a Osó por algum motivo quiser desistir e de propósito, não se dedicar mais ao caminho da aquisição de poder e conhecimento que um verdadeiro Osó deve ter, Ìyàmì o matará, pois para quem já chegou até aqui não pode haver outra escolha, é preciso lutar por algo mais elevado em nossas vidas ou então... Morrer tentando. Seu elemento é a terra do ar, ou seja, todos os materiais físicos, transformados em "poeira", isso simboliza a sutilização, evolução espiritual dos aspectos materiais – base da criação e destruição divina na natureza (o que por si só já é um processo alquímico). Sua cor é o amarelo reluzente associada ao grande pó da magia de transformação na cultura Yorùbá, que é o Ìyèròsùn (pó de cupim extraído das árvores). O principal material para atraí-la é a prata. Sua árvore de culto é a árvore do Perdão.

6) Mãe (Ìyá)

Aqui temos a expressão mais pura, perfeita e completa de Ìyàmì no mundo material e astral, por isso, não é atôa, que

aqui ela se apresenta com um dos conceitos mais belos de sua magia: Ìyá, que significa: Mãe. Durante inúmeras vezes, tive a oportunidade de conhecer pessoas que se referiam à Ìyàmì como "Iyàmi", para classifica-la puramente como bruxa (o que por si só já é um erro, pois como já vimos, bruxa é Àjé). O próprio Pierre Verger em seus livros "as trata – no plural – como Ìyàmì" para "diferenciá-las" de Ìyá mi (minha mãe). Por óbvios motivos, é claro que prefiro me referir a esta força através do termo Ìyá mi – minha mãe, pois é isso que esta poderosa força é, nossa Mãe (com todos os defeitos e qualidades que uma boa mãe deve ter!). Isso me lembra a letra da música de Raul Seixas – Ave Maria da Rua – esta letra está citada neste livro, aconselho a lerem, ou melhor, ouvir a música! E "entendam-sentindo", o que quero dizer. Vemos neste nível, a poderosa influência de Ìyámì sobre as novas vidas que vem ao mundo todos os dias e sua força de fertilidade na natureza, para que a vida seja criada sempre, antes de alguém abandonar a existência. De alguma maneira esta manifestação é complacente, de outras, ela é uma emanação da paixão máxima, pois na verdade, contém o de melhor de todas as suas manifestações anteriores. Suas cor é o branco brilhante (origem de Ìyàmì como Orixá Fun-fun, ou seja, orixá branco, ligado a origem do universo, portanto, representando aqui o próprio conceito de geração e fertilidade universal). O principal material para atraí-la é o esperma e o sangue menstrual do terceiro dia e seu metal é o estanho. Sua árvore de culto é a árvore da Satisfação.

7) Avó (Ìyá nlá)

Aqui temos a mais perfeita combinação dos pólos gerador e ativo, vemos a união equilibrada e secreta entre Ìyá mi e Obatàlá em uma única força – a unidade divina – Pai e Mãe

como um único ser emanador de vida e morte, área de domínio absolutos entre todos os ciclos de existência em todos níveis e planos, quer sejam físicos, astrais, mentais e espirituais. Permito-me não comentar muito... Quem tenha olhos que veja! Mas acrescento que está aqui a explicação do porquê se sacrificam animais femininos (com sangue vermelho) e muitos caracóis (Igbin – animais de sangue branco) para Òòsàálá (que é o grande orixá do branco – cor do esperma) e porquê os verdadeiros Osó, são obrigatoriamente "filhos" de Òòsàálá. O elemento é o espírito da força vital, é a força divina que a tudo habita. A cor é a própria luz (com seu equilíbrio para as trevas – á luz pode tanto ser brilhante como fosca – assim a luz não tem cor, pois possui todas as cores sem ser apenas o branco) e o material mais indicado para atrair esta força é o pensamento, expressão do mais importante orixá para nós seres humanos, que é Orí! – sua árvore de culto é a árvore do Poder do Bem e do Mal.

Assim vemos que os homens não apenas podem, como devem lidar com Ìyàmí, pois não é necessário que um homem se torne um Osó para poder cultua-la. Esta força é importante para todos, independente de sexo, raça, credo ou qualquer outra coisa. A diferença é que o Osó sabe, que uma mulher apaixonada faz de tudo para agradar seu homem. E o Osó gosta, sabe e desenvolve seu poder de homem, para simplesmente...

Agradar sua feiticeira, amante, esposa, filha, mãe, avó e etc...

A genética já provou, que todo ser humano nasce feminino, a matriz da espécie humana é a mulher, um feto só se torna masculino depois da terceira semana de gestação. Assim, todo homem que já nasceu, foi por três semanas de seu desenvolvimento uma fêmea. Isso por si só já invalida qualquer

preconceito ou dogma religiosa que tente proibir os homens de lidarem com as forças femininas. Os homens foram mulheres, ainda nesta encarnação. Eles são variação da matriz feminina, e nunca oposição! O universo é em sua maior parte constituído de energia feminina. No Universo, segundo um Osó, não há essa igualdade e equilíbrio, a energia feminina domina. Interessante é também a genética dizer a mesma coisa. Os cientistas afirmam a superioridade da mulher em termos genéticos, afirmando, por exemplo, que a Bíblia está fundamentalmente errada e que para a genética Adão veio da costela de Eva, ou seja, o homem não passa de uma mulher adaptada, geneticamente falando. Em termos genéticos a mulher é caracterizada pelos cromossomas XX e os homens pelo cromossoma XY, dos 23 pares de cromossomas apenas um desses pares, possuidor do Y, é que determina o ser humano como homem, através de um gen chamado de SRY. Esse cromossoma Y possui pouca informação genética, 60 gens no universo genético de 30 mil gens. Isso representa 0,2% ! A superioridade da energia feminina torna-se óbvia, do ponto de vista genético. Isso indica que a forma padrão, original da natureza é a fêmea e que o macho é apenas uma variação genética da fêmea. Mas que por ser variação, ao lidar com ELA estaria lidando na essência do que o próprio macho é!

Isto é apenas um fato natural, energético, genético.

Talvez reconhecer essas diferenças seja um caminho válido para que os seres trabalhem em harmonia, em simbiose, sem disputas pela supremacia, pelo poder, evitando discursos ideológicos que justifiquem o domínio de um sobre o outro; pois assim como a magia superior reconhece a diferença e a superioridade em certos aspectos, em sua prática, ela também vislumbra um caminho de parceria pela sinergia da fêmea e

do macho que visam a liberdade. E é lógico que Ìyamì não apenas sabe, como reconhece isso. A força da magia de Ìyàmì é libertadora por sobre todos os dogmas e conceitos limitados das culturas ou raças.

Assim um verdadeiro Oşó é profundamente livre.

Liberdade para o Oşó não é apenas escolher entre isto ou aquilo, Liberdade aqui é o "salto do pensamento" para o inconcebível, é um agir que escapa o inventário humano. Todos a nossa volta vivem nos dizendo como devemos ser, como devemos agir, o que é certo, o que é errado, o que é possível e o que é impossível. Liberdade, no sentido do que é para um Oşó, é ir ao impossível e fazê-lo possível, é agir de forma mágica, quando todos estão presos aos limites da razão. Liberdade é MAGIA, é ir além da "máquina" que nos transformaram. Os verdadeiros Oşó encarnados sabem: Liberdade é a liberdade de perceber o mundo além dos limites que nos puseram. E isto é profundamente sério, isto é perigosamente revolucionário.

Agora acho que você pode entender, porque os leigos dizem que as Àjé e os Oşó são forças perigosas. Não é atôa que tantos de nós em todas as partes do mundo, em todas as culturas e raças, foram torturados e queimados.

Nós somos perigosamente revolucionários...

A VERDADEIRA MAGIA É SEMPRE REVOLUCIONÁRIA!

CAPÍTULO 24

Principais árvores e folhas ligadas à magia de Ìyàmì

As sete árvores principais

1) Iwò – (Garcia Cola) – Guttiferae – orógbo
2) Arère – (Annona Senegalensis) – Annonaceae – Pimenta de macaco
3) Ose – (Adansônia Digitata) – Bombacaceae – baobá
4) Iroko – (Chlorophora Excelsa) – Moraceae – iroko
5) IYÁ – (Daniellia Oliveri) – Caesalpiniaceae – copaíba
6) ASURÍN – (Entandrophragma Candollei) – Meliâceae – Pau Brasil
7) OBÔBÒ – (Ceiba Petandra) – Bombacaceae – arabà

Mais Árvores:

8) Aridan – (tetrapleura Tetráptera) – Leguminosae Mimosaceae – aridan
9) Ajanjere – (Ficus Elegans) – Moráceae – figueira
10) Berékè – (Delonix Régia) – Leguminosae Mimosaceae - flamboyant
11) Igi Opé – (Elaeis Guianeensis) – Palmaceae - dendezeiro
12) Akôko – (Newbouldia Laevis) – Bignoniaceae - akoko

13) Aapáokà – (Artocarpus Integrifolia) – Moraceae – jaqueira
14) Osànko – (Chrisophillum Cainito) – Sapotaceae – abiu roxo
15) Bani – (Acacia Farnesiana) – Leguminosae Mimosoideae) - esponjeira
16) Osun Elédè – (Bixa Orellana) – Bixaceae - urucum

Folhas:

1) Ewe Ojúsàjú – (Petiveria Alliáceae) – Phitolacaceae – guiné
2) Ewe Ogbó – (Parquetina Nigrescens) – Asclepiadaceae – orelha de macaco
3) Ewe Tannáposò – (Mirabilis Jalapa) – Nyctaginanneae – maravilha
4) Ewe Agogô Ògún – (Heliotropium Indicum) – Boraginaceae – crista de galo
5) Ewe Áànú – (Vitex Thyrsiflora) – Verbenaceae – ori
6) Ewe Òyóyò – (Corchorus Olitorius) – Tilliaceae – juta
7) Ewe Igbá – (Lagenaria) – Curcubitaceae – cabaça
8) Ewe Egéle – (Euphorbia Convolvuloides) – Euphorbiaceae – Erva Andorinha, também chamada de lentilha d'água
9) Ewe Ayé – (Morus Mesozigia) – Moraceae – amoreira
10) Ewe Efirín Osó – (Ocimum Viride) – Labiateae – alfavacas

11) Ewe Ahonekùndudú – (Acanthis Montaus) – Acanthaceae – cardo
12) Ewe Arun Sánsán – (Ageratum Conyzoides) – Compositae – Metrasto, também conhecida por erva de São João e Paracari
13) Ewe Agemokógun – (Laggera Alata) – Compositae – capiçoba , também conhecida por erva lanceta e persicária
14) Ewe Alukèresé – (Ipoméia Involucrata) – Convolvulaceae – dama da noite (todas as flores que se abrem e perfumam à noite, incluindo a conhecida Murta)
15) Ewe Agogô Funfun – (Datura Suaveolus) – Solanaceae – trombeta, também conhecida por dàgiri dodô ou trobeteira branca e roxa.
16) Ewe Ajekòbalé – (Cróton Zambesïcus) – Euphorbiaceae – velame do campo
17) Ewe Afoman – (Cattleyas) – Oequidaceae – orquídeas
18) Incluem-se também as ipoméias trepadeiras e a salsa da praia, ipoméia rasteira.
19) Cactus em palma
20) Cana de açúcar

Datas em que normalmente se cultua Ìyàmi:

11 de agosto: data festiva relacionada as Àjé, Osó e Gèlèdé.

7 de Novembro: data diretamente relacionada às festividades de Ìyàmi Òsòròngá. Seus principais ritos neste momento são realizados em grandes árvores nas quais o tronco principal se divide em três grandes galhos (o que simboliza, a encruzilhada dos céus – o caminho de ascensão que une o ser humano ao

espírito dos pássaros).

Agogô.

Principais animais oferecidos a Ìyàmì e as Àjẹ́ e seus significados:

1) Leitoa (Elédè):
2) Gansa:
3) Ìgbín (caracol):
4) Ovelha (Àgúntàn):
5) Gata (Abo Ológbò):
6) Jacaré (Àlégbà):
7) Loba (Abo Ìkookò):
8) Macaca (Abo Ọ̀bọ):
9) Morcego (Àdán):
10) Pata (Abo Pépéyẹ):
11) Peixe (Eja):
12) Serpente (Ejò):
13) Tartaruga (Ìjàpá):
14) Vaca (Abọ Màlúú):
15) Abelha (Kòkòrò oyin):
16) Barata (Aáyán):
17) Cabra (Ewúré):
18) Cadela (Abo Ajá):
19) Coelha (Abo Ehoro):
20) Franga (Abo Adiyẹ):

Ao todo temos dezesseis grandes árvores e cada uma delas relaciona-se mais diretamente a cada um dos dezesseis odùs básicos de Ifá, assim como para cada uma das vinte folhas citadas acima, estão cada uma delas diretamente ligadas ao sacrifício ritual de cada um dos animais e insetos citados. A saber:

Folha 1 – Guiné – relacionada ao sacrifício ritual da leitoa, a finalidade deste ritual é: Boa sorte e prosperidade.

Folha 2 - Orêlha de macaco – relacionada ao sacrifício ritual da Gansa, a finalidade deste ritual é: Proteção por parte das forças ancestrais e dar combate aos inimigos astrais (eguns negativos).

Folha 3 – Maravilha – relacionada ao sacrifício ritual do Ígbín (caracol), a finalidade deste ritual é: Acalmar, apaziguar, transformar todas as energias perigosas e agressivas, em forças amigas e colaboradoras para você. É importamte saber que a carne dos caracóis devem ser preparadas em òri (limo-da-costa) e sementes de abóbora e que devem ser oferecidas em dois recipientes; um com dendê e mel para Ìyàmì e o outro, com efun e limo-da-costa (Òri) para Obatala.

Folha 4 – Crista de Galo – relacionada ao sacrifício ritual da Ovelha, a finalidade deste ritual é: Trazer fertilidade e abundância em todas as situações. É importante saber que a carne das costas da ovelha é sempre oferecida ao orixá Òrúnmilà, como uma combinação de àxés positivos à sua finalidade.

Folha 5 – Òri – relacionada ao sacrifício ritual da gata, a finalidade deste ritual é: Abrir "as portas" entre o mundo dos vivos e dos mortos. As gatas são animais dêsde o antigo Egito, consideradas sagradas, e sua força espiritual e energética é imensa. Este ritual também serve para quebrar a proteção espiritual de uma pessoa contra grandes forças negativas, principalmente contra os seres da árvore Àrere (seres de Destruição), facilitando assim o alcance do objetivo destrutivo.

Folha 6 - Juta – relacionada à utilização do couro do jacaré (e não ao seu sacrifício ritual). A combinação de um pedaço do couro de jacaré com a juta, produz um poderoso amuleto, que pode controlar com absoluta exatidão todos os Bàbá Eegúngún (espíritos ancestrais masculinos do culto afro) e pode ser direcionado para toda e qualquer finalidade.

Folha 7 – Cabaceira – relacionada aos ritos de Ìyàmi e Gèlèdè (mais uma vez, não é necessariamente um sacrifício, mas sim, a utilização dos pêlos da loba conjuntamente à folha), sua finalidade ritual é: A canalização de um poder supremo por sobre todas as forças da noite, sejam positivas ou negativas. Normalmente são os Osó que se utilizam deste artifício. Esta magia também controla e desta forma, pode curar ou causar a licantropia (a doença do "lobisomem").

Folha 8 – Erva Andorinha – relacionada ao sacrifício da macaca (ou do macaco), a finalidade deste ritual é: Manipular Eegúngún ou uma Àjé, para fazê-lo/a tornar-se real fisicamente, e assim realizar os seus desejos.

Folha 9 – Amoreira – relacionada ao sacrifício ritual do morcego, a finalidade deste ritual é: Acordar Obayifo (que nada mais é, do que o nome africano para o que entendemos como Vampiro).

Folha 10 – Alfavaca – relacionada ao sacrifício ritual da Pata, a finalidade deste ritual é: atrair Prosperidade e Riqueza.

Folha 11 – Cardo – relacionada ao sacrifício ritual do Peixe (principalmente durante o Eborí, no qual Ìyàmi é convidada a participar para neutralizar todo o mal do destino de alguém). A finalidade deste ritual é: canalizar a Cura e fortalecer a Saúde (física, emocional, mental e espiritual).

Folha 12 – Erva de São João – ligada ao sacrifício ritual da serpente, a finalidade deste ritual é: materializar a força de uma ou várias Àjé em um assentamento ou por sobre um objetivo.

Folha 13 – Capiçoba – ligada ao sacrifício ritual da tartaruga ou do cágado, a finalidade deste ritual é: afastar a morte, trazendo longevidade e prosperidade.

Folha 14 – Dama da noite – ligada ao sacrifício, ou a utilização de pêlos ou outros materiais da vaca (leite, rabo, chifre, etc), a finalidade deste ritual é: engravidar, trazer um amor , facilitar casamentos, ou fazer uma mulher despertar desejo sexual em um homem.

Folha 15 – Trombeta – ligada a utilização de abelhas mortas em feitiços, a finalidade deste ritual é: causar

loucura ou forte perturbação mental em uma pessoa.

Folha 16 – Velame do campo – ligada a utilização ritual do inseto barata, sua finalidade é: arrasar de forma praticamente irremediável, a vida financeira de alguém.

Folha 17 – Orquídea (principalmente suas raízes) – ligada ao sacrifício ritual da cabra, sua finalidade é: trazer fertilidade, prosperidade, riqueza e harmonia em tudo o que se desejar.

Folha 18 – Salsa da praia – ligada ao sacrifício ritual da cadela-do-mato, sua finalidade é: trazer vitória e violenta derrota por todos seus inimigos.

Folha 19 – Cactus em palma – ligada ao sacrifício ritual da coelha, sua finalidade é despertar o poder mais positivo das Gèlèdè, em toda e qualquer situação. Também se liga a fertilidade e prosperidade, entre tantas outras coisas boas.

Folha 20 – Folha da Cana de açúcar – ligada ao sacrifício da franga caipira, a finalidade deste ritual é: Trazer um poderoso Axé ligado a idéia de fertilidade e abundância, sobre tudo o que você desejar.

Textos para evocação de Àjé, Gèlèdè e Ìyàmì:

(estes textos podem tanto ser recitados como cantados)

Àpáárá li ọmọ ọkunrin
(... o trovão é o filho do homem...)

o gbe ẹru kò se ayo
(...aquele que tem medo, não pode tornar-se uma pessoa importante...)

Ditados Yorùbá

1.

A gbọ ní ṣe ọba má kasẹ
ti binu baje gada je
olimọ
a de odo má pọn
o gbe yara ẹ jará mani
Àjẹ a gbá orí aguntan ma igi
Àjẹ iku li odò a pá bí elẹtẹ
Àjẹ unibode iju

Aquela que diante do rei, espera altivamente sentada
Aquela que quando insatisfeita, destrói as pontes
Dona das folhas de palmeira
Ela vai ao rio e não tira água
Quando èla está em seu aposento descontente com alguém
Feiticeira é aquela que bate com a cabeça de um carneiro na árvore

A feiticeira mata no rio, ela mata como um leproso
A feiticeira é a guardiã da floresta

2.

Àjẹ́ jaju mà ẹni kì Oto pá ẹni jẹ
O run wara bi iná jó oko
Ya igba ya ọgba
Bọrọ a na ka ilu
O ki ibọn ija fiti
O gbe ija ọmọ di oru di oru
O bọ okan ki jà ọmọ logun

A bruxa assusta as pessoas antes de matá-las e comê-las
Ela extermina rapidamente, assim como o fogo queima o campo
Ela estraçalha a cabaça, ela arrebenta a cerca
Ela se espalha longamente por sobre a região
Ela carrega a espingarda e a depõe, pronta para a batalha
Ela apóia o filho na batalha até a noite
Ela apóia o filho que combate na guerra

3.

Igbo biri okuku biri
Okuku gba ẹni mi tigbotigbo
Ìyámi Òṣòròngá
Iwo li o ni igbo ataare
Ìyá mi ẹyẹ pupa
Alakọ odi ọwọ
O gba ọsẹ gba ọla
Obinrin gba ọna ọkunrin nsa

O gba ọna eburu wọ ile ọlẹ ọlẹ as
Alabẹ ti mo nsa si
Alajẹ ti mo nsa si
Alagbala àjẹ nye si
Ìyá mi o wa yanrin wa yanrin
O lọwọ gbọgbọrọ ti yọ ọmọ rẹ li ọfin
Alabẹ ti mo nsa si
Alajẹ ti mo nsa si
Ìyá mi jẹ dandan oloran

Floresta tenebrosa, escuridão tenebrosa
A escuridão apodera-se de uma pessoa e a engole com a floresta
Ìyámi Òṣòròngá
A floresta de pimenta pertence a você
Minha mãe é um pássaro vermelho
É a senhora que recusa a falta de respeito
Ela se apropria do feriado, ela se apropria da riqueza
Se esta mulher está no caminho o homem foge
Ela entra na casa do preguiçoso e ele foge
Dona da faca, refugio-me junto a ti
Dona do sangue, refugio-me junto a ti
Dona do pátio interno aonde a bruxa põem seus ovos
Minha mãe que cavouca a terra
Com suas compridas mãos ela tira seu filho da armadilha
Dona da faca, refugio-me junto a ti
Dona do sangue, refugio-me junto a ti
Minha mãe que aceita as palavras do queixoso

4.

Ìyá Abìrùsọ ro
Àjẹ́ alágbara dide ki ọ wá jo agbe
Ọrọ ìyá wá mi li ẹnu wara
Dide ki ọ wá jó dide Elejò
Ayaba a gẹgun sorọ
A ti ilẹkun ba ikú jà
Ìyá Abìrùsọ ro gudu gudu li ọkun a bi Olọkun
A bi Èsù já gẹgẹ meji ti ọgbọn
O ṣa ojú Oduduwa poki
Àjẹ́ alágbara dide ki ọ wá jo agbe
Dide ki ọ wá jó dide Elejò

Ìyá Abìrùsọ ro
Poderosa bruxa que se levanta e vem dançar ao som das cabaças
Que as palavras para saudar minha mãe venham correndo para minha boca
Levante-se e venha dançar Senhora das serpentes
Rainha que sobe para falar do alto
Ela que fecha a porta e luta contra o òrìsà da morte
Ìyá Abìrùsọ ro que briga no mar com Olọkun sem sentir-se culpada
Ela que briga com Èsù, tão hábil quanto ela
Ela que fere profundamente o olho de Oduduwa
Poderosa bruxa que se levanta e vem dançar ao som das cabaças
Levante-se e venha dançar Senhora das serpentes

5.

Ago ile ago ọna kẹ wa ṣe oro
O jẹ dandan oloran

Ìyá Olóòrò afin li aya bi akala
A mu erin bọ orí
Eyẹ tóbi fi ojú ta iná

Ago ile ago ọna kẹ wa ṣe oro
O jẹ dandan oloran

Atenção na casa, atenção no caminho, venham fazer o ritual
Ela aceita as palavras do queixoso

A mãe de òrò é tatuada no peito como um abutre
Ela que se serve de um elefante para fazer culto à sua cabeça
O grande pássaro com olhos de fogo
Atenção na casa, atenção no caminho, venham fazer o ritual
Ela aceita as palavras do queixoso

6.

Àjẹ́ òkúta inón um omi nsúfèé
O fi orí ejò fun súfèé
Ipẹn obirin a jô ẹni ma re
Obirin pala fi iṣan i ojó ọmọ rẹ nja
Níjó iná ba f'ojú b'ètù
Kánkán l'àjẹ́ iná jóòtá
Níjó iná ba f'ojú b'ètù
Àjẹ́ òkúta inón um omi nsúfèé

A bruxa da pedra de fogo bebe água assobiando
Com a cabeça de uma serpente ela assobia
A mulher poderosa que queima as pessoas
É uma mulher descontente no dia em que seu filho briga
No dia em que o fogo põe os olhos na pólvora
A bruxa do fogo queima o inimigo na hora
No dia em que o fogo põe os olhos na pólvora
A bruxa da pedra de fogo bebe água assobiando

7.

Àjẹ́ npa ẹ̀jẹ̀ ìsan gbururu
Àjẹ́ ba fi ojú kàn ẹ̀jẹ̀ a gbe mu

Se a bruxa mata, o sangue escorre
Se a bruxa vê sangue, ela o bebe

8.

Obirin elewu npa àwọn ẹlẹ́dẹ̀
Obirin elewu npa àwọn ẹja
Obirin elewu npa ewébẹ̀
Obirin elewu npa eran òsìn
Obirin elewn npa àwọn ọmọdé

Mulher perigosa que mata os porcos
Mulher perigosa que mata os peixes
Mulher perigosa que mata a vegetação
Mulher perigosa que mata o gado
Mulher perigosa que mata crianças

9.

Ìyá eleye ogírí ayaba Owu
Ìyá eleye ogírí ayaba Apomu
Ìyá eleye ogírí ayaba Ibadan
Ìyá eleye ogírí ayaba Iketu
Ìyá eleye ogírí ayaba Ibara
Ìyá eleye ogírí ayaba Oyan
Ìyá eleye ogírí ayaba Ikirun
Àṣẹ wàá ní t'eleye

Mãe senhora dos pássaros, poderosa rainha de owu
Mãe senhora dos pássaros, poderosa rainha de apomu
Mãe senhora dos pássaros, poderosa rainha de ibadan
Mãe senhora dos pássaros, podero0sa rainha de iketu
Mãe senhora dos pássaros, poderosa rainha de ibara
Mãe senhora dos pássaros, poderosa rainha de oyan
Mãe senhora dos pássaros, poderosa rainha de ikirun
A força que imediatamente prevalece pertence à dona dos pássaros

10.

Òṣo o li òrun àwọn ohun ìjà
Àjẹ́ o li ayé àwọn ohun ìjà
Òṣo o li iná àwọn ohun ìjà
Àjẹ́ o li omi àwọn ohun ìjà
Òṣo o li oògùn àwọn ohun ìjà
Àjẹ́ o li oògùn àwọn ohun ìjà
Àṣẹ kánkán ni ti oògún

O bruxo recebe suas armas do céu
A bruxa recebe suas armas da terra
O bruxo recebe suas armas do fogo
A bruxa recebe suas armas da água
O bruxo recebe suas armas através da magia
A bruxa recebe suas armas através da magia
Dentre todos, o maior poder é o da magia

11.

Ìbá akodá to da tie lori ewé
(Akodá é o nosso primeiro ser criado, e foi criado sobre a folha)
Ìbá asedá ti te tie nile pepe
(Asedá, aquele que criou o primeiro ser humano. Lembrança sua sobre a terra).
Ìbá ìyàmì òsòròngá
(Minhas mães, todo poderosas, acima de tudo os meus respeitos).
Apani ma há gun
(As que controlam, sendo plenamente , todas as forças terrestres)
Awon ni oloko ki oru atori japa! atedo jokan
(Que tudo seja a meu favor, da cabeça aos braços; do fígado ao coração; da bílis ao ânus).
Atidi joronro eye ake ganan ran
(Pássaros, imensos pássaros da sabedoria)
Agbo keke lori iroko maye
(Iroko, grande árvore que está acima de todas cabeças)
Arohoho ile se iro eye abapaye
(Terra que testemunha todos os acontecimentos e que de tudo sabe)

Elese iro eye a bide lenu wako wako
(Wako wako, grande pássaro com bico de bronze)
Awon ni igun ti gun omo eja ninu omi
(Preciso ao pegar os filhotes de peixe na água)
Awon ni oyanyan ganga ti gun omo akan lodo
(Pássaro consciente que pode alcançar, e alcança, o caranguejo no fundo do rio)
Emi mo orunkoo yin ema pami ema pa awon omo o mi.

(Não me mate, e nem aos meus filhotes)
Mojubá okunrin. mojubá obinrin.
(Sua benção macho universal. sua benção fêmea universal).
Ibá lowo ogunso legelege ti o dori kodo tiko já
(Sua benção, aquela que inverte o homem internamente e nem assim ele morre)
Ibá lowo ilu gbedu ti o dori kole
(Saudações ao ritmo da morte, e que minha cabeça não o ouça)
Ti o wami loju gburugbu
(Este som não tremerá de pavor minha visão)
Mojubá odundun ti i dun bi i eegun
(Me abençoe o antepassado na sua paz que me faz vivo)
Mojubá ololo ti lohun oro
(Me abençoe o poder que tritura o grão e toca o tambor, que eu não esteja ao meio de seu atrito).
Ibá lowo ona omo osororoo jiro
(Respeitosamente reverencio o espaço além no universo de meu caminho).
Ibá lowo ayee !
(Saudações ao que existe intensamente da terra ao sol , e que me reconheçam. que tudo seja aceito; sem desvio e que me abençoem).

12.

Mo júbà ènyin Ìyámi Òṣòròngá
O tònón èjè enun
O tòokòn èjè èdò
Èjè ó yè ní kálè o
Èjè ó yè ní kálè o
Ó yíyè, yíyè, yíyè, yíyè, kòkò
Ó yíyè, yíyè, yíyè, yíyè, kòkò

Eu saúdo minha mãe Ìyámi Òṣòròngá
Ela que segue o rastro do sangue interno
Ela que segue o rastro do sangue do fígado e do coração
O sangue fresco que se recolhe na terra cobre-se de fungos
E ele sobrevive, sobrevive, sobrevive e torna a sobreviver
Grande pássaro - mãe ancestral

13.

Ìyálóòde, iyálóòde mo pe o
Ìyálóòde, iyálóòde mo pe o
Ìyá-eye, Ìyá-eye, Ìyá-eye,
Mo pe o

Senhora da sociedade feminina, eu te chamo...
Senhora da sociedade feminina, eu te chamo...
Mãe-pássaro, Mãe-pássaro, Mãe-pássaro,
Eu te chamo

CAPÍTULO 25

LENDAS

ÈSÉ ITÒN ODÙ ÌYÁMI ÒṢÒRÒNGÁ

Os textos aqui transcritos fazem parte da tradição oral de conhecimentos yorùbá sobre a natureza de Ìyàmì e suas Eleyé ("senhoras dos pássaros", as quais nada mais são do que as Àjé). Estes textos não são e nem nunca foram para serem utilizados literalmente como prática ritual. Sua utilidade está fundamentalmente na possibilidade de utilização como gatilho psicológico para o despertar desta energia em nós, o que chamamos em magia como técnica de iluminação e invocação. Interpretarmos estes textos de forma literal é um grande engano, pois como todo texto muito antigo, ele se baseia em metáforas que simbolizam a psique humana em sua complexa relação entre a mente consciente e o poder do inconsciente coletivo racial deste povo. Fatores especificamente culturais (e não realmente mágisticos) do povo yorùbá e sua relação com o poder feminino, permeiam estes textos, e na prática da magia muito pouco ou realmente de nada valem. Procurem lê-los nas entrelinhas do perfil psicológico, pois assim estarão acessando a invocação e posterior iluminação desta força, para que assim ela cumpra seu objetivo: O despertar da força dos grandes predadores e da mente ofidiana. Assim verdadeiramente, vocês "*receberão seus pássaros em cabaças de poder*", *e como nos diz estes textos... "poderemos enviá-los para qualquer lugar, para que façam qualquer trabalho que assim desejarmos".*

Odù n.º 25 Título: O pode de Ìyámí é empregado para o Bem e para o Mal

Ogbèsá sobe na árvore.
Ogbèsá sobe no teto.
Ifá é consultado para todas as Eleye, quando elas vieram do além à terra.
Quando elas chegam à terra, elas dizem que querem ter uma residência.
Elas dizem sete residências são os sete pilares da terra.
Elas dizem essas sete são os lugares onde elas farão suas residências.
Antes de tudo elas dizem que terão uma primeira residência.
Elas dizem, elas ficarão na árvore iwó que chamamos de orógbó.
Elas dizem, quando safrem do orógbó, elas dizem, elas ficarão na árvore arère.
Elas dizem, quando tiverem uma reunião no arère, elas dizem, elas irão na árvore osè.
Elas dizem, quando deixarem osè, elas dizem, elas irão na árvore ìrókò.
Elas dizem, quando elas deixarem o ìrókò, elas dizem, elas irão na árvore Iyá.
Elas dizem, quando elas deixarem Iyá, elas dizem, elas irão na árvore Àsùrìn.
Elas dizem, quando elas deixarem Àsùrìn, elas dizem, elas irão na árvore Òbòbò, que é o chefe das árvores dos campos.
Eles dizem, quando vós estais nas sete árvores, eles dizem, que trabalho fazeis em cada uma das árvores?
Dizei, se elas sobem na árvore Iwó, se elas pensam em alguém, dizei, pensais em sua felicidade, vós se subirdes no Iwó.

Dizei, ele ficará muito tempo na terra, ele será direito(justo) na terra.
Dizei, aquele em que pensareis (quando estiverdes) no Arère, todas as coisas que lhe agradarem, vós destruireis.
Dizei, se vós subirdes na árvore Osè, todas as coisas que agradarem a esta pessoa vós concedereis.
Dizei, se subirdes no Ìrókó, ali meditareis, sereis duro com alguém, provocarei acidentes com ele, o agarrareis com força.
Dizei, se subirdes na árvore Iyá, rapidamente levareis alguém ao além (vós o matareis).
Dizei, se subirdes na árvore Ásúrín, todas as coisas que quiserdes fazer, vós a fareis.
Se quiserdes trabalhar para a felicidade, trabalhareis para a felicidade.
Se quiserdes trabalhar para a infelicidade, trabalhareis para a infelicidade.
Para todo o trabalho que vos agradar fazer no Ásúrín, vós o realizareis.
Dizei, que se deixardes a árvore do Ásúrín, ficareis na árvore Òbòbò.
Dizei, que se lutardes com alguém, e se ele vier vos fazer súplicas, se estiverdes na árvore Òbòbò, vós o perdoareis.
Dizei, se o Òbòbò é o chefe das árvores dos campos.
Se ele é a última árvore onde vós realizais vossa reunião no mundo.
Dizei, a árvore Ásúrín.
Ela é vosso poderio.
Dizei, se subirdes Ásúrín, lá vós tendes poderio.
Tudo o que quiserdes fazer pôr alguém, e todo o bem que quiserdes fazer a alguém, dizei, se subirdes na árvore Ásúrín.
Dizei, é vossa árvore, vós não a deixareis.
Dizei, em todas as outras árvores, vós chegais, mas na árvore Ásúrín fazeis vossa casa principal.

Quando fazei vossa casa na árvore Ásúrín, quando chegais lá então aí cantais, como Òrúnmilà que criou esta canção.
"Todas as Eleye sobem na árvore Ásúrín" – repetir 3 vezes.
Assim cantastes.
Quando assim cantastes, se quiserdes deixá-la, se disserdes, ireis até o mar, assim ireis até o mar, se disserdes, ireis até a lagoa, assim ireis até a lagoa, rapidamente chegareis lá.
Se disserdes, ireis em toda a terra, mesmo se disserdes, ireis ao céu, rapidamente chegareis lá, quando ficardes na árvore Ásúrín.
A árvore Ásúrín é o lugar onde as Eleye obtêm o seu poderio.
Não é qualquer um que pode manter-se lá.

ÌRÉTÉ MEJI

Como Iyámi chega a terra em Òtà

Tiramos a água na frente.
Tiramos a água atrás.
Ifá é consultado por 201 pessoas, que do céu vieram para terra.
Ifá é consultado por 201 proprietários de pássaros,
Que do céu vieram para a terra.
Quando estas 201 pessoas chegam,
Eles Babalawòs são os que dizem para preparar uma cabaça para cada uma delas.
Foi em Òtà que elas chegaram pela primeira vez, elas nomeiam uma pessoa Ìyálóde em Òtà.
Aquela que receber um pássaro, leva sua cabaça para junto dela.
Ela diz que quer receber seu pássaro.
Ele está colocado dentro.
Quando ela colocou o pássaro dentro, a cabaça é coberta e

lhes é entregue.
Esta cabaça que lhes é entregue, elas tomam conta dela em sua casa.
Quando elas a arrumaram em sua casa, não é qualquer um que pode saber o lugar onde elas a puseram, a menos que seja alguém que tenha uma cabaça.
Talvez esteja no teto da casa.
Elas a podem colocar ao lado da parede.
Elas podem cavar o chão para a colocar ali.
Elas são as únicas a saber o lugar onde a cabaça está guardada,
Quando ela lhes é entregue.
Quando ela lhes são entregues, cada uma leva a sua, vai colocá-la no lugar que ela viu.
Quando elas querem enviar eleye em uma missão, elas abrem a cabaça,
Esta eleye voa para fora da cabaça,
Vai cumprir sua missão aonde for enviada,
Talvez em Lagos, talvez em Ibadan, talvez em Ilorin, talvez em Sapele, talvez em londres, talvez no país do Rei.
Todos os quatro cantos do mundo são os lugares para aonde elas a enviam.
Quando deste modo, elas abriram a cabaça.
Este pássaro voa e vai cumprir sua missão.
Se elas dizem que é para matar alguém, eles matam.
Se elas dizem que é para levar os intestinos de alguém, eles levam.
Quando eles querem levar os intestinos, ficam à espreita de alguém.
Quando elas estão espreitando para rasgar seu ventre,
A pessoa não sabe que elas querem levar seus intestinos.
Se ela estiver grávida, elas retiram a gravidez de seu ventre.

Eles vão executar o trabalho de que estão encarregados.
Quando terminarem este trabalho, voltam novamente para esta cabaça.
Elas tornam a cobri-la.
Quando elas a cobriram, cuidam de a colocar novamente em seu lugar.
Elas não lutam mais sozinhas, ao menos que queiram ir à sociedade delas.
No momento em que retorna, este pássaro assim fala com sua propietária, "o trabalho que me mandaste executar, eu o fiz".
Se esta pessoa possui um remédio contra Àjé, ela é capaz de dizer, "que aquela que vos enviou para me pegar, não me pegue", tento pegar, pegar, pegar, mas não sou capaz de pegar.
Se me enviardes para pegar alguém (que não possua este remédio) o pego.
Aquela que possui um pássaro vai então para o meio de sua sociedade, ela diz que enviou um mensageiro em missão, ela fez este trabalho contra ele, ela levou este trabalho para o meio de sua sociedade, porque ela não pode trabalhar sozinha.
Quando elas assim falaram, aquelas que ficam compartilham as coisas.
sangue da pessoa que ela mandou pegar, ela o leva para o meio de sua sociedade, porque ela não pode trabalhar sozinha.
Quando elas assim falaram, aquelas que ficam compartilham as coisas.
sangue da pessoa que ela mandou pegar, ela o leva para o meio da sociedade, todas as suas companheiras o querem tocar com suas bocas.
Quando elas tomaram juntas este sangue, elas se separam.
Quando elas se separam, chegou o dia seguinte, chegou a noite seguinte, elas enviam o pássaro.

Elas não deixam sua vítima dormir, este pássaro pode pegar um chicote, pode pegar um porrete, pode pegar uma faca, pode tornar-se uma alma do outro mundo, pode tornar-se um Òrìsà.
Para ir pôr medo naquele para o qual elas o enviaram.
Tal é a história destas eleye!
É assim que elas são !

Èsé Ìtòn Odù Èjìogbè Ìyónú

Odù n.º 22 Título: Como Òrúnmilàá acalma a cólera de Ìyámi.

O que a minha pessoa fizerdes, farei a ti, a árvore dos campos leva uma coroa na cabeça.
O algodão não é um fardo pesado (mas é compacto).
Ìfá é consultado para as pessoas que vieram à terra.
Ìfá é consultado para as eleye que vieram à terra.
Quando as eleye chegaram à terra, Òrúnmilà diz, elas são capazes de poupá-lo?
Elas dizem que quando chegaram à terra, quando vieram pela primeira vez à terra, beberam de sete águas .
A água de Ògbèrè na cidade de Owu foi a que beberam em primeiro lugar.
Beberam em seguida a água de Majomajo, rio de Apomu.
Beberam em seguida de Oléyò, água de Ibadan.
De Iyewa, elas beberam em Ikeru.
De Ògún, elas beberam em Ibara.
De Ìbo, elas beberam em Oyan.
De Osérére, elas beberam em Ikirun.

Das sete águas vós bebestes quando viestes a terra.
Quando bebestes destas águas ao viestes para terra,
Estais com os filhos dos homens, encontrais com os filhos dos homens, vós o poupareis?
Dizeis que não o poupareis.
Os filhos dos homens eorem para casa de Eégún.
À casa de Eégún, vão em primeiro lugar naquele dia.
Esses filhos dos homens vão correndo encontrar Eégún.
Eles dizem, tu Eégún, protege-nos, as filhas de Eleye dizem que não querem poupárnos.
Eégún diz que não é capaz de salvá-los.
Ele diz que não é capaz de proteger os filhos dos homens naquele dia.
Eles deixam esse lugar.
Vão a casa de Òrisà, vão a casa de Sàngò, vão a casa de Oyà, vão a casa de Obà, pedem que os protejam.
Todos eles dizem que não são capazes de apaziguar a cólera delas.
Quem irá salvá-los neste mundo?
Eles devem ir a casa de Òrúnmilà, quando chegam a casa de Òrúnmilà, dizem, Òrúnmilà, protege-nos.
Eles dizem, as filhas de Eleye não nos querem poupar.
Eles dizem, elas nos matarão.
Eles dizem protege-nos, que elas sejam capazes de poupar-nos, que elas não sejam capazes de matar-nos e comer-nos.
Òrúnmilà diz que com eles farão um pacto, mediante juramento, naquele dia.
Ele diz, somente se alguém o preparar (como Òrúmmilà fez outrora), eles serão poupados.
Èsú vem dizer veementemente a Òrúnmilà.
Èsú diz que prepare um prato de barro,
Que ele prepare um ovo de galinha,
Que ele prepare mel,

Que ele prepare uma pena de papagaio,
Que ele prepare folhas de Ojúsàjú,
Que ele prepare folhas de Òyóyó,
Que ele prepare folhas de Àánú,
Que ele prepare folhas de Agogo Ògún.
Òrúnmilà fez a oferenda do lado de fora.
Quando òrúnmilà fez a oferenda.
Èsú é isto, é amigo de Òrúnmilà!
Assim como ele teve um encontro com as Àjé na terra, assim as encontrou no além.
No dia em que elas beberam destas sete águas, antes de tudo,
No dia em que elas começaram a beber, foi na presença de Èsú.
No dia em que elas fizeram a reunião, foi na presença de Èsú.
Elas decidiram no momento em que chegaram.
Disseram, aquele que decifrar o enigma que elas apresentassem, disseram, aquele que decifrar o enigma, elas o poupariam.
Disseram, aquele que queria ser poupado, se não soubesse o enigma, elas não o poupariam.
Òrúnmilà não conhece este enigma.
Mas quando Òrúnmilà dá comida a Èsú, seu ventre se adoça, ele fica contente!
Èsú anda sem fazer barulho (sem que as pessoas o ouçam).
Ele fala a Òrúnmilà
Ele diz que Òrúnmilà tenha bucha de algodão na mão,
Que ele tenha um ovo de galinha na mão.
As filhas de Eleye dizem com insistência: "elas não estão contentes com os filhos dos homens naquele dia".
Elas dizem: "todo caminho pelo qual Òrúnmilà andou, elas dizem que não é bom".
Elas dizem que não contentes com pessoa alguma.
Elas vão persistindo neste assunto até chegar a casa de Ògbé

Yónú.
Quando chegam a casa, as filhas de Eleye declaram seu caso, os filhos dos homens declaram seu caso.
Os filhos dos homens são julgados culpados.
Quando os filhos dos homens são considerados culpados (a despeito) da oferenda que Òrúnmilà fez na terra, Òrúnmilà é considerado culpado.
A oferenda, que Òrúnmilà fez na terra, diz que elas estão contentes com ele.
Èsú diz, deverieis saber o tipo de indicação dada.
Ele diz, o sacrifício que, desta forma, Òrúnmilà trouxe para fora, ele diz, examinai-o.
Quando elas o examinam, elas pegam as folhas de Òyóyó.
Ah! Elas dizem, Òrúnmilà diz que elas estão contentes com ele.
Òyóyó é quem diz que vós estais contentes comigo, que não deveis lutar comigo.
Elas (as Eleye) dizem, quando Òrúnmilà tinha a folha de Òyóọo, ele dizia que elas estavam contentes com ele, (e) que elas estavam também contentes com todos os filhos dos homens.
Elas em seguida vêem a folha de Ojúsàjú.
Èsú diz, compreendeis aquilo que ela vos disse ?
Ele diz que vós, com toda bondade, o respeiteis, que ele verá a bondade.
Elas dizem que folha é esta ?
Dizem, qual é a terceira folha?
Ele diz que é a folha Àánú.
Ele diz, vós todas tereis piedade (sàánú).
Elas dizem que terão piedade de Òrúnmilà.
Elas dizem, o que significa a folha de agogo ògún?
Ele diz, vós sabeis.

Ele diz que na casa, nos campos e detrás do muro da cidade, que em todo lugar aonde lhe agrada ir, vós deixareis o que seja bom, que tudo aquilo que ele tiver na mão, vós deixareis o que seja bom, elas dizem que ele peça com agogo ògún.
Elas dizem, por que este mel?
Elas dizem, como é que ele conhece a coisa com a qual prestamos juramento?
Ele diz, Òrúnmilà é capaz de saber de todas as coisas.
Elas dizem, por que este Efun? e este Osùn ?
Ele diz, efun diz que vós lhe deis a felicidade.
Ele diz, Osún diz que vós chegueis com felicidade.
Elas dizem, por que a pena de papagaio Odidé ?
Hein! Ele diz, quando vós, Eleye, chegardes ao além,ele diz, a pena com a qual fizestes o sacrifício, vós a colocarei na cabeça, ele diz, esta pena que vós utilizais traz com ela a felicidade, em todos os lugares por onde ela vai.
Quando chegou o tempo, quando Òrúnmilà cessou de falar, as Eleye duzem, tu Òrúnmilà, dizem elas, como então acabaste de falar.
Elas dizem, deixe que elas também falem por elas.
As filhas de Eleye vêm dizer, elas dizem Òrúnmilà, elas dizem, quem deverá ser capaz de resolver o enigma que elas irão apresentar.
Elas dizem que ele deverá ser capaz de resolver o enigma que elas vão perguntar.
Elas dizem, sua casa será boa, seu caminho será bom, seus filhos não irão morrer, ele também não irá morrer, todos os lugares para onde ele estender a mão serão bons.
Mas se ele não conhecer este enigma, elas não aceitariam suas súplicas, elas ficariam encolerizadas com ele todo o tempo.
Mas se ele for capaz de dar a resposta, acabou.

Òrúnmilà diz que assim está bem, ele diz que elas apresentem o enigma.
"Elas dizem jogar, Òrúnmilà diz pensar" - 7 vezes.
Na sétima vez, elas exigem de Òrúnmilà a resposta.
Elas dizem, Òrúnmilà, dizem, quando ele diz pegar, dizem elas, o que elas lhe enviam para se pegar?
Ah! Diz ele, vós enviais um ovo de galinha,
Dizem elas, de que dispõem para pegar o ovo?
Òrúnmilà diz que dispõe de bucha de algodão.
Elas dizem a Òrúnmilà que jogue este ovo de galinha para o ar.
Elas dizem que ele o pegue sete vezes.
Quando Òrúnmilà pegou sete vezes, elas dizem assim está bem.
Elas dizem que eles estão perdoados.
Elas dizem, vós, todos os filhos dos homens e tu Òrúnmilà, elas dizem, dançai, elas dizem,cantai.
ganhastes pessoas.
As filhas de Eleyé vieram dizer-vos, ganhastes pessoas.
Foi a água Ogbèrè em Owu que bebestes em primeiro lugar, ganhastes pessoas . As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
Bebestes em seguida a água de Majomajo em Apoinu, ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
Em seguida bebestes a água de Òléyò em Ibadan, ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
De água de Iyewa bebestes em Ketu, ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
Da água de Ògún bebestes em Ibara, ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
Da água de Ibo bebestes em Oyan, ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.

Da água de Osérére bebestes em Ikirun, ganhastes pessoas.
As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
A folha de Ojúsàjú diz que vós a respeiteis, ganhastes pessoas.
As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
A folha de Òyòyó dizem que vós estais contentes, vós ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
A folha de Àánú diz que tereis piedade, vós ganhastes pessoas.
As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
A folha de agogo ògún diz que me enviais a felicidade, vós ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
Se não lambermos o mel ficaremos com ar triste, vós ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, vós ganhastes pessoas.
Quando Òrúnmilà terminou seu canto,
Òrúnmilà dança, Òrúnmilà dança.
Ele vem com um agogo na mão.
Eles vêm bater o agogo.
Òrúnmilà dança bem, quando Òrúnmilà acabou de dançar, elas dizem, Òrúnmilà, elas dizem, isto está bem.
Elas dizem, se ele deve ir à casa, ou ir ao campo, ir para fora, todos os caminhos onde ele puser a mão (por onde passar) serão agradáveis.
Elas dizem, se ele deve construir uma casa, elas dizem, se ele quiser desposar uma mulher, elas dizem, se ele quiser dinheiro, elas dizem, se ele quiser permanecer muito tempo no mundo, elas dizem, se ele desejar que elas o protejam, elas dizem, se Òrúnmilà cantasse esse tipo de canção, elas dizem que aceitarão, elas dizem que ficarão contentes com esta pessoa, elas dizem, que tudo aquilo que Òrúnmilà quiser pedir-lhes, elas dizem, que no lugar onde agradar a Òrúnmilà permanecer, quer seja nos sete céus de cima, se ele cantar esta espécie de

canção, elas responderão.
Então elas farão a coisa que ele pede para a felicidade.
Elas dizem que se ele permanecer nos quatro cantos do mundo,
Se ele permanecer na casa de Olókun (o mar)
Se ele permanecer ao lado do mar, se ele permanecer ao lado de duas lagoas, se ele permanecer em Iwanran no lugar onde o dia nasce, se ele cantou isto, se ele deu nomes às águas que elas beberam, elas dizem que perdoarão.
Elas dizem que está bem.
Elas dizem, o dinheiro que Òrúnmilà não tem, Òrúnmilà o terá.
Elas dizem, a mulher que Òrúnmilà não tem, Òrúnmilà a terá.
Elas dizem, a mulher que não deu a luz, a mulher de Òrúnmilà ficará grávida, ela dará a luz.
Elas dizem, a casa que Òrúnmilà não construiu, Òrúnmilà a construirá.
Elas dizem, todas as coisas boas que Òrúnmilà não viu, elas dizem que Òrúnmilà ficará velho.
Elas dizem que Òrúnmilà ficará muito tempo no mundo, ele se tornará um ancião.
Òrúnmilà diz a todos os seus filhos do alto e do baixo,
Ele diz que precisam conhecer esta canção, que precisam conhecer esta história, para que sejam capazes de contá-la.
Toda pessoa a quem esta história for contada,
As Eleye jamais ousarão combatê-la.

Èsé Ìtán Odù Òsé Òyèkú

Odù n.º 228 Título: Igbádù

Aquele que ofende padece a morte do faltoso,
Olá, Òsèyèkú.
Ifá é consultado para Odù,
Que diz que ela se sente como seu apèrè,
Eles dizem, faz uma oferenda.
Ela diz, por que deverá fazer uma oferenda?
Eles dizem, por causa de teus filhos, tu farás uma oferenda.
Eles dizem que Odù deve oferecer dez ovos de galinha.
Eles dizem que ela prepare dez caracóis.
Eles dizem que ela prepare dois mil búzios.
Odù faz a oferenda.
Quando Odù fez a oferenda,
Ifá é consultado para ela, Odù que se senta com seu apèrè.
Eles dizem, tu Odù,
Eles dizem, ela ficará idosa, ela se tornará uma velha.
Eles dizem, será dito que sua cabeça ficará toda branca,
Que ela se tornará muito velha.
Eles dizem, que ela vai permanecer no mundo,
Que ela não vai morrer rapidamente,
Tu Odù.
Quando Odù não morre rapidamente,
Odù goza de boa saúde.
Quando o tempo passa, Odù torna-se muito idosa.
Eles devem pedir a palavra a Odù.
Até quando irá sua velhice.
Odù nada mais sabe.
Talvez ela tenha ouvido a palavra que eles disseram?

espírito dos pássaros).

Agogô.

Principais animais oferecidos a Ìyàmì e as Àjẹ́ e seus significados:

1) Leitoa (Ẹlẹ́dẹ̀):
2) Gansa:
3) Ìgbín (caracol):
4) Ovelha (Àgúntàn):
5) Gata (Abo Ológbò):
6) Jacaré (Àlégbà):
7) Loba (Abo Ìkookò):
8) Macaca (Abo Ọ̀bọ):
9) Morcego (Àdán):
10) Pata (Abo Pẹ́pẹ́yẹ):
11) Peixe (Ẹja):
12) Serpente (Ejò):
13) Tartaruga (Ìjàpá):
14) Vaca (Abo Màlúú):
15) Abelha (Kòkòrò oyin):
16) Barata (Aáyán):
17) Cabra (Ewúré):
18) Cadela (Abo Ajá):
19) Coelha (Abo Ehoro):
20) Franga (Abo Adiyẹ):

Ao todo temos dezesseis grandes árvores e cada uma delas relaciona-se mais diretamente a cada um dos dezesseis odùs básicos de Ifá, assim como para cada uma das vinte folhas citadas acima, estão cada uma delas diretamente ligadas ao sacrifício ritual de cada um dos animais e insetos citados. A saber:

Folha 1 – Guiné – relacionada ao sacrifício ritual da leitoa, a finalidade deste ritual é: Boa sorte e prosperidade.

Folha 2 - Orelha de macaco – relacionada ao sacrifício ritual da Gansa, a finalidade deste ritual é: Proteção por parte das forças ancestrais e dar combate aos inimigos astrais (eguns negativos).

Folha 3 – Maravilha – relacionada ao sacrifício ritual do Ígbín (caracol), a finalidade deste ritual é: Acalmar, apaziguar, transformar todas as energias perigosas e agressivas, em forças amigas e colaboradoras para você. É importamte saber que a carne dos caracóis devem ser preparadas em òrí (limo-da-costa) e sementes de abóbora e que devem ser oferecidas em dois recipientes; um com dendê e mel para Ìyàmì e o outro, com efun e limo-da-costa (Òrí) para Obatala.

Folha 4 – Crista de Galo – relacionada ao sacrifício ritual da Ovelha, a finalidade deste ritual é: Trazer fertilidade e abundância em todas as situações. É importante saber que a carne das costas da ovelha é sempre oferecida ao orixá Orúnmilà, como uma combinação de axés positivos à sua finalidade.

Folha 5 – Òri – relacionada ao sacrifício ritual da gata, a finalidade deste ritual é: Abrir "as portas" entre o mundo dos vivos e dos mortos. As gatas são animais dêsde o antigo Egito, consideradas sagradas, e sua força espiritual e energética é imensa. Este ritual também serve para quebrar a proteção espiritual de uma pessoa contra grandes forças negativas, principalmente contra os seres da árvore Àrére (seres de Destruição), facilitando assim o alcance do objetivo destrutivo.

Folha 6 – Juta – relacionada à utilização do couro do jacaré (e não ao seu sacrifício ritual). A combinação de um pedaço do couro de jacaré com a juta, produz um poderoso amuleto, que pode controlar com absoluta exatidão todos os Bàbá Eegúngún (espíritos ancestrais masculinos do culto afro) e pode ser direcionado para toda e qualquer finalidade.

Folha 7 – Cabaceira – relacionada aos ritos de Ìyàmì e Gèlèdè (mais uma vez, não é necessariamente um sacrifício, mas sim, a utilização dos pêlos da loba conjuntamente à folha), sua finalidade ritual é: A canalização de um poder supremo por sobre todas as forças da noite, sejam positivas ou negativas. Normalmente são os Osó que se utilizam deste artifício. Esta magia também controla e desta forma, pode curar ou causar a licantropia (a doença do "lobisomem").

Folha 8 – Erva Andorinha – relacionada ao sacrifício da macaca (ou do macaco), a finalidade deste ritual é: Manipular Eegúngún ou uma Àjé, para fazê-lo/a tornar-se real fisicamente, e assim realizar os seus desejos.

Folha 9 – Amoreira – relacionada ao sacrifício ritual do morcego, a finalidade deste ritual é: Acordar Obayifo (que nada mais é, do que o nome africano para o que entendemos como Vampiro).

Folha 10 – Alfavaca – relacionada ao sacrifício ritual da Pata, a finalidade deste ritual é: atrair Prosperidade e Riqueza.

Folha 11 – Cardo – relacionada ao sacrifício ritual do Peixe (principalmente durante o Eborí, no qual Ìyàmì é convidada a participar para neutralizar todo o mal do destino de alguém). A finalidade deste ritual é: canalizar a Cura e fortalecer a Saúde (física, emocional, mental e espiritual).

Folha 12 – Erva de São João – ligada ao sacrifício ritual da serpente, a finalidade deste ritual é: materializar a força de uma ou várias Àjé em um assentamento ou por sobre um objetivo.

Folha 13 – Capiçoba – ligada ao sacrifício ritual da tartaruga ou do cágado, a finalidade deste ritual é: afastar a morte, trazendo longevidade e prosperidade.

Folha 14 – Dama da noite – ligada ao sacrifício, ou a utilização de pêlos ou outros materiais da vaca (leite, rabo, chifre, etc), a finalidade deste ritual é: engravidar, trazer um amor , facilitar casamentos, ou fazer uma mulher despertar desejo sexual em um homem.

Folha 15 – Trombeta – ligada a utilização de abelhas mortas em feitiços, a finalidade deste ritual é: causar

loucura ou forte perturbação mental em uma pessoa.

Folha 16 – Velame do campo – ligada a utilização ritual do inseto barata, sua finalidade é: arrasar, de forma praticamente irremediável, a vida financeira de alguém.

Folha 17 – Orquídea (principalmente suas raízes) – ligada ao sacrifício ritual da cabra, sua finalidade é: trazer fertilidade, prosperidade, riqueza e harmonia em tudo o que se desejar.

Folha 18 – Salsa da praia – ligada ao sacrifício ritual da cadela-do-mato, sua finalidade é: trazer vitória e violenta derrota por todos seus inimigos.

Folha 19 – Cactus em palma – ligada ao sacrifício ritual da coelha, sua finalidade é despertar o poder mais positivo das Gèlèdé, em toda e qualquer situação. Também sé liga a fertilidade e prosperidade, entre tantas outras coisas boas.

Folha 20 – Folha da Cana de açúcar – ligada ao sacrifício da franga caipira, a finalidade deste ritual é: Trazer um poderoso Axé ligado a idéia de fertilidade e abundância, sobre tudo o que você desejar.

Textos para evocação de Àjé, Gèlèdé e Ìyàmì:

(estes textos podem tanto ser recitados como cantados)

Àpáárá li omọ ọkunrin
(... o trovão é o filho do homem...)

o gbe èru kò ṣe ayo
(...aquele que tem medo, não pode tornar-se uma pessoa importante...)

Ditados Yorùbá

1.

A gbọ ni ṣe ọba má kaṣẹ
ti binu baje gada je
olimọ
a de odo má pọn
o gbe yara e jará mani
Àjé a gbá orí aguntan ma igi
Àjé iku li odò a pá bi elẹtẹ
Àjé onibode iju

Aquela que diante do rei, espera altivamente sentada
Aquela que quando insatisfeita, destrói as pontes
Dona das folhas de palmeira
Ela vai ao rio e não tira água
Quando ela está em seu aposento descontente com alguém
Feiticeira é aquela que bate com a cabeça de um carneiro na árvore

A feiticeira mata no rio, ela mata como um leproso
A feiticeira é a guardiã da floresta

2.

Àjẹ́ jaju mà ẹni ki Oto pá ẹni jẹ
O run wara bi iná jó oko
Ya igba ya ọgba
Bọrọ a na ka ihu
O ki ibọn ija fiti
O gbe ija ọmọ di oru di oru
O bọ okan ki jà ọmọ logun

A bruxa assusta as pessoas antes de matá-las e comê-las
Ela extermina rapidamente, assim como o fogo queima o campo
Ela estraçalha a cabaça, ela arrebenta a cerca
Ela se espalha longamente por sobre a região
Ela carrega a espingarda e a depõe, pronta para a batalha
Ela apóia o filho na batalha até a noite
Ela apóia o filho que combate na guerra

3.

Igbọ biri okuku biri
Okuku gba ẹni mi tigbotigbo
Ìyámi Òṣòròngá
Iwo li o ni igbo ataare
Ìyá mi eyẹ pupa
Alakọ odi ọwọ
O gba ọsẹ gba ọla
Obinrin gba ọna ọkunrin nsa

O gba ọna eburu wọ ile ọlẹ ọlẹ as
Alabẹ ti mo nsa si
Alajẹ ti mo nsa si
Alagbala àjẹ nye si
Ìyá mi o wa yanrin wa yanrin
O lọwọ gbọgbọrọ ti yọ ọmọ rẹ li ọfin
Alabẹ ti mo nsa si
Alajẹ ti mo nsa si
Ìyá mi jẹ dandan oloran

Floresta tenebrosa, escuridão tenebrosa
A escuridão apodera-se de uma pessoa e a engole com a floresta
Ìyámi Òṣòròngá
A floresta de pimenta pertence a você
Minha mãe é um pássaro vermelho
É a senhora que recusa a falta de respeito
Ela se apropria do feriado, ela se apropria da riqueza
Se esta mulher está no caminho o homem foge
Ela entra na casa do preguiçoso e ele foge
Dona da faca, refugio-me junto a ti
Dona do sangue, refugio-me junto a ti
Dona do pátio interno aonde a bruxa põem seus ovos
Minha mãe que cavouca a terra
Com suas compridas mãos ela tira seu filho da armadilha
Dona da faca, refugio-me junto a ti
Dona do sangue, refugio-me junto a ti
Minha mãe que aceita as palavras do queixoso

4.

Ìyá Abìrùsọ ro
Àjẹ́ alágbara dide ki ọ wá jo agbe
Ọrọ ìyá wá mi li ẹnu wara
Dide ki ọ wá jó dide Elejò
Ayaba a gẹgun sọrọ
A ti ilẹkun ba ikú jà
Ìyá Abìrùsọ ro gudu gudu li ọkun a bi Olọkun
A bí Èsù já gege meji ti ọgbọn
O sa ojú Oduduwa poki
Àjẹ́ alágbara dide ki ọ wá jo agbe
Dide ki ọ wá jó dide Elejò

Ìyá Abìrùsọ ro
Poderosa bruxa que se levanta e vem dançar ao som das cabaças
Que as palavras para saudar minha mãe venham correndo para minha boca
Levante-se e venha dançar Senhora das serpentes
Rainha que sobe para falar do alto
Ela que fecha a porta e luta contra o òrìsà da morte
Ìyá Abìrùsọ ro que briga no mar com Olọkun sem sentir-se culpada
Ela que briga com Èsù, tão hábil quanto ela
Ela que fere profundamente o olho de Oduduwa
Poderosa bruxa que se levanta e vem dançar ao som das cabaças
Levante-se e venha dançar Senhora das serpentes

5.

Ago ile ago ọna kẹ wa ṣe oro
O jẹ dandan oloran

Ìyá Olóòrọ afin li aya bi akala
A mu erin bọ orí
Eyẹ tóbi fi ojú ta iná

Ago ile ago ọna kẹ wa ṣe oro
O jẹ dandan oloran

Atenção na casa, atenção no caminho, venham fazer o ritual
Ela aceita as palavras do queixoso

A mãe de òrọ é tatuada no peito como um abutre
Ela que se serve de um elefante para fazer culto à sua cabeça
O grande pássaro com olhos de fogo
Atenção na casa, atenção no caminho, venham fazer o ritual
Ela aceita as palavras do queixoso

6.

Àjẹ́ òkúta inọn um omi nsúfèé
O fi orí ejò fun súfèé
Ipẹn obirin a jô ẹni ma re
Obirin pala fi isan i ọjọ́ ọmọ rẹ nja
Nijọ́ iná ba f'ojú b'ètù
Kánkán l'àjẹ́ iná jóòtá
Nijọ́ iná ba f'ojú b'ètù
Àjẹ́ òkúta inọn um omi nsúfèé

A bruxa da pedra de fogo bebe água assobiando
Com a cabeça de uma serpente ela assobia
A mulher poderosa que queima as pessoas
É uma mulher descontente no dia em que seu filho briga
No dia em que o fogo põe os olhos na pólvora
A bruxa do fogo queima o inimigo na hora
No dia em que o fogo põe os olhos na pólvora
A bruxa da pedra de fogo bebe água assobiando

7.

Àjẹ́ npa èjè isan gbururu
Àjẹ́ ba fi ojú kàn èjè a gbe mu

Se a bruxa mata, o sangue escorre
Se a bruxa vê sangue, ela o bebe

8.

Obirin elewu npa àwọn elédè
Obirin elewu npa àwọn eja
Obirin elewu npa ewébè
Obirin elewu npa eran òsìn
Obirin elewu npa àwọn omodé

Mulher perigosa que mata os porcos
Mulher perigosa que mata os peixes
Mulher perigosa que mata a vegetação
Mulher perigosa que mata o gado
Mulher perigosa que mata crianças

9.

Ìyá eleye ogírí ayaba Owu
Ìyá eleye ogírí ayaba Aponnu
Ìyá eleye ogírí ayaba Ibadan
Ìyá eleye ogírí ayaba Iketu
Ìyá eleye ogírí ayaba Ibara
Ìyá eleye ogírí ayaba Oyan
Ìyá eleye ogírí ayaba Ikirun
Àse wàá ní t'eleye

Mãe senhora dos pássaros, poderosa rainha de owu
Mãe senhora dos pássaros, poderosa rainha de aponnu
Mãe senhora dos pássaros, poderosa rainha de ibadan
Mãe senhora dos pássaros, poderosa rainha de iketu
Mãe senhora dos pássaros, poderosa rainha de ibara
Mãe senhora dos pássaros, poderosa rainha de oyan
Mãe senhora dos pássaros, poderosa rainha de ikirun
A força que imediatamente prevalece pertence à dona dos pássaros

10.

Òsọ o li òrun àwọn ohun ìjà
Àjẹ́ o li ayé àwọn ohun ìjà
Òsọ o li inú àwọn ohun ìjà
Àjẹ́ o li omi àwọn ohun ìjà
Òsọ o li oògùn àwọn ohun ìjà
Àjẹ́ o li oògùn àwọn ohun ìjà
Àse kànkán ni ti oògùn

O bruxo recebe suas armas do céu
A bruxa recebe suas armas da terra
O bruxo recebe suas armas do fogo
A bruxa recebe suas armas da água
O bruxo recebe suas armas através da magia
A bruxa recebe suas armas através da magia
Dentre todos, o maior poder é o da magia

11.

Ìbá akodá to da tie lori ewé
(Akodá é o nosso primeiro ser criado, e foi criado sobre a folha)
Ibá asedá ti te tie nile pepe
(Asedá, aquele que criou o primeiro ser humano. Lembrança sua sobre a terra).
Ibá iyàmi òsòròngá
(Minhas mães, todo poderosas, acima de tudo os meus respeitos).
Apani ma há gun
(As que controlam, sendo plenamente , todas as forças terrestres)
Awon ni oloko ki oru atori japa! atedo jokan
(Que tudo seja a meu favor. da cabeça aos braços; do fígado ao coração; da bílis ao ânus).
Atidi joronro eye ake ganan ran
(Pássaros, imensos pássaros da sabedoria)
Agbo keke lori iroko maye
(Iroko, grande árvore que está acima de todas cabeças)
Arohoho ile se iro eye abapaye
(Terra que testemunha todos os acontecimentos e que de tudo sabe)

Elese iro eyé a bide lenu wako wako
(Wako wako, grande pássaro com bico de bronze)
Awon ni igun ti gun omo eja ninu omi
(Preciso ao pegar os filhotes de peixe na água)
Awon ni oyanyan ganga ti gun omo akan lodo
(Pássaro consciente que pode alcançar, e alcança, o caranguejo no fundo do rio)
Emi mo orunkoo yin ema pami ema pa awon omo o mi.

(Não me mate, e nem aos meus filhotes)
Mojubá okunrin. mojubá obinrin.
(Sua benção macho universal. sua benção fêmea universal).
Ibá lowo ogunso legelege ti o dori kodo tiko já
(Sua benção, aquela que inverte o homem internamente e nem assim ele morre)
Ibá lowo ihu gbedu ti o dori kole
(Saudações ao ritmo da morte, e que minha cabeça não o ouça)
Ti o wami loju gburugbu
(Este som não tremerá de pavor minha visão)
Mojubá odundun ti i dun bi i eegun
(Me abençoe o antepassado na sua paz que me faz vivo)
Mojubá ololo ti lohun oro
(Me abençoe o poder que tritura o grão e toca o tambor. que eu não esteja ao meio de seu atrito).
Ibá lowo ona omo osororoo jiro
(Respeitosamente reverencio o espaço além no universo de meu caminho).
Ibá lowo ayee !
(Saudações ao que existe intensamente da terra ao sol , e que me reconheçam. que tudo seja aceito; sem desvio e que me abençoem).

12.

Mo júbà ènyin Ìyámi Òsòròngá
O tònón èjè enun
O tòokòn èjè èdò
Èjè ó yè ní kálè o
Èjè ó yè ní kálè o
Ó yíyè, yíyè, yíyè, yíyè, kòkò
Ó yíyè, yíyè, yíyè, yíyè, kòkò

Eu saúdo minha mãe Ìyámi Òsòròngá
Ela que segue o rastro do sangue interno
Ela que segue o rastro do sangue do fígado e do coração
O sangue fresco que se recolhe na terra cobre-se de fungos
E ele sobrevive, sobrevive, sobrevive e torna a sobreviver
Grande pássaro - mãe ancestral

13.

Ìyálóòde, ìyálóòde mo pe o
Ìyálóòde, ìyálóòde mo pe o
Ìyá-eye, Ìyá-eye, Ìyá-eye,
Mo pe o

Senhora da sociedade feminina, eu te chamo...
Senhora da sociedade feminina, eu te chamo...
Mãe-pássaro, Mãe-pássaro, Mãe-pássaro,
Eu te chamo

CAPÍTULO 25

LENDAS

ÈSÉ ITÒN ODÙ ÌYÁMI ÒṢÒRÒNGÁ

Os textos aqui transcritos fazem parte da tradição oral de conhecimentos yorùbá sobre a natureza de Ìyàmi e suas Eleyé ("senhoras dos pássaros", as quais nada mais são do que as Àjé). Estes textos não são e nem nunca foram para serem utilizados literalmente como prática ritual. Sua utilidade está fundamentalmente na possibilidade de utilização como gatilho psicológico para o despertar desta energia em nós, o que chamamos em magia como técnica de iluminação e invocação. Interpretarmos estes textos de forma literal é um grande engano, pois como todo texto muito antigo, ele se baseia em metáforas que simbolizam a psique humana em sua complexa relação entre a mente consciente e o poder do inconsciente coletivo racial deste povo. Fatores especificamente culturais (e não realmente magísticos) do povo yorùbá e sua relação com o poder feminino, permeiam estes textos, e na prática da magia muito pouco ou realmente de nada valem. Procurem lê-los nas entrelinhas do perfil psicológico, pois assim estarão acessando a invocação e posterior iluminação desta força, para que assim ela cumpra seu objetivo: O despertar da força dos grandes predadores e da mente ofidiana. Assim verdadeiramente, vocês "*receberão seus pássaros em cabaças de poder*", e como nos diz estes textos... "*poderemos enviá-los para qualquer lugar, para que façam qualquer trabalho que assim desejarmos*".

Odù n.° 25 Título: O pode de Ìyámi é empregado para o Bem e para o Mal

Ogbèsá sobe na árvore.
Ogbèsá sobe no teto.
Ìfá é consultado para todas as Eleye, quando elas vieram do além à terra.
Quando elas chegam à terra, elas dizem que querem ter uma residência.
Elas dizem sete residências são os sete pilares da terra.
Elas dizem essas sete são os lugares onde elas farão suas residências.
Antes de tudo elas dizem que terão uma primeira residência.
Elas dizem, elas ficarão na árvore Iwó que chamamos de orógbó.
Elas dizem, quando saírem do orógbó, elas dizem, elas ficarão na árvore arère.
Elas dizem, quando tiverem uma reunião no arère, elas dizem, elas irão na árvore osè.
Elas dizem, quando deixarem osè, elas dizem, elas irão na árvore Ìrókò.
Elas dizem, quando elas deixarem o Ìrókò, elas dizem, elas irão na árvore Iyá.
Elas dizem, quando elas deixarem Iyá, elas dizem, elas irão na árvore Àsùrìn.
Elas dizem, quando elas deixarem Àsùrìn, elas dizem, elas irão na árvore Òbòbò, que é o chefe das árvores dos campos.
Eles dizem, quando vós estais nas sete árvores, eles dizem, que trabalho fazeis em cada uma das árvores?
Dizei, se elas sobem na árvore Iwó, se elas pensam em alguém, dizei, pensais em sua felicidade, vós se subirdes no Iwó.

Dizei, ele ficará muito tempo na terra, ele será direito(justo) na terra.
Dizei, aquele em que pensareis (quando estiverdes) no Arère, todas as coisas que lhe agradarem, vós destruireis.
Dizei, se vós subirdes na árvore Osè, todas as coisas que agradarem a esta pessoa vós concedereis.
Dizei, se subirdes no Ìrókó, ali meditareis, sereis duro com alguém, provocarei acidentes com ele, o agarrareis com força.
Dizei, se subirdes na árvore Iyá, rapidamente levareis alguém ao além (vós o matareis).
Dizei, se subirdes na árvore Ásúrín, todas as coisas que quiserdes fazer, vós a fareis.
Se quiserdes trabalhar para a felicidade, trabalhareis para a felicidade.
Se quiserdes trabalhar para a infelicidade, trabalhareis para a infelicidade.
Para todo o trabalho que vos agradar fazer no Ásúrín, vós o realizareis.
Dizei, que se deixardes a árvore do Ásúrín, ficareis na árvore Òbòbò.
Dizei, que se lutardes com alguém, e se ele vier vos fazer súplicas, se estiverdes na árvore Òbòbò, vós o perdoareis.
Dizei, se o Òbòbò é o chefe das árvores dos campos.
Se ele é a última árvore onde vós realizais vossa reunião no mundo.
Dizei, a árvore Ásúrín.
Ela é vosso poderio.
Dizei, se subirdes Ásúrín, lá vós tendes poderio.
Tudo o que quiserdes fazer pôr alguém, e todo o bem que quiserdes fazer a alguém, dizei, se subirdes na árvore Ásúrín.
Dizei, é vossa árvore, vós não a deixareis.
Dizei, em todas as outras árvores, vós chegais, mas na árvore Ásúrín fazeis vossa casa principal.

Quando fazei vossa casa na árvore Ásúrín, quando chegais lá então aí cantais, como Òrúnmilà que criou esta canção.
"Todas as Eleye sobem na árvore Ásúrín" – repetir 3 vezes.
Assim cantastes.
Quando assim cantastes, se quiserdes deixá-la, se disserdes, ireis até o mar, assim ireis até o mar, se disserdes, ireis até a lagoa, assim ireis até a lagoa, rapidamente chegareis lá.
Se disserdes, ireis em toda a terra, mesmo se disserdes, ireis ao céu, rapidamente chegareis lá, quando ficardes na árvore Ásúrín.
A árvore Ásúrín é o lugar onde as Eleye obtêm o seu poderio.
Não é qualquer um que pode manter-se lá.

ÌRÉTÉ MEJI

Como Iyàmi chega a terra em Òtà

Tiramos a água na frente,
Tiramos a água atrás.
Ifá é consultado por 201 pessoas, que do céu vieram para terra.
Ifá é consultado por 201 proprietários de pássaros,
Que do céu vieram para a terra.
Quando estas 201 pessoas chegam,
Eles Bàbalawòs são os que dizem para preparar uma cabaça para cada uma delas.
Foi em Òtà que elas chegaram pela primeira vez, elas nomeiam uma pessoa Ìyálóde em Òtà.
Aquela que receber um pássaro, leva sua cabaça para junto dela.
Ela diz que quer receber seu pássaro.
Ele está colocado dentro.
Quando ela colocou o pássaro dentro, a cabaça é coberta e

lhes é entregue.
Esta cabaça que lhes é entregue, elas tomam conta dela em sua casa.
Quando elas a arrumaram em sua casa, não é qualquer um que pode saber o lugar onde elas a puseram, a menos que seja alguém que tenha uma cabaça.
Talvez esteja no teto da casa.
Elas a podem colocar ao lado da parede.
Elas podem cavar o chão para a colocar ali.
Elas são as únicas a saber o lugar onde a cabaça está guardada,
Quando ela lhes é entregue.
Quando ela lhes são entregues, cada uma leva a sua, vai colocá-la no lugar que ela viu.
Quando elas querem enviar eleye em uma missão, elas abrem a cabaça,
Esta eleye voa para fora da cabaça,
Vai cumprir sua missão aonde for enviada,
Talvez em Lagos, talvez em Ibadan, talvez em Ilorin, talvez em Sapele, talvez em londres, talvez no
país do Rei.
Todos os quatro cantos do mundo são os lugares para aonde elas a enviam.
Quando deste modo, elas abriram a cabaça.
Este pássaro voa e vai cumprir sua missão.
Se elas dizem que é para matar alguém, eles matam.
Se elas dizem que é para levar os intestinos de alguém, eles levam.
Quando eles querem levar os intestinos, ficam à espreita de alguém.
Quando elas estão espreitando para rasgar seu ventre,
A pessoa não sabe que elas querem levar seus intestinos.
Se ela estiver grávida, elas retiram a gravidez de seu ventre.

Eles vão executar o trabalho de que estão encarregados.
Quando terminarem este trabalho, voltam novamente para esta cabaça.
Elas tornam a cobri-la.
Quando elas a cobriram, cuidam de a colocar novamente em seu lugar.
Elas não lutam mais sozinhas, ao menos que queiram ir à sociedade delas.
No momento em que retorna, este pássaro assim fala com sua propietária, "o trabalho que me mandaste executar, eu o fiz".
Se esta pessoa possui um remédio contra Àjé, ela é capaz de dizer, "que aquela que vos enviou para me pegar, não me pegue", tento pegar, pegar, pegar, mas não sou capaz de pegar.
Se me enviardes para pegar alguém (que não possua este remédio) o pego.
Aquela que possui um pássaro vai então para o meio de sua sociedade, ela diz que enviou um mensageiro em missão, ela fez este trabalho contra ele, ela levou este trabalho para o meio de sua sociedade, porque ela não pode trabalhar sozinha.
Quando elas assim falaram, aquelas que ficam compartilham as coisas.
sangue da pessoa que ela mandou pegar, ela o leva para o meio de sua sociedade, porque ela não pode trabalhar sozinha.
Quando elas assim falaram, aquelas que ficam compartilham as coisas.
sangue da pessoa que ela mandou pegar, ela o leva para o meio da sociedade, todas as suas companheiras o querem tocar com suas bocas.
Quando elas tomaram juntas este sangue, elas se separam.
Quando elas se separam, chegou o dia seguinte, chegou a noite seguinte, elas enviam o pássaro.

Elas não deixam sua vítima dormir, este pássaro pode pegar um chicote, pode pegar um porrete, pode pegar uma faca, pode tornar-se uma alma do outro mundo, pode tornar-se um Òrisà.
Para ir pôr medo naquele para o qual elas o enviaram.
Tal é a história destas eleye!
É assim que elas são !

Èsé Ìtòn Odù Èjìogbè Ìyónú

Odù n.º 22 Título: Como Òrúnmìlàá acalma a cólera de Ìyámi.

O que a minha pessoa fizerdes, farei a ti, a árvore dos campos leva uma coroa na cabeça.
O algodão não é um fardo pesado (mas é compacto).
Ifá é consultado para as pessoas que vieram à terra.
Ifá é consultado para as eleye que vieram à terra.
Quando as eleye chegaram à terra, Òrúnmìlà diz, elas são capazes de poupá-lo?
Elas dizem que quando chegaram à terra, quando vieram pela primeira vez à terra, beberam de sete águas .
A água de Ògbèrè na cidade de Owu foi a que beberam em primeiro lugar.
Beberam em seguida a água de Majomajo, rio de Apomu.
Beberam em seguida de Oléyò, água de Ibadan.
De Iyewa, elas beberam em Iketu.
De Ògún, elas beberam em Ibara.
De Ìbo, elas beberam em Oyan.
De Oséréré, elas beberam em Ikirun.

Das sete águas vós bebestes quando viestes a terra.
Quando bebestes destas águas ao viestes para terra,
Estais com os filhos dos homens, encontrais com os filhos dos homens, vós o poupareis ?
Dizeis que não o poupareis.
Os filhos dos homens corem para casa de Eégún.
À casa de Eégún, vão em primeiro lugar naquele dia.
Esses filhos dos homens vão correndo encontrar Eégún.
Eles dizem, tu Eégún, protege-nos, as filhas de Eleye dizem que não querem poupárnos.
Eégún diz que não é capaz de salvá-los.
Ele diz que não é capaz de proteger os filhos dos homens naquele dia.
Eles deixam esse lugar.
Vão a casa de Òrisà, vão a casa de Sàngò, vão a casa de Oyà, vão a casa de Obà, pedem que os protejam.
Todos eles dizem que não são capazes de apaziguar a cólera delas.
Quem irá salvá-los neste mundo ?
Eles devem ir a casa de Òrúnmilà, quando chegam a casa de Òrúnmilà, dizem, Òrúnmilà, protege-nos.
Eles dizem, as filhas de Eleye não nos querem poupar.
Eles dizem, elas nos matarão.
Eles dizem protege-nos, que elas sejam capazes de poupar-nos, que elas não sejam capazes de matar-nos e comer-nos.
Òrúnmilà diz que com eles farão um pacto, mediante juramento, naquele dia.
Ele diz, somente se alguém o preparar (como Òrúnmilà fez outrora), eles serão poupados.
Èsú vem dizer veementemente a Òrúnmilà.
Èsú diz que prepare um prato de barro,
Que ele prepare um ovo de galinha,
Que ele prepare mel,

Que ele prepare uma pena de papagaio,
Que ele prepare folhas de Ojúsajú,
Que ele prepare folhas de Òyóyó,
Que ele prepare folhas de Àánú,
Que ele prepare folhas de Agogo Ògún.
Òrúnmilà fez a oferenda do lado de fora.
Quando òrúnmilà fez a oferenda.
Èsú é isto, é amigo de Òrúnmilà!
Assim como elé teve um encontro com as Àjẹ na terra, assim as encontrou no além.
No dia em que elas beberam destas sete águas, antes de tudo,
No dia em que elas começaram a beber, foi na presença de Èsú.
No dia em que elas fizeram a reunião, foi na presença de Èsú.
Elas decidiram no momento em que chegaram.
Disseram, aquele que decifrar o enigma que elas apresentassem, disseram, aquele que decifrar o enigma, elas o poupariam.
Disseram, aquele que queria ser poupado, se não soubesse o enigma, elas não o poupariam.
Òrúnmilà não conhece este enigma.
Mas quando Òrúnmilà dá comida a Èsú, seu ventre se adoça, ele fica contente!
Èsú anda sem fazer barulho (sem que as pessoas o ouçam).
Ele fala a Òrúnmilà
Ele diz que Òrúnmilà tenha bucha de algodão na mão,
Que ele tenha um ovo de galinha na mão.
As filhas de Eleye dizem com insistência: "elas não estão contentes com os filhos dos homens naquele dia".
Elas dizem: "todo caminho pelo qual Òrúnmilà andou, elas dizem que não é bom".
Elas dizem que não contentes com pessoa alguma.
Elas vão persistindo neste assunto até chegar a casa de Ògbé

Yónú.
Quando chegam a casa, as filhas de Eleye declaram seu caso, os filhos dos homens declaram seu caso.
Os filhos dos homens são julgados culpados.
Quando os filhos dos homens são considerados culpados (a despeito) da oferenda que Òrúnmilà fez na terra, Òrúnmilà é considerado culpado.
A oferenda, que Òrúnmilà fez na terra, diz que elas estão contentes com ele.
Èsú diz, deveríeis saber o tipo de indicação dada.
Ele diz, o sacrifício que, desta forma, Òrúnmilà trouxe para fora, ele diz, examinai-o.
Quando elas o examinam, elas pegam as folhas de Òyóyó.
Ah! Elas dizem, Òrúnmilà diz que elas estão contentes com ele.
Òyóyó é quem diz que vós estais contentes comigo, que não deveis lutar comigo.
Elas (as Eleye) dizem, quando Òrúnmilà tinha a folha de Òyóọo, ele dizia que elas estavam contentes com ele, (e) que elas estavam também contentes com todos os filhos dos homens.
Elas em seguida vêem a folha de Ojúsàjú.
Èsú diz, compreendeis aquilo que ela vos disse ?
Ele diz que vós, com toda bondade, o respeiteis, que ele verá a bondade.
Elas dizem que folha é esta ?
Dizem, qual é a terceira folha?
Ele diz que é a folha Àánú.
Ele diz, vós todas tereis piedade (sàánú).
Elas dizem que terão piedade de Òrúnmilà.
Elas dizem, o que significa a folha de agogo ògún?
Ele diz, vós sabeis.

Ele diz que na casa, nos campos e detrás do muro da cidade, que em todo lugar aonde lhe agrada ir, vós deixareis o que seja bom, que tudo aquilo que ele tiver na mão, vós deixareis o que seja bom, elas dizem que ele peça com agogo ògún.
Elas dizem, por que este mel?
Elas dizem, como é que ele conhece a coisa com a qual prestamos juramento?
Ele diz, Òrúnmilà é capaz de saber de todas as coisas.
Elas dizem, por que este Efun? e este Osùn ?
Ele diz, efun diz que vós lhe deis a felicidade.
Ele diz, Osùn diz que vós chegueis com felicidade.
Elas dizem, por que a pena de papagaio Odidé ?
Hein! Ele diz, quando vós, Eleye, chegardes ao além,ele diz, a pena com a qual fizestes o sacrifício, vós a colocarei na cabeça, ele diz, esta pena que vós utilizais traz com ela a felicidade, em todos os lugares por onde ela vai.
Quando chegou o tempo, quando Òrúnmilà cessou de falar, as Eleye duzem, tu Òrúnmilà; dizem elas, como então acabaste de falar.
Elas dizem, deixe que elas também falem por elas.
As filhas de Eleye vêm dizer, elas dizem Òrúnmilà, elas dizem, quem deverá ser capaz de resolver o enigma que elas irão apresentar.
Elas dizem que ele deverá ser capaz de resolver o enigma que elas vão perguntar.
Elas dizem, sua casa será boa, seu caminho será bom, seus filhos não irão morrer, ele também não irá morrer, todos os lugares para onde ele estender a mão serão bons.
Mas se ele não conhecer este enigma, elas não aceitariam suas súplicas, elas ficariam encolerizadas com ele todo o tempo.
Mas se ele for capaz de dar a resposta, acabou.

Òrúnmilà diz que assim está bem, ele diz que elas apresentem o enigma.
"Elas dizem jogar, Òrúnmilà diz pensar" - 7 vezes.
Na sétima vez, elas exigem de Òrúnmilà a resposta.
Elas dizem, Òrúnmilà, dizem, quando ele diz pegar, dizem elas, o que elas lhe enviam para se pegar?
Ah! Diz ele, vós enviais um ovo de galinha,
Dizem elas, de que dispõem para pegar o ovo?
Òrúnmilà diz que dispõe de bucha de algodão.
Elas dizem a Òrúnmilà que jogue este ovo de galinha para o ar.
Elas dizem que ele o pegue sete vezes.
Quando Òrúnmilà pegou sete vezes, elas dizem assim está bem.
Elas dizem que eles estão perdoados.
Elas dizem, vós, todos os filhos dos homens e tu Òrúnmilà, elas dizem, dançai, elas dizem,cantai.
ganhastes pessoas.
As filhas de Eleye vieram dizer-vos, ganhastes pessoas.
Foi a água Ogbèrè em Owu que bebestes em primeiro lugar, ganhastes pessoas . As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
Bebestes em seguida a água de Majomajo em Apoinu, ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
Em seguida bebestes a água de Òléyò em Ibadan, ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
De água de Iyewa bebestes em Ilketu, ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
Da água de Ògún bebestes em Ibara, ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
Da água de Ibo bebestes em Oyan, ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.

Da água de Osérére bebestes em Ikirun, ganhastes pessoas.
As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
A folha de Ojúsàjú diz que vós a respeiteis, ganhastes pessoas.
As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
A folha de Òyóyó dizem que vós estais contentes, vós ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
A folha de Àánú diz que tereis piedade, vós ganhastes pessoas.
As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
A folha de agogo ògún diz que me enviais a felicidade, vós ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, ganhastes pessoas.
Se não lambermos o mel ficaremos com ar triste, vós ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem, vós ganhastes pessoas.
Quando Òrúnmilà terminou seu canto,
Òrúnmilà dança, Òrúnmilà dança.
Ele vem com um agogo na mão.
Eles vêm bater o agogo.
Òrúnmilà dança bem, quando Òrúnmilà acabou de dançar, elas dizem, Òrúnmilà, elas dizem, isto está bem.
Elas dizem, se ele deve ir à casa, ou ir ao campo, ir para fora, todos os caminhos onde ele puser a mão (por onde passar) serão agradáveis.
Elas dizem, se ele deve construir uma casa, elas dizem, se ele quiser desposar uma mulher, elas dizem, se ele quiser dinheiro, elas dizem, se ele quiser permanecer muito tempo no mundo, elas dizem, se ele desejar que elas o protejam, elas dizem, se Òrúnmilà cantasse esse tipo de canção, elas dizem que aceitarão, elas dizem que ficarão contentes com esta pessoa, elas dizem, que tudo aquilo que Òrúnmilà quiser pedir-lhes, elas dizem, que no lugar onde agradar a Òrúnmilà permanecer, quer seja nos sete céus de cima, se ele cantar esta espécie de

canção, elas responderão.
Então elas farão a coisa que ele pede para a felicidade.
Elas dizem que se ele permanecer nos quatro cantos do mundo,
Se ele permanecer na casa de Olókun (o mar)
Se ele permanecer ao lado do mar, se ele permanecer ao lado de duas lagoas, se ele permanecer em Iwanran no lugar onde o dia nasce, se ele cantou isto, se ele deu nomes às águas que elas beberam, elas dizem que perdoarão.
Elas dizem que está bem.
Elas dizem, o dinheiro que Òrúnmilà não tem, Òrúnmilà o terá.
Elas dizem, a mulher que Òrúnmilà não tem, Òrúnmilà a terá.
Elas dizem, a mulher que não deu a luz, a mulher de Òrúnmilà ficará grávida, ela dará a luz.
Elas dizem, a casa que Òrúnmilà não construiu, Òrúnmilà a construirá.
Elas dizem, todas as coisas boas que Òrúnmilà não viu, elas dizem que Òrúnmilà ficará velho.
Elas dizem que Òrúnmilà ficará muito tempo no mundo, ele se tornará um ancião.
Òrúnmilà diz a todos os seus filhos do alto e do baixo,
Ele diz que precisam conhecer esta canção, que precisam conhecer esta história, para que sejam capazes de contá-la.
Toda pessoa a quem esta história for contada,
As Eleye jamais ousarão combatê-la.

Èsé Ìtòn Odù Òsé Òyèkú

Odù n.° 228 Título: Igbádù

Aquele que ofende padece a morte do faltoso,
Olá, Òsèyèkú.
Ifá é consultado para Odù,
Que diz que ela se sente como seu apèrè,
Eles dizem, faz uma oferenda.
Ela diz, por que deverá fazer uma oferenda?
Eles dizem, por causa de teus filhos, tu farás uma oferenda.
Eles dizem que Odù deve oferecer dez ovos de galinha.
Eles dizem que ela prepare dez caracóis.
Eles dizem que ela prepare dois mil búzios.
Odù faz a oferenda.
Quando Odù fez a oferenda,
Ifá é consultado para ela, Odù que se senta com seu apèrè.
Eles dizem, tu Odù,
Eles dizem, ela ficará idosa, ela se tornará uma velha.
Eles dizem, será dito que sua cabeça ficará toda branca,
Que ela se tornará muito velha.
Eles dizem, que ela vai permanecer no mundo,
Que ela não vai morrer rapidamente,
Tu Odù.
Quando Odù não morre rapidamente,
Odù goza de boa saúde.
Quando o tempo passa, Odù torna-se muito idosa.
Eles devem pedir a palavra a Odù.
Até quando irá sua velhice.
Odù nada mais sabe,
Talvez ela tenha ouvido a palavra que eles disseram?

Talvez não tenha ouvido a palavra que eles disseram?
Quando chegou o tempo, Odù chama todos os seus filhos.
Ela diz, vós filhos deles,
Ela diz, a velhice chegou para ela.
Ela diz, se eles quiserem lhe pedir a palavra,
Ela diz, irá procurar algo que a ajude, algo ao qual eles podem pedir a palavra.
Odù parte.
Odù retorna,
Ela vai convocar todos os seus companheiros para que compareçam juntos.
Naquele tempo Odù está com a cabaça.
Todos os seus companheiros, em conjunto, pensam na palavra que a cabaça virá dar.
São quatro conselheiros.
Aquele que comparece naquele dia é Obarisà.
Após Ter chamado Obarisà, ela chama Babalúayé.
Após Ter chamado Babalúayé, ela chama Ògún.
Quando acabou de chamar Ògún, ela chama também Odùdúà.
Odùdúà é então o quarto entre eles.
Odù diz que ela estará sentada em seu apèrè.
Odù diz que ela tornou-se muito idosa.
Odù diz que deseja ir ao lugar aonde os velhos vão.
Ela diz, a coisa que ela lhes pede.
Ela diz, se alguém desejar partir, deverá falar com sua gente,
Dizer que ela quer partir.
Eles dizem, Ah!
Eles dizem a ela que não parta.
Eles dizem, o lugar de que falaram,
Esses quatro então olharam o mato,
Assim viram a cabaça coberta de excrescências.
Quando viram a cabaça coberta de excrescências,
Òbàrisà diz a Ògún para ir colher a cabaça.

Ògún então colhe a cabaça, colhe quatro delas.
Òbàrisà diz a Ògún para cortá-las.
Ògún corta essas cabaças.
Òbàrisà diz que ele dê uma delas a Odùdúà,
Que Ògún também dê uma delas a Sòpònà.
Ògún diz que é a cabaça deles que ele corta.
Quando Ògún cortou as cabaças,
Corta as cabaças em quatro caminhos.
Ògún diz que cortou.
Odù diz, juntos batamos em nossos peitos com nossas mãos.
Ela diz, ela quer que toda sua gente,
Que todos ponham a mão (aceitem) por ocasião de sua partida,
Que todos ponham a mão (aceitem) a coisa decidida.
Que os filhos e os filhos de seus filhos,
Que eles peçam a palavra que ela vai dizer.
Quando ela assim falou.
Òbàrisà gosta de Efun.
Obàlúayé gosta de Osùn.
Ògún gosta de carvão vegetal,
Odùdúà gosta da lama.
Òbàrisà pega a cabaça de Efun.
Ele diz, a cabaça de Efun,
Ele diz, ele a leva para ela, Odù.
Ele diz que a ponha com seu apèrè.
Ele diz, se seus filhos lhe prestarem culto, que eles a invoquem,
Ele diz, assim eles farão o culto da cabaça de Efun.
Ele diz, ele a leva para ela, Odù.
Ele diz, todas coisas que eles pedirem a essa cabaça,
Ele diz, essa cabaça as fará por eles,
Ele diz, ele, Òbàrisà, não os combaterá.
Ele diz, porque ele e ela, Odù são uma única coisa.
Ele diz, Òbàrisà (a) dá a Odù.
Òbalúayé pega o Osún,

No Osún com o qual ele esfrega seu corpo.
Ele o leva na cabaça.
Ele diz, tu esta cabaça,
Ele diz, ela se torna sua cabaça (de Òdù) hoje.
Ele diz, todas as coisas que teus filhos te pedirem,
Eles a receberão todas.
Se for dinheiro que eles pedirem,
Então ele o fará por eles.
Aos apelos que seus filhos fizerem,
Ela responderá no interior desta cabaça,
Pois ela tornou-se idosa.
Assim ele fala.
Odù aceita e isso se torna duas cabaças.
Ògún também traz a cabaça de carvão vegetal.
Ele traz a cabaça para Odù.
Ele diz, tu Odù,
Ele diz, eis a cabaça de carvão vegetal.
Ele diz, todas as coisas com as quais eles farão o culto de sua cabaça,
Ele diz, eles também adorarão esta cabaça que ele te dá.
Ele diz, seus filhos não morrerão na infância.
Ele diz, seus filhos não envelhecerão em meio ao sofrimento.
Odù aceita, isso se torna três cabaças.
Odùdúà também traz a cabaça de lama.
Ele a traz para ela.
Odùdúà diz que eles adorem esta cabaça de lama com o apèrè de Odù,
Com as cabaças que os outros Òrisà têm levado a Odù.
Odù aceita, isto se torna quatro cabaças.
Essas quatro cabaças são aquilo que todos adoram.
Eles dizem, os quatro cantos do mundo estão nas quatro cabaças.
Odù diz, se seus filhos adorarem o apèrè que lhe pertence,

Assim adoram também a ela.
Ela diz, as coisas que eles lhes dizem para fazer, ela as fará para o bem.
Ela diz, se eles adorarem a cabaça de Efún que é de Òbàrisà,
Que eles também a venham adorar lá, ela responderá.
Ela diz, se eles adorarem a cabaça de Osùn, ela responderá.
Ela diz, se eles adorarem a cabaça de carvão, ela responderá.
Ela diz, se eles adorarem a cabaça de lama, ela responderá.
Ela diz, mas se agora eles trouxeram o apèrè,
Ela diz, vós, todos os seus filhos, é a ela que vós adorais,
Que vós queirais vir adorá-la em um único corpo que ela pôs nesse apèrè.
Desde essa época, com Obi branco e Obi vermelho eles adoram Odù.
Se eles sabem que querem entrar em seu aposento,
Que ele irão adorá-la,
Eles recorrem a água da calma,
Esfregam os olhos com ela.
A água da calma com a qual eles esfregam os olhos naquele dia,
É de folha Odúndún, folha Tètè, folha rínrín, limo-da-costa, caracóis.
Eles o esmagam na água.
Quando alguém esfregou os olhos com ela,
Pode entrar na casa de Odù,
Pode ir ver Igbádù.
Eles chamam o apèrè de Igbá Odù.
Eles chamam o apèrè de casa de Odù.
Ah! Ireis abrir o apèrè Igbádù, ireis olhar.
Odù pôs suas coisas lá antes de morrer.
Ela disse que seus filhos vêm adorá-la,
No corpo da cabaça que ela pôs no apèrè.
Eles vão adorar Odù naquele lugar.

Desde esse dia, adoramos Odù no interior do apèrè.
Se o Babaláwo quiser adorar Ifá,
Ele irá na floresta de Ifá,
Se anteriormente , ele não adorou Odù no apèrè,
Ele nada fez,
Ifá não sabe que ele veio adorá-lo,
Não sabe que ele tornou-se seu filho.
Ele diz que todos os seus filhos que vieram à floresta de Ifá,
Adoram novamente Odù, sua mulher no apèrè.

Èsé Ìtòn Odù Èjìogbé Òsá

Odù n.º 25 Título: O pode de Ìyámi é empregado para o Bem e para o Mal

Ogbèsá sobe na árvore.
Ogbèsá sobe nò teto.
Ifá é consultado para todas as Eleye, quando elas vieram do além à terra.
Quando elas chegam à terra, elas dizem que querem ter uma residência.
Elas dizem sete residências são os sete pilares da terra.
Elas dizem essas sete são os lugares onde elas farão suas residências.
Antes de tudo elas dizem que terão uma primeira residência.
Elas dizem, elas ficarão na árvore iwó que chamamos de orógbó.
Elas dizem, quando saírem do orógbó, elas dizem, elas ficarão na árvore arère.
Elas dizem, quando tiverem uma reunião no arère, elas dizem, elas irão na árvore osè.
Elas dizem, quando deixarem osè, elas dizem, elas irão na

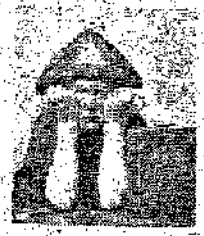
árvore Ìrókò.
Elas dizem, quando elas deixarem o Ìrókò, elas dizem, elas irão na árvore Iyá.
Elas dizem, quando elas deixarem Iyá, elas dizem, elas irão na árvore Àsùrìn.
Elas dizem, quando elas deixarem Àsùrìn, elas dizem, elas irão na árvore Òbòbò, que é o
chefe das árvores dos campos.
Eles dizem, quando vós estais nas sete árvores, eles dizem, que trabalho fazeis em cada uma das árvores?
Dizei, se elas sobem na árvore Iwó, se elas pensam em alguém, dizei, pensais em sua felicidade, vós se subirdes no Iwó.
Dizei, ele ficará muito tempo na terra, ele será direito(justo) na terra.
Dizei, aquele em que pensareis (quando estiverdes) no Arère, todas as coisas que lhe agradarem, vós destruireis.
Dizei, se vós subirdes na árvore Osè, todas as coisas que agradarem a esta pessoa vós concedereis.
Dizei, se subirdes no Ìrókò, ali meditareis, sereis duro com alguém, provocarei acidentes com ele, o agarrareis com força.
Dizei, se subirdes na árvore Iyá, rapidamente levareis alguém ao além (vós o matareis).
Dizei, se subirdes na árvore Ásúrín, todas as coisas que quiserdes fazer, vós a fareis.
Se quiserdes trabalhar para a felicidade, trabalhareis para a felicidade.
Se quiserdes trabalhar para a infelicidade, trabalhareis para a infelicidade.
Para todo o trabalho que vos agradar fazer no Ásúrín, vós o realizareis.
Dizei, que se deixardes a árvore do Ásúrín, ficareis na árvore Òbòbò.
Dizei, que se lutardes com alguém, e se ele vier vos fazer

súplicas, se estiverdes na árvore Òbòbò, vós o perdoareis.
Dizei, se o Òbòbò é o chefe das árvores dos campos.
Se ele é a última árvore onde vós realizais vossa reunião no mundo.
Dizei, a árvore Ásúrín.
Ela é vosso poderio.
Dizei, se subirdes Ásúrín, lá vós tendes poderio.
Tudo o que quiserdes fazer pôr alguém, e todo o bem que quiserdes fazer a alguém, dizei, se subirdes na árvore Ásúrín.
Dizei, é vossa árvore, vós não a deixareis.
Dizei, em todas as outras árvores, vós chegais, mas na árvore Ásúrín fazeis vossa casa principal.
Quando fazei vossa casa na árvore Ásúrín, quando chegais lá então aí cantais, como Òrúnmilà que criou esta canção.
"Todas as Eleye sobem na árvore Ásúrín" – repetir 3 vezes.
Assim cantastes.
Quando assim cantastes, se quiserdes deixá-la, se disserdes, ireis até o mar, assim ireis até o mar, se disserdes, ireis até a lagoa, assim ireis até a lagoa, rapidamente chegareis lá.
Se disserdes, ireis em toda a terra, mesmo se disserdes, ireis ao céu, rapidamente chegareis lá, quando ficardes na árvore Ásúrín.
A árvore Ásúrín é o lugar onde as Eleye obtêm o seu poderio.
Não é qualquer um que pode manter-se lá.

BOA COMPANHIA INDICADA

As pessoas aqui indicadas são grandes gênios de variados tipos de magia, eles aparecem aqui como um exemplo a ser seguido. Por seus talentos, erros e acertos, podem ser considerados grandes magos, e assim, suas vidas e histórias devem ser pesquisadas. Eles fazem e fizeram a maior de todas as magias, a grande magia da vida.

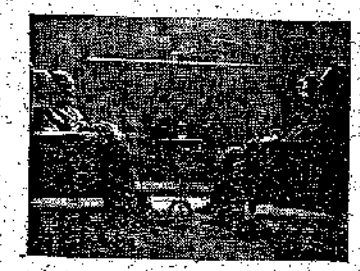

Buddah


Aleister Crowley


Peter J. Carrol


Pierre Verger


Abimbola Wande


Morpheus e Neo
MATRIX


Padim Cícero



Merovíngio



Rimbaud



Ana Néri



Franz Bardon



Glauber Rocha



Paracelso



John Cage



Hermes Trimegisto



Pierre Boulez



Vivekânanda



Madre Teresa de Calcutá



Hermeto Pascoal



Raul Seixas



Helena Blavatisk



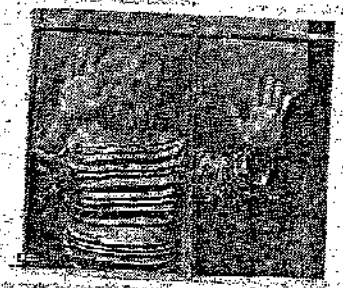
Shiva



Agrippa



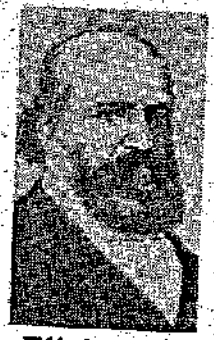
Austin O. Spare



Pablo Picasso



Oya



Eliphas Lévi



Miles Davis



Cheik Anta Diop



Chico Xavier



Waite



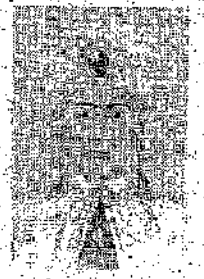
Mãe Senhora



Dion Fortune



Morgana



Ramatis



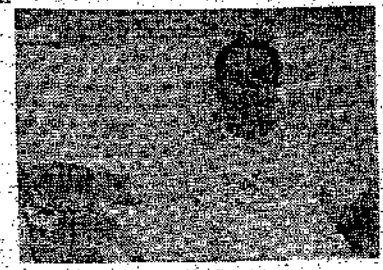
Amma



Òòṣàálá

Sobre o Autor

Luiz Carlos O. Silva é uma pessoa atípica dentro do universo religioso afro-brasileiro. Mago maduro e com poderes verdadeiramente desenvolvidos, através de mais de 20 anos de experiência na área da magia, feiticaria, xamanismo, etc, é um profundo estudioso e praticante dos sistemas da Kaos Magick, idealizada por Peter J. Carrol e da Cabala prática de Franz Bardon, entre outros sistemas iniciáticos. Seu conhecimento teórico e prático sobre o que entendemos por magia, paranormalidade, etc..., é vastíssimo. Nos cultos afro foi iniciado no culto ao orixá Obatalá, na nação brasileira Alaketu fundamentada na tradição de Abeokutá na Nigéria. Praticante e professor do culto ao orixá Orúnmilà (Sistema de divinação de Ifá), também manipula com maestria as magias de Eegúngún, Orí e principalmente, a de Ìyàmì Òṣòròngà e das Àjẹ́ e Oṣó. Fundador e Presidente da Associação cultural Lunar, entidade sem fins lucrativos reconhecida pelo ministério da cultura do Brasil. Também é Diretor e Professor titular da Leqashy – Escola de Magia e da Khaph – entidade de consultoria e ensino especializada em Tarô aplicado a Cabalá. Luiz Carlos O. Silva em sua vida profana, é músico profissional desde os treze anos de idade e hoje em dia trabalha como Maestro arranjador, instrumentista e Produtor musical. E agora inicia sua carreira de escritor em grande estilo com este belo trabalho sobre Magia.



O Editor